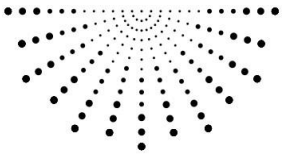
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

CALLIE HART

Quicksilver

MERCÚRIO



CALLIE HART

Copyright © 2024 QUICKSILVER por Callie Hart

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma ou por nenhum meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

CONTEÚDO

Guia de Pronúncia

1. A escalada
2. Vidreiro
3. O propósito mais gentil
4. O preço
5. Herege
6. Everla e ne
7. O cão g
8. Alquimista
9. Propósito justo
10. Farofa
11. Engolir
12. Raposa
13. Coação
14. As letras miúdas
15. Sarrush
16. Portão das Sombras
17. Cahlish
18. Cadinho
19. Ossos e tudo
20. Ammontraíeth
21. Quebra-gelo
22. A Coceira
23. Relógio correndo
24. Lu p o Proelia
25. Ballard
26. Cinzas e cinzas
27. Marcado
28. Basta perguntar
29. Balada do A j un Gate
30. Jure
31. O Maldito
32. Taladaius
33. Sangue em Agradecimento
34. Um Segredo
35. Oráculo

36. Iseabail
37. Muito mais nítido
38. Mart y rs Para Amigos
39. Annorath Mor!
40. Apresentações
41. Gillethr e e
42. Isso vai custar caro
43. Outra maneira
44. Eixo
45. Escolha com sabedoria

Entre na cabeça de Fisher!
SIGA CALLIE NO INSTAGRAM
JUNTE-SE AO GRUPO DE LEITORES DE CALLIE

N
W
E
S
AJUN SKY
WICKER WOOD
THE MIDNIGHT EYE
THE WINTER PALACE
YVELIA
THE BREACH
BALQUHIDDER CLAN LANDS
GILARIA
THE SHALLOW MOUNTAINS
CAHLISH
GILLETHRY
DARK
BALLARD
TARRAN ROSS ISLAND
WESTERN DOW
OMNAMERRIN
THE TIRRIN
INISHTAR
AMMONTRIETH
SANASROTH
THE SHIELD
LISSIA

Para aqueles que vivem seus pesadelos para que outros possam ter seus sonhos.

Nunca se esqueça…
Os monstros prosperam melhor no escuro.
Guarde na memória tudo o que você leu aqui.
Prepare-se para a guerra!!

PRONUNCIATION GUIDE

Pessoas

Saeris – Sair-Iss
Rusarius — Roo-sar-ee-us
Omnamshacry — Om-nam-sha-cry
Iseabail — Ee-sha-bahl
Belikon —Bell-eh-con.
Oshellith — Oh-shay-lith.
Taladaius — Tal-ah-day-us
Daianthus — Day-an-thus
Lorreth — Lor-uth
Clã Balquhidder— Bal-kid-er (clã)
Te Lèna —Tay Len-Ah
Danya — Dan-Yah

Lugares

Zilvaren — Zil-Var-en
Yvelia — Ee-vel-ee-ah
Cahlish — Chamar-ish
Sanasroth — San-Az-Roth
Gilarìen — Gil-Ah-ree-en
Lìssian — Liss-Ee-An
Ammontraíeth – Ah-mon-tray-eth
Omnamerrin — Om-na-mer-in

1

A ESCALADA

“Sim , realmente não há necessidade de toda essa *violência.* ”

Era de conhecimento geral na Cidade de Zilvaren que mentir para um guardião significava morte. Eu sabia disso de uma forma dolorosa e em primeira mão, algo que a maioria dos outros zilvarenenses desconhecia. Quase um ano atrás, eu tinha visto um dos homens da rainha, vestido com uma armadura dourada surrada, estripar meu vizinho por mentir sobre sua idade. E antes disso, e muito pior, eu tinha ficado em silêncio na rua enquanto a garganta da minha mãe era aberta, derramando jatos de sangue quente de camponês na areia queimada pelo sol.

Quando a mão do belo guardião se fechou em volta do meu pescoço, sua manopla lindamente gravada refletindo o brilho dos dois sóis acima como um espelho dourado, foi um milagre eu não ter me aberto e revelado meus segredos como uma fruta madura demais. Seus dedos com pontas de metal cravaram-se mais fundo na cavidade da minha garganta. "Nome. Idade. Distrito. Fale logo. Cidadãos de escalão inferior não são permitidos no Centro", rosnou ele.

Como a maioria das cidades, Zilvaren, a Grande e Brilhante Bandeira do Norte, foi moldada em forma de roda. Ao redor dos limites externos da cidade, os diferentes raios — muros projetados para manter as pessoas confinadas em suas proteções — elevavam-se cinquenta metros acima das cidades shanti e dos esgotos transbordantes.

O guardião me sacudiu impacientemente. "Responda rápido, garota, ou eu mando você passar direto pelo quinto portão do inferno."

Apalpei frouxamente sua manopla, sem força suficiente para me soltar, e sorri, revirando os olhos para o céu branco como osso. "Como é que eu vou te contar... alguma coisa se eu... não consigo... respirar, porra?"

Os olhos escuros do guardião ferviam de raiva. A pressão que ele aplicava na minha traqueia, pelo contrário, se intensificou. "Você tem ideia do calor que faz lá embaixo nas celas do palácio durante o acerto de contas, ladrão? Sem água? Sem ar puro? O fedor de cadáveres em decomposição é suficiente para fazer o alto carrasco vomitar. Você estará morto em três horas, pode acreditar."

As celas do palácio *eram* um pensamento preocupante. Eu já tinha sido pego roubando uma vez e fui mandado para lá por um total de oito minutos. Oito minutos tinham sido suficientes. Durante o acerto de contas, quando os sóis, Balea e Min, estavam mais próximos e o ar da tarde tremia de calor, ficar preso abaixo do solo, na ferida purulenta que se passava por prisão sob o palácio da rainha imortal, não seria divertido. E, além disso, eu era muito necessário *acima* do solo. Se eu não voltasse para a forja antes do anoitecer, o acordo que passei horas negociando na noite anterior fracassaria. Sem acordo significava sem água. Sem água significava que as pessoas com quem eu me importava sofreriam.

Por mais que isso me irritasse, eu me submeti. "Lissa Fossick. Vinte e quatro. *Solteira.* " Pisquei para ele, e o desgraçado apertou com mais força. Cabelos escuros e olhos azuis não eram comuns na Cidade Prateada; ele *se* lembraria de mim. A idade que eu havia lhe dado era real, assim como meu status romântico patético, mas o nome que eu havia fornecido, não. Meu nome *verdadeiro* ? De jeito nenhum eu entregaria isso sem lutar. Esse desgraçado se cagasse se percebesse que tinha *o* Saeris Fane em suas mãos.

“ Protegido?” exigiu o guardião.

Deuses vivos. Tão insistentes. Ele estava prestes a se arrepender de nunca ter perguntado. "O Terceiro."

"O Thi-" O guardião me empurrou para a areia escaldante, e partículas superaquecidas queimaram o fundo da minha garganta quando as inalei acidentalmente. Inspirei novamente pela manga da camisa, mas filtrar a areia dessa forma só ajudou até certo ponto; alguns grãos sempre conseguiam atravessar o tecido. O guardião cambaleou para trás. "Moradores da Terceira Ala estão em quarentena. A punição por sair da ala é-é-"

havia punição para quem saísse do Terceiro Mundo; ninguém jamais havia feito isso antes. Aqueles que tinham o azar de se ver lutando para sobreviver nos becos sujos e nas ruas laterais fedorentas da minha casa geralmente morriam antes mesmo de pensar *em escapar* .

De pé sobre mim, a raiva do guardião se transformou em algo próximo ao medo. Foi então que notei a pequena bolsa de peste pendurada em seu

cinto e percebi que ele, como milhares de outros em Zilvaren, era um Crente. Com um solavanco de pânico, ele levantou o pé e bateu a sola da bota no meu lado. A dor roubou meu fôlego quando ele levantou a bota para me chutar novamente. Esta estava longe de ser minha primeira surra. Eu aguentava uma surra tão bem quanto qualquer outro golpista oprimido, mas não tinha tempo para me conformar com os seguidores fanáticos de Madra esta tarde. Eu tinha um lugar para ir e estava ficando sem tempo.

Com um giro rápido e um impulso para a frente, agarrei o guardião logo abaixo do joelho — um dos únicos lugares onde ele estava desprotegido por sua pesada armadura dourada. As lágrimas vieram rápidas e quentes. Acreditável. Fiz uma performance sólida, mas, pensando bem, eu tinha muita prática. "Por favor, irmão! Não me mande de volta para lá. Eu morro se fizer isso. Minha família inteira tem chocalhos." Tossi para causar efeito — uma tosse seca que não se parecia em nada com a tosse úmida e congestionada de quem está quase morto. Mas o guardião provavelmente nunca tinha visto alguém com chocalhos antes. Ele olhou para o ponto onde minha mão se fechou em volta do tecido de suas calças, a boca escancarada de horror.

Um segundo depois, a ponta da espada dele perfurou minha camisa, bem entre os meus seios. Um leve peso no cabo da arma e eu seria apenas mais um ladrão morto sangrando pelas ruas de Zilvaren. Imaginei que ele faria isso, mas então o observei processar a situação e perceber o que teria que fazer se me matasse. Os mortos eram deixados para apodrecer nas ruas das outras alas, mas as coisas eram diferentes nas calçadas arborizadas e arborizadas do Centro. A elite abastada de Zilvaren talvez não conseguisse manter as areias trazidas pelos ventos quentes do oeste longe, mas não toleraria um rato da peste doente apodrecendo rudemente em uma de *suas* ruas. Se esse guardião me matasse, teria que se livrar do meu corpo imediatamente. E pela expressão em seu rosto, essa tarefa perigosa era algo que ele não queria empreender. Veja bem, se eu era do Terceiro, então eu era muito mais perigoso do que qualquer batedor de carteira comum e comum. Não, eu era *contagioso* .

O guardião arrancou a manopla e a luva da mão — a mão que usara para me estrangular — e as jogou na areia. O metal polido emitiu um zumbido constante ao atingir o chão. Cantou em meus ouvidos e, de repente, todos os meus planos foram por água abaixo. Eu tinha sido pego levantando um pequeno pedaço de ferro retorcido de uma barraca de mercado. Ponderei as probabilidades e considerei o risco válido, sabendo que o pequeno lingote me

renderia um bom lucro. Mas isso? Tanto metal precioso jogado no chão como se não significasse nada? Aquilo, eu não conseguia resistir.

Movi-me com uma velocidade que o guardião não esperava. Numa manobra ágil e explosiva, esparramei-me para a frente e agarrei a manopla, mirando na maior das duas peças de metal. A luva era deslumbrante, habilmente feita por um verdadeiro mestre. Os pequenos círculos de ouro entrelaçados para formar uma cota de malha eram notoriamente impenetráveis por lâmina ou magia. Mas o peso da manopla, a quantidade sólida de ouro que compunha a peça de armadura — era inimaginável que eu pudesse ter aquela quantidade de ouro em minhas mãos novamente.

"Pare!" O guardião investiu contra mim, mas era tarde demais. Eu já havia agarrado a manopla. Já a havia enfiado na mão e a prendido no pulso. Eu já estava correndo em direção à muralha do Hub o mais rápido que minhas pernas conseguiam. "Pare essa garota!" O berro do guardião ecoou pelo pátio de paralelepípedos, sua ordem ecoando alto, mas ninguém obedeceu. A multidão que se reunira para assistir ao espetáculo quando ele me capturou se dispersou como crianças assustadas no momento em que pronunciei a palavra "Terceiro".

Um recruta passava por um treinamento formidável antes de ser aceito na guarda da Rainha Madra. Aqueles que eram selecionados para o extenuante programa de dezoito meses eram repetidamente quase afogados e espancados até a morte por todos os sistemas de artes marciais registrados nas bibliotecas empoeiradas da cidade. Ao se formarem, conseguiam tolerar quantidades inimagináveis de dor e dominavam suas armas a ponto de serem imbatíveis em combate. Eram máquinas. No quartel, no campo de treinamento, eu não duraria quatro segundos contra um guardião totalmente treinado. O orgulho da Rainha Madra exigia que sua guarda fosse a melhor entre as melhores. Mas o orgulho de Madra era uma coisa faminta e bastante insaciável. Seus homens não só tinham que ser os melhores. Eles tinham que ter a melhor *aparência* , e a armadura de um guardião não era leve. Sim, no campo de treinamento, o idiota que me pegou roubando o ferro teria me vencido em pouco tempo. Mas não estávamos no campo de treinamento. Estávamos no Hub, e era hora do acerto de contas, e esse pobre coitado estava amarrado como um peru de festa em toda aquela armadura cerimonial.

Ele não conseguia correr, sobrecarregado com todo aquele metal.

Ele não conseguia nem *correr* .

Ele com certeza não conseguiria *escalar* .

Disparei em direção à parede leste, movimentando os braços e as pernas o mais rápido que meu corpo dolorido permitia. Lançando-me no ar, bati com força no arenito em ruínas, e o oxigênio escapou dos meus pulmões com o impacto.

"Ai, ai, *ai* ." Parecia que Elroy tinha pegado um martelo da forja e o enfiado direto no meu plexo solar. Não ousei pensar nos hematomas com os quais acordaria de manhã — se é que *realmente* acordasse. Não havia tempo. Enfiei os dedos numa abertura estreita entre os pesados blocos de arenito, mostrei os dentes e me levantei. Meus pés lutaram para se firmar. Encontrei. Mas minha mão direita... A manopla amaldiçoada pelos deuses.

Que design *horrível* .

O ouro tilintou, a ressonância do metal era o canto de uma sereia enquanto eu o batia contra a parede, tentando me segurar em algo que me ajudasse a me levantar. Meus dedos — hábeis, finos, feitos para arrombar fechaduras, destrancar janelas, despentear o cabelo grosso de Hayden — não seriam suficientes se eu não conseguisse dobrar o pulso. E eu não conseguia.

Porra.

Se eu quisesse viver, não havia mais nada a fazer. Eu teria que largar a manopla. Mas essa era uma ideia absurda. A manopla pesava pelo menos dois quilos. Dois *quilos* de metal. Eu não podia simplesmente ignorar aquilo. Esta manopla era mais do que uma peça de armadura roubada. Era a educação do meu irmão. Três anos de comida. Passagens de Zilvaren, ao sul, para onde os ventos cortantes que açoitavam as colinas de ossos secos eram vinte graus mais frios do que aqui na Cidade Prateada. Teríamos dinheiro suficiente para comprar uma casa pequena se quiséssemos. Nada extravagante. Apenas algo à prova de intempéries. Algo que eu pudesse deixar para Hayden quando, e não *se*, os guardiões finalmente me alcançassem.

Não, largar essa luva me custaria algo muito mais valioso do que a minha vida; me custaria a esperança, e eu não abriria mão dela. Eu arrancaria meu braço do lugar primeiro.

Então, fui trabalhar.

"Não seja ridícula, menina!", gritou o guardião. "Você vai cair antes mesmo de chegar à metade!"

Se o guardião voltasse para o quartel sem a manopla, haveria consequências. Eu não fazia ideia de quais seriam essas consequências, mas não seriam nada bonitas. Que me importassem, eles poderiam cortar as mãos do babaca e enterrá-lo até o pescoço na areia para assar no calor do acerto de contas. Eu estava indo para casa.

A dor cantava nas pontas dos meus dedos, subia pelo braço como uma corda de fogo, queimando no ombro enquanto eu me levantava, chutando com os pés, saltando pela parede. Mirei em uma parte da pedra que parecia desgastada, mas estável. Ou tão estável quanto eu poderia desejar. Se você desse tempo suficiente, o vento devorava tudo naquela cidade, e ele vinha rangendo os dentes contra Zilvaren há milhares de anos. O arenito era enganoso. As estruturas e paredes da cidade pareciam sólidas, mas estavam longe disso. Um chute forte já havia derrubado um prédio inteiro no passado. Não era como se eu fosse muito pesado, mas isso não era problema. Eu estava arriscando a vida e os membros ao me chocar contra a alvenaria.

Meu estômago se contraiu enquanto eu voava pelo ar... e então se apertou como um punho quando bati na parede. A adrenalina inundou meu sangue enquanto três milagres aconteciam em conjunto.

Primeiro: a parede aguentou.

Segundo: agarrei um apoio estelar com minha mão esquerda.

Terceiro: meu ombro *não* saiu da articulação.

Base. Base. Pé—

PORRA!

Meu coração parou na garganta quando a sola da minha bota esquerda escorregou contra a parede, fazendo todo o meu corpo balançar.

Abaixo de mim, um suspiro gentil e feminino rompeu o silêncio. Acho que eu *tinha* alguns espectadores, afinal.

Eu não olhei para baixo.

Precisei de um momento para me acalmar e alguns palavrões forçados antes de me sentir confiante o suficiente para respirar novamente.

"Menina! Você vai se matar!", gritou o guardião.

"Talvez. Mas e se eu não fizer?", gritei de volta.

"Então você já terá perdido seu tempo de qualquer maneira! Não há um único receptador nesta cidade que seja estúpido o suficiente para comprar uma peça de armadura roubada."

"Ah, qual é. Acho que *conheço* algumas!"

Não o fiz. Não importava o quão difícil as coisas estivessem, não importava quantas famílias passassem fome e morressem, nenhum morador de Zilvaren ousaria negociar com algo tão perigoso quanto a manopla que eu havia enfiado no meu antebraço. Mas isso não importava. Eu não ia tentar vendê-la.

"Não vou mais perseguir você. Você tem a minha palavra. Largue a luva e eu te solto!"

Uma gargalhada irrompeu de mim. E disseram que guardiões não tinham senso de humor. Esse era um comediante de merda.

Outro salto. Outra pontada de dor lancinante. Calculei a trajetória da melhor maneira possível, certificando-me de mirar na parte menos esburacada da rocha a cada vez. Finalmente, alto o suficiente acima das ruas do Hub, me dei ao luxo de um momento para me recompor. Se eu movesse a armadura para o outro pulso, eu a deixaria cair? Mais importante ainda, eu conseguiria me segurar na parede com meu braço mais fraco enquanto realizava a troca? Havia muitas variáveis para calcular e pouco tempo para isso.

"Como você acha que vai chegar do outro lado, criança?"

Criança? Hah! Que audácia do desgraçado. Seus gritos estavam mais baixos agora. Eu estava a quinze metros de altura — perto o suficiente para ver o topo do muro. Longe o suficiente da rua para que uma pontada de suor frio brotasse na minha nuca quando eu olhasse para baixo.

O guardião levantou um bom ponto. Descer do muro seria tão perigoso quanto subir, mas o bode expiatório da Rainha Imortal lá embaixo nascera em um bom lar. Ele cresceu no Centro. Seus pais não trancavam a porta à noite. Aquele homem nunca sequer *cogitara* tentar escalar os muros que o protegiam da turba ingrata e contagiosa do outro lado. Eu passei metade da minha vida correndo pelo topo desses muros, me esgueirando de uma ala para a outra, encontrando maneiras de entrar em lugares onde eu não tinha o direito de estar.

Eu era bom nisso.

Além disso, foi *divertido* .

Concluí o resto da escalada em menos de dois minutos. A manopla bateu com força na pequena duna de areia escorada ao longo do topo da parede. Conforme eu me lançava sobre a saliência, partículas de quartzo na areia começaram a vibrar, oscilando no ar um milímetro acima do arenito enquanto o ouro ganhava vida.

Fiquei congelado, com o ar preso nos pulmões, pego de surpresa pela peculiaridade da visão.

Não. Não aqui. Não agora...

A manopla sussurrou, balançando rapidamente enquanto eu me erguia para ficar de pernas abertas na parede. As partículas de quartzo subiam, subiam, subiam.

Ela nos vê.

Ela nos sente.

Ela nos vê.

Ela nos sente.

Ela-

Bati a mão em cima da manopla, e a peça de armadura roubada parou. As partículas brilhantes de quartzo caíram de volta na areia.

"Eu vou te encontrar, garota! Eu juro! Largue essa luva ou faça um inimigo para o resto da vida!"

Finalmente, lá estava — uma ponta de pânico permeando o apelo do guardião. A verdade da situação o havia alcançado. Eu não ia cair para a morte. Nem deixaria cair acidentalmente a armadura que ele jogou no chão em desgosto ao perceber que havia tocado em um rato da peste.

Eu havia escapado por entre seus dedos nus, e não havia nada que ele pudesse fazer a não ser gritar ameaças para um fantasma no céu. Porque eu já tinha ido embora. O idiota lá embaixo não seria o primeiro inimigo que eu faria de um dos homens de Madra, mas eu não pensaria mais nele. Eu estava muito mais preocupado com todas as coisas incríveis que eu iria forjar com sua manopla impressionante.

Mas primeiro, eu iria derreter aquela coisa gloriosa até virar escória.

2

VIDREIRO

"N. De jeito nenhum. Não aqui. Não na minha fornalha."

Elroy me encarou como se eu fosse uma serpente de quatro cabeças, e ele não sabia qual das minhas cabeças o atingiria primeiro. Eu já tinha irritado o velho um milhão de vezes, de um milhão de maneiras diferentes, mas aquele olhar de desaprovação era novo. Sua expressão era de decepção e medo em partes iguais, e por um breve instante, questionei minha decisão de levar o ouro para a oficina.

Mas para onde mais eu o teria levado? O sótão sobre a taverna onde Hayden e eu tínhamos dormido nas últimas seis semanas estava infestado de baratas e fedia mais do que um ninho de texugo-da-areia. Tínhamos encontrado uma maneira de entrar no Mirage por uma seção danificada no telhado de ardósia rachado. Estávamos quietos quando nos esgueiramos para lá para dormir entre as caixas de vinho podres e há muito esquecidas e pilhas de lona pesada e dobrada, comidas por traças, e até agora, não tínhamos sido descobertos. Mas meu irmão e eu não éramos idiotas. Era apenas uma questão de tempo até que fôssemos *descobertos* , e os donos do bar nos despejassem de seu sótão na ponta de uma lâmina. Não haveria tempo para recolher nossos pertences. Não tínhamos *outros* pertences além das roupas do corpo. Esconder a manopla ali seria loucura. A oficina de Elroy era o único lugar para onde eu poderia levá-la. De qualquer forma, eu precisava usar as fornalhas. Eu não tinha escolha. Se eu não derretesse o metal e fizesse outra coisa com ele (*muito* rápido, amaldiçoado pelos deuses), a manopla seria uma pedra de moinho em volta do meu pescoço que acabaria me torturando e matando.

"Já é ruim o suficiente eu ter que contar ao Jarris Wade que você não estava aqui há uma hora. Ele ficou furioso. Disse que você tinha quebrado algum acordo comercial com ele. Mas aí você apareceu aqui com *essa* coisa. Que diabos você estava pensando?" O desespero na voz de Elroy me fez me arrepender de ter mostrado a ele. "Por que você pegou isso, para começo de conversa? Vamos fazer as víboras de Madra vasculharem este lugar com um pente fino, procurando por isso. Quando te encontrarem, vão arrancar a pele dos seus ossos na praça para todo mundo ver. Hayden vai estar bem ali ao seu lado. E eu? *Eu?* Mesmo que eles *acreditem que* eu não tive nada a ver com isso, vão me dar uma surra por ter permitido essa coisa debaixo do meu teto. Como eu vou ganhar a vida sem mãos, sua idiota, *idiota* ?"

O negócio de Elroy era vidro. Com uma abundância de areia na ponta dos dedos, ele fez da sua vida o trabalho de se tornar o melhor vidreiro e vidraceiro de toda Zilvaren. Só os que viviam no Centro eram ricos o suficiente para comprar janelas, no entanto. E havia pessoas que viviam no Terceiro que buscavam outros itens que pudessem ser forjados em uma lareira. Antigamente, Elroy costumava fabricar armas ilícitas para as gangues rebeldes que lutavam para derrubar Madra. Espadas de gume áspero feitas de pedaços de ferro, mas principalmente facas. As lâminas eram mais curtas e exigiam menos aço. Mesmo que o ferro-gusa fosse da pior qualidade, ainda podia ser afiado até ficar com um fio afiado o suficiente para enviar um

homem aos fabricantes. Mas, com o passar dos anos, a vida como um insurgente lá dentro se tornara insustentável.

Era impossível encontrar comida fresca. Nas ruas, crianças arrancavam os olhos umas das outras por um pedaço de pão amanhecido. A única maneira de sobreviver ao Terceiro agora era por meio de escambo e troca... ou sussurrando segredos sobre os vizinhos no ouvido de um guardião. Como morador do Terceiro, se você não estivesse morto ou morrendo, então estava com fome, e não havia muito que uma pessoa faminta não dissesse para acalmar a dor de uma barriga vazia. Depois de tantos percalços, Elroy declarou que não martelaria mais suas facas afiadas e afiadas e me disse que eu também não era mais bem-vindo para forjá-las em suas fogueiras. Seríamos vidreiros e nada mais.

"Estou atordoado. *Atordoado.* Eu simplesmente... eu não consigo nem compreender..." O velho balançou a cabeça, incrédulo. "Não consigo nem *começar* a imaginar o que você estava pensando. Você tem alguma ideia do tipo de desgraça que você trouxe sobre nós?"

Quando eu era pequeno, Elroy era um gigante. Uma lenda até entre os criminosos mais perigosos que comandavam o Terceiro. Mais alto que a maioria, largo, os músculos das costas tensos sob a camisa manchada de suor. Ele era uma força da natureza. Um pilar de rocha escavado em uma montanha. Imóvel. Indestrutível. Só recentemente comecei a entender que ele estava apaixonado pela minha mãe. Depois que ela foi morta, pouco a pouco, pedaço por pedaço, eu o vi definhar, tornando-se menos ele mesmo. Tornando-se uma sombra. O homem que estava diante de mim agora era quase irreconhecível.

Sua mão calejada tremia enquanto ele apontava para o metal polido que brilhava como pecado sobre a mesa entre nós. "Você vai retirar o que disse, Saeris."

Uma gargalhada escapou de mim. "Os deuses esquecidos e os quatro ventos sabem que eu *não sou* ... Não depois de tudo que passei para conseguí-lo. Quase quebrei meu maldito pescoço..."

“ *Eu vou* quebrar seu pescoço se essa coisa não sair daqui nos próximos quinze minutos.”

“Você acha que eu vou simplesmente ir até o posto de sentinela e *entregá-lo* __”

Não seja ridículo. Deuses, *por que* vocês têm que ser tão ridículos? Escalem a muralha novamente e joguem-na de volta no Centro assim que os

Gêmeos mergulharem. Um daqueles bastardos consanguíneos vai encontrá-la e devolvê-la aos guardiões sem pensar duas vezes. Eles nem vão perceber o quanto essa maldita coisa vale.

Rangendo os dentes, cruzei os braços sobre o peito, tentando ignorar o quão proeminentes minhas costelas pareciam sob o tecido da camisa. Minha pele formigava de suor. Eu estava perdendo umidade, da qual não podia me dar ao luxo de me desfazer. Eu tinha deixado minha ração de água escondida dentro de uma parede no sótão lá no Mirage — não podia correr o risco de alguém tentar *me atacar* enquanto *eu* estava furtando — e a oficina estava infernalmente quente, como sempre.

Perdi a conta de quantas vezes desmaiei nas ondas aqui. Não fazia ideia de como Elroy sobreviveu. Por um instante, dei ao homem o respeito que ele merecia e considerei sua exigência. E então fantasiei sobre como seria uma brisa fresca vinda do sul, e o peso delirante de uma barriga cheia, e como um colchão de penas seria maravilhoso, e como seria o futuro de Hayden, e meu afeto pelo homem que um dia amou minha mãe se reduziu à insignificância. "Não posso fazer o que você está me pedindo."

“Saeris!”

"Não posso. Simplesmente não posso. Você *sabe* que não podemos continuar assim—"

"Eu sei que lutar para sobreviver aqui é melhor do que sangrar na areia! É isso que você quer? Morrer na rua, na frente do Hayden? Que seu corpo apodreça na sarjeta como o da sua mãe, fedendo e sendo devorado pelos corvos?"

" *SIM!* Sim, claro *que* é isso que eu quero!" Dei um soco na mesa, e a manopla saltou, uma cascata de arco-íris subindo pelas paredes. "Sim, eu quero morrer e arruinar a vida do Hayden. *A sua* vida. Quero ser motivo de espetáculo. Quero que todos na enfermaria me conheçam como a aprendiz de vidreira que foi estúpida o suficiente para roubar da guarda da Madra e acabou morta por isso. É *exatamente* isso que eu quero!"

Eu nunca tinha falado com Elroy daquele jeito antes. Nunca. Mas o homem tinha sofrido perda após perda nas mãos dos guardiões da cidade. Pessoas que ele amava, arrancadas de suas camas e executadas sem julgamento. Seu próprio irmão tinha morrido pouco antes de eu nascer, morto de fome durante um ano particularmente difícil porque Madra não desviava comida do Centro para as outras partes da cidade. Os mais ricos do povo da rainha continuaram a dar festas suntuosas, jantaram com importações exóticas provenientes de pastos muito além de Haeland, beberam até se fartar

de vinhos e uísques raros e caros, e durante todo o tempo o povo de Zilvaren passou fome nas ruas ou se cagou até a morte. Elroy tinha testemunhado tudo isso. Mesmo agora, ele próprio mal sobrevivia de semana em semana. Se os guardiões não estavam batendo em sua porta, verificando se ele não estava fabricando armas, então eles estavam arrombando-a, caçando usuários de magia míticos que nem sequer existiam. E ele permitiu que tudo isso acontecesse. Fiquei ali sentado e não fiz nada.

Ele tinha desistido. E não havia uma única parte de mim que pudesse aceitar isso.

As sobrancelhas grossas de Elroy, salpicadas de cinza, franziram-se, seus olhos escurecendo. Ele estava prestes a começar mais um de seus discursos sobre ficar longe do caminho dos guardiões, evitar chamar atenção para nós mesmos, sobre como enganar a morte ali era um milagre diário pelo qual ele agradecia aos criadores todas as noites antes de desmaiar em seu catre de merda. Mas ele viu o fogo ardendo dentro de mim, pronto para queimar fora de controle, e pela primeira vez, isso o fez parar.

Você sabe que eu lutei. Eu lutei, lutei do mesmo jeito que você quer lutar agora. Dei tudo o que tinha, sacrifiquei tudo o que me era caro, mas esta cidade é uma fera que se alimenta de miséria, dor e morte, e *nunca está* cheia. Podemos nos jogar goela abaixo dela até que não reste mais nenhum de nós, e não teremos feito a menor diferença, Saeris. O povo sofrerá. O povo morrerá. Madra reinou sobre esta cidade por mil anos. Ela viverá como sempre viveu, e a fera continuará se alimentando e exigindo mais. O ciclo continuará para sempre até que a areia engula este lugar amaldiçoado e não reste nada de nós além de fantasmas e poeira. E depois?

"E então haverá as pessoas que lutaram por algo melhor e as que se renderam e conquistaram", cuspi. Pegando a manopla, fiz menção de sair correndo da oficina, mas Elroy ainda tinha um pouco de velocidade. Ele agarrou meu braço, me segurando por tempo suficiente para que eu pudesse me olhar nos olhos. Suplicante, ele disse: "E se eles te encontrarem e descobrirem o que você pode fazer? O jeito que você pode afetar o metal..."

"É um truque de salão, Elroy. Nada mais. Não *significa* nada." Mesmo enquanto falava, eu sabia que estava mentindo. Significava alguma coisa. Às vezes, objetos tremiam ao meu redor. Objetos feitos de ferro, estanho ou ouro. Certa vez, consegui mover uma das adagas de Elroy sem tocá-la, de modo que ela girou e girou na mesa de jantar da minha mãe, equilibrada na guarda transversal. Mas e daí? Encontrei seu olhar exasperado. "Se me encontrarem, vão me matar por uma série de outros motivos antes de me matarem por isso."

Ele bufou. "Não estou perguntando por você. Também não estou perguntando por mim. Estou perguntando pelo Hayden. Ele ainda não é como nós." O rapaz ainda ri. "Só quero que ele mantenha essa inocência por mais um tempinho. E como ele vai fazer isso se vir a irmã enforcada?"

Soltei meu braço, meu maxilar se contraindo, mil insultos frios e duros se acumulando, competindo para ser o primeiro a sair da minha boca. Mas minha raiva já havia me abandonado quando falei: "Ele tem vinte anos, El. Ele tem que encarar a realidade em algum momento. E eu *estou* fazendo isso por ele. Tudo *o que* eu faço é por ele."

Elroy não tentou me impedir novamente.

Havia coisas em que Hayden e eu éramos parecidos. A altura dele, por exemplo. Éramos ambos criaturas altas e esguias. Tínhamos o mesmo senso de humor e éramos campeões em guardar rancor. Ambos adorávamos o sabor salgado e azedo dos peixinhos em conserva que os mercadores de esquifes ocasionalmente traziam da costa. Mas, além das peculiaridades de nossa personalidade em comum e do fato de que nós dois nos sobressaíamos sobre a maioria das pessoas em uma sala lotada, não havia muito em nós que fosse parecido. Enquanto eu tinha cabelos escuros, ele era claro. Seu cabelo era cacheado a ponto de ser caótico, e havia muito *dele* . Seus olhos eram de um castanho rico e líquido e transmitiam uma gentileza que meus olhos azuis não tinham. A covinha em seu queixo era cortesia de nosso falecido pai, seu nariz orgulhoso e reto, de nossa falecida mãe. Ela costumava chamá-lo de seu filho de verão. Ela nunca tinha visto neve, mas era isso que *eu* tinha sido para ela: sua tempestade de gelo. Distante. Fria. Afiada.

Não demorou muito para encontrar Hayden. O problema tinha um jeito de persegui-lo, e eu era especialista em procurá-lo, então não foi surpresa que eu quase tropeçasse nele, esparramado e sangrando na areia em frente à Casa de Kala. O Kala's, como era conhecido pela maioria, era um dos únicos lugares na ala que trocava comida e bebida por mercadorias em vez de dinheiro. Um aventureiro com os bolsos e a barriga vazios também podia apostar por mercadorias com alguns dos tipos mais desonestos da taverna, se fosse corajoso ou estúpido o suficiente. E, como nunca tínhamos dinheiro ou itens para trocar, e Hayden era um trapaceiro escandalosamente proficiente em cartas (perdendo apenas para mim em Zilvaren, talvez), fazia todo o sentido que ele estivesse ali, tentando roubar uma jarra de cerveja de alguém.

Rajadas de areia escaldantes sopravam sobre Hayden; acumulavam-se em pequenas poças no tecido amassado de sua camisa, que ainda trazia as marcas das mãos de quem o agarrara e o jogara de bunda para fora do Kala's. Um grupo obsceno de foliões passou por ali, com os lenços puxados sobre o rosto, em contraste com os gêmeos e a areia, passando por cima dele sem lhe lançar um olhar. Um jovem com o lábio cortado e o início de um olho roxo, caído na sarjeta, não era nada fora do comum naquela parte do mundo.

Fiquei aos pés do meu irmão, cruzando os braços sobre o peito, com o cuidado de manter a bolsa contendo a manopla presa ao lado do corpo. Batedores de carteira e ladrões de carteira também não eram incomuns por ali. Um bando de vagabundos famintos não pensaria duas vezes em realizar um roubo se suspeitasse que o prêmio valeria a pena. Chutei a bota empoeirada de Hayden.

“Carniça de novo?”

Ele abriu uma pálpebra, gemendo ao me ver. ″ De novo! Era de se esperar... que o desgraçado... tivesse coisa melhor para fazer do que me espancar." A maneira como ele segurava as costelas com cuidado sugeria que algumas delas poderiam estar quebradas.

Cutuquei-o com a ponta da bota, com bem mais força dessa vez. "Você pensaria que já *teria* aprendido a lição e se afastaria dele."

″ Agh! Saeris! Que diabos? Cadê a sua compaixão?"

"No bolso de trás do Carrion, junto com o dinheiro que te dei para comprar *água* ." Pensei em machucar o outro lado das costelas dele, mas o sorriso tímido que ele me lançou apagou minha raiva. Ele tinha esse jeito. Era tolo e descuidado com mais frequência do que o normal, mas era impossível ficar bravo com ele por muito tempo. Oferecendo-lhe a mão, ajudei-o a se levantar. Depois de muito resmungar e reclamar, Hayden tirou a poeira da camisa e da calça e adotou um sorriso feroz que implicava que ele havia se livrado da dor nas costelas e se sentia novinho em folha. "Sabe, se você tiver um vale, aposto que posso ganhar de volta o dinheiro da água *e* o cachecol vermelho que o Elroy me deu."

"Hah! Continue sonhando, amigo." Passei por ele e subi correndo os degraus da taverna. Como sempre, o Kala's estava lotado até o teto e fedia a suor velho e carne de cabra assada. Uma dúzia de cabeças se virou na minha direção quando entrei, uma dúzia de pares de olhos se arregalando ao observar quem tinha acabado de entrar. Hayden era um visitante diário ali, mas *eu* só me aventurava a cruzar a porta da taverna quando tinha um dia ruim. Eu vinha aqui para desabafar. Para transar. Para brigar. Uma série de

coisas absurdas eram sussurradas sobre mim pelas costas de mãos queimadas de sol: que um homem poderia ter sorte ou ser espancado até a inconsciência, dependendo do meu humor quando eu sentasse no balcão.

Não me sentei no bar hoje. Espiando por cima da turba bêbada à minha frente, estiquei o pescoço, procurando um lampejo de cor entre todos os brancos, cinzas e marrons sujos. E lá estava. Lá estava *ele* , sentado a uma mesa do outro lado da taverna com três de seus amigos idiotas, de costas para o canto para poder ficar de olho na multidão. Carrion Swift: o jogador, trapaceiro e contrabandista mais notório de toda a cidade. Ele também era excepcionalmente bom de cama — o único homem em Zilvaren que já me fez gritar seu nome por prazer, e não por frustração. Seu cabelo castanho-avermelhado brilhante era um sinalizador na taverna mal iluminada.

Fui direto para ele, mas meu caminho foi rapidamente bloqueado por uma mulher de aparência atribulada, de quarenta e poucos anos, brandindo uma concha gigante de madeira.

“ *Não* ”, ela disse.

"Desculpe, Brynn, mas ele jurou que o deixaria em paz. O que eu devo fazer? Deixar que ele se safe?"

Brynn tinha um sobrenome, mas ninguém o conhecia. Quando perguntada, ela dizia que o havia perdido na infância e nunca se dera ao trabalho de localizá-lo. Ela dizia que sobrenomes facilitavam a localização, e ela tinha razão. Como proprietária da Casa de Kala, pessoas que não sabiam de nada tentavam chamá-la *de* Kala, presumindo que ela havia batizado o lugar com seu próprio nome, mas ela os encarava com raiva e mostrava os dentes. De onde ela vinha, Kala significava *funeral,* e Brynn não gostava de ser comparada à morte.

"Não me importa se ele se safa ou não." Ela lançou um olhar de soslaio maldoso para Hayden, que havia retornado sorrateiramente para a taverna logo atrás de mim, parecendo um tanto envergonhado. " *Ele* sabe que Carrion trapaceia, e eu não quero outra briga desenfreada aqui dentro. Não esta noite. Já tive que jogar duas cadeiras lá fora para consertar, graças àquele porco e ao seu irmão idiota..."

“Eu não sou idiota!” Hayden objetou.

"Você *é* um idiota", insistiu Brynn. "Você também está proibido de entrar por 24 horas. Volte para fora com você. Se sua irmã pagar, mando alguém lhe trazer um copo de cerveja na escada."

“Não estou pagando por nada.”

Hayden teve a coragem de parecer decepcionado. "Bem, eu não vou embora sem esse cachecol", disse ele. "Meus pulmões estarão em carne viva quando eu chegar em casa."

"Então é melhor prender a respiração. Vai. Sai daqui." Brynn acenou com a concha ameaçadoramente na direção de Hayden, e meu irmão empalideceu. Ele olhou para a colher enorme como se já a tivesse conhecido uma vez naquele dia e soubesse muito bem do que ela era capaz. Eu não teria ficado surpreso se *Brynn* tivesse lhe dado o olho roxo em vez de Carniça.

"Vou pegar o cachecol para você. Vá me esperar lá fora", eu disse a ele.

"Você não vai tomá-la à força", avisou Brynn. Ela balançou a concha na minha direção, mas não teve o mesmo efeito, e ela sabia disso. Uma arma tinha que ser consideravelmente mais brilhante e muito mais afiada para *me fazer* piscar. Ela abaixou a concha, optando por uma abordagem mais gentil. "Estou falando sério, Saeris. Por favor. Mantenha a paz, mesmo que seja só por mim. Já estou perdendo o juízo e ainda não são nem oito horas."

"Você tem a minha palavra. Não vou quebrar mais nenhum móvel. Vou pegar o que vim buscar e desaparecer antes que você perceba."

"Estou cobrando isso de você." Claramente, Brynn não achou que eu fosse honrar minha palavra, mas suspirou, dando um passo para o lado mesmo assim. Hayden me lançou um olhar que implorava para que eu o apoiasse — ele *sempre* tinha que pressionar —, mas eu sabia que era melhor não ceder àqueles olhos suplicantes.

"Lá fora. *Agora*. Segure isso. *Não* perca de vista." Enfiei minha bolsa em seu peito e fui tomada por um espasmo de pânico quando ele a pegou. Uma coisa era vagar pela enfermaria com uma peça gigante de ouro parada no fundo da bolsa. Outra coisa completamente diferente era ficar na frente de Carrion Swift com uma peça de contrabando tão valiosa consigo. O homem era capaz de qualquer coisa. Seus dedos eram mais leves que a brisa do amanhecer. Ele me convenceu a tirar a calcinha — talvez o maior assalto já realizado em Zilvaren — e as pessoas não paravam de falar sobre *isso* há meses. Eu não estava disposta a arriscar que ele não sentisse o cheiro de algo interessante na bolsa e tentasse me livrar disso.

"Já volto em dez minutos", avisei Hayden. Ele fez uma careta ao sair da taverna.

Os clientes de Kala interromperam seus jogos de dados, suas conversas barulhentas vacilando enquanto eu me dirigia a Carniça. Todos me seguiram com o canto dos olhos, observando-me pela metade enquanto eu chegava à mesa do vigarista. Olhos azuis brilhantes dançavam de divertimento quando

Carniça encontrou meu olhar. Seu cabelo era cobre, dourado e umber polido, como se cada fio fosse um fio fino dos metais tão preciosos para a Rainha Madra. Ele era sempre a pessoa mais alta em uma sala, com pelo menos 30 centímetros de altura, ombros largos e se portava com uma confiança que fazia as garotas de Zilvaren desmaiarem. Eu odiava admitir, mas foi essa confiança que me atraiu para sua cama. Eu queria refutá-la, mostrar a ele que sua autoconfiança não passava de fachada. Eu planejava esmagar aquele ego dele assim que terminasse com ele, mas então ele fez o impensável e provou que sua arrogância era bem merecida . *Mais* do que merecido. Só de pensar nisso, meu sangue fervia. O homem era um ladrão e um mentiroso, e se amava demais. Quer dizer, quem em sã consciência usaria esse tipo de adorno? Para uma taverna cheia de selvagens que cortariam sua garganta e roubariam suas botas sujas assim que olhassem para você? Ele estava *louco.*

“Idiota *”* , eu disse rigidamente como forma de cumprimento.

Ele sorriu, e meu estômago revirou de uma forma tão leve que me fez xingar baixinho. "Puta", respondeu ele. "Que bom te ver. Eu não achava que a gente... ia mais *passar tempo juntos* ." Seus amigos gargalharam feito idiotas, dando cotoveladas uns nos outros. Até eles sabiam que aquilo era uma provocação do Carniça. Uma cutucada. A última vez que o vi, eu estava saindo da cama dele, agarrada às minhas roupas embrulhadas, jurando pelos deuses esquecidos e pelos quatro ventos que preferia morrer a ficar por perto para uma repetição do espetáculo que ele tinha acabado de fazer para mim. Ele sabia que tinha vencido. O babaca arrogante não tinha sido tímido. Ele me disse que eu voltaria para mais, e eu disse a ele, em uma linguagem bem colorida, que eu arrancaria aquele pau amaldiçoado dele se ele tentasse chegar perto de mim de novo. Ou algo assim, pelo menos.

Fui direto ao ponto, ignorando os amigos dele *e* sua provocação. "Você prometeu que não jogaria mais com Hayden."

Carniça inclinou a cabeça, os olhos se erguendo enquanto fingia pensar no assunto. "Será que sim?", perguntou, incrédulo. "Isso não parece nada comigo."

"Carniça."

O desgraçado respirou fundo, voltando a atenção para mim. "Ela disse meu nome." Ele fingiu desmaiar. "Vocês todos ouviram. Ela disse meu nome." Mais uma vez, isso rendeu uma rodada de risadinhas de seus cúmplices infantis.

"Você não só quebrou sua palavra, como também deu uma surra nele, Carniça."

“Ah, vamos lá. Não seja tão azedo. — Ele estendeu as mãos, palmas para cima, dedos abertos. — Ele implorou para eu brincar com ele. Quem sou eu para dizer não? E se eu tivesse dado uma surra nele, não teria visto seu irmãozinho de mau humor perto do bar agora mesmo, teria? Ele ainda estaria na rua, cuspindo sangue na areia. Eu bati nele... — Ele pensou. — Uma vez. Talvez duas. Isso só se qualifica como uma surra leve. E o que é uma surra leve entre amigos?

"Hayden não é seu amigo. Ele é meu irmão. Mexer com ele é contra as regras."

Carniça se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. Ele arqueou as sobrancelhas da forma mais irritante. "Nunca conheci uma regra que não quisesse quebrar, Luz do Sol."

"Tínhamos um acordo. Lembro-me especificamente de ter dito que não interferiria nas suas linhas de suprimentos de e para o Hub, e você disse que não mexeria mais com Hayden."

Ele franziu a testa. "É, acho que isso me lembra alguma coisa."

A audácia. A audácia. A audácia descarada . "Então por que você está apostando com ele?"

" Talvez minha memória esteja falha ultimamente", ponderou Carrion.

“Você *leva* muitas pancadas na cabeça.”

"Ou talvez", disse ele, girando a cerveja no copo, "eu soubesse que se mexesse com o Hayden, eu te veria ... E talvez essa fosse uma oportunidade boa demais para deixar passar."

" Você quebrou as costelas do meu irmão só para me ver?" Eu não consegui ouvir direito. Não tem como ele ser louco o suficiente para machucar Hayden por um motivo tão ridículo.

O tom de Carrion ficou repentinamente afiado quando ele respondeu: "Não, Saeris. Eu os quebrei porque ele tentou "Me esfaqueie com uma das suas facas quando eu não quiser jogar mais uma rodada. Nem *seu* irmão consegue escapar impune disso."

Meu choque foi um peso frio e morto na boca do estômago. "Ele não..."

" *Sim.* " Carrion terminou sua cerveja. Quando pousou o copo vazio, seu sorriso encantador havia retornado. "Agora que você está aqui, pode muito bem se juntar a mim para uma bebida. Sem ressentimentos e tudo mais."

Era incrível a rapidez com que Carniça conseguia alternar entre uma emoção e outra. Também impressionante era sua capacidade de se iludir completa e completamente sempre que lhe convinha. "Eu não vou beber com você. Não faz diferença se Hayden mereceu o que você fez com ele. Ele

provavelmente puxou a faca para você porque estava tentando recuperar a máscara. Ele não precisaria fazer isso se você não o tivesse incentivado a jogar!"

"Você gosta de uísque, né? Duplo parece bom?" Ele estava se levantando.

"Carniça! *Não vou* beber com você!"

A bela cobra tentou me envolver com o braço pela cintura, mas eu já tinha lidado com predadores muito mais rápido do que ela. Agachando-me, abri um espaço de um metro entre nós, com as mãos ansiosas para alcançar minhas facas — as que Hayden não tinha "pegado emprestadas" —, mas eu tinha dado minha palavra a Brynn de que não haveria luta. Os olhos de Carrion percorreram meu corpo, seu sorriso se alargando ao deslizar sobre meus quadris, e a lembrança de sua *língua* deslizando sobre meus quadris me atingiu do nada, trazendo uma onda de calor às minhas bochechas.

"Você fica bonita quando cora, sabia?" O ladrão amaldiçoado pelos deuses não deixou escapar nada. "Vou te dizer uma coisa. Sente-se e tome uma bebida comigo, e eu te dou a máscara do Hayden."

"Sem acordo."

"Sem acordo?" Ele pareceu genuinamente surpreso.

“Aguentar quinze minutos à mesa com você vale mais do que uma máscara surrada, seu abutre.”

"Quem falou em quinze minutos? Você sabe que eu gosto de aproveitar o meu tempo quando estou me divertindo."

Santos mártires. Fiz o meu melhor para bloquear as outras memórias que tentavam se infiltrar na minha mente. Carrion queria que seu comentário improvisado me lembrasse de quanto tempo ele passou trabalhando com a língua entre as minhas coxas. Ele queria que eu me lembrasse de quanto tempo ele conteve o próprio prazer — como se fosse seu maldito *trabalho* — enquanto provocava o meu. Eu não lhe daria essa satisfação.

"Um drinque. Quinze minutos. E eu quero de volta os vales que você tirou dele também. Mais cinco pelo inconveniente de ter que respirar o mesmo ar que você."

Carrion arqueou uma sobrancelha, me observando. Eu já sabia que não gostaria do que estava prestes a sair da sua boca. "Saeris, se eu soubesse que poderia *comprar* o seu tempo, eu estaria falida, e você seria uma mulher muito rica. Você teria passado os últimos três meses deitada de costas, implorando para que eu a cavalgasse com mais força, e—"

"Mais uma palavra e eu vou tirar suas bolas de merda, ladrão", rosnei.

O que lhe faltava em boas maneiras, Carrion Swift compensava com bom senso. Ele sabia quando estava prestes a cruzar uma linha que custaria sangue para *descruzar* . Seus cabelos brilhavam ruivos, depois dourados, depois castanhos profundos e intensos, enquanto ele erguia as mãos no ar, curvando a cabeça em sinal de rendição. "Tudo bem, tudo bem. O cachecol, os vales e cinco a mais porque você é ganancioso. Sente-se. Por favor. Vou pegar aquela bebida para você." Ele gesticulou para sua mesa como se pretendesse que eu me espremesse entre ele e seus comparsas, mas havia coisas que eu faria pelo meu irmão e um copo d'água limpo e coisas que eu não faria. Escolhi uma mesa vazia a três mesas de distância e fui me sentar lá.

Eu ia matar Hayden. Matá-lo. O que ele estava tramando? Ele tinha tentado *esfaquear* Carrion? O garoto era apenas três anos e meio mais novo que eu, mas agia como se ainda estivesse esperando a hora de se arrepender. Em algum momento, ele teria que parar de agir de forma tão imprudente e começar a considerar as consequências de seus atos. Enquanto eu pensava isso, as palavras de Elroy ecoavam na minha cabeça, surpreendentemente parecidas com as minhas.

— Não consigo nem começar a imaginar o que você estava pensando. Sabe que tipo de desgraça você trouxe sobre nós?

" Aqui." Carniça colocou um copo com um líquido âmbar na minha frente; a maldita coisa estava quase cheia até a borda.

“Isso não é uma bebida só.”

"Está num copo só", ele respondeu. "Portanto, é um drinque só."

Eu voltaria cambaleando para o Mirage se bebesse tudo aquilo. Eu cairia do telhado e quebraria o pescoço tentando voltar para o sótão. Mesmo assim, peguei o copo e engoli um bom gole. Eu não conseguiria passar por aquilo se não estivesse um pouco tonto. O uísque queimou minha garganta e incendiou meu estômago, mas me recusei a reagir. A última coisa que eu precisava era de Carrion Swift dizendo a todos que quisessem ouvir que eu não aguentava mais beber.

"E então?", perguntei. "O que você quer?"

"Como assim, o que eu quero? Sua companhia, claro."

Eu reconhecia um mentiroso quando via um, e o homem sentado à minha frente era um profissional experiente. "Fala logo, Carniça. Você não teria me forçado a ficar se não estivesse tentando me enganar."

"Não posso simplesmente me encantar com a sua beleza? Não posso simplesmente querer sentar e ouvir o tom angelical da sua voz?"

"Eu não sou bonita. Estou imunda, cansada e minha voz está cheia de sarcasmo e irritação, então vamos logo com isso, certo?"

Carniça soltou uma risada silenciosa. Levou seu próprio copo (consideravelmente menor) de uísque aos lábios e tomou um gole. "Você era mais divertido há três meses, sabia? Você é tão cruel. Não parei de pensar em você."

"Ah, por favor. Com quantas mulheres você dormiu desde então?"

Ele estreitou os olhos, parecendo confuso. "O que isso tem a ver?"

Aquilo estava ficando tedioso. Empurrei o copo na direção dele e fiz menção de me levantar.

"Tudo bem! Mártires, vocês são todos profissionais." Ele respirou fundo para se acalmar. "Suponho que, agora que você mencionou isso, há *algo* que eu queria conversar com vocês."

"Estou chocado."

Ignorando meu tom, Carniça continuou. "Ouvi algo muito interessante mais cedo. Ouvi dizer que um rebelde de cabelos negros do Terceiro Mundo atacou violentamente um guardião e roubou uma peça de sua armadura. Uma manopla. Dá para acreditar?"

Hum. O babaca adorava brincar. Cada linha do seu rosto e a forma como cada músculo do seu corpo estava *tão* casualmente relaxado me deram todas as informações de que eu precisava. É claro que ele sabia que eu tinha aceitado o desafio. Mas eu não ia admitir. Eu não era tão... idiota. "Ah? Sério? Mas... como? É impossível para um morador do Terceiro *sair* do Terceiro." Dei outro gole no uísque.

Por um instante, Carniça não fez nada além de me encarar. Ele estava me lendo. Naturalmente, não acreditou na minha falsa ignorância nem por um segundo, mas também não estava disposto a começar a lançar acusações abertamente no meio da conversa de Kala. "Eu sei, né?", disse ele, despreocupado. "Loucura. Mais loucura ainda pensar naquela pobre garota lá fora agora, tentando encontrar um lugar para esconder uma peça de ouro tão grande. Sabe, estão dizendo que ela trouxe para cá, para a enfermaria." Ele riu baixinho. "Mas é claro... ela não teria feito isso. Teria sido perigoso demais."

"Com certeza. Incrivelmente perigoso", concordei.

"Ela teria se certificado de que o colocaria em algum lugar seguro. Em algum lugar onde os guardiões nem pensariam em procurar."

"Sem dúvida."

"Você acha que uma garota estúpida o suficiente para atacar e roubar um guardião teria o bom senso de esconder seu prêmio em algum lugar assim?"

Fui tomado por uma vontade irresistível de danificar o belo rosto de Carniça; só consegui me conter com uma força monumental. "Não acho que a garota seja burra. Na verdade, acho que ela é corajosa", disse eu, com os dentes cerrados. "Acho mais provável que o guardião tenha tentado prendê-la e deixado cair sua armadura amaldiçoada pelos deuses na areia. Acho que..."

"Mas ela colocou em algum lugar *seguro?* ", sibilou Carniça. "Podemos debater as ações dessa garota para sempre, mas se houver algum problema na enfermaria..."

Recostei-me no assento. "O que te importa o Terceiro? Você nem mora mais aqui, Carniça. Todo mundo sabe que você tem um apartamentozinho aconchegante abaixo do segundo raio."

"Tenho um *armazém* fora da enfermaria", disse ele em voz baixa. "É a maneira mais segura de transportar minhas mercadorias de uma enfermaria para a outra. Moro *aqui* , então posso cuidar da minha avó. Você sabe disso. Gracia, lembra? Você a conheceu. Cabelo grisalho? Temperamento perverso?"

“Sim, eu conheço Gracia, Carniça.”

Ele se aproximou, com o olhar penetrante. "Aqueles desgraçados dourados vão fazer chover o fogo do inferno sobre este lugar se acharem que temos algo que pertence a eles, Saeris. Você sabe que vão. Haverá um rio de sangue correndo pelas ruas pela manhã se *essa garota* trouxe a armadura para cá."

Ele tinha razão. Os guardiões eram todo-poderosos. Não tinham muito a temer, mas tinham pavor da rainha. Sua justiça seria rápida e brutal se ela tivesse a mínima ideia de que a manopla estava ali. A manopla que *eu* trouxera. O desânimo de Elroy não parecia mais um exagero. Se Carniça, logo ele, estava tão em pânico com tudo aquilo, então talvez eu devesse repensar meu plano. Ou bolar *um* plano, talvez.

"Você está pensando. Vejo que está pensando. Que bom", disse Carrion. Ele exibiu um sorriso arrogante, mas era só para enfeitar. Queria que os outros clientes de Kala, junto com seus amigos sentados no canto, pensassem que ele estava descaradamente tentando me antagonizar e me levar para a cama novamente, mas a centelha de preocupação que vi em seus olhos era real. "Aquele armazém", disse ele. "Não fica longe do muro. Levaria apenas meia hora para mover um item daqui para lá."

Deuses, ele estava mesmo furioso. "Acha que eu te daria *?* " Tarde demais, percebi que tinha me entregado. Mas que importância tinha? Aquele jogo que estávamos jogando, de andar na ponta dos pés em torno da verdade, era só perda de tempo. "Você não tem nem perto da quantia de dinheiro que seria necessária para me convencer a te entregar essa manopla, Carrion Swift."

"Eu não quero isso para mim, idiota. Só quero isso do Terceiro." Ele murmurou como se estivesse sussurrando coisas doces para mim, mas suas palavras estavam carregadas de veneno. "Nosso povo já sofre o suficiente sem cem guardiões invadindo a ala, destruindo o lugar e matando qualquer um que cruze seu caminho. Leve para o depósito. Leve para qualquer lugar. Não importa para onde você leve, contanto que seja bem longe daqui. Está me ouvindo?"

Havia algo muito irritante em ser repreendido por alguém como Carniça. Ele era um dos homens mais egoístas e arrogantes do mundo. Ele adorava que o mundo acreditasse que ele não se importava com ninguém nem com nada. Mas parecia que ele se importava, e *eu* tinha feito algo tão egoísta que ele não podia ficar parado assistindo acontecer? Deuses.

Virei outro gole viril de uísque e descartei o resto, empurrando o copo para longe. ″ Preciso ir."

"Você vai consertar isso?" Os olhos azuis-claros de Carrion me encararam enquanto eu me afastava da cabine.

"Vou consertar isso", rosnei de volta.

"Ótimo. Ah, e Saeris?"

O cara simplesmente não sabia a hora de parar. Eu me virei, olhando feio para ele.

″ O que!"

“Mesmo suja e cansada, você continua linda.”

"Deuses e mártires", sussurrei. Ele era implacável. A lábia de Carrion Swift não me incomodou por muito tempo, no entanto. Eu tinha coisas mais importantes com que me preocupar. Quando saí para a noite brilhante, Hayden havia sumido. E a manopla também.

O PROPÓSITO MAIS GENTIL

H . Claro, ele agiu como se tivesse feito. Repetiu as palavras que você lhe disse. Assentiu com a cabeça. Mas, no fim das contas, Hayden se recusou a fazer o que lhe pediam, nunca prestou atenção e, então, como sempre, foi e fez a única coisa que você implorou para ele não fazer.

Normalmente, os riscos eram bem baixos quando ele se comportava mal, mas hoje, os riscos eram mais do que altos. Eram astronômicos. Eram *catastróficos.*

I Fiz o meu melhor para caminhar calmamente na direção do Mirage — havia todas as chances de Hayden ter se cansado de me esperar e decidido voltar para a outra taverna com a sacola. Mas quanto mais eu imaginava os vários cenários e pensava em qual era o mais provável, um pânico crescente começou a apertar minha garganta.

Se ele tivesse olhado dentro da bolsa...

Se ele tivesse ido vasculhar lá dentro, só os mártires sabiam onde ele estava agora e o que diabos estava fazendo. As Gêmeas batiam no topo da minha cabeça, seu calor insuportável fazendo minha mente girar. Quando foi a última vez que bebi água? Esta manhã? Não, eu tinha guardado minha ração para quando voltasse à forja, mas depois do desentendimento com Elroy, esqueci de pegá-la. Eu *não devia* ter tomado aquele uísque.

Assim que cheguei a uma distância respeitável da Casa de Kala, comecei a trotar nervosamente e depois a correr. Tentei parecer casual, mas não existia corrida casual em Zilvaren. As pessoas aqui conservavam energia o máximo que podiam. Só havia um motivo para alguém correr até ali: se estivesse sendo perseguido.

Olhos desconfiados me seguiam enquanto eu disparava pelas ruas, passando por casas de arenito em ruínas e barracas de mercado cobertas, pertencentes a vendedores de carnes assadas fibrosas, faixas de tecido e remédios herbais pungentes do norte. Cartazes familiares e desbotados

cobriam os becos, prometendo recompensas pesadas por qualquer informação que levasse à captura de supostos usuários de magia. Eu conhecia as ruas laterais da minha ala como a palma da minha mão. A esquerda à frente me levaria até a casa de Rojana Breen — minha mãe costumava me mandar para lá quando ouvia que os comerciantes tinham voltado com frutas. Ao contrário dos demais contrabandistas do Terceiro, Rojana só negociava com comida e água. Seu comércio ilegal ainda lhe renderia mãos decepadas, mas isso não a mataria.

À frente, à direita, porém, outro comerciante havia montado uma loja. Vorath Shah vendia óleo de cobra: pequenos fragmentos de metal que, segundo ele, continham traços de magia arcana; patas empalhadas e fétidas de coelhos-da-areia, que supostamente afastavam doenças; frascos de vidro cheios de líquidos turvos que supostamente conferiam dádivas a quem os bebesse. Dádivas que há muito se haviam perdido para nós. Os humanos não eram mais capazes de ler a mente uns dos outros, de fazer o sangue ferver nas veias de seus inimigos ou de se conceder sorte eterna. Todos sabiam que havíamos sido destituídos desses poderes heréticos centenas de anos atrás, mas Shah ainda ganhava uma vida considerável vendendo bugigangas inúteis para os esperançosos e os desesperados. Ele tinha explicações bizarras para a eterna pergunta que todos os zilvarens faziam em sussurros abafados a portas fechadas: como, depois de mais de mil anos, a rainha ainda vivia? Madra era humana, então por que não morreu? Ele alegou ter acesso à fonte da eterna juventude dela e também a vendia em garrafas.

Xá também era conhecido por comprar artefatos. Se um ladrão se deparasse com um item de nicho, Xá teoricamente poderia conectá-lo a um comprador interessado. Mas também havia a chance de ele estripá-lo e limpar seu corpo antes de deixá-lo à mercê dos caranguejos. Pegue-o em um dia ruim e, na manhã seguinte, não sobraria nada de você além de ossos branqueados pelo sol.

"Diga que não", murmurei baixinho, virando à direita. "Hayden Fane, diga que você *não* tentou levar aquele ouro para Sh—"

Um grito agudo rasgou o ar árido. Era distante. Abafado. Mas vinha do leste e me irritou. O *Mirage* ficava a leste. E a única vez que alguém gritava daquele jeito no Terceiro Mundo era quando um guardião tomava liberdades ou derramava sangue. Instintivamente, eu sabia. Sentia na medula dos meus ossos: o grito tinha algo a ver com Hayden. Meu irmão estava em perigo.

Eu estava correndo antes mesmo de ter tempo para pensar. As ruas se misturavam à minha visão periférica. Meu coração batia em um ritmo caótico. O medo se acumulava como ácido em minhas entranhas.

Atrás de mim, do nada, veio o som de metal batendo.

"Pare ela! Pare aquela garota!"

O grito veio de trás. Guardiões. Cinco deles? Dez? Arrisquei olhar por cima do ombro, mas tudo o que vi foi uma parede de ouro brilhante e cintilante.

O estrondo de suas botas batendo no chão inundou meus ouvidos.

Deuses, Saeris, mexam-se. Mexam-se, porra!

Eu me forcei a continuar, cavando fundo. *Precisava* correr mais rápido. Se me pegassem, eu estaria perdido. Hayden estaria perdido.

Outro grito assustador e agonizante parou meu coração por um instante, mas eu o forcei a bater novamente, precisando dele para me impulsionar. Eu não seria atropelado nas ruas por aqueles desgraçados. Recusei-me, *porra.*

Os moradores do Terceiro Mundo gritaram, saltando para fora do meu caminho enquanto eu passava por eles. Os guardiões berraram ordens, novamente ordenando que alguém me parasse, mas ninguém o fez. Eu era conhecido ali. As pessoas por quem eu passava me amavam porque amavam minha mãe. Elas também me odiavam porque eu era um encrenqueiro e um espinho no pé delas. Mas, mesmo assim, odiavam ainda mais os guardiões.

Meus pulmões queimavam. Meus músculos gritavam, implorando por misericórdia, mas eu corria mais rápido, me levando à beira da exaustão. Os gêmeos pulsavam no céu, banhando as ruas com uma luz dourada pálida, o maior dos dois sóis orlado por uma estranha coroa azul enquanto eu disparava em direção ao Mirage e ao sótão, e com sorte *não* ao meu irmão.

Se tivesse algum juízo, teria visto os guardiões ou ouvido rumores sobre a guarda de Madra inundando o Terceiro. Era muita esperança. Hayden não era muito observador, mesmo nos melhores momentos, e Carniça o havia alertado por tentar esfaqueá-lo. Ele provavelmente ainda estava perdido em seu próprio mundinho, lamentando amargamente o dinheiro que perdera e seu cachecol idiota.

Tirei meu próprio cachecol do rosto, ofegante, apenas para receber uma lufada de partículas de areia escaldantes enquanto corria em volta da barraca de bolinhos na esquina da Lark Street — "Parado! Pare aí mesmo!"

O terror me fez parar bruscamente. Ele se fechou ao meu redor como um punho de ferro, apertando minhas costelas até o ponto de ruptura enquanto eu observava a cena se desenrolando em frente ao Mirage. Eu nunca tinha

visto tanto ouro em um só lugar. Uma multidão de sóis brilhantes refletia em braçadeiras, peitorais e manoplas, formando orbes de ouro branco brilhantes o suficiente para queimar a retina. Pontos e clarões traçavam minha visão enquanto eu olhava de um guardião para o outro, tentando fazer uma contagem mental. De que adiantava contar, no entanto? Um guardião, eu poderia ultrapassar. Eu tinha uma boa chance de escapar de dois deles. Mas três guardiões? Sem chance. E havia muito mais do que três guardas da cidade de Madra reunidos em formação de falange do lado de fora do Mirage. Devia haver pelo menos trinta deles, e eles tinham vindo equipados para uma luta. As espadas em suas mãos estavam prontas, uma parede de escudos dourados e polidos tesselados à frente deles, construindo uma muralha impenetrável. Cada um deles usava uma malha brilhante sobre os braços e pernas. Suas bocas estavam cobertas com um pano branco de juta solto. Os olhos visíveis acima das máscaras estavam semicerrados, cheios de um ódio ardente que cada um deles dirigia ao meu irmão.

"Não. Não, não, não..." Isso *não* deveria acontecer. Eu deveria processar o ouro na forja e escondê-lo em algum lugar discreto. Hayden nunca saberia da existência da manopla, muito menos entraria em contato com ela, aquele idiota.

Se ele não tivesse apostado com Carniça...

Se ele tivesse escutado e ficado parado...

Se ele não tivesse olhado dentro da maldita bolsa...

Mesmo enquanto eu inventava desculpas e o culpava por essa situação, a culpa me sufocava. Eu havia roubado a manopla. Eu havia sido pego roubando. Eu havia decidido que roubar o metal valia o risco que isso acarretava. E agora Hayden seria morto por uma unidade inteira de guardiões, e a culpa era toda minha.

Hayden cambaleou para longe dos homens e de suas lâminas afiadas. Ele teria recuado mais do que conseguiu, mas suas costas bateram na parede depois de um metro. Em sua mão, ele segurava a manopla frouxamente pelo pulso, a armadura o condenando a quilômetros de distância. O terror brilhava em seu rosto como um farol.

"Fique onde está, Rato!" rugiu o guardião na vanguarda da falange. Como um só, os homens avançaram lentamente, um centímetro de cada vez, com as botas engraxadas deslizando na areia. Por cima das máscaras, encaravam Hayden com convicção desenfreada, todos se alimentando daquele poço comum de ódio. Desprezavam-no por suas roupas desbotadas pelo sol, sua pele suja e as olheiras. Mas, principalmente, o desprezavam porque qualquer

um deles poderia ter sido ele. A sorte ditava onde se chegava naquela cidade. Um golpe de sorte havia alocado alojamento aos avós em uma das alas mais altas, mais próximas do centro. Eles jamais teriam tido a oportunidade de se tornarem guardiões de outra forma. A má sorte jogou os dados contra nossos avós, e foi por isso que nos encontramos em quarentena em uma ala de peste — um canto imundo da cidade que Madra esperava matar de fome ou então permitir que a doença nos destruísse até que todos tivéssemos a cortesia de morrer.

Foi *tudo* sorte. Boa ou má. E a sorte pode mudar a qualquer momento.

“A armadura em sua mão é propriedade da rainha!” gritou o capitão. "Jogue isso aqui, ou nós vamos te matar aqui mesmo!"

Com os olhos arregalados, Hayden olhou para a manopla, encarando-a como se fosse a primeira vez que se dava conta de que a segurava. Virou o metal, os músculos da garganta se contraindo enquanto tentava engolir.

Se ele lhes desse a armadura, eles o acorrentariam e o arrastariam de volta para o palácio. Ele nunca mais seria visto. Se não entregasse a manopla, eles o atacariam. Todo aquele metal afiado e polido encontraria carne, a areia ficaria vermelha, e eu estaria de pé novamente sobre o corpo moribundo de alguém que eu amava. Nenhuma das opções resultou em Hayden se afastando disso... e isso eu não conseguia suportar.

O capitão dos guardiões se aproximou, seguido por seus homens, como se fossem uma fera dourada e deslumbrante, trazida pela coleira. As costas de Hayden pressionaram a porta da taverna. Nas janelas imundas, rostos apareceram e desapareceram rapidamente enquanto os clientes, que estavam tomando um drinque à tarde quando os homens de Madra invadiram a enfermaria, perceberam que o inferno estava explodindo na rua lá fora. Hayden virou a cabeça bruscamente, seus olhos arregalados procurando uma rota de fuga que não existia. Ele me encontrou, porém, a seis metros de distância, e por um segundo, o alívio tomou conta de seu rosto.

Eu estive aqui.

Eu o ajudaria.

Eu o tiraria dessa.

Eu consertaria, do jeito que consertei tudo.

Minha garganta se fechou enquanto eu observava seu alívio se esvair novamente. Não se tratava de uma briga de beco ou de alguma confusão boba em que ele se metera com Carniça. Era o mais sério que poderia ser. Ele estava enfrentando uma unidade inteira de guardiões, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

"Joguem-me a armadura!" ordenou o capitão, com a voz retumbante. De um beco estreito do outro lado da taverna, um grupo de crianças desorganizadas disparou para a rua e saiu correndo, gritando a plenos pulmões, mas a muralha de guardiões nem se mexeu. O foco delas estava fixo em Hayden e na peça de ouro que eu havia roubado em sua mão. Pálido como osso descolorido pelo sol, meu irmão me lançou um olhar longo e miserável, e eu vi em seus olhos o que ele planejava fazer em seguida: o idiota ia *fugir*.

"Não *ouse* , garoto", rosnou o capitão. Obviamente, ele também vira o olhar de Hayden e sabia o que ele estava planejando. Se Hayden fugisse, os guardiões o matariam imediatamente. Madra não ficaria feliz se seus homens retornassem ao palácio com um cadáver a tiracolo. Ela provavelmente lhes dissera para trazerem um ladrão *vivo* — um que ela pudesse torturar e interrogar por horas. Um cadáver seria um entretenimento muito tedioso.

"Saeris!", gemeu Hayden. O medo o agarrou pela garganta.

"Fiquem aí!" O capitão estava quase a uma distância de ataque. Sua unidade estava cravejada de aço pontiagudo, espadas em punho. Tudo acabaria em segundos.

Os olhos de Hayden estavam marejados de lágrimas. "Saeris! Me desculpe!" "Espere." A palavra ficou presa na minha garganta dolorida.

"É isso aí, garoto. É isso aí." Os guardiões se aproximaram.

"Espere! PARE!" Meu desafio ricocheteou nos prédios de ambos os lados da rua desta vez. Os guardiões ouviram meu grito, mas apenas o capitão se dignou a olhar em minha direção. Sua atenção se desviou por uma fração de segundo, os olhos me percorrendo, então ele rapidamente voltou a se concentrar em Hayden.

"Isso não te diz respeito, menina", disse ele friamente. "Volte para dentro e deixe-nos fazer o nosso trabalho."

"Isso *me* preocupa." Aproximei-me, mordendo a parte interna da bochecha para me equilibrar. Com a boca cheia de cobre, abri bem os braços. "Ele não fez nada de errado. Pedi para ele segurar minha bolsa. A peça de armadura que ele está segurando é minha..."

Os olhos afiados do capitão se voltaram para mim. " *Não é* sua . Só um membro da guarda pode possuir essa armadura. Usá-la é uma honra que se conquista, e não para alguém como *você* ."

Sua máscara de juta inchou com a força de suas palavras; ele cuspiu cada uma delas, a fúria queimando intensamente em seu tom. Este não era o guardião de quem eu havia aceitado a manopla. Não, este era mais frio. Mais

duro. Mais cruel. Não havia rugas emoldurando seus olhos, mas suas íris castanho-escuras continham uma eternidade sem fundo que me fez sentir um arrepio na parte de trás das pernas.

"Fui eu quem aceitou o desafio", disse eu lentamente. "Fui eu quem escalou o muro e escapou com ele. Não ele." Apontei o queixo em direção a Hayden: "Ele não tinha ideia do que estava carregando."

"Ela está mentindo", disse Hayden com a voz trêmula. "Fui eu. Eu peguei."

De todas as ideias tolas e mal pensadas que meu irmão já teve, essa foi a mais estúpida. Ele queria me proteger. Eu sabia disso. Ele estava com medo — mais medo do que eu jamais o vira —, mas, por trás do medo, ele estava se preparando, reunindo coragem para enfrentar o que estava por vir. Para me *salvar* .

A manopla, no entanto, era minha responsabilidade. Elroy voltara imediatamente para a oficina; roubar a armadura fora a coisa mais imprudente que eu já fizera. Eu jamais deveria tê-la roubado. Mas eu deixara minha ganância, minha própria *esperança* , me dominar, e eu não deixaria Hayden pagar o preço por algo tão tolo.

"Não dê ouvidos a ele", eu disse, olhando feio para ele.

"Eu peguei", ele insistiu, olhando feio de volta.

“Então pergunte a ele onde ele conseguiu isso”, exigi, encarando o capitão.

"Chega disso", latiu o capitão. "Contenha-a."

Um movimento irritado de seu pulso separou três de seus homens da falange. Eles avançaram com passos firmes, ombros encolhidos até as orelhas, espadas em punho, e o fogo que ardia dentro de mim desde criança finalmente transbordou.

Eu não ia ser contido. Não ia ser intimidado, nem imobilizado, nem mandado ficar quieto por aqueles desgraçados. Não mais.

O que fiz em seguida foi pura loucura. Coloquei a mão na bota e puxei a lâmina que guardava ali. A ação não poderia ser desfeita. Não havia como voltar atrás. Eu havia sacado uma arma contra a guarda da Rainha Imortal. Em suma, eu estava morta. Meu corpo simplesmente não sabia disso ainda.

"Ora, ora. Conseguimos uma bem-humorada, rapazes", rosnou o guardião da direita.

“Então vamos dar uma lição nela”, zombou o do meio.

Concentrei-me no da esquerda. O quieto. Aquele que se movia como um predador. Aquele com a morte nos olhos. Era com *ele* que eu precisava me preocupar.

Ele deixou o guardião tagarela atacar primeiro. Abaixei-me para ficar fora do seu alcance, usando a ponta curta da minha adaga para desviar da espada enquanto ele me atacava descontroladamente. O do meio praguejou, lançando-se para a frente, tentando me atingir no peito com sua arma, mas eu me esquivei, evitando completamente o ataque. Isso me colocou diretamente no caminho do guardião silencioso — o que eu tinha certeza de que era o seu plano desde o início.

Ele piscou para mim por cima da máscara. E então ele gozou.

Os rebeldes que minha mãe ajudou antes de morrer fizeram mais do que se esconder no nosso sótão. Eles me treinaram. Me ensinaram a roubar. A sobreviver. A lutar.

E agora eu lutava como se a própria fúria do inferno se tornasse carne.

Ele desferia golpes com sua lâmina, calculados e medidos. Cada um de seus movimentos era uma pergunta para a qual eu tinha uma resposta. Observei sua irritação aumentar enquanto eu rebatia sua espada pela quarta vez, usando apenas minha adaga curta para desviar seus golpes fatais.

O guardião do meio, o mais baixo dos três, investiu contra mim, soltando um poderoso urro de fúria. Dancei para trás, com os pés leves, esquivando-me temporariamente do alcance do lutador habilidoso para poder girar e desferir meu punhal de cima para baixo, cortando o ar. O ângulo do golpe era difícil de manejar, mas eu já havia praticado mais vezes do que conseguia contar. Era o ângulo que uma lâmina precisava para encontrar aquela abertura estreita na armadura de um guardião. O estreito vão entre a ombreira e o colar cervical, onde uma lasca de metal poderia encontrar uma jugular. Eu nunca havia precisado usar essa manobra na vida real. Fiz isso sem pensar. Nem parei para refletir sobre o arco de sangue arterial vermelho-vivo que jorrava do pescoço do guardião enquanto ele caía de joelhos, agarrando a garganta.

Sem culpa.

Sem piedade.

Não há tempo.

Peguei a espada do guardião e o deixei para morrer na areia.

O guardião silencioso estreitou os olhos para mim, como se estivesse reavaliando a situação. O outro guardião não era tão esperto. Ele uivou, sua raiva o dominando enquanto corria em minha direção, arrancando sua máscara para revelar uma boca cheia de dentes quebrados. "Vadia estúpida!

Você vai pagar..." Girei, recuando rapidamente, e sacei a espada. Era mais pesada do que as espadas de madeira de treino com as quais eu sempre treinara, mas eu *estava* acostumado com o comprimento. Eu sabia exatamente onde a ponta afiada do aço encontraria sua pele: logo abaixo do pulso direito. Calculei o tempo perfeitamente. Com pouco mais do que um ajuste na minha mão da espada, cortei, e então a mão do guardião, ainda segurando sua espada, atingiu a areia com um baque surdo.

"Minha mão! Ela... ela cortou minha... mão!"

"Vou atrás da sua cabeça agora", eu fervia.

A raiva deixou minha visão vermelha.

Eles mataram minha mãe.

Meus amigos.

Toda a família de Elroy.

Eles causaram a morte de milhares e agora ameaçavam Hayden. Toda a raiva reprimida dentro do meu peito veio à tona em uma torrente incontrolável. Avancei em direção ao guardião, adaga em uma mão, espada na outra, pronto para acabar com sua existência miserável... mas, em vez disso, me deparei com o guardião silencioso.

Mais uma vez, ele não disse nada. Uma centelha de diversão brilhou em seus olhos, no entanto. Lentamente, ele balançou a cabeça, seu significado claro como o dia. *Se você vai lutar contra qualquer um de nós, você vai lutar* comigo.

O ar ganhou vida com o som do aço se chocando. Ele era um redemoinho, seus movimentos ágeis e graciosos. Cada vez que sua lâmina cortava minha cabeça, eu esperava que o mundo escurecesse. Mas, de alguma forma, isso não aconteceu. De alguma forma, consegui trazer a espada que havia empunhado a tempo. De alguma forma, me saí bem.

E quando ele estava se sentindo confortável, quando esse predador pensou que finalmente tinha entendido minhas capacidades como lutador... eu parei de me conter.

Seus olhos se arregalaram quando ele viu aquilo acontecer. Quando eu relaxei minha postura e levantei a lâmina para proteger meu rosto. No segundo, quando mostrei os dentes e fui em *sua direção.*

Ele falou, então, finalmente. Só uma palavra. *"Merda."*

Ele não recuou um centímetro. Manteve-se firme. Mas sabia que aquela não seria a luta que imaginara. Nossas armas se encontraram, ponta a ponta, e fomos em frente, cada um sabendo o quanto custaria perder aquela luta.

Ele era bom. Muito bom mesmo. Meus pés chutavam a areia enquanto eu girava, me esforçando constantemente para garantir que ele não me ultrapassasse.

Ele investiu, tentando atingir minha caixa torácica, mas eu acertei a coronha da minha adaga em seu antebraço, quebrando o osso. Sem nem mesmo hesitar, o desgraçado agarrou o cabo da espada com a outra mão e desferiu uma série de golpes que quase me fizeram cair de joelhos. Uma pontada de dor percorreu meu peito enquanto ele cortava minha clavícula.

Vi o sorriso nos cantos dos seus olhos. Ele achou que me tinha pegado. E quase me pegou. Sua espada cortou o ar — um golpe de costas que me pegou desprevenido —, mas eu tinha treinado para aquilo. Ele não era o único que pensava rápido. Definitivamente não era o único que se *movia* rápido também.

Abaixei-me e rolei, golpeando com a adaga enquanto fazia isso. A lâmina encontrou o alvo, e pronto. Simples assim.

Ele não percebeu a princípio. Girando, virou-se para me encontrar novamente. Foi só quando tentou dar um passo à frente e suas pernas cederam que percebeu que algo estava errado.

Pensei em deixar a adaga cravada na perna dele. Isso lhe daria mais alguns instantes para processar a morte. Mas, no fim, o corte profundo que eu havia feito na coxa dele foi mais gentil. Mais rápido. Sangue escuro e vermelho-rubi jorrou do ferimento que eu havia causado em grandes ondas, escorrendo pela perna. Ele olhou para baixo ao vê-lo, soltando um suspiro de surpresa. E então caiu para a frente na areia, morto.

Meu peito arfava. Lutei para respirar, tentando silenciar o zumbido enlouquecedor em meus ouvidos. Eu...

"Garota tola", entoou uma voz fria. Era o capitão quem ordenara aos seus homens que me contivessem. Ele se afastara de Hayden, com a atenção totalmente voltada para mim. "Admito, não achei que você fosse capaz de aceitar o desafio de um guardião. Agora vejo que eu estava errado."

A rua voltou ao foco. A falange de guardiões, todos me encarando com raiva, espadas em punho. E Hayden. Meu irmãozinho. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ele me encarava, abismado com o que eu acabara de fazer.

“Saeris, corra!” ele sibilou. *"Ir!"*

Mas o capitão riu. "Os quatro ventos combinados não conseguiriam levá-la para longe o suficiente do meu alcance agora, garoto. Ela acabou de matar

dois guardas da Rainha e mutilar outro. A sentença de morte dela já foi assinada."

"Não! Parem! Me levem! Fui eu quem roubou..." Hayden correu para a frente, tentando bloquear o caminho do capitão, mas o homem o empurrou bruscamente para a areia.

"Para o bem ou para o mal, ela acabou de salvar sua vida, miserável. Não desperdice sua vida colocando as mãos em um guardião também."

A falange marchou em minha direção, e vi que o capitão estava certo. Eu não podia fugir agora. Eles iam me levar. Iam me matar pelo que eu tinha feito. Mas ainda havia uma chance para o meu irmão. "Vai ficar tudo bem, Hayden", gritei para ele. "Vá ver o velho. Ele vai deixar você ficar com ele agora. Vá, vá. Volto para o jantar, prometo." Era uma mentira descarada, mas qualquer falsa esperança que eu pudesse lhe dar era melhor do que nada. Eu precisava que ele acreditasse que tudo aquilo poderia acabar. Se não acreditasse, nunca faria o que eu mandasse. Ele nos seguiria até os portões, gritando e exigindo que eu fosse libertado. "Você me ouviu? Encontre o velho, Hayden. É importante. Vá até ele. Conte o que aconteceu. Ele precisa saber."

O rosto de Hayden estava coberto de lágrimas. "Eu não vou te deixar."

"Só faça o que eu mando, pelo menos uma vez na vida! *Vai logo, porra!* Não preciso da sua ajuda. Não *quero* você me seguindo, chorando feito um pirralho que precisa de mão dada o tempo todo." Era duro, mas às vezes as coisas cruéis que dizíamos serviam para o propósito mais gentil.

A raiva brilhou nos olhos de Hayden, exatamente como eu esperava. Ele cerrou o maxilar, os braços caíram ao lado do corpo, e minha bolsa caiu na areia. "Eu não sabia que era um fardo tão grande", sussurrou.

"Bem, você é, Hayden. A vida inteira, é só isso que você foi. Agora me deixe em paz. Não me siga. *Não* venha me procurar. *VÁ!*

4

O PREÇO

Eu sonhava em visitar o palácio quando era criança. Eu fantasiava que seria escolhida de alguma forma, parada na rua e informada de que a Rainha Madra havia *me notado* , uma vadia de rua comum do Terceiro Império, e havia decidido que me queria como dama de companhia. Eu receberia lindos vestidos para usar e flores exóticas para o meu cabelo, e teria centenas de frascos de perfume para escolher. Todos os dias, eu jantava com a rainha, e chefs do norte nos presenteavam com banquetes, nossos pratos transbordando de comidas de dar água na boca. Nunca teríamos que comer a mesma refeição duas vezes. Eu beberia apenas o melhor vinho das lojas de Madra, porque eu teria sido a favorita da Rainha, naturalmente, e ela desejaria apenas as coisas mais finas e agradáveis para sua dama de companhia favorita.

À medida que fui crescendo, os devaneios foram evoluindo. Eu ainda era escolhida para ser a dama de companhia de Madra, mas me importava menos com os vestidos e a comida. Eu queria o cargo, *precisava* ser a favorita de Madra, mas não para ser tirada da pobreza e ser mantida como um bichinho de estimação. Eu já tinha sofrido demais até então. Conhecido injustiças demais. Presenciado atos de violência tão indizíveis que toda a minha inocência tinha sido levada embora. Eu precisava ser escolhida pela rainha para poder chegar perto o suficiente para *matá*- la. Eu fantasiava sobre como faria isso todas as noites, quando fechava os olhos. Quando minha mãe foi morta nas ruas e deixada para apodrecer, essas fantasias foram tudo o que me manteve sã.

Eu havia planejado um milhão de maneiras diferentes de garantir uma audiência com a virgem eterna, Nossa Senhora de Zilvaren, a Rainha mais reverenciada nas alturas. Desde me candidatar a um emprego na cozinha até aprender a atuar no teatro itinerante que visitava a cidade durante o Crepúsculo, escalar as muralhas e invadir o palácio, planejei cada possibilidade e eventualidade, e decidi que isso *poderia* ser feito, e *seria* feito. Por *mim.*

Nunca pensei que me encontraria dentro dos limites do palácio nessas circunstâncias, com as mãos amarradas firmemente atrás das costas, as costelas machucadas e rachadas, e um hematoma roxo desabrochando como uma flor morta sob meu olho direito. Eu não deveria estar ofegante em uma caixa minúscula e sem janelas, com um rio de suor escorrendo pelas costas por seis horas seguidas. *Esse* não era o plano, de jeito nenhum.

O Capitão Harron — eu descobrira que esse era o nome do desgraçado — me jogou sem cerimônia na minúscula cela para aguardar a Rainha, e desde então eu andava de um lado para o outro por toda a extensão da cela de

quase dois metros de comprimento, contando os minutos que passavam até se transformarem em horas. Eu contava por contar agora, apenas para afastar os pensamentos sombrios que me assaltavam desde a minha chegada. Eu não seria útil para ninguém se deixasse o medo criar raízes e o pânico se instalar.

Os sinos da cidade tocavam, anunciando o fim do dia, quando o Capitão Harron finalmente voltou para me buscar. Minha boca parecia estar cheia de areia, e eu estava quase delirando com o calor, mas mantive as costas retas e o queixo erguido quando ele entrou na cela. Sua armadura reluzente e bela havia sumido, substituída por uma placa de couro bem oleada no peito, mas a espada ameaçadora com o cabo envolto em tecido ainda estava em seu quadril, sua espada curta embainhada do outro lado. Inclinando-se casualmente contra a parede, ele enfiou os polegares no cinto e me olhou de cima a baixo; não pareceu muito impressionado com o que viu. "Onde você aprendeu a lutar assim?", perguntou.

"Me enforque logo e acabe logo com isso", respondi bruscamente. "Se você não se apressar e começar logo, vai perder a oportunidade."

Ele arqueou uma sobrancelha. "Eu não me daria ao trabalho de tentar escapar."

Revirei os olhos. "Queria dizer que eu estava morrendo de *tédio* aqui."

O Capitão Harron soltou uma risada sem alegria. "Desculpem a demora. Não se preocupem. A Rainha tem muitas maneiras de entreter seus *convidados.* Ela só tinha alguns assuntos para resolver e queria ter certeza de que poderia lhes dar toda a atenção."

"Oooh, que sorte a minha. Estou honrado."

O Capitão fez beicinho, assentindo. "Deveria estar. Sabe quantas pessoas a Rainha Madra se digna a ver pessoalmente hoje em dia?"

"Não muitos? Imagino que ela não tenha tantos amigos."

Harron esfregou a ponta do polegar no punho da espada. "Deixe a língua afiada na porta quando sairmos desta cela. Não vai te ajudar muito para onde estou te levando."

"Você pode se surpreender, Capitão. A maioria das pessoas me acha bem engraçado."

"O senso de humor de Madra é um pouco mais sombrio do que *você está* acostumada, Saeris Fane. Você não quer provocá-la a usá-la por diversão. Mas, por favor, faça o que quiser. Estas são *suas* últimas horas na Cidade Prateada." Ele deu de ombros. "Está pronta para conhecer sua Rainha?"

"Mais pronta do que nunca." Foi um alívio ouvir que minha voz não tremeu. Meu interior estava uma bagunça trêmula e emaranhada enquanto

Harron me pegava pelo braço e me guiava pelos níveis inferiores do palácio. Inspirei e expirei pelo nariz, a força e a pressão do ar nivelados e expirados, mas a técnica normalmente estabilizadora não fez nada para acalmar meus nervos.

Vinte e quatro anos.

Esse foi todo o tempo que me foi dado nesta existência amaldiçoada.

Apesar de quão difícil, miserável, quente e frustrante tudo isso tenha sido, eu estranhamente esperava por mais daquilo.

Subimos escadas intermináveis, com Harron me cutucando na lombar quando eu tropeçava ou tropeçava em algum degrau. Assim que chegamos à superfície, o palácio propriamente dito se estendia à nossa frente, com tetos abobadados, alcovas arqueadas e pinturas perturbadoramente realistas retratando os rostos sisudos de homens e mulheres que eu presumia serem os predecessores de Madra. Eu nunca tinha visto nada tão grandioso antes, mas minha cabeça girava, pontos negros dançavam em minha visão, e eu não conseguia reunir energia para apreciar nada daquilo. E eu *estava* sendo levada para a morte. Engraçado como a própria morte iminente rouba de uma garota o desejo de apreciar a paisagem.

Nossa caminhada pelo palácio pareceu durar uma eternidade, mas, na verdade, eu estava me movendo tão devagar que Harron ameaçou me jogar por cima do ombro e me carregar três vezes. Quando cambaleei, o corredor cavernoso girando ao meu redor em um borrão de luz e cor, Harron me arrastou bruscamente para me levantar, mas então me surpreendeu enfiando um cantil de água na minha barriga.

Peguei, desatarraxando a tampa o mais rápido que meus dedos trêmulos conseguiram. "Estou chocado. Desperdiçando água com os mortos?" "Tem razão. Devolva", ele rosnou.

Mas eu já estava bebendo. Estava com tanta sede, tão desesperadamente desidratado, que a água parecia fogo líquido ao descer, mas não prestei atenção à queimadura. Engoli, engoli, engoli, ofegando pelo nariz enquanto lutava para respirar em meio ao fluxo.

"Tudo bem, tudo bem. Já chega. Você vai se afogar", avisou Harron. Como não devolvi o cantil, ele tentou arrancá-lo das minhas mãos, mas recuei, saindo do seu alcance. "Você vai beber essa porcaria toda", resmungou.

Esse comentário foi o que finalmente me fez abaixar o cantil. "Ah? Deixa eu adivinhar. Você vai ter que ir até uma torneira em algum lugar para enchê-

lo agora, tá, Harron? Meu coração sangra por você. Me diz, você já teve que tentar sobreviver um dia com o racionamento de água que Madra tem?"

“ Os subsídios de água da *Rainha* Madra são mais do que generosos—”

"Não estou falando do Hub nem de nenhuma das alas internas chiques. Você sabe quanto ela *nos dá* de bebida por dia? No Terceiro?"

“Tenho certeza de que é o suficiente—”

“Seis onças.” Enfiei o cantil de água em seu O estômago dele estava tão duro que sua respiração fez um som de *"uuuu"* ao sair do corpo. " *Seis ... onças.* E nossa água não vem de uma torneira. Vem de um reservatório que se enche com o seu escoamento. Você entende o que isso significa?"

“Há um processo de filtragem—”

"Tem uma *grade* ", rosnei. "Ela retém os sólidos ."

O rosto de Harron permaneceu impassível, mas pensei ter captado um lampejo de algo próximo ao desgosto em seus olhos. Ele endireitou os ombros, depois balançou a cabeça, passando a alça do cantil pelo peito. "Se os conselheiros da Rainha acham que esse sistema funciona para o Terceiro, então tenho certeza de que funciona. E olhe para você. Você me parece bem saudável."

A confissão estava ali, na ponta da minha língua. " *Se pareço saudável para você, é porque roubei dos reservatórios de água do Hub a vida toda."*

Guardei as palavras atrás dos dentes. Eu já estava atolado até o pescoço na merda e não precisava adicionar roubo de água às minhas acusações. E ainda havia Hayden e Elroy para pensar. Eles ainda precisariam extrair água para sobreviver, e não conseguiriam fazer isso se os guardiões suspeitassem, por um segundo que fosse, que tal crime fosse possível.

Harron me empurrou para a frente novamente, mas desta vez, quando andei, o chão de pedra estava um pouco mais firme sob as solas das minhas botas. "Vocês andam por aí com esses sacos de peste presos aos cintos", eu disse. "Dizem que nossa ala está tão fechada porque estamos em quarentena. Dizem que estamos acometidos por uma doença. Que somos contagiosos. Mas não somos, Capitão. Estamos sendo envenenados lenta e metodicamente porque não importamos. Porque fazemos perguntas. Porque dizemos não. Porque Madra nos vê como um fardo para a cidade. Ela nos alimenta com água suja e fétida, e morremos aos montes por causa disso. Enquanto isso, você e os seus giram a manivela, e água fresca e limpa flui para os seus recipientes. Ninguém em pé sobre vocês, olhando por cima do ombro, batendo em vocês e dizendo chega. Vocês já se perguntaram por que—"

“Não sou pago para perguntar *nada* ”, interrompeu Harron em tom seco.

Não, claro que não. Como eu disse. Faça uma pergunta e será enviado para a Terceira. Não é doença que contagia na minha ala, Capitão. É *dissidência.* Anarquia e rebelião se espalham como um incêndio. E o que se faz com o fogo? Você o bloqueia. Prende-o atrás de um muro. Não lhe dá para onde ir até que se apague e morra em silêncio. É isso que Madra está fazendo com o meu povo. Só que nosso fogo não se apagou como ela esperava. Fomos reduzidos a brasas, sim, mas as brasas que jazem sob as cinzas da minha ala ainda estão quentes o suficiente para queimar. Você entende de metalurgia, Capitão? Eu entendo. É sob as condições mais insuportáveis que as armas mais afiadas e perigosas são forjadas. E nós *somos* perigosos, Capitão. Ela nos transformou *em* armas. É por *isso* que ela não permite que meu povo viva.

Harron ficou em silêncio por um longo tempo. Então, disse: "Só ande".

O ar dançava com o calor enquanto atravessávamos um pátio interno. Respirei aliviado quando reentramos no prédio por um arco com ameias, feliz por estar de volta à sombra. Harron se recusou a falar novamente enquanto me conduzia em direção ao nosso destino. Passamos por alcovas e corredores intermináveis, mas ele não parou de cravar o cabo da espada em minhas costas até chegarmos a um conjunto de portas altas de madeira escura, três vezes a minha altura e pelo menos oito vezes mais largas. O capitão tirou do bolso uma chave de ferro pesada e enferrujada e a inseriu na fechadura.

Por que uma sala dentro da fortaleza de Madra precisaria de uma porta tão imponente e por que precisaria ser mantida trancada? Eu queria saber, mas não perguntei. Era improvável que Harron me desse uma resposta, e eu descobriria em breve, de qualquer forma. Eu provavelmente estava prestes a ser jogado para uma matilha de gatos do inferno. Um formigamento inquieto perfurou minhas orelhas quando Harron me empurrou através das portas. O ar na grande sala abobadada além não era mais frio do que em qualquer outro lugar do palácio, mas havia uma qualidade estranha nele, como se estivesse mais denso do que o normal e não tivesse sido perturbado há muito tempo. Meus pés pareciam estar caminhando pela areia movediça enquanto eu prosseguia pela escuridão em direção a uma tocha acesa solitária pendurada na parede.

Enfileiradas, enormes colunas de arenito preenchiam o espaço cavernoso, com pelo menos trinta delas sustentando o teto de contraforte no alto. Nossos passos ecoavam pelo salão, com Harron me guiando pelo ombro. Achei que o salão estivesse completamente vazio, mas, à medida que nos aproximávamos da chama bruxuleante que lançava sombras pela parede, vi uma série de degraus de pedra que levavam a uma plataforma elevada e empoeirada.

Algo longo e estreito se projetava da plataforma. De longe, parecia uma espécie de alavanca. Eu não conseguia desviar o olhar. Minha atenção parecia estar presa na sombra, e por mais que eu tentasse, não conseguia desviar o olhar. Quanto mais nos aproximávamos, mais concentrado eu ficava. Era como se a plataforma me atraísse, me chamando para frente...

"Eu não faria isso se fosse você." Harron me puxou para longe da plataforma, de volta para a tocha acesa; eu nem tinha percebido que havia mudado de curso e estava indo direto para os degraus de pedra. Por um instante, me perdi, mas o som da voz baixa e tranquila do capitão me trouxe de volta à realidade.

De repente, comecei a me sentir um pouco enjoado. A água que eu havia bebido do cantil do Harron revirou no meu estômago, minha boca suando desagradavelmente, mas engoli a sensação, determinado a não dar ao babaca a satisfação de saber que ele estava certo quando me disse para não beber tão rápido. "Que lugar é esse?", sussurrei.

"Costumava ser um salão de espelhos", respondeu o capitão. "Mas isso foi há muito tempo. Fique parado. E nem pense em tentar escapar. Este lugar está lotado de guardas. Você não vai conseguir passar um metro e meio daquela porta agora." Ele se moveu para trás de mim e agarrou meus pulsos, amarrando-os firmemente com mãos ásperas. "Ali. Não *se* mexa." Ele pegou a tocha da parede e me lançou um olhar severo, metade de suas feições orgulhosas mergulhadas na escuridão pela chama.

Ele então acendeu outras tochas ao longo da parede. Logo havia pelo menos dez delas lançando círculos de luz dourada que revelavam os rostos severos de deuses há muito esquecidos, esculpidos na alvenaria das paredes. Entre elas, as únicas duas que reconheci foram Balea e Min, a personificação física dos sóis de Zilvaren — irmãs gêmeas, idênticas na aparência, belas e cruéis. As irmãs me encararam com indiferença majestosa enquanto Harron terminava sua tarefa. Mesmo com as tochas adicionais acesas, o salão era tão vasto que a escuridão ainda lambia as paredes e se aproximava da alvenaria como se testasse os limites da luz, tentando afastá-la.

Fiz o meu melhor para não olhar para os degraus, a plataforma ou a alavanca. Segui a forma sem bordas e borrada que era Harron enquanto ele retornava, mas mesmo assim, meus olhos continuaram vagando, atraídos de volta para os degraus.

O silêncio vibrava em meus ouvidos — uma sensação estranha e inquietante, como os momentos após um grito, quando o som terrível rasga o ar em dois, e por uma fração de segundo depois, a lembrança dele paira ali, determinada a continuar sendo ouvida. Me vi me esforçando, ouvindo o mais atentamente que podia, em busca de uma voz que não estava ali.

Harron estava parado na minha frente, com o cabelo castanho-escuro pintado com mechas acobreadas sob a luz da tocha. Ele abriu a boca para falar, e...

"Ouvi rumores", disse uma voz fria. Era rica e grave, embora inegavelmente feminina. Assustei-me, procurando a fonte. Não ouvira a porta se abrir novamente, e não ouvira passos ecoando contra a pedra, mas havia mais alguém no salão conosco agora. A Rainha Madra emergiu da escuridão como se fosse feita dela. Diziam que ela era jovem. Linda. Magnífica de se ver. Eu a vira de longe, mas nunca tão de perto. Era difícil compreender como alguém que governara por tanto tempo pudesse ter aquela aparência.

Sua pele era clara e impecável, suas bochechas rosadas. Seu cabelo era da cor de ouro fiado, espesso e trançado em nós complexos. Olhos azuis brilhantes, rápidos e inteligentes me observaram enquanto ela se aproximava. Ela era certamente linda. Mais linda do que qualquer mulher que eu já tivesse visto. Seu vestido era de um azul-safira profundo e rico, feito de um tecido de seda deslumbrante que eu nunca tinha visto antes. Ela era uma coisa delicada e graciosa, mas, assim como tudo naquele salão estranho, havia algo de estranho nela.

Ela me lançou um sorriso sedutor ao se aproximar, girando distraidamente uma pulseira de ouro no pulso. Harron desviou o olhar, curvando a cabeça quando a Rainha olhou para ele. Sua deferência pareceu agradá-la. Ela colocou uma mão familiar em seu ombro, tendo que se esticar para fazê-lo, e então se virou para mim.

"Rumores são coisas perversas", disse ela. Um momento antes, sua voz soava mais baixa, cheia de reverberações, mas de alguma forma havia se alterado, e agora estava alta e brilhante, tão clara e agradável quanto o tilintar de um dos sinos de vidro de Elroy. Não havia raiva no rosto de Madra. Na verdade, sua expressão era de curiosidade misturada a um leve divertimento. Os cantos de sua boca se ergueram novamente, seus olhos brilhando,

beirando a gentileza. "Não gosto de rumores, Saeris Fane. Rumores são vizinhos de porta das fofocas, e fofocas *sempre* se completam com mentiras. É assim que essas coisas são."

Ela andava em círculos ao meu redor, aqueles olhos azuis ágeis me absorvendo por inteiro. "Peço desculpas pelas algemas, mas também não gosto muito de ratos de baixa linhagem do Terceiro Mundo. Nunca se sabe onde as mãos deles estiveram. No mínimo, estão sempre sujas, e é muito difícil tirar manchas de cetim."

Ratos de baixa estatura.

Seu sorriso era acolhedor, assim como a suavidade do seu olhar, mas suas palavras diziam a verdade, pelo menos. Ela inclinou a cabeça para trás, expondo a coluna do pescoço enquanto me observava melhor. Diamantes brilhavam em suas orelhas, e a gargantilha que circundava seu pescoço pingava joias brilhantes para as quais eu nem sabia o nome. Ela não usava coroa, o que parecia estranho considerando os outros adornos com que estava enfeitada. "Harron aqui me disse que você me roubou hoje. Ele me disse que você *assassinou* dois dos meus guardiões?"

Eu não disse nada. Eu ainda não tinha sido convidado a falar e sabia como essas coisas funcionavam. Eu já tinha recebido golpes indiretos suficientes dos guardiões para saber que não deveria dar um pio até que me mandassem diretamente abrir a boca. Madra bufou, arqueando uma sobrancelha irônica para mim enquanto seu sorriso se alargava. Tive a impressão de que ela estava decepcionada e queria que eu quebrasse o decoro. "Roubo de propriedade da coroa é uma acusação séria, Saeris, mas chegaremos à armadura que você pegou em breve. Primeiro, você explicará como conseguiu derrotar dois dos meus homens. Você me dirá quem te ensinou a empunhar uma espada. Você me dará detalhes. Nomes. Locais de encontro. Tudo o que você sabe. E quando terminar, se eu achar que você foi honesto, providenciarei a redução de parte da sua pena. Vá em frente", ela ordenou.

Virando as costas para mim, ela começou a andar de um lado para o outro ao longo do muro, olhando para as pedras, para as tochas, para o teto, esperando que eu falasse.

"Vá em frente", sibilou Harron entre dentes. "Procrastinar não vai ajudar em nada, garanto."

"Está tudo bem, Harron. Deixe que ela organize suas mentiras. Não importa. Eu vou desfiar a teia dela enquanto ela a tece."

Uma gota de suor escorreu pela minha têmpora, escorrendo pela minha bochecha, mas eu me vi tremendo apesar do calor sufocante. Eu queria olhar

para a plataforma elevada. Com cada fibra do meu ser, eu estava desesperada para olhar. Precisei de cada grama de força que eu possuía, mas consegui manter meus olhos fixos em Madra. "Eu aprendi sozinha", eu disse. "Eu fiz uma espada de madeira para praticar e treinei sozinha." A Rainha Madra bufou.

Esperei para ver se ela diria alguma coisa — ela claramente estava *pensando* muito —, mas ela ergueu as sobrancelhas em um sinal silencioso para continuar.

"É só isso", eu disse. "Ninguém me treinou."

"Mentiroso", ronronou a rainha. "Meus guardiões são guerreiros experientes. Incomparáveis quando se trata de esgrima. Você aprendeu a usar uma arma, e eu quero saber por quem."

“Eu já te disse—”

A mão da rainha se estendeu, rápida como um raio. Batendo na minha bochecha com toda a força, o estalo resultante ecoou pelo salão vazio quando sua palma tocou minha pele. A dor explodiu no meu maxilar, subindo até a têmpora. Droga, como *doeu.*

"Foram os Fae, não foram?", sibilou ela. "Eles encontraram uma maneira de passar. Finalmente vieram me buscar?"

Ela me atingiu com força, mas não *tanto* . Eu não deveria estar ouvindo coisas. Mas parecia que sim, porque, por mais que eu tentasse, parecia que ela tinha acabado de dizer " *a Fada"*. "Não sei o que você quer dizer." Olhei para Harron, tentando decifrar pela expressão dele se ela estava brincando comigo, mas sua expressão era vazia. Ilegível.

"O que há para não entender?" As palavras ásperas da rainha pingavam gelo.

"Eu ouvi histórias. Mas..." Eu não sabia bem o que dizer. Ela estava louca? Ela também acreditava em unicórnios? Em terras perdidas que existiram milênios atrás, engolidas pelo deserto? Em fantasmas e deuses esquecidos? Nada daquilo era real.

Como se lesse minha mente, a rainha deu um sorriso irônico e lento. "Os Fae eram belicosos. Canibais. Criaturas bestiais sem temperança, senso de moralidade ou qualquer noção de misericórdia. Os Imortais mais antigos despejaram sua ira sobre a terra com punho de ferro, deixando um rastro de caos e destruição em seu rastro. As sete cidades se alegraram quando eu os expulsei. E agora eles enviaram você para tentar me matar?"

“Eu lhes asseguro que ninguém me enviou para fazer algo assim.”

Madra me dispensou com um estalo entediado. "Eles querem esta terra, eu presumo. Diga-me, o que farão se eu não lhes devolver estas dunas de areia áridas, inúteis e estéreis?", perguntou ela, cética.

“Eu já te disse—”

"PARE... *de mentir* ", rosnou a rainha. "Apenas responda à pergunta. Os Fae querem vir e tomar estas terras de mim. O que você acha que eles terão que fazer para tomar o meu trono?"

Parecia uma pergunta capciosa. Uma que eu sabia que não devia responder. Mas eu precisava dizer uma coisa a ela. Ela estava claramente desequilibrada, e optar por protestar minha inocência nesse aspecto claramente não me levaria a lugar nenhum. "Vou te matar", eu disse.

"E como eles planejam fazer isso?" Ela pareceu genuinamente interessada em como eu responderia a *essa* pergunta.

"E-eu não sei. Não tenho certeza."

"Hmm." Madra assentiu, ainda andando de um lado para o outro, parecendo pensar profundamente. "Parece-me que os Fae não pensaram realmente em como poderiam destruir uma imortal, Saeris. Parece que os Fae são imprudentes e mal preparados para lidar com alguém como eu." Suas saias coloridas farfalharam enquanto ela se aproximava. "Direi que a confusão que você causou hoje *foi* um pouco emocionante. Senti um arrepio de..." Ela olhou para os arcos ameados acima, franzindo a testa. Era como se estivesse buscando uma palavra que lhe escapava. Ela deu de ombros, baixando o olhar. "Acho que estou apenas *entediada* ", disse ela. "Tanto tempo no poder. Nenhuma ameaça real ao trono. Nada para fazer além de beber vinho e massacrar camponeses por diversão. Por um segundo, você me fez pensar..." Nem mesmo o sorriso largo e frio que ela exibia manchava sua beleza. Talvez se as mulheres do Terceiro tivessem os mesmos luxos que Madra desfrutou, elas seriam tão bonitas quanto ela, mas, do jeito que estava, mesmo rancorosa e fria, ela ainda era a criatura mais adorável que eu já tinha visto.

Ela se virou de repente, abrindo os braços e rindo secamente enquanto gesticulava para o cômodo ao seu redor. "É por isso que nos encontramos aqui, é claro. Eu precisava ver com meus próprios olhos se este lugar permaneceria intocado. Os feéricos banidos não podem retornar enquanto tudo permanecer igual aqui, entende? Eu *sabia que* nada teria mudado, mas tenho o péssimo hábito de deixar a paranoia me dominar."

Ela ficou séria. Uma jovem elegante num vestido elegante, mimada e mimada demais — mas algo antigo e malicioso espreitava por trás de seus

brilhantes olhos azuis. "Eu já deveria saber que não devo me entregar à ralé, Harron." Ela se dirigiu ao capitão, mas seus olhos *me perfuraram* ...

"Ralé de fato, Majestade", disse Harron rigidamente. "Mas é dever de uma rainha proteger seu povo. É justo que investigue as ameaças contra Zilvaren."

Bajulador, bajulador e bajulador. O Harron que conheci nas ruas do Terceiro Mundo não estava em lugar nenhum, nem o homem que me arrastou das masmorras, esperneando e gritando. Essa versão do capitão era mansa e diminuída. Amedrontada por razões que eu não conseguia discernir.

Madra também não pareceu muito impressionada com o sorriso afetado dele. Seus lábios se contraíram em cada canto, erguendo-se apenas um pouco. "Lide com ela, Harron. Quando terminar, volte para onde a encontrou e extermine o resto do povo dela." Meu povo.

Ela não quis dizer...

Uma onda de pânico me tomou. "Não. Meu irmão... eu te disse. Ele não teve nada a ver com a manopla. Eu juro..."

O rosto da rainha estava inexpressivo quando ela estendeu a mão e passou o dedo indicador pela minha bochecha. Eu estava encharcado de suor. O ar fedia com o meu medo, mas a mulher à minha frente era impermeável. Sua pele, perfeita e tão pálida, não transpirava nada. "Você é um rato", disse ela simplesmente. "Ratos são uma perdição eterna para uma cidade, é verdade. Você pode matar um, mas já será tarde demais. Ele terá rejeitado mais dez antes de chegar até você. Mais dez ratos grotescos e gordos, roendo grãos que não lhes pertencem, contaminando água que não tem o direito de beber. A única maneira de lidar com um ninho de ratos é caçá-lo e expelir seus ocupantes com fumaça. Mesmo que não haja feéricos na Cidade Prateada, alguém o treinou. Alguém lhe mostrou como ferir e matar meus homens. Você acha que deixaríamos uma forma de rebelião tão insidiosa se alastrar? Oh, não." Ela mostrou os dentes, agarrando meu queixo, suas unhas de repente ficaram afiadas demais, longas demais, cravando-se em minha pele.

"Você *tirou* algo meu, garota, e eu não estou no ramo de deixar isso passar. Então, vou tirar de você. Primeiro, sua vida. Depois, farei uma coluna de fumaça gordurosa daqueles que são importantes para você, e quando eles se forem, destruirei a Terceira Ala. Pelos próximos cem anos, qualquer um tolo o suficiente para pensar duas vezes antes de me roubar se lembrará do dia sombrio em que Saeris Fane ofendeu a coroa Zilvaren e cem mil pessoas pagaram o preço."

5

HEREGE

Uma queimada por minha causa. Cem mil pessoas viraram cinzas e ossos. Ela não estava falando sério. Elroy me contou como eles mataram vacas uma vez. Eles as atingiram na testa com um dardo perfurante, pegando-as de surpresa. Foi assim que minha culpa me atingiu logo após a promessa da Rainha: do nada. Bem no meio dos olhos.

A Rainha Madra girou, seu vestido farfalhando, a cor mudando como o brilho de uma mancha de óleo, e começou a atravessar o vasto salão, com os pés silenciosos. "Faça-a cantar, Harron. Quero ouvir sua música ecoando das masmorras para as torres. Faz muito tempo que não ouvimos algo doce."

Doente. Distorcida. Era isso que ela era. O rosto belo de Madra enganara a muitos, mas um buraco escuro e feio se escondia por trás da máscara que ela usava. Eu vi. Eu senti em suas palavras. Os incontáveis horrores que aquela mulher havia comandado com aquela voz doce e cadenciada...

Os olhos de Harron estavam vidrados quando ele estendeu a mão para pegar a espada. O som da lâmina raspando na bainha preencheu o ar enquanto ele desembainhava a arma. Ele não demonstrava remorso. Nenhum arrependimento. Qualquer compaixão que ele pudesse ter sentido por mim enquanto me arrastava para cima, das celas, havia desaparecido, substituída por... *nada.*

Quando ele veio atrás de mim, ele veio rápido e silenciosamente.

Acabaria do mesmo jeito, então. Minha vida, perdida num piscar de olhos, meu grito cortado na garganta antes que pudesse encontrar o ar. Mas Madra *queria que* meus gritos inundassem o palácio. Ela disse isso, e Harron foi sua criatura até o fim. Eu estava impotente para detê-lo quando ele me agarrou. Com meus pulsos ainda amarrados, eu não tinha como me defender. Mirei um chute em seu estômago, apoiando meu peso sobre ele, mas ele desviou o golpe, se contorcendo, com uma expressão de desprezo entediado.

"Isso não significa nada para você, não é? Tirar uma vida inocente."

Um lampejo de algo passou por seu rosto. Não empatia. Mais... exaustão. "Você não é inocente. Você é um ladrão", respondeu ele, secamente. Sua mão agarrou meu braço, como um torno de ferro. Tentei firmar meus calcanhares para retardar seu avanço enquanto ele me arrastava pelo corredor, mas a pedra sob meus pés estava muito escorregadia.

"A Terceira está cheia de ladrões", cuspi. "É a única opção que temos. Pegamos mais do que nos é dado, ou morremos. É uma decisão fácil. Você faria o mesmo se isso significasse a diferença entre a vida e a morte."

"Não presuma saber para onde aponta minha bússola moral, garota." Ele me puxou para frente, rosnando quando tentei me soltar. Meu ombro latejava, prometendo se deslocar se eu distendesse ainda mais a articulação, mas havia muitas coisas que eu faria para sobreviver e roubar era a menor delas. Se arrancar meu ombro do lugar me desse a oportunidade de correr, então eu suportaria a dor.

"Fácil julgar... de uma posição privilegiada", resmunguei. "Mas quando sua família... está morrendo..."

"A morte é uma porta aberta que deve ser atravessada. Do outro lado dela está a paz. Considere-se sortudo por conseguir fazer essa jornada." Empurrando-me para a frente, ele me jogou no chão. Caí de lado com força, minha cabeça batendo na pedra e faíscas explodindo atrás dos meus olhos. Por um momento, tudo o que consegui fazer foi ofegar em meio à dor lancinante. Minha visão clareou bem a tempo de eu registrar Harron erguendo sua espada.

"Se serve de alguma coisa, *sinto* muito", disse ele. E então desceu a lâmina.

Um raio abriu caminho pelo meu lado e subiu até o meu cérebro. Incandescente, a sensação transcendia a dor. Era mais. Uma agonia crua, como eu nunca havia experimentado, estilhaçou minha mente enquanto o horror se intensificava. Eu nem sabia que existia uma dor como aquela. Uma onda de calor úmido se espalhou pelo meu estômago. Olhei para baixo e imediatamente desejei não ter visto. A lâmina de Harron estava enterrada no meu estômago, o metal afundando fundo. As sobrancelhas do capitão se uniram por um breve segundo — o menor lampejo de algo ao qual ele se recusava a ceder — e então suas feições se suavizaram. "Pronta, Saeris?" Ele fechou as duas mãos em volta do punho da espada. "Esta é a parte em que você grita." E então ele se torceu...

Uma muralha de som e pânico me rasgou, em excesso, o medo e a queimação cruel em minhas entranhas subjugando meus sentidos. Como um animal selvagem preso em uma armadilha, eu me contorcia e me contorcia, desesperado para escapar, mas os laços que prendiam minhas mãos atrás das costas ficavam mais apertados quanto mais eu puxava, e Harron apenas torcera sua lâmina prateada reluzente. Ele não a puxara. Eu estava cravado na pedra, e nenhuma quantidade de pancadas consertaria isso.

Dei a Madra a música que ela pediu. Gritei até sentir gosto de sangue e minha garganta doer. Só quando comecei a engasgar com sangue é que percebi que estava tossindo. O sangue saiu da minha boca em um jato quente que não parava de fluir.

"Eu sei que dói", murmura Harron. "Mas é temporário. Vai passar logo."

Enquanto ele se inclinava sobre mim, tirando uma bela adaga gravada de uma bainha em sua coxa, agarrei-me àquelas palavras. Em breve, isso acabaria. Eu afundaria no esquecimento. Eu não acreditava em vida após a morte, mas o nada me serviria.

EU-

Fogo irrompeu abaixo da minha clavícula. Eu não conseguia respirar. Por um instante, pensei que ele tivesse me dado um soco, mas não. Sua adaga se projetava do meu ombro. Um uivo áspero ecoou pelo salão, ficando cada vez mais alto a cada repetição. Era um som desumano, arrepiante e lamentável.

Escapar.

Escapar.

Escapar.

Não havia espaço para pensar na palavra.

Eu não

pude— Eu

tive que—

EU-

ESCAPAR!

"Você tem sorte. Isto é mais rápido do que será para os outros", disse Harron suavemente. Havia um toque de gentileza em seu tom; ele sacou outra adaga e olhou para ela, examinando o fio. "Eles vão queimar ou morrer sufocados. Feridas no estômago são dolorosas, sim, mas eu fiz esta rápida para você. Agora..." Ele balançou a cabeça, virando a lâmina em sua mão. "Um último grito, realmente bom, para a rainha, e nós a colocaremos a caminho, tudo bem?"

A adaga brilhou, rápida como um raio. Harron a empurrou para baixo, com a intenção de cravá-la com a ponta no meu outro ombro, mas... algo aconteceu. A ponta de metal congelou a poucos centímetros da minha camisa imunda e rasgada, pairando acima de mim. Ele... ele segurou a mão?

Engasguei com outro gole de sangue, lutando para engoli-lo de volta, para respirar. Quando olhei para Harron, seus olhos estavam arregalados, mais alertas do que um momento antes. Ele me encarou, sua descrença clara como o dia. Tremendo com o esforço, ele usava as duas mãos agora, lutando para cravar a faca.

"Como... você está fazendo isso?", ele resmungou. "Isso... não... é... possível."

Eu não conseguia responder. Eu era um pavio em chamas, consumido pela dor, mas havia algo dentro de mim, algo frio, calmo e feito de ferro, que se ergueu e *reivindicou* a faca de Harron como sua.

A quietude queria a lâmina, e então a pegou. Como se eu tivesse uma terceira mão invisível, estendi a mão em direção à adaga e a envolvi com minha vontade. A arma tremeu, sua ponta estremeceu.

"Pare", ele sussurrou. "Isso é *heresia."*

Eu não conseguia parar. Não tinha controle sobre o que estava acontecendo. Queria desesperadamente a adaga para longe de mim, então a forcei mentalmente, ordenando que...

Harron ofegou quando a adaga brilhou em brasa. O metal guinchou em meus ouvidos — um som horrível, pavoroso, que me feriu até a alma. O som da loucura. Rangendo os dentes, respondi à voz dentro de mim, ordenando-me que *desfizesse* a adaga, como se tal coisa fosse possível. E era. Quase tão atordoado quanto Harron, observei a faca se liquefazer na mão enluvada do capitão e escorrer por seus dedos em filetes de prata ondulante.

"Magia... *herética!* ", Harron ofegou. Tentou se esquivar, mas perdeu o equilíbrio, caindo de bunda para trás, com as botas chutando a pedra enquanto lutava para escapar. "Onde você aprendeu a... não. *Não!"*

O terror tomou conta do capitão. Ele olhou ao redor, com os olhos arregalados e a respiração ofegante, enquanto os finos jatos de líquido metálico que outrora fora sua arma rolavam em sua direção, acumulando-se e divergindo, como se o estivessem buscando. Como se estivessem *vivos.*

"Acabe com isso", ofegou Harron. "Mesmo que me leve, você não vai escapar do palácio. Você está sangrando até a morte, de qualquer jeito. Você já está morto!"

Um peso estranho e ondulante se moveu em meu estômago. Eu mal conseguia senti-lo por cima da dor, mas sentia que algo calmo e desconhecido dentro de mim voltava a se concentrar em mim. Era uma pergunta. Eu queria interromper qualquer curso que eu tivesse traçado para a faca de outrora? Seria fácil. Parar de contê-la. Para dominá-la. Porque *era* perigoso. Havia coisas que ela podia *fazer*. Eu não sabia o quê, mas...

Eu iria descobrir.

Harron estava certo. Eu já *estava* morto. Ninguém sobreviveria aos ferimentos que ele me infligiu. Mas Hayden ainda estava vivo. Elroy. Talvez até Vorath, embora o grito que veio de sua loja enquanto eu fugia sugerisse o contrário. Enquanto meus amigos ainda estivessem vivos, eu tinha todos os motivos para machucar Harron. E se o metal fluido que eu havia criado a partir da adaga com a qual ele planejara me esfaquear pudesse impedi-lo de machucar as pessoas com quem eu me importava, então eu o usaria para machucá-lo primeiro.

Eu não conseguia mais falar. Não conseguia me mexer. Estava tão tonto que o vasto salão balançava para cima e para baixo como se eu estivesse bêbado... mas eu ainda não tinha terminado. Eu tinha força suficiente para *continuar* .

Madra teria que encontrar outra pessoa para assassinar meu povo. Ela tinha um suprimento infinito de guardiões mais do que dispostos a cumprir suas ordens, mas este homem não estaria entre eles. Harron não seria o único a derramar o sangue de Hayden ou Elroy, como havia derramado o meu. Eu sabia que poderia acabar com ele com aquele metal estranho e faminto se quisesse. E por que não deveria? A vida não era justa. Eu nunca imaginei que fosse, mas eu acreditava que se colhe o que se planta nesta cidade, e isso significava que Harron, Capitão da guarda de Madra, tinha uma dívida que precisava saldar antes que eu morresse.

"Saeris? Saeris! Pare com isso! Você não... você não *entende* ..."

"Ah, mas eu quero", resmunguei. "Você espera que eu morra pelas suas mãos, mas..." Segurei a barriga enquanto tossia, cuspindo mais um gole de sangue. "Você não quer vir comigo por aquela porta que mencionou, quer, Capitão?"

"Não posso ir. Ela não me *deixa* !" Harron tinha bastante espaço para fugir, mas o homem estava congelado, os músculos tensos, petrificado demais para se mover um centímetro. Ele gemeu enquanto os fios prateados e vibrantes se ramificavam como os afluentes dos rios que eu admirava nos livros da biblioteca e começavam a subir pela ponta de sua bota de couro.

O que aconteceria com ele?

Não importava muito. Ele ia sofrer do mesmo jeito que me fez sofrer. Eu estava ficando mais fraco a cada segundo, meus ferimentos perdendo sangue a uma velocidade fenomenal. O tempo estava passando. Eu iria embora em breve, mas... a parte teimosa de mim queria que ele morresse primeiro. E eu queria estar de pé sozinha quando isso acontecesse. Então, comecei a trabalhar.

Saeris Fane tinha 24 anos quando morreu. Honestamente, ela deveria ter morrido muito antes, mas a garota nunca sabia *quando desistir.*

Meu epitáfio seria curto e conciso. Elroy cuidaria de algo por mim, desde que sobrevivesse a tudo isso. Enquanto isso, eu arrastaria meu traseiro sangrando para fora daquele chão duro e observaria o que viria a seguir.

Eu estava suando, com as pernas bambas e enjoado quando finalmente consegui me levantar. Ofegando pesadamente, dei um passo cambaleante em direção ao capitão e percebi o quão difícil seria permanecer consciente. Eu era um alfinete (temporariamente) vivo e respirando. A espada de Harron e sua outra adaga ainda estavam espetadas em mim. Era um milagre a espada ainda não ter caído. O peso dela se contorcendo dentro de mim era insuportável, mas contive os gritos enquanto cambaleava, arrastando-me com os pés gelados em direção a Harron.

Freneticamente, ele bateu nas pernas da calça, roçando o tecido com um movimento amplo, embora com muito cuidado para não tocar na prata derretida ao mesmo tempo. "Monstro", sibilou. "Você vai acabar com o mundo com isso. N-não deixe que ele me leve. P-por favor!"

O que ele esperava? Teria me ouvido quando eu implorava pela minha vida? Teria tido pena de mim logo antes de cravar a espada na minha barriga? Não. Eu não tinha noção do que estava fazendo, mas se aquele era um presente que acabaria com o mundo, ótimo. Que se dane esta cidade e que se dane este mundo. Minha família já estava condenada, e o que me importava com os outros? Se Harron estivesse dizendo a verdade, então eu estaria fazendo um favor ao resto das pessoas do Terceiro Mundo.

As tochas repousadas nos castiçais ardiam, rugindo enquanto suas chamas dançavam e saltavam, lançando um brilho alaranjado assustador pelas paredes. No chão, os fios prateados persistiam em subir pelas pernas de Harron, sondando, sempre se movendo para cima, em uma missão para encontrar pele.

Como eu sabia disso, eu não conseguia compreender, mas eu sabia que Madra ouviria a música de Harron assim que alcançassem seu objetivo.

“Por favor”, sussurrou Harron.

"Não." A palavra era dura como granito. Olhei para a espada do desgraçado projetando-se do meu peito, desejando poder tirá-la. Que ironia sombria e bela seria acabar com a vida desse filho da mãe com a própria espada, mas eu estaria morto no segundo em que a retirasse, e queria ficar por ali tempo suficiente para ver...

Eu precisava de algo mais. Uma das tochas, talvez. Se eu conseguisse reunir energia para atravessar o corredor e alcançar uma, poderia usá-la para incendiá-lo, do mesmo jeito que ele planejava incendiar o Terceiro. Dei três passos revigorantes e agonizantes antes de notar a *outra* espada à minha esquerda. Eu a vira quando Harron me arrastou para cá, embora não tivesse conseguido distinguir o que era na época. Pensei que fosse algum tipo de alavanca. Mas, tão perto, pude ver que era, de fato, uma espada, enterrada até a metade do cabo no chão.

Só os deuses sabiam se eu teria forças para libertá-lo, mas eu ia tentar.

Havia degraus que levavam à plataforma elevada onde a arma ornamentada havia sido enterrada. Quando me arrastei pelo primeiro degrau, gemendo alto de dor, Harron se libertou de sua histeria. Levantou-se, sua voz ecoando, alta e urgente.

"Saeris, não! *Não* toque na espada. *Não* ... gire a chave!", ofegou ele. " *Não* abra o portão! Você... você não tem ideia do inferno que vai desencadear neste lugar!"

Ele achou que eu me *importaria?*

Minha visão ficou vermelha, uma vida inteira de raiva e injustiça finalmente exigindo retribuição. O inferno já havia se instalado naquele lugar séculos atrás. O que seria um pouco mais de sofrimento?

O segundo degrau em direção à plataforma foi um pouco mais fácil, mas apenas porque era um passo mais perto da morte. Uma sensação fria e entorpecida me invadiu, entorpecendo meus sentidos e nublando meus pensamentos. Eu havia deixado uma poça de sangue no chão atrás de mim, junto com um longo rastro quando me levantei e cambaleei até aqui, mas agora meu coração estava com dificuldade, quase sem sangue para bombear.

Cheguei ao degrau mais alto da plataforma, tonto e exausto. Imediatamente me ajoelhei e vomitei. Queria muito vomitar, mas meu corpo estava desligando. Não conseguia me lembrar como, ou então meu estômago não conseguia se contrair direito com a lâmina de uma espada cortando-o, então cuspi gotas de sangue coagulado no chão liso.

A espada era velha. De alguma forma, senti sua idade no ar — uma pontada de energia que falava de lugares ocultos e antigos.

" *Não* toque nessa espada!", repetiu Harron. Ele entrou em pânico e correu em minha direção, prestes a atingir os degraus. Já havia desistido de golpear os filamentos de prata que se espalhavam por seu peito, subindo lentamente em direção à garganta.

Se ele chegasse ao topo da escada, eu estaria perdido. Ignorando a dor e a visão escurecendo, afundei-me nos calcanhares e virei de costas para a lâmina, apoiando os pulsos no fio da arma ancestral. Eu esperava que estivesse cega — de alguma forma, eu *sabia* que não havia sido tocada por outra criatura viva em séculos —, mas sibilei de surpresa quando a levantei, e a coisa cortou as amarras dos meus pulsos como uma faca quente cortando manteiga.

“Saeris, *não!* ”

Harron quase me pegou. Eu me virei, soltando um grito profano quando *sua* espada se inclinou para a frente e deslizou para fora da minha barriga, caindo ruidosamente no chão. Eu senti então: o afrouxamento bem no centro de mim, como se algo fundamental tivesse se desfeito. Não havia como me recompor agora. *"Vamos acabar logo com isso, então"*, uma vozinha sussurrou no fundo da minha mente em silêncio. Agarrei a velha espada pelo punho, um raio de energia disparando por ambos os braços enquanto a retirava da pedra e a virava para Harron.

Soltei oito palavras, sabendo que seriam as últimas, e apreciando a estupidez delas. "Esta é a parte em que... *você* grita... Capitão." E então me balancei com toda a minha força.

A espada atingiu o ombro de Harron, atravessando sua couraça de couro oleado como se nem estivesse ali, deixando um rastro de sangue vermelho vivo. O latido de dor de Harron ecoou pelo teto abobadado. O ferimento não foi suficiente para matá-lo, mas eu certamente o machuquei. Ele veio até mim, pressionando a mão contra o peito para estancar o próprio fluxo de sangue. Presumi que ele me agarraria novamente, mas desta vez, ele se lançou para a lâmina, com o branco dos olhos à mostra.

"Devolve! Você tem que devolver!"

Era tarde demais para isso. Uma canção não podia ser desfeita. A espada estava livre, e cada parte de mim sabia que ela não voltaria para...

Em...

Eu estava afundando.

O chão que eu presumi ser pedra sólida sob meus pés não era nada disso. A lâmina de Harron havia derretido em uma quantidade respeitável de metal líquido, mas o chão aos meus pés... a *poça* aos meus pés... era mais prateado do que eu jamais vira na vida, e chiava e cuspia como um gato raivoso. Não estava assim há um momento. Era sólido. Agora, amolecia a cada segundo. A massa turva já chegava aos meus tornozelos.

Eu não conseguia soltar minhas botas. A superfície da poça prateada brilhava na penumbra do salão, emitindo uma luz própria. Com meus pés presos no lugar, Harron poderia ter me matado de uma vez por todas, mas os finos fios de prata que haviam sido sua adaga agora alcançavam a gola de seu peitoral e subiam avidamente por sua garganta.

Sua pele estava branca como cinza. "Deuses", ele suspirou. "É tão... ″ Mas não terminou a frase. Seus olhos reviraram e ele começou a tremer.

A poça prateada em que eu estava subia a um ritmo alarmante. Ou estaria apenas ficando mais profunda? Eu não conseguia distinguir a diferença. Meus pensamentos estavam tão dispersos, nenhum deles fazia sentido. Era a perda de sangue. Tinha que ser. Eu morreria em breve, e então tudo estaria acabado.

Hayden. Hayden seria...

A rainha esqueceria.

Eles estariam seguros.

Todos eles seriam...

Minhas pálpebras estavam tão pesadas. A três metros de distância, na base da escada, Harron praguejava, debatendo-se contra um inimigo invisível. Eu o deixaria em sua guerra particular. Era hora de dormir. Eu...

O metal líquido irrompeu sob mim, a prata escorrendo pelas laterais do que agora era claramente uma poça circular. Livre de suas garras e sem nada mais para me segurar, caí de lado nos degraus de pedra, com uma sensação de estalo me sacudindo, embora felizmente não sentisse dor.

Minha visão finalmente estava sumindo. A escuridão se insinuava, rolando diante dos meus olhos como uma névoa da meia-noite. Só que não era névoa. Era outra coisa. Era... *a Morte.*

O desgraçado veio me buscar pessoalmente.

Emergindo da prata, a figura enorme ergueu-se da poça como se ascendesse das profundezas do próprio inferno. Ombros largos. Cabelos negros e úmidos, na altura dos ombros. Alto. Mais alto do que qualquer outro homem que eu já tivesse visto. Seus olhos brilhavam com um verde iridescente e cintilante, a pupila do olho direito contornada pelo mesmo

prateado metálico brilhante que se estendia em tiras da armadura de couro preto que cobria seu peito e braços.

Ele se elevava sobre mim, seus lábios repuxados em um rosnado, revelando dentes brancos e brilhantes e caninos afiados. Em sua mão, ele segurava uma espada monstruosa forjada em metal negro que vibrava com uma energia tempestuosa que cantava na medula dos meus ossos. Ele ergueu a espada, prestes a abaixá-la e me partir em dois, mas então seus olhos rápidos pousaram na espada ancestral que *eu* ainda segurava e ele congelou, o braço erguido acima da cabeça.

"Deuses sem graça", sibilou ele. "Que piada é essa? Uma piada de merda?"

"Morra!", berrou Harron. "Eu *não vou!* Pegue suas mentiras e sua língua de serpente. Engasgue com ela! Morra!"

A Morte virou a cabeça bruscamente para Harron, esquecendo-se de que viera para acabar com o meu sofrimento. Seus cabelos caíam em ondas úmidas sobre o rosto, embora a prata da qual ele havia se levantado não cobrisse seus cabelos, suas roupas ou sua pele como acontecia com Harron. O fluido metálico escorreu de suas botas e desafiou as leis da natureza ao se acumular novamente, subindo *os* degraus e voltando para a piscina.

Não tive energia para levantar a cabeça e observar a Morte descer os degraus em direção a Harron. Meus olhos agora estavam faiscando. Cintilando. Mas meus ouvidos ainda funcionavam.

"Obsidiana. Ob-obsidiana!" exclamou Harron. "Quebrada. Em todos os lugares, em todos os lugares, em todos os lugares. Lá no chão. Nas passagens. Nas paredes. Elas se movem. No chão. Eu não posso... ela não vai *morrer!* Ela *tem que* morrer!", gritou ele.

"Infelizmente." Eu sabia que a voz da Morte era um vento quente e uivante atravessando o deserto árido. Uma tosse seca e úmida na noite. O choro urgente de um bebê faminto. Nunca, por um momento sequer, imaginei que sua voz também pudesse ser o toque de veludo na escuridão cada vez mais invasiva. "Onde está Madra?", ele perguntou.

Harron não respondeu. O único som que me chegou até ali, deitado nos degraus, foi o de correr e arranhar.

"Não consigo tirar isso de você", disse a Morte, cansada. "Seu destino está selado, Capitão. Você merece coisa muito pior.

O chão. As passagens. Elas m—elas se movem. No chão. Obsidiana. Ob...obsid...obsidiana...”

Um arrastar de pés. Um raspar. Um baque baixo e forte. Harron soltou um grito de pânico, mas seu grito foi rapidamente silenciado.

Quando a Morte subiu os degraus novamente, suas botas eram a única parte dele que eu conseguia enxergar em meu campo de visão cada vez mais estreito. Meu coração quis disparar quando ele se agachou ao meu lado, aparecendo, mas só conseguiu conter uma leve pontada de medo.

Claro que a Morte era linda. De que outra forma alguém escolheria ir com ela sem lutar? Mesmo que ele me olhasse com cara feia, suas sobrancelhas escuras se juntando para formar uma linha escura e infeliz, ele ainda era a coisa mais selvagemente linda que eu já tinha visto.

"Patético", murmurou ele. "Com certeza..." Ele não conseguia encontrar as palavras. Balançando a cabeça, ele enfiou a mão na frente do peitoral, procurando por algo. Um instante depois, retirou a mão, com uma longa corrente de prata presa no dedo indicador. Ele a desabotoou.

"Se você morrer antes de poder devolver isso, *não* vou ficar nada feliz", resmungou ele. A corrente estava quente contra a minha pele enquanto ele a enrolava em volta do meu pescoço. Desde que caíra contra os degraus, meu corpo estava deliciosamente dormente, mas o alívio foi temporário quando o estranho de preto me ergueu bruscamente em seus braços.

A dor me destruiu dessa vez, até que não sobrou nada.

Meu grito silencioso morreu em meus lábios enquanto a Morte me carregava para a piscina.

A escuridão me levou antes que a prata pudesse.

6

EVERLAYNE

Ah, quando eu tinha oito anos, choveu na Cidade Prateada. Os céus se abriram e um dilúvio de água caiu do céu por um dia inteiro. As ruas inundaram e prédios que existiam há gerações foram levados pela água. Ninguém jamais vira um manto de nuvens tão grande encobrindo o sol. E pela primeira e única vez na minha vida, eu soube o que era sentir frio.

Eu não estava com frio agora. Aquilo era algo completamente diferente, e era *insuportável.* Meus ossos eram feitos de gelo. Eles prometiam se estilhaçar se eu ousasse me mover, mas não importava o quanto eu tentasse, eu não conseguia parar de tremer. Preso na escuridão, eu não conseguia ver absolutamente nada. Havia sons naquela prisão gelada, no entanto. Vozes. Às vezes muitas. Às vezes apenas uma. Comecei a reconhecê-las com o passar do tempo. Eu ouvia mais a voz feminina. Ela falava comigo, falando suavemente, me contando segredos. Ela cantava para mim também. Sua voz era suave e doce e me fazia sentir saudade da minha mãe de um jeito que me fazia doer por dentro. Eu não conseguia entender as coisas sobre as quais ela cantava. Suas palavras eram um mistério, a língua que ela falava, desconhecida e estranha.

Fiquei deitado na escuridão, tremendo, desejando que ela fosse embora. Eu não queria ser assombrado por aqueles fantasmas. Queria mergulhar no nada, até que o frio me congelasse, o silêncio bloqueasse meus ouvidos e eu me tornasse um nada e esquecesse que um dia eu já tinha vivido.

Em vez disso, as pontas dos meus dedos voltaram. Depois, os dos pés. Meus braços e pernas seguiram. Gradualmente, ao longo de um período que poderia ter sido uma hora, mas também uma semana, meu corpo retornou aos poucos. A dor me fez desejar ter sido melhor na vida. Isso tinha que ser um castigo. Minhas costelas ameaçavam rachar a cada respiração — e eu *estava* respirando de alguma forma. Minhas entranhas pareciam ter sido arrancadas

do meu corpo, despedaçadas e depois enfiadas de volta dentro de mim. Tudo doía, cada segundo de cada minuto, de cada hora...

Rezei por um esquecimento que se recusava a chegar. E então, do nada, abri os olhos, e a escuridão desapareceu.

A cama em que eu estava deitado não me pertencia. O único colchão de penas em que já dormi em toda a minha vida foi o de Carrion Swift, e esta cama também não pertencia àquele idiota. Esta cama era muito maior, para começar, e não cheirava a rato-almiscarado. Um conjunto de lençóis brancos imaculados cobria meu corpo, sobre o qual estava um grosso cobertor de lã. No alto, o teto não era da cor dourada pálida do arenito. Era quase todo branco, mas... não. Não era branco. Era de um azul-claro desbotado, com listras e manchas de cinza-pombo esporadicamente pintadas aqui e ali, formando nuvens. Era lindamente feito. As paredes do quarto eram de um tom mais escuro de azul, beirando o violeta.

Assim que marquei a cor, junto com não uma, mas cinco pinturas diferentes, exibidas em pesadas molduras douradas montadas nas paredes, o sofá de aparência luxuosa no canto do quarto e a prateleira em frente à cama, carregada com mais livros do que eu já tinha visto em um só lugar ao mesmo tempo, um medo crescente cravou suas garras em mim.

Eu ainda estava no palácio. Onde mais eu poderia estar? Ninguém no Terceiro Mundo conseguiria juntar o dinheiro que custaria para criar a tinta violeta. Sem mencionar que as únicas obras de arte que eu já tinha visto eram imagens desbotadas em livros, mas estas eram reais. Tinta a óleo sobre tela, com molduras de madeira de verdade.

Soltei um suspiro de pânico, meu alarme aumentando de magnitude quando vi a nuvem de névoa se formar na minha respiração. Onde Eu estava, e que diabos estava acontecendo? Por que eu conseguia *ver* minha respiração?

Tentei me mover, mas meu corpo não obedeceu. Nem mesmo o menor estremecimento. Eu poderia muito bem estar paralisado. Se eu conseguisse balançar as pernas para fora...

—ah, ah, não. Não, não. Não. Isso não ia dar certo. Eu—

Fiquei paralisado quando a porta do quarto opulento se abriu. Meus olhos já estavam abertos. Era inútil fechá-los agora, quando eu já tinha sido pego de surpresa. Estava ansioso demais para olhar para quem havia entrado no quarto, então fiquei completamente imóvel, olhando para as nuvens pintadas no teto, prendendo a respiração.

"O Mestre Eskin disse que você acordaria hoje", disse uma voz feminina. A mesma voz que cantara para mim. Que me alcançara no escuro. "E aqui estava eu, duvidando dele. Eu já deveria saber." A mulher, quem quer que fosse, riu baixinho.

Seria ela uma das criadas de Madra? Iria me estripar no momento em que eu parasse de me fingir de morta e olhasse para ela? O bom senso rejeitava ambas as possibilidades. Uma criada de quarto não seria tão tagarela. E por que teriam se dado ao trabalho de me manter viva se só planejavam me matar?

Lentamente, movi minha cabeça, virando-me para inspecionar o recém-chegado.

Ela estava encostada na parede perto da porta, segurando uma pilha de livros empoeirados. Seu cabelo era de um loiro claríssimo, tão longo que chegava bem além da cintura, preso em duas tranças elaboradas, cada uma tão grossa quanto meu pulso. Ela só podia ter, o quê, vinte e quatro anos? Vinte e cinco? Mais ou menos a minha idade. Sua pele era pálida, seus olhos de um verde vivo.

O vestido verde-escuro que ela usava era uma obra de arte. Brocado, o corpete era bordado com fios dourados que brilhavam ao refletir a luz. A saia rodada era decorada com folhas bordadas. A estranha sorriu para mim, ainda segurando seus livros. "Como você está se sentindo?", perguntou ela.

A vontade de tossir me atingiu do nada. Fiz o meu melhor para responder à pergunta dela, mas não consegui evitar. Comecei a cuspir, uma teia de dor se espalhando pelas laterais do meu corpo enquanto ele se contraía.

"Ah, não. Espere. Deixe-me ajudá-la", disse a garota. Ela correu para o quarto, colocou sua pilha de livros em uma mesinha perto da janela, pegou uma xícara e a levou para a cama. Estendendo-a, ela sorriu, oferecendo-a para mim. "Pronto. Já desci. Eskin disse que você estaria com sede quando acordasse."

Encolhi-me na cama, apertando os braços contra o corpo e olhando-a com cautela. "O que é isso?"

"Nada. Só água, eu prometo."

Nada? Peguei o copo, espiando por cima da borda, sentindo-me tonto. Ela não estava mentindo. O recipiente estava cheio até a borda com água. Quatro dias. Eu passaria um mês tentando me livrar da dívida que essa quantidade de água me faria ter lá no Terceiro Mundo. E ela estava simplesmente... me *entregando ?*

"Vá em frente." Ela sorriu, incerta. "Beba. Eu te sirvo de novo quando terminar."

Ela estava brincando comigo. Bem, que bobagem. Levei o copo aos lábios e comecei a beber, engolindo o mais rápido que pude. A água estava fria — tão fria que me doeu a garganta. Doeu beber tão rápido, mas eu não lhe daria um segundo para mudar de ideia. Quando ela percebesse que eu não tinha direito a uma ração tão grande, a água já teria acabado e não haveria como recuperá-la.

Deuses, como era limpa. Água limpa. Tinha um gosto quase doce.

"Uau, agora", disse a garota. "Devagar. Você vai passar mal se não tomar... cuidado."

Eu já tinha terminado, no entanto. Devolvi a xícara a ela, esperando que ela estendesse a mão para o pagamento, agora que eu a havia esvaziado. Mas ela apenas sorriu e voltou para a mesa perto da janela, onde encheu a xícara novamente com um jarro alto de cobre. Olhei para ela com desconfiança quando ela voltou e me deu a xícara cheia novamente, imaginando se ela estava brava.

"Sou Everlayne. Estive visitando você", disse ela.

"Eu sei."

Ela olhou para a xícara e acenou com a cabeça. "Tudo bem. Você pode beber também, se estiver com sede."

Dessa vez, tomei um gole de água, observando, esperando que ela puxasse uma adaga de suas saias volumosas e atacasse.

"Já que eu te disse meu nome, talvez você possa me dizer o seu?" Ela inclinou a cabeça para o lado. "Deuses, a sério, você se importa se eu puxar uma cadeira? Subi e desci as escadas o dia todo e esqueci de comer hoje de manhã."

"Claro?"

Ela — *Everlayne* — sorriu enquanto agarrava uma cadeira simples de madeira e a arrastava para a cabeceira da cama. Assim que a posicionou como queria, sentou-se pesadamente, prendendo mechas rebeldes de cabelo atrás das orelhas. "Tudo bem. Pronto. Estou pronta. O que você é, então? Uma Marika? Uma Angélica?" Seus olhos, brilhantes como jade, faiscavam enquanto ela falava. "Não sou uma pessoa muito paciente", admitiu em tom confessional. "Tenho te chamado de Liss nos últimos dez dias. Parecia um nome tão bom quanto qualquer outro, mas..." Ela diminuiu o passo, o brilho em seus olhos diminuindo enquanto ela observava a expressão no meu rosto. "O que foi? Qual é o problema?"

"Suas *orelhas* ", sussurrei. Eu as observava desde que ela prendera os fios soltos de cabelo atrás delas. Elas estavam...

Engoli em seco.

Respirou fundo.

Eles eram *pontudos.*

Everlayne tocou a ponta das orelhas com o dedo, franzindo a testa suavemente. Sua expressão ficou inexpressiva quando ela percebeu a que eu estava me referindo. "Ahh.

Certo. Não são iguais aos seus, não.

Os Fae eram belicosos. Canibais. Criaturas bestiais sem temperança, senso de moralidade ou qualquer noção de misericórdia. Os Imortais mais antigos despejaram sua ira sobre a terra com punho de ferro, deixando um rastro de caos e destruição em seu rastro. As sete cidades se regozijaram quando—

" Você está chateada. Minha aparência", disse Everlayne baixinho. Ela colocou as mãos no colo, e toda a sua efervescência rapidamente se dissipou. "Já ouviu falar da minha espécie?", perguntou.

"Sim." Aquilo estava mesmo acontecendo ou era algum tipo de piada de mau gosto? Hayden estava me provocando? Me vingando por ter sido tão cruel com ele da última vez que o vi? Seria uma ótima maneira de me vingar, me fazendo duvidar da minha sanidade, mas...

Deixei meu irmão na rua, em frente ao Mirage. Fui com o Capitão Harron. Encontrei a Rainha, e ela ordenou minha execução, assim como a execução dos meus amigos, familiares e de todas as outras almas vivas do Terceiro Mundo.

A morte veio me buscar, com cabelos negros e ondulados e olhos verdes malignos.

Ele me levou para longe daquele lugar.

Ele me trouxe *aqui* .

Uma onda de calor me atingiu, fazendo minha boca suar. Eu não tinha prestado muita atenção, já que estava morrendo naquele momento, mas quando o estranho moreno me pegou no colo, as pontas das orelhas dele também tinham um formato estranho. E seus caninos...

"Mostre-me seus dentes." A exigência escapou antes que eu pudesse contê-la.

A mulher de vestido verde levou a mão à boca, arregalando os olhos. "O quê? Não!", exclamou ela, com a palma da mão apoiada sobre a palma. "De jeito nenhum!

Isso é tão *rude!"*

"Desculpe. Mas... você é *uma Fada?"*

A declaração soou como o final de uma piada de mau gosto, mas Everlayne não estava rindo. "Estou ", respondeu ela, ainda escondendo a boca.

“Mas...você não é real.”

“Discordo”, ela respondeu.

"Mitos. Histórias. As Fadas são folclore. Não existe tal *coisa* como as Fadas."

“Não pareço real para você?”

"Acho que sim. Mas... as Fadas tinham asas."

Everlayne bufou. "Não temos *isso* há milhares de anos." Ela abaixou a mão, bufando um pouco enquanto apontava para o copo d'água que eu ainda segurava. "Olha. Você sofreu uma concussão. Termine isso e veja se se sente melhor. As coisas podem parecer um pouco estranhas por um tempo."

Minha descrença não tinha nada a ver com o galo na minha nuca. Você não esquece uma raça inteira de pessoas só porque bateu a cabeça com muita força. Os feéricos *não eram* reais. Eu me contorci, tentando me apoiar um pouco melhor, ainda examinando as orelhas de Everlayne. "Minha mãe me contava histórias sobre os feéricos quando eu era pequeno", eu disse. "Os feéricos visitaram as costas da nossa terra, trazendo consigo guerra, doenças e morte..."

Um olhar de indigência percorreu o belo rosto de Everlayne. "Com licença, mas os feéricos não estão doentes. Não somos afligidos por nenhuma praga há um milênio. Os humanos, por outro lado, estão infestados de todos os tipos de germes. Você adoece e morre num piscar de olhos."

Eu a ofendi. De novo. Duas vezes no espaço de um minuto. Em termos de primeiros encontros, eu não estava causando uma boa impressão. Respirando fundo, tentei formular uma pergunta que não soasse rude, mas Everlayne bufou, falando antes que eu pudesse.

"Você está me dizendo que as Fadas se tornaram uma história de ninar para assustar as crianças em Zilvaren?"

"Sim!"

“O que mais dizem sobre nós?”

"E-eu não sei. Não consigo me lembrar agora." Eu me lembrava de muita coisa, mas nada era muito lisonjeiro. Eu não tinha a mínima vontade de ofendê-la novamente contando que as mães Zilvaren avisavam seus filhos que uma bruxa feérica viria comê-los à noite se não se comportassem.

Everlayne franziu a testa, olhando para o lado da minha cabeça. "Hmm. Como está sua memória de curto prazo? Qual é a última coisa que você *consegue* lembrar?"

"Ah. Eu estava no palácio. O capitão de Madra estava tentando me matar. Eu... consegui deter a adaga dele de alguma forma e agarrei uma espada. Então o chão se transformou em prata derretida. Uma grande poça de prata. E... algo saiu dali."

"Alguma coisa? Ou alguém *?* "

"Um homem", sussurrei.

Mas Everlayne balançou a cabeça. "Um *homem.* Ele veio porque a espada o chamou..." Ela parou de falar, jogando as mãos no ar. "Deuses, eu ainda não sei o seu nome. A menos que você não *tenha* um nome."

"Claro que tenho um nome", eu disse. "É Saeris." Eu podia contar nos dedos de uma mão quantas pessoas eu já tinha dado meu nome verdadeiro quando perguntado. Mas, por algum motivo, mentir para ela parecia errado. Eu não tinha ideia de quanto tempo eu estava inconsciente, mas Everlayne tinha me visitado. Conversado comigo. Cuidou de mim, cantou para mim e me fez companhia. Essas não eram as ações de um ser que queria me causar mal.

Everlayne arqueou a sobrancelha, cúmplice. "Ahh. *Saeris* . Um nome bonito. Um nome *feérico* . Como você está se sentindo? Aposto que está dolorida, mas deve estar se sentindo muito melhor do que quando chegou."

"Eu me sinto..." Como eu me *sentia* ? Da última vez que verifiquei, eu tinha um buraco monstruoso na barriga e uma adaga espetada no ombro, sem mencionar que eu havia perdido quase toda a minha gota de sangue. Com os braços enrijecidos, levantei lentamente o cobertor que me cobria e examinei os danos por baixo. Não havia muito para ver. Eu usava algum tipo de túnica — verde-clara e feita de um material macio e amanteigado. Apalpei a barriga, procurando a ferida aberta no tecido, mas não havia nada. Minha barriga estava lisa. Não havia nem dor.

"Nossos curandeiros são extremamente talentosos. No entanto, já faz algum tempo que não trabalham com um humano com ferimentos tão catastróficos", admitiu ela. "Decidiram mantê-lo sedado enquanto seus órgãos internos se recuperavam. Eu argumentei para acordá-lo assim que estivesse oficialmente recuperado, mas Eskin disse que você precisava de mais alguns dias para sua mente se acalmar após o trauma que sofreu."

"Espera aí. Então eu *não* vou morrer?"

Everlayne riu baixinho, balançando a cabeça. "Não. A taxa de sucesso de Eskin é motivo de orgulho para ele hoje em dia. Ele não perde um paciente há quase dois séculos."

Dois *séculos?* As canções que nossa mãe cantava para Hayden e para mim quando éramos pequenos sempre falavam da duração de vida anormal dos Fae. Eu ainda não conseguia entender o fato de que Everlayne era Fae. Será que eu acreditava? Será que minha mente era capaz de aceitar isso como verdade? Simplesmente não era *possível.*

"Presumo que... não estamos na Cidade de Prata, então", eu disse lentamente.

Ela sorriu. "Não somos."

Meu estômago revirou. "Então, onde estamos?"

"Yvelia." Ela sorriu, como se sua resposta de uma palavra explicasse toda a minha situação.

"E...onde é isso?"

" *Yvelia!* Mais especificamente, o Palácio de Inverno. As histórias de ninar da sua mãe não te disseram nada..." A porta se abriu com estrondo.

Uma luz fria inundou o corredor adiante, e um monstro vestido com uma armadura de couro rondava a sala, arrancando um suspiro de Everlayne. Seus olhos eram de um castanho escuro, sua pele clara salpicada com o que parecia lama. Seus cabelos castanho-claros caíam abaixo dos ombros, a parte superior repartida e presa em uma trança de guerra. Ele era assustadoramente alto, seus antebraços nus e musculosos cobertos por tatuagens intrincadas e entrelaçadas que se borravam quando meus olhos tentavam focá-las. A expressão assassina em seu rosto suavizou-se um pouco quando ele viu Everlayne.

Everlayne, no entanto, ficou roxa. "Renfis! Que diabos! Você quase me deu um ataque cardíaco."

Desgostoso, ele baixou a cabeça. E lá estavam elas: outro par de orelhas pontudas. Desta vez, estavam vermelhas de vergonha. "Layne", disse o macho. Sua voz tinha um leve sotaque, as palavras cadenciadas, embora tornadas ásperas por seu registro grave. "Desculpe. Eu não sabia que você estava aqui."

"Claramente. Você quase arrancou a maldita porta das dobradiças. É educado bater *antes* de se jogar em uma sala."

O homem — Renfis — lançou um breve olhar em minha direção, passando os olhos por mim, onde eu estava deitado na cama, antes de voltar

a atenção para Everlayne. "Certo. Desculpe. Boas maneiras nunca foram meu ponto forte. Irrín destruiu a pouca etiqueta que eu tinha."

A boca de Everlayne se contraiu. Será que ela estava tentando não sorrir? "Por que você *está* invadindo aqui, afinal?", perguntou ela.

"Vim encontrar o humano." Os olhos de Renfis se voltaram para mim novamente. "Ele precisa da corrente de volta."

"A corrente dele? Ah!" A carranca de Everlayne refletiu a minha, mas a dela desapareceu uma fração de segundo depois de se formar. Ela obviamente tinha descoberto a que Renfis se referia enquanto eu ainda estava no escuro. Virando-se para mim, ela olhou para o fundo da minha garganta, seus lábios se contraindo em um pequeno biquinho. "Ela ainda pode precisar", disse ela.

Levei a mão à garganta. No segundo em que meus dedos encontraram o metal frio apoiado na minha pele, lembrei-me. A Morte, vestida de meia-noite, tirando uma corrente do pescoço e enrolando-a no meu. A Morte, me pegando em seus braços. O olhar de decepção em seus olhos. Morte...

"Acredite em mim. Ele precisa mais do que ela agora", disse Renfis, sombriamente.

De repente, a corrente pareceu um nó corrediço em volta do meu pescoço. Que diabos era aquilo? E por que o homem que me carregou para longe do palácio de Madra a colocou em *mim?*

Everlayne se levantou. *"* Faz só dez dias. Ele não deve estar afetado ainda, não é?"

"Ele está *com dificuldades* ", disse o guerreiro, sem jeito. "Ele não deveria ter ficado sem ele. Fica pior a cada vez que ele o tira. Se seu pai descobrir que ele está aqui..."

"Eu sei, eu sei. Deuses. Eu quero *vê* -lo, Ren. Isso está ficando ridículo."

Renfis olhou para as botas. "Ele não estava em condições. Ainda não está. A melhor coisa que você pode fazer por ele agora é me ajudar a devolver o pingente."

Os ombros de Everlayne estavam tensos. As duas trocaram um olhar tenso, mas ela abaixou a cabeça e suspirou. Virando-se para mim, disse: "Tudo bem. Ótimo. Saeris, detesto perguntar, mas a corrente que você está usando no pescoço..."

Eu já estava me atrapalhando com o fecho, tentando tirar a maldita coisa. Se o selvagem dono do colar o quisesse de volta, eu não lhe daria um motivo para vir buscá-lo pessoalmente. Um arrepio percorreu meu corpo quando finalmente consegui desatar a corrente e ofereci-a a Everlayne.

Eu não tinha notado antes, mas havia algo pendurado no colar — um pequeno disco prateado. Um brasão de família, talvez? O disco estava gravado com pequenas marcas, mas eu não ia estudá-lo de perto. Agora que não estava mais pendurado no meu pescoço, a corrente parecia zumbir. Uma energia estranha percorreu meu braço, não era dolorosa, mas certamente não era uma sensação agradável. E estava frio. *Muito* frio. Quando Renfis atravessou o quarto e parou ao lado da cama, estendendo uma pequena bolsa de veludo preto, a corrente parecia ser feita de gelo.

"Jogue-a para dentro", disse Renfis. Ele manteve a boca da bolsa aberta, com muito cuidado para não deixar a corrente tocar sua pele enquanto eu fazia o que ele havia ordenado. Assim que a corrente desapareceu lá dentro, o guerreiro puxou uma tira de cada lado da bolsa, fechando-a com um aperto. Sem dizer mais nada, ele se virou e foi em direção à porta.

"Quero vê-lo antes que ele vá, pelo menos", Everlayne gritou depois Renfis: "Preciso perguntar umas coisas a ele."

Renfis fez uma pausa, seu corpo enorme preenchendo a porta. "Ele precisa ir embora, Layne. Eu o mantive escondido por tanto tempo só por sorte. Os guardas estão começando a desconfiar. Se descobrirem que ele está aqui..."

Everlayne olhou para os pés. "Sim, você tem razão."

"Ele precisa voltar para Cahlish, de qualquer forma. Escreva para ele se precisar. Visite-o daqui a um ou dois meses. Mas deixá-lo aqui um momento a mais do que o necessário seria..." — ele escolheu as últimas palavras com cuidado — "... *imprudente.* "

Everlayne empalideceu, mas não se opôs. "Ok, eu escrevo. Diga a ele que é melhor responder, senão vai dar problema."

Renfis baixou a cabeça. "Foi bom te ver", murmurou. E então se foi. Com ele, levou a tensão que inundou o quarto quando eu tirei o colar, e por isso eu era eternamente grata. Everlayne não relaxou como eu, no entanto. Seus olhos brilhavam com o início das lágrimas quando ela se virou para a porta e disse com uma voz vigorosamente alegre: "Tudo bem, então. Imagino que *você* esteja querendo tomar um banho."

"Um *banho?"*

"Sim. Faz pelo menos dez dias que você não toma um banho de banheira de verdade. Vamos. Vou preparar água quente para você. Vai te fazer sentir um milhão de vezes melhor, juro."

Água quente? Uma banheira cheia. Para eu me *lavar* . O desperdício de tanta água teria me deixado sem palavras em qualquer outro dia, mas hoje

havia coisas muito mais estranhas com que me preocupar. E, além disso, eu estava concentrado demais em algo que Renfis e Everlayne tinham dito.

Dez dias. Foi esse o tempo que fiquei inconsciente, deitado nesta cama, me recuperando em paz, enquanto meu irmão estava de volta a Zilvaren, potencialmente lutando pela vida.

"Não preciso de banho", eu disse. "Preciso ir para casa. Meu irmãozinho precisa de mim."

O que quer que Everlayne estivesse prestes a dizer morreu em seus lábios. Lentamente, aos poucos, seu sorriso desapareceu. "Sinto muito, Saeris, mas isso não vai acontecer."

"O que você quer dizer? Eu tenho que voltar. Não tenho escolha. Madra está planejando exterminar toda a minha ala. Tenho família lá. Amigos." Ignorei a vozinha no fundo da minha cabeça, sussurrando que provavelmente já era tarde demais. Madra teria ficado furiosa ao descobrir o que tinha acontecido naquele salão. Esqueça isso. Furiosa nem chegaria perto. Não só eu não morri, como de alguma forma liquefiquei a adaga de Harron, ela o atacou, e eu... eu... porra, eu nem sabia *o que* tinha feito com aquela espada. Eu a havia sacado de algum lugar que não deveria e invocado o próprio diabo. Harron provavelmente estava morto. Madra não era uma monarca misericordiosa. Sua vingança teria sido rápida e terrível. As chances eram de que o Terceiro já tivesse sido reduzido a uma cratera na areia, mas eu ainda tinha que voltar para lá. Se houvesse a mínima chance de ela ter parado a mão temporariamente, eu tinha que tentar impedi-la. Era o mínimo que eu podia fazer.

Everlayne parecia solidária enquanto se dirigia lentamente para a porta. Mas também parecia resignada. "Não vou mentir para você. Algumas das histórias que sua mãe costumava lhe contar eram verdadeiras. Meu povo pode ser implacável e cruel às vezes. Há aqueles de nós que se esforçam para ser diferentes, mas... ocasionalmente simplesmente não há outra opção. Estamos esperando para recuperar aquela espada que você sacou há muito tempo. Mas ter encontrado *você* junto com ela..." Ela balançou a cabeça. "Você não tem ideia de como é importante, Saeris. Receio que meu pai não seja capaz de entregá-la tão cedo. E ele quer vê-la em uma hora, então, infelizmente, o banho não está em discussão."

"Você não pode me manter preso aqui. Isso é sequestro. É um comportamento desumano!"

Everlayne pelo menos teve a decência de parecer arrependida. "É um comportamento *humano* . Mas não somos humanos, Saeris. Somos feéricos.

Não nos comportamos como você. Não pensamos como você. Também não operamos pelas mesmas diretrizes morais que *alguns* da sua espécie. Quanto mais rápido você se lembrar disso, mais fácil será", disse ela com um pouco mais de gentileza. "Agora, por favor. Banhe-se antes que a água esfrie. Quando falar com meu pai, você pode perguntar a ele sobre retornar à sua Cidade Prateada."

"E quem diabos é o seu pai para me avisar se eu puder ir para casa?" Minha raiva ecoou alto por todo o corredor. Os dois guardas, que permaneceram em silêncio severo, estremeceram, parecendo profundamente desconfortáveis.

"Ele é Belikon De Barra", disse Everlayne calmamente. "Rei das Fadas Yvelianas."

Eu soluçava enquanto me banhava na banheira de cobre. Eu tinha um recurso inconcebível à minha disposição e nenhuma maneira de compartilhá-lo com as pessoas que eu amava. Se Hayden e Elroy estivessem vivos, então eles estavam tontos de sede, assim como estavam todos os dias de suas vidas. Enquanto isso, eu me deleitava em tanta água que poderia me *afogar* nela. Estava preta de sujeira, e uma película de espuma subia em sua superfície quando terminei de esfregar minha pele até ela ficar rosa — provavelmente a mais limpa que eu já estive. Eu nunca tinha lavado meu cabelo direito antes, nem tinha acesso a xampu, e usei muito, não esperando que a quantidade que coloquei na palma da mão produzisse tanta espuma. Levei uma eternidade para primeiro desembaraçar todos os meus nós e emaranhados, e depois outra eternidade para enxaguar todo o sabão. Everlayne estava rondando de um lado para o outro do lado de fora do quarto como uma gata enjaulada quando eu disse a ela que tinha terminado.

Ela parecia aflita ao voltar apressada para o quarto. "Não temos tempo para decidir o que você deve vestir agora. Teremos que te calçar a primeira roupa que servir e nos preocupar com o estilo em outra ocasião."

"Amarrado? Do que você está falando?"

"Seu *vestido!* " Everlayne foi direto para o grande guarda-roupa de madeira escura, abrindo as portas. "Com esse cabelo escuro e seus olhos de um tom de azul tão lindo, acho que deveríamos ficar com o azul royal, ou talvez..." A parte superior do seu corpo desapareceu no guarda-roupa.

Quando ela emergiu novamente, segurava uma quantidade impressionante de tecido cobalto nos braços. Recuei assim que o vi.

— Não. Não, eu não... eu não *faço* vestidos, Everlayne.

" O que você quer dizer?" Ela parecia genuinamente confusa.

"Eu uso calças. Camisas. Coisas que me permitem me mover facilmente. Para que eu possa correr, escalar e..." *Matar pessoas.*

"Você não vai usar camisa e calça para encontrar o Rei, Saeris. Ele vai ver isso como um desrespeito. Se você não estiver bem vestida, ele vai te jogar na cela."

Hah. Mais um dia, mais um monarca me jogando na cadeia. Sinceramente, uma cela era o que eu merecia. Depois de roubar a manopla e colocar toda a minha tutelada em tantos problemas, eu não merecia ver a luz do dia novamente. Eu estava entorpecida enquanto deixava Everlayne me sacudir para vestir o vestido. *Vestido* era um nome mais apropriado, na verdade.

"Você parece um sonho", anunciou Everlayne quando terminou de me sacudir e me cutucar, puxando o espartilho com tanta força que pensei que fosse desmaiar.

“E ainda assim me sinto preso em um pesadelo”, acrescentei secamente.

Ela estalou a língua. "Vire-se e sente-se naquela cadeira. Preciso cuidar do seu cabelo agora."

“O que há de errado com meu cabelo?”

“Bem, hmm. Como posso dizer isso com delicadeza? Parece que tem uma família de camundongos-do-campo morando lá há alguns anos. E aposto que já faz um tempo que não vê uma escova. Então...”

"Não *precisa* escovar se eu simplesmente prender numa trança." Não fiquei magoada com as críticas. Sério, não fiquei.

Everlayne riu baixinho — será que ela achava que eu não conseguia ouvi-la rindo? Desabei na cadeira onde ela me mandara sentar, soltando uma baforada de raiva enquanto a fêmea lutava com meus nós. Ela estava adorando isso, não estava? Uma pequena prisioneira. Uma boneca para brincar de se fantasiar. Mas eu não era um brinquedo nem um bichinho de estimação. Ela aprenderia isso da pior maneira se me tratasse como tal.

"Você tem um cabelo lindo", disse ela, passando um pente de dentes largos pelos fios. Estremeci quando ela o puxou para trás, sobre meus ombros. "Ele vai crescer bem aqui. Cabelo comprido é sinal de status nobre para as mulheres feéricas. Outros também sentirão inveja da sua cor escura. Cabelo escuro é uma característica real entre as feéricas yvelianas."

Eu não dava a mínima para modismos ou tendências feéricas. Não me importava se as mulheres feéricas tinham inveja da minha aparência ou se me achavam um monstro horrível. Até quatro horas atrás, eu nem sabia que elas existiam. Fiquei sentada, imóvel, enquanto Everlayne trançava meu cabelo com dedos ágeis, mordendo a ponta da minha língua. Assim que terminou, ela me conduziu até um espelho de corpo inteiro pendurado na parede, com uma moldura dourada e adornada com arabescos, brilhando de orgulho enquanto me mostrava seu trabalho.

Eu já tinha feito muitos espelhos na oficina com Elroy, mas pessoalmente nunca tive muita utilidade para eles. Eu sabia muito bem como era minha aparência. Sim, eu tinha um rosto bonito, mas rostos bonitos eram usados como moeda no Terceiro Mundo quando uma garota ficava sem moedas ou água para negociar, e isso era mais uma bênção do que uma maldição. Máscaras e cachecóis eram meus amigos. Ninguém sabia como você era por trás de um pedaço de saco jateado com areia e, portanto, não tinha motivo para tentar roubar seus *pertences* .

Não havia máscaras ou cachecóis para se esconder aqui.

Embora fosse verdade que eu empalidecia em comparação com a beleza de Everlayne — a mulher era radiante. Perfeita em todos os sentidos —, a cor do vestido ridículo que ela escolheu para mim *complementava* minha pele como ela havia dito. Chamava a atenção para meus olhos e os fazia sobressair. E a magia que ela havia feito no meu cabelo? A elaborada coroa trançada que ela havia criado para mim era deslumbrante. Meu cabelo nunca pareceu tão saudável.

"Você não precisa de blush", disse o reflexo de Everlayne no espelho. "Você já está rosada o suficiente. Mas... aqui." Ela se apressou por um segundo e depois voltou segurando um potinho. Tirou a tampa do potinho e me ofereceu. "Seus lábios estavam tão rachados quando você chegou. Eu tenho aplicado isso em você a cada poucas horas, mas agora que você acordou, pode fazer isso sozinha. Aqui, assim." Ela passou a ponta do dedo pela resina espessa e cerosa dentro do potinho e esfregou nos lábios.

Coloquei o dedo na panela e fiz o mesmo, só para fazê-la calar a boca.

Ela parecia desesperadamente satisfeita com os resultados. "Maravilhoso. Tudo bem, então. Eu diria que estamos prontos. Preparem-se. É hora de conhecer o rei."

O CÃO

Um nível de luxo que eu nunca havia conhecido antes, mas não servia como nenhuma indicação do mundo além daquela porta. Fiquei boquiaberto enquanto Everlayne me guiava pelos corredores do Palácio de Inverno; o lugar fazia a residência real de Madra em Zilvaren parecer uma cabana decadente e isolada.

As paredes eram de mármore branco opalescente, facetadas com seções de azuis e verdes metálicos cintilantes, assim como o piso. Não tínhamos pedra como esta em Zilvaren, mas Everlayne explicou que era um tipo raro de labradorita clara. Arcos altos ladeavam os corredores por onde passávamos, dando vista para escadas e outros corredores em outros níveis. Tapeçarias luxuosas e pinturas emolduradas pendiam das paredes, e gigantescos arranjos de flores naturais transbordavam de vasos para onde quer que eu olhasse. A luz do sol entrava pelas janelas amplas, embora a luz em si fosse desprovida de qualquer calor — nada como o brilho punitivo das Gêmeas. Everlayne me instigou a passar rapidamente por essas janelas, o mundo além delas um borrão de branco e cinza.

Inclinando-se, ela pressionou as pontas dos dedos indicador e médio na testa, curvando a cabeça em reverência enquanto passávamos por uma série de estátuas. Em outro corredor, ela repetiu o processo quando passamos por outra fileira das mesmas figuras esculpidas em pedra, novamente recuadas em nichos.

"Quem são eles?", perguntei, observando os machos e fêmeas coroados, altos e ameaçadores, enquanto ela tocava os dedos entre as sobrancelhas.

"Os Deuses, é claro." Ela pareceu um pouco surpresa. "Vocês não veneram mais os Corcoran na Cidade Prateada?"

Balancei a cabeça, encarando o rosto friamente belo de uma das divindades masculinas. "Minha mãe me contou uma vez que as pessoas costumavam rezar aos deuses em Zilvaren, mas seus nomes e templos foram

devorados pelo deserto há muito tempo. Dizemos 'deuses' para amaldiçoar nossa sorte ou enfatizar emoções. Fora isso, Madra é a coisa mais próxima que temos de um deus em Zilvaren. Pelo menos é assim que ela se apresenta. A Arauto Imortal da Bandeira do Norte. Os fiéis carregam mechas de seu cabelo em bolsas de couro presas aos cintos. Eles raspam as cinzas das piras funerárias dos sacrifícios vivos que são queimados em sua homenagem e as colocam nelas também. Dizem que isso serve como proteção contra a peste. Eles acham que fazer isso lhes dará vida eterna, se forem dignos o suficiente."

Everlayne zombou. "Superstição e sacrilégio. Sua rainha é humana. E mesmo que a areia e o vento tenham varrido os nomes dos deuses, garanto que Madra os conhece. O fato de ela ter escolhido deixá-los desaparecer da história de seu povo diz muito sobre sua corrupção." Everlayne apontou para o homem que eu ainda encarava. "Styx, Deus das Sombras." Ela se moveu ao longo da fila, inclinando a cabeça e tocando a testa em cada um de seus deuses antes de nomeá-los. "Kurin, deus dos segredos. Nicinnai, deusa das máscaras. Maleus, deus do amanhecer e dos novos começos. Esses dois são frequentemente considerados um só deus", disse Everlayne, gesticulando para as duas belas mulheres que estavam de braços dados no topo do mesmo pedestal de mármore. Balmithin. Irmãs gêmeas. Deusas do céu. A lenda diz que elas já foram uma só deusa, mas uma poderosa tempestade veio, e Balmithin se recusou a se abrigar enquanto ela devastava a terra. O poderoso espírito dentro da tempestade ficou furioso por Balmithin não se acovardar diante dele, e então ele a açoitou com raios. Repetidamente, os raios atingiram Balmithin, mas ela não morreu. Em vez disso, ela se partiu e se transformou em duas, tornando-se Bal e Mithin. Bal é a deusa do sol, mas deusa do dia em um sentido mais amplo. Mithin é a deusa da lua, mas, novamente, ela preside toda a noite.

Bal. Mithin.

Balea. Min.

Os gêmeos.

Ao observar seus rostos mais de perto, percebi que essas duas mulheres tinham uma semelhança surpreendente com rostos que eu vira esculpidos nas paredes do Salão dos Espelhos. Era uma ligação inegável entre aquele lugar e minha casa. Uma ligação que me fazia sentir estranha.

Eu poderia ter contado a Everlayne sobre a semelhança entre os nomes dessas deusas e os nomes dos sóis que brilhavam perpetuamente sobre Zilvaren, mas, por algum motivo, as palavras ficaram presas na minha garganta. Eu tinha muitas perguntas, a principal delas era se os feéricos ali

conheciam Madra. Everlayne falava como se conhecesse a rainha da Cidade Prateada. Ela havia dito que Madra era humana com certeza inegável. Eu também não fazia ideia do que era uma lua, mas deixei tudo isso de lado por enquanto.

A última estátua estava muito mais escondida em sua alcova do que as outras. Ao contrário das outras, ela estava disposta de costas para o salão, com o rosto voltado para a parede. Acenei com a cabeça para o deus masculino de ombros largos e perguntei: "E ele? Ele é o deus de quê?"

Everlayne olhou para a estátua com cautela e então me lançou um sorriso contrariado. "Aquele é Zareth, Deus do Caos e da Mudança." Ela caminhou até ele e se curvou, colocando os dedos na testa como fizera com todos os outros, mas então estendeu a mão e pousou a mão no pé dele. Vi que a pedra estava patinada ali, na bota direita de Zareth, como se milhares de mãos tivessem tocado o deus ali.

“Nós, feéricos, também podemos ser um pouco supersticiosos às vezes”, admitiu Everlayne. “Olhar para o rosto de Zareth é atrair sua atenção. E pouquíssimas pessoas gostam que a atenção de Zareth esteja voltada para elas. Nós o respeitamos e reverenciamos, mas todos nós preferíamos que ele estivesse prestando atenção no que os outros estão fazendo em vez de nós. Nós o tocamos no pé para afastá-lo de nós.” Ela deu um tapinha em sua bota, recuando. “Rezamos para cada membro dos Corcoran para que retornem a Yvelia algum dia. Mas, em segredo, muitos de nós rezam para que Zareth se perca um pouco em sua jornada para casa.”

Quando Everlayne recomeçou a caminhada, parei perto das costas do deus alto, observando-o. Não sei por que fiz isso. Mas parecia a coisa certa a fazer. Estendendo a mão, coloquei-a contra a bota da estátua e me afastei apressadamente.

Seguimos em frente, passando por tantas portas abertas que era impossível contar. Quartos e escritórios. Salas cheias de mapas. Salas cheias de livros. Salas com bancos e frascos de vidro com líquidos borbulhantes suspensos sobre lareiras. Eu deveria estar apavorado com essas novas e estranhas visões, mas minha curiosidade venceu o medo.

As pessoas por quem passamos também eram interessantes. Dezenas e dezenas de feéricos, com roupas e rostos tão estranhos que precisei me lembrar de não encará-los. Suas orelhas eram pontudas, mas era aí que muitas de suas semelhanças terminavam. Seus cabelos eram um verdadeiro arco-íris de cores, seus olhos em todos os tons naturais e artificiais. Alguns eram esbeltos e altos, outros baixos e atarracados. Os feéricos que ocupavam o

palácio eram um grupo fascinante, sem dúvida. Eles me encaravam com hostilidade declarada enquanto eu lutava para acompanhar os passos graciosos e longos de Everlayne.

O frio era intenso. Everlayne me lançou um olhar estranho quando pedi outra camada de roupa, mas mesmo assim me providenciou um xale de seda. Não que tenha ajudado muito. O frio no ar penetrou em meus ossos e se instalou ali, formando gelo nas minhas articulações. Meus dentes batiam alto enquanto nos apressávamos em direção ao nosso destino.

"Você está sendo dramática", disse Everlayne, lançando-me um olhar travesso. "Há fogo em todas as lareiras. E mesmo que não houvesse, o palácio é mantido em uma temperatura constante e confortável o tempo todo."

"Como?" Não que eu não acreditasse nela. Mas, bem... eu não acreditava. Eu ainda conseguia ver minha respiração turvando o ar.

"Magia, é claro", respondeu Everlayne. "Há proteções lançadas sobre toda Yvelia para manter o frio sob controle."

Minha mente se recusou a aceitar isso. Magia. Ela disse isso com tanta naturalidade, como se a existência de tal coisa fosse um fato consumado em vez de simplesmente impossível. Mas minha definição de impossível precisava ser revista, ao que parecia. Se Everlayne existia, então a magia também poderia, e eu tinha quase certeza de que Everlayne era real. Havia uma chance de eu estar alucinando, mas as chances de isso ser verdade diminuíam a cada momento que ela me guiava pela Corte Yveliana. As alucinações terminavam. Este pesadelo não parava, porra.

Por fim, viramos à esquerda em um corredor. Uma longa e reta passarela se estendia à nossa frente. No final da passarela, erguia-se um enorme conjunto de portas de madeira, com seis metros de altura, imponentes e ostentosas. Sentinelas armadas, vestidas para a batalha, postavam-se de cada lado. Enquanto descíamos apressadamente pela passarela, pequenos pássaros com penas brilhantes e coloridas voavam e piavam acima de nós, envolvidos em acrobacias aéreas. Eram de tirar o fôlego. Em qualquer outra circunstância, eu teria parado para assistir à impressionante brincadeira de pega-pega, mas meu coração batia forte e minhas palmas suavam, minha atenção voltada para aquelas portas sinistras e o que as esperava além delas.

De perto, os guardas eram muito mais formidáveis do que os que estavam do lado de fora do meu quarto. Everlayne nem sequer os reconheceu. Seu passo confiante não diminuiu enquanto ela marchava em direção às portas. Sem dizer nada, os homens se posicionaram em posição de sentido e se

moveram em uníssono, agarrando as maçanetas esculpidas e abrindo as portas para nós.

"Lady Everlayne De Barra", anunciou uma voz poderosa, quando entramos no salão. Não fui anunciada. Como um cachorro mordendo os calcanhares do dono, corri atrás de Lady Everlayne, sentindo-me uma completa idiota por sequer pensar que ela era algum tipo de criada.

Se eu achasse o Salão dos Espelhos em Zilvaren grande, então o Grande Salão da Corte Yveliana era ridículo. O espaço abissal deve ter levado anos para ser construído. À esquerda e à direita, assentos se estendiam para trás, cinquenta fileiras de largura. Centenas de feéricos estavam sentados ali, observando com um julgamento silencioso em seus rostos enquanto entrávamos.

O teto cornijado, a doze metros acima de nós, era adornado com esculturas, a cantaria gravada com figuras e detalhes pequenos demais para eu ver. Tapeçarias suntuosas e estandartes bordados pendiam das paredes. À frente, uma fogueira queimava em um braseiro aos pés de um estrado feito de mais labradorita, e *oh!* Oh, puta *merda!* O crânio de uma fera gigante pairava sobre o estrado de labradorita, o osso branqueado e fantasmagórico. Suas órbitas tinham quase dois metros de largura. Sua placa frontal com chifres projetava-se das sombras como o mastro de um barco de areia. E seus dentes. Santos e mártires, seus dentes. Eles eram manchados e terríveis, cada um afiado como uma navalha e com pelo menos três metros e meio de comprimento.

"O que *foi* ?", sussurrei.

Everlayne respondeu rapidamente num sussurro abafado. "Um dragão. O *último* dragão", disse ela, significativamente. "Seu nome era Omnamshacry. Uma lenda entre o meu povo."

"Devia ter uns trinta metros de altura!" Inclinei a cabeça para trás enquanto nos aproximávamos, ainda sem conseguir compreender o tamanho da fera. "Como morreu?" "Mais tarde", sibilou Everlayne.

Fiquei tão hipnotizado pelo horror do crânio que mal notei as seis cadeiras imponentes posicionadas no estrado abaixo até estarmos em frente ao braseiro crepitante.

“Filha”, disse uma voz fria e áspera.

O rei era um homem imponente. Seu cabelo era negro como azeviche, tingido de cinza em ambas as têmporas. Seus olhos eram de um castanho profundo, escuro e turvo, penetrantes e hostis. Embora não fosse magro de forma alguma, claramente não era dado a excessos. Sentava-se diante de nós,

imponente, vestindo uma pesada capa de veludo verde com cabeças de feras escamadas e rosnantes, fundidas em ouro, afixadas na crista de cada ombro. Uma mão repousava no braço de seu trono ornamentado. A outra, envolta em uma luva de couro, segurava o cabo de uma espada, cuja ponta cravava-se no chão a seus pés. Era a espada. Aquela que eu havia desembainhado no Salão dos Espelhos. O metal cintilava, refletindo a luz do fogo, enquanto o rei girava a lâmina distraidamente.

Everlayne curvou-se numa reverência profunda diante do Rei. Seu pai. "Alteza."

Os olhos turvos de Belikon me atingiram com a força de uma marreta. Tentei encará-los com o máximo de força, mas a intensidade do seu olhar era como uma arma e difícil de suportar. Um homem sentado à sua esquerda falou, com a voz rouca: "Você não se curva diante de um rei, Criatura?"

Ele estava magro. Com aparência doentia, a pele pálida e fina como pergaminho. Uma rede de veias azuis serpenteava por suas bochechas como cílios de um relâmpago bifurcado. Olhos da cor de estanho opaco me avaliavam, fervendo de desgosto. Ao contrário do rei, a vestimenta do homem era simples — um manto preto e liso que cobria seu corpo magro.

“Ele não é meu rei”, respondi asperamente.

Everlayne estremeceu, embora sua reação tenha sido passageira. “Perdoe-a, Majestade. Sua convidada está cansada e desacostumada ao novo ambiente.

Com certeza, eu não estava acostumado com o novo ambiente. Seria preciso um milagre de cada um dos deuses que Everlayne acabara de me apresentar para que eu me acostumasse a tudo aquilo, e pelo jeito que ela havia falado sobre eles, os deuses de Everlayne nem existiam mais.

“Ignorância não é desculpa para desrespeito”, cuspiu o homem.

"Quieta, Orious", rugiu o Rei Belikon. "Faz tempo que não presencio um desprezo tão aberto. É revigorante. Vou tolerar até que se torne cansativo. Dê um passo à frente, garota."

Apenas três dos seis assentos no estrado estavam ocupados. Uma mulher idosa, de cabelos grisalhos e grossos e mãos nodosas, vestida de branco, observou-me com olhos como duas covas enquanto eu erguia o queixo em desafio e fazia o que o rei me ordenava.

"Você está diante de mim como convidada desta corte, moça. Como tal, tem direito a uma certa dose de clemência política", disse Belikon. "Quando deixar esta sala do trono, não será mais minha convidada. Será minha súdita e, portanto, não se beneficiará mais de clemência."

Abri a boca, pronto para argumentar contra essa declaração, mas um rápido chute no tornozelo de Everlayne me avisou para segurar a língua.

“Este reino tem regras. Regras que serão obedecidas. Vocês passarão muito tempo nas bibliotecas, aprendendo sobre nossos costumes. Qualquer infração intencional às nossas leis será tratada rapidamente. Agora. Vocês foram trazidos aqui para cumprir uma tarefa específica. Vocês a completarão de forma rápida e eficiente—”

Não consegui mais me conter. "Desculpe, mas... como assim, *tarefa?"*

Um grito se elevou entre os feéricos sentados na galeria. Não precisava que me dissessem que interromper um rei era digno de execução, mas a pergunta escapou antes que eu pudesse impedi-la. E, de qualquer forma, se ele queria me decapitar, que assim fosse. Harron tinha me dado uma surra. Eu tinha chegado tão perto da morte, e sim, tinha sido horrível, mas eu não tinha mais medo da morte. Eu estava com raiva e queria respostas.

O rei inclinou a cabeça um centímetro para a esquerda, observando-me com a cruel intriga de um caçador observando sua presa. "O que eu quero dizer?", repetiu.

Ao meu lado, Everlayne sussurrou baixinho. Será que ela estava mesmo rezando? Levantei o queixo e disse com uma voz forte e clara: "Ninguém disse nada sobre uma tarefa. Fui carregada até aqui contra a minha vontade..."

"Se você tivesse sido deixado onde foi encontrado, teria lhe custado a vida." A voz de Belikon ecoou pelo salão tão alto que as próprias paredes pareceram tremer. "Você preferiria ter sido abandonado ali para perecer?"

"Preciso voltar para Zilvaren. Meu irmão..."

“Já está morto.” A finalidade nas palavras de Belikon fez minha cabeça girar.

“A Rainha Cadela acabou com sua casa e com todos os que nela residiam.”

"Você não sabe disso."

A boca do rei se contorceu amargamente. "Ela declarou que sim. Pelo menos foi o que me disseram. Conhecemos sua rainha. Uma déspota sedenta de poder com um coração negro e murcho. A violência é o seu credo. Se ela jurou matá-los, então todos que você conheceu estão mortos há muito tempo, junto com milhares de outros. Você, por outro lado, ainda está vivo e, no que me diz respeito, tem uma dívida de gratidão com as Fadas de Yvelia. Sua tarefa garantirá que você pague essa dívida. Acabei de saber os detalhes de como você veio parar em Yvelia. O indivíduo que o trouxe à minha corte — Belikon passou a língua pelos dentes como se estivesse tentando limpar um gosto ruim — disse aos meus guardas que foi você quem reabriu o portal.

Parece altamente improvável que um humano tenha despertado o mercúrio." Ele grunhiu, descontente. "Mas depois de mil anos de espera, não podemos nos dar ao luxo de descartar isso como heresia sem antes verificar. Acredite em mim quando digo que estamos todos rezando para que uma posição tão sagrada não tenha caído em um mar de sangue tão profano." Ele respirou fundo. "Mas os destinos são estranhos. E de uma forma ou de outra, eu restaurarei os portais."

"EU-"

O rei ergueu a espada na mão e a abaixou rapidamente. A ponta da arma se chocou contra o estrado, e uma chuva de faíscas azuis brilhantes explodiu no ar. "Você não vai me interromper uma segunda vez!", rugiu ele. No espaço de um segundo, sua expressão passou de consternação para indignação amarga. "Você está encarregado de despertar o mercúrio e reabrir os caminhos entre este mundo e os outros. Sua cooperação nessa tarefa determinará como você passará seu tempo em Yvelia. Insultar seu propósito e a vida dentro dos muros deste palácio se tornará infinitamente mais desconfortável para você. Eu falei."

Esperei que ele *me desse* permissão para falar; uma ladainha de objeções e palavrões escolhidos queimava na ponta da minha língua, mas Belikon não me concedeu a cortesia. Com um gesto entediado de pulso, ele me dispensou, como se eu não lhe interessasse mais. A raiva me consumia o estômago. Recusando-me a ser dispensado tão rudemente, mantive-me firme. Firmei os pés no chão, mas Everlayne me segurou pelo braço, empurrando-me para a direita. Aparentemente, minha audiência com o rei havia chegado ao fim.

"Vai." Everlayne me empurrou com mais força, forçando-me a me mover. Obedeci, entorpecido, deixando-a me levar para longe do estrado em direção ao banco desocupado na frente da galeria, à nossa esquerda. Assim que me sentei, ela sibilou:

“Sua vida realmente vale tão pouco para você?”

"Se Hayden realmente estiver morto... então sim", sussurrei. "Não vale nada."

Everlayne me observou com olhos pensativos, mas eu não olhei para ela. Meu foco estava fixo no bastardo no estrado. O rei já parecia ter se esquecido de mim. Suas feições cruéis haviam se tornado impassíveis novamente. "Tenho outros assuntos para tratar", gritou ele. "Tragam o cachorro e vamos acabar logo com isso." O cachorro?

Um sussurro de conversas espalhou-se entre os feéricos reunidos. Do outro lado do estrado, um feérico alto, com cabelos ruivos esvoaçantes,

golpeou com a coronha de um pesado cajado dourado, e o resultante *"bum! bum! bum!"* fez a multidão silenciar. As portas no fundo da sala do trono rangeram alto, e o caos se instalou quando um grupo de guerreiros vestidos com armaduras completas entrou no salão. Eram seis ou sete, talvez. Entre eles, debatendo-se como um animal raivoso, arrastaram um homem pela passarela em direção ao estrado.

O homem esperneou e se enfureceu. Os guardas fizeram o possível para segurá-lo, mas, apesar de todos os esforços, ele derrubou dois deles, jogando-os no chão. Por fim, os guardas conseguiram arrastar a figura tensa para a frente da sala do trono, onde o forçaram a se ajoelhar.

Ondas escuras caíam no rosto do homem Fae.

Vestido todo de preto, seus ombros estavam encolhidos em torno das orelhas pontudas. Seu peito subia e descia com a respiração ofegante. Tatuagens se contorciam e se moviam como fumaça por cada pedaço de pele visível, subindo pela nuca e serpenteando pelas costas das mãos.

Era a Morte.

Em tal estado selvagem, ele tinha pouca semelhança com o homem que me pegou do chão no Salão dos Espelhos. Só quando ele jogou a cabeça para trás, mostrando os dentes, é que me permiti acreditar que era ele.

Ao meu lado, Everlayne respirou fundo, empurrando-se para a beirada do assento. "Merda."

Quando o resto da multidão conseguiu ver claramente o rosto do homem, eles também começaram a xingar.

“Maldição Viva.”

“A perdição de Gillethrye.”

“Cavaleiro negro.”

“Martim-pescador.”

“Martim-pescador.”

“Martim-pescador.”

O nome Kingfisher ecoou por todo o salão, pronunciado com uma mistura de reverência e medo.

“Ele vive!”

“Ele voltou!”

Ao meu lado, os olhos de Everlayne se fixaram no Martim-pescador, que rangeu os dentes e rosnou, lutando contra os guardas. "É pior", sussurrou ela. "Muito pior."

"O que há de errado com ele?", sibilei.

Everlayne não disse uma palavra. Ela encarou o homem ajoelhado diante de Belikon, com os dedos tremendo enquanto os levava aos lábios.

"Vejam!" Belikon se levantou. Caminhando em direção a Kingfisher, ele arrastou a espada atrás de si em vez de embainhá-la, e a ponta da lâmina lançou faíscas em seu rastro. Um grito terrível e multifacetado irrompeu em minha cabeça quando o metal raspou o estrado desta vez. O som foi ensurdecedor. Fez meu estômago revirar, a bile borbulhando no fundo da minha garganta. Tapei os ouvidos com as mãos, tentando bloquear o som, mas o tom nauseante se intensificou à medida que Belikon aproximava a arma.

"Este... é o preço da loucura!" Belikon trovejou. "Loucura. Loucura e morte!"

Kingfisher investiu, tentando se libertar, desesperado para alcançar o rei, mas os guardas o imobilizaram, prendendo-o ao chão. Um deles o acertou com o joelho na nuca, mas Kingfisher se esquivou, tentando se libertar de seus captores. O Rei Belikon chupou os dentes, balançando a cabeça com desdém.

Abrindo os braços num gesto teatral, ele gritou: “O flagelo de Yvelia! O macho que persegue os pesadelos dos seus filhos. O macho que incendiou uma cidade por capricho. O macho que cortaria sua garganta assim que olhasse para você. Essa criatura patética parece tão imponente agora?”

Um estrondo percorreu o salão, mas era impossível decifrar qual era o verdadeiro consenso entre os feéricos. Aqueles que achavam que Kingfisher era um monstro aterrorizante estavam se atropelando para se distanciarem de suas famílias. Outros exibiam expressões pétreas e duras, olhando uns para os outros com os maxilares cerrados e as narinas dilatadas, obviamente sem gostar nem um pouco da demonstração.

Seu exílio não chegou ao fim, mas ele retornou mesmo assim. Pouco mais de um século se passou desde Gillethrye. Nossas perdas diminuíram. A dor arde um pouco menos intensamente. Mas isso significa que devemos perdoar?

Um rugido surgiu ao nosso redor, a parede de som batendo em meus tímpanos tão alto que parecia que eles iriam explodir.

"Misericórdia!"

"Mate-o!"

“Bani-o!”

“Proteja Yvelia do Flagelo!”

“Martim-pescador!”

“Martim-pescador!”

“Martim-pescador!”

“Mande-o para o túmulo!”

A ansiedade irradiava de Everlayne enquanto ela observava os súditos do pai por cima do ombro. Tremendo, ela apertava e desabotoava as mãos, torcendo-as desesperadamente. "Ele vai matá-lo", sussurrou. "Ele vai deixá-los em frenesi até que exijam sua morte." Ela pareceu refletir por um momento, virando-se bruscamente para olhar novamente para o estrado — não para Belikon, que pairava sobre Kingfisher, mas para a velha sentada no estrado, com as mãos nodosas e os olhos brancos como leite.

"Malwae." Ela pronunciou o nome apenas um pouco mais alto que um sussurro, mas a velha lentamente se afastou de Belikon, que gesticulava rudemente para Kingfisher, e se dirigiu à bela fêmea ao meu lado.

"Faça alguma coisa. Por favor!", ela implorou.

Malwae ficou rígida em seu assento. Sentando-se um pouco mais ereta, lançou a Everlayne um olhar que parecia dizer: "O que você espera que eu faça?". Everlayne choramingou, soltando um grito de alarme ainda mais alto quando o Rei Belikon ergueu a espada que havia arrastado para Kingfisher e a ergueu sobre o torso do homem de cabelos escuros.

"O que você diz, Fada de Yvelia? Devemos apunhalar esse desgraçado pelas costas, assim como ele cravou a lâmina em nossas costas e nos apunhalou?"

"Misericórdia! Por favor! Misericórdia!"

"Acabe com ele!"

“Proteja Yvelia!”

Parecia que aquele Martim-pescador tinha matado muita gente. O rei fingiu que tinha feito aquilo por capricho, por despeito. Se isso fosse verdade, então se poderia argumentar que o macho merecia ser punido. Mas a pompa disso parecia estranha. O comportamento de Belikon era muito exibicionista e arrogante, e a reação de Everlayne também me afetava. Eu mal a conhecia, mas ela parecia, bem... boa. Será que ela estaria tão preocupada se o pai estivesse ameaçando executar um assassino de coração frio? Não estaria exigindo justiça junto com o resto da turba?

Meus nervos me dominaram. "Ele não vai matá-lo de verdade, vai?"

A pergunta caiu em ouvidos moucos. Olhando para o estrado, Everlayne se concentrou na mulher de cabelos grisalhos, com os olhos ardendo ferozmente. "Malwae, agora! Se você tiver algum amor pela minha mãe, faça algo para salvá-lo", sibilou.

Uma expressão de resignação tomou conta das feições enrugadas de Malwae. Ela gemeu enquanto, relutantemente, se levantava. Os gritos da multidão se intensificaram quando o Rei Belikon percebeu a aproximação da velha curvada com a visão periférica. "O que é isso? Apoio à traidora?" Belikon riu friamente. "Sente-se, Malwae. Descanse seus velhos ossos. Terminaremos aqui em breve, e você poderá retornar à sua vidência."

"Ai de mim, Alteza", grasnou Malwae. "Mas a espada me chama. Eu a sinto. Os últimos vestígios do poder da arma ecoam com profecias."
Estou meio surdo com essa coisa maldita zumbindo nos meus ouvidos."

"Uma profecia?"

"A espada ainda retém algum poder?"

Perguntas surgiram ao nosso redor. Incontáveis. As fadas sentadas nos bancos pareciam perturbadas com a declaração da velha.

"Para ouvir a profecia na íntegra, preciso empunhar a espada, Alteza", disse Malwae. Ela estendeu a mão, esperançosa.

"O Oráculo Vê!", gritou uma jovem algumas fileiras atrás. "Uma bênção! É uma bênção!"

Belikon avaliou a multidão, estreitando os olhos turvos. Virando-se para Malwae, disse: "Uma audiência em particular, eu acho. As profecias de um Oráculo são para um rei decifrar sozinho. Mas não se preocupe, você poderá empunhar a espada quando meu trabalho aqui terminar."

A mão de Malwae se estendeu rapidamente e fechou-se em volta do pulso de Belikon. Num instante, seus olhos turvos brilharam com um branco brilhante, e a luz transbordou deles, iluminando o estrado. "Os deuses devem ser obedecidos!" Sua voz era rouca um momento antes, mas agora era pura trovoada e julgamento. Suas palavras ecoaram pelo grande salão. "Os deuses devem ser obedecidos, para que a Casa De Barra não caia!"

Belikon ficou boquiaberto, mas antes que pudesse falar, Malwae agarrou a espada e fechou a mão ossuda em volta do fio. Um rio de sangue — azul-vivo — escorreu pelo aço.

Um silêncio atordoante caiu sobre a multidão. Apenas o macho de preto, Kingfisher, o quebrou. Ele rugiu, lutando, ainda tentando se soltar.

"Este Martim-pescador não morre pelas suas mãos. Não hoje", Malwae murmurou. "O Martim-pescador não morrerá pelas suas mãos." "Que diabos está acontecendo?", sussurrei.

"Espere." Everlayne agarrou minha mão. "Só... espere."

"O que um rei que ama seu povo deveria fazer então?", Belikon disparou. "Permitir que criminosos loucos andem entre eles?"

A luz que emanava dos olhos de Malwae se apagou e então brilhou novamente. "Devolvam a ele o que vocês tiraram dele", entoou ela.

“A espada é minha—”

"O pingente", interrompeu Malwae. "Precisa ser devolvido."

“Esse pingente contém magia poderosa. Não deveria estar pendurado no pescoço de um cachorro traiçoeiro. Ele me pertence. Vou estar frio na terra antes de devolvê-lo a isso... a isso...”

"Os deuses devem ser obedecidos, para que a Casa De Barra não caia!", gritou Malwae. "Os deuses devem ser obedecidos, para que o Palácio de Inverno não caia!"

O rei lutou para controlar sua fúria evidente. "E quem sou eu para discutir com os deuses?" Ele sorriu para Malwae — um rápido lampejo de dentes brancos e brilhantes, afiados como punhais — e então se virou pesarosamente para a multidão. As Fadas na galeria se levantaram de seus assentos, discutindo entre si sobre o destino de Kingfisher. "Paz. Paz, meus amigos. Malwae me lembrou que questões como essas devem ser tratadas corretamente. A Maldição recuperará sua sanidade por um tempo."

“Tranquem-no!” gritou uma mulher, com a voz carregada de histeria.

“Mantenha-o nas masmorras!”

“Libertem-no!”

"MANDE-O DE VOLTA PARA A FRENTE!", rugiu uma voz grave. "Faça-o lutar! Faça-o terminar o que começou!" De parede a parede, do chão ao teto imponente, a voz estrondosa ordenou silêncio aos outros feéricos, que pararam de gritar.

Eu estava olhando para o macho ainda preso ao chão, observando-o se debater. Desviei o olhar dele, olhando por cima do ombro, tentando localizar o dono da ordem sonora. Everlayne fez o mesmo; eu podia ver seu pulso pulsando freneticamente na cavidade da garganta.

Belikon deu um sorriso fraco enquanto também procurava a fonte daquela perturbação entre seus súditos. "Seria imprudente desencadear uma ameaça perigosa sobre um acampamento de guerra. Apresente-se e defenda sua sugestão, orador. Explique-se."

Uma onda de tensão percorreu a caverna. Malwae e Everlayne trocaram um olhar cauteloso, mas ambos seguraram a língua enquanto as feéricas se afastavam e o enorme macho que visitara meu quarto antes surgia.

Com mais de dois metros de altura e coberto de tatuagens, Renfis emergiu da multidão, se fazendo notar. Seus cabelos castanho-claros caíam abaixo dos ombros. Desde a última vez que o vi, ele ficou com um olho roxo e um corte

no lábio. Também mancava um pouco ao caminhar, o que me levou a crer que as últimas horas não tinham sido divertidas para ele. Sussurros o seguiram enquanto ele se dirigia a Belikon e ao Martim-pescador contido.

"General Renfis?" Belikon olhou ao redor, franzindo a testa como se estivesse confuso. "Você deveria estar na frente de batalha. Eu não o incumbi de vencer a minha guerra? E aqui está você, entrando no meu palácio? E armado até os dentes, ainda por cima?"

Tenho que dizer que isso é muito confuso."

Deuses, esse desgraçado viveu para dar

um show.

"Sim, Alteza", respondeu Renfis. "Eu estava na frente, mas quando soube que ele havia retornado, vim aqui imediatamente." Ele.

Martim-pescador.

Nem o general quis dizer seu nome.

"Contra minhas ordens, então?" O sorriso recém-formado de Belikon tinha um tom perigoso.

"Eu estava seguindo suas ordens diretamente, Alteza."

"Ah? Não me lembro de ter mandado você abandonar o posto."

Enquanto outros se esquivavam da ira de Belikon, o general permanecia estoico, com as mãos descansando confortavelmente ao lado do corpo. "A situação em Cahlish é grave. Nossos homens morrem aos montes todos os dias. As feras que patrulham as fronteiras inimigas se espalham cada vez mais, reivindicando nossas sentinelas e postos avançados. As rotas de suprimentos estão fechadas para nós. Estamos sobrevivendo com o que conseguimos caçar e coletar. Dentro de seis meses, a guerra terminará e Yvelia se verá do lado errado da vitória. Então, sim, Alteza. Estou fazendo o que me ordenou. Você me disse para vencer a guerra por qualquer meio necessário, então vim reivindicar a única ferramenta que nos trará de volta a vantagem. Eu vim por ele."

Belikon soltou uma gargalhada atordoada. Apontou para a figura trêmula de Kingfisher. "Isso? Você veio aqui para *isso?* Está me dizendo que esse cão traidor, mentiroso e voraz é a única coisa que nos separa da aniquilação completa? Você está tão louco quanto ele, General."

Risadas dispersas e nervosas irromperam entre os feéricos. Mais uma vez, o General Renfis manteve a compostura. "Como Malwae insinuou, Majestade, tudo o que ele precisa é do pingente, e ficará bem. De qualquer forma, prefiro que ele lute por nós, um pouco desequilibrado e imprevisível, do que não lutar."

"Se as coisas estiverem tão ruins quanto você diz, ele será morto em questão de dias", disse Belikon, com desdém.

"Provavelmente sim, Majestade. Mas, com todo o respeito, essa probabilidade não lhe pouparia o trabalho de um julgamento pelo que ocorreu em Gillethrye?"

O Rei hesitou, prestes a dizer algo, mas então reconsiderou. Apesar de toda a sua pompa e ostentação, ele não era um bom ator. "Agora que você mencionou, sim. Talvez você tenha razão, Renfis. Talvez um retorno ao front fosse uma punição justa. Por que ele não deveria ajudar no esforço de guerra?"

Poucos segundos atrás, Belikon estava se preparando para punir Renfis por aparecer no Palácio de Inverno, mas o sorriso beatífico que ele lhe lançou agora parecia uma espécie de perdão.

"Uma semana então", anunciou Belikon, já decidido. "Você pode levá-lo de volta em uma semana. Como ele sabe tanto sobre o mercúrio, ficará aqui e ajudará Rusarius a lidar com a garota primeiro. Assim que ela for capaz de acordar a poça sozinha, Kingfisher será novamente banido desta corte."

Renfis curvou-se numa profunda reverência. Seu alívio era palpável.

O rei enfiou a mão por dentro de suas vestes bordadas e tirou o mesmo pingente que Kingfisher havia prendido em meu pescoço em Zilvaren. Ele nem olhou para o homem quando o jogou aos pés de Renfis.

"Tire-o da minha frente, General. Antes que minha natureza benevolente vá embora."

Renfis se lançou para pegar o pingente do chão; a corrente de prata brilhante parecia frágil em suas mãos enormes. Ele estremeceu ao levá-lo rapidamente até Kingfisher, rosnando para os guardas que ainda lutavam para contê-lo. Os homens de Belikon pareceram aliviados por soltarem sua proteção. Kingfisher estalou os dentes para Renfis, um rosnado animalesco crescendo no fundo de sua garganta. Parecia que ele iria atacar, mas por trás da loucura que espreitava em seus brilhantes olhos verdes, surgiu um tênue lampejo de reconhecimento.

"Por favor. Por favor. Deuses, só...", sussurrou Everlayne. Ela mordeu o lábio inferior, o olhar fixo nos dois machos aos pés do estrado. Eu não fazia ideia do que ela implorava, mas ela estava encolhida como uma mola, pronta para pular de pé. Uma respiração entrecortada escapou dela quando Kingfisher se acalmou, abaixando a cabeça, sua auréola de cabelos negros escondendo o rosto.

Renfis agiu rápido, enrolando a corrente no pescoço do outro macho. Prendeu-a num piscar de olhos e recuou, esperando. Demorou um instante, mas... sim. Pronto. De quatro, Kingfisher começou a tremer. A princípio, ele só tremeu um pouco, mas logo todo o seu corpo tremia. Renfis estava lá para segurá-lo quando seus braços cederam.

“Você tem cinco segundos”, avisou Belikon.

"Vá, vá, vá", Everlayne insistiu baixinho.

Renfis agarrou Kingfisher e o ajudou a se levantar. Jogou o braço do macho desgrenhado sobre o próprio ombro e começou a andar. A cabeça de Kingfisher pendeu um pouco, mas ele não resistiu. Com a ajuda de Renfis, conseguiu colocar um pé na frente do outro até chegarem às portas no final do corredor.

Everlayne observou com os olhos arregalados os machos pararem ali. Ela cobriu a boca com as mãos, a ansiedade a consumindo. "Vão!", sibilou ela, entre as mãos.

Renfis falou com Kingfisher, aproximando a boca do ouvido, e pela primeira vez Kingfisher pareceu entender o que estava ao seu redor. Ele balançou a cabeça e então se virou lentamente para olhar por cima do ombro para a corte reunida.

Tudo estava quieto.

Tudo estava em silêncio.

Meu coração disparou quando vi a expressão no rosto de Kingfisher.

Deuses, ele parecia tão jovem. Muito mais jovem do que parecia no Salão dos Espelhos, quando parecia feito de sombra e fumaça.

Sua expressão assombrada prometia dor, sangue e morte.

E ele estava olhando diretamente para o rei. Ou talvez tenha sido o crânio do dragão morto que despertou seu ódio. Não consegui dizer.

"Vamos. Precisamos sair daqui." Everlayne me agarrou pelo pulso e me puxou para cima do banco. Um segundo depois, estávamos em frente ao estrado, e ela me puxou para baixo, fazendo uma reverência profunda ao seu lado. "Pedimos licença, Alteza", disse Everlayne em voz alta. "Saeris está ansiosa para começar a trabalhar."

A única coisa que eu queria era escapar, mas fiquei de boca fechada. Quanto mais cedo saíssemos daquele salão, melhor.

"Pode ir", disse Belikon. Quando estávamos a meio caminho das portas, o rei a chamou novamente. "Fique de olho nela, Everlayne. Ela é sua responsabilidade agora."

O passo de Everlayne não diminuiu. Ela saiu apressada da sala do trono, me arrastando atrás dela. Encontramos Renfis no corredor além das portas, com o rosto cinzento como cinzas. A dois metros de distância, Kingfisher estava com as mãos apoiadas na parede, curvando-se para a frente enquanto cuspia no chão. Havia uma poça de vômito a seus pés.

Everlayne olhou para Renfis. "Você é louco!"

"O que eu ia fazer? Ele ia enforcá-lo, pelo amor de Deus."

"Você deveria ter devolvido o pingente para ele e tirado ele daqui horas atrás!"

O hematoma sob o olho direito de Renfis estava escurecendo bem na nossa frente. O corte em seu lábio começara a sangrar. Ele apontou incisivamente para os ferimentos. "Oito daqueles desgraçados me atacaram bem antes de eu entrar no quarto dele. Devem ter me seguido. Me nocautearam, Layne. Quando recuperei a consciência..."

"Sim, tudo bem. Tudo bem. Está feito agora. A questão está lançada. Teremos que lidar com as consequências—"

“Parem de discutir.”

Uma onda de energia percorreu minha espinha ao ouvir essas duas palavras. A voz de Kingfisher era áspera e dolorida, mas também era elétrica. Fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem.

Renfis e Everlayne o encararam, o primeiro com a cabeça baixa, o segundo à beira das lágrimas. "Você atravessou a piscina? De todas as coisas imprudentes, idiotas e estúpidas que você poderia ter feito..." A voz de Everlayne falhou enquanto ela falava. Kingfisher passou a mão pelo rosto e, em seguida, afastou o cabelo dos olhos. Estava escuro no Salão dos Espelhos, sem mencionar o fato de que eu estava sangrando. Ele se debatera tanto que eu não conseguira distingui-lo muito na sala do trono atrás de nós. Agora, eu o via direito pela primeira vez, e uma onda de choque me percorreu, até as raízes da minha alma.

Seu maxilar era definido, marcado por uma barba escura por fazer, as maçãs do rosto salientes, o nariz em forma de flecha, reto e orgulhoso. Havia uma sarda escura logo abaixo do olho direito. E... aqueles olhos. Deuses. Olhos não eram daquela cor. Eu nunca tinha visto aquele tom de verde antes — um jade tão brilhante e vibrante que não parecia real. Eu havia notado os filamentos prateados atravessando sua íris direita no Salão dos Espelhos de Madra, mas presumi que os tivesse imaginado, estando tão perto da morte e tudo mais. A prata brilhava ali, porém, definitivamente real, formando uma

coroa metálica reflexiva ao redor do poço negro de sua pupila. A visão disso me fez sentir estranho e desequilibrado.

Kingfisher me lançou um olhar rápido e então se dirigiu à fêmea: "Olá, Layne."

Everlayne soltou um soluço estrangulado, com lágrimas escorrendo pelo rosto, mas lançou um olhar de desgosto para o guerreiro vestido de preto. "Não me venha com 'olá, Layne' depois de cento e dez anos. Responda à pergunta. Por que diabos você entrou naquela piscina?"

Ele suspirou, cansado. "Eu tinha dois segundos para decidir. O caminho já estava se fechando. O que eu deveria fazer?"

"Você deveria ter deixado fechar!" Sua voz era dura como pedra.

Kingfisher gemeu, depois esticou a cabeça para a frente e cuspiu novamente. "Me castigue amanhã, por favor. Agora, preciso de duas coisas. Uísque e uma cama."

Everlayne não parecia inclinada a permitir tais coisas. Ela bufou, cruzando os braços. Renfis se colocou entre eles, balançando a cabeça. "Que tal todos nós descansarmos um pouco? Resolveremos isso amanhã de manhã."

"Vocês podem dormir no meu quarto. Vocês dois", ordenou Everlayne. "Estarão mais seguros lá. Vão agora antes que ele libere toda a corte. Chego logo."

Eu estava invisível. Inconsequente. Nem Renfis nem Kingfisher me disseram uma palavra enquanto se viravam e iam embora. Kingfisher cambaleou um pouco enquanto andava, afastando a mão de Renfis quando este tentou ajudar.

"Vamos. Precisamos levar você de volta para o seu quarto também." Everlayne tentou agarrar meu pulso novamente, mas eu me afastei bruscamente antes que ela pudesse me segurar. "Se você quiser que eu ande para algum lugar, é só me pedir para ir com você", respondi rispidamente. "Estou farta de ser arrastada como um animal na coleira."

“Você não está segura aqui, Saeris.”

"Você tem razão. Não parece que eu esteja. Você não acha que deveria ter me contado que seu povo está em guerra?"

Ela franziu a testa. "Eu não mencionei isso?"

"Não!"

"Ah, bem. Estamos em guerra com Sanasroth há mais tempo do que eu nasci. Devo ter me esquecido", disse ela, impaciente. "Por favor, volte para

seus aposentos comigo, Saeris? Responderei a todas as suas perguntas na hora certa, mas não aqui e não agora."

Elroy sempre dizia que eu era teimoso como um burro. Eu queria me manter firme e me recusar a ceder um centímetro, mas tinha a sensação de que me arrependeria. E a promessa de respostas era tentadora. Eu tinha perguntas demais para contar, tantas que minha cabeça estava prestes a explodir, e ninguém mais parecia disposto a revelar qualquer informação sobre a situação difícil em que eu me metera.

Fiz uma careta enquanto começava a caminhar.

Everlayne me lançou um sorriso agradecido. "Há uma coisa que posso lhe dizer agora mesmo", disse ela, caminhando à minha frente para me guiar. "Mesmo em tempos de paz, os feéricos estão sempre em guerra. Há aqueles em nossas fileiras que podem fingir ser seus amigos, mas muitas vezes escondem facas atrás dos sorrisos, prontos para cravá-las em suas costas. É bom se lembrar disso."

Enquanto eu a seguia, correndo para acompanhá-la, não pude deixar de me perguntar se ela se incluía entre aqueles números.

8

ALQUIMISTA

T com ele uma série de revelações. Estava escuro quando
Everlayne veio me buscar, o que não era incomum. Até a casa mais pobre de Zilvaren fechava as janelas com cortinas blackout na hora de dormir. Mas percebi que não havia cortinas nas janelas do meu quarto quando Everlayne me convenceu a usar mais um vestido ostentoso. O *mundo* lá fora estava escuro. da janela.

"Então os sóis estão sempre no céu? E são dois?", perguntou Everlayne, puxando o espartilho com tanta força que eu fiquei ofegante.

"Sim."

“Bem, as coisas são um pouco diferentes aqui.”

Foi preciso um esforço monumental para compreender o *quão* diferentes elas eram. Yvelia tinha apenas um sol. E ele se punha à noite, desaparecendo além do horizonte. A perspectiva me fez sentir como se estivesse alucinando novamente — uma preocupação que se intensificou quando a cena além das janelas do palácio começou a clarear a caminho da biblioteca, e eu vi o que havia lá fora.

"Como assim, o que é isso? É neve!", disse Everlayne, rindo.

Fiquei em pé diante da enorme janela no corredor, com a língua grudada no céu da boca, completamente muda. A vista além do vidro não era real. Não podia ser. Havia montanhas ao longe, enormes monstruosidades com picos irregulares que faziam minhas pernas tremerem só de olhar. E havia árvores. Tantas árvores. Eu só tinha visto as de galhos finos e folhas amareladas que ladeavam as passarelas do Hub. Essas árvores eram altas e verdes, pressionadas firmemente umas contra as outras para formar uma copa que se estendia até onde a vista alcançava. Logo abaixo da janela, uma cidade extensa com prédios construídos em pedra escura descia em direção a uma

faixa azul-acinzentada cintilante que só percebi ser um rio quando vi que sua superfície estava ondulando.

Tudo estava coberto por uma espessa camada branca. Tudo, exceto o rio. Tanta água, correndo, fluindo e se agitando. Eu a encarei, incapaz de entender como uma massa de água tão grande poderia existir.

"Este é o Palácio *de Inverno* ", Everlayne me lembrou, tentando me obrigar a me afastar da janela. "Aqui neva o ano todo. Pelo menos uma vez por dia. Vamos, vamos nos atrasar."

Eu me movia pelo palácio como se estivesse caminhando em um sonho. As cores eram berrantemente brilhantes, as imagens e os sons do lugar surreais demais para descrever em palavras.

Yvélia.

Ainda não tinha caído a ficha. Para onde quer que eu olhasse, belas feéricas me olhavam com frio desdém. Machos me observavam passar, com sorrisos de escárnio na boca e olhos brilhando de ódio. Eu *não era* bem-vindo ali, isso era óbvio, e ainda assim eles precisavam de mim para alguma coisa. Eu deveria repetir o que quer que tivesse feito no Salão dos Espelhos para aquela poça prateada. Enquanto eu descobria como fazer isso, eu desfrutava da proteção do rei. Mas proteção não significava gentileza, e certamente não significava respeito.

A biblioteca ficava na extremidade oposta do palácio, subindo lances de escadas que pareciam intermináveis. Eu estava ofegante e suando muito quando chegamos, embora a temperatura parecesse cair à medida que subíamos. Através de um enorme conjunto de portas pretas gravadas, abria-se um espaço enorme com tetos altos e vitrais de seis metros de altura que teriam feito Elroy chorar.

Antes de morrer, minha mãe trabalhou na biblioteca do Terceiro Distrito por um tempo. O labirinto subterrâneo de túneis e cavernas escavadas parecia um túmulo e fedia mais que a morte. O pequeno número de livros que ostentava estava meio comido pelo mofo, mas pelo menos era fresco lá embaixo. Quinze a vinte graus mais frio em um dia bom. Os moradores do Terceiro Distrito tinham que fazer uma petição para visitar as estantes; precisavam de um token *e* uma recomendação do empregador antes de terem entrada permitida. A posição da minha mãe como escriturária ali significava que ela podia entrar e sair quando quisesse, e essa vantagem me foi concedida. No começo, eu não apreciei o acesso irrestrito à biblioteca. Mas quando Elroy me aceitou como aprendiz, eu vasculhei as informações da biblioteca não sobre vidraria, como ele achava que eu deveria ter feito, mas

sobre metalurgia. Cheirando a fumaça de forja e coberto de graxa, eu me debruçava sobre o trabalho escrito dos antigos mestres de Zilvaren até tarde da noite, sonhando acordado sobre como seria ter acesso a tanto metal.

A biblioteca de Yvelia era impressionante em comparação. Tantos livros reunidos num só lugar. Pilhas e mais pilhas. Tão acostumada a me agachar, olhando pergaminhos esfarelados e cobertos de mofo à luz de velas, eu não estava preparada para o impacto que a visão de tantos livros encadernados e de capa dura teria. Este era um tesouro além do tesouro de ouro de Madra. Mais precioso do que rubis e diamantes. As informações contidas em um lugar como este eram vastas demais para serem compreendidas. E a luz!

A uns nove metros acima de nossas cabeças, um teto de vidro abobadado exibia um céu azul cristalino e brilhante. Nuvens tingidas de rosa estendiam-se de um lado a outro da cúpula, como se tivessem sido colocadas ali pelo pincel de um artista. A luz do amanhecer era intensa e banhava as paredes da biblioteca em tons de azul, verde e branco, em vez dos amarelos, laranjas e dourados quentes aos quais eu estava acostumada.

Foi lindo.

Tão bonito.

"Você vai ficar tonto, olhando para o céu desse jeito", disse uma voz alegre. Saindo apressadamente de trás de uma das estantes mais distantes, surgiu um homem corpulento, de túnica azul, com cabelos grisalhos e crespos e pele morena escura e cálida. Olhos castanhos dançando de alegria encontraram os meus enquanto o homem caminhava lentamente pelo andar principal da biblioteca em nossa direção, agarrando um livro esfarrapado contra o peito, mancando levemente. Ele era velho, embora fosse difícil adivinhar a idade. Seu cabelo estava ralo no topo e parecia não ter visto uma escova há um mês.

"Rusarius." O sorriso de Everlayne brilhou em seus olhos. Percebi o quão dissimulada ela tinha sido ao interagir com outros membros da corte. Ela sorriu para o velho e então gritou quando ele a agarrou num abraço de um braço só e a girou, tirando-a dos pés calçados com chinelos.

"Me solta, seu idiota. Você vai machucar as costas de novo!", ela gritou.

"Bobagem." Rusarius, porém, a colocou no chão novamente. Ele a segurou com o braço estendido, olhando-a de cima a baixo com um carinho inconfundível. "Tempo demais. Tempo demais. Nem consigo descrever a surpresa que fiquei quando acordei no meio da noite com aqueles desgraçados brutamontes me arrastando para fora da cama. Presumi que

tivessem vindo para me matar. Eu já tinha esfaqueado um deles na nádega quando me avisaram que eu seria chamado de volta ao tribunal."

Everlayne riu. "A nádega? Não é um ferimento fatal. Que bom que você voltou aos estudos. Pelo visto, você precisa aprimorar sua anatomia."

Rusarius apontou o dedo para ela. "Se eu quisesse o desgraçado morto, ele já estaria enterrado. Eu só queria puni-lo pelos maus modos. Ele vai bater antes de derrubar a porta do quarto de alguém no futuro. Agora..." Sua voz se perdeu, sua atenção voltando para mim. " *Esta* é uma reviravolta fascinante. Sim, *fascinante* . Um humano, caminhando pelos corredores sagrados do Palácio de Inverno pela primeira vez em uma era. Nunca pensei que viveria para ver esse dia. Sou Rusarius, bibliotecário, recém-nomeado mestre deste domínio. Quem é você e qual é o seu nome? Não me disseram muita coisa antes de eu ser mandado de volta ao trabalho."

Desde que acordei ontem, fui encarado, cochichado, ameaçado e tratado como um macaco de palco. Toda a atenção começou a me irritar um pouco. A curiosidade de Rusarius, porém, não era maliciosa. Uma curiosidade infantil irradiava dele enquanto circulava uma mesa e se postava do outro lado, seu olhar percorrendo-me com o que parecia ser um interesse puramente acadêmico.

Decidindo que não me importava com essas perguntas vindas dele, curvei-me profundamente e fui direto ao ponto. "Sou Saeris Fane, aprendiz do mestre vidreiro da Rainha Imortal. Venho do terceiro raio da roda abençoada da sagrada Cidade Prateada."

A boca de Rusarius se curvou para baixo nos cantos enquanto ele assentia. “A Prata Cidade? Zilvaren, então. É *mesmo* ?

— É verdade — disse Everlayne baixinho.

A luz nos olhos cintilantes de Rusarius se apagou. "Mas... o mercúrio acordou? Isso não..." Ele pareceu tomado por uma epifania, virando a cabeça bruscamente para mim. "Ah! Então... então, este aqui é um Alquimista?"

"Shh!" Everlayne estremeceu. "Ainda não sabemos *o que* ela é. Kingfisher sentiu Solace chamando e respondeu. Ele a encontrou nas mãos de Saeris."

Seus lábios se abriram levemente. "Ela estava *segurando* Solace?"

"Sim."

"Desculpe interromper, mas o que é um Alquimista? E o que é Solace?" Eu não estava acostumado a ficar de fora de conversas como essa. Não tinha a mínima graça. Mas nenhum dos dois se deu ao trabalho de me responder.

"Então acho que é seguro presumir que ela *é* uma Alquimista, não é?" disse Rusarius, erguendo as sobrancelhas para Everlayne.

"É... não! Bem, não é tão simples assim. Os Alquimistas eram todos *feéricos* ..."

"Ela deve ter uma gota de sangue feérico", murmurou uma voz grave. "O suficiente para impedir Solace de queimar suas mãos. Mas não o suficiente para fazer diferença." O dono daquela voz estava em algum lugar nas profundezas das estantes. Eu só o ouvira falar brevemente ontem, mas era ele mesmo. Martim-pescador. Everlayne revirou os olhos e ergueu as mãos.

"Você deveria ter esperado o Ren terminar de tomar banho. Você veio aqui sozinha?"

Através da cúpula de vidro acima, o céu ainda era de um azul brilhante e nítido, mas a biblioteca de alguma forma parecia mais escura quando a figura alta de Kingfisher emergiu do centro das estantes. Ontem, ele usava uma camisa preta simples e calças pretas. Sem armadura. Sem armas. Hoje, ele estava vestido como quando veio me buscar no Salão dos Espelhos. Um protetor de couro que cobria apenas metade do peito e um ombro, uma tira prendendo-se sob o braço direito e ao redor das costelas. Borlas de couro preto sobre as coxas. Braçadeiras sobre os antebraços. Uma gorjeta de renegado de prata polida brilhava em sua garganta. Seu cabelo estava molhado, as pontas de suas ondas pretas como tinta pingando gotas de água nas páginas do livro aberto que ele estava lendo.

Horrorizado, Rusarius deu um pulo, arrancando o tomo das mãos de Kingfisher. "Me dá isso! O que *houve* com você? Esse livro é uma primeira edição."

Kingfisher lançou um olhar vazio para Rusarius. Ele era mais alto que o bibliotecário, mas isso não pareceu importar para o feérico mais velho. Também não poderia ter importado para Kingfisher, pois o guerreiro abaixou a cabeça e lançou brevemente seus olhos sinistros para o chão. "Minhas desculpas, Rusarius. Serei mais cuidadoso no futuro."

"Onde está Ren?" Everlayne perguntou.

A expressão de Kingfisher endureceu. "Imagino que ele ainda esteja esfregando as *bolas",* disse secamente.

"Se você está tentando me chocar mencionando partes aleatórias da anatomia masculina, então você está sem sorte", disparou a loira. "Eu vi as

bolas do Ren. Eu vi as suas também. Eu vi *tudo* ", disse ela, olhando fixamente para a virilha de Kingfisher, "então eu sei exatamente onde mirar meu joelho se você continuar me testando. Você parece não ter noção do nível de perigo que corre agora, Fisher."

O enorme macho olhou para si mesmo e depois para Everlayne, por baixo das sobrancelhas escuras e franzidas. "A quantidade de armadura que vesti esta manhã indica o contrário", disse ele, com a voz baixa, profunda e suave como seda.

“Os assassinos de Belikon podem estar em qualquer lugar—”

"Parece-me que *é em você* que eu deveria estar de olho, querido Layne. Foi você quem acabou de ameaçar me dar uma joelhada no pau." Um esboço de sorriso surgiu no canto da boca dele, mas nunca se materializou. Ele estava sério como um túmulo quando disse: "Nenhum dos homens de Belikon seria estúpido o suficiente para tentar me atacar dentro dos muros desta corte agora. Não quando tenho uma espada presa às costas e minha cabeça no lugar."

Deuses, ele tinha *mesmo* uma espada presa às costas. Não notei de imediato. Apenas o cabo preto e lustroso era visível sobre o ombro de Kingfisher. Do nada, seus olhos se voltaram para mim — a primeira vez que ele sequer percebeu minha presença — e, novamente, a biblioteca escureceu ainda mais. Será que *ele* estava fazendo isso?

"É falta de educação ficar olhando para o hardware de um homem", ele disse rigidamente.

Como ele tinha me chamado lá no Salão dos Espelhos? Patética? Uma piada? Eu me sentia as duas coisas sob o peso frio do seu olhar. Mas eu não tinha coragem de desviar o olhar. Eu não me deixaria intimidar por alguém como ele. Ele era a razão de eu estar em Yvelia, presa aqui contra a minha vontade, para começo de conversa. Se ele tivesse me deixado onde me encontrou...

Se ele tivesse deixado você onde o encontrou, você estaria morto.

Deuses, até a vozinha no fundo da minha mente estava se voltando contra mim. Bem, eu não estava agradecendo a ele. Não quando ele estava sendo tão abertamente hostil.

Não se preocupe. Eu não estava planejando roubá-lo. Não é nada impressionante.

parece mais um *palito de dente* .”

Everlayne conteve uma risada com as costas da mão.

"Oh, ho ho! Acho que aquele ali deve ter tirado sangue!" Renfis estava parado na porta aberta da biblioteca, sacudindo o cabelo como um cachorro molhado. Sua camisa estava encharcada. Pelo visto, o homem mal se dera ao trabalho de se secar antes de se vestir. Ele carregava uma armadura de couro debaixo de um braço e uma espada embainhada em um pedaço de tecido preto debaixo do outro. Apesar do sorriso malicioso que exibia (cortesia da minha língua afiada, ao que parecia), o general estava bastante irritado; sua irritação queimava em seus olhos enquanto ele colocava sua carga na longa mesa de escriturário com um estrondo.

Kingfisher não lhe deu a mínima atenção. Ele ainda me encarava . "Esta espada matou milhares", fervia ele.

"Eu não imaginaria *que isso* fosse motivo de orgulho", respondi. "Você provavelmente deveria dar uma olhada."

"Hah!" Renfis enfiou o punho na boca, mordendo os nós dos dedos enquanto tentava conter o riso. Rusarius olhou para cada um de nós, seus olhos castanhos e calorosos saltando de mim para Kingfisher, para Ren e depois para Everlayne, que havia ficado vermelha e fingia estar olhando para uma pilha de livros sobre a mesa.

"Não entendo", disse a bibliotecária. "Nimerelle *é* uma espada formidável. Alchimerana. Uma arma muito elogiada e lendária dos antigos. É uma honra até mesmo contemplá-la..."

"Vamos começar, certo?", interrompeu Everlayne. "Estamos perdendo tempo e temos muita informação para cobrir. Fisher, sente-se e pare de fazer cara feia. Isso não combina com você. Ren, vá por ali e certifique-se de que ele permaneça sentado. Saeris, venha sentar aqui." Ela apontou para a cadeira bem na ponta da longa mesa — a mais distante do assento que ela havia dito para Kingfisher sentar.

Rusarius franziu a testa, ainda confuso, mas então Everlayne empurrou um livro em suas mãos e seu rosto se iluminou. "Ahh, sim, maravilhoso! A Gênese do Amanhecer de
Yvelia. Uma das minhas preferidas."

Eu havia me sentado, mesmo que fosse apenas para encerrar o concurso de encaradas que Kingfisher silenciosamente me desafiava, mas quase pulei de novo em protesto quando ouvi o título. "Um livro *de história ?"*

"Um dos melhores", disse Rusarius, radiante. "Mas não apenas história. Há vários capítulos sobre etiqueta e política feérica que acho que serão muito úteis nesta situação específica."

"Não me importo com a história de Yvelian. Também não dou a mínima para etiqueta."

“Claramente”, Rusarius gaguejou.

"Sua política e seus tribunais são problema *seu* ", insisti. "Quero descobrir como abrir esses portais de mercúrio de novo, e então quero fazer isso e dar o fora daqui. Vocês todos continuam insistindo que meu irmão e meus amigos estão mortos?" Até mesmo dizer as palavras em voz alta foi difícil. Minha garganta doeu enquanto me obrigava a continuar. "Se eles *estão* mortos, então quero ver seus corpos com meus próprios olhos. Quero enterrar o que sobrou deles. Eles não merecem ser abandonados no calor escaldante para serem devorados pelos ratos e abutres."

A biblioteca estava em silêncio. Ren ainda não havia se sentado. Rapidamente, começou a vestir a armadura que carregava debaixo do braço, como se pudesse precisar dela a qualquer momento.

"Saeris, já faz mais de uma semana. Tenho certeza de que já é tarde demais para isso", disse Everlayne gentilmente. "Por mais difícil que seja, é melhor para você simplesmente aceitar que..."

"Você tem um irmão, Everlayne?", cuspi.

"Eu..." Ela piscou rapidamente, perturbada. Por algum motivo, seus olhos se voltaram para Kingfisher, que mantinha o olhar fixo em um ponto do outro lado da biblioteca, com o olhar firme e sereno. "Sim, eu sei", disse ela.

“E você o ama?”

"Claro."

“E você não gostaria de saber com certeza, de uma forma ou de outra, se ele estava vivo ou morto?”

Ela permaneceu imóvel, com as costas retas, mas era como se uma parte dela estivesse murchando por dentro. Ela olhou para as mãos entrelaçadas no colo e disse baixinho: "Desculpe, Saeris, mas é mais complicado do que isso."

"É mesmo?", perguntou Kingfisher abruptamente. Ele não estava mais olhando para o nada. Seus olhos cravaram-se em Everlayne com tanta intensidade que me peguei agradecendo aos deuses por ele não estar me olhando daquele jeito. "Humanos geralmente são criaturas fracas e inconstantes, mas admito que admiro a lealdade desta. Ela valoriza a família acima de tudo. Há algo a ser dito sobre isso." " *Fisher",* disse Ren.

Sobressaltei-me quando Fisher desviou o olhar de Everlayne e voltou sua atenção para mim. "Eles não vão te contar isso porque querem que você se comporte. Mas há *uma* chance de seu povo ainda estar vivo, humano. Uma chance considerável."

Uma centelha de esperança ardente reacendeu-se em meu peito. "Como? O que você sabe?"

“Fisher!” gritou Everlayne.

“Deuses sem graça . ” Ren se virou e se afastou da mesa, passando as mãos pelos fios molhados do cabelo, frustrado. Apenas Rusarius permaneceu calmo.

“Madra usou Solace para selar os caminhos há muito tempo, mas com a espada devolvida a nós e um Alquimista entre nós, ela sabe que terá uma guerra à sua porta a qualquer momento—”

“Ela *não* sabe que temos um Alquimista”, argumentou Everlayne.

"O caminho não teria se aberto sem um", respondeu Kingfisher. Sem se deixar abater, ele me perguntou: "Quantos soldados Madra treina e mantém hoje em dia?"

"Não sei. Uns mil, talvez dois mil."

"Dois mil?" Kingfisher bufou. "Sem um exército renovado à sua disposição, ela sabe que será varrida por um mar de guerreiros feéricos de trinta mil homens assim que Belikon abrir a porta do seu mundo. Ela mentiu para ele. Enganou-o. Cortou suas linhas de comércio com os outros reinos. Sem mencionar o fato de que ainda circulam rumores de que o herdeiro de Daianthus está em algum lugar de Zilvaren. O Rei *vai* querer uma guerra, e uma guerra sangrenta. Ele usará isso como desculpa para garantir que não haja ninguém na Cidade Prateada que possa desafiá-lo pelo trono. Madra não terá incendiado dez por cento de seu povo para se vingar de uma garota tola." Ela os terá recrutado.” *Recrutados?*

Kingfisher achou que Madra teria colocado uma espada na mão de Hayden em vez de matá-lo? Seria verdade? Não havia guerra em Zilvaren há séculos. O deserto cobrava um dízimo considerável quando uma força armada tentava atravessá-lo. Quando um exército chegava a Zilvaren, já tinha metade do tamanho de quando partira e estava extremamente desidratado. Eles nunca conseguiriam vencê-la sem acesso a uma fonte de água, então, eventualmente, pararam de vir. Madra não mantinha mais um exército como fazia séculos atrás. Ela não precisava de um. Mas se Kingfisher estivesse certa e estivesse preocupada com um exército surgindo do mercúrio, talvez ela recrutasse pessoas das proteções. Embora eu não gostasse da perspectiva de uma guerra entre este reino e o meu, a possibilidade me dava algum tempo. Eu estava me agarrando a qualquer coisa, mas já era alguma coisa.

"Então, apenas um desses Alquimistas pode abrir esses caminhos entre Yvelia e Zilvaren, certo?" perguntei.

Everlayne empalideceu. "É um processo perigoso, Saeris. E nem sabemos se foi você quem ativou o mercúrio da última vez."

"Era ela quem segurava Solace", disse Kingfisher, secamente. "Não havia mais ninguém naquele salão. Harron não despertou o mercúrio, e *eu* com certeza não o fiz. Se eu *fosse* capaz de ativá-lo, já teria arrasado aquela cidade infernal há muito, muito tempo."

Ele disse isso sem nenhuma emoção. Era apenas um fato. Ele eliminaria um milhão de vidas num piscar de olhos, sem mais nem menos. Eu podia ver agora. Ele não sentiria absolutamente nada.

"Você não deveria ter dado o pingente a ela quando passou por aqui", sussurrou Everlayne.

Kingfisher ergueu a mão esquerda, que havia fechado com força em punho. "Eu ainda estava com o anel." De fato, um anel de prata simples brilhou em seu dedo médio, refletindo a luz.

Everlayne balançou a cabeça, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. "Não foi o suficiente. Você absorveu mais, não é?"

Kingfisher desviou o olhar, para o céu e para a massa de nuvens espessas que se acumulava acima. "Que diferença faz? Eu tenho a espada. Até tenho um novo bichinho de estimação para você. Um capaz de realizar truques de mágica sofisticados que tornarão a vida de todos nós melhor. Então, vamos logo com isso, que tal?"

Eu não conseguia parar de olhar para a placa de prata que ele usava no pescoço. Era lindamente gravada com linhas elaboradas, mas foi a cabeça de lobo rosnando no centro que chamou minha atenção. A insígnia era imponente e chamativa. Prudente que ele a tivesse usado na biblioteca esta manhã, visto que Everlayne parecia querer cortar sua garganta.

“Nós vamos consertar isso”, ela murmurou baixinho.

O brilho prateado nos olhos de Kingfisher pareceu brilhar com a promessa dela. "Mas não há nada para consertar", disse ele. "Só um humano para ensinar e uma rainha para plantar. Uma vez que isso estiver resolvido, todos nós poderemos seguir com nossas vidas. A garota pode voltar para sua cidade e para o que restou de seu povo, e Belikon pode abrir caminho por mais um reino, por mim. Meu trabalho estará feito."

"Não diga isso. Por favor."

"Você se esquece que já estamos travando uma guerra." Ren se encostou no encosto de uma das cadeiras de madeira, com os nós dos dedos ficando brancos. "A verdadeira guerra com Sanasroth é matar membros da nossa corte, *da sua* corte, todos os dias."

" A última vez que lutei naquela guerra, uma cidade foi incendiada. Acho que já derramei sangue suficiente por Yvelia, irmão."

"Então, entregue-a aos seus amigos! Deixe toda essa história de Madra de lado. Deixe Belikon lidar com ela e *me ajude!* "

Era como se houvesse um cordão no centro da alma de Kingfisher, e eu podia vê-lo puxando-o para trás, para mais longe daquelas pessoas que tão claramente se importavam com ele. Ele estava fora do alcance delas, parecia. Nada o traria de volta para elas. Ele piscou, deixando o apelo de Ren sem resposta. "Tenho duas perguntas para você, humano."

Eu era o único humano na sala. Claramente, ele estava falando comigo. “Ok”, eu disse.

“Você já canalizou a energia de um metal antes?”

Estreitei os olhos para ele, sentindo meu interior se contorcer. "O que você quer dizer?"

"Se você tivesse feito isso, não precisaria perguntar. Você já saberia", disse ele, categoricamente.

Pensei nisso. Em todas as vezes em que fiz as ferramentas de Elroy zumbirem. Naquela lâmina giratória na mesa de jantar da minha falecida mãe. Na manopla do guardião, quando a bati com força no topo da parede — em como suas vibrações fizeram os grãos de quartzo na areia dançarem. Em como transformei a adaga de Harron em um rio de prata e aço derretidos.

"Então está bem." Encontrei o olhar de aço de Kingfisher. Não pisquei. "Sim. Já."

"Ótimo. E minha segunda pergunta. Você tem alguma experiência trabalhando em forja?"

O riso escapou da minha garganta e saiu pela boca. "Numa forja? É. Pode-se dizer que sei mexer numa forja.”

PROPÓSITO JUSTO

“ Você está dentro. Não tem jeito. Os desgraçados estão guardando aquela porta desde o início dos tempos.” Renfis correu atrás de Kingfisher, mas sua claudicação estava se mostrando um obstáculo.

"Eles não têm escolha", respondeu Kingfisher. Ele não estava diminuindo o passo por ninguém. Nem pelo amigo ferido. Nem pela filha do rei. E certamente não por mim, o único humano no grupo, cujas pernas eram consideravelmente mais curtas que as de todos os outros. Eu estava prestes a começar a correr só para manter os três à vista.

Agora seria o momento perfeito para escapar. Eu estava esperando o momento certo para fugir, mas Kingfisher disse a palavra mágica. *Forja*. Não consegui me conter. Como era uma forja feérica? Funcionava da mesma forma que uma forja humana? Havia *magia* envolvida? Deuses, eu esperava que houvesse magia envolvida. E, de qualquer forma, escapar de Everlayne e dos dois guerreiros naquele momento teria sido imprudente.

Eu não tinha para onde ir. Eu estava inconsciente quando Kingfisher me trouxe de volta através daquela poça ondulante de prata. Eu não tinha ideia de onde ela estava localizada. Ou se estava mesmo no palácio. A probabilidade de eu encontrá-la sozinho era pequena, e mesmo se eu encontrasse, o que aconteceria? Eu havia sacado aquela espada da poça de Madra da última vez. Belikon a tinha agora. Eu precisava dela para ativar a poça? Eu poderia fazer isso de novo? E como? Eu não tinha ideia de como acordei o mercúrio da última vez, e pelo que parece, os Fae também não sabiam como fazer isso. Além disso, eles ficavam dizendo caminhos . *Plural* . Como diabos eu voltaria para Zilvaren, especificamente, se houvesse mais de um caminho?

Minha ansiedade por Hayden era avassaladora. Custe o que custar, eu voltaria para o meu irmão, mas não podia me precipitar. Apressar algo tão perigoso, do qual eu não tinha a mínima noção, sem dúvida significaria a morte ou, no mínimo, problemas sérios.

Então, por enquanto, eu ficaria. Decidido, finalmente comecei a correr e alcancei o grupo. Os três feéricos estavam passando por uma das muitas alcovas ocupadas por estátuas dos deuses. Everlayne se curvou e tocou a cabeça para eles enquanto passava apressada. Ren resmungou, dando-lhes um aceno superficial. Kingfisher estendeu a mão e fez um gesto obsceno para todos os sete enquanto passava furioso.

Everlayne gritou, horrorizada, mas Kingfisher apenas revirou os olhos, continuando o que quer que estivesse dizendo. "...então fale com Belikon. Você o ouviu. Foi ele quem me disse para ajudar Rusarius com o humano."

"Isso não está ajudando. É como se você estivesse se jogando de cabeça em algo sem considerar as consequências!" A frustração de Everlayne se tornara permanente desde que Renfis prendera aquele pingente em volta dela. Pescoço de Martim-pescador. "Temos que abordar a teoria primeiro."

Kingfisher bufou com desdém. " *Que* teoria?"

— Pelo menos nisso ele tem razão — interrompeu Ren. — Não *há* relatos escritos sobre os processos dos Alquimistas. Se houvesse, os anciões poderiam ter tido alguma sorte em entender suas habilidades. Como podemos começar do começo se não *há* começo?

Os cabelos soltos de Everlayne esvoaçavam atrás dela como uma bandeira dourada enquanto ela corria e cutucava Kingfisher nas costas. *Com força.* "Vamos começar devagar, então. Com as coisas importantes que ela precisa saber sobre Yvelia. Ela não sobreviverá aqui sem..."

Kingfisher interrompeu seu ataque, parando subitamente. Everlayne correu direto para o peito dele, mas o guerreiro moreno não se mexeu. Ele a contornou e rondava em minha direção como um gato do inferno se aproximando furtivamente do jantar. Eu era um lutador habilidoso. Sabia como colocar um guardião no seu encalço em três segundos. Eu conseguia escalar muros de doze metros de altura e correr por telhados apodrecidos, mas a visão de Kingfisher rondando em minha direção me deu um nó duplo.

Cambaleando para trás, quase tropecei nos meus pés na tentativa de abrir espaço entre nós, mas o desgraçado continuou vindo.

"Tudo bem, *Oshellith* . Layne não vai deixar isso passar até que você receba as notas do penhasco, então ouça com atenção. Estou prestes a lhe fornecer a única informação que você realmente precisa saber. *Você* tem o distinto prazer de ser o único humano vivo em toda Yvelia. Você *não está* seguro aqui." Ele arreganhou os dentes, exibindo caninos longos e afiados que se alongaram diante dos meus olhos. "Houve um tempo em que este lugar fervilhava com sua espécie..."

"Fisher, pare." Ren tentou agarrá-lo pelo ombro, mas o guerreiro de preto se afastou bruscamente e continuou avançando.

"Nossos ancestrais foram amaldiçoados há milênios. Como resultado, acabamos com estes", disse ele, gesticulando para seus caninos. "Nós os usamos para beber até secar a sua espécie. Nós os drenamos aos milhões antes que a maldição do sangue fosse quebrada. Isso foi muito antes *da nossa* era, é claro, mas a linhagem feérica ainda carrega as marcas do seu passado. Podemos não precisar mais de sangue para manter nossa imortalidade, mas,

pelos deuses, como ainda temos força para isso? Nosso segredinho sujo. Nossa vergonha horrível, terrível..."

"Fisher!" Everlayne chegou ao seu limite. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, deixando rastros molhados em suas bochechas. Ela se posicionou na frente de Kingfisher e bateu as mãos em seu peito. "Por que você está agindo assim?", gritou.

Kingfisher deu de ombros. "Só estou contando a verdade."

“Você está sendo um babaca!”

Isso provocou uma gargalhada irônica do guerreiro. "Você já deveria estar acostumado com isso, Layne. Ou passou o último século esquecendo o quanto eu sou um merda? Eu sou a Ruína de Gillethrye, lembra? O Cavaleiro Negro?"

"Você é meu *irmão* ", sibilou Everlayne. "Embora às vezes eu desejasse que não fosse!"

Kingfisher recuou como se o tivesse atingido. Até Renfis deu um passo para trás, com o queixo caído, mas o general se recompôs rapidamente, olhando para os dois lados do corredor. Tive a impressão de que ele estava verificando se alguém teria ouvido o pequeno desabafo de Everlayne. O longo corredor aberto, porém, estendia-se em ambas as direções, completamente deserto, exceto pelo nosso grupo.

"Cuidado, irmãzinha", Kingfisher rugiu. "Não queremos revelar *todos* os nossos segredos de uma vez só."

O soluço de Everlayne encheu o corredor. “Oh, merda você, Fisher.” Ela disparou, correndo de volta pelo mesmo caminho que tínhamos vindo, o mais rápido que suas pernas conseguiam levá-la.

Bem. Parecia que até os imortais Fae ainda eram suscetíveis a dramas familiares. Olhei por cima do ombro, observando a pobre fêmea fugir. "E-eu deveria ir ver se ela está bem..."

"Eu também vou", rosnou Renfis, lançando a Kingfisher um olhar de inconfundível desgosto. "Você não pode andar pela corte sem um de nós para te vigiar. E você? Everlayne tem razão. Você *está* sendo um babaca. O Kingfisher que conhecíamos se importava com a família e os amigos."

Mesmo com o sorriso cruel nos lábios, Kingfisher era selvagemente bonito. "O que posso dizer?", ronronou. "Estar completamente isolado da civilização e sumariamente esquecido pode mudar a pessoa depois de um tempo."

Renfis já estava andando para trás. "Nós não nos esquecemos de você. Você não tem ideia do que passamos para tentar te resgatar."

"Ah, sim. Tenho certeza de que meu sofrimento *foi insignificante* comparado ao seu."

Uma expressão de mágoa passou pelo rosto de Ren, mas ele não disse mais nada ao homem atrás de mim. "Vamos, Saeris. Vamos encontrar o Layne e voltar para a biblioteca."

"Ah, qual é. Ela não vai com você", Kingfisher disse lentamente. "Ela vem comigo, não é, Oshellith? Ela quer saber segredos, e eu sou o único disposto a dá-los a ela."

"Por que você está me chamando assim? Oshellith?", eu retruquei. "O que significa?"

Ele se virou. Estava indo embora. Eu ouvia suas botas batendo na pedra fria sob seus pés, cada passo ecoando em meus ouvidos. "Uma Oshellith é um tipo de borboleta", ele chamava enquanto se afastava. "Osha, para abreviar. Elas nascem, vivem e morrem, tudo no mesmo dia. O frio as mata *muito* rápido. Não é mesmo, Renfis?"

Ren olhou feio para as costas de Kingfisher, mas não respondeu. "Ignore-o. Você vem, Saeris?"

Fiquei preso entre os dois, sendo solicitado a tomar uma decisão para a qual não tinha qualificação alguma. Everlayne tinha sido gentil comigo. Cuidou de mim. Certificou-se de que eu me sentisse confortável ali. Renfis era cheio de risadas e parecia sólido e bom. Kingfisher era um desgraçado miserável e rabugento, sem uma palavra gentil para ninguém. O jeito como ele me chamava assim — *Oshellith* — como se fosse um palavrão, me dava vontade de dar um soco bem no meio do seu rosto lindo. Mas ele *estava* me dizendo a verdade, mesmo que fosse assustadora.

A saída mais rápida daquele pesadelo era através do Kingfisher.

Estremeci para Ren. "Desculpe. Podemos ir à biblioteca mais tarde? Eu... eu só..." "Eu avisei!" Kingfisher gritou em tom cantante.

Renfis apenas assentiu, a boca se contraindo numa linha reta. "Claro. Eu entendo. Passo aqui para te buscar em algumas horas."

Ao contrário de todas as outras portas do palácio, esta tinha uma altura normal. Simples. Sem entalhes ou enfeites ornamentados. Era apenas uma porta de madeira. E estava trancada.

Arrisquei um olhar de soslaio para Kingfisher com o canto do olho. "Deveríamos, uh... bater?"

Um sorriso arrogante se curvou no canto da boca. " *Claro* ", disse ele, como se fosse uma sugestão encantadora feita por um idiota com apenas uma célula cerebral. Um segundo depois, ele bateu a sola da bota contra a madeira, e então a porta estava no chão, em pedaços. "Toc, toc." Ele deu um passo para o lado, estendendo a mão em um gesto irônico de boas maneiras, gesticulando para que eu fosse na frente. "Acho que não tem ninguém em casa."

"Eu não vou primeiro. E se for protegido por, sei lá... por *magia* , ou algo assim?"

Kingfisher balançou os dedos, arregalando os olhos. "Ah, não, não é *mágica* !"

"Bunda."

"Covarde", ele retrucou. "Eu sabia que não era protegido."

"Como?"

“Porque *eu sou* mágica.”

“O que há de mágico em *você* ?”

"Tudo", disse ele, entrando na sala. "Minha aparência. Minhas habilidades com a espada. Minha personalidade..."

"Sua personalidade é um lixo . " A piada saiu antes que eu tivesse a chance de morder a língua. Desde pequena, eu ficava tagarela quando ficava nervosa, e estava realmente nervosa agora. Literalmente nada naquele macho gritava: *'Me provoque e veja o que acontece* '. Cerrei o maxilar, amaldiçoando a mim mesmo pela minha própria estupidez enquanto seguia Kingfisher, olhando atentamente para o chão.

Kingfisher não disse nada.

Olhei para cima e—

Puta merda.

Talvez este lugar tivesse sido uma forja outrora, mas agora não era nada disso. As paredes de pedra áspera estavam escorregadias de geada. As bancadas de trabalho estavam cobertas de trepadeiras de um verde tão escuro que chegavam a ser pretas. Flores azul-claras, roxas e rosas pontilhavam seus caules como pequenas adagas viradas para cima, com formas estranhas e incomuns. Uma variedade de outras flores, trepadeiras e plantas explodiam pela parede do outro lado do espaço cavernoso, aglomerando-se em torno de uma grande janela, ávidas por um lugar na luz.

As videiras mais grossas saltavam *pela* janela, com o vidro quebrado. O restante do piso irregular de pedra estava coberto de cacos de vidro. Frascos, béqueres, lâmpadas e frascos. Equipamentos quebrados jaziam espalhados pela sala, como se alguém tivesse entrado em fúria e destruído o local.

A ferrugem estivera ocupada corroendo todas as pinças, alicates e martelos. Claramente, não havia saciado seu apetite voraz, pois a bigorna ao lado da banheira de água esmaltada rachada estava tão corroída que o ferro se desprendia em grandes flocos alaranjados. E a própria forja. Deuses, a forja. A lareira aberta era bonita e grande, não havia como negar. Grande o suficiente para uma família inteira de animais peludos ter feito uma toca nela, pelo visto, embora seus ocupantes estivessem fora de casa, cuidando de seus afazeres, ou tivessem fugido quando Kingfisher chutou a porta. Ela também era ventilada, graças ao buraco enorme no teto logo acima dela.

Kingfisher vasculhou uma pilha de madeira em decomposição com a ponta da bota, franzindo a testa sombriamente. "Entendo por que Clements guarda este lugar com tanto fervor agora."

“Quem é Clements?”

“O arquivista real do Rei. Ele vem recebendo uma remuneração real há mais ou menos duzentos anos, encarregado de descobrir como os Alquimistas costumavam ativar o mercúrio. Uma remuneração generosa, se bem me lembro. Mas me parece que ele jogou tudo pelos ares, porque este lugar é um desastre.”

Ele tinha razão. Esta não era uma forja em funcionamento. A lareira não era acesa ali há muito tempo. O lugar cheirava a poeira, idade e almíscar animal.

"Vou chutar os dentes dele garganta abaixo", anunciou Kingfisher.

"Que tal você me ajudar em vez de ameaçar com violência?", retruquei.

Seus lábios se curvaram de desgosto quando me abaixei e comecei a empilhar alguns dos pedaços de madeira quebrados perto da porta agora vazia. "Você vai limpar tudo isso à mão?"

"A menos que você possa lançar algum tipo de feitiço e esclarecer tudo com magia?"

"Eu não faço *feitiços.* Não sou uma bruxa. A magia feérica não é um truque de mágica barato, humana. Nossas habilidades são dádivas sagradas para serem usadas com discernimento, para propósitos justos."

Minhas bochechas coraram intensamente com isso. É claro que ele não ia simplesmente estalar os dedos e levar tudo embora. Mas ele tinha um talento

especial para me fazer sentir idiota. Ele não precisava fazer isso. Não, ele fez porque *quis* .

Bastardo arrogante.

Ele obviamente achava que eu valia menos do que a terra sob seus pés. Ele não gostava de humanos. Eu duvidava que, se a situação fosse diferente, ele se daria ao trabalho de me apagar se eu estivesse pegando fogo. Mas, do jeito que estava, ele precisava de mim, o que significava que eu podia me safar fazendo algumas perguntas. Certo?

Peguei um balde velho e enferrujado pela borda e comecei a vasculhar os escombros no chão, procurando por ferramentas que pudessem ser recuperadas. "Se existe um palácio de inverno, então existem outras residências reais também, certo? Um
Palácio de Outono? Primavera? Verão?

Kingfisher desembainhou a espada.

"Uau! Uau, uau, uau! Desculpe. Pelos deuses. Eu não... eu não..."

Suas narinas se dilataram enquanto ele desabotoava a tira de couro no peito e tirava a bainha das costas, embainhando a arma e apoiando-a contra a parede. Passando a mão pelos cabelos, ele olhou de soslaio na minha direção, seus dedos se movendo habilmente sobre mais tiras e fivelas de couro enquanto começava a remover peças de sua armadura. "Nervoso?", perguntou ele em tom de conversa.

"Não! Eu só... bem, eu pensei..."

"Você pode aprender sobre as outras cortes nas suas sessões de biblioteca com Layne e Rusarius. Eu lhe ofereci verdades antes. Não desperdice a oportunidade de fazer perguntas mais *interessantes* ." Ele estendeu uma das mãos atrás do pescoço e desabotoou a placa de prata com a cabeça do lobo rosnando gravada, deixando-a escapar de sua garganta. Jogando-a sobre a pilha de couro que ele havia feito — protetor de peito, ombreiras, munhequeiras —, ele então desabotoou os botões de cima da camisa. Antigamente, não muito tempo atrás, eu teria me lançado sobre aquela placa de pescoço e fugido. Mas eu não precisava mais da prata. Eu tinha comida e água suficientes para durar uma vida inteira ali, e não me pediram para pagar por nada. Pelo menos não ainda.

Então, ignorei o prato e apontei para a corrente pendurada no pescoço dele. "Certo. O que é isso? O que isso faz? E por que você fica completamente desequilibrado sem isso?"

Kingfisher deu um sorriso frio, pressionando a ponta da língua na ponta de um de seus caninos afiados. "Direto na jugular então, Pequena Osha? Implacável. Gostei."

"Você disse para fazer uma pergunta interessante. Quero saber sobre a rede."

Kingfisher riu silenciosamente. Ele se curvou, retirando um monte de folhas e madeira podre da lareira. Deuses, ele realmente ia ajudar? Foi por isso que ele removeu toda a armadura, então. Imaginei que ele estava tirando para poder se sentar e se acomodar enquanto me observava fazer todo o trabalho. "Para explicar o pingente, há outras coisas que você precisa saber primeiro. Coisas que Layne provavelmente não lhe contou."

“Ela ainda não me contou muita coisa.”

"Bem, vamos começar do começo, então. As poças de mercúrio são caminhos que conectam diferentes reinos. Tenho certeza de que você já percebeu isso."

"Sim."

“O mercúrio em si é volátil. Alguns dos nossos anciões acreditam que ele possui um baixo nível de consciência. Se isso é verdade ou não, não importa. A substância é perigosa. Se o mercúrio entrar em contato com a pele nua...” Kingfisher perdeu o fio da meada.

“Estava na adaga de Harron, não estava?” perguntei.

Kingfisher assentiu. "Era uma lâmina antiga. Alquimistas costumavam forjar mercúrio em armas para guerreiros feéricos. Harron não tinha o direito de tocar naquela arma, muito menos de reivindicá-la."

"Acho que o fez ver coisas. Quando tocou sua pele, ele começou a gritar." O som do lamento horrorizado do capitão ainda me assombrava quando fechei os olhos. Era arrepiante ouvir um guerreiro tão poderoso e forte implorando por sua vida.

"Ah, ele viu as coisas direitinho. O mercúrio levará qualquer criatura viva além dos limites da sanidade."

Eu tinha feito isso com Harron. Entrei em pânico e, sem querer, ataquei, e a lâmina de Harron respondeu e embarcou em sua missão de destruí-lo. Mas Harron *me* atravessou com sua espada primeiro. Ele tentou me matar sob as ordens de Madra. Ele também teria conseguido se Kingfisher não tivesse me trazido de volta para cá. Eu não me sentiria culpado por me defender.

Se ao menos fosse tão fácil quanto dizer a mim mesmo que…

Mudei de assunto. "Então, esses Alquimistas. Eles herdaram suas habilidades? É sobre sangue?"

" *Tudo* gira em torno de sangue, humano. Agora, você quer saber sobre o pingente ou quer me importunar interrompendo sem parar?" Fingi ficar de boca fechada.

“Minha mãe me deu este pingente, esta *relíquia* ”, esclareceu ele, “quando eu tinha onze anos. Na noite anterior à nossa partida para o Palácio de Inverno. Ela sabia que eu precisaria dela. Mais tarde, quando atingi a maioridade e me juntei ao exército de Belikon, fui chamado para viajar entre Yvelia e os outros reinos porque meu pingente era um dos mais poderosos. Para encurtar uma história muito longa e entediante, fui forçado a percorrer um caminho sem ele uma vez. O mercúrio me levou, assim como leva a todos. Um curandeiro conseguiu tirar a maior parte dele de mim quando voltei ao Palácio de Inverno, mas fiquei com algumas... lembranças *duradouras* . A maioria das Fadas só usava suas relíquias quando viajava de um reino para o outro. Mas usar a minha é a única coisa que acalma o ruído na minha cabeça. Sem ela, a linha entre o que é real e o que não é se confunde muito rapidamente.”

O olho dele. Isso Seria sua lembrança duradoura? Tinha que ser. Os filamentos que marcavam sua íris de jade eram, na verdade, resquícios de mercúrio. Deuses. Estava dentro dele, sempre lá, sempre sussurrando em seu ouvido, empurrando-o para a loucura. A relíquia *era realmente* a única coisa que o mantinha são.

A náusea percorreu o vazio onde antes ficava meu estômago. Fiz o meu melhor para engoli-la enquanto pegava outro conjunto de pinças esburacadas e as jogava no balde. O ferro tilintou alto, levantando uma nuvem de ferrugem no ar. "Então... por que você *me deu* a relíquia? Lá em Zilvaren?" Ele ergueu a mão. O anel grosso com o sinete brilhou em seu dedo.

"Ah, certo. Sim. Você também tem um anel", eu disse.

“Se eu não tivesse lhe dado a relíquia, você teria morrido.”

"E por que você não fez isso? Simplesmente me deixou morrer? Você poderia ter me deixado lá."

Kingfisher jogou na bancada a braçada de papéis desbotados e com orelhas de cachorro que carregava, com a expressão vazia. — Você não estava prestando atenção, humano. Yvelia está em guerra, e máquinas de guerra são feras famintas. Elas precisam de alimentação constante. Comida. Roupas. Ouro. Materiais de construção. Armas. Antes de Madra enfiar aquela espada em sua poça, silenciando *todas* as poças em *todos os* reinos, Belikon usava as trilhas para suprimentos. Era a única maneira de negociar muitos itens mágicos. Quando as trilhas se fecharam, a porta para nossos trens de

suprimentos também se fechou. Você não deveria ter conseguido tocar naquela espada, muito menos sacá-la. E a prata respondeu a você. Você a ativou. Você fez o que só um Alquimista pode fazer. Então, não. Humano ou não, eu *não poderia* simplesmente ter deixado você lá para morrer.

"Ótimo. Então, você me trouxe de volta para salvar seu povo e vencer a guerra."

Kingfisher passou a mão pelos cachos negros como tinta novamente, os olhos frios como lascas de gelo. "Você me tem em alta conta, humano. De certa forma, suponho que o que diz seja verdade. Mas não me confunda com algum tipo de santo. Não dou a mínima para Yvelia, e não dou a mínima para a guerra de Belikon. Você é uma moeda de troca. Eu vi meu único caminho para a liberdade e o aproveitei. Pergunte-me o que eu teria feito se o tivesse encontrado naquela condição em quaisquer outras circunstâncias."

Olhei para ele. Para a postura hostil do seu maxilar, a tensão nos seus ombros e a expressão cruel da sua boca, um tremor percorreu meu corpo, deixando um rastro de pânico. "Acho que não quero saber", sussurrei.

A sugestão de sorriso do Kingfisher ganhou asas e voou. ″ Garota esperta."

Levamos horas para terminar de limpar a forja, e fizemos isso em silêncio. Não fiz mais perguntas, com medo de ouvir as respostas, e Kingfisher guardou seus pensamentos para si.

De vez em quando, eu me pegava observando-o. Com as mangas arregaçadas até os cotovelos e a bochecha manchada de fuligem, ele parecia tão normal. Mas então ele rosnava baixinho ou me encarava com aqueles olhos prateados, e eu me lembrava de que aquele macho não era humano. Não era seguro nem inteligente deixar meu olhar se demorar nele. A coisa mais sensata que eu podia fazer era descobrir como eu acidentalmente ativei aquela poça e voltar correndo para Zilvaren o mais rápido possível.

O céu estava escurecendo do lado de fora da janela — uma visão *tão* bizarra — quando Renfis veio me encontrar. Ele parecia cansado, embora o hematoma sob o olho e o lábio cortado tivessem se curado milagrosamente nas últimas horas. Parado na porta, ele observava a Quase limpei o chão e o balde de ferramentas enferrujadas que eu havia recolhido e lancei um olhar confuso para Kingfisher. "O que é isso? Você nem começou a trabalhar."

"O lugar estava um desastre!", gritei. Era fácil para ele aparecer e criticar. A forja parecia muito melhor do que antes. E ele nunca a tinha visto antes.

Kingfisher suspirou. O frio no ar atingiu graus glaciais enquanto sombras subiam pelas paredes, conjuradas do nada. Elas se espalhavam como tinta

fresca pelo chão, subindo rapidamente pelas pernas da bancada, florescendo no ar até que tudo escurecesse. Tudo . A própria forja se transformou em um poço de tinta. Era como se as sombras deslizassem pela minha garganta e entrassem pelos meus pulmões quando eu respirava fundo. Aquilo era escuridão de verdade. Mesmo nas profundezas dos túneis subterrâneos que formavam uma rede abaixo da Cidade Prateada, a escuridão não era tão absoluta.

"Ai, deuses. O que está acontecendo?"

"Fisher", Renfis repreendeu. "Chega."

A escuridão retornou como um elástico. O que restava da luz do dia inundou a forja, e a forja estava imaculada. A janela estava consertada, com um novo vidro brilhando na moldura. Os frascos e béqueres quebrados que tínhamos varrido em pilhas por toda parte haviam sumido. A lareira estava escovada, os tijolos vermelhos brilhantes e novos em folha. As prateleiras estavam abarrotadas com todos os tipos de equipamentos fantásticos que eu nunca tinha visto antes. A vida vegetal que havia reivindicado a forja para si ainda estava lá, embora domesticada em vasos e um pequeno vaso que ficava abaixo da janela. E estava quente. O dia todo, eu tinha passado frio, meus dentes batendo enquanto eu limpava e pegava com dedos dormentes, e *agora estava quente?*

Girei, procurando algo para atirar em Kingfisher. A coisa mais próxima que me veio à mão foi um lindo e brilhante conjunto de pinças. Agarrei-as e apunhalei o guerreiro moreno. "Você! Nós nos esforçamos muito limpando este lugar! O que *houve* com você? O que aconteceu com 'nossas habilidades são dons sagrados para serem usados para propósitos justos', ou seja lá o que for que você disse?"

"Ele? Propósitos justos?" Renfis conteve uma tosse que soou muito parecida com uma risada. "O homem diante de vocês não tem vergonha de usar seus dons para realizar tarefas mundanas."

Olhei feio para Kingfisher. "Seu *monstro."*

Não havia um pingo de remorso no rosto do guerreiro. Ele pegou sua armadura e sua espada e parou ao meu lado a caminho da porta novinha em folha que agora estava pendurada na entrada.

"Eu só queria ver se você sabia o que era trabalho duro. Eu *disse* que era mágico", ele sussurrou.

E então ele se foi.

10

FAROFA

T, Everlayne trouxe um café da manhã com frutas frescas e iogurte — iguarias estrangeiras que eu nunca tinha provado antes. Ela sentou-se comigo e comeu em meus aposentos, contida e silenciosa. Eu queria perguntar a ela sobre o que ela havia dito no corredor ontem. Ela havia chamado Kingfisher de irmão, e não da mesma forma que Kingfisher e Renfis se chamavam de irmão, como guerreiros que lutaram lado a lado. Ela quis dizer isso em um sentido mais literal, como se ela e o bastardo maligno compartilhassem o mesmo sangue.

Mas não toquei no assunto. Eu tinha feito uma escolha quando decidi ir com Kingfisher até a forja em vez de correr atrás dela para ver se ela estava bem, e, a propósito, Everlayne fungava indignada enquanto colocava o iogurte na boca, eu a magoei no processo.

Ela me forçou a usar outro vestido com saias volumosas — dessa vez, um roxo brilhante — e arrumou meu cabelo, enrolando as tranças grossas que ela havia trançado de modo que elas caíssem no centro das minhas costas.

Quando chegou a hora de sair do meu quarto, ela alisou as mãos no lindo vestido marfim que usava e, em seguida, mexeu nos punhos de renda, recusando-se a olhar para mim. "Se quiser vir à biblioteca comigo, Rusarius e eu reunimos todas as informações que temos *sobre* os Alquimistas e seus processos ontem. Não há muita coisa, mas acho que vale a pena ler..."

"Eu definitivamente quero ir com você", eu disse. "Desculpe por não ter vindo ontem. Sei o quanto você está tentando me ajudar, e eu quero aprender." Como dar o fora daqui. Como encontrar o caminho de casa. Quando lhe ofereci meu braço, ela abriu um sorriso relutante e deslizou o seu pelo meu. E foi esse, ao que parece, o tempo que Everlayne De Barra levou para perdoar uma ofensa.

Na biblioteca, Rusarius estava tendo um ataque.

“Renfis, por favor! Isto *não é* um refeitório! Há obras de arte preciosas guardadas aqui, e... e... *olha só!* Olha só toda essa *gordura!”*

Senti o cheiro da edição de Rusarius antes de vê-la. Algo carnudo e defumado pairava no ar, o aroma tão apetitoso que meu estômago roncou audivelmente. O que *era* aquilo? Cheirava divinamente.

“Deuses, Fisher”, murmurou Everlayne quando viu o que ele estava fazendo.

O homem sentou-se à cabeceira da longa mesa do funcionário, com um prato na madeira polida à sua frente. Ele espetou um pedaço de carne ambíguo em um garfo e o colocou na boca.

Renfis estava encostado na parede perto da janela do fundo, braços cruzados sobre o peito, observando os acontecimentos com um ar de resignação. "Desculpe, Rusarius. Não sei o que você acha que eu posso fazer a respeito. O dia em que eu conseguir fazer Kingfisher fazer alguma coisa será o dia em que os Corcoran retornarão."

“Bem, não há necessidade de blasfêmia!”, gritou o velho bibliotecário.

"Para onde foram seus deuses *?"*, sussurrei para Everlayne. Eu já estava sobrecarregado demais para perguntar antes.

"Eles partiram em peregrinação a milhares de... urgh! Outra hora. É melhor eu confiscar essa comida antes que a cabeça do Rusarius exploda."

Kingfisher permaneceu concentrado em seu café da manhã. Não disse uma palavra quando Everlayne se aproximou e ficou ao seu lado na cabeceira da mesa.

Ele apenas *rosnou.*

“ E você se pergunta por que Belikon te chama de cachorro”, ela disse.

Isso chamou a atenção de Kingfisher. Lentamente, levantou a cabeça, o prateado brilhando intensamente em seu olho direito enquanto lançava um olhar sinistro para a fêmea. "Não me pergunto. Eu *sei* por que ele me chama assim."

“É por causa de sua profunda lealdade à coroa”, disse Renfis, reprimindo um sorriso.

Os olhos do Martim-pescador brilharam, o mercúrio se contorcendo em meio ao verde. Ele estalou os dentes para a irmã. *"É porque eu mordo."* Sua expressão dura poderia ter feito homens adultos darem meia-volta e correrem assustados para a noite, mas Everlayne arqueou uma sobrancelha para ele e esperou.

O macho estava novamente vestido de preto. Estava com uma armadura até os olhos naquela manhã; a peça peitoral gravada que usava era de couro

preto em vez de bege escuro e ostentava um brasão composto por duas espadas cruzadas envoltas em um emaranhado de videiras, apoiadas pela silhueta de um garanhão empinado. Ele usava a mesma gorjeta no pescoço, porém — prata brilhantemente polida com um lobo rosnando gravado no metal. Seu cabelo escuro e espesso era extra ondulado, quase cacheado, sem chegar a roçar o topo de seus ombros largos. Quando percebi o quão intensamente eu estava estudando as pontas das orelhas pontudas que se projetavam por entre seus cabelos, rapidamente olhei para o teto abobadado de vidro, pigarreando, fingindo inspecionar o céu.

"Me dá o prato." O tom de Everlayne não admitia discussão.

"Claro." Kingfisher largou o garfo, pegou o prato e o estendeu para Everlayne. Ela o pegou. "Sem dúvida", disse ele. "Coloque minha comida no chão, lá fora, perto dos estábulos. Vou comer com os outros cães já."

Os ombros de Everlayne caíram. *"Fisher."*

"Esqueça isso." As pernas da cadeira rasparam ruidosamente quando ele se levantou. Pegando o prato de volta, ele se afastou com ele, indo em direção à porta... e direto para *mim* . "Vou te poupar do trabalho e levarei lá eu mesmo", disse ele. Seus olhos brilharam quando ele passou por mim. "Aproveite seus livros empoeirados, humana. Estarei esperando por você na forja esta tarde. Não me faça ir te procurar."

"Fisher, você está sendo ridículo. Volte!", gritou Everlayne.

Ele a ignorou, com a coluna ereta como uma vareta, a espada da meia-noite presa às costas deixando um rastro de sombras tênues enquanto ele saía da biblioteca.

"Bem, eu não queria que ele fosse *embora* de novo", resmungou Rusarius. "Mas eu já disse isso mil vezes, e vou repetir. Nada de comida cozida na biblioteca. Eu só como biscoitos secos enquanto trabalho aqui. E às vezes fico aqui por dias. *E* me debruço na janela para evitar migalhas!"

" Está tudo bem, Rusarius", disse Everlayne suavemente. "Ele não está bem no momento. Pode levar um tempo até que ele pare de se comportar como um pirralho mimado."

"Vou treinar com ele. Deixe-o relaxar um pouco", disse Renfis, afastando-se da parede. Parou perto do assento onde Kingfisher estivera sentado momentos antes e pousou a mão no encosto de madeira entalhada, franzindo a testa. "Mas ele merece *um pouco* de graça. Não tem quartos aqui. Nenhum lugar para comer. Nenhum lugar para dormir. Nenhuma provisão. E cento e dez anos, Layne. Consegue imaginar como teriam sido cento e dez anos naquele lugar? Sozinho?" A tristeza transparecia em cada palavra. A

princesa e o soldado trocaram um longo olhar. Por fim, a tensão no maxilar tenso de Everlayne diminuiu.

“Na verdade, eu consigo. Passei as três primeiras décadas imaginando tudo detalhadamente, todos os dias. Depois disso, fiz o possível para não pensar nisso — nem *nele* — de jeito nenhum. Meu coração não aguentou. E agora ele está de volta, e eu não preciso mais me perguntar que tipo de inferno ele está enfrentando. Agora, eu posso *assistir.”*

Sua voz estava carregada de emoção, mas ela não chorou. Pegou um livro da mesa e o colocou em cima de uma pilha, depois começou a mexer e a mexer em um maço de papéis soltos.

Era difícil vê-la sofrendo daquele jeito. E ela *estava* sofrendo. Era preciso ser cego para não ver que ela estava sofrendo. Eu estava na periferia daquele grupo, o que me dava uma excelente visão da dinâmica entre todos. Havia tanta mágoa entre eles. Tanto tempo, tanta história e tantos segredos. Olhando de fora, era impossível desvendar todos os fios que os conectavam.

Renfis suspirou. "Há um jeito de consertá-lo. Só não encontramos ainda. Enquanto isso, não vou desistir dele. E você?"

Uma longa pausa preencheu o silêncio. Rusarius tossiu desconfortavelmente; pegou um conjunto de penas de escrever, levou-as para as estantes e desapareceu para Deus sabe onde. Eu não tinha uma pilha de penas para carregar, e aquela não era minha biblioteca para fuçar, então não tive escolha a não ser ficar na ponta da mesa do escrivão e olhar para os meus pés. Ou para o ponto onde meus pés deveriam estar. Eu não conseguia vê-los sob as saias do meu maldito vestido.

"Então é isso? Você *desistiu* dele?", perguntou Renfis.

"Não! Não, não vi. Eu só... me sinto *sem esperança."*

" Se tenho esperança suficiente nele, também tenho por você." Renfis suspirou longa e firmemente, batendo na mesa com a ponta dos dedos. "Te vejo mais tarde. Boa sorte. E boa sorte para você também, Saeris." Ele sorriu calorosamente para mim ao passar, o que me fez sentir um pouco menos como se estivesse bisbilhotando uma conversa particular.

Assim que ele saiu, Everlayne caminhou apressadamente ao redor da mesa, folheando mais pedaços de pergaminho, organizando-os e depois reorganizando-os. "Tudo bem." Ela fungou. "Por onde devemos começar? Hmm. Acho que, talvez, se você começar nos contando o que sabe sobre práticas alquímicas e como elas podem ser usadas..."

"Ah, eu nem sei o que *significa alquímico.* " Eu não queria interrompê-la, mas achei que era melhor acabar logo com isso antes que ela continuasse.

" Ah! Certo!" Ela deu um sorriso largo, mas parecia haver um toque de histeria nela. "Bem. Tudo bem. Acho que até pode ser melhor assim. Sem maus hábitos assim. Vamos começar do começo, assim que Rusarius..." Ela parou de falar, olhando por cima do ombro. "Rusarius? Para onde diabos esse homem foi *?"*

"Everlayne? Você está, uh, bem? Você parece um pouco..."

"Não, estou bem. Bem. Sério, estou bem." Ela pressionou os dedos na testa, fechando os olhos por um instante, completamente *indisposta* . "Eu..." Ela deixou a mão cair, toda a pretensão sumiu. "Ele foi a melhor coisa da minha vida", disse ela. "A *única* coisa boa. E ele se foi. Eu sabia que ele se seria, mas é difícil... de ver, e... de aceitar, e..."

"Falando em biscoitos, eu sabia que tinha alguns em algum lugar. Encontrei uma bandeja inteira deles em uma prateleira na seção de Registros de Terras da Sétima Era. Devo ter deixado lá outro dia." Rusarius emergiu das estantes novamente, carregando uma pequena bandeja de prata com o que de fato pareciam ser biscoitos bem secos. Ignorando o fato de Everlayne estar enxugando as lágrimas com as costas da mão, ele colocou a bandeja sobre a mesa com um floreio. "Sirvam-se, meus queridos. Mas, uh... sim, por favor. Certifiquem-se de reduzir ao mínimo as migalhas."

Alquimia, descobriu-se, era uma forma de magia. Uma magia antiga, esquecida e há muito morta, que era um mito tanto para as Fadas de Yvelia quanto *para* o povo de Zilvaren. Antigamente, havia três ramos de Alquimistas: Fadas que buscavam descobrir o caminho para a imortalidade, Fadas que buscavam criar e inventar transmutando vários metais e minérios e, por fim, Fadas que buscavam curar doenças e enfermidades.

Everlayne e Rusarius pensaram que eu era de alguma forma como o segundo tipo de Alquimista — o tipo que transmutava metais. No início da nossa primeira sessão na biblioteca, eu não fazia ideia do que a palavra "transmutar" significava, e no final ainda não tinha certeza se tinha entendido.

Milhares de anos atrás, os Alquimistas usaram seus dons mágicos para alterar o estado de compostos e transformá-los em metais preciosos. Não havia registro de quais compostos foram usados, ou o que foi feito com eles,

mas os Alquimistas obtiveram sucesso. Eles encontraram uma maneira de transformar elementos em vastas quantidades de ouro e prata, que supostamente foram usadas para encher os cofres reais. Em algum momento, o mercúrio foi descoberto junto com os outros reinos que seus caminhos conectavam, e todo tipo de caos se instalou depois disso.

"Nada disso indica que estou replicando o que os Alquimistas originais conseguiam fazer", eu disse, fechando o livro que eu estava examinando. "Como eles realmente controlavam o mercúrio?"

Everlayne deu de ombros. "Presume-se que eles o ativaram e desativaram — ou abriram e fecharam os caminhos — usando sua magia."

"Há um debate acalorado sobre se eles controlavam tudo", disse Rusarius. "De acordo com a maioria dos documentos da época, a segunda ordem dos Alquimistas teve vidas muito curtas. Frequentemente enlouqueciam e se matavam."

"Ah, bom, isso é *ótimo."* O que quer que os Alquimistas de antigamente tivessem feito para merecer aquele destino, eu queria saber para poder fazer exatamente o oposto. Mas... droga. Enterrar a cabeça na areia não me ajudaria a ativar o mercúrio novamente, e eu precisava descobrir como fazer isso se quisesse saber o que havia acontecido com Hayden. A ideia de que Hayden pudesse ter sido recrutado para o exército de Madra era preferível a imaginá-lo morto, mas eu precisava *saber.* Se Hayden tivesse ido embora, precisava ser enterrado, e eu precisava ficar na vigília costumeira de setenta e duas horas sobre seu túmulo. Se ele estivesse preso como um novo recruta do exército de Madra, então eu precisava salvá-lo e tirá-lo de lá.

De qualquer forma, eu tinha que descobrir isso, não importava *o que* isso me custasse.

Esfreguei as têmporas, tentando aliviar a dor de cabeça tensional que se formava ali. Com todos os roubos e negócios no mercado negro para sobreviver, a vida na Cidade Prateada não deixava muito espaço para leitura. Meus olhos não estavam acostumados. Olhei para o livro que eu estava...

Huh.

Espere.

Ergui o livro, inclinando a cabeça e estreitando os olhos para Rusarius. "Como é que eu consigo ler isso?"

“O que você quer dizer?” ele perguntou.

"Bem, eu sou de outro lugar. De um reino completamente diferente. Quais são as chances de você e eu sequer falarmos a mesma língua? De

compartilharmos uma língua escrita? É simplesmente... impossível." Era incrível que isso não tivesse me ocorrido antes.

"Hmm, não. Não é impossível. Nem mesmo improvável, na verdade", disse Rusarius. "Explique isso você, querida", disse ele a Everlayne. "Tem mais um livro que eu quero encontrar antes de você ir embora."

Everlayne pareceu feliz com a tarefa. "Bem", disse ela, inclinando-se sobre a mesa para pegar o livro da minha mão. "Neste momento, você está falando Fae Comum. Este livro também foi escrito em Fae Comum. Existem outras línguas em Yvelia. Outros dialetos. Mas o Fae Comum é falado por todas as cortes como uma língua compartilhada, bem, *comum* . Quando os primeiros Fae viajaram para o seu reino, os humanos de lá falavam uma língua completamente diferente. Ao longo dos anos, nossa língua e nossa palavra escrita foram adotadas pelos humanos. Mesmo estando isolados dos outros reinos, parece que nossa língua prosperou. Em Zilvaren, pelo menos. Zilvaren tinha Madra, e sua rainha sempre falou Fae Comum. Ela serviu de âncora para a nossa língua. Talvez em outros reinos, as línguas e os alfabetos tenham mudado." Madra.

Tão antigo quanto os salões de pedra no centro do universo.

Eu precisava perguntar. Eu precisava *saber*. "Você parece saber bastante sobre ela", eu disse.

"Madra?" Everlayne franziu os lábios. "Acho que sei tanto quanto qualquer um aqui. Ela era jovem quando ascendeu ao trono Zilvaren. Sedenta por sangue e sedenta por poder."

"Mas como ela pode ser tão velha se é humana? Como ela conseguiu reinar por mais de mil anos? E como ela poderia ter fechado todos os caminhos com aquela espada se não fosse uma Alquimista?"

Não sabemos como ela fez isso, mas sim, Madra deveria ter morrido séculos atrás. Deve ser alguma forma de magia, mas não temos ideia de quem a realizou ou por quê. Também não sabemos como ela descobriu que o mercúrio podia ser silenciado com uma espada alquimeriana. Essa informação foi guardada a sete chaves por nossa espécie por gerações. Mas você não precisa ser feérico ou possuir qualquer dom especial para *fechar* as portas entre nossos reinos. A espada fará isso por você. Até onde sabemos, quando uma poça de mercúrio é ativada, todo o mercúrio em todos os lugares é ativado. É unido por algum tipo de... Ela franziu a testa, procurando uma maneira de explicar. “Uma fita de energia, suponho. Se você pegar uma espada como Solace e mergulhá-la no mercúrio, ela corta essa energia de uma forma que a paralisa. Até Solace ser removida, todas as entradas para o

caminho ficaram congeladas. Havia membros desta corte em grupos de reconhecimento, explorando novos caminhos que só haviam se aberto recentemente, quando Madra cortou o cordão. Amigos. Familiares. Eles ficaram presos onde quer que estivessem. Não foram vistos desde então.”

"Será que... quer dizer, há alguma chance de algum deles ainda estar vivo? Sei muito pouco sobre a expectativa de vida dos Fae. Quanto tempo o seu povo vive? Quantos anos *você tem?* "

Everlayne engasgou com uma gargalhada, cobrindo a boca com a mão. Era só eu ou ela parecia um pouco envergonhada? "Isso... não é algo sobre o qual realmente conversamos. Você sabe disso, mas ainda não falamos sobre etiqueta na corte."

"Desculpe. Deuses, eu deveria cuidar da minha vida. Eu—"

"Não, não, não, está tudo bem." Ela balançou a cabeça. "Sei que nos conhecemos há poucos dias, mas fiquei com você por um bom tempo enquanto você se recuperava. Gostaria de pensar que somos amigas."

"Eu também." Era a verdade. Eu estava começando a pensar nela como uma amiga, e fiquei feliz que ela pensasse o mesmo de mim. Ter uma amiga em um palácio cheio de inimigos nunca seria algo ruim.

"Certo. Bom, agora que já sabemos", disse ela, sorrindo. "Deixe-me começar perguntando quantos anos você *acha que* eu tenho?"

"Se você fosse humano, eu diria que você é um pouco mais velho que eu. Vinte e sete? Vinte e oito, talvez?"

"Deuses." Seus olhos se arregalaram. "Então, isso vai ser um choque." Ela respirou fundo. "Eu nasci bem no início da décima era.
Estou vivo há mil quatrocentos e oitenta e seis anos.”

"Um mil...?" Quase engoli a língua. Everlayne tinha quase *mil e quinhentos* anos. Eu não conseguia me forçar a entender aquilo. Ela parecia tão jovem. Será que eu ousaria fazer a próxima pergunta? Aquela que queimava na ponta da minha língua? Eu nem deveria querer saber, mas não consegui evitar. "E o Kingfisher? Quantos anos *ele tem?* "

Everlayne me olhou, com um pequeno sorriso nos lábios. Ela levou um longo segundo para responder, e durante esse tempo eu me repreendi internamente por ceder à minha curiosidade infernal, mas então ela disse: "Eu diria que você precisava perguntar a ele. Não é da minha conta compartilhar informações como essa. Muitas vezes, nem sabemos a idade dos outros membros da nossa corte. Mas eu sei a idade do Kingfisher, e pedir para você perguntar diretamente a ele é simplesmente cruel. Ele nunca lhe contaria e,

além disso, zombaria de você por perguntar. Kingfisher nasceu no final da nona era. Isso te ajuda a formar algum tipo de palpite?"

"Não sei. Não tenho certeza. Ele parece ter uns trinta anos. Então, talvez eu diria que ele..." Deuses, convencer as palavras a saírem da minha boca era impossível. Aquilo era loucura.

“Continue”, Everlayne insistiu.

“Não sei, mil e oitocentos anos?”

"Nada mal. Ele tem mil setecentos e trinta anos." "Mil setecentos e trinta e *três* ", disse uma voz profunda. A adrenalina explodiu em minhas veias, chocando meu organismo tão fortemente que quase caí de lado da cadeira. Virei-me e lá estava Kingfisher em um nicho de leitura recuado, banhado em sombras. Metade de seu corpo estava escondida por uma poça de escuridão que era muito deslocada na biblioteca bem iluminada. Ele estudou as unhas, aquele gorjal de metal em forma de cabeça de lobo brilhando em sua garganta. "Mas o que são três anos entre parentes?", disse ele, afastando-se da parede e saindo para a luz. "Tenho certeza de que é difícil manter a noção do tempo quando você está tão distraído com as idas e vindas da vida na corte." Ele lhe deu um sorriso de lábios apertados. "Que bom ver que você finalmente está compartilhando algumas verdades com seu novo bichinho, Layne. Mas tenho que dizer que estou um pouco escandalizada ao descobrir que eles são *meus* ."

“Você não teria descoberto nada se não estivesse bisbilhotando.”

"Me perdoem. Eu estava entediado. Decidi vir buscar o humano, afinal, e vocês dois pareciam estar tendo uma conversa *tão interessante."*

Everlayne revirou os olhos. Ela colocou a mão no meu antebraço. "Deixa pra lá. Respondendo à sua outra pergunta, tecnicamente os feéricos que se viram presos quando o mercúrio foi imobilizado ainda podiam estar vivos, sim. Mas o reino que estavam visitando era um lugar volátil e perigoso. É improvável que a velhice tenha matado algum deles. Mas os clãs locais provavelmente mataram."

"Da próxima vez que tiver curiosidade sobre mim, fique à vontade para *me perguntar* ", disse Kingfisher enquanto pousava a mão na porta novinha em folha da forja. Era a primeira vez que ele falava desde que saímos da biblioteca, preferindo marchar pelo Palácio de Inverno em silêncio absoluto.

A porta se abriu e ele entrou.

Fiquei parada na soleira, tentando decidir se queria entrar atrás dele ou se queria correr na direção oposta, de volta para o meu quarto, onde ele não poderia me causar nenhum problema. O palácio era um pesadelo sinuoso de corredores, escadas e corredores, mas achei que conseguiria encontrar o caminho se realmente tentasse.

Minhas pernas pesavam como pedra lavrada enquanto o seguia até a forja. "Se eu tivesse perguntado algo, você não teria me respondido. E se tivesse, não teria sido a verdade."

"Incorreto. Se você me perguntasse algo que valesse a pena responder, eu responderia. Se eu respondesse, seria a verdade." Assim como fizera ontem, ele começou a tirar a armadura, começando novamente pela espada. Desta vez, eu estava preparado e não vacilei quando ele sacou a arma.

"Certo. *Claro.* " Humanos e feéricos eram diferentes em muitos aspectos, mas o sarcasmo era universal.

Suas mãos trabalharam habilmente na tira que o envolvia, desabotoando o protetor de peito. "Experimente, humano."

"Tudo bem. Ótimo." Graças ao truquezinho de limpeza do Kingfisher ontem à noite, a forja estava impecável hoje. A bancada estava livre de entulho, o chão impecável. Todas as ferramentas estavam como novas, penduradas em ganchos na parede oposta à lareira. Contornei a bancada, colocando o maior e mais pesado obstáculo possível entre nós enquanto ele continuava a tirar a armadura, só para o caso de não gostar do meu interrogatório e vir atrás de mim. Porque eu planejava irritá-lo. Irritá-lo. Provocá-lo da mesma forma que ele me provocou, com seus constantes xingamentos de *Osha* e seu escárnio aberto.

Dane-se ele.

Kingfisher deixou seu protetor de tórax cair no chão.

Apoiei-me na bancada e disse: "Elroy jura que um homem mentirá sobre o tamanho do seu pênis toda vez que uma mulher perguntar a ele."

Kingfisher ficou imóvel. "Você está me perguntando o tamanho do meu pau, Osha?"

"Não importa o tamanho. O que importa é a sua resposta."

Um sorriso lento e assustador se espalhou por seu rosto. "É grande o suficiente para fazer *você* gritar e muito mais."

"Viu? ", apontei o dedo para ele. "Você não vai ser honesto."

Ele olhou ao redor da forja, fingindo confusão. "Desculpe, não tenho certeza se entendi o que você quis dizer."

“Pergunte a um homem qual o tamanho do seu pau, e ele vai te mostrar que ele está falando merda.”

"Talvez. Mas eu não sou um homem. Sou um *homem feérico.* " Ele fez uma pausa. "E talvez eu seja apenas bem-dotado."

"Ou talvez você esteja apenas me fazendo perder tempo, e deveríamos continuar com o que quer que você esteja tentando me ensinar aqui", eu retruquei.

As mãos de Kingfisher se moveram para a nuca. Levou apenas quatro segundos para desabotoar a gorjeta e soltar a placa de prata. "Talvez o problema seja que você me fez uma pergunta sobre o meu *pau* como uma putinha faminta no cio e não me perguntou algo que importasse."

Deuses, mas ele não parava de me surpreender. Toda vez que eu achava que tinha chegado ao limite do quanto um ser vivo podia detestar outro, ele vinha e me provava que eu era capaz de muito mais. "Tudo bem. Certo. Ótimo. Vou te perguntar uma coisa importante. Você foi banido da Corte Yveliana porque fez algo ruim. Belikon disse que você arrasou uma cidade inteira."

Ele arqueou uma sobrancelha escura para mim. "Isso foi uma pergunta?" "Você fez isso?", perguntei.

“Por que você quer saber?”

"Porque estou dividindo um espaço muito pequeno com você agora. Porque estamos sozinhos. Porque quero saber se estou respirando o mesmo ar que um assassino em massa. E não se esquive de uma pergunta *me fazendo* outra. *Você fez isso?* "

Ele me observou atentamente. Mesmo à distância, eu conseguia ver o mercúrio preso girando em meio àquele mar de verde intenso. "Sim." A palavra saiu abruptamente. Desafiadora. "Eu vi."

"Por que?"

“Porque eu não tive escolha.”

Bati as mãos na bancada, a raiva como um punho de ferro cerrado no peito. *"Por quê?"*

"Você não está pronto para essa informação. Você nunca estará pronto."

"Por que?"

"Porque você é humano, e humanos são fracos", rosnou ele. "Porque não é da sua conta. Porque não importa *por que* eu fiz isso. Porque não importa o motivo que eu lhe dê, não será bom o suficiente. Agora me pergunte outra coisa."

Minha voz tremeu quando falei. "Renfis disse que você vem sofrendo há um século porque foi banido depois de destruir aquela cidade. Para onde te mandaram?"

Kingfisher caminhou em direção à bancada. Toda a armadura havia desaparecido. Ele vestia uma camisa preta simples e larga e calças pretas novamente. Em seu pescoço, a corrente de prata pendurada — a que ele me emprestara quando eu estava morrendo — brilhava, chamando minha atenção. Tentei não me afastar enquanto ele se aproximava, mas ele era enorme. Ele se elevava sobre mim, ocupando muito espaço, invadindo meu espaço, bloqueando a maldita luz. Ele era tudo o que eu conseguia ver. Tudo o que eu conseguia cheirar. Ele era o ar frio da manhã, e fumaça, e terra recém-revolvida, e mil outros aromas complexos para os quais eu nem sabia nomes.

Com os caninos à mostra, ele se inclinou tão perto que mal nos separava a ponta do nariz por um centímetro. E rosnou: *"Inferno"*.

Eu não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Ele estava tão perto. Tão bravo. Era como se estivesse à beira de um colapso e só pudesse ser contido por um fio muito fino.

Do nada, sua compostura retornou ao normal, seus caninos desaparecendo num piscar de olhos. "Reze para nunca ter que vivenciar isso em primeira mão, humano", sussurrou ele. "Estenda a mão."

“Estenda meu...?”

“Sim, estenda a sua mão.”

Tão perto, ele poderia pegar minha mão e o braço ao qual ela estava presa, se quisesse. Ele poderia me despedaçar membro por membro e não haveria nada que eu pudesse fazer a respeito. Entorpecida e trêmula, estendi a mão, rezando de todo o coração para que ele não começasse a quebrar meus dedos por tê-lo irritado. Algo frio e macio pressionou o centro da minha palma. Kingfisher fechou meu aperto em torno dela e então envolveu minhas mãos enormes e tatuadas com força. A princípio, não senti. Eu estava muito consciente de sua proximidade e da variedade selvagem de aromas diferentes que continuavam saindo dele e me atingindo.

Madeira, couro, especiarias, algo verde, almíscar suave e—

"Ai."

Kingfisher estreitou os olhos. "O que foi?"

"Ai! Isso dói!" Tentei soltar minha mão, mas Kingfisher apertou mais forte. Ele me segurou, apertando minha mão cada vez mais forte, e a sensação de queimação no centro da minha palma começou a arder de verdade.

"Kingfisher", eu disse em tom de advertência. Ele não me soltou, apenas ficou ali, me encarando, me observando, os fios metálicos de prata movendo-se descontroladamente no olho direito. "Fisher, o que você está fazendo?" "Me diga o que é", ele exigiu.

"Está me *machucando* , é isso!", gritei, puxando a mão com força. Eu me contorcia e puxava, usando todo o peso do meu corpo no movimento, desesperado para me soltar, mas Kingfisher me segurou firme.

"Está quente? Frio? Picante? Suave?"

"Frio! Está frio! Está *queimando* , está tão frio!" Isso não fazia sentido, mas era verdade. O gelo se arrastou dentro de mim, penetrando nos meus ossos. "Dói! Solte, Fisher! Por favor! Faça isso parar! —

Faça você parar — ordenou ele.

"Não posso! Não posso!"

A determinação brilhou em seus olhos. "Você consegue."

"Solte!"

"Você quer provar que estou certo, é isso? Você é fraco? Você é humano, então é fraco, inútil e patético? É isso?"

“PESCADOR!”

Ele nos girou de modo que minhas costas ficassem voltadas para a bancada. Senti a ponta da madeira cravando-se na parte inferior das minhas costas, mas a pressão não era nada comparada à terrível bola de dor que ele havia prendido entre nossas mãos. *"Escutem* ", ele ordenou.

"O quê?" Ele não estava fazendo sentido algum.

Kingfisher tirou uma das mãos, mas não fez diferença — ele só precisou de uma para segurar as minhas duas. Com a mão que agora estava livre, agarrou-me firmemente pelo queixo, obrigando-me a ficar imóvel. A olhar para ele.

" *Escute* ", repetiu ele. "O que está dizendo?"

"Está dizendo que você é um—malvado—pedaço—de—merda", eu gritei.

Ele não reagiu. "Quanto mais cedo você fizer o que eu digo, mais cedo tudo isso vai acabar, Humano."

Meu maxilar gritava, eu cerrava os dentes com tanta força. "Foda-se, *você* __”

"Lá vai você de novo. Uma putinha faminta e carente no cio, implorando para ser fodida...", ele provocou.

"Solte!"

"LIIIIISTENNN!! " O rugido de Kingfisher me tirou o fôlego. Roubou a luz também. A forja inteira ficou escura como piche em um instante, e a dor na minha mão, subindo pelo meu braço, transformou-se em uma corda de fogo. "Há você, e há a dor. Nada mais", ele sussurrou. "Supere isso. Supere isso. Deixe-o rolar sobre você."

Isso era cruel. Era uma tortura. Eu estava queimando viva. Ele ia me matar. "Não consigo", solucei.

"Você consegue. Me mostre que estou errado. Me mostre que você é mais forte do que eu imagino."

De todas as coisas que ele me disse, foi isso que, de alguma forma, me atingiu. Respirei fundo, gaguejando, e tentei acalmar a mente. A parte latejante, em pânico e desesperada de mim acalmou uma fração ínfima. Uma quantidade infinitesimal. Fez a dor cintilar por um segundo — não o suficiente para proporcionar qualquer alívio real —, mas foi o suficiente.

Houve uma voz.

Um milhão de vozes.

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

O som era ensurdecedor. Gritei em volta dele, balançando a cabeça, tentando expulsá-lo, mas ele incendiou cada parte da minha mente, consumindo-me, apagando cada memória, cada pensamento, cada sentimento...

“Annorath... *MOR!* ”, gritei.

A dor desapareceu.

A luz retornou.

As vozes silenciaram, e o silêncio que deixaram para trás foi ensurdecedor.

Kingfisher ficou paralisado, ainda perto demais para ser confortável, sua mão agora solta em volta da minha. Pela primeira vez, aquela arrogância fria que ele sempre exibia não estava mais presente. Com os olhos arregalados, ele olhou para nossas mãos unidas, sua respiração presa na garganta.

Fiquei tenso ao ver a bolinha de líquido prateado rolando na palma da minha mão. Mercúrio. Não muito. Pouco maior que a unha do meu mindinho. Mas ainda assim, era mercúrio. E estava em estado *líquido* .

Entrei em pânico, tentando jogá-lo fora, mas Fisher agarrou meu pulso, balançando a cabeça. "Enquanto eu estiver te tocando, você está segura. Estou usando o pingente. Ele não vai nos machucar."

"Do que você está falando? Com certeza vai nos machucar! Quase me congelou de dentro para fora!"

"Aquilo não foi nada. Um teste. Acabou agora. Você passou."

Incrédula, olhei para ele boquiaberta. *"O que teria acontecido se eu não tivesse feito isso?"*

"Isso é acadêmico. Você
fez." "Tira isso *de* mim,
Fisher!" "Fica quieto", disse
ele.

“Como é que é? Não sei *como!”*

“Feche os olhos. Sinta-o na mente. Alcance-o...”

Fiz o que ele disse, fechando os olhos, tentando me lembrar de como respirar, sabendo que aquele pedacinho de mercúrio se acumulando na minha mão era suficiente para destruir minha mente. Eu tinha visto o que aquilo tinha feito com Harron. Eu estava prestes a xingar Kingfisher novamente, para dizer a ele que eu não conseguia sentir a prata amaldiçoada, mas então... eu *conseguia* senti-la.

Era um peso sólido, repousando ali, bem no centro da minha mente. Não era nada. Nem quente. Nem frio. Nem afiado. Nem macio. Simplesmente era. E estava esperando.

“Eu sinto isso”, sussurrei.

"Certo. Agora diga o que você quer. Diga para ele dormir."

Eu disse exatamente isso. Em minha mente, eu desejava que ele se aquietasse, que dormisse. O pequeno peso sólido parecia rolar inquieto.

" *Não, não é dormir. Agora não. Dormi demais",* sibilou, com inúmeras vozes se sobrepondo.

" *Durma",* ordenei com mais firmeza.

Desta vez, ele obedeceu.

O peso foi se dissipando da minha mente, até que me senti quase de volta ao normal. *Quase,* porque Fisher ainda segurava minhas mãos. Quando abri os olhos, ele estava olhando para a sólida esfera de metal fosco e inerte em minhas mãos, com uma expressão de diversão irônica em seu rosto irritantemente bonito.

“Tenho que dizer que eu esperava que fosse diferente”, ele refletiu.

E então eu dei um soco bem na boca dele.

11

ENGOLIR

"T ! Muito apertado! Não consigo respirar!"

Dizer que Everlayne estava com raiva seria pouco. Ela puxou as fitas do espartilho na parte de trás do meu vestido com uma força que eu não sabia que ela possuía.

"Se você continuar puxando assim, vai quebrar minhas costelas", reclamei.

"Ótimo! Talvez então você... pare... de reclamar! "

"Costelas quebradas não vão me impedir de reclamar", murmurei, mal-humorada, puxando as tiras do espartilho. Elas estavam cravando na minha pele, me beliscando em lugares onde minhas roupas em casa nunca tinham me beliscado antes. Era horrível.

"Pare com isso!" Everlayne deu um tapa na minha mão, estalando a língua. Ela mexeu nas minhas saias, movimentando-se ao meu redor, batendo em pedaços imaginários de penugem que só ela conseguia ver. Assim como os outros vestidos que Everlayne tinha me dado, esta peça era absolutamente deslumbrante. Um vestido vermelho cintilante feito de seda crua. Era o tipo de vestido que deixaria a maioria dos homens de joelhos. Eu o odiava pra caramba.

"O que você estava *pensando?* ", rosnou Everlayne, abaixando as dobras da saia um pouco mais para que ela caísse corretamente. "Ele é um guerreiro feérico, Saeris. Você *não pode* sair por aí socando guerreiros feéricos."

"Posso usar uma calça, *por favor* ?", observei-me, taciturna, no espelho de corpo inteiro. "E não me diga que calça é só para homens. Já vi muitas mulheres andando pelo palácio de calça."

"Já conversamos sobre isso. Você é *bonita demais* para usar calças. Está me ouvindo? Sobre o Kingfisher?"

Lancei-lhe um olhar severo. *"Não."*

“ Você poderia pelo menos me dizer o que ele fez para você dar aquele soco nele.”

"Confie em mim. Ele mereceu."

“Bem, não duvido *disso* .”

Ela me pediu para explicar o que tinha acontecido sete vezes na última hora, mas suas súplicas não me quebrantaram. De nada adiantaria contar a ela sobre a façanha que Kingfisher tinha feito com o mercúrio. Eu não queria deixar as coisas ainda mais tensas entre eles. Se Everlayne soubesse que ele tinha me jogado em uma situação que eu tinha quase certeza de que poderia ter me matado, então as coisas não iriam piorar. Elas se tornaram catastróficas, e nós *éramos* amigos. Eu não queria que ela sofresse mais do que já estava. Ter Kingfisher como irmão já era um fardo suficiente, eu tinha certeza.

"Você teve sorte que ele não reagiu pior do que reagiu", disse ela.

"Ah?", zombei. " *Achei* a reação dele um pouco exagerada."

Everlayne estava me esperando quando voltei para o meu quarto ontem. Ela não contava com o Kingfisher chutando a porta do meu quarto, me jogando por cima do ombro dele como um saco de batatas e chorando como uma alma penada. Nem esperava o temperamento extremamente ruim dele, o lábio inferior rachado ou a fina linha de sangue escorrendo pelo queixo. Ela gritou quando ele me jogou sem cerimônia na cama e rosnou: " Humano *mau !"*.

"Ele poderia ter sido muito pior", ela me garantiu. "Guerreiros como Fisher não reagem bem à violência."

"Você está dizendo que ele é tão selvagem que um pequeno gancho de direita é suficiente para fazê-lo ter uma matança explosiva?"

Ela pensou nisso enquanto dobrava um cobertor. Demorou um pouco para se decidir. "Sim", decidiu.

"Então seu irmão não é um guerreiro, Everlayne. Ele é um selvagem irracional com um temperamento horrível. Mas acho que eu já poderia ter te contado isso."

"Por favor, me chame de Layne. E *não* diga isso em voz alta!" *"*

Não é segredo nenhum. Acho que todo mundo sabe que Fisher é um selvagem..." "Não é isso. A parte *do irmão* ", disse ela num sussurro alto.

"Isso não é de conhecimento comum?"

“Bem, sim. E não ... Simplesmente não se fala sobre isso. E é muito, *muito* complicado. *”*

" Deixa eu adivinhar. Sua mãe teve um caso porque o rei é um monstro vil, e ela acabou grávida de outro?"

Everlayne — *Layne* — suspirou. — Não. Minha mãe foi casada com um lorde sulista antes de se casar com meu pai. Ela teve Fisher com seu primeiro marido. Quando Fisher tinha dez anos, o rei enviou seu pai em uma missão a Zilvaren. Ele nunca retornou. Foi quando os portais foram silenciados. O rei disse que Finran, o pai de Fisher, era o responsável pelo silenciamento do mercúrio e o declarou um traidor dos feéricos...

"Espere. Kingfisher disse que Madra foi o responsável por acalmar o mercúrio."

A expressão de Everlayne tornou-se perturbada. "E isso pode ser verdade. Fisher certamente nunca acreditou que seu pai fosse responsável. Mas, sem nenhuma prova em contrário, Belikon anunciou que Finran era o culpado. Menos de um ano depois, Belikon anunciou seu noivado com minha mãe. Ao que tudo indica, ela ficou surpresa, visto que nunca havia *conhecido* o rei, mas Belikon deixou claro que se casar com ele era a única maneira de provar que não era uma traidora da coroa também. Além disso, Finran era muito rico, e Belikon precisava de dinheiro para pagar o conflito que eclodiu com Sanasroth. Belikon informou minha mãe, por meio de um arauto real, que ela deveria se apresentar ao Palácio de Inverno e trazer todos os seus bens e dinheiro consigo. Rusarius ainda fala de como o rei ficou furioso quando ela chegou com Kingfisher a reboque."

“Ele não considerava um filho de um casamento anterior um trunfo?”

A risada de Layne soou monótona. "Nem um pouco. Ele queria um filho seu, e o mais rápido possível. Ele não queria Kingfisher como seu herdeiro por casamento, mas demorou muito para minha mãe engravidar novamente. Filhos feéricos são um presente raro. A maioria dos casais tem sorte se tiver pelo menos um filho. Belikon achou que Fisher tinha *'usado minha mãe'*. Ele realmente disse isso uma vez. Ele ainda insiste que, quando nossa mãe engravidou de mim, muito tempo depois, foi culpa de Fisher por ela não ser forte o suficiente para gerar outro herdeiro homem. Culpa dele por ela não ser forte o suficiente para sobreviver ao parto também. A gravidez dela comigo foi difícil. Nenhum dos curandeiros dela ficou surpreso quando ela faleceu logo depois que eu vim ao mundo, mas Belikon..." Everlayne balançou a cabeça tristemente. "De acordo com o rei, tudo é sempre culpa de Fisher. Mas a morte da nossa mãe não foi por causa dele. Foi por minha causa."

"Não foi culpa de ninguém", eu disse. "Mulheres morrem no parto desde o início dos tempos. Humanas ou feéricas, não faz diferença. A criança nunca pode ser responsabilizada."

Layne provavelmente já tinha ouvido tudo isso antes. Ela apenas assentiu, passando as mãos sobre o cobertor que havia colocado no encosto da minha cadeira de leitura. "Como você sabia que Fisher não era filho ilegítimo de Belikon?", perguntou ela. "Ele já teve casos extraconjugais suficientes ao longo dos anos."

Essa foi fácil. "Porque, ilegítimo ou não, nenhum pai odiaria o próprio sangue como Belikon odeia Fisher."

"Sim, bem..." O maxilar de Layne se contraiu enquanto ela olhava fixamente para o cobertor. "Você tem razão. Enfim!" Ela respirou fundo, endireitando-se ao voltar a si, livrando-se do assunto pesado como se fosse um manto opressivo. "Vou buscar algo para o café da manhã. Quando terminarmos de comer, vamos para a biblioteca."

Ela foi embora, e eu me sentei na beira da cama, aliviado por finalmente estar sozinho.

Annorath mor.

Annorath mor.

Annorath mor.

Kingfisher tinha me dito para ouvir o Mercúrio, e eu ouvi. Não conseguia *parar de* ouvir. As vozes na minha cabeça tinham sumido. Elas desapareceram assim que o Mercúrio se acalmou, mas aquela *frase* ... Eu a repetia para mim mesmo, sem parar, como se fosse a resposta para uma pergunta que eu não sabia como fazer.

Annorath mor.

Annorath mor.

Annorath mor.

Kingfisher respondeu quando eu disse isso em voz alta. Ele ficou de olhos arregalados. Chocado, até. Mas não explicou o que significava, e a falta de conhecimento estava me deixando louco.

Cravei as unhas na palma da mão, aplicando pressão ao ritmo daquelas palavras enquanto elas circulavam na minha cabeça. Era quase como se elas tivessem substituído as batidas do meu coração. Meu transe só terminou quando uma batida forte na porta quebrou o silêncio.

Em algum momento, Layne aceitaria que eu simplesmente não comia tanto assim e pararia de encher meu prato com tanta comida. Ela colocaria uma maçã no bolso para mim ou algo assim. Assim, mesmo que seu prato

de café da manhã estivesse cheio, ela ainda teria uma mão livre para abrir a porta. Resmunguei para mim mesma enquanto atravessava o quarto e girava a maçaneta, puxando a porta para que ela se abrisse enquanto eu voltava para a cama e me ajoelhava, procurando embaixo dela os sapatos que eu havia tirado na noite anterior.

“É verdade que gosto quando uma mulher se ajoelha para mim, mas neste *caso* em particular...”

Eu estava esticando o braço, os dedos agarrando o salto do meu sapato debaixo da cama, mas no momento em que ouvi aquela voz, fiquei rígido como uma tábua. O sangue subiu às minhas bochechas quando recuei e me sentei sobre os calcanhares, encarando Kingfisher. "Você não é bem-vindo aqui", informei a ele.

Seu lábio estava ainda mais irritado e vermelho do que na tarde anterior. Nas mãos, carregava uma grande tábua de madeira empilhada com todos os tipos de carnes curadas, queijos, frutas e pelo menos três tipos diferentes de pão. Usava uma quantidade excessiva de armadura — o dobro do habitual. Suas canelas estavam cobertas por grevas negras adornadas com sóis nascentes dourados, cujos raios se projetavam em direção aos joelhos. Braçadeiras combinando cobriam seus pulsos. Ele olhou para si mesmo, a boca se contorcendo em um sorriso frio quando me flagrou observando sua armadura aprimorada.

"Você gostou?", ronronou ele. "Imaginei que uma proteção extra seria necessária esta manhã, já que você agora tem o hábito de se jogar em mim como um felino raivoso."

"Gatos arranham", eu disse secamente. "Cheguei *perto* de te derrubar."

"Nem nos seus sonhos, humano." Ele chutou a porta para fechá-la, entrou no quarto, colocou a pilha de comida na mesinha e foi até as três janelas altas do quarto, fechando as cortinas de cada uma delas enquanto passava.

Levantei-me e o segui, abrindo as cortinas novamente. "O que você está *fazendo?"*

"Estou de ressaca", anunciou ele. "O sol está tentando rachar meu crânio, o que está me deixando *muito* hostil. Mas, por favor. Sinta-se à vontade para abrir as cortinas."

Como você matou um guerreiro feérico? Precisava de uma arma especial? Eles poderiam ser envenenados? Fiz uma anotação mental para perguntar a Rusarius — o velho bibliotecário certamente saberia. Com uma carranca profunda, voltei e revisitei as janelas, fechando as cortinas novamente. "Quero dizer, o que você está fazendo aqui? No meu quarto?"

"Aparentemente, não tenho permissão para comer na biblioteca. E, ao contrário do Layne, não tenho uma ala própria no tribunal. Depois de ver como *seus* aposentos estavam lindos ontem, resolvi vir tomar café da manhã aqui. Não se preocupe. Trouxe queijo para você." Ele pegou um dos pratinhos que havia equilibrado sobre a mesa transbordando e colocou uma fatia enorme de queijo duro sobre ele. Para ser justo, parecia um queijo bom, mas o jeito como ele empurrou o prato para mim do outro lado da mesa me fez ferver o sangue.

O idiota começou a comer como se sua vida dependesse disso.

"Rusarius disse que não há comida cozida na biblioteca. Tudo isso está frio. Pegue e vá incomodá-lo."

O martim-pescador não me deu atenção.

“Pescador!”

Ele estremeceu, agachando-se no assento. "Hoje tem regras, humano." Começou a contá-las na mão, um dedo para cada uma. "Não grite. Não dê socos. Não me faça fazer nenhum exercício físico. Não..."
__”

“Seu lábio está sangrando por todo lado de novo”, eu disse a ele.

Sua língua disparou entre os lábios, com o sangue manchando a ponta, e me vi sendo atingido por um par de caninos afiados e perversos. A visão deles me provocou um arrepio de intriga e pânico. Um calor subiu pela boca do meu estômago, e meu sangue subiu às bochechas.

O olhar de Kingfisher se ergueu rapidamente, encontrando o meu. "Cuidado, humano. Nós, feéricos, temos um olfato excelente. Você ficaria surpreso com o que conseguimos sentir flutuando no ar."

"Eu... eu não estava fazendo nada. Eu não..." Oh, deuses. Eu ia morrer de vergonha. O momento tinha sido passageiro. Eu nem pretendia pensar nisso. Eu desprezava Kingfisher. *Não me sentia* atraída por ele. Eu não estava pensando na língua dele ou nos dentes dele...

Ele largou o pedaço de pão e carne que segurava e recostou-se na cadeira *bem* devagar. Sua expressão ficou repentinamente séria, os olhos alertas, a voz baixa e suave como veludo. *"Você está piorando as coisas."*

Engolindo a vontade de gritar, sentei-me à mesa e me forcei a sustentar seu olhar insuportavelmente presunçoso. *Mudar de assunto. Mudar de assunto. Mudar de assunto.* "Por que você não cuidou do seu lábio, afinal? Eles podem curá-lo. Um cortezinho desses? Ele desapareceria com um pequeno toque..."

Os olhos do Kingfisher se estreitaram, ainda me encarando. "Eu ia cuidar disso depois disso, mas agora desisti."

"Hah. Certo." Arranquei um pedaço de queijo do bloco que ele tinha colocado no prato para mim e o enfiei na boca.

"Sim. Na verdade, agora mesmo. Vou guardar como lembrança."

"Uma lembrança de quando uma humana fraca te acertou e te fez sangrar? Quer que seus amigos saibam disso?" Porra, esse queijo tinha a consistência de cola. Continuei mastigando, mas minha boca estava tão seca que estava virando uma pasta grossa.

"Gosto de ser surpreendido", disse Fisher, girando o garfo na mão. "Também adoro preliminares agressivas. Vai ser um lembrete divertido."

Respirei fundo, inalando queijo. Engasgando e cuspindo, tentei desesperadamente me livrar dele, mas não adiantava.

Kingfisher inclinou-se para a frente, passando a língua pelos dentes novamente. Ele sorriu sugestivamente e disse: *"Engula"*.

" Que diabos está acontecendo aqui? Você está tentando matar a pobre garota?"

Layne surgiu do nada, uma nuvem de perfume doce e sedas cor de açafrão. Ela pousou os pratos que havia recolhido da cozinha e começou a esfregar a mão suavemente nas minhas costas. "O que você fez com ela?", ela lançou um olhar furioso para Fisher.

"Pelo amor de todos os deuses que já existiram ou que existirão, você poderia, por favor, abaixar a voz?" ele gemeu.

"Ela está morrendo sufocada, Fisher. Você a envenenou? Respire, Saeris. É isso aí. Inspire devagar. Expire devagar." Ela demonstrou como inspirar pelo nariz. "E... e por que está com cheiro de *bordel* aqui dentro? Se você vai passar a noite se prostituindo e bebendo, o mínimo que pode fazer é lavar o cheiro de sexo antes de aparecer para o café da manhã."

Kingfisher parecia prestes a explodir de rir. O desgraçado monstruoso estava gostando daquilo. Preparei-me para a provocação cruel — ele estava a segundos de dizer à irmã que qualquer cheiro que ela pudesse sentir era cortesia minha e não dele. Mas, quando falou, me pegou de surpresa. "Você tem razão. Desculpe, Layne. Foi falta de consideração. Vou tomar meu café da manhã e deixar vocês dois em paz. Se Ren aparecer, avise que estou lá embaixo na casa de banhos, lavando meus pecados. Vejo *você* à tarde, Osha. Prepare-se para praticar mais o que aprendemos ontem."

Espere…

Eu o observei partir.

Ele levou a culpa por mim.

Por que ele faria isso?

Será que Layne saberia que *eu* era a fonte do cheiro de excitação no ar no momento em que ele fosse embora? Eu achava que não. Eu não estava mais pensando na língua de Fisher percorrendo meu pescoço. Eu estava pensando nele me forçando a segurar aquele mercúrio na palma da minha mão novamente e em como isso ia doer.

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

A lembrança daquelas vozes na minha cabeça ecoava como um canto de guerra.

Fisher me salvou de um constrangimento, mas isso pouco significava. Não quando eu me deparava com a promessa de uma tarde trabalhando com o mercúrio. Ele estava realmente louco se achava que eu me submeteria voluntariamente a *isso* de novo.

A temperatura na biblioteca estava insuportável. Ainda mais fria do que o normal, a condensação escorria pela parte interna das janelas, e nuvens ondulantes de neblina se formavam no ar sempre que alguém falava.

"Vai nevar hoje à noite", anunciou Rusarius, franzindo a testa para o manto sombrio de nuvens que preenchia a vista através do teto de vidro abobadado.

Neve.

A perspectiva de vê-lo cair do céu com meus próprios olhos era emocionante, mas havia assuntos mais importantes em pauta. Eu já havia tomado minha decisão e a manteria.

"Quero aprender mais sobre o mercúrio hoje", eu disse. "Sei que você planejava falar mais sobre Sanasroth e as cortes, mas o Rei só nos deu uma semana antes da partida do Kingfisher. Já se passaram três dias, e eu não aprendi muito sobre os caminhos."

"Conhecer os tribunais será vital quando você começar a viajar para fora de Yvelia. Acho que vale a pena revisar isso", disse Layne, colocando a mão sobre a pilha assustadora de livros que havia preparado para a sessão do dia.

"Não sei. Talvez Saeris esteja certa." O cabelo branco de Rusarius estava mais como uma nuvem do que nunca, esvoaçando em todas as direções. "Se não conseguirmos demonstrar que Saeris é capaz de ativar o mercúrio, acho que Kingfisher vai ter problemas. Foi ele quem a trouxe para cá. O Rei deu *a ele* uma semana para ensinar nossa nova amiga aqui a lidar com tudo isso. Se ela falhar..."

“Ele vai punir Fisher”, disse Layne.

“E Saeris também, talvez?” Rusarius sugeriu em tom questionador.

Layne empurrou relutantemente sua pilha de livros para o lado. "Tudo bem. Que seja o mercúrio. Talvez, se cobrirmos algum terreno rudimentar, Fisher possa lhe apresentar outros compostos alquímicos menores na forja esta tarde."

Ah, Fisher não estava brincando com compostos alquímicos inferiores. Ele me jogou na água e me deu um tapa de mercúrio bruto sem nem pedir licença. Mais uma vez, tomei a decisão de não revelar essa pequena informação. "Eu estava me perguntando se havia alguma referência a como os Alquimistas usavam os caminhos para viajar de um lugar para outro especificamente. Tipo, como eles garantiam que chegariam onde queriam", esclareci. "Havia um painel, ou algum encantamento, ou..." Dei de ombros, canalizando o máximo de indiferença que consegui reunir. "Eles tinham que dizer o nome de algum lugar em voz alta ou algo assim?"

Rusarius limpou o nariz na manga de sua túnica e então soprou um pouco de chá quente que havia preparado para si mesmo em algum lugar no fundo da biblioteca.

“Ah, não, duvido que tenhamos algum livro ou pergaminho que fale sobre *isso* ”, disse ele.

“Ah.” A decepção me corroía por dentro.

"Não, essa parte foi fácil. Era de conhecimento geral como eles iam de um ponto a outro." Rusarius tomou um gole de chá e gritou, abanando a boca. "Deuses, paciência nunca foi meu ponto forte. Você acha que eu já teria aprendido a esperar a esta altura..."

"Como eles fizeram isso, então? Se era de conhecimento geral?"

“Ahh, sim. Bem, eles simplesmente fixaram suas intenções naquele lugar. Concentraram-se bastante, aparentemente. Se quisessem explorar um lugar novo, pensariam no *tipo* de lugar para onde queriam ir. Se quisessem descobrir um lugar rico em minério de ferro, por exemplo, pensariam em minério de ferro e deixariam o mercúrio puxá-los para um lugar com bastante minério de ferro. Era um sistema muito simples. Defeituoso, é claro. Em

várias ocasiões, um Alquimista pensou no tipo de lugar para onde queria ir e entrou em uma piscina, para nunca mais ser visto. Um grupo foi em busca de hidrogênio certa vez. Aquele Arquivista intrometido Clements postulou que o mercúrio os levou direto para o centro de uma estrela em algum lugar. Um monte de bobagem, se quer saber...”

Parei de ouvir. Eu não estava tentando ir a algum lugar novo. Eu queria ir para casa. E tudo o que eu precisava fazer era pensar em Zilvaren antes de entrar na piscina? Seria fácil demais, não é? Mas Rusarius parecia ter certeza.

"E onde fica a piscina aqui no Palácio de Inverno? Belikon tem uma, certo?", perguntei, interrompendo o velho, que ainda dava exemplos de diferentes grupos de Alquimistas que haviam desaparecido enquanto exploravam destinos desconhecidos.

"Ah, claro! Nossa piscina é a maior já documentada!" declarou o bibliotecário, radiante, como se fosse pessoalmente responsável por sua existência. "Belikon a construiu para transportar exércitos inteiros, se necessário. Ela está situada abaixo de nós, bem fundo, nas entranhas do palácio. Quase todos os túneis que você encontrar levarão você até lá. Embora eu tenha passado cinco dias tentando descobrir..."

Fiz um trabalho louvável fingindo interesse enquanto Rusarius tagarelava, mesmo que eu mesma dissesse isso. Os planos que se formavam rapidamente na minha cabeça exigiam toda a minha atenção, mas assenti e ri da história do bibliotecário, envolvente o suficiente para convencer Layne de que eu também o estava ouvindo.

As três horas seguintes se arrastaram, e eu fiz o meu melhor para não me mexer.

Tomei notas sobre a piscina Sanasrothiana, localizada no centro dos salões do conselho da corte rival. Registrei também a localização de outras duas piscinas em outras duas cortes. Os Gilariens, os Fae das montanhas a leste, mantinham sua piscina em um salão situado no pico mais alto de seu domínio. Relatou-se que a piscina pertencente aos Lìssianos, os Fae navegantes que viviam em uma ilha ao sul, ficava nas profundezas de uma caverna marinha e era quase tão grande quanto a piscina Yveliana, embora isso nunca tenha sido confirmado, pois os Lìssianos a consideravam seu local de culto mais sagrado.

Eu absorvi tudo isso, minha mente zumbindo o tempo todo.

Tudo o que eu precisava fazer era fixar minha mente na Cidade Prateada. Precisava alcançar o mercúrio, convencê-lo a acordar, e então eu estaria em casa. Seria *tão* simples.

Mas havia algo que eu precisava fazer primeiro.

12

RAPOSA

Uma quantidade enorme de couro havia desaparecido, e eu conseguia entender o porquê. A lareira ardia, um fogo incandescente lambendo a alvenaria quando entrei na forja. Pela primeira vez em quase uma semana, um calor delicioso penetrou em meus ossos, e foi uma coisa linda, linda.

O irmão moreno de Layne sorriu como um demônio ao perceber que eu havia entrado na oficina escaldante, embora não tenha se desviado de sua tarefa. O suor escorria pelo rosto enquanto ele enfiava uma pinça brilhante no inferno; ele se abaixou, semicerrando os olhos enquanto se concentrava por um momento, e então puxou a pinça comprida de volta, desta vez com uma pequena panela de ferro presa na garra.

Mal notei a panela — o *cadinho* — que Kingfisher havia colocado na bigorna ao lado da bancada. Meu olhar estava fixo na gota de suor que pendia do queixo de Fisher; por mais que eu tentasse, não conseguia ver mais nada. Ela brilhou ali por um segundo e depois caiu, chiando ao atingir o cadinho de ferro e se transformar em fumaça.

A camisa preta normalmente larga de Fisher estava colada ao peito. Ele respirou fundo, ergueu os ombros e...

Estremeci quando ele estalou os dedos na frente do meu rosto.

"Você poderia pelo menos dizer olá antes de começar a me comer com os olhos."

"Eu não estava te olhando fixamente. Eu estava tentando enxergar através de todo esse... vapor." Balancei a mão para dar efeito, mas o ar estava limpo, não havia vapor, e Kingfisher não pareceu impressionado.

"Isso sempre me confundiu. Humanos não são restringidos pelas mesmas leis que os Fae Presos ao Juramento. Vocês, criaturas, podem mentir quando quiserem. Vocês fazem isso o tempo todo. E, no entanto, são todos péssimos

nisso ." Suas bochechas estavam coradas pelo calor, escorregadias de suor. Nenhum fio de cabelo estava seco. Da raiz às pontas, seus cachos estavam pingando, alguns grudados na lateral do rosto. Como se de repente tivesse tomado consciência disso, ele balançou a cabeça como um cachorro, derramando suor por todo lado.

Levantei a mão na frente do rosto, bloqueando o jato. "Nojento."

Fisher riu baixinho enquanto espiava o cadinho, tirando a camisa do peito e inspecionando o que havia lá dentro. "Lá vem você de novo, mentindo de todo jeito. Você gosta do meu suor, *não* é, humano?"

Desde o momento em que nos conhecemos, o babaca vivia para me irritar. Eu nunca tinha reagido quando ele me chamava de " *humana* " ou " *Osha* ", então não fazia ideia de como ele sabia que isso me irritava tanto, mas irritava. Eu estava oficialmente farta disso. "Eu tenho um *nome.* Use-o." Passei por ele, indo até a bancada. Joguei a bolsa que trouxera comigo sobre a mesa e peguei um dos aventais grossos de couro pendurados na parede perto da janela.

Eu me virei, pronto para dar-lhe um sermão sobre boas maneiras e como era educado chamar uma pessoa pelo nome dado. nome e não algum nome de merda *que eles* inventaram para eles, mas—

"Santos deuses e mártires!" Meu coração saltou até a garganta.

A menos de um centímetro de distância, Kingfisher sorriu para mim. Como diabos ele tinha chegado tão perto? Seus olhos dançavam de alegria. Era um crime que olhos tão impressionantes pertencessem a um canalha. Eles eram como nada que eu já tivesse visto antes. Tão brilhantes, o tom de verde mais único e surpreendente. E embora o mercúrio preso em sua íris direita me assustasse pra caramba, não havia como negar que o fazia parecer extraordinário.

"Você é *temporária* ", ele disse, pairando sobre mim, seu corpo enorme simplesmente... em todos os lugares.

"E você é *rude* ", respondi.

Ele deu de ombros, virando-se. Assim que me deu as costas, respirei fundo, tentando me recompor enquanto ele não estava olhando. "Não é prático aprender os nomes dos humanos", disse ele. "Vocês vêm e vão tão rápido. Eu só me preocupo em aprender os nomes de criaturas que vivem mais do que um batimento cardíaco."

Minhas mãos tremiam enquanto eu enrolava as tiras do avental na cintura e as amarrava na barriga. "É Saeris. Meu nome. Me chame assim ou não me chame mais."

Ele lançou um olhar divertido por cima do ombro, os lábios entreabertos, expondo um vislumbre imperceptível de dentes. "Nada mesmo? Gosto disso. Venha aqui e olhe para isso, Nada mesmo."

Acho que caí direto nessa. Suspirando, fui ver o que ele estava apontando dentro do cadinho. "Tem essas outras palavras também. Por favor e obrigado? Ainda não ouvi você usar nenhuma delas, mas tenho certeza de que fazem parte do seu vocabulário..." "Não fazem", disse ele, animado.

Uma pequena quantidade de pó cinza-escuro, fino como cinza, estava depositada no fundo do cadinho. "O que estou vendo?" "Osso", disse Fisher.

"Humano?"

Ele balançou a cabeça. "Eu não tinha nenhum. Mas, se você estivesse disposto a contribuir..."

"Parar."

Fisher se endireitou, semicerrando um olho enquanto me observava. "Sua espécie deveria tirar uma soneca à tarde? Você é muito mal-humorado. *Sou eu* que estou de ressaca, sabe?"

"O que você fez ontem à noite?"

"Você não gostaria de saber?"

"Na verdade, esquece. Mudei de ideia. Não quero saber."

"Ren e eu fomos ao The Blind Pig. Jogamos metade das economias dele no jogo e bebemos até secar. Convido você na próxima vez."

Fiz uma careta. "Por favor, não."

Kingfisher me agarrou, sua mão se fechando em volta do meu pulso. Eu estava prestes a cutucar o pó dentro do cadinho com a ponta do dedo, mas...

"De onde você vem, um ferreiro enfia o dedo num cadinho logo depois que ele sai de uma fornalha em chamas, Osha?", perguntou Fisher.

Movi o maxilar, sentindo-me absolutamente, completamente, devastadoramente idiota. Se eu tivesse feito isso na oficina do Elroy, ele teria gritado comigo até ficar rouco e depois me banido da oficina por uma semana inteira. Eu nem teria permissão para me aproximar do cadinho sem usar um par de luvas resistentes ao calor. Ali, eu não estava pensando direito. Estava distraído. E o motivo da minha distração tinha acabado de me salvar de potencialmente perder a mão inteira. Minhas bochechas queimavam mais que o fogo na lareira. "Não. Eles *não queimam."*

Kingfisher me soltou. Não disse mais nada sobre o assunto, mas o olhar duro e irritado que me lançou dizia muito. *Tenha mais* cuidado, *Osha.* "O osso era feérico", disse ele após um momento. "Durante séculos, nossa espécie tentou entender como as relíquias que nos permitem viajar pelo

mercúrio foram feitas. Houve muitas teorias ao longo dos anos, mas isso é tudo o que sempre foram. Teorias. Com o mercúrio adormecido, não conseguimos experimentar ou testar nenhuma dessas teorias. Mas agora que você está aqui..."

"Você quer que eu desperte o mercúrio para que você possa tentar vincular coisas a ele e ver se consegue fazer uma relíquia com ele."

"Exatamente." Ele sorriu. Foi o primeiro sorriso verdadeiro e completo que vi nele, e foi assustador. Não por causa da maldade que o fazia parecer. Longe disso. Ele parecia muito mais jovem do que quando estava carrancudo. Parecia *feliz* , e foi isso que realmente me irritou. Era fácil odiar o Kingfisher quando ele se comportava como um canalha, mas naquele momento, ele parecia muito menos canalha, e isso era... confuso.

Eu não tinha tempo nem vontade de destrinchar aquela confusão agora. Não importava. Eu tinha coisas mais importantes com que me preocupar. "Você está usando osso para ver se fundir o mercúrio com material biológico vai enganar a poça, fazendo-a pensar que o ser vivo que passa por ela faz parte dela?", perguntei.

Kingfisher balançou para trás, as sobrancelhas arqueando-se na testa. "Sim, na verdade. É exatamente isso que eu quero fazer."

"Bem, então está bem. Vamos lá."

"Sério? Depois de ontem, eu esperava que você relutasse em tentar ativar o mercúrio novamente."

"Não estou feliz com isso, não. Mas se isso significa que nós po—OH! *Santo Deus!* "

Não estávamos sozinhos.

Minha mão se fechou em torno de uma pinça. Agarrei-a como um punhal, saltando para a frente, adotando uma postura defensiva. Meu pulso martelava nos dedos das mãos e dos pés e em todos os outros lugares possíveis. Num instante, eu estava pronto para lutar, mas Kingfisher se moveu mais rápido do que eu. Ele se transformou em um borrão de fumaça preta. Um vento frio chicoteou meus cabelos, e então ele desapareceu. Ele se rematerializou do outro lado da oficina, com a intenção assassina em seus olhos, aquela espada negra letal agarrada em ambas as mãos, pingando fumaça.

"O que *é* isso?" Apontei o dedo para a coisa horrível agachada perto da lareira. Ela sibilou para mim, arreganhando os dentes e mostrando o branco dos olhos.

Kingfisher deu uma olhada na criatura e se endireitou, saindo da posição defensiva, xingando em uma língua que eu não entendia. "O que há *de errado* com você? É uma raposa! Deuses, pensei que você ia ter a cara arrancada."

"Raposa? O que é uma *raposa?* "

Kingfisher resmungou sombriamente enquanto se aproximava e se postava diante do estranho animal. Tinha uma pelagem espessa e peluda, branca como a neve vista da janela, e olhos negros e vítreos da cor do azeviche. Encolheu-se, pressionando o corpo contra o chão de pedra, com as pequenas orelhas de pontas pretas grudadas ao crânio minúsculo, enquanto observava Kingfisher erguer a espada sobre sua cabeça.

"Só para você saber", rosnou o guerreiro, "transportar-se assim quando você está com dor de cabeça é o pior." Ele desceu a lâmina balançando.

"NÃO! PARE! O que você está fazendo?"

Ele sacou a arma para o lado bem na hora. " *Deuses sem graça,* humano! Parem de gritar, porra! *"*

" Não quero que você o mate! Ele só me surpreendeu, só isso!"

"É uma raposa! Uma praga! Provavelmente era isso que vivia na lareira antes de arrancarmos aquela toca. Eles roubam comida das cozinhas."

A criatura não era nem de longe tão hedionda quanto eu pensava a princípio. Disparei para frente, curvando-me, cobrindo a coisinha com o meu corpo, tomado por um remorso repentino. "Você definitivamente não pode matá-lo então. Não se destruirmos o seu lar."

"Ele vai te morder", disse Kingfisher.

"Não, não vai. Ele..." Ele me mordeu.

Seus dentes eram afiados como agulhas. Com as mandíbulas presas em volta do meu antebraço, a raposinha chiava e guinchava, emitindo todos os tipos de sons estranhos. Parecia que queria fugir e se esconder, mas não conseguia descobrir como *parar* de me morder.

Kingfisher encostou a ponta da espada na pedra a seus pés e apoiou o peso do corpo nela casualmente, observando a cena se desenrolar sem nenhuma reação óbvia. "Eles transmitem todos os tipos de doenças. Podridão pulmonar", disse ele. "Uma coisa de pele escamosa também? Algum tipo de infecção fúngica, eu acho."

"Ai! Está quase no osso, Fisher. Me *ajuda* !"

Kingfisher se afastou da espada e se endireitou. Ele olhou para as vigas acima, semicerrando os olhos. "Isso... é uma experiência de aprendizado, eu acho. Sempre há consequências para nossas ações. Sua nova pulseira peluda é consequência da fraqueza humana. Use-a com orgulho."

A raposinha espirrou, seus olhos negros fixos nos meus. Se uma raposa pudesse ter uma expressão, a sua seria de pânico. Ela queria que eu a ajudasse, pensei, mas como eu poderia fazer isso se, na verdade, ela estava mordendo com ainda mais força?

"Solta, solta, vai, vai, vai", implorei. " *Por favor* , solta. Não quero ter que te machucar. Sinto muito por termos arruinado sua casa. Prometo que construiremos uma ainda melhor para você."

"Não faça promessas em *meu* nome", interrompeu Kingfisher. "Acho que daria um ótimo chapéu." Rosnei para Kingfisher.

A raposa também rosnou.

Como se tivéssemos encontrado um ponto em comum, a raposinha afrouxou lentamente o aperto em meu antebraço, suas mandíbulas tremendo como se estivesse indo contra sua natureza ao me soltar. Levantei-me, pressionando a mão contra as marcas de perfuração em minha pele, tentando estancar o fluxo de sangue. A raposa lançou um olhar cauteloso para Kingfisher e disparou sob minhas saias, escondendo-se sob as dobras do tecido que se movia.

"Ah, olha só", observou Kingfisher. "Finalmente. Um uso para todo esse material ridículo. Que bonequinha linda com esse vestidinho lindo, não é?"

"Ei! Eu não *quero* usar isso", respondi bruscamente, puxando o vestido. "O que eu estava vestindo quando você me encontrou?"

"Muito sangue", ponderou Fisher. Franziu a testa. "Espere. Acho que seus *intestinos* podem ter feito parte do seu conjunto."

"Calça e camisa", eu disse secamente. "E um par de botas com solas realmente boas. Você tem ideia de quanto essas botas me custaram?"

"Deixa eu adivinhar. Sua virgindade."

" Foda-se, Fisher."

"Claro." Ele deu um sorriso irônico. "Mas receio não ter botas novas para trocar pelo seu tempo."

Lancei-me sobre ele, pronto para *matá* -lo, e ofeguei ao sentir o roçar de pelos nas minhas panturrilhas e me lembrar da raposinha que eu estava abrigando. Suas garras arranharam minha perna. Tentei não reagir, mas Fisher me viu estremecer. "Deuses do céu", gemeu. "Deixe-me matá-la e acabar logo com isso."

"Não! De jeito nenhum!"

"Tudo bem. Ótimo. Faça do seu jeito." Ele se virou para o cadinho, acenando com a mão. No mesmo instante, senti uma lufada de ar frio por baixo da minha saia, acompanhada de um latido assustado, e uma grande

gaiola de vime apareceu na extremidade oposta da bancada. Dentro da gaiola: uma tigela cheia de água, uma pequena pilha do que pareciam ossos de galinha e, claro, a raposa.

"Você vai precisar soltar essa coisa maldita para fora do palácio. Ela não vai durar cinco segundos aqui. Nem como seu brinquedo. Por enquanto, ela pode ficar aí *quieta* ", disse ele, lançando um olhar significativo para a gaiola. "E você..." Ele girou o pulso novamente, e o vestido carmesim apertado que Layne me vestiu naquela manhã desapareceu no ar. Respirei fundo e profundamente pela primeira vez em seis horas e quase chorei com a lufada de ar que inundou meus pulmões.

Eu estava usando roupas normais. *Minhas* roupas... não, espere. Não eram minhas roupas. Eram parecidas, sim, mas havia diferenças marcantes entre as roupas que Kingfisher me encontrou e essas peças. As calças eram mais grossas. Pretas, e não brancas sujas. O material era resistente, mas flexível. *Justo.* Bem, acho que não podia reclamar disso depois de ficar tão irritada com os babados que Layne me colocou. A camisa era mais como uma túnica. Preta. Um pouco mais comprida no corpo do que eu estava acostumada. Mais de acordo com a moda feérica. Havia *tantos* bolsos. Na minha cintura pendia um cinto de couro com várias presilhas para ferramentas e... armas? Havia uma *faca de verdade* presa à minha coxa. Olhei para o cabo de ônix preto, tentando entender o que estava vendo.

"Você precisa explicar como isso funciona?"

Levantei a cabeça de repente. Kingfisher estava de costas para mim. Ah, pelo amor de todos os deuses, ele estava puxando a camisa sobre a *cabeça amaldiçoada pelos deuses!* Quando se virou, com o peito nu, um mar de tinta preta rodopiante marcando músculos lisos, sua expressão se transformou em uma máscara vazia. Bem no centro do peito, rosnando e feroz, a cabeça de outro lobo havia sido tatuada em sua pele. Muitas tatuagens menores a cercavam ou se desprendiam dela, mas eu não conseguia dizer o que eram sem inspecioná-lo mais de perto, e de jeito nenhum eu faria isso. Eu meio que esperava uma provocação indireta de Kingfisher enquanto lutava para não encará-lo, mas ele parecia sincero ao apontar o queixo em direção à faca que ele havia magicamente criado na minha coxa. "Nas mãos certas, uma lâmina como essa pode causar muito dano. Renfis é um bom professor. Ele pode te mostrar como usá-la se você precisar."

Na gaiola no final da bancada, a raposa começou a lamber com sede sua tigela de água.

“Eu entendo de facas”, eu disse, olhando para o chão.

"Você disse que sabia mexer numa forja outro dia. E aí tentou enfiar o dedo dentro de um cadinho incandescente."

"Eu sei me virar numa forja. Eu só... não estava pensando."

Ele limpou as mãos na camisa e jogou-a na bancada. "Você poderia cortar a própria garganta com uma faca dessas se esquecesse de pensar, Osha."

"Me dá logo o maldito mercúrio. Vamos ver se conseguimos ligar esse osso com ele e transformá-lo em algo útil."

Não conseguimos.

Levei três horas para descobrir como despertar o mercúrio novamente. Quando consegui transmutar a prata sólida e fosca para seu estado agitado, eu estava exausto, meu corpo ecoando de dor e um pouco traumatizado.

As partículas de osso explodiram em chamas assim que Kingfisher jogou o pó no tanque contendo o mercúrio, vaporizando-se antes mesmo de tocar a superfície do líquido ondulante, e o mercúrio nem estava quente. Ele cantava e me xingava numa cadência que soava zombeteira, e eu me esforcei para não gritar de frustração.

Eu suava no calor da forja, cansado e cada vez mais irritado. Kingfisher não percebeu, ou talvez tenha percebido, mas não demonstrou nenhum sinal de preocupação. Inclinou-se sobre a bancada, o suor escorrendo como um rio pelas ranhuras em suas costas, fileiras de músculos poderosos flexionando-se de cada lado da coluna enquanto fazia anotações em um livro que conjurara de algum lugar.

Tanta pele. Tanta *tinta.* As tatuagens nas costas estavam entrelaçadas — linhas ousadas e extensas que pareciam formar caminhos e contar histórias. Eu não ia mentir para mim mesma; queria saber sobre cada uma delas — o que significavam e quando ele as tinha feito. Mas eu não ia lhe dar a satisfação de perguntar. Eu tinha coisas para resolver.

Uma pontada de urgência surgiu dentro de mim, dando-me a coragem necessária para agir. Respirei fundo e me preparei. "Sabe... talvez se eu olhasse para o pingente? Se o segurasse nas mãos? Se houvesse outro elemento ligado a ele quando fosse disparado, eu poderia sentir o que era."

Era um jogo perigoso. Se desse certo, eu poderia voltar para casa. Se não, teria um Martim-pescador furioso nas mãos e provavelmente ficaria preso em

meus aposentos até morrer de velhice. Fisher olhou para mim, com os olhos semicerrados, avaliando-me. Deuses, ele era um espetáculo para ser visto. Cada traço dele era arte. Com a boca carnuda, a leve sombra de barba por fazer marcando o maxilar, os olhos fascinantes e todo o cabelo preto como a meia-noite, era difícil não olhar para ele e *sentir dor*. Eu havia crescido em um poço de miséria, onde as pessoas morriam com mais frequência do que viviam. Eu não tinha visto muitas coisas bonitas na minha curta vida. Mas, de todas as coisas bonitas que eu *tinha* visto, Fisher era a mais bonita de todas.

Teria sido errado pensar nos homens que conheci em Zilvaren dessa forma. Alguns deles eram atraentes. Alguns eram até atraentes o suficiente para fazer meus dedos dos pés se arrepiarem. Mas Fisher era a personificação de tudo o que era forte, masculino e poderoso. Ele era muito *mais* do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado. Ele *era* lindo. Olhar para ele me fez sentir como se não conseguisse recuperar o fôlego.

“Se você quiser, venha aqui e toque”, ele rugiu.

Santo. Porra. *Deuses.*

O sangue subiu às minhas bochechas, manchando-as com a cor de carmesim, desejo e vergonha. As pupilas de Kingfisher se estreitaram como alfinetes. Ele não tinha uma única palavra de provocação para mim desta vez. Seus lábios se entreabriram, seu olhar fixo em mim como se estivesse me observando, esperando para ver o que eu faria.

"Ou você poderia simplesmente tirá-lo?", sugeri, rindo nervosamente. "Você me deixou usá-lo por dez dias inteiros enquanto eu me recuperava, não é? O que são alguns minutos?"

“Ren me manteve preso em uma sala com paredes de um metro de espessura, trancado atrás de uma porta de ferro o tempo todo”, ele disse simplesmente.

"Oh."

"É. *Ah.* Não é muito divertido ficar por perto sem ele. Nem que seja por alguns minutos. ″

Eu não tinha percebido que ele tinha sofrido tanto enquanto eu usava o pingente. Eu sabia que ele precisava muito dele quando o recuperou, mas achei que sua segunda relíquia — o anel que ele usava — tinha servido para compensar a ausência da corrente.

Assenti, dando um passo hesitante para a frente. "Então está bem." Tentei soar profissional, mas certamente não senti. "Vou tocar enquanto você estiver usando."

A expressão de Kingfisher não revelava nada. Quando me aproximei, ele se endireitou. Por um instante, pensei que ele estivesse se afastando de mim, mas não estava. Ele pegou um banquinho debaixo da bancada e sentou-se, posicionando-se de frente para mim.

Tão pouco espaço entre nós agora.

Ele abriu as pernas, a luz dura e interessada em seus olhos me desafiando a me colocar entre elas para que eu pudesse diminuir a distância. Meu coração pulou e disparou por todo o lugar quando dei aquele passo, aceitando seu desafio silencioso. Ele era tão *grande* ... Seu corpo vibrava de energia; quanto mais eu me aproximava, mais eu conseguia senti-la emanando dele. Como calor. Como fumaça. Como o próprio poder. Fisher descansou as mãos tatuadas sobre as coxas, seus olhos verdes brilhantes seguindo cada movimento meu enquanto eu estendia a mão e tocava a fina corrente de prata.

Ele permaneceu sentado, inumanamente imóvel. Não respirava. Nem se mexia. O calor de sua pele queimou a ponta dos meus dedos, enviando uma descarga elétrica através de mim enquanto eu prendia a longa corrente sob meus dedos e os deslizava por seu peito, sobre aquela tatuagem de cabeça de lobo rosnando, até alcançar o peso sólido do pingente.

Era retangular, com cerca de 2,5 cm de comprimento, e mais leve do que eu me lembrava. Quando ele o enrolou no meu pescoço pela primeira vez, lá no Salão dos Espelhos, parecia uma bigorna pendurada no meu pescoço. O brasão na frente estava quase liso e desgastado, mas eu ainda conseguia distinguir o desenho: duas espadas cruzadas envoltas em finas videiras. Girei-o na mão, levando o lábio inferior à boca, tentando não pensar no fato de que o metal brilhante não estava molhado de água, mas sim do suor do Martim-pescador.

Eu conseguia sentir o cheiro dele.

O leve aroma almiscarado do seu suor era inofensivo. Na verdade, tinha um cheiro doce e inebriante, e acendeu uma chama no meu estômago que eu não conseguia entender. Eu queria me encostar nele e inspirar fundo. A necessidade de fazer isso era tão avassaladora que quase me lancei e fiz. Deuses, eu... "Alguma coisa?" A voz de Kingfisher era áspera como fumaça.

Quase pulei da minha pele amaldiçoada. "Uh! Ah, hum, não. Não... ainda não. Eu, uh... deixa eu pensar."

"O que você sabe sobre a anatomia dos Fae, Osha?" ele sussurrou.

Concentrei-me tanto no pingente que minha visão começou a ficar turva. Mas não ousei piscar. Definitivamente não tinha coragem de olhar para ele e

encará-lo. Eu sabia que ele estava me encarando, é claro. Eu poderia sentir aquele olhar feroz através de uma parede de arenito.

"Não muito", respondi, queimando um buraco no pingente. "Sua espécie se parece muito com humanos. Imagino que boa parte dela funcione da mesma forma."

Esperei pela provocação. A resposta áspera e sarcástica. A reação de Kingfisher ao ser comparado a um humano não seria boa. Surpreendentemente, não foi tão desdenhosa quanto eu esperava. "Superficialmente, sim", disse ele suavemente. "Temos órgãos internos semelhantes, embora possuamos *alguns* que os humanos não têm."

Órgãos internos extras? Que intrigante.

"Somos maiores. Mais altos, é claro", continuou ele.

Arqueei uma sobrancelha ao ouvir isso. "Claro."

“Nossos corações são maiores em proporção.”

Não consegui me conter. Olhei para cima. "Sério?"

Ele assentiu. "Mm-hmm."

"Uau. Estranho."

"Nossa visão é muito superior à sua. Nosso... olfato", disse ele, abaixando os olhos e percorrendo meu corpo.

Um calor subiu pelo meu peito. O jeito como ele me olhava... não havia nada de amigável. Kingfisher e eu não éramos amigos. Na melhor das hipóteses, éramos aliados vagos que se irritavam profundamente. Então por que ele estava me olhando como se eu fosse uma aliada com quem ele gostaria de transar?

Seus olhos se voltaram para os meus. "Nosso paladar é superior ao seu. Tato. Nossa audição é muito aguçada. Podemos ouvir o menor som a uma grande distância." O prateado em seu olho direito brilhou quando ele exalou, sua respiração soprando em minha bochecha. "Podemos ouvir os batimentos cardíacos um do outro." Do nada, ele me agarrou pelo pulso.

Fiquei tensa, estremecendo, mas ele não me machucou. Ele pegou o pingente, levantou-o, colocou o metal entre os dentes, mantendo-o fora do caminho enquanto movia minha mão para o centro do seu peito. "Sente isso?", perguntou ele, pressionando o lábio inferior contra o pingente enquanto falava com ele ainda preso entre os dentes. As pontas dos seus caninos também pressionavam a curva do seu lábio inferior. Eu não conseguia desviar os olhos deles.

“Dum.Dum.Dum.”

Kingfisher bateu nas costas da minha mão no ritmo do seu coração. A pausa entre cada batida era tão longa que pensei que ia gritar por causa da tensão que se formava entre cada uma. "Devagar. Firme", murmurou ele. "Nossos corações feéricos raramente nos traem. Somos criaturas calmas. Mas você, Osha? Você é uma bola de caos. Seu coração *te trai* a cada momento." Rapidamente, ele colocou a mão no meu peito, bem entre os meus seios. Não tive tempo de reagir ao contato; ele começou a bater no ritmo do meu coração contra o meu esterno. " *Trum, tum, tum, tum, tum* ... Rápido. Errático, como um beija-flor. Eu o ouço quicando por todo o lugar quando você olha para mim. Sabia disso?"

"Não. Não fiz." Engoli em seco, uma onda de náusea fazendo minha boca suar enquanto me afastava dele. *Tentei* me afastar. Ele ainda segurava meu pulso. *Não me* soltou. Deixou o pingente cair de entre os dentes, o canto da boca se erguendo enquanto me puxava para mais perto. Sua outra mão saiu do meu peito, deslizou para baixo, em volta da minha cintura, pousando na parte inferior das minhas costas. Suas coxas se juntaram, prendendo-me pelos quadris entre elas.

Pânico.

Pânico, pânico, pânico!

Por fora, eu estava calmo quando falei, mas por dentro eu gritava: "Me solta, Fisher."

Imediatamente, ele me soltou. Suas pernas se abriram, me soltando. Ele também soltou meu pulso. Sua mão na parte inferior das minhas costas, porém, não a ajudou em nada. Ele não a estava usando para me segurar no lugar. Era apenas um ponto de contato, e o calor desse contato entre nós parecia me queimar através da camisa.

Deslizando um pouco para a frente no banco, Fisher abaixou a cabeça de modo que sua boca ficasse exageradamente perto da minha. "Já transei com muitos humanos", sussurrou. "Isso te surpreende?"

"Sim. Já que você... parece nos *odiar* ... tanto." A boca dele. Meu Deus, a porra da boca dele. Eu precisava desviar o olhar. Eu *precisava* .

"Eu não odeio o seu tipo. Só estou decepcionado com o quão *frágil* você é. Se eu te segurasse e te fodesse do jeito que estou imaginando agora, duvido que você sobreviveria."

Eu estava queimando vivo. Eu era uma tocha viva, queimando descontroladamente. "Eu não te foderia — nem que você fosse o último vivo—"

"Não se incomode." As palavras foram cortantes. "Mentir é inútil com seu coração te traindo tão alto."

“Está batendo rápido porque estou *com medo* ”, respondi bruscamente.

" De mim?" Kingfisher soltou uma gargalhada. "Não, você não é. Você *deveria* ser, mas não é. Essa é uma das coisas que eu mais gosto em você."

“ Você está me segurando contra a minha vontade.”

"Sério?" Ele olhou para os nossos corpos: as pernas ainda de cada lado, mas afastadas. A outra mão, apoiada novamente em cima da coxa. Meus punhos se fecharam ao lado do corpo. "Você pode se afastar a qualquer momento. Parece que você está escolhendo ficar. Também parece que você está tendo que se impedir de me tocar. Você quer me tocar do jeito que eu estou te tocando, não é? Para sentir o meu peso sob as suas palmas. O meu calor..." Ele inclinou a cabeça um pouco, algo perverso dançando em seus olhos. *"* Só para ver o que aconteceria."

"Você está errado."

Ele balançou a cabeça. "Não estou."

"Sim! Você *é* !"

Ele me lançou um olhar de reprovação. "Você vai me fazer dizer isso?"

"Dizer o quê?"

Ele se inclinou ainda mais perto. Minha respiração congelou no peito, minha garganta se fechou, mas eu não conseguia me mexer. Ele roçou a ponta do nariz na linha do meu maxilar, o contato *tão* leve, subindo em direção à concha da minha orelha. "Que seu corpo está te traindo de outras maneiras. Que eu consigo sentir seu cheiro, Pequena Osha, e estou pensando em beber o doce néctar que você está fazendo para mim direto da porra da xícara."

Me mexi antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. Kingfisher, porém, já tinha aprendido com a última vez e viu meu punho se aproximando; agarrou meu pulso e depois o outro quando tentei socá-lo com o punho esquerdo. Uma risada áspera e rouca escapou dele, me transformando em cinzas.

"Você não está curioso? Não quer saber qual é o *meu* gosto?"

“Me solta, *porra!* ”

Pela segunda vez, ele me soltou, liberando minhas mãos. "Se você tentar me socar de novo, eu amarro suas mãos atrás das costas", prometeu.

Ele ainda estava sorrindo, mas era sincero. Eu podia ver nos seus olhos. "Você ainda está aqui", disse ele em tom de provocação.

Porra. Eu ainda *estava* de pé entre as pernas dele. Que diabos havia de errado comigo? Fiz menção de recuar, mas Kingfisher colocou as mãos nos

meus quadris. De leve, da mesma forma que havia colocado as mãos na parte inferior das minhas costas. "Vá em frente. Afaste-se. Eu não vou te impedir", disse ele. "Ou você pode me beijar. *Você* pode... "

"Me beija . Vou ficar aqui sentado. Não vou mexer um músculo."

“ Por que eu faria isso?”

"Porque você está intrigado. Porque você está entediado. Porque você está super excitado agora, e quer realizar quaisquer pequenas fantasias que estejam se passando na sua cabeça."

"É. Certo. Eu só... vou te beijar. E você vai ficar aí sentado. Não vai mexer um músculo. Nem vai me beijar de volta?" Deuses do céu, dizer isso em voz alta fez soar ainda mais ridículo. Kingfisher só me encarou. *"Descubra."*

Seria uma insanidade temporária? Uma perda completa do bom senso? Fosse o que fosse, me consumiu de corpo e alma. Lancei-me sobre ele, curvando-me contra ele, esmagando meu peito contra o dele, enfiando meus dedos em seus cabelos. Num segundo, eu estava ali, querendo muito abrir um espaço entre nós, e no outro, eu estava me levantando na ponta dos pés, ainda tendo que me esticar para alcançá-lo, mesmo que ele estivesse sentado, e eu estivesse pressionando minha boca contra a dele...

A forja desapareceu.

Tudo desapareceu.

Tudo menos ele.

Sua boca encontrou a minha, e uma muralha de sons irrompeu dentro da minha cabeça. Era a minha própria voz, me incitando, implorando, implorando para que eu desacelerasse, para que pensasse bem, mas eu não queria ouvir.

Seus lábios eram incríveis. Eles se abriram para mim, e eu pude sentir seu sorriso contra minha boca enquanto sua língua encontrava a minha. Ele me beijou de volta. Suas mãos permaneceram exatamente onde estavam, onde ele havia prometido que as manteria, mas seu aperto ficou mais forte, seus dedos cravando em meus quadris enquanto ele mergulhava a língua em minha boca, provando e sondando a cada movimento.

O cheiro dele inundou meus sentidos, me dominando, me desfazendo. Menta. Fumaça. O ar matinal de inverno ao qual eu estava me acostumando quanto mais tempo passava naquele lugar estranho.

Sua respiração me atingia em rajadas curtas e agudas, percorrendo meu rosto à medida que ele se tornava mais insistente, sua barba por fazer áspera contra minhas bochechas. Ele me segurava com tanta força agora que definitivamente estava deixando hematomas. Eu os queria. Eu queria me

lembrar disso. Nos anos seguintes, quando eu olhasse para trás, para este momento, ficaria feliz por ter dado o salto e pulado. Este era o beijo para acabar com todos os beijos. Exigente, urgente e carnal.

Eu odiava aquele macho. Odiava-o com cada fibra do meu ser. Mas, maldição, eu o desejava com a mesma intensidade. Agarrei seus cabelos, enrolei-os firmemente em volta dos meus dedos, fechando a mão em punho. A cabeça de Kingfisher balançou para trás, um gemido baixo e estrondoso saiu de sua garganta. Mordi e puxei seu lábio inferior, suspirando em sua boca, e o enorme macho ficou completamente imóvel sob mim.

"Cuidado", ofegou ele. "Jurei que ficaria parado enquanto você me beijasse. Em nenhum momento prometi me conter se você subisse no meu colo e começasse a se esfregar no meu pau."

Eu não tinha—eu não estava—

Porra. Eu *tinha* ... eu *estava.* Sem nem perceber, eu estava montada nele. Minhas pernas estavam enroladas na cintura dele. Seu pau estava duro como pedra, preso entre nossos corpos. Eu podia senti-lo ali, esfregando-se contra mim, aplicando a pressão mais deliciosa sempre que eu me deslocava.

Não.

Porra.

Acontecendo.

Em dois segundos, eu estava do outro lado da forja, passando as mãos pelos *cabelos* em vez das dele. Que diabos eu estava *pensando?*

Fisher riu baixinho enquanto se levantava do banco e pegava a camisa. Sacudindo-a, ele a deslizou pelos braços, mas não a tirou pela cabeça. Ainda não. Ele ficou ali, com os olhos me penetrando, um sorriso lindo e imprudente estampado no rosto. "Eu não disse que me *importava* . Mas, para a próxima vez, é aí que está o limite. Se quiser cruzá-lo, terei prazer em me juntar a você do outro lado. Só não diga que não avisei."

Lutei para conter o calor mortificante que me subiu pela nuca. "Não vai ter próxima vez."

Fisher sorriu tão abertamente que uma pequena covinha apareceu, formando um sulco profundo em sua bochecha. Uma *covinha amaldiçoada* . Como eu não tinha notado isso antes? Ele finalmente jogou a camisa sobre a cabeça, cobrindo o peito tatuado. "Se você diz, Pequena Osha."

"Ai, meu Deus, dá para ir logo? Não quero ficar perto de você se você vai ficar tão insuportável."

"Tenho que acompanhá-los de volta aos seus quartos." "Não quero que façam isso", respondi bruscamente.

"Duro. O Layne vai me enforcar se eu deixar você ir a algum lugar sozinho."

“Então mande Ren caminhar comigo.”

Kingfisher atravessou a oficina e parou na minha frente, com os olhos famintos. Eu nunca o tinha visto assim antes. Era emocionante e assustador ao mesmo tempo. "Se eu mandar o Ren, você vai esperar por ele aqui?"

"Sim."

"Então está bem. Faça do seu jeito. Eu vou."

" *Obrigado!"*

Minha cabeça girava quando ele se inclinou e aproximou a boca do meu ouvido novamente. "Vamos lá. Foi tão ruim assim?"

"Sim!"

Ele riu de novo, frio e cruel, enquanto colocava a mão no centro do meu peito novamente e começava a bater. " *Trum, tum, tum, tum, tum, tum, tum* ... Tão rápido. Como um beija-flor. Cuide da mordida da raposa, pequena Osha. Você não quer que esse braço caia."

Bem diante dos meus olhos, Fisher se desmaterializou em um borrão de areia preta e fumaça.

13

COAÇÃO

Passei a vida correndo em Zilvaren. Fugindo dos Guardiões. Dos comerciantes que eu havia enganado. Das pessoas que eu havia furtado. Não só eu era rápido como um raio, como também tinha resistência, o que era ótimo, porque eu não fazia ideia de quanto precisava correr agora. Tudo o que eu sabia era que precisava chegar lá rápido. Não demoraria muito para que Kingfisher notasse o que eu tinha feito e viesse me procurar.

A bolsa que eu havia preparado antes quicava nas minhas costas, uns cinco quilos mais pesada do que quando a carreguei para a forja. Originalmente, eu só tinha carregado algumas peças de roupa e um pouco de comida. A maior parte do peso da bolsa vinha do grande reservatório de água que eu havia enfiado nela, com a bolsa de couro macio cheia até a borda. Agora, havia uma raposa na bolsa também, e pelo que parecia, a merdinha peluda não estava nada feliz com todo aquele balanço.

Ele latia enquanto eu corria pelos corredores, descendo, descendo, sempre descendo. Homens e mulheres feéricos gritavam, irritados, enquanto eu passava por eles em disparada, sem dar tempo de me reconhecerem. Qualquer um deles poderia me impedir, e eu não chegaria tão longe, apenas para ser agarrado por alguém que queria saber por que o humano premiado de Belikon não estava na biblioteca, aprendendo sobre portais para que pudessem vencer aquela guerra idiota.

A raposa uivou quando virei uma esquina e desci correndo um lance de escadas, meus pés mal tocando o piso de mármore brilhante. "Cala a boca ", sibilei. "Você queria que eu te deixasse na forja? Você ouviu. Ele queria te transformar em um *chapéu."*

Os uivos cessaram, substituídos por um resmungo descontente (embora muito mais baixo). No andar seguinte, corri por salas de leitura e estufas internas repletas de plantas e flores exóticas. Disparei por uma espécie de quadra de jogos, onde oito ou mais feéricas de membros longos lançavam graciosamente uma bola uma para a outra através de uma rede. Salas de treinamento, estúdios de arte, todo tipo de oficinas e salões grandiosos passaram como um borrão.

Se eu encontrasse uma escada, eu descia. Depois de se contorcer e roer bastante, a raposa conseguiu colocar a cabeça para fora da bolsa e começou a lamber ansiosamente a minha nuca.

"Está tudo bem. Não vou deixar ele te machucar. Shhh, está tudo bem."

Eu deveria ter pedido a Rusarius e Layne que me levassem até o mercúrio e me mostrassem onde ele ficava. Mas eles teriam preferido esperar até amanhã, e eu não podia me dar ao luxo de esperar mais um dia. Não quando já havia esperado tanto.

Seis andares.

Sete andares.

Oito.

Doze.

Quinze.

Parei de contar depois disso. Minhas coxas gritavam quando finalmente cheguei a um nível onde não havia mais janelas. Os cômodos ficaram menores, os tetos mais baixos. Pelo que pude apurar, tudo isso eram sinais de que eu havia chegado aos andares subterrâneos. Por fim, os únicos feéricos que encontrei foram os soldados de Belikon.

Porra. É claro que haveria soldados ali embaixo. O mercúrio podia estar adormecido há mil anos, mas era um dos bens mais valiosos de Yvelia. E eu conseguira despertar a prata. Agora Belikon sabia que era possível, não era provável que deixasse a poça desprotegida se houvesse a chance de ela se abrir novamente e o perigo pudesse surgir.

Droga. Eu estava perdendo minutos preciosos. Eu podia sentir o mercúrio me puxando. Depois de dormir por tanto tempo, ele queria estar acordado. Queria que eu o encontrasse. Eu sabia em que direção tinha que ir agora. Bem à frente, uma boca escancarada e toscamente talhada se abria na parede de pedra, dando lugar ao que parecia ser um dos túneis de Rusarius. Se eu entrasse por aquele túnel, sabia que encontraria a piscina. O único problema eram três guardas parados na entrada do túnel, olhos fixos à frente, mãos enluvadas apoiadas nos punhos de suas espadas. Eu só tinha a pequena adaga que Kingfisher me dera e uma raposa teimosa para me defender. Isso não era realmente um problema. Eu *poderia* matá-los, mas entrar em uma luta agora só desperdiçaria o tempo que eu não tinha.

"O que vamos fazer?", murmurei para mim mesmo. "O que vamos fazer? Como vou me safar dessa?" *Para o outro lado. Para o outro lado. Vamos. Vamos!*

Ouvir o sussurro do mercúrio dentro da minha mente era, no mínimo, desconcertante. Parecia que ele queria que eu soubesse que havia outro caminho, e estava disposto a me mostrar o caminho. Mas eu tinha uma escolha diante de mim — ainda *havia* tempo. Eu poderia me virar e voltar para o meu quarto e fingir que minha fuga frenética pelo palácio nunca tinha acontecido. Eu poderia passar meus dias na biblioteca com Layne e Rusarius, lendo livros empoeirados sobre os costumes feéricos e os alquimistas que viveram milhares de anos atrás. Kingfisher só teve permissão para permanecer ali dentro dos muros do palácio por uma semana. Ele partiria em alguns dias. Alguém assumiria seu lugar na forja, fazendo experimentos comigo. Talvez as coisas não fossem tão ruins se eu não tivesse que lidar com ele todos os dias...

Foi um choque perceber que a ideia de Fisher ir embora não me agradou muito. Ele me irritava pra caramba, mas era uma entidade conhecida. A ideia de dividir a forja com outra pessoa me dava um aperto no peito.
Por quem eles o substituiriam, afinal? Deuses, que diferença fazia?

Eu *não ia* ficar.

Fiz menção de me mover, mas um grande grupo de guardas dobrou uma esquina, e fui forçado a me esconder em uma alcova e me encostar na parede, fazendo o possível para desaparecer nas sombras enquanto eles marchavam. A raposa me encarou, suas orelhas pretas girando enquanto ouvia os sons ao redor. Seu corpo, muito mais magro do que toda a sua penugem poderia sugerir, tremia como uma folha dentro do saco.

Assim que os guerreiros de Belikon se afastaram pelo corredor, saí correndo do meu esconderijo e contornei a entrada, rezando para que os soldados que ainda estavam parados na entrada do túnel não me vissem. Felizmente, um deles se virou para falar com os outros, e a atenção deles foi desviada para outro lugar. Abaixei-me na esquina o mais rápido que pude, sem fazer barulho com meus pés calçados em chinelos.

À frente, à frente...

Eu não precisava mais das vozes para me dizer para onde ir. Eu sabia instintivamente.

Mas isso não impediu o mercúrio de sussurrar para mim.

À frente. Sim, venha. Venha!

A raposa gemeu, remexendo dentro da bolsa, mas com a tampa presa no pescoço, não conseguiu sair. "Pare! É para o seu bem! Juro que vou dar um jeito de tirar você daqui e te levar para um lugar seguro, mas, por favor, pare de se contorcer."

Ele não fez isso. Ele era uma raposa e não tinha a mínima ideia do que eu estava pedindo para ele fazer, mas pelo menos não me mordeu de novo.

Por aqui. Por aqui.

Eu já estava virando à esquerda na bifurcação do corredor.

À frente. Sim. Dentro. Entre...

A porta no final do corredor parecia inofensiva o suficiente. Não perdi tempo pensando no que poderia estar do outro lado. Girei a maçaneta, escancarei-a e atravessei. Pedra fria e nua me recebeu. Um túnel, muito menor do que aquele que os soldados guardavam, com um teto tão baixo que precisei me abaixar enquanto avançava na escuridão.

Eu não tinha tocha, mas estava acostumado a viajar por túneis subterrâneos no escuro. Eu tinha muita experiência com isso em Zilvaren,

quando costumava entrar furtivamente nos depósitos subterrâneos de Madra para extrair água. Rusarius dissera que todos os túneis levavam direto ao mercúrio, então eu sabia que o encontraria eventualmente.

Sim, venha. Venha. Por aqui...

Alguns minutos. Foi só o que levou.

Uma última curva e me vi em uma caverna vasta e de teto alto. Tochas queimavam em arandelas, presas às paredes gotejantes, lançando luz em todas as direções, o que era uma bênção. Estátuas de fadas ancestrais e outras criaturas estranhas, com seis metros de altura, erguiam-se ao redor de uma enorme piscina bem no centro da caverna. O ar parecia pesado ali, denso demais para ser puxado para os meus pulmões enquanto eu diminuía o ritmo para recuperar o fôlego. Havia um som também — um zumbido constante, tão agudo que eu não conseguia ouvi-lo. Era como se eu o sentisse chacoalhando nos meus tímpanos. A raposinha em meus braços choramingou, tentando enfiar a cabeça de volta na bolsa — aparentemente, ela conseguia ouvir o zumbido, e não gostou nem um pouco. "Shhh. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem, não se preocupe."

Venha, a piscina chamou. *Fique conosco. Não vamos te machucar*.

Um suor frio percorreu minha testa quando absorvi completamente a piscina. Não era apenas grande; era enorme, com doze metros de largura e quatro metros e meio de largura. A extensão de prata brilhante fazia a piscina de Madra parecer uma poça d'água em comparação. Sua superfície reflexiva era lisa como a de um espelho. Mas o único propósito de um espelho era dizer a verdade. Ele não diferenciava entre o bem e o mal. Um espelho não tinha a intenção de aliviar seus problemas ou enganá-lo. Era vidro e nada mais. Esta piscina de prata brilhante estava desperta e cheia de mentiras.

Meus pés se moveram em sua direção, me levando para frente. Eu já tinha atravessado metade do chão liso de pedra da caverna antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. "Deuses..." Eu conseguia ver minha respiração lá embaixo. As enormes colunas que sustentavam o teto de pedra negra a 18 metros de altura estavam escorregadias de gelo. O frio que percorria minha pele não era de frio, no entanto. Era mais do que isso — uma presença afiada e penetrante que me incomodava, tentando se infiltrar. *Aqui. Sim, venha aqui. Venha conosco...*

Eu me afastei, recuperando o controle dos meus pés. Se eu fosse me aproximar daquela imensa extensão prateada, faria isso nos meus próprios termos, droga. Dentro da bolsa, a raposa choramingava, revirando os olhos,

ofegando ansiosamente. A coisa amaldiçoada não parava de se contorcer. Quando cheguei à poça, ela se debatia, desesperada para se libertar.

"Tudo bem! Tudo bem! Deuses!" Na larga borda de pedra elevada que formava a borda da piscina, coloquei a bolsa no chão e desamarrei a corda que o mantinha preso lá dentro. Assim que abri a bolsa, a raposa saltou e disparou, um fio branco fugindo para as sombras. "Tchau, então", gritei para ele.

Pelo menos ele teria uma boa chance de encontrar o caminho para fora do palácio ali embaixo, sem se chocar com a lâmina do Kingfisher. Ele tinha uma visão noturna melhor do que a minha e conseguia sentir o cheiro do ar fresco a quilômetros de distância. Estaria na neve, de volta ao seu lugar, em um piscar de olhos. Ele não era feito para Zilvaren. O calor. A areia. Eu não tinha realmente pensado em como iria alimentá-lo ou encontrar água suficiente para ele. Yvelia era o lar dele. Era melhor que ele tivesse ficado. A tristeza ainda me invadia o peito enquanto eu o observava, no entanto.

Venha. Venha. Venha....

As vozes eram insistentes. A atração que o mercúrio exercia sobre mim se intensificou, como se houvesse mãos físicas me empurrando, me empurrando, me puxando, me incitando a entrar na piscina. E eu queria. Eu daria a ele o que ele queria. Mas havia uma coisa que eu precisava fazer primeiro...

Ontem, quando Kingfisher me forçou a ativar aquele mercúrio, ele disse que era um teste. Um teste no qual eu havia passado. Eu não tinha ideia se ele havia me imposto aquele teste ou se o próprio mercúrio o fizera, mas não senti dor quando ativei a prata mais cedo. Apenas... uma chave girando em minha mente. Uma fechadura se abrindo. Um fluxo de energia, convidado a fluir.

Será que seria o mesmo aqui com este mercúrio? Ou eu teria que passar por outro teste com esta poça? A dor que eu suportara lidando com aquela pequena quantidade de prata na forja fora paralisante. A dor que seria causada por essa quantidade de mercúrio me destruiria.

Só havia uma maneira de descobrir.

A prata na forja parecia um pequeno peso no centro da minha mente. Apenas uma leve pressão. Quando fechei os olhos e estendi a mão para lá, a prata era um mar, sem fundo e vasto, e *eu* era o pequeno peso flutuando sobre ele . Mas eu não estava me afogando nele. Eu me sentia seguro, flutuando na superfície. Eu poderia afundar nele se quisesse. Deixá-lo subir sobre mim e me isolar do mundo.

Respirei fundo e estendi a mão, tocando com a ponta dos dedos a superfície fria e dura da prata, e falei com ela.

Acordar.

Aconteceu rápido. Num segundo, a poça estava sólida. No seguinte, era uma bandeira brilhante de prata líquida, cintilando enquanto ondulava à luz da tocha. Um zumbido alto encheu meus ouvidos, anormal e dissonante. Um som desagradável, mas me vi hipnotizado por ele, minha mente divagando...

Vir. Junte-se a nós, Saeris. Vir...

Sim. Eu iria. Eu entraria na piscina, e tudo ficaria bem. Eu voltaria para... para... *Para onde* eu queria ir?

Meu pé pairava acima da superfície da piscina. Só um centímetro. Era só o que faltava, e eu iria...

Um vento terrível uivava pela caverna. A ponta do meu chinelo roçou a prata, mas antes que eu pudesse dar um passo à frente, uma parede de areia negra, cintilante e movediça se chocou contra mim, me jogando para trás.

Caí com força, aterrissando de lado, com o quadril explodindo de dor. A respiração invadiu meus pulmões, gelada, tão congelante que soltei um suspiro audível de choque. Eu estava... eu... Oh, deuses.

Martim-pescador.

Ele emergiu da nuvem de fumaça negra como um terror noturno atravessando os portões sombrios do inferno. Vestia a mesma camisa que usara na forja. As mesmas calças também. Mas agora, também usava seu protetor de tórax e sua gorja, e em sua mão segurava Nimerelle no alto, a espada negra crepitando com um poder invisível que atraía aquela escuridão como uma mortalha.

As botas do Martim-pescador cravaram-se firmemente na borda da piscina. Lá ele ficou, bloqueando o caminho entre mim e meu irmão. Seus olhos brilhavam. "Estou magoado. Ir embora sem me despedir?"

Apoiei-me em um cotovelo e consegui me sentar, estremecendo com a dor aguda que me atingiu o flanco. "Não te devo uma despedida. Não te devo nada!"

"VOCÊ ME DEVE A SUA *VIDA!"* Sua fúria ecoou pela caverna, fazendo o mercúrio ferver. Descendo da poça, ele avançou, um predador prestes a atacar sua presa, e pela primeira vez na minha vida, eu senti o *verdadeiro* medo.

Fisher *era* a morte encarnada e estava vindo direto para cima de mim.

Qualquer que fosse a dor que me preocupasse em acordar tanto mercúrio, empalidecia em comparação com os horrores que a expressão fria de

Kingfisher prometia. Ele me agarrou pelo tornozelo e me puxou bruscamente em sua direção, arrastando-me pelo chão. Em menos de um segundo, eu estava presa sob seu corpo enorme, e Nimerelle estava em minha garganta.

"Regra número três. Não me faça fazer nenhuma atividade física", rosnou ele. "Que parte de *'Estou de ressaca'* você não entendeu, porra!"

Meus olhos arderam intensamente, prometendo lágrimas. ″ Vou para casa, Fisher. Você não pode me impedir."

Ele me golpeou com sua espada, me ferindo com sua ponta perversa. “Aparentemente, eu *posso.”*

"Você é um canalha", eu sibilei.

Ele arreganhou os dentes. "E você é uma ladrazinha mentirosa."

“Eu não sou!”

Seus olhos estavam mais verdes do que nunca. O mercúrio dentro deles tremia, vibrando descontroladamente. Fisher olhou feio para a minha mão. Especificamente para o meu polegar, e para o anel de sinete de prata simples que eu usava nele. "Sério? Porque eu acredito que você está usando o meu anel, e eu não me lembro de tê-lo *dado* a você."

"Tudo bem, sim, eu peguei seu anel idiota, mas não menti para você!" Tentei afastar Nimerelle, mas no segundo em que minha mão tocou a lâmina enegrecida, uma agonia terrível me percorreu. Gritei, puxando a mão de volta, mas a carne onde minha palma tocara o metal estava carbonizada.

"Só a pessoa selada a ela pode tocar uma espada Alchimerana ativa. Eu teria te avisado para não fazer isso, mas você nunca me escuta, não é, humano? Decidi não desperdiçar meu tempo", ele cuspiu.

As lágrimas vieram quentes e rápidas, provocadas mais pela raiva do que pela dor. Solucei baixinho. "Desgraçado."

"Você gosta de me chamar assim, não é? Divirta-se. Você *mentiu* . Você mentiu com o seu corpo. Com a sua boca. Você subiu no meu colo, me beijou, se esfregou em mim e aproveitou a oportunidade para *tirar* algo de mim."

Um milhão de emoções se chocaram dentro de mim, disputando a supremacia. Explodiram de mim todas de uma vez. "Eu precisava disso para poder ir para casa! Eu não estou

Desculpe. Você também não estaria, se fosse eu!

“Eu não teria sido idiota o suficiente para fazer isso em primeiro lugar.”

"Eu tive que fazer isso. Eu tive que passar pela prata—"

“Você teria *morrido* se tivesse pisado naquela piscina.”

Lancei-lhe um olhar desafiador. "Não com o anel."

"Esse anel não é uma relíquia. É uma bugiganga e nada mais. Não teria te protegido."

“Ele protegeu você quando você *me trouxe* através da piscina!”

"Não. *Não aconteceu* ", disse ele friamente. "Claro que não aconteceu, porra."

“Você disse ao Layne—”

"Eu disse à Layne que estava *usando* . Nada mais. Seja lá o que ela tenha inferido disso, ela mesma está se arruinando."

O choque percorreu as solas dos meus pés, fazendo meus ossos tremerem. "Então, você viajou sem o seu pingente? Para me salvar?"

"Hah!" Ele se afastou, com o peito arfando, Nimerelle abaixada ao seu lado. Ele me olhou com desprezo, seu belo rosto transformado em uma máscara de piedade. "Para salvar meus amigos ... Para acabar com meu exílio. Para viver ou morrer, finalmente, de um jeito ou de outro. Não teve nada a ver com *você.* "

"Então... eu teria ficado bem sem ele. Se você consegue se mover pelos caminhos sem um escudo—"

"Sou mais forte que você, *idiota*. Passei centenas de anos forjando barreiras e proteções em volta da minha mente que você nem consegue compreender.

Minha mente é um cofre impenetrável, e ainda assim paguei um preço alto pela minha transgressão. Sua mente é tão rasa quanto uma xícara de chá. Ela teria se estilhaçado em mil pedaços se você tivesse entrado naquela piscina.

"Eu..." Eu não sabia o que dizer. Não havia nada que eu *pudesse* dizer. Fechei os olhos e toda a esperança à qual eu me apegava se esvaiu em um longo suspiro. Agora, minhas lágrimas eram de exaustão. E de derrota. "Não vou parar de tentar. Não está em mim parar", sussurrei.

"Você tem que."

"Não posso. Eles são a minha família." Ele entendeu. Ele também tinha assumido um grande risco, porque achava que isso ajudaria as pessoas com quem se importava. Então, por que ele não conseguia entender isso? Por que ele simplesmente não me deixava ir?

Como se estivesse lendo minha mente, Kingfisher agachou-se à minha frente, equilibrando-se na ponta dos pés, com o corpo todo ainda irradiando raiva. Ele apontou um dedo para mim. "Você vai ficar aqui e vai descobrir como criar relíquias para nós. Vai descobrir como manipular o mercúrio, mesmo que seja a última coisa que faça."

Eu estava tão cansado. Cada parte de mim doía. Simplesmente doía de tristeza. Me arrastei até sentar, chiando ao apoiar meu peso na mão recém-queimada. Apoiando os cotovelos nos joelhos, abaixei a cabeça e suspirei. "Prometo que não vou. Vou deixar você me torturar primeiro. Não vou ajudar os feéricos. Não até saber o que aconteceu em Zilvaren. Não posso."

Kingfisher estendeu a mão e levantou delicadamente meu queixo com o dedo curvado, de modo que nossos olhares se encontraram. "Não serei eu quem vai te machucar", disse ele suavemente. "Será
Belikon. E nem *eu* consigo resistir a ele."

"Então acho que vou morrer."

"Garota tola." Ele balançou a cabeça lentamente. "Você *não tem* ideia do que está falando."

"Olhe nos meus olhos. Não, espere. Por que você não escuta as batidas do meu coração, Martim-pescador, e me diz se estou mentindo?"

Olhamos um para o outro, e eu o deixei ver a minha verdade. Recusei-me a desviar o olhar. Seu cabelo caía sobre os olhos, as ondas escuras emolduravam seu rosto, os músculos de seu maxilar se contraindo, se contraindo, se contraindo enquanto ele esperava para ler algo em mim que sugerisse que eu poderia ceder. O silêncio nos consumia.

O Martim-pescador se levantou de um salto e saiu correndo, praguejando alto. Antes mesmo de chegar à poça de mercúrio, ele se virou e voltou, erguendo um dedo no ar. "Tudo bem. Ótimo. Você ganha *uma."*

"O que você quer dizer com 'eu ganho um'?"

"Eu vou." Ele bufou, soltando um suspiro de raiva pelo nariz. "Eu vou, e tentarei *resgatar* um desses humanos que são tão preciosos para você. Tentarei *trazer* esse humano de volta aqui, e você acabará com essa loucura. Em troca, você concordará em fazer o que eu pedir para me ajudar."
forjar novas relíquias e quaisquer outros instrumentos que eu considere adequados."

"Você faria isso? Você iria?"

Fisher parecia querer gritar. "Sem querer, sim. Sob coação, sim."

Ele voltaria a Zilvaren por mim para fechar um acordo. Ele precisava tanto da minha ajuda. E se isso fosse verdade, então também significava...

"Eu quero dois."

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. *"O quê?"*

"Meu irmão Hayden *e* Elroy."

Parecendo um pouco histérico, ele abriu os braços, enquanto Nimerelle lançava nuvens de fumaça preta. "Quem *diabos* é Elroy?"

"Ele é meu amigo. Ele é importante para mim. E", acrescentei rapidamente, o pensamento me ocorrendo do nada, "ele é um mestre ferreiro. Ele provavelmente pode me ajudar a fazer as relíquias para você. Ele será útil."

Fisher estreitou os olhos. "Ele consegue canalizar energia metálica como você?"

"Não sei. Acho que não", admiti.

"Então ele é inútil para mim. Você ganha um. Escolha."

"Não consigo escolher! Como é que eu vou... *escolher* qual deles vive e qual deles *morre* ?"

"Você compartilha o sangue com um deles. A resposta é simples."

Era realmente fácil para ele. Tomaria essa decisão facilmente e sairia sem um pingo de culpa. *Era assim* que Kingfisher era. "Eu *não posso* ..."

Deixe-me explicar de outra forma. Eu tenho uma relíquia. Posso trazer uma pessoa de cada vez comigo. Não vou — não *posso* — viajar pelo deserto duas vezes em um único dia sem nada me separando daquele pesadelo. Ele vai me matar de uma vez por todas. Então você *vai* me dizer para ir buscar Hayden para você, e *acabaremos* com essa farsa."

Uma parte de mim queria discutir com ele, mas eu sabia que ele estava dizendo a verdade. Ele realmente se perderia se viajasse duas vezes sem o pingente. Senti um enjoo, mas assenti rapidamente. "Tudo bem. Ótimo." Respirei fundo. "Hayden."

Kingfisher pegou Nimerelle, cerrando os dentes enquanto fechava a mão em volta do metal negro e deslizava a palma pela lâmina. O sangue brotou e pingou entre seus dedos, respingando na pedra. Ele apontou Nimerelle para mim.

"Sangue, Pequena Osha. É a única maneira de selar isso entre nós."

Recusei-me, afastando-me da espada. "Não vou tocar nessa coisa de novo. Você não pode simplesmente acreditar em mim?"

Ele bufou sem graça. "Fofo. E *não* ... Use a adaga que te dei se quiser, mas você vai me dar seu sangue. Não precisa ser muito."

Olhei para ele com cautela enquanto sacava a adaga do coldre que ele me dera antes, sibilando enquanto passava o fio na palma da minha mão. Um corte minúsculo. O menor que consegui fazer, mas sangrou. Kingfisher estendeu a mão e me ajudou a me levantar, emitindo um som de escárnio ao ver o corte que eu havia causado em mim mesma. "Querida."

Fiz uma careta para ele. "Só faça logo o que precisa fazer."

"Eu vou e tento resgatar seu irmão. Você me ajuda e me auxilia em tudo que eu pedir, e faz o que eu mandar. Você concorda com este pacto?"

Eu assenti. "Sim."

"Você entende que este é um juramento *de sangue* ? E você ficará vinculado a este juramento até a morte?"

"Sim! Deuses, eu entendo! Concordo. Continue com isso..."

Kingfisher bateu a palma da mão na minha e segurou firme.

Gelo percorreu minhas veias. Fumaça preta nublou minha visão, roubando minha visão, subindo pelo meu nariz e descendo pela minha garganta. A fumaça se dissipou quase imediatamente e... nada havia mudado. Minha palma ainda sangrava. Ainda doía pra caramba. Seja lá o que ele tivesse feito, Kingfisher parecia satisfeito.

“Me dê algo dele”, ele exigiu.

"O que?"

"Me dá algo do Hayden. O quê, você acha que eu posso simplesmente aparecer na sua cidade esquecida por Deus e imediatamente encontrar alguém que eu nunca vi antes? Preciso de algo do seu irmão para poder localizá-lo."

"Ah. Certo." Isso fazia sentido. Mas... merda. "Não *tenho* nada do Hayden comigo."

Kingfisher revirou os olhos. "Claro que não. Ele é seu irmão de sangue?" Vocês têm os mesmos pais?” “Sim.”

"Então seu sangue deve bastar." Ele ergueu a mão. "Eu já tenho isso. Espere aqui. Não se mova deste lugar."

"Você vai agora?"

Ele ergueu as sobrancelhas. "Você quer esperar? Depois de tudo isso?"

"Não! Não, definitivamente não. Você deveria ir."

"Feche este portão assim que eu passar. Espere uma hora e ative-o novamente."

Balancei a cabeça. "Devo deixar em aberto. E se..."

“E se uma horda de alimentadores aparecer cinco minutos depois de eu sair?

Você se esquece que, se esta piscina está aberta, todas as piscinas estão abertas. *Em todos os lugares* ."

“O que é um alimentador?”

Kingfisher suspirou. Ele ergueu Nimerelle sobre o ombro, e a bainha da espada se materializou do nada, sua tira e suporte apareceram no peito de Fisher bem a tempo de ele deslizar a lâmina para trás das costas. Suas grevas e braçadeiras seguiram, ombreiras se formando a partir da fumaça em seus

ombros. Em menos de um segundo, Kingfisher estava armado e pronto para a guerra. "Confie em mim. Você não quer saber. Uma hora, Osha. Certifique-se de que esta porta esteja pronta para abrir quando eu bater. Prenda-me do outro lado dela, e eu devastarei o que resta da sua brilhante Cidade Prateada."

Ele se virou e entrou na piscina sem pensar duas vezes. Estremeci ao vê-lo mergulhar no mercúrio, com o peito apertado e as mãos cerradas em punhos ainda mais fortes. Meu coração disparou quando sua coroa de ondas escuras desapareceu sob a superfície flutuante da piscina.

O mercúrio não quis obedecer quando eu ordenei que se aquietasse. Havia tanto dele. Muito mais do que eu já havia ordenado antes, e ele tinha vontade própria. Não *queria* dormir, e foram necessárias quatro tentativas para forçá-lo à submissão.

Quando a piscina gigante voltou a ser uma superfície sólida e plana, sentei-me com as costas apoiadas no pilar mais próximo, tremendo de frio... e a dúvida começou a surgir.

Nada impedia Kingfisher de encontrar Hayden e matá-lo. Elroy também. As coisas seriam muito mais simples para Kingfisher se ele simplesmente assassinasse as pessoas com quem eu me importava em Zilvaren. Ele não teria que voltar pelo portal sem seu pingente. Não teria que lidar com outro humano correndo pela sua corte. O que significava que ele tinha ido para Zilvaren? Ele poderia ter escapado para outro reino completamente. Um que fosse desabitado. Ele poderia estar sentado em uma rocha agora mesmo, olhando para um céu estrangeiro, esperando o tempo determinado passar, momento em que ele voltaria e me diria que minha família e amigos já estavam mortos, que não havia nada que ele pudesse fazer a respeito e que era hora de eu cumprir minha parte do acordo. Como eu saberia que ele estava dizendo a verdade?

Eu também não tinha como saber as horas aqui embaixo. Não tinha relógio e não havia janelas para observar o progresso do sol solitário de Yvelia no céu. Tive que confiar no meu próprio julgamento, o que foi um problema porque... *Clique.*

Levantei a cabeça bruscamente, girando-a para a esquerda, em direção à fonte do som.

Clique, clique, clique.

Clique.

Não me mexi. O que *foi* isso? Inclinei-me para a frente, semicerrando os olhos na escuridão, com o sangue pulsando, o coração disparado, aterrorizado com o que pudesse surgir das sombras negras. O que vivia nos lugares escuros

e sem luz daquela corte? Seria imprudente presumir que aqueles túneis eram patrulhados apenas pelos homens de Belikon. Um som de tagarelice ecoou pela caverna, e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

A adaga que o Martim-pescador me deu era afiada, mas seria inútil contra mais de um inimigo, especialmente se atacassem à distância. Comecei a me levantar, mas...

Um raio branco surgiu da escuridão, vindo direto para mim.

Pelo branco, cauda espessa e orelhas com pontas pretas presas para trás.

A raposa.

Minha raposa.

Ele voltaria por mim.

As garras da pequena criatura *estalavam, estalavam, estalavam* contra o chão enquanto ele corria. Ele tentou diminuir a velocidade ao me alcançar, mas a pedra era muito lisa e suas patas não encontraram apoio, e ele deslizou os últimos quatro metros. Ele ganiu, mergulhando no meu colo, colocando o focinho sob meu cotovelo para poder enterrar o rosto no meu flanco e se esconder.

O pequeno cilindro de suas costelas subia e descia loucamente enquanto ele se enrolava em volta do meu corpo, ofegante como se tivesse acabado de correr oito quilômetros.

"Então mudou de ideia?", sussurrei, dolorosamente consciente de quão alto o som da minha voz estava agora que eu estava sozinho ali embaixo e o mercúrio não estava mais resmungando para mim. A raposinha piou em resposta, resmungando em meu sovaco.

"Tudo bem. Tudo bem. Não se preocupe. Todos nós podemos mudar de ideia", eu disse a ele. "Acho que você não é bom em controlar o tempo, né?"

A raposinha espirrou.

“Não, eu também não.”

Nunca me senti tão grato por companhia em toda a minha vida. Acariciei a raposa, aliviado por outra criatura viva e respirante estar disposta a sentar-se comigo e realizar esta vigília. Ela estava assustada. Muito assustada, mas não me deixou mais.

"Como vou te chamar? Se você vai ficar por aqui, precisa ter um nome."

Ele olhou para mim, seus olhinhos de ônix semicerrados, as pálpebras piscando lentamente para que eu pudesse distinguir cada um de seus minúsculos cílios brancos. "O que você acha do Ônix?", perguntei.

Ele fechou os olhos e não os abriu por um longo tempo, o que interpretei como um sinal de aprovação. Logo adormeceu. Comecei a contar os

segundos, contando os minutos nos ponteiros, até concluir que uma hora devia ter se passado.

Onyx não gostou quando o coloquei em cima da minha bolsa. Ele observou com olhos sinistros enquanto eu estava na beira da piscina e cuidadosamente estendia a mão, ordenando que o oceano prateado despertasse.

A superfície estava apenas parcialmente transformada, ainda sólida nas bordas, quando uma explosão de fumaça negra irrompeu do centro da piscina. Kingfisher estava lá, então, caminhando pela prata, com o rosto contorcido como uma máscara. Em sua mão direita, Nimerelle pingava vermelho. Na esquerda, o corpo que ele arrastava pelo pescoço pingava prata. Ele arrastou a figura sem vida para a borda da piscina e a jogou no chão, depois desabou ao lado dela, ofegante.

"Rápido. Antes que..." Ele interrompeu, jogando a cabeça para trás, soltando um grito que era puro terror e dor. "Rápido. O... o pen-pendente", ele disse com voz rouca. *"Agora!"*

O mercúrio se agitou, um milhão de vozes estilhaçadas gritando ao mesmo tempo. O som era nauseante, mas eu o abafei, correndo para o corpo que Kingfisher havia jogado na pedra. Minhas mãos foram rápidas e firmes quando peguei o pingente, o recuperei e corri para o lado de Kingfisher. Ele se debatia e gemia, cerrando os dentes, os tendões do pescoço se contraindo horrivelmente enquanto eu passava a corrente pela sua cabeça e lutava para deslizar o pingente retangular pela frente do seu protetor de peito.

"Pescador? Pescador!"

Ele não respondeu. Rosnou, arqueando as costas e os saltos das botas de couro deixando marcas pretas na pedra enquanto ele se contorcia.

"Fisher! Deuses. Que diabos? O quê... o que vocês precisam que eu faça *?* " Eu estava realmente começando a entrar em pânico quando o macho se fechou, seus olhos se abriram de repente e ele respirou fundo, ofegante e úmido.

"Porra. Eu", ele disse com a voz rouca. "Isso foi... ruim."

"Você está bem?" Fui tocar no protetor de tórax dele, sem saber onde encontrá-lo, mas pensei melhor.

“Feche... o... portão!” ele sussurrou.

Merda, merda, merda. O portão. Desta vez, não dei ao mercúrio a oportunidade de resistir. Bati as palmas das mãos mentalmente, fechando a porta com força, e com um estalo, a piscina atendeu ao meu pedido, solidificando-se tão rápido que estilhaçou o lintel de pedra que a circundava.

"Espero que esteja feliz, Humano. Porque eu nunca... *nunca* ..." — Kingfisher rolou para o lado, apertando a barriga — "...farei isso de novo." Ele estava farto. Ele tinha conseguido.

Ele...

Meus deuses! *Hayden!* Fisher tinha mesmo feito isso. Ele trouxe Hayden de volta com ele! Deixei Kingfisher enquanto ele lutava para se sentar. Meus joelhos doíam quando me agachei ao lado do corpo inconsciente, mas não... Não importa. Eu não me importava. Hayden estava vivo. Ele

estava aqui. Ele... Ah.

Oh não.

Balancei-me sobre os calcanhares, franzindo a testa para a figura caída no chão. A esperança que me invadira desabou sobre meus ouvidos. Era para ser algum tipo de piada? Não. Fisher não tinha senso de humor, e isso... isso *não era* engraçado.

"Vai demorar um pouco para ele... acordar. Humanos são tão..." Kingfisher gemeu. "Vocês são todos tão *frágeis* ."

Virei-me para o guerreiro, o rugido surdo em meus ouvidos ficando progressivamente mais alto, mais alto, mais alto...

"Este não é meu irmão, Fisher. Este é o Carrion *Swift* !"

AS LETRAS MIÚDAS

C - .

Boca irritantemente perfeita.

Marca de nascença em formato de coração no queixo.

Era definitivamente Carniça.

Kingfisher olhou para ele e deu de ombros. "Eu rastreei sua linhagem. Isso me levou direto a ele. Perguntei quem ele era. *Ele* disse que era Hayden Fane. Logo, eu trouxe Hayden Fane para você."

"Você estava prendendo-o contra a parede e segurando uma espada em seu pescoço quando perguntou?", perguntei.

Não. Eu o prendi com uma chave de braço. Eu nem tinha sacado a espada. Pelo menos não naquela época.

"Não é de se espantar que ele tenha mentido para você sobre quem era! Ele provavelmente pensou que você fosse um cobrador de dívidas ou um dos homens de Madra!"

" Cobrador *de dívidas* ?", Fisher se irritou. "Olha. Deixa eu te perguntar uma coisa. Você se lembra onde fica o portão em Zilvaren?"

“No palácio de Madra.”

"Correto. E o que você acha que estava me esperando quando saí daquela prata?"

" *Não* sei."

Cinquenta guardiões treinados e uma unidade de arqueiros armados com flechas com ponta de ferro. Tive que lutar para sair de lá, atravessar aquele buraco de merda queimado e infestado de doenças para onde você está tão desesperado para voltar, encontrar seu irmão, atravessar a cidade de *volta* , *voltar* para o palácio de Madra, *voltar* para aquele salão amaldiçoado e depois *voltar* para o mercúrio em menos de uma hora. Não tive tempo de entrevistar o idiota! Agora, este serve ou não?

"Não! Ele não vai! Nosso acordo—"

"Nosso acordo está de pé", Kingfisher disparou, abaixando-se para pegar Carrion. Ele jogou o comerciante inerte do mercado negro por cima do ombro como se não pesasse nada. Fisher me encarou com a intensidade de mil sóis. "Eu odeio aquele lugar, porra, mas eu fui lá por você. Fui esfaqueado sete vezes em várias partes do meu corpo. *Por você.* Esse babaca disse que era Hayden. O sangue dele disse que ele era Hayden. Eu fiz o que eu disse que ia fazer. Agora anda."

“Vamos dar o fora daqui.”

“Não vou voltar para os meus aposentos—”

"Não vamos voltar para os seus aposentos. Primeiro, vou encontrar um curandeiro. Depois, vou encontrar o Ren, e aí vamos dar o fora daqui."

Fisher passara a maior parte da juventude no Palácio de Inverno. Conhecia o lugar como a palma da mão. Abriu portas escondidas e caminhou por corredores secretos, subindo uma quantidade absurda de degraus,

ignorando-me quando implorei para que diminuísse o ritmo. Quis me manter firme e me recusar a me mexer, mas meu corpo não obedeceu. Ele me disse para segui-lo, e segui, mesmo com o coração batendo como um pistão e a sensação de que ia desmaiar a qualquer momento. Não tinha escolha. Onyx gritou, dando cambalhotas para trás dentro do saco o tempo todo, inconsolável.

Finalmente, Fisher parou depois do que calculei serem vinte e três lances de escada e jogou Carniça na pedra fria aos meus pés. "Fique aqui.
Esperem por mim até eu voltar. Não façam barulho.

Soltei uma série de palavrões grosseiros, mas eles não saíram dos meus lábios. Como ele havia ordenado, não emiti um som sequer. Que diabos ele tinha feito comigo? Por que meu corpo não era meu?

Eu fervia de raiva enquanto esperava. Em minha mente, gritei para Carniça acordar e fazer algo a respeito, mas descobri que o contrabandista era tão irritante quando estava inconsciente quanto quando estava acordado. O idiota não se mexeu nem uma vez.

Uma hora se passou, e Onyx ficou entediado e adormeceu. Quando Fisher reapareceu na passagem secreta, os rasgos em sua camisa haviam desaparecido, assim como todo o sangue que o cobria. Reparado, como novo, ele carregava algo longo e fino debaixo do braço, enrolado no que parecia uma cortina.

"Não consegui encontrar o Ren. Deixei um bilhete para ele", ele me informou, pegando Carniça. Sem mais preâmbulos, ele desceu as escadas.

Eu não disse nada.

Não mexi um músculo.

Ele só percebeu que eu não o estava seguindo quando dobrou a esquina e desapareceu de vista. "Vamos, Oshazinha!", chamou. "Continue. Pode falar de novo, mas sem reclamar."

Desci as escadas, com o temperamento quente e brilhante enquanto olhava feio para a parte de trás da cabeça de Fisher.

Caímos para sempre. Eu estava tonto e minhas coxas queimavam quando ele me conduziu para fora do palácio, através de um pátio coberto, até um prédio escuro e com correntes de ar, com portas largas abertas em ambas as extremidades. De cada lado, baias se estendiam à esquerda e à direita. Sobre algumas das portas das baias, cavalos enormes sacudiam a cabeça, relinchando, assustados com nossa aparição repentina.

“De jeito nenhum”, eu disse.

Kingfisher jogou Carrion no chão molhado do estábulo e passou por cima do corpo dele, marchando em direção a uma porta aberta à nossa direita que levava, não a uma baia, mas a um depósito de ração e sala de arreios.

"Deixa eu adivinhar. Você não gosta de cavalos?", ele disse.

Não, eu não gosto de cavalos. Cavalos não gostam de mim. Nós nos odiamos mutuamente.

Fisher tirou uma sela de um suporte na parede e passou por mim, carregando-a para fora do depósito de arreios. "Você vai ter que superar isso."

Eu o segui, passando por cima de Carrion quando Kingfisher entrou em uma das baias. "Não funciona assim! Não consigo *superar isso!"*

"Claro que pode. Mantenha a cabeça no lugar. Fique de boca fechada. É fácil."

“Pescador!”

O macho colocou a sela que carregava cuidadosamente sobre o dorso de um monstruoso cavalo negro, trabalhando rapidamente para prender a cilha. "Isso não é uma negociação. Você fez um juramento de sangue, humano. Você está vinculado a ele, o que significa que vem comigo."

“Jurei que ajudaria as fadas de Yvelian a descobrir como usar o mercúrio __”

Ele apontou o dedo para mim. "Pense bem. O que eu disse quando perguntei se você concordava com o pacto?"

“Você disse que iria buscar meu irmão e, em troca, eu ajudaria a criar relíquias para Yvelia!”

Kingfisher passou por mim, saiu da baia e voltou para a sala de arreios. "Eu disse, literalmente: ' *Eu vou, e tento pegar seu irmão. Você me ajuda e me auxilia em tudo que eu pedir, e faz o que eu mandar. Você concorda com esse pacto?* ', ao que você respondeu: " *Sim, deuses, eu concordo! Continue!"*

"Mas nós dois sabemos o que eu quis dizer! Eu não quis dizer que iria vagar pelo desconhecido com você no meio da noite!"

"A menos que você esteja prestando muita atenção, o que você pretende concordar e o que você *realmente* concorda são muitas vezes duas coisas muito diferentes em Fae, Pequena Osha. Você concordou em me ajudar e me auxiliar de qualquer maneira que eu pedisse, e que faria o que lhe fosse ordenado. Você selou esse acordo com sangue. Agora, estou lhe dizendo para encontrar um cavalo e selá-lo o mais rápido possível, antes que meu padrasto psicótico perceba o que estamos tramando e nos mate onde estamos."

"Você me *enganou , porra* !"

"Não", disse ele sem rodeios. "Eu lhe ensinei uma lição valiosa que lhe servirá bem pelo resto da sua curtíssima vida humana neste reino. Sempre preste atenção às letras miúdas. O diabo está nos detalhes. Agora vá."

Desde que acordara em Yvelia, eu só via o mundo lá fora através das janelas. Uma parte de mim suspeitava que a cidade abaixo do palácio e a floresta que se estendia até as montanhas além fossem ilusões.

Não eram.

Minha mente se partiu um pouco quando Kingfisher me ordenou que saísse do celeiro. A princípio, enquanto conduzia o cavalo que ele montara para mim para fora, eu estava mais preocupado com os dentes grandes e quadrados do animal, mas então olhei para cima, inclinando a cabeça para trás para olhar para a vasta escuridão, e senti o beijo da neve em minhas bochechas pela primeira vez. Senti de verdade. Vê-lo de dentro tinha sido uma coisa, mas estar do lado de fora...

Minha vida inteira fora consumida pela necessidade de água. Eu vira pessoas brigarem por um gole dela. Morrerem por falta dela. Arranharem uns aos outros até sangrar, mentirem, traírem e roubarem por ela. Uma sede terrível permeava Zilvaren. Essa sede era o batimento cardíaco da cidade. Não importava quem você fosse ou para onde fosse, você sentia o ritmo desse batimento cardíaco como um martelo batendo na bigorna. Ele vivia dentro do seu sangue. O sol batia tão forte que o chão sob seus pés se transformava em vidro líquido, e seu corpo enfraquecia a cada respiração. Do momento em que você acordava até o segundo em que adormecia a cada noite, você tinha um relógio, e esse relógio estava correndo.

Água.

Água.

Água.

Água.

Você tinha que estar disposto a morrer para que ele sobrevivesse.

Em Yvelia, ele simplesmente caiu do céu.

Eu queria gritar.

Por um instante, a espessa camada de nuvens se dissipou, e vislumbrei o céu da meia-noite mais além: um punhado de luzes brancas e brilhantes tremeluzia na escuridão. Eu não queria perguntar, mas a visão me tirou o fôlego. Eu precisava saber. "O que são?", sussurrei.

Fisher contornou o cavalo, olhando também para o céu. "Estrelas", respondeu ele, rigidamente. "São bilhões delas. Mais do que qualquer mente pode imaginar."

compreender. Sóis, como os dois que pairam no céu de Zilvaren.

— Tão distantes, no entanto. — Minha voz transmitia meu espanto.

"O mercúrio fecha a lacuna. Com ele, podemos viajar para os reinos que orbitam essas estrelas." Ele disse isso de forma tão simples. Como se não tivesse acabado de me dizer que Zilvaren não estava escondida por alguma porta mística em algum lugar. Meu lar era lá em cima. Entre as estrelas. Fiquei boquiaberta com os pontinhos de luz cintilante, me perguntando se algum deles seria *meu* sóis. As nuvens se aglomeraram novamente, bloqueando o céu, e meu peito doeu, cheio de tristeza.

"Monta", ordenou Kingfisher, acenando para o meu cavalo. Era um espectro de cabelos escuros, feito de sombras, e o brilho de suas mãos e rosto pálidos era a única parte dele que eu conseguia distinguir enquanto ele fixava duas grandes bolsas na sela do seu cavalo.

"Não podemos ir embora. Precisamos esperar pelo Ren." Minhas palavras se perderam em uma nuvem de névoa. Kingfisher contornou seu cavalo, e o animal mudou de posição, levantando a pata traseira para dar um coice. Era um gigante, com a pelagem negra como o pecado, e tinha uma expressão de loucura nos olhos que quase rivalizava com a de Kingfisher. Quando Fisher rosnou de irritação, o cavalo bufou e soltou um suspiro, jogando a cabeça para trás, aparentemente repensando o coice.

"Ele vai nos alcançar mais tarde. Temos um ponto de encontro para situações como esta. Agora, você vai montar no cavalo ou eu vou te colocar para montar?"

"Está nevando. Vou morrer congelado."

Eu não tinha visto a grossa faixa de tecido em suas mãos enluvadas. Os olhos de Kingfisher brilharam intensamente quando ele empurrou o embrulho preto para mim, com as narinas dilatadas. "É pesado. É mais fácil de vestir quando você já está lá em cima, mas já que você é tão petulante e se recusa a obedecer ordens..."

"Soldados obedecem ordens. *Eu* não sou um soldado."

"Acredite, eu tenho plena consciência disso. Aqui. Deixe-me ajudar você."

Eu não queria a ajuda dele, mas minhas mãos já estavam dormentes de frio, e o enorme pedaço de tecido que ele me entregara parecia não ter começo nem fim. Fisher decifrou tudo em instantes e colocou o tecido em volta dos meus ombros. Era uma capa, rígida e encerada por fora, forrada com pele sedosa. O interior era quente e tão macio que eu queria chorar. A sensação amarga no ar desapareceu instantaneamente, deixando apenas minhas mãos e meu rosto sofrendo com o frio.

Gritei quando as mãos do Kingfisher encontraram minha cintura e ele me empurrou para cima da sela do meu cavalo. O animal era menor, castanho, e serpenteou a cabeça para tentar me morder enquanto eu me sentava.

“Traga a perna para a frente”, ordenou Fisher.

Discutir com ele não me faria bem algum. Ele já estava decidido — iríamos deixar o palácio naquela noite e não havia nada a fazer. Mais uma vez, eu queria recusar a ordem dele só para irritá-lo, mas meu corpo inteiro doía para obedecer. Eu *queria* estender a perna para ele. Não conseguia me conter.

Fisher levantou a aba da sela e apertou a cilha. Em seguida, amarrou o fardo longo e estreito com o qual havia retornado dos curandeiros sob a aba da sela, puxando-o para frente e para trás para garantir que não fosse a lugar nenhum. "Não toque nisso. Está me ouvindo?" "Sim."

"Ótimo. Perna para trás", ele ordenou.

Movi minha perna para trás.

A neve caía, formando ondas espessas, pousando em seus cílios e cobrindo de branco o topo de seus ombros. "Confortável?", perguntou ele.

"Não."

"Excelente. Não puxe as rédeas. Aida é uma boa menina. Ela vai seguir sem nenhuma intervenção sua, então deixe-a em paz."

Aida provavelmente não era uma boa menina. Ela provavelmente era uma vadia infernal que ia me largar de bunda na primeira oportunidade, mas eu segurei as rédeas com folga, obedecendo Fisher sem uma única objeção. "Espere! Cadê minha bolsa?" Me virei na sela, procurando por ela.

"Tenho bastante comida e água para nós dois. Você não precisa."

"Não me importo com a comida e a água. Me importo com a Onyx!"

“O que é um ônix?”

"Só me dá a bolsa, Fisher." Se ele brigasse comigo, meu Deus, eu ia causar o pior dos infernos. Por sorte, o desgraçado só suspirou e voltou para o celeiro. Voltou um instante depois com a minha bolsa.

"No momento em que o roedor se tornar um problema, eu vou esfolá-lo", ele disse, erguendo o saco até mim.

"Ele não é um roedor. Na verdade, é um cachorro." Abri a boca do saco, certificando-me de que Kingfisher não havia substituído Onyx por uma pedra ou um pão particularmente denso ou algo assim, mas a raposinha colocou a cabeça para fora do buraco, as orelhas girando enquanto observava o ambiente, a língua rosada de fora.

"Ele deve correr ao nosso lado", resmungou Fisher, montando em seu próprio cavalo. "Não precisa ser carregado."

"Ele é um *ele* , não uma *coisa* . E não, ele não pode correr ao nosso lado. Ele vai ficar com frio."

"Ele ", disse Kingfisher, proferindo a palavra com desdém, "é um animal selvagem, e este é o seu habitat natural. Por que você acha que ele tem toda essa pelagem espessa e branca?"

Ele estava certo nesse ponto. Onyx era uma criatura de Yvelia e evidentemente fora feito para isso. Mas quando olhei para ele, ele se contorceu de volta para dentro da bolsa, de modo que apenas seu focinho molhado ficou visível, e tive a nítida impressão de que ele estava perfeitamente feliz onde estava.

"Que tal você se concentrar na sua carga em vez da minha?", disparei para Fisher. "Seu passageiro vai *te causar todo tipo de problema* quando acordar."

Carrion estava amarrado às costas do cavalo de Fisher, ainda inconsciente. Seus braços pendiam frouxos sobre a cabeça, o cabelo ruivo-fogo já espesso de neve. Não havia como a posição ser confortável. Ele estaria dolorido pra caramba quando acordasse, e eu sabia em primeira mão o quão irritado Carrion Swift ficava quando não estava recebendo uma boa noite de sono.

Kingfisher lançou-lhe um olhar vazio. "Tem certeza de que ele não é seu irmão?"

“Acho que sei a aparência do meu irmão, e você?”

O olhar que Fisher me lançou indicou que ele não tinha muita certeza de como reagir àquela pergunta. "Então, correndo o risco de me repetir pela milésimo centésimo vez, devemos deixá-lo aqui. Se ele não é seu irmão, então..."

Não vamos deixá-lo aqui. Belikon vai matá-lo assim que perceber que você me sequestrou."

" Não é sequestro se você vier por vontade própria", disse Kingfisher em tom calculista.

"Não vou fazer nada disso de bom grado! Quero ir para casa!"

Ele deu de ombros enquanto se balançava na sela. "E ainda assim você vem me ajudar a acabar com uma guerra, não é? Que causa mais nobre poderia haver? Parabéns por alcançar a porra da santidade."

15

SARRUSH

Atravessamos a cidade aos pés do Palácio de Inverno. Eu esperava que sim — havia mais chances de sermos vistos e parados pelos homens de Belikon antes de conseguirmos ir muito longe —, mas Kingfisher era esperto. Ele podia ser um sujeito raivoso, arrogante, meio louco, absurdamente bonito *e* um estrategista inteligente ao mesmo tempo. Acontece que os dois não eram mutuamente exclusivos. Amaldiçoei o dia em que pensei que escaparia roubando um guardião enquanto Fisher nos guiava pelos arredores da cidade, por caminhos rochosos, íngremes e irregulares, soterrados por uma espessa camada de neve. Era um milagre que ele soubesse para onde estava indo. Ainda mais surpreendente que os cavalos não tropeçassem e quebrassem as malditas pernas na rota traiçoeira que Fisher escolheu para nós. Um passo em falso e nos encontraríamos em apuros, mas os cavalos seguiram em frente, firmes, imperturbáveis por nossa perigosa aventura noturna.

Observei a cabeça de Carrion pendendo contra o flanco do cavalo de Fisher, furioso com o desgraçado inconsciente o tempo todo. Havia uma fria sensação de justiça em ver sua cabeça sendo golpeada pelos galhos baixos das árvores enquanto entrávamos na floresta escura. O filho da mãe merecia cada dano que recebeu pelo que tinha feito. Ele tinha mentido para Fisher. Por que diabos ele diria que era Hayden?

Fisher teria dito: *"Qual é o seu nome, humano fedorento e miserável?"* Ou teria dito: *"Estou aqui para transportar Hayden Fane para um reino feérico, onde ele terá acesso a toda a comida e água que puder se empanturrar e uma cama confortável para dormir?* " Porque eu poderia imaginar Carniça mentindo sobre sua identidade se fosse o último caso.

A luz e o som que emanavam do Palácio de Inverno logo se dissiparam. Kingfisher, porém, não pareceu se importar com a escuridão total do ambiente, e os cavalos também não. Eles seguiam em frente, assoando o

nariz, como se não estivesse um frio congelante e assustador lá fora. Lamentos assombrosos ecoavam pela floresta, sons tão humanos que minha pele se arrepiava permanentemente. Na bolsa que eu segurava à minha frente, aconchegada contra a barriga, meio envolta na minha capa, Onyx gemia, encolhendo-se o máximo possível e, ao mesmo tempo, fazendo tanto barulho que a irritação que irradiava de Kingfisher podia ser sentida a três metros de distância. Ele não mencionou a raposa histérica. Ele fervia em bicas, sem dizer uma palavra, o que era infinitamente pior.

O lamento que ecoava pela floresta se aproximava e se afastava em intervalos aleatórios, fazendo minha respiração ficar rápida e superficial. Por fim, um lamento chegou tão perto que soou como se uma criatura faminta estivesse espreitando bem debaixo dos pés de Aida. Gritei, pulando na sela, puxando as pernas para cima, com o coração martelando no peito.

Kingfisher parou o cavalo e olhou para mim, cansado. "O que há de errado com você agora?"

"Tem-tem-urgh, vamos *morrer* aqui fora, seu babaca! Não está ouvindo esses gritos?"

Ele me olhou como se eu fosse a coisa mais irritante que ele já tivesse visto. "São *sombras,* humano."

"O que você quer dizer com óculos escuros?"

"Sabe. Ecos. O que resta de uma criatura depois que ela morre em sofrimento."

Meu pânico chegou ao nível onze. *"Fantasmas?"*

A boca do Kingfisher se contraiu, pensativo. "Não estou familiarizado com esse termo. Esses seres são incorpóreos. Não têm substância física." Eles não podem te machucar. Eles nem sabem que você está aqui.

Pelos deuses, eu não conseguia engolir. "Então por que eles estão *gritando?"*

"Eles estão revivendo seus últimos momentos. Você também gritaria se tivesse sofrido a mesma morte que eles."

"Eles morreram aqui? Nesta floresta?" *Não faça isso. Não pergunte a ele. Não* pergunte *, porra.* Eu precisava saber, no entanto. " *Como* eles morreram?"

O Martim-pescador lançou um olhar penetrante e prateado ao nosso redor, na escuridão. "Observe e verá por si mesmo."

"Está escuro como breu aqui fora! Não consigo ver nada. "Não consigo nem ver minha própria mão na frente do meu rosto!" Com isso, outro grito

estridente quebrou o silêncio, tão perto que Onyx soltou um grito e tentou fazer um buraco no fundo do saco de estopa para se proteger.

“Eu continuo esquecendo o quão tragicamente inferior é a visão humana”, comentou Kingfisher.

"Ah, e suponho que você consiga ver cada detalhe deste lugar, então?" Apontei o dedo para a floresta, com a intenção de fazer a pergunta de forma irônica, já que estávamos cercados por uma muralha negra, mas Kingfisher deu de ombros, fazendo beicinho.

"Quer dizer, não está totalmente claro. Eu conseguiria ver detalhes muito mais nítidos à luz do dia. Mas sim. Eu consigo enxergar perfeitamente bem. Traga a Aida para perto de mim e eu te presentearei com uma visão temporária."

"Não."

"Não?"

" *Não!"*

"O que você quer dizer com não?"

"Gostaria de dormir de novo em algum momento no futuro. Não preciso ver nenhuma alma torturada revivendo suas mortes, muito obrigado. Passo."

Kingfisher bufou. "Como quiser. Mas quando ouvir os gritos deles, não se sinta tão mal por eles, humano. Este lugar é uma prisão. Só os culpados dos crimes mais hediondos são enviados para a Floresta de Vime. As árvores sepultam os tipos mais malignos de monstros."

Os minutos se transformaram em uma hora, que se transformou em três horas. Poderia ter sido mais. Era difícil avaliar o tempo passando, sentado nas costas daquele animal desajeitado e desconfortável. A caixa torácica de Aida era larga demais, e cada vez que eu me balançava para a frente da sela, meus quadris reclamavam amargamente. Minha bunda também, junto com partes muito mais sensíveis da minha anatomia que pareciam estar sendo esfregadas em carne viva, e *não* de uma forma divertida.

Os gritos atingiram um tom febril. Aida se mantinha perto do cavalo de Kingfisher, balançando a cabeça ansiosamente. Uma ou duas vezes, ela se lançou sobre Carrion, estalando os dentes, descontente por a estranha criatura inconsciente estar se aproximando demais. Foi pura sorte eu ter conseguido impedi-la de morder o rosto de Carrion até agora; se chegássemos ao nosso destino, onde quer que fosse, sem que o mercador negro sofresse nenhuma laceração facial, então ele ficaria me devendo uma grande.

Mordi a língua o máximo que pude, mas, eventualmente, a escuridão, as sombras gritantes e o frio intenso e interminável cobraram seu preço. "Por

quanto tempo mais teremos que fazer isso?" Eu tinha planejado gritar as palavras para que Kingfisher pudesse me ouvir por cima do vento farfalhando nos galhos das árvores e do ranger constante do metal dos cavalos mastigando nervosamente seus freios, mas meus nervos me venceram; a pergunta saiu em um sussurro rouco. Fui poupado de ter que me repetir pela audição feérica de Fisher.

Sua cabeça se inclinou um centímetro para a direita — o único sinal de que ele tinha me ouvido. Mas então ele disse: "Estamos quase lá. Só mais meia hora. Chegaremos ainda mais cedo se trotarmos."

Trote? Ri sarcasticamente. "Nada que você diga ou faça vai me incentivar a esmagar meus genitais contra esta sela com mais força ou mais rapidez do que eles já estão sendo esmagados."

"Sentindo-se um pouco dolorido, humano?"

"Dor não chega nem perto", resmunguei.

"Eu beijarei com prazer todas as suas dores e sofrimentos para você quando levantarmos acampamento. Disseram-me que minha boca tem propriedades curativas. Principalmente quando administrada entre um par de coxas." A sugestão na voz de Kingfisher era uma promessa feita de seda escura. Sedutora. Um pouco emocionante, para ser sincera. Mas eu não estava com vontade de ser sincera. Eu estava mal-humorada e oficialmente cansada de me encolher toda vez que um galho solto roçava meu braço. Eu queria que aquela pequena incursão da meia-noite acabasse logo. "Estou surpresa", bufei.

"Por que?"

"Surpreso que você se oferecesse para passar qualquer tempo entre as minhas pernas. Não quando eu consegui roubar algo tão precioso de você da última vez que te enganei para me deixar chegar perto."

Eu conseguia distinguir o contorno dos ombros de Fisher se erguendo enquanto ele ria. "Você acha mesmo que eu não percebi que você pegou o anel?"

"Eu sei que não."

"Ah, *por favor*. Eu sabia o que você estava fazendo no momento em que subiu no meu colo."

Eu preferia o silêncio denso pontuado por gritos de morte ao som da presunção de Kingfisher. "Deuses, você odeia isso, não é? Ser derrotado por um humano. Por que não admite que eu te enganei?"

"Vai ser um dia frio em Sanasroth antes que você me engane." Ele disse isso com tanta naturalidade, como se fosse uma conclusão inevitável. "Eu

soube no instante em que você entrou na forja que estava planejando alguma coisa. Admito que fiquei um pouco curioso para ver o que você iria inventar."

"Nossa. Você prefere continuar mentindo e se afundar ainda mais do que admitir a verdade. Esse seu ego é impressionante, Fisher."

"Eu não estou mentindo."

"Realmente."

"Realmente."

"Tudo bem. Ótimo. Diga-me, como eu me entreguei, então, se eu estava tão obviamente tramando algo ruim?"

"Você trouxe uma sacola para a forja. Uma sacola cheia de comida e roupas. Também conhecida como *suprimentos.* "

“Como você sabia que estava lotado de comida e roupas?”

“Porque eu espiei enquanto você não estava olhando.”

Fiquei boquiaberto. "Idiota! Você não pode ficar revirando as bolsas dos outros!"

"Diz a ladra que roubou uma joia valiosa do meu corpo. Enquanto esfregava *o* corpo todo em mim para me distrair."

Ele me pegou. Eu já tinha feito muitas coisas inconcebíveis no passado para conseguir o que precisava. Nunca precisei beijar ninguém como beijei o Kingfisher, veja bem. Eu não tinha a intenção de beijá- *lo* daquele jeito. Aquilo tinha sido um acidente. Um que eu não me sentia inclinado a investigar muito a fundo naquele momento específico. "Então, você está dizendo que eu te distraí", disparei para ele.

Ele apenas riu. "E lá estava eu, irritado com a ideia de ter que arrastar um humano indefeso e inútil que não passaria de um fardo. Mas acontece que você sabe fazer piadas! Pelo menos posso contar com você para me entreter."

Sério. Ele era um sujeito tão chato. Onde ele se meteu, me tratando daquele jeito? Eu já tinha estado lá na forja. Senti as mãos dele no meu corpo. No meu cabelo. Com que urgência ele explorava minha boca com a língua. Ele estava distraído, sim. "Você é tão mentiroso. Eu senti o quão duro o seu..." Fechei a boca com força. Um calor subiu pelas minhas bochechas, quase se tornando vergonha.

Kingfisher parou o cavalo, forçando Aida a parar também. Carrion cambaleou sobre as ancas do cavalo, quase caindo, embora Kingfisher não parecesse notar ou se importar. Ele se virou na sela, com um sorriso desastroso dançando nos cantos da boca. "Quão duro meu *o quê*, humano?"

"Nada!", respondi rápido demais para parecer casual. "Só quero dizer que... que... você estava distraído, ok? Você estava em cima de mim. Suas mãos..."

Minhas mãos têm vontade própria. *Minha* mente estava focada no que as suas estavam fazendo, e deixa eu te contar, humano. Você não tem nem de longe a agilidade que parece ter. Você quase deslocou meu dedo, puxando aquele maldito anel...

"Como *ousa* !", Aida parou ao lado do cavalo de Fisher, caminhando como um caranguejo, ansiosa para se mover novamente, o que me deixou perto demais do guerreiro feérico para me sentir confortável. Aproveitei nossa proximidade para atacá-lo com o pé, mas ele empurrou o garanhão para longe, desviando do golpe.

"Calma aí, humano. Chute o Bill e ele vai fugir. Você quer ficar sozinho nesta floresta? No escuro?"

Eu não lhe daria a satisfação de responder a isso. Em vez disso, fiz uma careta infantil enquanto retraía o pé e enfiava a ponta da bota de volta no estribo. "Bill? Quem chama o cavalo deles *de Bill?* "

"Sim. Agora. Gostaria de ir na frente?" Ele gesticulou com a mão enluvada em direção a um caminho que eu presumi que estivesse lá, já que não conseguia vê-lo.

"Não."

“Eu não pensei assim.”

Logo depois, encontramos uma estrada. Embora deserta, pelo que pude perceber, um bom tráfego a utilizava, pois a neve não havia grudado ali. Buracos profundos cortavam a lama revirada, junto com marcas de cascos, patas e pegadas tão enormes que tremi ao pensar no que as teria criado. Os cascos do nosso cavalo sugavam o chão preto e fedorento enquanto eles avançavam lentamente.

Nosso destino era um prédio de pedra de dois andares, em ruínas, situado às margens de um rio largo e congelado. Seu telhado era coberto por uma camada de palha de sessenta centímetros de espessura, sobre a qual repousava apenas uma fina camada de neve. A luz entrava por pequenas janelas. Quando a porta da frente do prédio se abriu, risos, conversas e metade de uma estrofe de uma música desafinada se espalharam pela noite, junto com uma figura

alta e robusta que deu cinco passos cambaleantes e caiu de cara em um banco de neve.

Kingfisher diminuiu a velocidade do cavalo quando o prédio apareceu. Ficou sentado, olhando para ele por um momento, os lábios entreabertos, uma expressão melancólica e desconhecida no rosto. Franzi a testa para o prédio, tentando enxergar o que quer que ele estivesse vendo. Seria de se esperar que ele estivesse avaliando uma das mais belas maravilhas arquitetônicas de Yvelia, mas, do meu ponto de vista, parecia muito com um pub.

"Vamos dormir lá?", perguntei, apontando o lugar com o queixo. A figura que havia saído cambaleante do pub estava de quatro, vomitando na neve.

"Talvez. Talvez não." Kingfisher instigou seu cavalo, gesticulando para que eu o seguisse. "Vamos ver quanto tempo Ren leva para nos alcançar."

Um cavalariço desleixado pegou os cavalos quando desmontamos. Tentei não olhar para os chifres curvos de carneiro saindo dos buracos rasgados no topo do seu gorro de lã, mas não consegui. Não consegui parar de me perguntar como eles se conectavam ao seu crânio. O cavalariço não pareceu se importar. Ele estava com um sorriso dentuço até eu abrir minha mochila e despejar um ônix sonolento na neve aos meus pés.

"Oooh, essa é boa! Rara. Nunca mais vi as pontas pretas nas orelhas e no rabo assim. Dou duas coroas pra você por ela."

"O que?"

Onyx disparou atrás de mim, com os pelos eriçados, como se entendesse o cavalariço e fosse cortar um dedo se o estranho tentasse alguma coisa engraçada.

O cavalariço me olhou com astúcia. "Tudo bem. Quatro cröna. Mas é tudo o que posso fazer. Minha esposa vai me matar se..."

Estendi a mão para o cabo da adaga em minha coxa. "Ele não está à venda."

"A humana meteu na cabeça que aquela coisa infestada de pulgas é um bichinho de estimação", disse Fisher, pegando uma das sacolas da sela. Ele se moveu rapidamente, recuperando o objeto longo e embrulhado que havia colocado sob a aba da minha sela.

Onyx pulou nos meus braços, aninhando-se na curva do meu cotovelo e escondendo o rosto. "Ele não tem pulgas." "Que você saiba", disse Kingfisher.

"E este aqui? Está à venda?" O cavalariço fez um gesto com a mão na direção de Carniça.

“Qual é a sua melhor oferta?”, perguntou Fisher.

"Não!"

Kingfisher teve a audácia de parecer entediado quando lhe dei um tapa no braço. "Não, o humano também não está à venda", disse ele num tom monótono e irritado. "Coloque-o numa baia com um pouco de feno e cubra-o com um cobertor. Se eu descobrir que ele foi ferido de alguma forma..." A mão de Kingfisher pousou sugestivamente no punho de Nimerelle, chamando a atenção do cavalariço para a ameaçadora espada negra. O cervo empalideceu sob a barba ruiva. Ele reconheceu a ação pelo que era — uma promessa de dor — e agiu de acordo.

"Claro, senhor. Não se preocupe. Nenhum mal lhe acontecerá sob meu olhar atento. Ele dormirá como um bebê, veja só se não dorme."

Uma onda de calor e som me atingiu quando entramos na taverna. Muito nervosismo também. Esta não era a Casa de Kala. Eu era conhecido lá. Seguro. Bem, tão seguro quanto qualquer pessoa poderia estar em uma casa de má reputação, onde negócios obscuros aconteciam em cantos escuros. Esta taverna era um ambiente completamente novo para mim. Eu era um estranho ali. Não fazia ideia do que esperar. Acontece que era muito parecido com todas as outras tavernas em que eu já havia entrado.

Todos os assentos frágeis do lugar estavam ocupados, todas as mesas atulhadas com uma variedade de canecas lascadas e descombinadas, quase vazias. Feéricos, machos e fêmeas, sentavam-se em grupos, envolvidos em suas próprias conversas tranquilas. Eu já tinha visto muitas outras criaturas no Palácio de Inverno, mas a enorme variedade de outras criaturas ali quase me derrubou.

Seres altos, magros, de membros finos, com pele semelhante à casca de árvore e mechas de cabelo branco, fino e esvoaçante.

Coisas pequenas e sem pelos, com pele cor de carvão e olhos âmbar semicerrados, dentes afiados como agulhas.

Dois machos com pernas peludas e felpudas e pés fendidos estavam sentados no bar, com chifres longos e estriados saindo de suas testas e descendo por suas costas.

Criaturas com narizes bulbosos e pele verde, e criaturas com cabelos castanho-avermelhados, grossos e esvoaçantes que caíam ao redor de suas cabeças, foram apanhadas por uma brisa invisível.

Para onde quer que eu olhasse, havia uma variedade de criaturas tão selvagens, maravilhosas, estranhas e assustadoras que eu mal conseguia respirar.

Kingfisher puxou o capuz da capa e abaixou a cabeça, lançando o rosto para a sombra enquanto nos aproximávamos do bar. Um enxame de pequenas fadas com asas finas esvoaçava ao redor de nossas cabeças, puxando meu cabelo, agarrando os fios soltos que haviam se soltado da minha trança, dando-lhes pequenos puxões fortes e violentos.

“Ai!” Tentei afastá-los, mas Kingfisher me pegou pelo pulso. "Eu não faria isso. Eles estão bêbados. Eles ficam malvados quando estão bêbados."

"Sou mil vezes maior que eles. Eu poderia esmagar... *Ahh!",* sibilei, afastando a mão da nuvem de ameaças esvoaçantes. Ali, bem na base da minha palma, havia uma marca oval perfeita. Uma gota de sangue surgiu do pequeno ferimento, brilhando como um rubi minúsculo. "Uma mordida? É uma marca *de mordida* ?", perguntei, estendendo a mão para Fisher ver, mas ele nem olhou.

“Eles não só ficam bravos quando você tenta esmagá-los no ar, mas também falam a língua comum das fadas e se ofendem quando você insinua que é

Vou esmagá-los até a morte. Cerveja, por favor. Duas. E uma dose da sua bebida mais forte também.

O barman era um homem baixo e rechonchudo, com cabelos grisalhos e crespos, nariz adunco e as sobrancelhas mais espessas que eu já tinha visto. Ele resmungou ao pedido de Fisher, sem dar atenção a nenhum de nós enquanto ia buscar nossas bebidas.

Quando voltou, despejou duas canecas, derramando uma boa quantidade da nossa cerveja no balcão, e então deslizou um pequeno copo com um líquido verde de aparência nociva para Kingfisher. Kingfisher pagou sem dizer uma palavra, pegou nossas canecas e a dose e se escondeu na multidão para encontrar um lugar para sentarmos.

Tivemos sorte. Duas mulheres feéricas em vestidos azul-royal e grossas capas de viagem se levantaram de uma mesa no canto, perto da lareira, bem na hora em que passávamos. Kingfisher baixou a cabeça, olhando para as botas enquanto esperava que elas se afastassem, então empurrou o queixo, indicando que eu deveria me sentar primeiro. Onyx, que estava grudado ao meu lado como se fosse minha sombra desde que entramos na taverna, correu para debaixo da mesa.

Sibilei quando meu traseiro tocou o assento de madeira. Deuses, como doeu. Eu nunca mais conseguiria me sentar sem respirar fundo. O sorriso irritante de Fisher era a única parte do seu rosto visível sob o capuz escuro.

"Que bom que você achou isso engraçado", reclamei, aceitando a cerveja que ele me entregou.

"Acho *hilário",* ele retrucou. "Você tem sido um pé no saco desde que nos conhecemos. Agora o universo resolveu *te deixar* esperto."
Eu chamaria isso de justiça.”

"Eu diria que é muito irritante. Espera aí, o que você está *fazendo* ?"

Ele estendeu o braço por cima da mesa e agarrou meu pulso. Tentei puxá-lo de volta, mas seu aperto era como um torno. Sibilando entre os dentes, Fisher deu um puxão nada gentil no meu braço. "Escute. Nas últimas doze horas, você foi mordido por aquela raposa sarnenta, queimado por uma espada que você não deveria ter tocado e agora mordido por uma Fada também. Você não é daqui. Provavelmente existem inúmeros germes e doenças flutuando no ar que poderiam te enterrar. Seu corpo está fraco e demora para se curar. Preciso desinfetar todos esses cortes e arranhões antes que você fique com febre e... morrer . ”

Parei de me esforçar contra sua força, a contragosto. "Cuidado, Martim-pescador. Vou começar a achar que você realmente se importa com o meu bem-estar se continuar... ahh!
Ahh, ahh, ahh! Ai, isso *dói pra caralho!*

Ele não me avisou. Despejou o licor verde-vivo do copo na minha mão e apertou meu pulso com ainda mais força enquanto meus dedos tremiam. Debaixo da mesa, Onyx soltou um gemido nervoso, arranhando minhas pernas.

"Respire", ordenou Fisher. "Vai passar num instante."

A dor começou a diminuir depois de um instante, mas minha raiva... essa era outra história. "Você é doente", sibilei. "Você gostou disso. Que tipo de homem gosta de machucar as pessoas?"

Seu rosto era uma máscara inexpressiva quando ele me soltou. “Eu não gosto de machucar as pessoas. Eu não gosto nem um pouco. Mas isso não significa que não seja necessário. Para evitar uma dor muito mais séria, às vezes temos que suportar uma pequena ferroada. Às vezes, alguns de nós temos que *infligir* isso. Você diz isso de forma tão irônica, mas eu me *importo* com o seu bem-estar. Você é importante. Sem você, não posso acabar com esta guerra nem proteger meu povo. Tenho que mantê-lo seguro para que eu possa alcançar meus objetivos. Então, sim, eu vou machucá-lo se isso significar que eu o manterei seguro. Vou forçá-lo a me seguir até os confins deste reino, porque essa é a única maneira de garantir que você permaneça vivo. Agora beba sua cerveja.”

Ele fazia tudo parecer tão razoável. Que estava fazendo o que era certo e justo para o bem comum, mas que havia outras maneiras de fazer isso. Maneiras mais suaves e gentis. Ele claramente não sabia nada sobre isso. O mundo tinha sido cruel com ele, então ele era cruel de volta. Eu não precisava de mimos. Estava acostumada a lidar com fatos cruéis. Eu tinha perdido a conta de quantas vezes fui maltratada ou que me deram uma surra, mas isso não significava que Fisher precisasse ser tão babaca em relação a tudo isso.

Tomei um gole da minha cerveja, já sabendo que um gole só não seria suficiente para melhorar meu humor. Eu esperava que fosse ruim, mas a cerveja tinha um gosto forte e amendoado, e era bem agradável. *Muito* agradável. "Vá com calma", avisou Fisher quando tomei outro gole enorme. "É forte."

Esse idiota realmente *achou* que eu era fraco. Ele não sabia nada sobre os jogos de bebida que eu tinha jogado e ganhado em Zilvaren. E isso era beber uísque, não cerveja, pelo amor de Deus. Mesmo assim, eu não era idiota o suficiente para virar a minha caneca inteira só para provar um ponto. Aquelas eram terras desconhecidas, e eu não tinha um mapa, tanto literal quanto figurativamente.

Estreitei os olhos para Kingfisher. "Quando Carrion vai acordar?"

"Como eu vou saber?" Fisher bebeu da sua própria cerveja, os olhos verdes brilhando para mim por cima da caneca. De dentro das sombras escuras do capuz, eles pareciam brilhar de uma forma extraordinária.

"Fiquei inconsciente por dez dias. Você está planejando carregá-lo no seu cavalo por dias a fio?" "Não", ele respondeu simplesmente.

"O que você quer dizer com não?"

"Quer dizer, não, não estou planejando fazer isso. Você estava à beira da morte. Foi por isso que demorou tanto para acordar. E não precisaremos cavalgar mais para chegar onde queremos, então a carreira do seu amigo como alforje já chegou ao fim."

“Para onde você está me levando?”

“Para casa.”

"E *onde* é o meu lar?", insisti, com a frustração aumentando.

Ele tomou um longo gole de cerveja, os músculos sob a pele tatuada do pescoço se contraindo. "O lugar onde eu nasci."

"Urgh! Você precisa ser tão difícil assim?"

Seus olhos brilharam. "Não é obrigatório, mas eu gosto."

“Martim-pescador!”

"Estou levando você para as terras da fronteira, Osha. Um pequeno feudo bem no limite do território Yveliano. Um lugar chamado Cahlish."

Cahlish? Eu já tinha ouvido esse nome várias vezes. Everlayne queria que Ren levasse Fisher de volta para lá antes que ele fosse descoberto no Palácio de Inverno. Belikon dissera que Fisher poderia ficar no palácio por uma semana antes de ter que voltar.

"Isso é sensato? O Rei já estava mandando vocês para lá, de qualquer jeito. Ele não vai aparecer lá, procurando por nós?"

Fisher balançou a cabeça. “Meu pai e Belikon tinham uma longa história. Ele viu o que Belikon planejava muito antes de assassinar a família real e roubar a coroa para si. Ele tomou precauções e protegeu suas terras para que nem Belikon nem nenhum de seus apoiadores pudessem cruzá-las. Ele era poderoso, e seus protegidos eram fortes. Eles permanecem tão sólidos quanto sempre. Belikon pode viajar até as fronteiras de Cahlish, mas não pode entrar. Enquanto eu viver e continuar a linhagem do meu pai, ele nunca o fará.”

Bem, essa era uma ótima notícia. Mas havia *outras* coisas com que se preocupar. "Desculpem-me se estiver errado, mas eu tinha a impressão de que Cahlish era uma frente de batalha", eu disse.

"Isso é."

"Não. Mas. Uma zona de guerra de verdade."

Fisher tirou um pedacinho de detritos flutuantes da cerveja. "Isso mesmo."

"Então você faz um grande discurso sobre me manter segura para salvar seus amigos", eu disse lentamente, "e *então* você me diz que está me arrastando direto para o meio de um conflito aberto?"

“Parece divertido?”

“ Como diabos eu vou conseguir sobreviver no meio de uma zona de guerra, Fisher?”

Quando ele riu dessa vez, o som foi oco. "Ficando perto, Osha. *Bem* perto."

Bebi três cervejas e dei a Onyx a maior parte da refeição que Fisher pediu para nós, debaixo da mesa. O ensopado de carne defumada me deu água na boca, mas eu mal conseguia engolir. Carrion Swift estava no celeiro lá fora. Carrion Swift, quando eu queria Hayden. Eu estava preso a um juramento de

sangue e não tinha conseguido o que esperava nem um pouco. Na melhor das hipóteses, meu irmão ainda estava preso em Zilvaren, com fome, sede e olhando por cima do ombro a cada segundo para os guardiões de Madra. Na pior das hipóteses, ele já estava morto por minha causa, e não havia nada que eu pudesse fazer para consertar isso. Então, sim. Meu apetite era inexistente.

Ren apareceu duas horas depois que nossas tigelas de ensopado foram retiradas. Eu o vi entrar, seu corpo alto preenchendo a porta da taverna, seus longos cabelos cor de areia molhados pela neve. Uma onda de alívio me atingiu. Finalmente, uma voz da razão.

O general de Belikon me viu primeiro, ainda encolhido num canto perto da fogueira, e a tensão entre suas sobrancelhas se dissipou instantaneamente. Ao ver as costas de Kingfisher, o capuz de sua capa ainda escondendo suas feições, abriu um sorriso tão cheio de alívio que me fez doer o peito. Minha expressão deve ter sido a mesma de Ren quando pensei, por aqueles breves instantes, que Fisher havia trazido Hayden de volta com ele. Aqueles poucos momentos felizes em que pensei que meu irmão estava vivo e seguro...

Deuses.

Kingfisher se virou para encontrar o amigo assim que chegou à nossa mesa, com um sorriso largo e genuíno no rosto. Levantou-se e Ren o puxou para um abraço apertado, dando-lhe um tapinha nas costas. Quando o general o soltou, mantendo-o à distância de um braço, ele bufou bruscamente e deu um tapinha na bochecha de Fisher. "Você, meu amigo, está oficialmente *ferrado."*

"A Everlayne está furiosa. Ela nunca mais vai falar com você. O que você estava pensando?" Ren já tinha sua própria cerveja, o que significava que eu também tinha uma quarta na minha frente. Eu não me sentia nem um pouco bêbado. Estava cansado, dolorido e irritado além da conta, e queria minha cama de volta na Cidade Prateada. Querer era um jogo de tolos, no entanto, e Ren tinha vindo com novidades, então me recompus e me inclinei para perto para ouvir a discussão abafada que acontecia entre os dois machos.

“Tínhamos um plano”, Ren sibilou.

"Não olhe para mim. Nossa amiguinha aqui me forçou. Ela tentou cometer suicídio."

"Mentiroso! Eu não fiz isso!"

“Quando a encontrei, ela estava a dois segundos de dar um mergulho sem uma relíquia”, disse Fisher.

"Eu tinha o seu anel, espertinho. Achei que *tinha* uma relíquia."

Ele me olhou por cima da caneca, a prata ao redor da íris brilhando enquanto ele me dava um sorriso de boca aberta. "Ah? Você estava com o meu anel, não é? Gostaria de contar a história de como ele veio parar em sua posse,
Humano?"

"Isso é irrelevante." Lancei-lhe um olhar furioso e odioso.

— Não me importa o que Saeris levou — disse Ren, tenso. — *Você* levou o Alquimista de Belikon. E não só isso. Você levou a *espada* também.

A mão de Kingfisher apertou a caneca com tanta força que seus dedos ficaram brancos. "A última vez que ele pôs as mãos em uma espada importante, ele a usou para assassinar o verdadeiro rei e toda a maldita linhagem de Daianthus. Se Rurik Daianthus..."

Como você acabou de apontar, Rurik Daianthus se foi. Não adianta ficar brincando de "se ao menos" no que diz respeito a ele. Belikon *é* o rei. E, goste ou não, como rei, ele pode reivindicar o que quiser. As espadas dos deuses estão todas mortas. Agora são pesos de papel. Belikon não conseguiria causar mais dano com ela do que com uma espada comum. Você deveria ter deixado ele adicioná-la à coleção. Que mal teria feito?

" *Dano?* ", rosnou Fisher. "Tá brincando, né? Dano. Hah!" Ele balançou a cabeça. "Essa espada é uma relíquia sagrada, Renfis. Aquele desgraçado não é digno nem de olhar para ela, muito menos de empunhá-la. Prefiro morrer antes de permitir que Belikon a use no quadril. E você está errado. Nem todas as espadas estão adormecidas. Nimerelle—"

"Então, pegá-la não teve nada a ver com o fato de Solace ser a lâmina do seu pai? Não. Não, esqueça que eu perguntei. Eu já sei que essa é a verdade. Quanto à *sua* espada, Nimerelle está corrompida há anos", Ren fervia.

Kingfisher bateu as mãos na mesa, o capuz caindo. "Nimerelle é a única coisa que se interpôs entre Yvelia e a escuridão eterna nos últimos quatrocentos malditos anos!" Ele falava alto demais. Bravo demais. Sua fúria irrompeu, e as mesas ao redor ficaram em silêncio. As conversas pararam, as bebidas foram postas de lado e cem pares de olhos se voltaram para nós.

Fisher tremeu enquanto encarava Ren. Ele não percebeu quando sussurros de " *Renfis Orithian, Renfis Jurado de Sangue, Renfis do Lago Prateado* " começaram a se espalhar pela sala. Nem percebeu quando os sussurros se voltaram para ele. Não até que fosse tarde demais.

Martim-pescador.

Não. Não pode *ser.*

É verdade!

Ele retornou.

Ele está aqui.

Martim-pescador.

Martim-pescador.

Martim-pescador.

A ira de Fisher secou como fumaça. Ele baixou a cabeça, as bochechas ficando brancas como cinzas, apesar do calor da fogueira crepitante. O *"Porra" abafado que* ele murmurou era apenas uma forma em seus lábios. Não emitia som algum.

"Hora de ir", Ren gritou.

"O quê? Qual é o problema?" Olhei ao redor, tentando avaliar as emoções nos rostos que nos cercavam, mas tudo o que consegui ver foi choque. Relutantemente, Fisher *passou* algum tempo me explicando que tipos de criaturas eles eram. De onde todos tinham vindo. E agora os Fae, e as pequenas fadas que pairavam no ar, e os sátiros no bar, e os goblins, e os selkies, e todos os outros — todos estavam sem palavras. Para onde quer que eu olhasse, encontrava olhos arregalados e bocas abertas. Até mesmo o barman, que não nos lançou mais do que um olhar quando pedimos nossos... bebidas, estava congelado, no meio do polimento de um vidro

grosso— Não importa.

O copo caiu de suas mãos, quebrando-se ruidosamente no chão.

Renfis levantou-se da cadeira, de cabeça baixa. Estendeu a mão para mim e me ajudou a levantar. Lentamente, Kingfisher o seguiu. Seus ombros se curvaram em torno das orelhas, seus vibrantes olhos verdes indecifráveis; ele os mantinha fixos no chão.

Nós três seguimos em direção à porta, Kingfisher na frente. Eu o segui, Onyx agarrado com força em meus braços, Renfis me seguindo. Estávamos na metade do caminho para a porta quando um enorme guerreiro feérico, com longos cabelos loiros trançados, raspados nas laterais da cabeça, se colocou na frente de Kingfisher, bloqueando sua passagem. Ele era enorme. Facilmente tão alto quanto Kingfisher ou Ren. Suas feições eram elegantes, embora não houvesse nada de gentil nele. O olhar duro em seus olhos cor de estanho revelava derramamento de sangue. Arfei quando ele se ajoelhou aos pés de Kingfisher. "É uma honra me ajoelhar aos pés da Ruína do Dragão.

Por favor. Uma bênção, Comandante? Só... só se você achar necessário, é claro", gaguejou.

"Desculpe." Kingfisher colocou a mão no ombro do guerreiro. "Você me confundiu com outra pessoa."

O guerreiro loiro exibiu um sorriso pesaroso. "Meu primo lutou com você e seus lobos em Ajun-Sky. O jeito como ele descreveu você..." Ele balançou a cabeça, desculpando-se. "Você é o Rei Pescador. Não pode ser outra pessoa."

A garganta de Fisher se contraiu. Eu o vi lutar para encontrar as palavras, esforçando-se para forçá-las a sair da boca. "Eu posso me encaixar na descrição do seu primo... por *fora.* Sinto-me honrado por ele ter se lembrado de mim para você. Mas... eu não sou o homem com quem ele lutou em Ajun. Me desculpe, irmão. Eu..."

"Você salvou a bandeira ondulante do orgulhoso Annachreich ocidental", interrompeu o guerreiro loiro. "Ao amanhecer, no quinto dia, você clamou contra o sol nascente e despertou os corações do nosso povo, de modo que mesmo aqueles que estavam prontos para atravessar a porta negra se afastaram da morte e encontraram forças para encontrar seus pés. E seus arcos. E suas espadas. E seus amigos. Você liderou o ataque na montanha vermelho-sangue..." A voz do guerreiro falhou.

Uma feérica alta aproximou-se dele, vestida com uma armadura de couro de patrulheira. Seu rosto exibia uma cicatriz irregular que contorcia seu lábio inferior. "Em Sinder's Reach, você subjugou a horda que ameaçava queimar tudo o que meu povo havia construído. Cinquenta mil pessoas. Cinquenta mil *vidas* . Templos. Bibliotecas."

Escolas. Lares. Todos eles ainda existem hoje. Graças a você.”

Um músculo se contraiu no maxilar de Kingfisher. Ele não conseguia olhar nos olhos da fêmea.

No bar, um dos sátiros com os chifres impressionantes e as pernas peludas de bode deu um passo à frente. Seus olhos brilhavam intensamente, refletindo as chamas do fogo crepitante na lareira enquanto ele erguia o copo para Kingfisher. "Innishtar", declarou ele com uma voz grave e grave. "Não era tão grandiosa quanto essas outras. Apenas uma cidade pequena. Não fomos gentis com vocês quando chegaram. Naquela época, os feéricos e meu grupo não eram os aliados que somos agora. Mas cinco de vocês resistiram à escuridão naquela noite. Vocês salvaram quatrocentos. *Vocês* também estavam lá, Renfis dos Orithianos."

Ren inclinou a cabeça, os olhos escuros tristes. "Eu me lembro", disse ele suavemente.

O sátiro ergueu o copo um pouco mais alto, primeiro para Ren e depois para Kingfisher. "Uma vida inteira de gratidão a vocês dois pelo que fizeram. Embora nunca seja o suficiente. *Sarrush* ." Ele pressionou o copo contra os lábios e virou o líquido âmbar que havia dentro.

“Sarrush!”

“Sarrush!”

Ao redor do bar, uma xícara ou um copo foi erguido na mão de cada cliente. Todos gritaram a palavra. Todos beberam.

“Você salvou a ponte em Lothbrock.”

“Você segurou a Passagem de Turrordan até a neve chegar.”

“Você lutou contra Malcolm nas margens do Darn até que o rio corresse negro com o sangue deles.”

Repetidamente, os clientes da taverna se levantavam e conversavam. Parecia que todos tinham uma história. Kingfisher permaneceu em silêncio, com a garganta rangendo. Por fim, não conseguiu mais manter o silêncio. "Eu não... eu só..." Seus olhos estavam distantes. "Isso foi há *muito* tempo. Essa pessoa não existe mais." Ele passou correndo pelo guerreiro feérico ainda ajoelhado a seus pés, escancarou a porta da taverna e desapareceu na noite.

Fiquei olhando para ele, incapaz de compreender o que acabara de ver e ouvir. Tudo isso por Kingfisher. Kingfisher *e* Ren. Tantas histórias de batalhas valentes e probabilidades impossíveis. Pela maneira como os dois machos reagiram ao perceberem que haviam sido reconhecidos, pensei que estávamos prestes a ser atacados. Mas isso não poderia estar mais longe da verdade. Para mim, Kingfisher era um bastardo mal-humorado e desbocado em quem eu não mijaria, mesmo que estivesse pegando fogo.

Para todos dentro desta taverna, ele era um deus vivo.

16

PORTÃO DAS SOMBRAS

O inferno nos esperava na clareira lá fora.

A bocarra espiralada de sombra e fumaça era pequena. Grande o suficiente apenas para engolir um cavalo, talvez. Conveniente, já que Kingfisher estava na frente dela com Bill, Aida e a montaria baia de Ren. O corpo inerte de Carrion já estava caído sobre os quadris de Bill. Ele havia perdido uma bota em algum lugar entre o celeiro e a clareira, e Fisher obviamente não havia considerado a perda importante o suficiente para fazer algo a respeito. Eu também não me importava muito com a bota perdida de Swift; estava ocupado demais olhando para o vórtice negro e giratório atrás de Fisher para registrar qualquer outra coisa.

A maneira como ele puxava a luz, atraindo o brilho alaranjado das janelas da taverna em sua direção, torcendo-o em fios finos que sugava para a singularidade giratória em seu centro, me fez querer me afastar dele bem devagar. Eu havia colocado Onyx de volta na bolsa antes de sair da taverna, mas eu o sentia tremendo contra minha espinha, como se ele pudesse sentir a força estranha através da estopa e não gostasse nem um pouco disso.

Rajadas de vento chicoteavam as ondas escuras de Kingfisher, jogando-as em seu rosto. A gorjeta prateada estava de volta à sua garganta. Brilhava, a cabeça de lobo gravada com mais ferocidade do que nunca. Depois de como ele acabara de se comportar na taverna, eu esperava encontrar Fisher em um estado de fúria, mas seu rosto estava inexpressivo, seus ombros relaxados enquanto ele me entregava as rédeas de Aida e se virava para a parede de fumaça retorcida. "Vamos acabar logo com isso", disse ele baixinho. "Você segue Ren. Eu estarei logo atrás de você."

Os pelos dos meus braços se arrepiaram. "Eu... eu não vou entrar nessa. O que *é* ?"

“É um portal de sombra. Um meio para um fim. Você pode usar isto, ou pode passar os próximos dois meses a cavalo, dormindo em valas nevadas e catando comida. O que será?”

"Vou ficar com a segunda opção." Nem precisei pensar. Minha bunda acabaria se acostumando com a sela, e a capa que o Martim-pescador me dera era excelente para me proteger do frio. Eu passara metade da minha vida caçando meu próprio jantar nas dunas de Zilvaren. Além disso, eu não tinha interesse em entrar numa zona de guerra. Adiar nossa chegada a Cahlish parecia uma opção fantástica.

Fisher franziu os lábios. "Deixe-me reformular. Você está passando pelo portal, humano."

Dei um passo para trás, soltando as rédeas de Aida. "Não estou."

Kingfisher me observou, com uma sobrancelha arqueada de interesse. "Está pensando em correr? Pelos deuses, espero que sim. Dou-lhe uma vantagem, se quiser. Faz séculos que não caço *nada* ."

" Vamos lá, Fisher", disse Ren, cansado, calçando um par de luvas de couro. "Ela está assustada. Dê um tempo para ela se acostumar com a ideia."

"Não estou com medo", menti. "Só não vou passar por isso. Provavelmente nunca vou conseguir sair do outro lado."

Kingfisher abriu a boca, prestes a dizer algo provocador e maldoso, sem dúvida, mas a porta da taverna se abriu e figuras sombrias começaram a emergir. Os olhos de Fisher endureceram, e o que quer que ele estivesse prestes a dizer morreu em seus lábios. "Não temos tempo para isso. Ren passará pelo portão. Você o *seguirá* . Seu juramento a mim não lhe deixará escolha."

Ren ficou imóvel. Seus olhos se fixaram em Kingfisher. O guerreiro deve ter sentido a intensidade ardente do olhar do general, mas Fisher nem sequer olhou na direção do amigo. "Diga que eu ouvi errado", disse Ren. "Diga que você não ligou essa garota a você com um juramento." "Atravesse o portão, Ren", ordenou Fisher.

“Um *juramento?* ” ele sussurrou.

"Ela recebeu algo em troca", Fisher resmungou. "Agora, por favor. Passe pelo portão. Podemos discutir isso do outro lado."

Ren balançou a cabeça, com uma mistura de consternação e decepção estampada em seu rosto. Ele parecia não saber o que dizer. Pegando as rédeas de Aida, devolveu-as para mim e disse: "Não se preocupe. Não é nada demais. Você vai ficar desorientada por um instante, mas continue andando. Vai acabar em segundos, eu prometo."

Foi uma gentileza, essa garantia de Ren. Sem ela, meu medo teria me devorado vivo quando o general se adiantou e conduziu seu cavalo para a escuridão total.

Eu não iria segui-lo.

Eu não faria isso.

Elroy não disse que eu tinha uma teimosia de um quilômetro de largura sem motivo. Minha força de vontade *era* mais forte do que o juramento que eu fizera a Fisher. Tinha que ser. Cerrei o maxilar e decidi aproveitar a expressão de irritação no rosto de Kingfisher quando eu não seguisse Ren. Mas Kingfisher apenas me deu um sorriso de boca fechada enquanto meu corpo se movia por conta própria, seguindo seu comando sem minha permissão.

Meu pulso disparou enquanto me aproximava do portão sinuoso, com a respiração presa na garganta. Como ele pôde fazer isso? Ao usar o juramento contra mim, forçando-me a me curvar à sua vontade, ele me despojou da minha. Mesmo lá no Salão dos Espelhos de Madra, quando lutei pela minha vida e Harron me superou, eu não me sentia tão impotente.

Minha mente se agitou enquanto a ponta da minha bota desaparecia no portão giratório. Eu teria implorado para Fisher ceder, mas a expressão pétrea do guerreiro prometia que isso seria perda de tempo. "Vou te odiar para sempre por isso", sibilei para ele.

E então entrei no portão.

O vento negro e uivante me virou do avesso.

Eu me tornei isso.

Tornou-se eu.

Minha mente se espalhou em mil direções diferentes, arrancada de mim em um instante.

Eu não era nada.

Eu era cego. Eu era surdo. Eu era um sussurro sem alma, tremendo no escuro.

E então eu senti dor.

Ela me atravessou, explodindo nos meus joelhos, pulsos e palmas das mãos. Floresceu atrás dos meus olhos, luzes brilhantes brilhando, queimando minhas retinas. Vermelha.
Laranja. Branco. Verde.

Abri os olhos com um suspiro e só tive tempo de respirar fundo antes que meu estômago virasse de cabeça para baixo e expelisse os poucos pedaços de ensopado que eu tinha comido na taverna, espalhados por um chão áspero de pedra.

"Meu Senhor", disse uma voz atordoada. "Eu... Deuses. Sinto muito, eu... nada está preparado. Não tínhamos ideia!"

"Está tudo bem, Orris." Quando Ren falou, parecia distante. "Obrigado. Leve os cavalos e certifique-se de que estejam bem agasalhados esta noite. Vai ficar muito mais frio antes do amanhecer."

"Mas-"

“Sim, eu sei. O Fisher voltou. Ele vai falar com a gente amanhã, tenho certeza. Por enquanto, acho melhor darmos um tempinho para ele se acostumar. Se você puder manter isso em segredo até amanhã...”

"Claro, senhor. Claro."

O mundo estava de lado. Minha têmpora estava fria. Fria como gelo. Levei um longo momento para perceber que estava deitado no chão e que minha cabeça repousava sobre uma pedra dura. Observei Kingfisher se afastando por um longo corredor — sozinho, em silêncio, de cabeça baixa — e jurei com todas as minhas forças que faria o filho da mãe pagar por isso.

Tentei me levantar, mas quando me apoiei em um cotovelo, o teto arqueado virou chão, subiu, desceu, e outra onda de vômito subiu pela minha garganta. Vomitei pela segunda vez, com a respiração ofegante, enquanto tentava recuperar o fôlego.

"Ah, Saeris. Me desculpe. Me dá a mão."

Me deixe em paz. Afaste-se de mim, porra. Não me toque. Pensei em gritar essas coisas para Renfis, mas havia compaixão genuína em sua voz. E não era culpa dele. Ele não havia tirado meu livre-arbítrio. Ele não havia me trazido aqui para este lugar miserável ou me enganado para concordar com um contrato de sangue que efetivamente me transformou em seu maldito fantoche. Aceitei a mão que ele me ofereceu, choramingando enquanto minhas pernas tremiam.

Felizmente, você não passará por isso de novo. Por algum motivo, os portais só nos afetam na primeira vez que os usamos. Para a maioria de nós, é só uma leve tontura. Talvez uma dor de cabeça. Para um humano, parece

ser um pouco mais do que isso. Ninguém vê um humano há muito tempo. Há muita coisa que esquecemos. Me desculpe.

"Você não precisa se desculpar comigo. Não por *ele",* eu disse, ofegante.

Ren soltou um suspiro tenso. "Ele não é... o que você pensa que ele é."

"Um canalha? Ele é mesmo um canalha."

O general estremeceu um pouco enquanto eu tentava me endireitar. "Você consegue andar? Ah. Não. Merda. Você nem consegue ficar em pé. Uhh... tá. Tudo bem. Eu te peguei." Não há nada mais indigno do que cair nos braços de um homem que você mal conhece. Mas não havia muito que eu pudesse fazer. Minha cabeça não parava de girar e eu definitivamente ia vomitar de novo. Eu não conseguiria me livrar dos braços dele nem se tivesse tentado. Não dei um pio quando ele me levantou.

Minha cabeça parecia que ia rachar. "Espera aí. Ônix.
Onde está... Ônix?"

"Não se preocupe. Eu o peguei. Ele estará com você quando você acordar."

"Obrigada." Fechei os olhos, tentando respirar apesar do desconforto quando Ren começou a andar comigo.

"Ele costumava ser mais gentil", sussurrou Ren. "Mas o mercúrio dentro dele... Torna difícil para ele pensar direito. Isso o desgasta. É exaustivo para ele, bloquear as vozes. Isso o tornou duro. *"* Havia tanta tristeza em sua voz enquanto ele falava. Isso me fez querer abrir os olhos, ver que tipo de expressão ele estava fazendo, mas não consegui.

"Você não deveria dar...desculpas...para ele."

Não são desculpas, Saeris. Eu o conheço a vida toda. Nascemos de pais diferentes, mas somos irmãos em todos os outros aspectos importantes. Eu o *conheço* melhor do que a mim mesmo. Na primeira vez que Belikon o forçou a viajar sem uma relíquia, a prata o infectou tão gravemente que pensei que o tínhamos perdido de vez. Sua mente estava tão fragmentada. Digamos que levou muito tempo para se recuperar. Os curandeiros fizeram o possível, mas o fragmento que ficou em seu olho o atormenta dia e noite. A relíquia de sua mãe não parece mais ser tão eficaz. E agora ele foi exposto ao mercúrio *duas vezes* sem ela novamente. Eu... eu simplesmente não sei mais o que esperar dele.

"Onde..." Respirei fundo, "...ele estava?"

"Mm?" O som interrogativo que Ren fez vibrou em meu ouvido.

"Você disse... que não o via há... cento e... dez anos. Onde ele *estava ?"*

Um silêncio pesado se instalou. Por um longo tempo, o som dos passos de Ren ecoando nas paredes foi a única coisa que o perturbou. Mas então ele suspirou profundamente, como se estivesse se decidindo sobre algo, e disse: "Não posso te dizer isso. Não seria justo. Ele mesmo te contará em algum momento, talvez. Mas até lá..."

Não quis insistir no assunto. Eu me sentia mal demais para falar. E quem se importava com onde Kingfisher estivera? Ele poderia ter passado o último século preso dentro de uma daquelas árvores em The Wicker Wood, por mais que isso fizesse diferença. Não havia desculpa para o jeito como ele estava me tratando. Nenhuma que eu aceitasse.

Eu não sabia para onde Renfis, o Orrithiano, me levou. Eu já estava inconsciente quando ele me levou até lá.

"Seria uma pena ter que beliscar você, mas estou ficando entediado, e esse animal raivoso continua me mostrando os dentes." Eu gemi.

Virou.

Eu estava flutuando numa nuvem. Era o paraíso. A nuvem mais confortável que eu já...

Eu me endireitei, agarrando a lateral do meu corpo. *"Porra!"* A pele logo acima do meu quadril latejava dolorosamente. "Mas que pffff..." Parei de falar quando vi o bandido ruivo parado aos pés da minha cama. Não, não era a minha cama. *Uma* cama. Quente. Confortável. Enorme. Mas não a minha. Onyx sentou-se na ponta dela, mostrando os dentes para um Andorinhão Carniceiro de aparência muito desgrenhada, que erguia as mãos em sinal de rendição.

"Olha! Olha! Shh, está tudo bem. Ela acordou. Eu não a matei. Pare de exagerar."

"Se você tocar nessa raposa, eu vou esfolar você", rosnei para ele.

Os olhos azul-claros de Carniça encontraram os meus, cheios de uma falsa mágoa com a qual eu estava mais do que familiarizado. "E olá para você também! Que tipo de cumprimento é esse? E depois de termos sido tão cruelmente separados por tantas semanas também."

Afastei as cobertas e me joguei para fora da cama. Em um piscar de olhos, encostei Carniça na parede e apontei o dedo furioso para a cara dele. "Você

tem sorte de eu não ter quebrado seus dentes", retruquei. "Que diabos você estava tramando, dizendo ao Fisher que era o Hayden?"

As mãos do ladrão ainda estavam no ar. Ele olhou para o dedo indicador que eu estava apontando para o seu rosto, sorrindo como se estivesse se perguntando o que eu pretendia fazer com ele. Ele não hesitou em dizer: "Você deveria me agradecer. Aquele monstro psicótico parecia estar planejando assassinar seu irmão. Eu fiz um favor a ele. Se não fosse por mim..."

"Cala a boca e me diz, ele está *vivo,* Carniça? Eu preciso... eu preciso saber." Meu coração estava na garganta. Toda a minha existência dependia do que quer que saísse da boca de Carniça em seguida. Esperei que sua expressão se tornasse sombria ou pelo menos um pouco mais séria, mas o sorrisinho irritante de Carniça permaneceu firme.

"Claro que ele está vivo. Por que não estaria vivo?"

“Porque Madra... Madra jurou que iria encontrá-lo e matá-lo.
Ela disse que iria destruir a enfermaria.”

Ele franziu a testa. "E por que raios ela faria *isso?"*

"Você sabe por quê! Porque eu aceitei aquela maldita luva!"

"Ah, sim, é isso mesmo." Ele se afastou da parede, os olhos azuis brilhando de alegria. "A manopla. Aquela que eu aconselhei você a tirar do Terceiro, antes que nosso povo começasse a se machucar? *Aquela* manopla?"

Eu ia machucá -*lo* . Muito. "Chega, Carniça. Eu sei que estraguei tudo, sem dúvida. Já me sinto péssimo o suficiente. Só me conta o que aconteceu. Hayden ainda está vivo mesmo?"

— Sim, sim, ele ainda está vivo. Deuses, você nunca foi paciente. — Ele revirou os olhos. — Hayden está no Sétimo. Eu consegui os documentos para ele e o transferi naquela primeira noite, quando você foi levado para o palácio. Ele agora tem um emprego remunerado como balconista. Não é um trabalho glamoroso, mas é melhor do que não ter emprego nenhum. Ele tem rações triplas de água e um quarto em cima da loja. Não o visito há alguns dias. Não queria chamar muita atenção, já que ele é um rosto novo e tudo, mas ele está confortável. Não posso dizer que esteja feliz. Ele está pensando em todo tipo de jeito de tirar você do palácio, mas...

"Pare! Pare, pare, pare. Só... espere." Cobri o rosto com as mãos.

"Merda. Você está *chorando?* Imaginei que ficaria feliz." Hayden estava vivo. Hayden estava *vivo.*

Ele estava seguro.

Ele estava no Sétimo. Tinha um emprego, um teto sobre a cabeça, comida e água também? Meu corpo inteiro tremeu de alívio. Deixei as mãos caírem ao lado do corpo, me recompondo, tentando pensar pragmaticamente. "Madra ainda não o encontrou." Funguei, pigarreando.

“Madra não está procurando por ele.”

“Mas os guardiões...”

"Estamos todos preparados para o Crepúsculo. É daqui a um mês. A cidade inteira está fervilhando com a conversa sobre o presente que ela vai nos dar este ano. Ela mandou os guardiões construírem um palco no centro da praça do mercado." "Tem certeza de que não é uma forca nova?", perguntei, desconfiado.

"Definitivamente não é uma forca. Tem flores por toda parte."

“ *Flores?”*

“ Sim, flores.”

"Conte-me tudo o que aconteceu depois que os guardiões me levaram para o palácio", exigi. Tinha que haver algo. Algum tipo de ato terrível de violência que abalou os alicerces da nossa ala. Madra era muitas coisas, e benevolência não era uma delas. Mas Carniça apenas soltou uma risada seca.

Está tudo bem. Elroy tem sido um verdadeiro pé no saco, claro. Ele vai até os portões todos os dias e exige te ver, mas eles continuam recusando. Ele volta para a forja e começa a trabalhar, reclamando da bagunça que você o deixou. Hayden está lidando com a consciência pesada da melhor maneira possível. Ele se culpa por você ter sido levada. Fora isso, o Terceiro continua como sempre sem você. Imagine *só.* O mundo, audacioso o suficiente para continuar sem Saeris Fane.

"Estou falando sério, Carniça. Você não ouviu. Ela jurou que todos no Terceiro Mundo *morreriam."*

"E ainda assim ninguém fez isso", disse ele, dando de ombros. "Agora, acho que fui bem paciente enquanto repassávamos toda essa história de desafio. Acho que é a minha vez de me explicarem algumas coisas. Principalmente, onde diabos estamos, por que estamos aqui, as pessoas que entraram aqui há cerca de meia hora e colocaram as mãos em você eram realmente *Fae*, ou eu tive uma alucinação com essa parte, e por último..." Ele apontou para o pé. "Onde diabos está a minha outra bota?"

“ Alguém entrou aqui e me *tocou* ?”

Carniça jogou a cabeça para trás, gemendo. "Todas essas perguntas e você responde fazendo uma das suas. Deuses. Sim, eles vieram e tocaram suas mãos várias vezes. Disseram que estavam te curando."

De fato, quando olhei para as minhas mãos, a mordida que Ônix me dava quando estava com medo havia sumido, assim como o pequeno hematoma da fada. A marca de queimadura de Nimerelle ainda estava lá, mas por pouco. A pele da minha palma estava sensível ao toque, mas estava rosada novamente e não parecia que fosse mais se abrir e começar a expelir pus.

Martim-pescador. Ele tinha enviado curandeiros. Ele estava realmente levando a sério a ideia de que eu não tivesse febre. Mas ele levaria, não é? Eu não passava de uma ferramenta para ele, e como ele me usaria se eu estivesse morto?

Pela primeira vez desde que acordei, avaliei a situação. Hayden estava vivo e bem. Elroy também. Pelo menos por enquanto. Mas agora, eu estava preso nas terras fronteiriças de Yvelian, no meio de uma guerra entre facções de imortais em conflito, e Carrion Swift me instigava a explicar o porquê.

Expliquei tudo o que sabia, movendo-me pelo quarto e inspecionando os arredores. O quarto não tinha janelas, o que foi minha primeira decepção. Não havia como avaliar a paisagem ao nosso redor, e também não havia como ascender para a liberdade. O quarto — porque era um quarto — tinha o dobro do tamanho do meu quarto no Palácio de Inverno. Havia quatro grandes camas de casal, duas de cada lado do espaço, forradas com grossas e belas colchas em tons vibrantes de azul e verde, cada uma delas adornada com montes de travesseiros e almofadas. Um tapete felpudo cobria a maior parte do piso de pedra. Tapeçarias de tecido pendiam das paredes. Uma grande lareira crepitava no fundo do quarto, ao lado da qual uma mesa larga estava carregada com tigelas de frutas, pão, carnes defumadas e queijos, sem mencionar quatro jarras de cobre com água e duas pias separadas.

Nada disso foi tocado.

Pela aparência dos lençóis amassados e dos travesseiros desarrumados, Carrion devia ter dormido na cama mais próxima da mesa, o que significava que a comida teria sido uma das primeiras coisas que ele viu ao acordar, mas ele nem sequer havia se servido de um copo d'água.

Ele ficou de pé, com os braços cruzados sobre o peito, a testa franzida e a cabeça inclinada para o lado, enquanto me ouvia, absorvendo os detalhes de tudo o que havia acontecido comigo, sem a menor indicação de que acreditava no que eu dizia. Quando terminei, ele soprou as bochechas e sentou-se pesadamente em uma das cadeiras perto da lareira, passando as mãos pelos cabelos.

"Então você beijou aquele cara. Aquele com a espada assustadora e o mau humor?"

Olhei para ele sem entender a pergunta por um instante. Por fim, perguntei: "O que isso tem a ver?"

Carniça balançou a cabeça. "Você tem razão. Me ignore. Então, você tem a habilidade de despertar esse mercúrio. A poça para onde seu novo namorado me arrastou..."

“Ele *não é* meu namorado.”

— e ninguém mais foi capaz de fazer isso por mil anos. E agora você fez uma promessa inquebrável a um guerreiro feérico lendário e malévolo que pode ser completamente louco. Você não sabe o que ele quer de você—

"Ele quer que eu faça relíquias para ele. Para que mais membros das Fadas possam viajar sem perder a razão."

“Mas como você vai fazer isso?”

“Ela está prestes a descobrir.”

Instintivamente, estendi a mão para a adaga que deveria estar na minha coxa, mas fechei a mão em volta do ar rarefeito. Kingfisher estava parado na porta, a mão descansando casualmente no punho de Nimerelle. Suas sobrancelhas se juntaram, formando um nó acima dos olhos verdes brilhantes. Uma nuvem pesada sempre parecia segui-lo, mas havia algo extra sombrio e tempestuoso em Kingfisher hoje. Ele não usava armadura sobre a camisa e as calças pretas, mas a gorjeta prateada cobria sua garganta, como sempre.

Carrion se irritou quando Fisher entrou na sala, posicionando seu corpo entre mim e o guerreiro de cabelos escuros, o que arrancou um sorriso divertido de Kingfisher enquanto ele olhava ao redor.

"Só para você estar completamente munida de *todos* os fatos", disse ele em tom suave. "Sou apenas *meio* louco. E sim, sua amiga está ligada a mim. Ela te disse que ela é a única razão pela qual você ainda está viva?" Fisher pegou uma maçã da tigela sobre a mesa e a virou na mão. "Eu queria te deixar no Palácio de Inverno, mas ela insistiu que você viesse conosco nessa jornada."

Carniça me lançou um sorriso meloso. "E eu pensando que você não estava mais apaixonado por mim. Devo dizer que eu teria preferido ficar em Zilvaren. Eu estava prestes a fechar um negócio espetacular que me tornaria um homem muito rico."

Kingfisher se imobilizou, as pontas dos dedos apertando com mais força o cabo de Nimerelle. Seus olhos se voltaram de Carniça para mim e depois para o outro lado da sala, aparentemente sem nada. Lentamente, ele colocou

a maçã de volta na tigela. "Preciso que você venha comigo, Humana", disse ele.

"Maravilhoso. Mais um dia sendo forçado a fazer o que você quiser. Que sorte a minha."

Ele me olhou solenemente. "Não vou te forçar a fazer nada."

"Ah?", não consegui disfarçar o tom de zombaria. "Então, se eu decidir ficar aqui e mandar você se foder, você não vai reagir mal e me *mandar* ir com você?"

" Eu ficaria um pouco irritado se você tivesse me mandado à merda", disse ele. "Mas agora que estamos aqui, a lista urgente de coisas que preciso resolver é de tirar o fôlego. Pedir que você descubra a profundidade das suas habilidades e as aplique para salvar inúmeras vidas, para que vocês dois possam, em troca, voltar para casa, para a sua cidade empoeirada, ocupa um lugar mais baixo nessa lista do que você imagina."

Carniça ergueu a mão. "Quando ele fala assim, eu voto para que você vá ajudá-lo a resolver a questão das relíquias."

Agarrei seu pulso e puxei sua mão para baixo. " *Você* não tem direito a voto. E *você* ", eu disse, virando-me para Fisher. "Você já me enganou para conseguir o que quer uma vez. Não vou fazer o que você quer só porque você deu a vaga insinuação de que nos deixaria voltar para Zilvaren uma vez." Terminei de fazer relíquias para você.”

Fisher sorriu, todo dentes. O prateado em seus olhos brilhou como uma lâmina. "Eu não precisaria te enganar para fazer nada por mim. Como você já estabeleceu, eu poderia simplesmente te obrigar a fazer o que estou pedindo."

"Então por que você não faz isso?"

"Porque meu irmão está chateado comigo", admitiu. "E porque tudo vai correr muito melhor se você concordar em ajudar meu povo de boa vontade."

Então ele estava me devolvendo a autonomia para apaziguar o Ren. Sem surpresa. Não foi surpresa que o Fisher também não gostasse das minhas reclamações. Bem, ele teria uma surpresa desagradável. Estava prestes a descobrir que eu podia ajudá-lo de bom grado e ainda encher o saco dele de porrada ao mesmo tempo. "Eu vou com você, então. Com uma condição."

A máscara de indiferença de Fisher vacilou, permitindo que uma ponta de irritação transparecesse. "Qual é?"

"Que você me faça essa promessa exatamente. Palavra por palavra. Juro que a libertarei e permitirei que você e Carniça retornem a Zilvaren assim que tiverem feito relíquias suficientes para o meu povo."

A boca de Kingfisher se contraiu imperceptivelmente. "Como quiser. Palavra por palavra. Juro que os libertarei e permitirei que você e Carniça retornem a Zilvaren assim que tiverem feito relíquias suficientes para o meu povo. Pronto. Estão felizes?"

“Você está *vinculado* a essa promessa?” perguntei.

Fisher abaixou a cabeça numa reverência fingida. "Sou eu."

"Tudo bem. Então estou feliz. Vamos."

"Deixe a raposa. Ela só vai ficar no chão."

Comecei a protestar, mas Onyx tinha adormecido entre as almofadas de uma das camas onde ninguém tinha dormido, e ele parecia tranquilo demais para acordar, de qualquer forma.

"E eu?", perguntou Carniça. "Você vai me manter trancado aqui para sempre?"

Fisher bufou. "Você não ficou trancado aqui."

Olhei para ele por cima do ombro. "Você não olhou a porta?"

“Eu simplesmente presumi...”

"Urgh!"

Kingfisher girou e saiu da sala, decidido. "Você é livre para ir e vir como quiser, garoto. Faça o que quiser. Mas duvido que vá muito longe com apenas uma bota."

17

CAHLISH

"C ?"

Eu vinha imaginando Cahlish como um acampamento de guerra. Um mar de tendas armadas na neve. Fogueiras lançando colunas de fumaça para o céu a perder de vista. Não era nada disso. Este lugar era uma casa imponente. Linda. Além do quarto em que Carrion e eu tínhamos acordado, havia uma casa ampla, cheia de janelas em arco aberto, corredores claros e arejados, e cômodos bonitos que se estendiam para sempre. Retratos pendurados nas

paredes retratavam homens e mulheres de cabelos escuros, muitos dos quais tinham uma semelhança impressionante com Fisher. A mobília era adorável, as poltronas e sofás estofados cedendo de uma forma relaxada que sugeria que este lugar havia sido habitado. Amado. Os pássaros cantavam lá fora. O sol brilhava, refletindo no espesso manto de neve que cobria o terreno da propriedade, tão brilhante que parecia que o terreno estava cravejado de um milhão de diamantes.

"Meu tataravô a construiu há muito tempo", respondeu Fisher em tom brusco. Os saltos de suas botas ecoavam enquanto ele marchava pelo corredor. "Era minha casa antes de Belikon mandar minha mãe ao Palácio de Inverno para se casar com ele."

Quando Everlayne me contou como sua mãe fora parar no Palácio de Inverno, não me dediquei muito a imaginar como teria sido a vida dela antes disso. Nem havia considerado como devia ter sido para Fisher. Quantos anos ele tinha quando viajou para o trono de poder de Belikon? Apenas dez anos? Onze? Eu não conseguia me lembrar. As diferenças entre Cahlish e o Palácio de Inverno eram gritantes. Ele devia odiar deixar aquele lugar.

Um silêncio tranquilo pairava no ar ali. Parecia seguro. Calmo. Os cômodos e corredores estavam todos abandonados. Só quando descemos uma escada curva, com os degraus de pedra desgastados e afundando no meio devido a tantos metros, encontramos outro ser vivo: uma pequena criatura, com apenas um metro de altura, uma barriga redonda e protuberante, olhos âmbar vítreos e a pele mais estranha. Parecia ter sido formada pelas últimas brasas de uma fogueira — áspera e semelhante a carvão, com pequenas fissuras que percorriam todo o seu corpo, cujas bordas brilhavam, flamejavam e se apagavam, como se uma chama pudesse se acender ali a qualquer momento.

A criatura carregava uma bandeja de prata com uma panela fumegante e duas xícaras. Quando a criatura viu Fisher, gritou e deixou a bandeja cair, fazendo a panela e as xícaras se espatifarem no chão. "Oh! Oh, não. Oh, não, oh, não, *oh, não!* " A voz da criatura era aguda, embora decididamente masculina. Ele não usava roupas, mas isso não importava. Não parecia ter nenhuma parte do corpo que precisasse ser coberta. Com os olhos arregalados, ele cambaleou para trás da bagunça que havia feito — a porcelana estilhaçada aos seus pezinhos fumegantes não parecia ser a fonte de seu pânico.

Kingfisher me deixou em silêncio quando se ajoelhou e começou a recolher os cacos da xícara quebrada. "Está tudo bem, Archer. Silêncio, está tudo bem."

Archer ficou boquiaberto. Seu olhar encontrou o meu, e fiquei surpreso ao ver um pequeno anel de fogo cintilante ao redor de suas pupilas negras. Ele apontou para Fisher. "Você o *vê* ?", guinchou.

Olhei para Fisher. "Infelizmente, sim."

"Ele..." Archer engoliu em seco. "Ele está mesmo aí?"

Kingfisher parou o que estava fazendo, com a cabeça baixa, e por um segundo, fiquei paralisado com o que vi. A gola protegia apenas sua garganta. A nuca estava exposta, as pontas de suas ondas escuras não eram longas o suficiente para cobri-la. Sua pele era pálida, exceto por uma única runa negra e rígida visível entre a base do crânio e a gola da camisa. Era complexa, toda entrelaçada de linhas finas, voltas e cachos. A maioria das runas que eu vira nas Fadas eram coisas de aparência feia, mas esta...

Kingfisher olhou para Archer. A runa desapareceu. "Pare de se preocupar, Arch. Você não está alucinando. Voltei para casa tarde ontem à noite."

Archer jogou a cabecinha para trás e gemeu. Passou por cima do serviço de chá quebrado para chegar até Fisher. Lançando seus braços magros e flamejantes em volta do pescoço de Kingfisher, ele soluçou histericamente. "Você está aqui. Você está *aqui!* "

"Uau. Calma aí." Esperei Fisher empurrar a criaturinha para longe, mas ele o abraçou forte. "Você vai fazer todo mundo pensar que estamos sendo atacados."

Archer se recostou, pressionando as mãozinhas no rosto de Fisher, dando tapinhas em todos os lugares, como se para se certificar de que ele *era mesmo* real, deixando manchas pretas por todas as bochechas e testa de Fisher. "Senti sua *falta* . Tanta, tanta. Eu desejei, e eu esperava, e eu..." Archer soluçou. "Eu desejei, e eu esperava. *Todos* os dias."

"Eu sei. Também senti sua falta, meu amigo."

" Oh, não, oh, *não!"* Archer saltou para trás, batendo freneticamente no peito de Fisher. "Sua camisa, Senhor. Eu queimei sua camisa!"

Kingfisher riu baixinho. Não havia nenhum traço de malícia no riso. Nenhuma zombaria ou frieza cruel. Ele apenas... riu. "É fácil de consertar. Pare de se preocupar. Aqui." De repente, a camisa de Fisher não era mais tecido. Era fumaça. Ela se contorceu em volta do torso de Fisher por um momento, depois se tornou uma camisa novamente, imaculada e perfeita. Mais fumaça se acumulou em volta das botas de Fisher, rolando pelo chão,

escondendo a panela e as xícaras quebradas. Quando se dissipou, a panela e as xícaras estavam inteiras novamente, de volta à bandeja de prata. "Viu? Como novas", disse Fisher.

"És muito gentil, Senhor. Muito gentil. Mas não *deverias* precisar corrigir os meus erros. Eu deveria ser mais cuidadoso. E..."

"Archer, por favor. Está tudo bem. Vá agora, rápido. Eu vou te encontrar antes do jantar. Quero saber tudo o que aconteceu por aqui enquanto estive fora."

Os olhos de Archer estavam marejados. Parecia impossível que alguém chorasse lágrimas de felicidade por Kingfisher; se eu não estivesse testemunhando com meus próprios olhos, jamais teria acreditado, mas estava acontecendo, sem dúvida. Cada vez que uma lágrima caía e atingia as bochechas de Archer, ela sibilava e se transformava em uma nuvem de vapor. "Sim, meu senhor. Claro. Seria um prazer."

Observei Archer partir, perplexo. Kingfisher recomeçou a andar, sem dizer nada. Corri atrás dele para alcançá-lo. "Que tipo de fada *ele era?* "

"Não é uma fada. É um espírito do fogo."

"Certo. E por que ele parece gostar tanto *de você ?"*

Fisher nem sequer se dignou a responder. "Tem muitos espíritos do fogo aqui. Espíritos da água. Espíritos do ar. Poucos espíritos da terra. Talvez você queira dedicar um tempo para aprender os nomes de todas as criaturas feéricas inferiores. Eventualmente, você vai ofender a pessoa errada se sair por aí chamando todo mundo de fadas." Enquanto ele falava, passamos por um nicho na parede, onde sete bustos de mármore estavam montados em suportes, um dos quais voltado para a parede. Kingfisher mostrou o dedo do meio para os deuses ao passar por eles, sem nem diminuir o passo.

Soltei um bufo frustrado. "Olha, não vou ficar aqui tempo suficiente para aprender os nomes de todos os tipos de criaturas em Yvelia. Você vai ver que estou muito motivado para fazer essas relíquias e dar o fora daqui."

"Hum, claro. Você está *tão* ansioso para voltar para aquela cidade horrível." Kingfisher dobrou uma esquina e parou abruptamente, abrindo uma porta à sua esquerda. "De volta a toda aquela opressão e fome. Eu realmente consigo entender o apelo."

De todos, você deveria entender por que eu quero mais voltar. Você está desesperado para fazer tudo o que puder para ajudar seus amigos aqui. Eu também tenho amigos e familiares que precisam de ajuda. Eles estão cansados demais para lutar contra Madra sozinhos. Eles desistiram. Se eu não voltar para casa, quem *os ajudará* ?

Fui atingido por uma onda de seu perfume, com a fria manhã do amanhecer e a promessa de neve, e minha respiração ficou presa na garganta. Ignorei a reação, forçando-me a pensar em todos sofrendo no Terceiro Mundo. Era difícil me concentrar nisso quando ele estava tão perto. As pontas de suas orelhas se projetavam das ondas de seu cabelo, um pequeno vislumbre de seus caninos pontudos aparecendo entre seus lábios entreabertos. Seu sorriso torto e provocador me fez querer esquecer completamente minha tutelada. Me fez querer me lembrar de rastejar em seu...

colo, e quando suas mãos fortes encontraram minha cintura,

e— *Não.*

Eu não ia me entregar a isso. Não depois do que ele fez comigo ontem à noite, me forçando a obedecer à sua vontade.

Não me encontrei nesta posição por vontade própria. Não escolheria *estar* aqui se não precisasse. A tarefa é meu direito de nascença. Tornou-se minha no momento em que respirei pela primeira vez. Você é apenas uma entre centenas de milhares de pessoas que vivem na sua cidade. Por que assumir a responsabilidade de salvá-las quando elas se recusam a se salvar?

Ele já sabia a resposta para a sua pergunta. Ele não era burro. Eu disse em voz alta para ele, de qualquer forma, porque ele claramente precisava ouvir. *"Porque é a coisa certa a fazer, Fisher."*

Ele não disse nada. Apenas me olhou de cima a baixo, de um jeito que me fez sentir pequena e boba. "Depois de você, Pequena Osha."

Esta forja não se parecia em nada com a do Palácio de Inverno. Era enorme e abarrotada de equipamentos que eu nem sabia para onde olhar primeiro. A lareira era grande o suficiente para que eu pudesse ficar de pé se quisesse — uma péssima ideia, dado o fogo poderoso que já ardia nela. Ao longo de um lado da parede, fileiras e fileiras de cadinhos de todos os formatos e tamanhos. Béqueres, varetas de mistura e frascos estavam em prateleiras. Almofarizes e pilões, e grandes frascos de vidro contendo pós, ervas secas, flores e todo tipo de líquido.

De um lado, a forja estava completamente aberta para o exterior, dando lugar a um pequeno jardim murado e coberto de neve, com um banco e uma árvore alta, sem folhas, no centro. Além do alto muro de tijolos, avistei o topo

de mais árvores — pinheiros perenes, desta vez — e os contrafortes rochosos e inclinados de uma majestosa cadeia de montanhas não muito distante.

"São lindas", eu disse, antes que pudesse me conter. "As montanhas. Já vi fotos delas em livros, mas nunca imaginei que pudessem ser tão... majestosas."

Fisher olhou para as montanhas ao longe, com uma expressão complicada no rosto. "Omnamerrin. Esse é o nome do pico mais alto. Aquele com o rosto puro. Significa "gigante adormecido" em Antigo Fae.

“As pessoas tentam escalá-lo?”

“Só se quiserem morrer”, respondeu Fisher.

Espere. Olhei por cima do ombro, tentando entender o que estava vendo.

"Por que você está franzindo a testa desse jeito?", perguntou Fisher.

"Porque..." Olhei para a porta atrás de mim e para o corredor quente e aconchegante do outro lado. "As dimensões estão todas erradas. Estávamos no terceiro andar agora mesmo. E os outros cômodos pelos quais passamos eram muito menores."

Esta forja fica no térreo, e o teto é muito alto, e...”

"Magia." Kingfisher deu de ombros. Caminhou até um banco e começou o já familiar processo de desprender a espada da cintura. "A porta é encantada. Ligada à entrada da forja, que fica do lado de fora da casa. Muito mais seguro do que ter compostos e produtos químicos altamente explosivos dentro da própria casa. Quando passamos pela porta da casa, ela nos transporta para cá. Simples."

Simples? *Era* simples. O que me deu vontade de gritar. Eu ia estrangulá-lo. "Se você consegue fazer isso, por que *diabos* não amarrou algumas portas lá na taverna em vez de me fazer passar por aquele portão das sombras?"

"Porque eu não consigo fazer isso", respondeu Fisher, colocando Nimerelle no banco. "Este é o trabalho do Ren. Eu não tenho o mesmo dom."

“Então *Ren* poderia ter—”

"Só funciona em curtas distâncias, humano, então respire fundo. *Eu* não conseguiria. *Ren* não conseguiria. Precisávamos viajar oitocentas léguas, e um portal de sombra era a única maneira de fazer isso."

"Tudo bem", resmunguei. "Mas, se você sabia que era assim que chegaríamos aqui, por que não chamar o portão de dentro do Palácio de Inverno? Por que me fazer cavalgar por aquela floresta assustadora a noite toda?"

Ele me lançou um olhar de soslaio provocador. "Achei que você não tivesse medo da madeira?"

"Eu não estava! Só... responda à pergunta."

Kingfisher apoiou os cotovelos no banco, inclinando-se na minha direção, com o cabelo escondendo metade do rosto. "Porque, Pequena Osha, o portão das sombras usa muita magia. Nós, feéricos, somos sensíveis a essas coisas. Se Belikon tivesse sentido que eu estava atraindo tanta magia para as catacumbas sob seu palácio, ele teria se transportado para lá antes que pudéssemos piscar, quanto mais viajar. Aquela taverna fica a cinquenta léguas do Palácio de Inverno, que, coincidentemente, é a distância exata necessária para realizar magias poderosas sem alertar alguém que você queira manter no escuro. Então. Você tem mais alguma pergunta irritante?"

“Na verdade, sim. Por que você não pode simplesmente usar os portais das sombras para ir daqui para os outros reinos? Você não precisa de relíquias para os portais das sombras. Aparentemente, elas não deixam você louco. Então, por que se preocupar com o mercúrio?”

"Mártires, tenham piedade", murmurou Fisher. Ele falava como se estivesse explicando a informação mais rudimentar e óbvia para uma criança de cinco anos. "Portais das sombras são deste reino. Eles só podem ser usados dentro deste reino. Mercúrio não é deste reino. Portanto, pode ser usado dentro deste reino, mas também dentro ou para outros reinos. Não, chega de perguntas. Temos trabalho a fazer."

E foi isso. Ele atravessou a forja até onde um enorme baú de madeira estava ao lado de um dos maiores cadinhos, agarrou-o pela alça e arrastou-o até a bancada. Ele não se esforçou nem um pouco, embora a coisa maldita parecesse pesar mais do que Bill e Aida juntos. Meus olhos quase saltaram das órbitas quando ele abriu a tampa.

Uma montanha de anéis de prata estava lá dentro, de diferentes formatos e tamanhos. Alguns deles tinham a inscrição de uma égide ou um brasão de família. Alguns ostentavam diamantes, rubis ou safiras. Alguns eram delicados e elegantes. Muitos eram robustos, com faixas pesadas e gravadas. Eu nunca tinha visto tanto metal precioso reunido num só lugar ao mesmo tempo. "Bem. Ainda bem que Carniça não está aqui. Ele já teria roubado oito destes e nenhum de nós teria notado."

“Acho que já estabelecemos que *eu* percebo quando alguém tenta roubar meus pertences.”

Santo Deus, ele nunca ia largar aquilo. Lancei-lhe um olhar sinistro enquanto me abaixava e pegava um dos anéis. Era muito feminino, com rosas gravadas em ambos os lados de uma linda pedra de água-marinha. "Deve haver mil deles", disse eu, sem fôlego.

"Mil e oitocentos", disse Kingfisher. "E isso só neste porta-malas. Há mais oito baús do outro lado daquele banco ali."

De fato, olhei na direção que ele apontava e vi pelo menos mais dois baús de madeira encostados na parede. Os outros deviam estar escondidos.

Joguei o anel de volta no baú. "Vamos forjar espadas com eles?" A prata era maleável demais para forjar armas em Zilvaren, mas talvez os ferreiros feéricos tivessem descoberto técnicas de disparo para torná-la mais forte. Talvez a tenham infundido com magia. Talvez...

Minha mente parou, minha linha de raciocínio morreu miseravelmente quando percebi que Kingfisher estava sorrindo para mim novamente. Aquele sorriso não significava nada de bom.

Qualquer um pode usar qualquer relíquia antiga em caso de necessidade, mas as relíquias são mais poderosas quando forjadas a partir de algo importante para seu dono. Estes são os anéis de família dos guerreiros que lutam por mim. Cada um tem um grande significado para o homem ou a mulher a quem pertence. Você vai pegar cada um desses anéis e transformá-los em relíquias.

"Fisher, *não!* São quase..." Eu era bom com números, mas estava atordoado demais para pensar direito, quanto mais fazer multiplicações. Cheguei lá no final. "Tem quase quinze *mil* anéis aqui! Você tem ideia de quanto tempo levaria para derreter cada um desses anéis e fundi-los em outro?"

"Anos, tenho certeza. Mas não se preocupe. Não estamos procurando uma joia bonita. Você vai derreter o anel, transmutar suas propriedades para que ele proteja o usuário contra o mercúrio e, em seguida, fundi-lo em algo simples como isto." Ele enganchou o dedo na corrente e tirou o pingente que usava no pescoço. "Se houver uma pedra ou algum tipo de gravura no anel, você encontrará um jeito de incorporá-la ao medalhão que fizer. Fora isso, deve ser bem simples."

"Simples?" Minha visão ficou turva. Ele não podia estar falando sério. "Eu disse que te ajudaria a fazer... relíquias suficientes..." Minha voz sumiu, uma sensação de pavor esmagando meu peito. Eu tinha feito aquilo de novo. Não tinha prestado atenção aos detalhes, tinha? E foi ainda pior desta vez, porque eu achei que tinha feito um bom trabalho.

"Juro que te libertarei e permitirei que você e Carniça retornem a Zilvaren assim que tiverem feito relíquias suficientes para o meu povo. Não foi essa a promessa que você me fez fazer?"

"Sim, mas..."

"Tenho quinze mil guerreiros, Pequena Osha. Para ter relíquias suficientes para o meu povo, preciso de quinze mil relíquias. Quando você terminar com todos esses anéis, eu o libertarei do seu juramento e o levarei para a poça de mercúrio mais próxima para que você possa ir embora. Até lá..." Ele olhou para o baú cheio de anéis.

"Mas eu nem sei *como* transformar isso em relíquias ainda! Só isso pode levar semanas. Pode levar *meses!"*

Nem um lampejo de simpatia se escondeu nos olhos prateados de Fisher. “Então é melhor você começar a trabalhar.”

18

CADINHO

Livros K escritos pelos Alquimistas antes de todos eles desaparecerem. Pilhas e pilhas deles. Eles tinham séculos de idade, o pergaminho se desfazendo. Muitos deles foram escritos em Antigo Fae. Eu mal entendia o texto, o que significava que eram quase inúteis. Quando perguntei a ele como eu deveria obter informações úteis deles se nenhum de sua espécie havia conseguido, ele murmurou algo sobre usar minha iniciativa e deixou a forja em uma nuvem de fumaça preta.

Ao meio-dia, um prato de comida chegou do nada no banco. Uma espécie de torta de carne com o mais delicioso recheio de molho, junto com alguns pedaços de queijo e uma maçã cortada em fatias. Só notei que Onyx chegou com a comida quando o ouvi choramingando embaixo do banco. Ele tinha um olhar esperançoso, seus olhos negros olhando fixamente para o meu prato, prontos caso o menor pedaço caísse no chão. Eu não sabia o quão saudável a comida humana, ou melhor , a comida *feérica* , era para ele, mas a massa era tão amanteigada e quebradiça, o recheio tão saboroso e bom, que não consegui me conter e acabei dividindo metade da torta com ele. Ele se contentou em correr para fora, na neve, quando terminamos, perseguindo qualquer pássaro que pousasse. Passei uns bons quinze minutos rindo dele

enquanto ele se encolhia nas patas traseiras, mexia o bumbum peludo e então saltava no ar, batendo as patas dianteiras na neve enquanto atacava. Parei de rir quando percebi que ele estava caçando e, na maioria das vezes, quando ele atacava daquele jeito, surgia da neve solta com um pequeno roedor na boca. Pelo menos ele se divertia.

Depois de perder mais uma hora estudando os livros sem chegar a lugar nenhum, decidi dar o fora e me concentrar em questões mais práticas. Meu primeiro pensamento foi derreter um dos anéis e começar a experimentar, mas então me ocorreu que, se não tivesse sucesso (e provavelmente não teria), teria arruinado um dos anéis de guerreiro do Fisher, e isso não seria nada bem recebido. Encontrei sucata em um balde perto de uma das bancadas e decidi usá-la para alguns experimentos de tentativa e erro.

O primeiro problema que encontrei foi que eu literalmente *não tinha* a mínima ideia de por onde começar. Segurando um pedaço dos pedaços retorcidos e me concentrando, eu conseguia sentir que tipo de metal era pelas vibrações que emitia. Quando notei essas vibrações pela primeira vez em Zilvaren, elas me assustaram tanto que me treinei para ignorá-las. Agora, eu usava essa sensação estranha para diferenciar entre metais folheados, prata e uma série de variantes de ferro que não tínhamos em casa. Cada uma tinha sua própria frequência.

Não demorou muito para isolar a frequência da prata yveliana. Simplesmente segurei um monte de anéis e fechei os olhos, aprendendo como era aquela energia ao subir pelos meus braços, e a gravei na memória. Então, examinei o balde e separei quaisquer fragmentos que compartilhassem a mesma frequência. Eu tinha uma quantidade respeitável do metal brilhante pronto para derreter depois de apenas meia hora.

Na minha primeira tentativa, derreti a quantidade de prata equivalente a um anel e despejei em um cadinho. A partir daí, adicionei uma variedade de ingredientes diferentes, dos potes de vidro nas prateleiras, à prata derretida, sem a mínima noção de que estava *conseguindo* alguma coisa. A maior parte simplesmente queimou no momento em que atingiu a superfície escaldante do metal. O sal, no entanto, pareceu combinar bem. Deixei a prata esfriar e a martelei até formar uma superfície plana, e então fui procurar o mercúrio para, de alguma forma, testar o medalhão bruto que eu havia criado.

Mas não havia mercúrio. Nenhum que eu pudesse encontrar em nenhum dos jarros ou cadinhos. Como diabos Fisher esperava que eu resolvesse esse problema para ele se não ia me confiar nenhum mercúrio? Será que ele achava que eu ia tentar escapar com ele, pelo amor de Deus? Eu tinha

aprendido a lição depois da última vez. Eu ainda não tinha uma relíquia minha...

Aqui.

Aqui.

Estou aqui...

Apenas um sussurro. Tão pequeno.

Quando ouvi o mercúrio lá no palácio, o som era um coro de sussurros. Mas era sutil. Silencioso. Precisei fechar os olhos e concentrar toda a minha atenção só para ouvi-lo. Mas estava dentro da forja. E perto. Andei ao redor da bancada em que estava trabalhando até sentir um puxãozinho tão suave, tão fraco que mal dava para sentir, e então me aproximei.

Uma caixa de prata estava em uma prateleira acima de uma pequena bacia, enfiada num canto perto da parede. Um vaso de plantas frondosas a escondia. Levei-a de volta para a bancada e forcei a tampa para abri-la, rindo ao ver o quão pouco mercúrio havia dentro dela. Era sólido, naturalmente, mas em seu estado líquido, equivaleria, no máximo, a algumas colheres de sopa. Isto Era com o que ele me deixou trabalhar? Bufei, tirando o metal da caixa com uma pinça e colocando-o no fundo do menor cadinho que consegui encontrar.

Estava ficando mais fácil, transformar o mercúrio do estado sólido em líquido. Uma mão se estendeu na escuridão. Um dedo acionou um interruptor. Havia tão pouco mercúrio desta vez que eu mal precisei forçar a barra. Num momento, era um pedaço de metal desgastado, e no seguinte, uma poça de prata brilhante rolando no fundo da tigela de ferro fundido. Joguei o medalhão no cadinho, fazendo uma careta ao notar que mal havia mercúrio suficiente para submergi-lo.

E nada aconteceu.

Eu esperei.

Ainda nada.

Aqui. Aqui. Estou aqui, sussurrou o mercúrio com sua voz singular. *Sozinho. Sozinho. Venha até mim. Encontre-me. Fique comigo.*

O medalhão não mudou nada.

Tentei uma segunda vez, adicionando o que parecia ser areia e um pouco de água salgada à prata derretida desta vez. Novamente, nada aconteceu. Na terceira tentativa, tentei misturar um pó vermelho opaco de um dos potes com a prata, mas ele explodiu em chamas antes mesmo de atingir a superfície ondulante, produzindo uma nuvem de fumaça vermelha nociva que fez meu rosto formigar e ficar dormente. Ônix não voltou mais para a forja depois

disso, então sentei-me com ele no banco sob a luz fria da tarde, acariciando seu pelo, tremendo enquanto flocos de neve salpicavam minhas calças.

Minha quarta e última tentativa do dia — adicionar uma pitada de carvão e um raminho de uma erva chamada " *Maldita da Viúva* " — não deu resultado novamente, e a essa altura eu já estava oficialmente farto. Assobiei para Onyx vir — ele veio a contragosto — e saí pisando duro da forja, deixando para trás a bagunça que havia feito com minhas tentativas fracassadas.

De volta aos corredores de Cahlish, Onyx tagarelava animadamente, deslizando entre meus tornozelos, com a língua de fora enquanto pulava em minhas pernas. Aparentemente, ele estava muito feliz por estar longe da forja. Eu não tinha prestado muita atenção esta manhã quando Fisher me acompanhou até a forja, mas eu era bastante habilidosa em me orientar em lugares novos. Poderia demorar um pouco, mas eu eventualmente encontraria o caminho de volta para o quarto em que havia acordado.

Mas não chegou a esse ponto. Eu tinha dado apenas alguns passos para longe da porta quando Ren apareceu na esquina à minha frente, vestindo uma camisa vermelho-escura e calças de couro marrom desbotadas. Ele estava coberto de lama e tinha um longo corte na bochecha, que sangrava. Seu cabelo parecia molhado de suor, e as olheiras o faziam parecer exausto. Ele forçou um sorriso quando me viu, enxugando as mãos imundas na toalha que carregava enquanto se aproximava.

"Pensei em vir dar uma olhada em você", disse ele, sorrindo. "Ouvi dizer que você recebeu uma tarefa e tanto."

"Uma tarefa impossível." Franzi o cenho, sombria. "Só fiz quatro tentativas, mas estou exausta. O que aconteceu com *você?"*

" Ah, sabe, só umas escaramuças lá no desfiladeiro. Quando as nuvens estão tão carregadas de neve e os dias tão escuros como este, é quase certo que haverá um ataque. Estávamos em menor número, mas não perdemos ninguém. Abatemos uns trinta inimigos."

"Parabéns?" Era estranho parabenizar alguém por matar tantas pessoas, mesmo que fossem *inimigas* das Fadas Yvelianas.

Ren notou o tom incerto da minha voz e riu baixinho. "Obrigado. Acredite, matar trinta deles já salvou algumas centenas de vidas inocentes. Se tivessem conseguido atravessar a passagem, teriam causado estragos do nosso lado da fronteira. Não teria sido nada bonito."

“Terei que confiar na sua palavra sobre isso”, eu disse a ele.

Ren esfregou a toalha nos dedos sujos, com o olhar fixo em mim. "Você confiaria? Confiaria na minha palavra? Se eu te contasse uma coisa?"

Onyx pulou nas pernas de Ren, girando em círculos. O general se abaixou para coçar a cabeça distraidamente — sua atenção estava toda voltada para mim.

"Não sei", eu disse. "Acho que depende."

Ele suspirou. "É justo. Bem, vou te dizer que eu dei uma bronca no Fisher hoje à tarde por causa daquele juramento que ele te fez fazer. E eu disse a ele que a única maneira de me compensar seria começar a te conhecer um pouco melhor."

Lutei contra o instinto de dar um passo para trás. "Por que você faria *isso?"*

Fisher é muito obstinado às vezes. Não existe cinza. Só preto e branco. Receio que uma parte dele só tenha piorado enquanto esteve fora. Ele precisa manter as coisas bem claras na mente, caso contrário, as linhas ficam borradas. No momento, você é uma ferramenta que ele sente que precisa usar para tornar a vida melhor para todos nós. Minha preocupação é que uma ferramenta levada ao limite seja uma ferramenta que provavelmente quebrará. E para ser franca, Saeris, você é uma ferramenta que nenhum de nós pode deixar Fisher quebrar. Ele precisa te ver como pessoa. Ele precisa saber que você é mais do que a nossa saída de uma situação difícil. E a única maneira de...

conseguir *isso* é se ele aprender mais sobre você."

Por que não gostei do som disso? "Okaaaay."

"Eu disse a ele que ele precisava jantar com você esta noite."

"Oh."

"E acho que ele concordou."

"Você *acha que* ele fez isso?"

Ele deu um sorriso tímido. "Você já o conheceu. Às vezes, pode ser difícil dizer com o que ele está concordando."

"Ele é o bastardo mais escorregadio que existe", resmunguei.

"Certo. Mas... por favor. Vá embora. Jante com ele. Conte a ele sobre você. Vai acabar rapidinho, eu juro."

Se *"vai acabar rápido, eu juro"* tivesse que ser dito para me convencer a ir a um evento, não era um evento ao qual eu quisesse ir. Eu não conseguia imaginar nada menos divertido do que jantar com Fisher. Mas Ren me olhava com um olhar suplicante. Ele queria genuinamente, sinceramente, que eu fosse. E o que mais eu faria? Ficar com Carrion lá no nosso quarto

compartilhado ? Pensando bem, talvez jantar com Fisher fosse menos doloroso do que isso.

"Tudo bem. Eu vou. Mas só porque você pediu. E só se você jurar que vai ter álcool."

A mesa de jantar tinha uma légua de comprimento.

Tudo bem, tudo bem, tinha talvez apenas nove metros de comprimento, mas ainda era grande demais para duas pessoas sentarem e compartilharem uma refeição. *Sozinhos* ... Fisher sentou-se em uma ponta. Eu sentei-me na outra. Entre nós, uma montanha de comida havia sido entregue por um exército de espíritos do fogo liderados por Archer. Um enorme arranjo floral com flores roxas e rosas estava bem no centro da mesa, e era lindo, de verdade, mas eu não conseguia nem *ver* Fisher ao redor.

Talvez esse fosse o ponto.

Carniça já tinha ido embora quando voltei para o quarto, o que foi uma bênção, já que eu ainda queria tomar um banho e lavar o suor da forja. Nem me dei ao trabalho de olhar para o vestido que aparecera magicamente aos pés da minha cama enquanto eu estava na banheira. Tudo o que eu sabia era que era preto. Encontrei uma calça limpa e uma camisa limpa em uma das gavetas, do meu tamanho (obviamente, para mim), então as vesti.

Eu estava confortável o suficiente com as calças, mas, pelos olhares de soslaio de Archer, tive a impressão de que eu estava malvestido para jantar com seu mestre, e ele desaprovou o fato. Espetando um pedaço de peixe com o garfo, peguei a taça de vinho vazia que estava à direita do meu prato e a levantei. "Será que não consigo colocar nada aqui?", gritei para a mesa.

Vi um leve movimento dos cabelos ondulados de Fisher em volta das flores e nada mais. Quando ele falou, pareceu próximo, como se estivesse bem atrás de mim, não na outra ponta da mesa. "Conte-me como foi seu dia, e eu vou considerar."

A proximidade da sua voz e a maneira como ele falava eram... íntimas. Como se seus lábios estivessem tão perto do meu ouvido que sua respiração deveria ter mexido com meus cabelos. "Como você está fazendo isso?", sussurrei.

"A magia corre por este lugar da mesma forma que o sangue corre pelas veias. Ela vive no próprio ar. As coisas que você já viu aqui certamente são suficientes para suspender sua descrença... e ainda assim você está chocado

com algo tão pequeno quanto eu proferindo a minha voz?" O divertimento transbordava de cada palavra. Eu não tinha como responder a ele, no entanto. Eu já tinha visto tantas coisas extraordinárias. Em comparação, isso não era tão impressionante. Foi a maneira como me senti , ter a voz dele tão perto, que me fez recuar.

Pigarreei. "Como era de se esperar, me saí muito mal. Fiz quatro tentativas, todas fracassadas. Desperdicei quase toda a sucata que encontrei. Vou precisar de mais se quiser fazer mais testes amanhã."

"Pode ser refinada? A prata que você usou hoje?", perguntou ele.

"Sim, mas isso vai levar ainda mais tempo. Vou perder um dia entre experimentos..." Bufei, largando o garfo. "Mas deixa eu adivinhar. Você não se importa que eu perca um dia para me purificar entre experimentos, não é?" "Não me importo", ele confirmou.

"Sabe..." Deixei o garfo cair; ele bateu no meu prato com um estrondo. "Você adora se contradizer. Num minuto, está me sequestrando porque é urgente que eu faça essas relíquias para você. E no outro, está criando obstáculos e fazendo de tudo para tornar o processo o mais difícil e demorado possível. Você precisa mesmo se decidir. O que é mais importante? As relíquias para o seu povo, ou qualquer prazer doentio que você parece sentir em me manter à sua disposição?"

Do outro lado da mesa, ouvi o raspar de uma faca contra um prato. Pelo menos ele não ia deixar minha irritação estragar o jantar dele. *Idiota* . "Garanto que a nossa necessidade por essas relíquias supera em muito a diversão que é mexer com você. Mas não vou te negar mais prata para brincar com você. Os recursos são escassos em Cahlish. A prata comum não pode ser desperdiçada."

"Do que você está falando? Este lugar está transbordando de elegância. Tem ouro..." Olhei ao redor, gesticulando para os candelabros de parede onde estavam as velas que iluminavam o nosso jantar, as travessas no aparador e os porta-retratos. Até os talheres na mesa. "Tem ouro literalmente em todo lugar. Metade das bugigangas deste lugar são banhadas nele, e você está me dizendo que os recursos são *escassos?"*

"Se fosse ouro que você precisasse para os seus testes, não estaríamos tendo esta conversa." Vi o fundo da taça de vinho de Fisher na lateral do arranjo de flores amaldiçoado e fiquei irritada. Abaixando-me para o lado, espiei ao redor da peça central e fiz uma careta enquanto o observava bebericar da taça.

"Se *você* tem vinho, *eu* devo ter vinho", rosnei.

“Ah, é isso que você pensa?”

Minha pele se arrepiou, os pelinhos da minha nuca se arrepiaram. Sua voz estava ainda mais próxima dessa vez. Suas palavras pareciam uma carícia na pele do meu pescoço. Fiz o máximo que pude para afastar o arrepio que percorreu minha espinha. "Ren me prometeu..."

"Renfis sabe que não deve fazer promessas em meu nome. Mas... se você está tão desesperado por uma bebida, sinta-se à vontade para vir e se servir."

Será que ele tinha servido o próprio vinho? Eu duvidava muito. Archer provavelmente tinha feito isso. Mas eu não era um babaca arrogante e bem-nascido como ele. Não tive problemas em servir meu próprio vinho. Levantei-me, peguei meu copo e estava prestes a ir para o outro lado da mesa, mas então parei e peguei meu prato e meu garfo enquanto fazia isso. Que jogo era esse, me sentar tão longe dele, bloquear nossa visão um do outro e então usar magia para falar no meu ouvido como se estivesse sussurrando coisas doces para mim? É, eu não estava brincando.

Os cantos da boca de Fisher se contraíram quando coloquei meu prato e garfo na mesa à sua direita. Desafiei-o a dizer uma palavra sobre isso enquanto me sentava ao seu lado. Ele passou as pontas dos dedos pela borda da taça de vinho, remexendo-se na cadeira para se virar para mim enquanto me observava servir uma taça de vinho absurdamente grande da garrafa que ele estava guardando.

O vinho estava escuro como tinta. Tomei um gole desafiador, meus olhos fixos nos dele por cima da borda do copo.

Kingfisher apontou vagamente para o meu copo quando o coloquei na mesa. "Gostou?", ele falou comigo normalmente. Sem mágica dessa vez.

“Sim. É... é interessante.”

Ele fez beicinho, assentindo para si mesmo. Algo me dizia que ele estava tentando desesperadamente não sorrir. "Por favor. Sirva-se de mais. Não preciso falar com os homens por algumas horas. Tenho tempo para dividir a garrafa."

Olhei para ele atentamente. Realmente o absorvi. Havia algo diferente nele. Algo que eu não conseguia identificar. Não a princípio. Mas então percebi o que era: suas roupas. Eu nunca tinha visto Fisher em nada além de preto, mas esta noite a camisa que ele usava era verde-escuro. Muito escura, mas ainda verde. Era simples, mas o tecido era fino e perfeitamente ajustado. O jeito como caía em seu corpo enfatizava como ele era largo de ombros e como seus braços eram musculosos. A cor verde-escura destacava o preto de

asa de corvo de seu cabelo espesso. Isso contrastava com sua pele pálida e... e...

Deuses, controle- se *, Saeris Fane. Concentre-se!*

Obriguei-me a olhar para o meu peixe meio comido. "Por que a prata é tão escassa aqui se você tem todo esse ouro?"

"Porque a prata tem um propósito muito específico aqui. Precisamos dela o máximo que pudermos."

"Então por que não vender todo o ouro e comprar um pouco? O ouro vale mais."

Fisher balançou a cabeça lentamente, sorrindo como se estivesse sorrindo para si mesmo. Deuses, por que era tão difícil *olhar* para ele às vezes? Eu nunca tinha tido esse problema antes. "Talvez de onde *você é* ", disse ele. Ele me observou, brincando com sua taça de vinho sobre a mesa, girando-a preguiçosamente pela haste. Com os lábios entreabertos, eu mal conseguia distinguir as pontas dos seus dentes. Era rude encará-lo, mas eu não conseguia evitar. Meu coração disparava sempre que eu via seus caninos. Como se soubesse perfeitamente no que eu estava tão concentrada, Fisher abriu a boca um pouco mais, o lábio superior subindo um pouco para que mais dos seus dentes ficassem à mostra. Era uma diferença sutil. Talvez apenas um milímetro a mais daqueles caninos brancos e afiados estivessem visíveis, mas um calor explodiu entre as minhas pernas, de todos os lugares, e de repente... Deuses, eu precisava de outra bebida.

Enterrei o rosto na taça de vinho. Fisher passou a língua pelo lábio inferior, também desviando o olhar. Os tendões do seu pescoço se eriçaram, o maxilar se contraiu levemente enquanto ele franzia a testa para algo perto da janela. "Não podemos comprar mais prata. O reino inteiro foi saqueado. Belikon também tem um embargo. Qualquer prata encontrada dentro das fronteiras de Yvelian deve ser doada à coroa. Essa é parte da razão pela qual precisamos usar o mercúrio com tanta urgência. Outros reinos têm prata em abundância. Poderíamos negociar por mais do que precisamos se pudéssemos simplesmente atravessar de um reino para o outro."

"Se Belikon tem toda a prata de Yvelia, então certamente ele a daria a você? Se é tão vital para vencer a guerra?"

Kingfisher bufou. "Você pensaria assim, não é? Mas não. Belikon não vai nos dar prata. Ele não vai nos dar ajuda. Ele não vai nos dar comida, roupas ou armas. Ele não dá a mínima para esta guerra."

"Mas isso é simplesmente... não faz sentido." Dei outro gole profundo no meu vinho. O sabor único floresceu em notas florais na minha boca. Era

suave, rico e complexo ao mesmo tempo. O sabor me surpreendeu no início, mas estava realmente começando a me conquistar.

Kingfisher me observava com olhos firmes. O mercúrio que permeava sua íris direita pulsava e se refletia na luz da vela, movendo-se e se contorcendo em meio ao verde. Parecia estar extra ativo naquela noite. Como se confirmasse, a mão de Kingfisher apertou sua taça de vinho. Seus ombros ficaram tensos, suas narinas se dilataram momentaneamente, mas então ele exalou, soltando um suspiro profundo e se soltou novamente. Tudo aconteceu muito rápido. Eu talvez nem tivesse notado se tivesse desviado o olhar por um segundo.

Os olhos de Kingfisher me fitaram. Ele sabia que eu o vira estremecer e, pelo jeito como me encarava, com uma das sobrancelhas arqueada em questionamento, esperava para ver se eu perguntaria a respeito. Eu queria, mas já sabia que ficaria frustrado e irritado se o fizesse. Ele usaria meu interesse contra mim de alguma forma. Encontraria um jeito de ser cruel — era da natureza dele —, então evitei o assunto. Eu estava prestes a perguntar quais experimentos *ele* havia tentado para criar uma relíquia, mas então o grupo de espíritos do fogo entrou apressado na sala, seus corpos semelhantes a carvão lançando faíscas e nuvens de fumaça ao se aproximarem da mesa. Os dois espíritos à frente do grupo carregavam grandes pratos cheios de comida. Dois tipos diferentes de sobremesa, pelo visto. Quase derrubaram os pratos quando me viram sentado à cabeceira da mesa, ao lado de Fisher.

"Senhor!", gritou uma delas — uma fêmea. "Meu *Senhor!* " Ela girou em círculos, com a boca aberta. Os outros espíritos do fogo perceberam que eu ousara me aproximar de seu precioso mestre e também começaram a perder a razão.

"Isso é-"

“Ela é—”

“O humano!”

“Senhor Rei *Pescador!”*

Archer foi o último espírito a entrar na sala de jantar. No instante em que me viu, desabou de costas, exatamente onde estava, sentado pesadamente no tapete felpudo, e começou a hiperventilar. "Perdoa... me... Senhor. Eu... não... estava... esperando..."

"Está tudo bem, Archer. Calma, pessoal." Fisher não havia mudado de posição. Ele ainda estava esparramado na cadeira, bem relaxado, mas protegia a boca com a mão, tentando esconder o sorriso. Olhou para baixo e

tossiu, parecendo se recompor. "Podem deixar os pratos por enquanto. E a sobremesa. É só colocar na mesa e vocês podem ir."
Obrigado."

Os espíritos do fogo emitiam fumaça preta. As rachaduras e fendas em seus pequenos corpos compactos brilhavam como brasas reviradas. Quando um de seus amigos tentou ajudar Archer a se levantar, uma pequena chama se formou no braço dele. Ele soltou um grito de vergonha, e todos os espíritos começaram a esbofeteá-lo, tentando apagá-lo.

"Desculpe, Senhor! Sinto muito! Estou tão *envergonhado!* ", lamentou Archer.

Kingfisher finalmente se levantou e foi até o grupo de espíritos em pânico. Ele os conduziu para fora da sala de jantar, tranquilizando Archer o tempo todo, com seu riso ecoando pelas paredes. Ele ainda estava sorrindo quando se sentou novamente em seu assento.

"Mártires. Eles acharam que eu ia tentar esfaquear vocês com meu garfo de peixe?"

Fisher esfregou a nuca, o sorriso sumindo. "Espíritos de fogo são muito emotivos. Eles adoram reagir exageradamente, só isso." Quando terminou de falar, sua máscara branca voltou a funcionar. "Amanhã eles já terão esquecido tudo."

"Vou jantar na forja amanhã", eu disse. "Eles não terão que lidar com um humano imundo e mal-educado quebrando a etiqueta Cahlish." "Vocês vão comer aqui", corrigiu Fisher.

"Eu não tenho nada a dizer sobre o assunto?"

“Você vai se envenenar se comer na forja.”

“No meu quarto, então.”

"Você vai comer *aqui* ", repetiu Fisher. Ele continuou antes que eu pudesse sugerir qualquer um dos outros milhões de lugares onde eu preferiria fazer minhas refeições. "Quanto aos espíritos do fogo, eles gostam de humanos. Muito mais do que gostam dos feéricos."

"Certo. Eles te tratam como se você fosse o cara."

"Eu sou diferente", disse ele, como se isso fosse óbvio. "Archer ajudou a me criar. Depois dos meus pais, ele foi o primeiro dos feéricos inferiores a me abraçar. Ele tem uma quedinha por mim, eu acho."

Um ponto fraco? Era mais do que isso. O espírito do fogo amava Fisher. Eu, por outro lado? "Ele me olha como se eu não merecesse respirar o mesmo ar que você."

Fisher balançou a cabeça de um lado para o outro. "Não, ele não quer. Ele está *interessado* em você. Ele quer saber se você vai ficar."

Peguei uma cenoura assada do meu prato com os dedos e mordi a ponta. "Ele vai ficar feliz em saber que não estou."

Nem uma palavra passou pelos lábios de Fisher. Ele ficou sentado o mais imóvel possível, observando-me comer a cenoura, seus olhos cor de jade examinando minhas feições. Primeiro os olhos, depois a ponta do meu nariz. Sobre minhas maçãs do rosto e depois descendo até minha boca. Seu olhar permaneceu ali por mais tempo do que parecia apropriado. Como ele não desviou o olhar, disse a primeira coisa que me veio à mente para quebrar o silêncio: "Você deveria..."

mande Carrion para casa, mesmo que você se recuse a me deixar ir ainda."

Ele pareceu surpreso com isso. "Devo?"

"Ele tem família em Zilvaren. A avó. Ela vai ficar preocupada com ele. E ele pode dizer a Hayden e Elroy que eu estou bem se ele voltar. Isso provavelmente os impediria de fazer algo lamentável por enquanto."

"Hum. Vamos ver o que o garoto tem a dizer." "Ele tem 26

anos. Não é nem um pouco um garoto", murmurei.

"Ele é um bebê com uma língua afiada, na minha opinião. Mas... você está na defensiva em relação a ele", ponderou Fisher. "Imagino que isso seja de se esperar. Estou sinceramente surpreso que você queira que ele vá embora." Ele tomou um gole de vinho.

"Na defensiva dele?"

Uma tensão desconhecida irradiava de Fisher. Ele parecia estar se esforçando muito para manter a indiferença. "Hum. Eu não imaginaria que ele fosse o seu tipo, mas isso explica muita coisa."

Meu *tipo?* Uma sensação de leveza e queda me fez recuar na cadeira. De repente, fiquei tão tonta. "Do que você está falando?"

"Ele mencionou que você estava apaixonada por ele. Lá no seu quarto."

"Bem, ele estava mentindo!", gaguejei. "Carniça é um pé no saco. Ele é conhecido por inventar histórias na hora."

"Quando fui a Zilvaren buscá-lo—"

"Quando você foi para Zilvaren, deveria ter buscado *Hayden* ." Meu estômago parou de revirar, substituído por uma pontada de raiva. Larguei meu vinho. "O que me lembra que você não cumpriu a sua parte do acordo. Não direito. Como é que ainda esperam que eu cumpra a minha parte do juramento, mas você está livre para descumpri-lo?"

Foi tão fácil para ele me dispensar. Um movimento de pulso e um revirar de olhos, e tudo o que eu dizia se tornava irrelevante. Era irritante. "Não vou fugir de nada. Jurei que tentaria trazer seu irmão de volta. Tentei trazer seu irmão de volta", disse ele. "Juramento cumprido."

“Você não poderia ter se esforçado muito.”

"Eu não disse que me esforçaria *muito* , disse? E, de qualquer forma, você verá que fiz o melhor que qualquer um poderia ter feito, dadas as circunstâncias."

"Você disse que conseguiria encontrar meu irmão porque tínhamos os mesmos pais. Que seria *fácil* , já que você estava coberto pelo meu sangue."

Fisher fez uma pausa. Eu já tinha passado tempo suficiente perto dele para saber quando ele estava prestes a dizer algo que eu não iria gostar. O deleite profano em seus olhos prometia que eu *odiaria* qualquer coisa que ele dissesse em seguida. "É isso mesmo. Mas eu não estava só coberta com o seu sangue, estava? Eu estava usando outro dos seus... *perfumes.* "

Perfumes. Ele refletiu sobre a palavra. Deleitou-se com ela. O jeito sombrio e sugestivo com que a pronunciou não deixava nada para a imaginação. Ele não tinha piedade, então não havia muito sentido em implorar por ela, mas eu tinha que tentar. "Não. Não , Fisher. Por favor. Só..."

"Quando você estava se esfregando em meu colo, você me marcou muito eficientemente", ele ronronou.

Senti um fogo queimando na minha garganta, fazendo minha voz falhar.

"Eu te *odeio* ."

"Você continua dizendo isso. Ainda não estou convencido de que seja verdade. De qualquer forma, seu irmão não estava onde você disse que estaria. E quando cheguei à sua enfermaria, senti seu cheiro a cinco quilômetros de distância..."

“Pare de falar, Fisher.”

"...estampado naquele *garoto."* Ele me lançou um sorriso cruel. "Feromônios são sinalizadores para o nosso nariz, Pequena Osha. Eu estava com pressa, então não diferenciei sangue de sexo na hora. Mas quando entrei naquela sala mais cedo, e seu amigo Carniça mencionou sua pequena obsessão por ele..."

"Cale. A. boca. Porra."

"Ficou bem claro o que tinha acontecido. Ele ainda cheira a você até hoje."

"Eu dormi com ele meses atrás. *Meses.* Foi uma vez, e eu estava bêbada, e ele nunca me deixou esquecer desde então. Não tem como você ainda sentir meu cheiro nele."

"Há todas as possibilidades", resmungou Fisher, com os olhos escurecendo. "Eu reconheceria seu cheiro em qualquer lugar. Em qualquer pessoa. Eu o reconheceria às cegas e no escuro.

Do outro lado do oceano. Eu conseguiria sentir *seu cheiro* ...

BOOM!

As janelas ao longo da parede leste da sala de jantar explodiram.

Aconteceu rapidamente e com uma força impressionante.

Num momento, eu estava olhando para Kingfisher, observando sua boca horrorizada, murchando um pouco mais a cada uma de suas palavras. No momento seguinte, uma explosão brilhante de vidro chovia sobre nós. Estilhaços do tamanho da minha mão cortavam o ar como punhais, atingindo a mesa, rasgando as flores, cortando minha pele. Levantei as mãos instintivamente, protegendo o rosto e a cabeça. *"Porra!"*

O martim-pescador virou morte.

Sua expressão se transformou em raiva, seus lábios se curvaram, seus caninos se esticaram. Ele era um lampejo de sombra, já do outro lado da mesa com Nimerelle nas mãos antes que as formas escuras terminassem de cair das janelas.

Eram quatro — monstros altos com pelos irregulares e pegajosos e pele branca e cerosa. Bochechas magras, cobertas de veias negras. Dedos tortos que terminavam em garras. Olhos vermelhos. Não apenas as íris, mas também a parte branca, como se todos os capilares tivessem estourado e sangrado sob a superfície. Cada um deles exibia uma boca cheia de presas alongadas e amareladas, das quais pingavam fios de saliva viscosa. Usavam roupas, mas as vestimentas estavam em farrapos, mal se agarrando aos seus corpos emaciados.

O maior dos quatro, um macho com uma grossa tatuagem rúnica preta na testa, soltou um rugido poderoso de fúria e se lançou contra Fisher. Fisher se moveu como água. Nimerelle brilhou ao redor dele, a lâmina negra e manchada chicoteando o ar, deixando um rastro de fumaça. A espada era uma extensão do próprio Fisher. Por um momento, tudo o que consegui fazer foi sentar e encará-lo, observando com admiração enquanto ele caía sobre o monstro. Ele era poderoso e rápido, seu corpo se contorcendo sem esforço quando o monstro tentou agarrá-lo. A mão que havia golpeado Fisher caiu no chão com um baque surdo, rolando para debaixo da mesa. Um icor preto e

fumegante saiu do toco que Nimerelle deixou para trás, o fedor pungente de enxofre inundando a sala de jantar.

Fisher lançou um olhar por cima do ombro para mim e gritou: " *MEXA-SE!"*

A sala de jantar entrou em foco. Levantei-me de um salto, com o sangue martelando nas têmporas. Duas das criaturas de aparência doentia rondavam em minha direção, suas presas horríveis estalando enquanto se aproximavam.

Estendi a mão e encontrei a adaga presa à minha coxa, agarrando-a com força, meus olhos pulando de um dos monstros para o outro. A da direita, uma mulher com cabelos prateados e lábios rasgados, lançou-se sobre a mesa, caindo de quatro. Ela se moveu bruscamente, a cabeça inclinando-se de um lado para o outro enquanto esticava o pescoço em minha direção, farejando o ar como um animal. A da esquerda era menor que a mulher. Algo entre um adulto e uma criança. Ele rosnou, produzindo um som de clique de arrepiar no fundo da garganta, derrubando a cadeira de Fisher quando veio até mim, fazendo-a cair no chão. Seus olhos estavam vazios. Os olhos de *ambos* estavam. Não havia inteligência ali. Nenhum pensamento real. Apenas o desejo de rasgar, rasgar e matar. Ódio irradiava deles, poluindo o ar, espesso o suficiente para me sufocar.

A mulher veio primeiro. Ela não tinha armas, mas não precisava delas. Suas garras eram armas o suficiente. Ela balançou, cravando suas garras em direção ao meu peito. Eu me lancei para trás, mal conseguindo evitar suas pontas enegrecidas e repugnantes, mas ela já estava vindo de novo, me atacando. Golpeei com a adaga, cortando a lâmina ao mesmo tempo, e o metal fez contato, deixando um corte profundo em seu antebraço musculoso. Sangue fedorento, espesso como óleo, espirrou em minha camisa.

Um grito estridente e terrível veio do outro lado da sala de jantar. O som me deixou tenso. Seguiu-se uma série de estrondos e estalos, mas eu não podia me dar ao luxo de olhar. O momento em que perdi a concentração foi o momento em que morri.

A fêmea rugiu, sacudindo o braço como se não conseguisse entender por que estava doendo. Girei a adaga, cortando-a novamente, desta vez no ombro. A camisa que ela usava se rasgou, a pele fina e com veias negras por baixo se rompendo como um pedaço de fruta podre. Pequenas manchas brancas saíram do ferimento. Elas bateram no tapete e começaram a se contorcer.

Larvas.

O garoto à minha esquerda avançou, com os dentes rangendo. Saquei a lâmina, mirando em sua garganta, girando ao mesmo tempo para tentar evitar

suas garras, mas não fui rápido o suficiente. Ele se moveu tão rápido. De forma anormal. O ar escapou de mim em um *"Au!" ofegante* quando ele se chocou contra mim. A sala de jantar se inclinou. Caí com força, minhas costelas explodindo de dor ao atingir o chão. Soltei um grito de pânico quando a mulher e o garoto caíram sobre mim.

Deuses e mártires, eu ia morrer.

Eles iam me *comer* .

Eu não tinha dúvidas sobre isso. Aqueles dentes foram feitos para um único propósito: rasgar carne. Engoli em seco, a dor subindo pela minha perna como um raio. Suas garras arranhavam minhas roupas. Cortavam minha pele. Eu não conseguia enxergar. Não conseguia respirar. A fêmea recuou, fios úmidos de sua saliva pingando no meu peito. Ela abriu a boca, seu maxilar se abrindo muito mais do que deveria, revelando um coto enegrecido, mutilado e pulsante onde deveria estar sua língua.

Ela bufou e então mergulhou.

Eu me preparei, esperando o horror daqueles dentes cravando-se na minha carne, mas isso nunca aconteceu. Um filete de fumaça preta envolveu sua garganta. A fumaça se transformou em metal, e então a cabeça da fêmea se separou do pescoço dela, e ela desapareceu . Seu corpo se contorcendo voou para longe de mim, batendo e batendo, os ossos estalando enquanto rolava pelo tapete.

O Martim-pescador se elevava sobre mim como o próprio deus da morte.

Seu peito arfava, seus olhos brilhavam com verde, prata e assassinato.

"Você está bem?" ele ofegou.

Eu ainda segurava a adaga, a lâmina curta coberta de sangue preto e pegajoso. Engoli em seco, concordando, mesmo tendo quase certeza de que não estava bem. Nada bem mesmo. "O garoto...", ofeguei.

A expressão de Kingfisher se obscureceu. Ele se virou, e nós dois vimos o adolescente ao mesmo tempo. A dois metros e meio de distância, de quatro, ele gemia enquanto lambia uma mancha de sangue no tapete. Assim como a da fêmea, sua língua era um toco de carne crua. Sem hesitar, Kingfisher desceu Nimerelle sobre o pescoço da criatura, decapitando-a também. O corpo do garoto cedeu instantaneamente, suas mãos nodosas relaxaram, as garras se desenrolando contra o tapete destruído.

Eu rolei e vomitei.

O Kingfisher provavelmente ia zombar de mim por ter perdido a barriga, mas eu não me importei. Eu tremia tanto que nem conseguia me levantar de joelhos.

O que...

...que porra...

...acabou de acontecer?

Mãos fortes encontraram meus flancos. Arfei, a dor intensa subindo pela minha perna novamente. Kingfisher reposicionou suas mãos em mim, resmungando tristemente para si mesmo enquanto me levantava em seus braços. "Você foi arranhada.

“A ferida precisa ser limpa”, disse ele.

"Flagração?"

"Caso contrário, o veneno vai te matar. Algum deles te mordeu?"

"N-não. Eu não..." Minha cabeça girava, outra onda de náusea me atingindo com força. Pontinhos brancos brilhavam nos meus olhos, fazendo parecer que o cabelo de Fisher estava cheio de estrelas. Elas riscavam o teto, primeiro uma estrela cadente, depois outra, depois um milhão delas, correndo pela minha visão. Era... realmente lindo, na verdade. Kingfisher também era. Sua garganta estava salpicada de icor preto e seu cabelo estava desgrenhado. Seus olhos estavam selvagens, mas ele estava de tirar o fôlego. Eu podia sentir seu coração batendo como um tambor contra o meu lado. *Tum tum tum tum.*

Eu não conseguia sentir meus dedos.

Por que...eu não conseguia...senti-los?

Por que Kingfisher estava *correndo?*

"O que... *eram* aquelas... coisas?" perguntei com a voz rouca.

Estrelas brilhavam acima da bela cabeça de Kingfisher. Ele cerrou o maxilar, os músculos da garganta se contraindo enquanto chutava uma porta e me carregava por ela.

"Soldados de infantaria de Sanasroth", respondeu ele, seco. "Alimentadores. *Eles* são a razão pela qual precisamos tanto de prata. É a única coisa que pode matá-los."

AGORA ALGUÉM PODE PORRA AJUDA!"

19

OSSOS E TUDO

Uma de morte e fogo líquido.

Não.

Um pesadelo.

Eu estava preso lá dentro, sem saída. Corredores escuros se estendiam pela eternidade, portas por todos os lados. Sempre que eu abria uma, com o coração martelando no peito, eu era recebido pelo fedor pútrido de podridão e presas afiadas, amareladas e estalando. Havia multidões deles. Alimentadores. Era assim que Kingfisher os chamava. Ele também os chamava de soldados de infantaria, mas eles não pareciam soldados. Um soldado tinha que ser capaz de seguir ordens. Decretar a vontade de outro. As coisas atrás dessas portas eram monstros, capazes apenas de obedecer à sua sede de sangue. Mulheres, crianças e idosos, todos eles loucos e famintos. Eles me rasgavam com dedos em forma de garras. Eles afundavam seus dentes podres na minha pele. Eu gritava e me debatia, me afastando deles, escapando por pouco com vida, apenas para abrir outra porta e liberar uma nova onda deles.

Não havia como fugir deles. Não havia como lutar contra eles. Eles correram atrás de mim, desafiando a gravidade enquanto cravavam suas garras na alvenaria e subiam pelas paredes, avançando de quatro pelo teto. Demônios malignos e cruéis, determinados a me sugar e drenar minha alma enquanto faziam isso.

Corri muito, mas não adiantou. Eram muitos. Meus pulmões ardiam, o ferimento na lateral do meu corpo ardia. O sangue escorria pelas minhas pernas, cobrindo meus pés descalços com uma camada de gordura que me fez escorregar e cair...

Eu não parei de cair.

Eu cairia para sempre, queimando e queimando, até que meu sangue se transformasse em vapor carmesim e minha carne se desprendesse dos meus ossos frágeis.

E ainda assim eu cairia.

Cair e cair para sempre.

EU-

Acordei assustado, respirando fundo, de forma audível e irregular, enquanto me sentava ereto.

Onde...

Onde eu *estava ?*

Minha boca tinha gosto de bile e cinza. Tudo doía pra caralho. Meus membros pareciam ter sido amarrados a quatro cavalos, e os desgraçados tinham disparado em quatro direções diferentes. Doía respirar. Engolir. Piscar. Por um bom minuto, apoiei as mãos no colchão embaixo de mim, tentando controlar meus sentidos, esperando a dor passar.

Demorou um bom tempo, mas finalmente consegui pensar o suficiente para absorver o ambiente. A luz entrava pelas janelas de 3,6 metros de altura à minha esquerda. Pesadas cortinas de veludo pendiam sobre elas, meio fechadas de um lado. Pinturas pendiam das paredes em molduras douradas, embora as obras de arte dentro dessas molduras estivessem cortadas em tiras. Acima, o teto era pintado de preto, com pontinhos brancos espalhados por ele sem nenhum desenho ou ordem aparente. Uma cômoda feita de uma madeira rica e escura estava encostada na parede perto da porta. Um armário feito da mesma madeira estava posicionado no canto, com as portas escancaradas, exibindo uma variedade de peças escuras em seu interior.

Eu estava em uma cama. Uma cama de dossel com pássaros, lobos e dragões esculpidos nas colunas. Os lençóis eram pretos. As almofadas aos pés da cama também eram pretas. Junto com as roupas quase pretas penduradas no armário...

O medo me deu um tapinha no ombro. No momento em que inalei pelo nariz e senti o cheiro de menta no ar, soube que estava em apuros.

"Ah, olha. Ela está viva", disse uma voz baixa.

Eu não tinha notado a cadeira de espaldar alto na poça de sombras criada pela cortina fechada. Nem notei o homem feérico esparramado nela, pés cruzados nos tornozelos, mãos sobre a barriga. Agora que eu sabia que ele estava lá, era impossível não notá-lo. O cabelo de Fisher estava um pouco bagunçado, ondas e cachos saltando para todos os lados. Seu rosto era branco como osso contra suas roupas escuras; como sempre, ele era uma criatura de

contrastes gritantes. Mesmo a quatro metros de distância, eu podia ver as manchas de icor manchando suas bochechas. Ele parecia relaxado. Sua postura era de tédio, mas a energia que ele emanava me atingiu como um tapa. Com olhos de fogo verde, ele me encarou tão intensamente que quase desisti e recuei sob o peso de seu olhar.

Cerrei os dentes, preparando-me para a tempestade que sentia se aproximando no horizonte. "Não foi minha culpa", eu disse.

Kingfisher piscou. "Eu nunca disse que era."

"Você está me *olhando* como se fosse", respondi, recolhendo os lençóis até o peito e agarrando-os como se pudesse usá-los como escudo contra ele.

“Parece-me que você está lutando contra uma consciência pesada”, ele resmungou.

"Não tenho a consciência pesada. Tenho um buraco no flanco *e* na perna porque vocês escolheram nos realocar para um lugar onde aberrações raivosas atiram
se jogam pelas janelas e nos atacam.” “Você não
está ferido”, disse ele calmamente. “O quê?”

Temos excelentes curandeiros aqui. Melhores até do que no Palácio de Inverno. Uma vantagem de viver nos arredores de uma zona de guerra. Você não precisa substituir seus guerreiros se conseguir resgatá-los das garras da morte a tempo.

Lancei-lhe um olhar sombrio. "Fique bem perto, você disse. Bom, eu estava o mais perto que consegui chegar sem sentar no seu colo, e olha só o que aconteceu. Fomos atacados dentro da sua *casa, porra."*

"Psshhh." Ele emitiu um som de desdém, mexendo num botão da frente da camisa. "Não foi nada. Quatro olheiros desonestos arriscando uma tacada que nunca iriam ganhar. Não vai acontecer de novo."

“Você não pode garantir isso.”

"Eu consigo. A casa está desprotegida desde que chegamos. Ren queria colocar uma unidade aqui para patrulhar o terreno e garantir que não tivéssemos visitas indesejadas, mas eu o interrompi. Não percebi que os alimentadores estavam tão..."

"Descarado?"

"Com fome." Ele pressionou a ponta da língua contra a ponta de um canino afiado, me observando. "Você acertou um deles", disse ele.

"Dois acertos." Se ele ia me elogiar, que pelo menos acertasse.

"Impressionante." Isso deveria ser um elogio, mas seu tom de voz era indireto.

"Para uma menina?" perguntei amargamente.

Ele arqueou uma sobrancelha escura. "Para um *humano."*

"Ah, vá se foder, principezinho. O que você tem contra os humanos, afinal?", gritei. "Você está tão determinado a nos odiar, mas somos mais parecidos do que diferentes."

Ele bufou ao ouvir isso. Levantou-se da cadeira e aproximou-se da cama. De pé ao meu lado, estendeu a mão e enrolou uma mecha do meu cabelo em volta do dedo indicador, olhando-a pensativamente. "Não somos nada parecidos", disse ele baixinho. "Você quase morreu de um arranhão que teria sido uma leve irritação para mim. Você é frágil. Você é vulnerável. Você é um cervo recém-nascido, tropeçando no escuro, cercado por predadores com dentes afiados. Eu sou a coisa que existe do outro lado da escuridão. Eu sou a coisa que infunde o medo dos deuses nos monstros que te comeriam, com ossos e tudo."

Por que ele estava me olhando daquele jeito? Seus olhos eram duros, mas sua expressão era cuidadosamente vazia. Eu não conseguia entender. Não conseguia entendê-lo. Seus dedos se contraíram, as pontas tão perto da minha bochecha. Eu ainda estava delirando por causa do veneno. Tinha que estar, porque eu realmente sentia que ele queria passar os dedos pela minha bochecha e estava se forçando a não fazer isso. "Este é o seu quarto", sussurrei.

Fisher puxou a mão de volta, rápido como um raio. Ele ficou ali, com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, como se não conseguisse entender como se viu tocando meu cabelo. Observei sua expressão endurecer, um aperto se formando no meu estômago. Por que ele estava assim? Qual *era exatamente* o problema dele? Eu havia perguntado diretamente qual era o problema dele com os humanos agora mesmo, mas não conseguia me livrar da sensação de que era mais do que isso. Que ele tinha um problema especificamente *comigo* .

"É sim", disse ele. "Foi o lugar mais próximo para te deixar."

"Por que todos os quadros estão rasgados desse jeito?", perguntei.

A tensão crepitante entre nós se rompeu como uma corda esticada demais.

"Porque eu os destruí", disse ele, categoricamente.

"Por que?"

Ele expirou, girando para longe. Dando passos largos e determinados, dirigiu-se para a porta. E, assim como fizera no jantar, antes que o inferno se instalasse, ele lançou a voz para que ficasse bem perto do meu ouvido. A

aspereza dela, tão perto, me assustou. "Porque às vezes, meu pingente não consegue afastar a escuridão que se insinua."

Rangendo os dentes, gritei para ele. "Sério? Só isso? Você vai embora? Se for esse o caso, posso voltar para o meu quarto agora!"

Fisher fez uma pausa, com a mão apoiada no batente da porta. "A menos que precise se aliviar, você não vai sair dessa cama, Osha. Mesmo assim, você vai ao banheiro e volta direto para a cama. Ainda há vestígios de veneno nas suas veias. Você precisa descansar até ter tempo de se curar completamente."

"Eu posso me curar na minha própria cama." Mas, enquanto eu dizia isso, a pergunta surgiu na minha mente. Será que eu *tinha* uma cama ali? Um espaço para chamar de meu? O quarto em que eu havia acordado era um luxo além de qualquer coisa que eu jamais poderia ter sonhado na Cidade Prateada, mas a perspectiva de dividir um quarto com Carniça não parecia atraente, especialmente quando eu me sentia um lixo.

"Fique nessa cama, Pequena Osha." A ordem foi gentil, quase gentil, mas havia uma qualidade ressonante nela que não deixava espaço para discussão.

Apertei ainda mais os lençóis pretos e sedosos. "Então, onde *você* vai dormir?" Se ele pensou por um segundo que eu dividiria a porra da cama com ele, estava redondamente enganado.

Ele devia saber o que eu estava pensando, porque sorriu ironicamente enquanto falava. "Vou para Innír por uma semana. Tem coisas que precisam da minha atenção lá."

“Innír?”

"O acampamento de guerra. Do outro lado das montanhas." Ele apontou para a janela. "Eles funcionam como uma barreira entre este lugar e a carnificina do outro lado."

"Ah." Eu tinha razão, então. O acampamento que imaginei quando ouvi falar de Cahlish pela primeira vez existia. Quatrocentos metros de rocha saliente e irregular se erguiam entre ele e esta casa, mas *era* lá fora.

"Só para constar, eu jamais usaria uma lesão como desculpa para me meter numa cama", disse Fisher. Sua voz estava ainda mais próxima agora. Eu quase conseguia sentir o roçar de seus lábios na minha orelha. "Nunca tive problemas para conseguir um convite."

Ele estava tão seguro de si. Sua arrogância ultrapassava os limites. "Bem, não conte com um convite *meu* ", retruquei, puxando os lençóis ainda mais para baixo do queixo.

Porra. Aquele sorriso. Ligeiramente boquiaberto, exibindo um vestígio de dentes pontudos. Eu tinha que ter muito, muito cuidado com aquele sorriso. Ele me destruiria se eu deixasse. "Hm. Você tem razão. Acho que você não vai me convidar. Quando chegar a hora, acho que você vai *implorar..."*

Soltei um grito de fúria. Agarrei a coisa mais próxima que consegui alcançar e joguei uma almofada na cabeça dele. Pesada demais, ela caiu no chão, lamentavelmente aquém do alvo.

A risada de Kingfisher ecoou pelo corredor enquanto ele desaparecia, a porta do quarto se fechando atrás dele. Joguei os lençóis para longe, determinada a atirar algo *muito* mais afiado nele, mas quando tentei balançar as pernas para fora da cama... nada aconteceu. Meus músculos não se moveram um centímetro. Nem se contraíram.

Ai, meus deuses, eu estava paralisado. Algo não estava certo. Os curandeiros... eles... eu não conseguia mexer meu... ai, meus deuses. Ai, não, ai, não, *ai, não...*

No instante em que parei de tentar sair da cama e tentei flexionar os pés, meu corpo obedeceu. O alívio me atingiu com tanta força que soltei um soluço, pressionando as costas da mão contra a boca. Eu *conseguia* mexer as pernas. Simplesmente não conseguia me levantar.

EU-

Espere.

Não.

Ele não tinha.

A menos que precise se aliviar, você não vai sair dessa cama, Osha. E mesmo assim, você vai ao banheiro e volta direto para a cama .

A compreensão pesava no centro do meu peito. Foi por isso que a voz de Fisher soou tão firme quando ele me disse para ficar na cama e descansar — porque era uma ordem emitida pelo juramento que me ligava a ele.

Eu *tive* que ficar na cama dele. Não tive escolha.

Cinco dias.

Cinco dias longos e fodidos. Comi na cama do Fisher. Dormi na cama do Fisher. Sempre que precisava ir me *aliviar* , como Fisher tão elegantemente dissera, meu corpo me permitia levantar, mas meus pés me levavam até a

porta discreta perto do armário e me permitiam entrar no lindo banheiro de mármore branco. Eu podia fazer o que precisasse, e podia lavar as mãos, mas assim que terminava, minhas pernas me levavam de volta para a confortável prisão da cama dele.

Eu não fazia ideia de que tipo de magia mantinha os lençóis tão perfeitamente frescos e limpos, mas não demorou muito para que eu decidisse que era traiçoeira e maligna. O cheiro de Fisher nunca desaparecia da seda preta. Eu conseguia sentir o cheiro dele — o aroma complexo de uma floresta fria de inverno — a cada segundo de cada hora de cada dia, até que ele se tornou literalmente tudo em que eu conseguia pensar.

Eu queria *matá* -lo.

E eu estava tão entediado que pensei que ia enlouquecer. A presença de Onyx foi a única coisa que me salvou. A raposa tinha chegado logo depois que Kingfisher foi embora e tinha ficado comigo a maior parte do tempo desde então. Ela se enrolou ao meu lado e dormiu. Fazia barulhos estranhos que pareciam estar rindo sempre que eu a acariciava ou lhe dava carinho no pescoço. Três ou quatro vezes por dia, ela pulava da cama e saía furtivamente do quarto, abrindo a porta com o focinho, provavelmente indo para fora para ir ao banheiro ou caçar. Mas ele sempre voltava.

Sempre que os espíritos do fogo me traziam as refeições, eu implorava para que trouxessem Fisher, mas eles davam de ombros timidamente e me diziam que ele não havia retornado. Depois do almoço, invariavelmente, Te Léna, uma curandeira feérica com uma linda pele cor de bronze e os olhos âmbar mais deslumbrantes, vinha me ver. Ela colocava as mãos no meu abdômen e "lia meu sangue". Eu não fazia ideia do que isso significava, mas ela fazia algo certo. Uma sensação arrepiante, nada desagradável, percorria minhas veias, fazendo meu corpo cantarolar um pouco. Ela sorria para mim, desculpando-se, e dizia: "Ainda não", e então me dava um novo livro para ler. No quarto dia, seu sorriso estava mais brilhante, porém. Mais otimista. "Mais um dia", disse ela.

"Mas eu me sinto bem!" Eu me sentia bem o suficiente para correr metade do Zilvaren sem suar a camisa desde que Fisher partira para o acampamento, mas não havia conversado com nenhum dos meus visitantes, muito menos com Te Léna.

"Mesmo que eu quisesse te libertar do comando dele, eu não conseguiria. O *juramento* sabe que você ainda não está totalmente recuperado, então não vai te deixar sair desta sala." Ela apertou meu ombro, me tranquilizando.

"Mas não falta muito. Tem tão pouco veneno no seu organismo que mal consigo detectá-lo. Só mais vinte e quatro horas."

No último dia da minha prisão, Carniça me trouxe o café da manhã em vez de um dos espíritos do fogo. Ele já tinha vindo antes, mas me irritou tanto com seu andar e suas perguntas que gritei com ele e o mandei embora. Ele não voltou depois disso. Não até agora. Ele sorriu para mim por cima da bandeja que colocou no meu colo, com um brilho travesso nos olhos.

"Você parece irritado", ele disse.

Não foi o eufemismo do século. Foi o eufemismo de toda a época. *"* Estou *puto* ."

Carniça se jogou na cama, esticando-se ao meu lado. A perturbação acordou Ônix do seu cochilo; ele rosnou, mostrando os dentes para o homem mais procurado de Zilvaren, achatando as orelhas contra a cabeça, mas Carniça simplesmente o ignorou. Ele grunhiu, afofando os travesseiros de Fisher, aconchegando-se. *"* Sabe o que realmente *o* irritaria?"

Eu sabia que ele não estava falando de Ônix. "Só não, Carniça."

"Vingança transando na cama dele."

Enfiei um pedaço de maçã na boca. "Ah, sim, claro. Parece uma *ótima* ideia. Idiota. O que você acha que ele faria com você se você *transasse com alguém na cama dele?"*

Carniça arqueou as sobrancelhas. "Acho que ele nunca saberia."

Quase engasguei com a maçã. "Ah, ele sabe." O comentário sarcástico que Fisher fizera na sala de jantar veio à tona na minha mente como se ele estivesse ali, rindo como se o repetisse pessoalmente. *Senti seu cheiro a cinco quilômetros de distância, impregnado naquele* garoto *... Feromônios são sinalizadores para o nosso nariz, Pequena Osha.*

"Eu estaria disposto a arriscar incitar a ira dele", disse Carniça. "Qualquer que fosse o castigo, valeria a pena."

Hah. Carniça não tinha visto Fisher decapitar aquele alimentador com um único movimento implacável do pulso. Se tivesse, talvez reconsiderasse a afirmação. Lancei-lhe um olhar penetrante. *"Não."*

Carrion roubou um pedaço de torrada da minha bandeja de café da manhã. Ele o mordeu, criando uma chuva de migalhas que magicamente desapareceram antes de atingirem os lençóis. "Só para eu saber", disse ele, mastigando. "Isso é um não para transar na cama do seu captor? Ou um não para transar em geral?"

"O que *você* acha?"

Ele apontou para mim com a ponta da sua torrada. "Você poderia estripar um homem com essa expressão. É uma das coisas que mais amo em você."

Arranquei a torrada da mão dele e joguei no meu prato. "Não gosto de nada em você."

"Mentiroso. Tem *tantas* coisas que você ama em mim." Ele piscou maliciosamente, tentando roubar a torrada novamente, mas eu dei um tapa nas costas da sua mão.

"Pegue seu próprio café da manhã maldito. Este é meu."

"Meu cabelo. Meus olhos. Minha inteligência. Meu charme..." Ele contou nos dedos, fazendo uma lista.

"Você *não tem* charme nenhum."

" Sou muito mais charmoso que *o Kingfisher",* ele gaguejou.

" Vocês dois são tão insuportáveis um quanto o outro. Agora, por favor, podem tirar essas botas imundas e enlameadas da cama?"

"Que diferença faz? A lama simplesmente desaparece, de qualquer forma." Ele demonstrou, limpando as solas enlameadas das botas nos lençóis amassados, parecendo muito satisfeito consigo mesmo quando a bagunça que fez desapareceu imediatamente. *"Viu?"*

" Que diabos você andou fazendo?", perguntei. "Por que está tão sujo? E... espera, onde você conseguiu essas botas? Da última vez que te vi, você estava andando descalço." Ri com desdém. "Você parecia *idiota* ."

"Bem, eu dificilmente andaria por aí com uma bota só, né? Enquanto *você* ficou preso aqui, olhando para o teto, eu estive treinando com os novos guardas. Eles têm um sistema de luta fascinante." Era uma provocação superficial. Vingança por dizer que ele ficaria com cara de bobo. Se havia uma coisa que Carrion Swift não tolerava, era ser ridicularizado. "Quanto às botas, seu amigo Fisher me deu."

Larguei o garfo. "Ele *fez isso?"*

Carniça assentiu. "Naquela noite, antes de você jantar com ele, na verdade. Você já tinha ido para a sala de jantar. Ele apareceu com isso na mão e disse que me daria com uma condição."

"Qual foi?"

Carrion pegou uma uva da bandeja e a colocou na boca.

"Que eu tome banho."

"Um banho?"

"Sim, um banho."

"Esse é um pedido estranho."

Eu sei. Mesmo depois de ser sequestrada, arrastada para um reino diferente e carregada por quilômetros nas costas de um cavalo, eu ainda cheirava muito bem. Mas ele estava tão irritado por não gostar do meu cheiro, então pensei: foda-se. Tanto faz. Um banho por um par de botas novas era uma troca justa. E era ótimo ficar de molho em toda aquela água quente. Estranho, né? Toda aquela água? Ainda não consigo entender o fato de que há tanta coisa...

Ele continuou tagarelando, mas a mordida na torrada que eu acabara de dar estava grudenta, como cola. "Ele disse que não gostou do seu cheiro?"

Sim, e ele foi *muito* rude. Ele mandou um bando de duendes virem me esfregar com umas escovas duras até eu ficar toda machucada e rosada. Juro que tiraram quatro camadas de pele. Depois, colocaram uma argila branca e grossa em cima de mim e deixaram agir por tanto tempo que endureceu, e tiveram que quebrá-la para tirar tudo.

“Deuses.”

"E *então* ", disse ele, pegando outra uva. "Eles me esfregaram com um tipo especial de musgo, e foi aí que as coisas ficaram interessantes. Eles deram atenção especial à minha..." Seus olhos percorreram seu corpo até pousarem em sua virilha.

Ergui as sobrancelhas para ele. "Você deixou um espírito do fogo te masturbar com um punhado de musgo feérico?"

"Não é um espírito do fogo", disse ele, na defensiva. "Eram espíritos da água. Três deles. São menores que as mulheres feéricas e muito bonitas de se ver. Não me importei nem um pouco com a atenção delas."

" Você está em Yvelia há cinco segundos e já fez sexo a quatro com uma espécie diferente de criatura mágica?" Eu não sabia por que estava surpreso. Era algo que Carniça faria.

"Com ciúmes?", ele perguntou, piscando novamente.

"Não! Eu... eu estou enojada! E se você pegar algum tipo de doença feérica?" *Olhei* para a virilha dele para dar ênfase dessa vez.

Outra uva entrou em sua boca. "Ahh, não estou preocupado com isso. Eles foram *muito* cuidadosos com aquele musgo.”

"Bruto!"

"Vamos. Apresse-se e coma. Aquela curandeira linda me disse para te avisar que você conseguiria sair daqui assim que terminasse tudo naquela bandeja."

Fiquei boquiaberto. "Carrion Swift, você é um babaca! Essa deveria ter sido a primeira coisa que você disse quando entrou aqui."

Nunca terminei um prato de comida tão rápido na minha vida. Nem mesmo quando eu estava morrendo de fome no Terceiro Mundo.

A prata cuspia no cadinho, borbulhando furiosamente. A combinação de limalha de ferro e o pó amarelo que eu primeiro misturei em solução salina e depois adicionei à prata derretida não tinha dado certo. Nem o experimento em que tentei adicionar uma pequena lasca de ouro e um pouco de cabelo humano (meu) ao metal. Nas duas vezes, quando coloquei o medalhão que forjei com os materiais no mercúrio, ele se agitou, a voz interior sibilando furiosamente em uma língua estrangeira. Desta vez, queimei um pouco de madeira, moí as brasas que restaram e as polvilhei na prata. Os dois não queriam se misturar, mas despejei o conteúdo do cadinho no molde e queimei tudo na tina de resfriamento mesmo assim, estremecendo enquanto a água esfriava o metal, criando uma nuvem de fumaça fétida.

No instante em que joguei o medalhão no cadinho que continha o mercúrio, percebi que essa tentativa também havia fracassado. O mercúrio *riu.*

E foi isso. Eu só podia fazer três experimentos por dia. Com tão pouca prata para trabalhar, eu precisava passar o resto do dia refinando-a para que estivesse pronta para novos testes no dia seguinte. Xingando com raiva, juntei os restos que havia criado e joguei em um cálice de fogo, minha raiva aumentando junto com a temperatura dentro da forja. Mesmo com um lado da oficina aberto aos elementos, ainda estava tão quente quanto as masmorras do palácio de Madra quando terminei o dia.

Quando não estava perseguindo pássaros ou caçando ratos, Onyx ficava deitado embaixo do carvalho gigante, me observando de longe, refrescando a barriga na neve.

Fazia oito dias desde que eu fugira do quarto de Fisher, o que significava vinte e quatro tentativas frustradas de criar uma relíquia. O baú cheio de anéis de prata estava ao lado do banco onde Fisher o deixara, sua presença um lembrete diário de que, até que eu transformasse cada anel dentro dele em um escudo que permitisse aos guerreiros de Fisher atravessarem o mercúrio ilesos, eu estava basicamente ferrado. E então eu via os outros baús cheios de anéis escondidos no canto, e tinha que lutar contra a vontade de gritar.

Eu não queria pensar no que aconteceria se não fizesse nenhum progresso logo. Toda vez que eu refinava a prata residual, perdia um pouco dela. A

quantidade com a qual eu tinha para trabalhar diminuía a cada dia, e com ela, também diminuíam minhas chances de rever Hayden e Elroy.

Enquanto eu trabalhava, Onyx uivava, animado por algo do outro lado do muro do jardim. Ele fazia isso com frequência. Havia animais vagando pelos terrenos de Cahlish e guardas que agora patrulhavam também do outro lado do muro. Eu não os via com muita frequência, mas os ouvia de vez em quando. Ignorei os sons de indignação de Onyx enquanto colocava cuidadosamente os restos de prata em um tanque de ácido. Olhando fixamente para os três pequenos medalhões, observando-os se dissolverem lentamente, só vi o intruso escalando o muro quando já era tarde demais.

Levantei a cabeça de repente quando Onyx soltou um latido muito parecido com o de um cachorro. E lá estava ele. Uma figura escura, caminhando em minha direção pelo jardim.

Alimentador.

Meu coração deu um salto, minha mão procurou minha adaga, um grito de pânico crescendo no fundo da minha garganta...

...mas não era um alimentador.

Era o Ren.

Ele me deu um sorriso caloroso ao entrar na forja. "Boa tarde, Saeris."

"Sério? Você vai escalar o muro e me dar um susto em vez de entrar pela porta?"

"Foi mais rápido assim", disse ele. "Desculpe. Não queria te assustar."

O general deveria ter me assustado, mas mesmo depois de se lançar por cima de um muro e me surpreender, não o fez. Havia um calor nele que me fazia sentir à vontade, por mais imponente que fosse. A metade superior de seus longos cabelos castanho-claros estava presa em duas tranças de guerra. Elas se prendiam em um rabo de cavalo na base do crânio. O resto caía bem abaixo dos ombros, quase tão longo quanto os meus. Seus olhos — do castanho mais profundo — pareciam um pouco cautelosos enquanto ele espiava a forja por trás de mim.

"Você está bem?", perguntei. "Isso é... *sangue?"* Suas mãos estavam manchadas de preto, assim como suas calças. A placa dourada que ele usava no peito, gravada com o símbolo de uma cabeça de lobo rosnando, muito semelhante à da gorjeta de Fisher, também estava salpicada de um líquido preto. Poderia ser lama bem escura, mas... não. Ele estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu cheiro agora, e, meu Deus, o general exalava o mesmo odor fétido que pairava no ar quando os alimentadores nos atacaram. Era definitivamente sangue. Ele olhou para si mesmo, as

sobrancelhas se erguendo como se tivesse acabado de perceber que estava imundo.

"Ah. Merda. Sim, uh... não temos exatamente acesso a uma casa de banho no acampamento. Tem um rio, mas está congelado. Eu... eu deveria ir me limpar. Desculpa, Saeris. Eu estava tão decidido a vir te dar um oi que..." Ele tentou, sem sucesso, limpar as mãos na calça. "É, esqueci disso . Vou me limpar. Primeiro, fiquei encarregado do prazer de te avisar que Fisher está pedindo sua presença para jantar novamente esta noite."

"Ah, ele voltou, né?" Cruzei os braços. "E *pedindo* minha presença? Tem certeza de que não está exigindo?"

Renfis estremeceu, e eu soube que tinha acertado em cheio. Ren era um milhão de vezes mais gentil que Kingfisher e havia reformulado a mensagem que lhe fora dada para me passar. "Ele não quis ser tão brusco", disse. "Ele está lutando nessa guerra há tanto tempo que se esqueceu de como é interagir com a sociedade educada."

Voltei para a forja e deixei minhas luvas térmicas caírem na bancada. "Você realmente *deveria* parar de inventar desculpas para ele. Isso não ajuda nem ele, nem a mim, nem a ninguém. Ele é um canalha."

Ren deu um sorriso fraco. "Ele também é meu melhor amigo. Preciso acreditar que ele ainda está aí, em algum lugar. A pessoa que eu conheci. Não essa versão fria e retraída dele." Sua tristeza o pesava, eu podia ver. "Mas enfim. Não vou te atrapalhar. Você precisa se arrumar para o jantar e..."

“Você vai estar lá desta vez?”

Ren olhou para as unhas sujas de terra, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. "Não. Normalmente eu como com Fisher, mas não fui convidado esta noite."

Estreitei os olhos. "E por que você acha que foi isso?"

“Eu odiaria arriscar um palpite.”

Covarde. Nós dois sabíamos que o Fisher só me convidou porque queria me torturar para se divertir, sem ninguém por perto para controlá-lo. Eu não ia aceitar dessa vez. "Você vem jantar", informei ao Ren.

“Não, acho que não”, ele respondeu lentamente.

“Sim. *Estou* convidando você.”

“ Estou honrado e obrigado, mas—”

"Olha, você quer que o Fisher venha me procurar porque eu me recusei a jantar? Você quer que ele me obrigue a ir? Você acha que ele faria isso?"

"Não, claro que não! Ele não faria

isso." Esperei.

“Tudo bem, ele provavelmente faria isso”, ele admitiu.

"Ótimo. Então você vem."

“Saeris.”

"Porque você não gostaria que ele me ordenasse algo que eu não queria fazer de novo. Porque você é uma boa guerreira feérica, ao contrário de Fisher, que é a encarnação do diabo."

Ren pareceu dividido, mas finalmente cedeu. "Tudo bem. Sim, tudo bem. Eu vou. Mas ele não vai ficar nada feliz com isso."

"Quando o Fisher fica feliz com alguma coisa?", fiz uma careta. "Onde ele está, afinal? Por que ele não veio me torturar com a notícia do jantar?"

Ren olhou para a porta, mais alerta do que um momento antes. Tive a impressão de que sua audição feérica superior havia detectado movimento no corredor da casa principal, mas, se detectou, não mencionou.

“Ele está com Te Léna”, disse ele distraidamente.

"Ah. Certo. Ele se machucou ou algo assim?"

"Hmm? Ah, não, ele está bem. Nada com que se preocupar. Houve uma escaramuça na floresta a leste, além do acampamento, mas acabou rápido. Ele saiu ileso." Ele assentiu, como se tentasse se convencer de que era verdade. "Te vejo no jantar, Saeris."

"Espere. Só mais uma coisa antes de você ir. Tenho pensado muito enquanto estive preso aqui, tentando criar essas relíquias, e... a espada de Fisher, Nimerelle, ainda tem um pouco de magia, não tem? A fumaça e aquela energia sombria que crepita da lâmina?"

Ren pareceu um pouco cauteloso agora. "Sim."

“Como—como é isso?”

Ele esfregou o queixo, pensando por um segundo. "Não tenho certeza", disse ele. "Nenhum de nós tem. Tudo o que sabemos é que, quando as espadas dos deuses silenciaram e abandonaram o resto dos feéricos que as carregavam, Nimerelle permaneceu. Com um custo. A lâmina costumava brilhar como prata brilhante. Com o passar dos séculos, ela enegreceu e manchou. Mas Nimerelle permaneceu. O espírito daquela espada ou a magia dentro dela, seja lá o que você escolher acreditar, permaneceu . Não importa o que aconteça, nunca o deixou."

"Não vejo por que *tenho* que vir." Carrion puxou o colarinho da camisa, resmungando enquanto corria atrás de mim pelo corredor. "Eu estava no meio

de uma ótima sessão de treino. Estou imundo. Eu teria me trocado se soubesse que teria uma refeição agradável com meu sequestrador. Falando nisso, *você* também deveria ter se trocado depois que saiu da forja." "Troquei", respondi, sem graça.

Carniça fez uma careta. "Sério? Acho que me lembro de ter um vestido preto transparente e decotado na ponta da sua cama quando voltei para o quarto mais cedo, e não pude deixar de notar que você está usando uma camisa desbotada e puída e uma calça bem empoeirada."

"E daí? Eles *estão* limpos."

"Essa é a única coisa positiva que se pode dizer sobre eles." Carniça torceu o nariz em desgosto. "Eu tinha um interesse enorme em ver você com esse vestido."

"Por quê?" Empurrei a porta da sala de jantar.

"Seus peitos fenomenais, é por isso. Teriam ficado ótimos naquele vestido. E na sua bunda. O tecido era transparente pra caramba. Não deixaria muito para a imaginação. Não que eu precise usar a imaginação quando se trata do seu corpo, mas..."

Um rosnado sinistro ecoou pela sala de jantar.

Carrion teve bom senso suficiente para parar de falar.

As janelas haviam sido consertadas depois do ataque. Desta vez, não havia nenhum arranjo floral enorme no meio da mesa. Fisher estava sentado à cabeceira, vestido de preto meia-noite. Uma camisa sob medida abraçava seu peito e ombros da maneira mais perturbadora. Seu cabelo estava úmido, as pontas onduladas, como se ele tivesse acabado de sair do banho. Sua boca formava uma linha tensa, sugerindo que ele queria fechar as mãos em volta da garganta de Carniça e quebrar seu pescoço. Agora, todo limpo, Ren estava sentado à esquerda de Fisher, segurando um copo de uísque, com uma expressão de dor.

"Você está atrasado", disse Fisher em um tom glacial. "E, por favor, me esclareça. Por que você convidou metade da família para uma reunião que deveria ser só para nós dois?"

"Encontro? Pensei que fosse um jantar. E como seria justo eu aproveitar o prazer da sua companhia enquanto esses dois estão de fora?"

Carniça levantou a mão. "Na verdade, eu preferiria não estar aqui." "Senta *aí, porra* ", sibilei.

"Tudo bem. Deuses."

Um lugar havia sido posto para mim na outra ponta da mesa novamente, embora parecesse que uma concessão havia sido feita desta vez, porque a

mesa não era nem de longe tão comprida quanto antes. Apenas três metros? Mesmo assim, eu não era um cidadão de segunda classe para ser relegado à outra ponta de uma porra de mesa. Passei direto pela mesa posta, pegando apenas a taça de vinho pelo caminho, e então arrastei a cadeira à direita de Fisher novamente, sentando-me pesadamente nela.

Renfis estava tomando um gole do seu copo, mas no instante em que percebeu que eu estava sentado à sua frente, ao lado de Fisher, o álcool espirrou da sua boca em um arco que quase cruzava a largura da mesa. Felizmente, ainda não havia comida na mesa.

"Santos." Ele bateu no peito, ofegante. "Que porra é essa?"

" Ah, sim. Ela não tem noção de tempo *e* tem preferências de assento nada convencionais, não é, Humana?"

"Posso sentar lá em vez disso?", ofereceu Carniça.

"De jeito nenhum", latiu Kingfisher. "Experimente e morra."

"Uau. Certo. Eu só estava tentando manter a paz. Se vocês precisarem de um amortecedor—"

"Não temos", retrucou Fisher. "E mesmo que tivéssemos, eu convidaria alguém muito mais simpático do que você. Não!" Ele ergueu um dedo, apontando para Carniça. "Não *me* diga o quanto você é simpático em Zilvaren. Não quero ouvir."

Carrion deu-lhe um sorriso doentio enquanto se sentava na cadeira ao lado.

"Aqui. Venha sentar deste lado", disse Ren, pegando seu copo e empurrando a cadeira para trás. "Eu não me importo de me mexer."

"Qual a diferença entre este lado e aquele?", perguntei. "De qualquer forma, ainda tenho que olhar para a cara de convencido dele."

"Ela tem razão", disse Fisher. "Ela já tomou sua decisão. Deixe-a sentar onde quiser."

Ren lançou-lhe um olhar estranho. "Sério?"

"Realmente."

Eu não conhecia o general muito bem, mas o conhecia o suficiente para perceber que ele ficou perplexo com a declaração de Fisher. Ele se recostou na cadeira, seus olhos percorrendo as feições do amigo enquanto eu pegava a garrafa de vinho à sua frente.

Fisher e me servi de um copo grande. Eu teria largado a garrafa de volta na hora, mas Carniça a arrancou de mim antes que eu tivesse chance. Fisher observou Carniça se inclinar sobre mim, com as narinas dilatadas.

“Você está treinando com os guardas”, ele disse.

Carniça assentiu. "O jeito como os Fae lutam é incrível. Tão fluido e preventivo. É como assistir a um balé."

“As pessoas não são massacradas no balé de Yvelia”, disse Fisher secamente.

"Sério? Não me surpreenderia se soubessem. Vocês são quase tão sanguinários quanto os brigões que lutavam nas arenas por rações de água lá no Terceiro Mundo."

"Nós evoluímos. Não lutaríamos por algo tão insignificante quanto uma ração de água."

Carniça soltou uma risada abafada. "Você faria isso se estivesse morrendo de sede. Confie em mim. Eu já vi."

Ouvi as palavras não ditas. *Já passei por isso.* Ele não as disse. Não precisava. Houve momentos em que ele lutou para sobreviver na Cidade Prateada. Eu sabia disso porque todos lutavam. Era inevitável. Chegou um momento para todos os moradores do nosso bairro, em que se depararam com uma situação impossível e tiveram que decidir. Ou lutavam por água, ou a roubavam. Carniça provavelmente já tinha feito as duas coisas mais vezes do que conseguia contar.

Fisher olhou de Carrion para mim, como se estivesse se perguntando se *eu* já tinha me encontrado no fundo de um poço com uma adaga na mão, lutando por um copo de água.

Fiquei imaginando como ele reagiria se soubesse disso.

Ren pigarreou diplomaticamente, redirecionando a conversa. "Sejam bem-vindos para vir treinar com a guarnição, agora que eles voltaram. Amanhã de manhã, faremos exercícios."

Ele tinha falado com Carniça, mas eu respondi primeiro. "Que horas? Eu adoraria treinar."

"Estou surpreso", disse Fisher, tomando um gole do uísque que tinha à sua frente. "Achei que você estava com pressa para chegar em casa."

"Sou eu. Você sabe que sou eu."

Ele não olhou para mim. "Mas você prefere perder tempo na neve com uma espada na mão em vez de trabalhar na tarefa que vai te libertar?"

Archer e sua equipe de espíritos do fogo entraram na sala de jantar. Eles se arrastaram pela mesa, colocando bandejas de comida quente e fumegante, desviando o olhar de nós. Todos, exceto Archer, que me encarou com os olhos arregalados, enquanto colocava uma colher de sopa ao lado da tigela que havia colocado à minha frente. Sorri para ele, e ele guinchou, seus olhos

se lançando para o chão. Seu rosto áspero era incapaz de corar, mas tive a sensação de que ele estava envergonhado por ter sido pego olhando para mim.

"Não estou chegando a lugar nenhum com as relíquias", eu disse a Fisher. "O jeito que você está me fazendo trabalhar agora é inútil. Eu poderia continuar com esses testes até o fim dos tempos. Ainda não consigo entender o processo de transmutação. E, devo dizer, você parece não dar a mínima. É quase como se você não se importasse se eu tiver que ficar aqui para sempre."

Archer soltou uma risadinha nervosa, soluçou e então correu em direção à porta.

Kingfisher não pareceu se importar com o comportamento estranho do pequeno espírito. "Claro que quero que você fique. Você é o único Alquimista que temos", disse ele. "Eu o manteria aqui e o faria trabalhar naquela forja até morrer de velhice, se dependesse de mim. Mas acordo é acordo." Era uma prova do meu controle nervoso que eu não tenha retrucado enquanto o observava bebericar do seu copo. "É realmente chocante a pouca fé que você tem em si mesmo. Você vai descobrir. Por favor, comam alguma coisa", disse ele, gesticulando para o banquete que os espíritos nos trouxeram.

Carrion não esperou convite e já estava enchendo seu prato com tortinhas, legumes assados e cinco tipos diferentes de pãezinhos. Ren também pegou um pedaço de pão, embora não estivesse dando muita atenção. Ele o cutucou, arrancando um pedaço e colocando-o na boca, mastigando lentamente enquanto seu olhar se movia sutilmente entre mim e Kingfisher.

“Não estou com fome”, eu disse.

"Você está", disse Fisher. "Estamos todos ouvindo seu estômago roncando. Coloque alguma coisa nele para não termos que ouvi-lo reclamando pela próxima hora."

A sopa na terrina mais próxima tinha um cheiro incrível. Era espessa e cremosa. Frango, talvez? Cogumelos e milho também. Se eu não estivesse me sentindo tão irritado por ter sido coagido a vir aqui, teria enchido minha tigela até a borda com ela. Como *estava* bêbado, ignorei a comida e meu estômago roncando e encarei Fisher com meu melhor olhar mortal. O mesmo que Carniça dissera ser capaz de estripar um homem. "Você disse que ia para o acampamento por uma semana. Ficou fora por duas."

"Você está com saudades de mim?"

“Eu não gostei de ficar preso na sua cama por cinco dias, sabe.”

"Sério?" Ele pegou um pedaço de queijo. "A maioria das mulheres *gosta de* passar tempo na minha cama."

"Quanto tempo você vai ficar antes de voltar para o acampamento?", Carniça perguntou a Ren, com a boca cheia de comida.

Ren arqueou uma sobrancelha, esforçando-se para desviar o olhar de mim e encará-lo. "Hã... uma semana, talvez?"

"Eu nem quero pensar na merda depravada que você fez naquele quarto", eu sibilei.

A risada de Fisher inundou a sala de jantar. "Você tem razão. Você não."

"Urgh!"

“Então estarei no pátio todas as manhãs antes do amanhecer”, disse Carniça.

"Claro. Vamos praticar desarmamento amanhã..." Ren cortou outro pedaço de pão e o colocou na boca, lançando-me um olhar de soslaio. "Você provavelmente precisa de um pouco de treinamento nisso, Saeris."

"Ótimo! Estarei lá. *Obrigada."* Tentei deixar minha voz um pouco mais leve, mas não consegui. Ren riu silenciosamente, olhando para o prato. Aparentemente, ele achou a batalha que eu estava travando com Fisher adorável e não se ofendeu com o meu tom de voz, mas eu não estava brava com ele. Ele não merecia minha ira. "Desculpe", eu disse, respirando fundo. "Eu não queria gritar. Não com *você*, pelo menos."

O general balançou a cabeça, reprimindo um sorriso. Pegou uma torta e a colocou no prato. "De jeito nenhum. Ele também me deixa louco."

Kingfisher não desviou o olhar de mim nenhuma vez durante essa conversa. "Certifique-se de que ela use uma espada de treinamento", disse ele, secamente. "Uma com o fio bem cego."

“Eu *não* preciso usar uma espada de treinamento!”

"Ah? Então você tem experiência em empunhar uma lâmina? Uma espada de verdade, de corpo inteiro, e não uma espada de cano curto mal forjada?"

Eu ia esfaqueá-lo no pescoço com minha faca *de manteiga cega* . Aí ele veria como eu era habilidoso com uma lâmina. Eu também conseguiria. Ele não estava usando a gorjeta naquela noite. Sua garganta estava nua, implorando para ser aberta, e eu estava com vontade de bater com força na carne. Só percebi que estava olhando para a garganta dele quando Fisher ergueu um pouco o queixo, inclinando a cabeça de modo que os tendões do pescoço se destacassem. Aquele sorriso de merda de novo. Eu queria tanto apagá-lo da cara presunçosa dele.

"Sim", declarei. Ele não fazia ideia do treinamento que eu fazia quando minha mãe era viva. Não fazia a mínima ideia do que eu era capaz. "Tenho

bastante experiência com espadas longas. São como punhais, só que maiores. Você usa a parte afiada..."

“Você está prestes a se envergonhar”, murmurou Fisher.
“É melhor parar de falar antes que você coloque Renfis aqui em uma sepultura prematura.”

"Ah, vá se foder, Fisher."

Ele mordeu o lábio inferior, os olhos vivos, brilhando em um verde vivo e prateado. Eu sabia como ele estava se divertindo agora, e não gostei nem um pouco. "Vai lá. Conta pra ela, Ren", disse ele.

"Não vou me meter no fogo cruzado disso tudo ″ , disse Ren, gesticulando para nós dois. "Ficarei feliz em demonstrar as diferenças entre combate corpo a corpo com adaga e esgrima pela manhã, Saeris. Enquanto isso, pretendo aproveitar meu jantar. Carniça, que tipo de sistema de luta os guardiões empregam na Cidade Prateada?"

Era como se Carniça estivesse esperando que ele perguntasse; ele mergulhou em uma discussão profunda e animada com o general, contando a Ren tudo sobre as técnicas e formações de luta que vira os guardas de Madra usarem em casa. Eu tinha certeza de que ele estava inventando metade da história. Eu não contribuí em nada para a conversa; eu estava travado em uma guerra silenciosa com Fisher do outro lado da mesa, e não planejava perder.

Fisher acenou com a cabeça em direção ao meu prato. "Coma, Pequeno Osha." Seus lábios se moveram, mas ele falou suavemente, transmitindo a voz.

"Deuses, vocês podem *parar* de fazer isso?", sibilei baixinho.

"Por quê? Eu vi como você fica arrepiada quando falo com você assim."

"Isso me deixa *desconfortável* ." Mantive a voz baixa, mesmo não devendo. Era indelicado manter uma conversa murmurada como aquela à mesa de jantar, mas Ren e Carniça estavam ocupados conversando, e descobri que eu tinha muito a dizer a Fisher. "Você me obrigou com o juramento de novo", disse eu, com os dentes cerrados.

“Sim”, ele concordou.

"Você não deveria ter feito isso."

"Por que não?"

"Não acredito que tenho que dizer isso em voz alta", sibilei. "Você não deveria fazer isso porque é *errado* . Você não pode sair por aí forçando as pessoas a fazerem coisas que elas não querem."

Por fim, Fisher comeu o queijo que estava segurando. "Você pode, se eles fizerem um juramento de sangue que os coloque à sua mercê."

A expressão de Ren escureceu ao ouvir isso, mas ele continuou falando com Carniça.

"Você não tem consciência nenhuma? Você é simplesmente mau? É isso?"

O canto da boca de Fisher se ergueu. Inclinando-se para a frente, ele pegou meu prato e começou a enchê-lo com vários itens das travessas e pratos que os espíritos haviam trazido. Ele pairou sobre uma bandeja de carne carbonizada, tentando decidir se deveria me servir um pouco daquilo, mas então pareceu desistir. Quando ficou satisfeito com o que havia preparado para mim, colocou a comida na minha frente e recostou-se na cadeira. As tatuagens em seu pescoço se moveram enquanto ele engolia. Os desenhos intrincados nas costas de suas mãos, algemando seus pulsos e desaparecendo nas mangas, se contorciam como fumaça.

“Coma algo desse prato e eu responderei sua pergunta”, sua voz ecoou em meu ouvido.

Um sorriso amargo se formou no meu rosto.

"Suborno?" Ele abriu bem as mãos. "O que der
certo." Fiz uma careta.

"Você quer que *eu* te alimente?" Ele parecia disposto a fazer isso.

"Tudo bem. Ótimo." Peguei o garfo e coloquei um pouco de purê de batatas nele, enfiando-o na boca. A explosão de manteiga, creme de leite e cebolinha fez minha boca doer enquanto eu engolia a comida, tentando não me derreter abertamente com o quão deliciosa estava. "Pronto. Feliz agora?"

Fisher sentou-se mais para frente, apoiando os cotovelos na mesa, com os olhos brilhando.

“Eu não sou mau, não.”

"Poderia ter me enganado."

"Se eu fosse mau, já teria usado seu juramento a meu favor." "Você usou", cuspi.

"É mesmo?" Ele parecia genuinamente curioso.

"Sim!"

"Eu já te forcei três vezes. Nas três vezes, acho que você vai descobrir que foi para o seu próprio bem."

"Que desculpa horrível! Você—"

"Se eu fosse mau e usasse o seu juramento para os meus próprios fins, eu ordenaria que você se ajoelhasse por mim", disse ele, interrompendo-me. "Eu ordenaria que você abrisse as pernas para mim. Eu ordenaria que você me

chupasse e me fodesse até desmaiar de exaustão. É *isso* que você quer, Pequena Osha?"

Um calor detonou no meu peito. Um inferno, rugindo dentro de mim, consumindo todo o oxigênio dos meus pulmões. Minha mão tremia, minhas bochechas ficando vermelhas enquanto eu usava a ponta do garfo para cortar a pequena torta de carne que ele havia colocado no meu prato. "Claro que não. Por que eu iria querer isso?", perguntei, com a voz rouca.

Ele acenou com a cabeça para o pedaço de torta no meu garfo. *"Coma."*

Minha raiva estava *me consumindo* , mas levei o garfo à boca e fiz isso.

"Se eu te obrigasse a fazer isso, você seria inocente. Suas ações não seriam culpa sua. Você não teria que encarar o fato de que me *queria* ."

“ Pare, Fisher.”

"E eu provaria o monstro vil que eu era, não é mesmo? Que justificativa para você. Conseguir exatamente o que seu corpo pede e, ao mesmo tempo, provar que estava certo."

"Você está louco", sussurrei.

"É o que me dizem. Mas eu não sei. Tirando a tagarelice incessante na minha cabeça, pessoalmente, acho que estou indo muito bem."

“Eu *não* quero você, Fisher.”

"Você está pensando nas minhas mãos deslizando pela parte interna das suas coxas agora", disse ele. "Nos meus dedos deslizando para dentro das suas dobras molhadas. Trabalhando contra o seu clitóris inchado, te esfregando até você ficar ofegante e gemendo, implorando para que eu enfie meu pau no seu..."

Pela segunda vez desde que nos sentamos para jantar, Renfis quase engasgou com a bebida. Ele girou na cadeira, lançando a Fisher um olhar escandalizado que dizia: " *Sério? Estou sentado aqui* mesmo , porra?", mas Fisher não lhe deu atenção.

Por outro lado, quase desabei e morri. Porque se os sentidos feéricos superiores de Ren conseguiam ouvir o que Fisher sussurrava para mim, então ele também conseguia sentir o cheiro das palavras do amigo me afetando, e — e, *deuses, eu jamais superaria a vergonha.*

Eu não admitiria para mim mesma, jamais permitiria que o pensamento tomasse forma, mas meu corpo não era tão habilidoso em mentir quanto minha mente. Eu *queria* Fisher. Eu me odiava por isso. Odiava que ele soubesse. E agora Ren também sabia. Era mortificante.

"Cale a boca. Por favor. Só... cale a boca .*"*

Um olhar faminto pairava em seus olhos prateados enquanto ele se recostava na cadeira. "Coma seu jantar, Osha. Você vai precisar de forças. Afinal, não vamos ficar aqui por uma semana. Voltaremos ao acampamento de guerra pela manhã... e desta vez você vem conosco ."

20

AMMONTRAÍETH

Havia uma cicatriz no sopé do outro lado do Montanhas Omnamerrin. Ficavam entre Cahlish e a fronteira com Sanasroth — vinte mil tendas, aninhadas entre pedras e arbustos baixos, raquíticos e cobertos de neve. Ao sair do portão de sombra, com o estômago embrulhado no peito, vi quantas tendas havia, de um cinza pálido e sujo, estendendo-se ao longe, e fiquei sem fôlego.

Este era um campo de guerra.

Obviamente, estava ali há tanto tempo que agora também havia estruturas permanentes — prédios de dois andares feitos de madeira, espalhados por todo o acampamento. Juro por Deus, o mais próximo da praça lamacenta onde o portão de sombra de Fisher nos jogara parecia uma *taverna*.

Por toda parte, guerreiros feéricos, homens e mulheres, corriam de um lado para o outro, fortemente armados e usando uma variedade de tipos de armaduras. Ao longe, uma faixa larga de água congelada abria caminho pela terra, separando o acampamento de... de...

sem graça .

A terra do outro lado do rio era um deserto enegrecido e carbonizado. Não havia neve cobrindo o chão. Colunas de fumaça subiam para encontrar um céu sombrio e agourento, coberto por um manto de nuvens cinza-ferro. Não havia árvores. Nenhuma vegetação. Apenas a terra preta, a fumaça e, ao longe, o contorno irregular de uma fortaleza negra e terrível situada no topo de uma colina imponente.

lá, diabos ? " Carrion jogou a bolsa aos seus pés, boquiaberto, enquanto observava a cena à nossa frente. Não havia como confundir seu choque. Era como o meu. Olhei para os meus pés, procurando por Onyx, para pegá-lo e apertá-lo contra o peito, mas ele não estava lá, é claro. Era um pequeno conforto saber que ele estava seguro em Cahlish. Fisher se recusara a me

deixar levá-lo. Ele insistira que a raposa não duraria mais de cinco minutos no acampamento, que seus próprios guerreiros o capturariam antes que qualquer um de nós pudesse piscar e que, se eu quisesse continuar com a fantasia de que ele era um bom animal de estimação, teria que deixá-lo para trás, aos cuidados de Archer.

Algo inquieto se contorceu atrás das minhas costelas enquanto eu apertava os olhos, tentando enxergar melhor a fortaleza na colina. "Que lugar *é esse?"*

"Aquele é Ammontraíeth", disse Ren, emergindo do portão das sombras, puxando seu cavalo atrás de si. "O assento do inimigo."

"Ammontraíeth?" Até o nome soou como uma perversão quando o forcei a dizer.

"Dentes do inferno."

A voz veio de trás, fria e dura. Kingfisher emergiu do portão de sombra, as rédeas de Bill na mão enluvada. O enorme garanhão negro bufou e bufou. Seus flancos estavam escorregadios de suor, embora ele só tivesse viajado dos estábulos para o acampamento através do portão. Ele claramente não gostava da ideia de estar ali mais do que eu. Assim que os quartos traseiros do cavalo atravessaram a parede ondulante de fumaça preta, o portão se retorceu e se desintegrou em tufos de sombra que corriam pelo chão em todas as direções.

"Suas paredes são escarpadas, feitas de obsidiana, lisas como vidro", disse Kingfisher. "Construídas com ossos de demônios. Os picos e torres são afiados como o fio de uma navalha."

Pelo amor de Deus, de fato. Enfiei o queixo na gola da capa de montaria que Fisher me dera quando saímos do Palácio de Inverno, lutando para não demonstrar meu desconforto. O lugar tinha um ar doentio, mesmo a tantos quilômetros de distância.

Dei um pulo quando uma criatura alta, de aparência esguia, com cipós enrolados nos braços e pernas magros, surgiu de trás da taverna e caminhou propositalmente em nossa direção. Sua pele era nodosa e nodosa como casca de árvore. Seus olhos eram de um castanho intenso, escuros como terra argilosa. Em vez de pelos, uma profusão de cipós e folhas brotava do topo de sua cabeça quadrada e descia pelas costas. Eu tinha quase certeza de que era um macho devido às calças e à camisa que usava, embora isso não fosse uma base sólida para basear qualquer suposição, considerando que eu estava usando roupas muito semelhantes.

"Bom dia, Senhor", disse a criatura. Sua voz — definitivamente masculina — soava como lenha seca raspando. "Que bom tê-lo de volta tão cedo. A hospedagem que solicitou já foi preparada. Um pequeno café da manhã o aguarda em sua tenda. Mais guerreiros retornaram de suas missões de reconhecimento. Tão poucos de seus cavaleiros o viram que apenas alguns agora estão inclinados a confiar nos rumores que circulam pelo acampamento de que você retornou. Eles estão reunidos na tenda do mapa e estão discutindo..."

"Está tudo bem, Holgoth. Renfis vai falar com eles", disse Fisher, entregando-lhe as rédeas.

Holgoth lançou um olhar incerto para Ren e depois se virou para Fisher. "Senhor, seria... melhor se seus guerreiros o vissem. Faz tanto tempo desde..."

" *Ren* vai falar com eles", repetiu Fisher, sorrindo suavemente. "Ele executou esta guerra com perfeição enquanto eu estive fora. Não vejo razão para uma mudança na liderança. Eles são guerreiros dele, não meus."

Ren olhou para as botas. Não estava feliz. Nem Holgoth, que parecia não saber bem o que fazer consigo mesmo. Ele hesitou, passando as rédeas de Bill de uma mão nodosa para a outra, depois suspirou e estendeu a mão para as rédeas do cavalo de Ren também. "Como desejar, senhor..."

"Fisher. Só Fisher está ótimo."

Holgoth balançou a cabeça tristemente. "Não, senhor. Peço desculpas, mas... não."

Kingfisher se desculpou, colocou o capuz e desapareceu no acampamento de guerra. Holgoth pegou os cavalos e insistiu em nos livrar das mochilas também, garantindo que os manteria em segurança e que encontraríamos nossas coisas em nossas barracas mais tarde. Depois que ele se foi, Ren rosnou algo em uma língua que eu não entendia e saiu em disparada para o leste a passos largos. "Vocês dois vêm?", gritou por cima do ombro.

"Onde você está indo?" Carniça gritou de volta.

"Onde você acha? Para o maldito arsenal!"

O Darn começou no leste como uma fonte, lá nas Montanhas Rasas, onde as Fadas de Gilaríen e a Corte Outonal presidiam. Everlayne os mencionou na biblioteca quando ela e Rusarius tentaram me educar sobre as poças de mercúrio das outras cortes. Eu não estava prestando atenção, é claro. Minha

mente estava focada apenas em como roubar o pingente de Fisher, então retive muito pouco das informações que eles me deram sobre as outras cortes.

Mas ouvi com mais atenção enquanto Ren falava sobre o rio.

"No começo, é apenas uma pequena poça. À medida que desce pelas montanhas, ganha impulso e acumula mais água. Há planícies a algumas centenas de quilômetros de distância, onde o Darn tem mais de uma légua de largura." O general inclinou a espada sobre a cabeça e atacou, com os caninos à mostra. Foi um milagre que Carniça não tenha se borrado de medo onde estava. Eu nunca tinha testemunhado nada tão aterrorizante quanto um guerreiro feérico ensanguentado atacando a toda velocidade, e apostava que Carniça também não. Para seu crédito, ele conseguiu levantar a espada bem a tempo de bloquear o golpe descendente de Ren, embora tenha sido só isso. Ren arrancou a espada de Carniça de suas mãos e o colocou de bunda na neve antes que ele pudesse piscar pela segunda vez. Contive uma risada quando o macho estendeu a mão, ajudando Carniça a se levantar.

"Você vai estar rindo do outro lado da cara logo." Carrion usou uma das mãos para tirar a neve da calça e a outra para me mostrar o dedo do meio. "Está quase na sua vez. Minha bunda não aguenta mais isso."

“Aposto que é a primeira vez que você diz *essas* palavras”, gritei.

Ele mostrou a língua como uma criança petulante. "Na verdade, sou mais um doador do que um receptor."

Ren bateu a ponta da espada de Carniça com a sua. "Concentre-se. Você vai largar a lâmina no momento em que qualquer coisa fizer contato com ela. Faça isso em uma luta de verdade e estará morto em três segundos."

Carniça cuspiu, respirando pesadamente. Estava um frio de rachar. Flocos de neve fresca tilintavam no ar, girando em círculos, mas Carniça havia tirado a capa meia hora antes, e sua camisa estava manchada de suor. Antigamente, minhas entranhas teriam tropeçado, da mesma forma que eu conseguia distinguir seu peito musculoso através do tecido úmido. Mas isso foi antes.

Antes de *Fisher.*

"Acho que posso dizer que eu não duraria mais do que três segundos, independentemente de onde eu colocasse minha espada", ofegou ele. "Você é um demônio com essa lâmina. Além disso, você tem o dobro do meu tamanho!"

"Ah, por favor. Ele é *três* vezes maior que você", eu disse.

Fiquei irritado de novo.

"Seu tamanho pode ser sua maior vantagem", aconselhou Ren. "Você é menor que eu, então poderia ser mais rápido..."

"Hah! Por favor, não minta para mim. Você tem a velocidade de um feérico. Eu sou bem ágil, mas *você* ..." Carniça balançou a cabeça em sinal de rendição.

Carniça *era* ágil. Apesar das minhas dúvidas, ele tinha muita prática com a espada e sabia como manejá-la, mas Ren o fazia parecer uma criança lutando para se equilibrar pela primeira vez. Nunca seria uma luta justa entre eles.

Ren ignorou as reclamações de Carniça. "Lutei ao lado de humanos que rugiram diante da morte certa, mantiveram-se firmes no ataque e saíram vitoriosos da batalha. Eles orgulhavam seu povo. Você vai ceder tão facilmente?" Ele bateu a ponta da espada contra a de Carniça novamente, de forma provocativa e brincalhona. O som de metal contra metal ecoou ao longo da margem do rio congelado. "E envergonhar suas memórias no processo? Hum?"

"Bem, foda-se. Quando você coloca dessa forma..."

Carniça atacou. Só podia ser chamado de ataque porque Carniça foi quem se moveu primeiro. Ren recuou com passos ágeis e descontraídos enquanto Carniça avançava, mas cedeu terreno ao homem, ao mesmo tempo em que repelia seus golpes com facilidade, prevendo cada um de seus movimentos antes mesmo de executá-los e, de modo geral, fazendo Carniça parecer um idiota sem nem tentar.

Em Loyanbal, no centro das planícies, a temperatura cai e o Darn se transforma em uma faixa de prata sólida. É onde a água congela primeiro. Ren desviou a espada de Carniça como se estivesse espantasse uma mosca irritante. No início da temporada, o gelo tem mais de vinte centímetros de espessura. Forte. Seguro. Sólido o suficiente para suportar um cavaleiro e um cavalo e permitir que atravessem.

Observei Ren atentamente. A postura relaxada dos seus ombros. A maneira como ele se contorcia nos quadris, não nos ombros. Mas o verdadeiro trabalho estava acontecendo mais abaixo, no chão. Era impressionante como ele se movia, pisando e transferindo seu peso, gracioso e felino, sem nunca cruzar os pés. Ele tinha domínio total sobre o próprio corpo. Fazia a luta parecer tão fácil quanto respirar.

Estrondo!

Estrondo!

"Ufa!" Carniça cruzou os pés — claramente não *estava* observando a técnica de Ren — e tentou recuar quando Ren finalmente investiu, e o ladrão caiu. Ele bateu no chão com tanta força que ouvi seus dentes estalarem a três

metros de distância. "No auge do inverno, o Darn se torna o único meio de transporte entre as montanhas e o mar", disse Ren, circulando sua presa. "As passagens sufocam com neve e ficam bloqueadas. Comerciantes, peregrinos e piratas, todos pisam no Darn rangente para ganhar a vida."

Carniça ergueu as mãos. "Eu me rendo! Estou... completamente exausto." Ele se esforçou para engolir. "Torture-a agora. Preciso... recuperar o fôlego."

Ren voltou sua atenção para mim, e minha espinha enrijeceu um pouco. Não exatamente de medo. Mais... de expectativa. Eu sabia mais do que o básico da luta de espadas. Eu já tinha tido muitas delas. Já tinha feito muitas delas em segredo enquanto aprendia com Elroy em sua oficina. Eu sabia qual era o peso delas. Como elas se inclinavam na sua mão quando você as balançava. Eu sabia como era a pressão de um punho de aço frio repousando sobre a parte superior de uma mão fechada. Mas essas espadas feéricas eram diferentes. As lâminas em si eram mais estreitas. Mais longas. A guarda transversal era inexistente, como se um guerreiro feérico jamais cometesse um erro tão estúpido quanto deixar suas mãos escorregarem para a frente por um fio afiado.

Ren fez exatamente isso. Ele pegou a arma com a qual Carniça vinha praticando pela lâmina e atravessou a margem do rio, estendendo-a e me oferecendo a empunhadura. "O que você diz, Saeris? Quer tentar uma apunhalada?"

Não. Eu ia dizer não. Com certeza. Cem por cento. Eu ainda estava convencido de que recusaria, mesmo com a minha mão se fechando em volta do cabo revestido de couro. *Porra.* Eu realmente não tinha coragem de desistir de um desafio...

Ren deu um largo sorriso. "Boa garota." Ele se virou e voltou para a clareira onde havia 'lutado' com Carniça, apoiando a lâmina da própria espada no ombro. "No oeste, em Voriel, na cidade portuária de Western Dow, o Droga flui para o s—”

Ele se virou e bloqueou. Aconteceu tão rápido. Num segundo, ele estava de costas para mim. No outro, ele se abaixara, com o ombro na altura do meu peito, e sua espada estava erguida defensivamente acima da cabeça, ponta a ponta com a minha.

Na verdade, eu não ia atacá-lo. Virei a lâmina de modo que apenas a parte plana fizesse contato com o ombro dele. Parecia uma maneira espertinha de começar a lição. Elroy me pegou com o velho ditado: *nunca baixe as defesas, nunca vire as costas para o inimigo,* mais vezes do que eu conseguia contar. Mas não me pegou de jeito nenhum. Acontece que a guarda de Renfis nunca

baixava. Isso, ou o general tinha olhos na nuca. Ele nem piscou. "Em um dia claro, você consegue ver até
Ilha Tarran Ross dos penhascos de Western Dow.” Ele
veio até mim.

Eu vi um brilho prateado quando sua espada se moveu.

E então vi o céu coberto de neve.

E então eu vi o chão.

Então, vi estrelas.

Tudo acabou num piscar de olhos.

O grito estridente de Carniça ecoou pela margem do rio. "Que *engraçado* . Agora entendi por que você estava rindo tanto."

Eu o teria xingado duramente por ser tão babaca, mas ele tinha razão. Eu já tinha rido bastante dele. Era justo. E eu não conseguia respirar direito, porra.

Ren apareceu no pedaço de céu acima da minha cabeça. Ele franziu a testa para mim. "Você está bem?"

“Ugh. Uh... sim?”

Ele riu. "Quer ir de novo?"

"Sim." Quer dizer, depois de já ter as pernas arrancadas, o que seriam mais dez ou onze colisões de cara com neve compactada? Mesmo depois de permitir que ele me ajudasse a me levantar, tomei a decisão ali mesmo de não cair mais.

Eu observava Renfis. Estudei seus movimentos, então adaptei minha própria postura de luta e aprendi rápido. Quando ele atacou novamente, eu estava pronto. Ele me desferiu uma chuva de golpes, o aço em suas mãos brilhando como um relâmpago, mas eu rebatia cada um de seus avanços com um bloqueio apropriado. Quando ele mudou de posição e brandiu a espada como se fosse uma clava, ajustei minha postura novamente e me certifiquei de repelir cada um de seus ataques.

No início, eu simplesmente me defendi. Uma hora se passou, as nuvens se tornando cada vez mais escuras, e o comentário crítico de Ren assumiu um tom desafiador. "Qual é o problema, Saeris? Você nunca vencerá uma luta se tiver medo de molhar seu aço com sangue. Vamos lá. *Lute* comigo." Ah, era uma luta que ele queria?

Se ele quisesse uma briga, eu lhe daria uma.

Era bom poder me mover assim. Ter uma arma de verdade nas mãos. Desde que Harron amarrou minhas mãos atrás das costas e me atravessou, eu me sentia vulnerável. Fraca. Incapaz. Mas agora... eu era eu mesma

novamente. A garota que derrotara três guardiões de Madra do lado de fora do Mirage. A garota que muitos capangas Zilvaren subestimaram por sua própria conta e risco. Toda a raiva e o medo que me sufocavam desde o Salão dos Espelhos brotaram dentro de mim e subiram pelo fundo da minha garganta.

Voei em direção a Renfis, com a espada erguida, e *gritei.*

O general já havia enfrentado inimigos piores do que eu. Eu não conseguia imaginar alguns dos horrores que ele enfrentou durante sua luta nesta guerra. Mas a pele ao redor dos seus olhos *se* contraiu um pouco quando ele aparou minha primeira série de golpes. Ele *precisava* se concentrar, só um pouquinho. Eu não era bobo. Ele poderia acabar com isso num piscar de olhos se quisesse. Mas meu orgulho inchou quando consegui fazer Ren recuar um passo. Um passo de recuo de verdade, conquistado, não dado. Carniça não conseguira isso. Eu...

“Você se atira na ponta dessa espada como se *quisesse* morrer.”

Eu estava preparando outro golpe sinuoso, mas a proximidade da voz, bem ao lado do meu ouvido, me pegou de surpresa. A ponta da espada de Ren cercou a minha, arrancando-a da minha mão, e a espada voou pelo ar. Ela fez um arco magnífico, pousando de ponta na neve aos pés de Kingfisher.

O desgraçado *bateu palmas* . "Vejo que você aperfeiçoou a arte de ser desarmado." Ele ainda usava sua grossa capa preta, embora o capuz estivesse abaixado. Estávamos longe o suficiente das fronteiras do acampamento para que ninguém o visse ali embaixo. A gorja em forma de cabeça de lobo brilhou prateada em sua garganta.

"Eu sei que é praticamente impossível, mas você poderia pelo menos tentar ser legal?", perguntou Ren, olhando para Fisher através dos flocos de neve que começavam a cair do nada, com um propósito.

Fisher considerou o pedido. Deu de ombros. "Eu poderia *tentar* ."

Claro que ele apareceria bem na hora em que eu estivesse prestes a entrar na guarda do Ren. Claro que ele arruinaria meu foco. Que azar o meu. Eu não lhe daria a satisfação de me ver irritado, no entanto. Não desta vez. "Deixa eu adivinhar. Você veio me mostrar pessoalmente o quão inútil eu sou com uma espada? Então, vamos lá." Estendi a mão, gesticulando para que ele se aproximasse. "Fique à vontade." Eu poderia não me defender contra alguém como ele por muito tempo, mas me certificaria de acertar pelo menos um golpe antes que ele me arrebentasse.

Kingfisher deu um sorriso desastroso. "Você não está pronto para *mim,* humano. Eu não venho com modo de treinamento."

" Os capitães estão reunidos?", perguntou Ren, caminhando em direção a Fisher. "Está na hora de falar com eles?"

Fisher assentiu. "Só esperando um ou dois retardatários."

"Depois preciso voltar para a minha barraca e me trocar. Te encontro lá."

Fisher segurou o braço de Ren ao passar. "Acho que não vou precisar de mim."

Pela primeira vez desde que o conheci, vi Renfis se eriçar de raiva. "Você é mais do que necessário. Você é *requisitado.* Terminamos com isso, irmão. Se você me tiver algum amor ou respeito, você virá à reunião."

A expressão de Fisher inicialmente se transformou em um *"não" desafiador* , mas então ele encontrou os olhos de Ren, bufou de irritação e o soltou. "Tudo bem. Ótimo. Eu estarei lá. Mas leve o garoto com você por enquanto, por favor? Preciso falar com o Alquimista."

"Alquimista" era uma evolução de "Osha"? Não parecia. Não quando era dito com a mesma dose de desdém. Corri atrás de Fisher, que se movia com uma velocidade frustrante pelo acampamento, com a cabeça abaixada para evitar os olhares curiosos dos guerreiros feéricos que o observavam passar rapidamente por suas fogueiras com interesse. Depois de um tempo, percebi que não era em Fisher que eles estavam interessados. Era em mim.

"Humano?"

“Um humano.”

“É um *humano* ...”

Eu continuava esquecendo que era uma aberração ali. A notícia de que um humano havia chegado se espalhou rapidamente pelo Palácio de Inverno depois que minha espécie esteve ausente das terras feéricas por tanto tempo. O brilho ali se dissipou bem rápido. Não demorou muito para que os membros da corte yveliana se esquecessem completamente de mim. Ali, eu era uma novidade que não era vista há séculos. Alguns dos guerreiros claramente nunca tinham visto uma mulher humana em toda a sua vida. A pressão de seus olhos me fez querer encontrar um buraco escuro para me enfiar, mas eu não tinha esse luxo ali, então corri atrás de Fisher.

"Para onde diabos você está me levando?"

"Para meus aposentos", ele disse, as palavras entrecortadas.

Onde ele mora? Eu ia ficar puto se ele tentasse me prender lá de novo. "Deuses, dá para ir mais devagar? Minhas pernas são bem mais curtas que as suas."

Fisher resmungou alguma coisa, mas diminuiu um pouco o passo. Esperei que ele me levasse até uma das estruturas de madeira no centro do acampamento. Passamos por uma loja e pelo que parecia ser um mercado, além de vários outros prédios misteriosos, e então não havia mais nenhuma estrutura sólida. Apenas o mar de barracas.

Uma barraca grande, então. Tinha que ser. Fisher precisaria de um espaço considerável para abrigar seu ego, afinal. Mas não havia barracas com toldos grandiosos ou entradas enfeitadas com tecidos brilhantes. Eram todas do mesmo tamanho, e uma estava tão suja e desbotada pelo tempo quanto a outra.

Por fim, Kingfisher cessou seu avanço pela lama revirada — graças às centenas de botas pisando forte nas passarelas, a neve não conseguia grudar ali — e agarrou a aba de uma barraca, dando um passo para o lado enquanto a segurava aberta. "Entre. Por favor." Ele estremeceu ao dizer por favor; as boas maneiras eram evidentemente dolorosas para Fisher.

Entrei na tenda de bom grado, graças àquela palavra. Lá dentro, uma pequena fogueira queimava em uma grelha sem ventilação alguma. Não havia fumaça. Levaria muito tempo para eu me acostumar ao uso comum e cotidiano da magia. Era bastante impressionante, porém, assim como o tamanho dos aposentos de Fisher. De certa forma, eu estava certo. Fisher havia garantido uma base confortável para si mesmo. Você simplesmente não perceberia isso de fora. O interior da tenda formava um espaço amplo, pelo menos dez vezes maior do que deveria ser, dadas as dimensões da tenda. Uma enorme cama king-size ficava no fundo da tenda, nem de longe tão grandiosa quanto a cama dele em Cahlish, mas ainda muito mais impressionante do que a pequena cama de campanha que eu presumi estar me esperando em algum lugar naquele buraco lamacento do inferno. Havia uma estante alta ao lado da fogueira, amontoada com uma pilha desordenada de livros. Havia livros por toda parte, aliás, empilhados no tapete — sim, no *tapete* — aos pés da cama, balançando em uma pilha no chão ao lado do sofá estofado. Havia até um, aberto em uma página, sobre o lavatório perto da entrada da tenda.

"Fazendo alguma pesquisa?" Eu não conseguia imaginar que ele fosse do tipo que se contentaria com uma obra de ficção.

Fisher examinou a coleção de tomos que cobriam todas as superfícies disponíveis e resmungou: "Pode-se dizer que sim."

"Algo importante?"

"Muito importante para mim", ele interrompeu. Pelo tom duro da voz, ele não ia dizer mais nada sobre o assunto.

Deixei passar.

Bem no centro da tenda havia uma mesa de madeira grande o suficiente para acomodar quatro pessoas, sobre a qual estavam uma cesta de pãezinhos e duas tigelas de sopa fumegante.

Olhei para a mesa, para a sopa e para os *dois* pratos, e perguntei em tom neutro: "O que é isso?"

Fisher soltou um suspiro cansado, desabotoando a capa. Jogou-a na cama e sentou-se pesadamente em uma cadeira à mesa, esfregando a têmpora. "É só uma refeição", disse ele. "Vamos comer e tentar não derramar sangue desta vez, está bem? Por favor?"

Lá estava aquela palavra novamente.

Lutar contra ele era meu objetivo. Tudo o que eu sabia. Mas ele parecia tão cansado, com o humor genuinamente sombrio, que não tive coragem de reclamar. Juntei-me a ele e comecei a comer em silêncio.

Fisher parou de esfregar a têmpora. Ele me observava, acompanhando cada movimento meu. O mercúrio em seu olho direito girava em torno da pupila como se estivesse preso em um furacão. Quando eu já estava na metade da sopa, ele pegou a própria colher e começou a comer também. "Eu observei você por um tempo lá atrás. Você luta bem", murmurou.

Um elogio? Da Fisher? Em vez de me encher de orgulho, a irritação fervilhava sob a superfície da minha pele. "E aposto que você está *tão* chocada. Uma humana se defendendo contra um guerreiro feérico. Isso deve ter me irritado profundamente."

Ele me lançou um olhar malicioso. "Não. Não fiquei chocado. Dá para perceber pela maneira como uma pessoa se move se ela teve treinamento. Eu soube desde o primeiro momento em que te vi de pé que você sabia lutar. Mas não se precipite, Osha. Ren estava pegando leve com você."

"Você não acha que eu conseguiria levá-lo?" Até eu sabia que não conseguiria. Claro que sim. Mas ainda assim era divertido induzir Fisher a pensar que eu estava falando sério.

Mas Fisher não mordeu a isca. "Ele não seria o general deste exército se você pudesse." Ele acenou para mim enquanto eu engolia um bocado de sopa. "Então você *é* submisso às vezes", disse ele suavemente.

Parei, com outra colherada de sopa a meio caminho entre a boca e a tigela. "Incrível, não é? As pessoas preferem atender a um pedido do que serem forçadas a obedecer a uma ordem. Quem diria."

Ele enfiou a própria colher na boca, com os olhos rápidos e afiados, os músculos do pescoço se contraindo enquanto engolia. Eu conseguia distinguir as tatuagens nas costas das mãos dele agora, com muita clareza. Ambas eram runas feéricas. As linhas intrincadas e entrelaçadas delas se moviam e se deslocavam pela superfície da pele, o padrão mudando e evoluindo enquanto eu observava. Desviei o olhar. "Por que você quer que eu seja submissa?", perguntei. "Intimidar as pessoas, ter poder sobre elas... é isso que você quer? Como Belikon? É isso que te *motiva ?"*

Sua expressão se fechou ao ouvir a menção do padrasto. Ele se recuperou rapidamente, mas seu maxilar ficou tenso enquanto ele pegava um pãozinho da cesta. "Poder não é algo que eu sempre tenha desejado, Pequena Osha", disse ele baixinho. "E eu não sou nada como o rei."

"Eu não pensei assim. Então por que você está tão determinado a controlar tudo o que eu faço? Os humanos são só... só *escravos* aqui? É isso?"

Ele riu sem alegria, balançando a cabeça. "Humanos nunca foram escravos aqui. Pelo menos não dos Yvelianos. Quando fomos arrasados com nossa maldição de sangue, milhares de anos atrás, vocês eram definitivamente *o jantar* . Mas nunca escravos. *"*

A maldição do sangue. Aquela de que ele falara antes, nos corredores do Palácio de Inverno. Ele dissera que os caninos afiados que os feéricos ainda possuíam eram um resquício daquela maldição. Será que seus filhos nasceram com eles? Ou Kingfisher já estava vivo naquela época? Teria ele sofrido sob a maldição e depois se libertado dela? Todos os feéricos que eu vira tinham dentes alongados, então eu duvidava que fosse esse o caso. Era mais provável que fizessem parte de sua genética agora.

Fisher me encarou. "Quero que você me obedeça porque *eu* te trouxe aqui. Isso me torna responsável por você. E preciso de você viva para que possa trabalhar nesses anéis para nós. Sem eles, ficaremos presos neste impasse com os Sanasroth para sempre, sem nenhum dos lados ganhando ou perdendo. Nunca poderei recuperar as terras da minha família. Então, sim. Vou *te* forçar a me obedecer se precisar. E não vou me sentir em conflito com isso. Os riscos são muito altos."

"Você já parou para pensar que eu talvez *queira* continuar vivo? Que eu faria o que você quisesse se você apenas explicasse por que isso era importante para o meu bem-estar?"

Ele me olhou, o cabelo cacheado cobrindo o rosto, obscurecendo parcialmente os olhos. Uma onda de algo quente e não totalmente desagradável queimou bem atrás do meu esterno. Não era apenas a aparência dele. Havia algo mais ali também. Algo que fazia meu corpo ganhar vida. Seu cheiro, e o jeito como eu sabia que ele tinha entrado em um cômodo antes que eu o visse, e a melancolia que me atormentava na raiz da alma sempre que ele *não estava* em um cômodo, e...

Fisher desviou o olhar do meu e olhou para sua tigela. "Meu caminho é bem mais rápido", sussurrou. "Você não pode correr riscos. Esses anéis não podem correr riscos."

Tudo isso está em jogo."

Bati a colher com força. "Você é *incorrigível!"*

"Não sei o que isso significa."

"Sim, você faz isso, porra!"

"Tudo bem. Eu concordo. Qual é o seu ponto?"

"Eu quero te ajudar, Fisher! Farei isso com prazer. Posso não entender o seu povo ou mesmo acreditar que todos neste reino merecem ser salvos, mas isso não cabe a mim, cabe? Por algum motivo, tenho essa habilidade estranha que pode ajudar a proteger Yvelia de ser devastada por uma onda de monstros corrompidos e sanguinários. Eu já vi do que eles são capazes. Sei o quão horríveis eles são, e não os desejaria a ninguém! Você não pode simplesmente *confiar* que eu—"

Sombras negras se derramaram dos dedos de Fisher. A fumaça subiu pelas pernas da mesa e se espalhou pelo tampo como a névoa matinal rolando por um campo. Engoliu nossa comida, a cesta de vime, tudo. Com um estrondo, a mesa virou, caindo no chão, e então Fisher se levantou, me levantando da cadeira, me levantando do chão... atravessando a barraca. Minhas costas bateram em algo sólido e duro — uma estante? —, mas não foi o choque da dor que arrancou o ar dos meus pulmões. Foi a boca de Fisher.

Seus lábios se chocaram contra os meus. Por um breve momento, não reagi. Eu havia mergulhado em um devaneio. Era uma fantasia. Não era... não era... real.

Mas no segundo em que sua língua passou pelos meus lábios, pelos meus dentes, e eu o provei, e senti o sopro de sua respiração contra meu rosto, eu soube melhor. *Era* real. Chocantemente real... e eu queria isso mais do que queria ar. Deixando de lado meu choque, enrolei minhas pernas em volta de sua cintura, enganchando meus pés nos tornozelos atrás de suas costas. Enfiei meus dedos em seus cabelos e o beijei de volta como se minha vida

dependesse disso. Ele me segurou no lugar, me prendendo contra o que quer que estivesse atrás de mim, o que liberou suas mãos para se moverem para minha cintura. Elas não ficaram lá por muito tempo. Soltei um gemido agudo quando as mãos de Fisher encontraram meus seios. Ele massageou a protuberância da minha carne, beliscando um dos meus mamilos através da minha camisa, e uma onda de necessidade atingiu o pico entre minhas pernas. Tornei-me hiperconsciente dele. De todos os lugares onde nossos corpos estavam se conectando. Eu estava tocando-o. Tocando-o em todos os lugares. Ele era musculoso e firme, com hálito quente e exigente, e o aroma do vento fresco e refrescante da montanha, e menta, e da floresta à noite, e... "Deuses! *Fisher!"*

Sua boca estava no meu pescoço. Minha pele se arrepiou enquanto ele beijava e acariciava a pele sensível ali, o calor úmido e escaldante de sua língua subindo pela coluna da minha garganta me surpreendeu tanto que gemi alto.

" *Porra."* Ele rosnou o palavrão gutural na curva do meu pescoço, ao mesmo tempo em que empurrava os quadris para cima, de modo que eu sentia... ah, *deuses.* Seu pau estava preso entre nossos corpos, e ele estava *tão* duro. Com minhas pernas presas em volta da sua cintura, ele estava perfeitamente alinhado contra mim. A pressão que ele aplicava ao balançar os quadris para cima fazia meu cérebro se dispersar em mil direções diferentes.

Oh...

Porra...

Eu precisava...

“Fisher!” gritei seu nome.

Ele soltou um rosnado animalesco e sem palavras em resposta, que me fez sentir um arrepio de antecipação percorrer toda a espinha. Ondas de calor me atingiram, acumulando-se no estômago. Fui levada por elas numa maré escaldante. Não fazia ideia de quando tinha começado a me esfregar contra o pau dele. Só que ele ficava tenso cada vez que eu fazia isso, seus dedos cravando-se na minha pele, sua boca se tornando mais insistente no meu pescoço.

"Porra! Fisher, eu quero... eu quero você...", ofeguei.

E, como se eu tivesse acabado de encharcá-lo com um balde de água fria, Fisher arrancou a boca da minha pele e se afastou. Uma fração de segundo depois, meus pés estavam de volta ao chão firme, e Fisher estava do outro

lado da barraca, passando as mãos pelos cabelos. Senti sua ausência como um golpe físico.

Ah, *merda.*

Um milhão de pensamentos me atingiram de uma só vez.

Aquela foi uma péssima ideia.

Eu *não deveria* ter deixado ele fazer isso.

Eu *não deveria* tê-lo beijado de volta.

Eu não deveria ter me esfregado naquele pau daquele jeito.

Eu não deveria ter gemido.

Eu definitivamente não deveria ter dito a ele que o queria.

Pelo amor de todos os deuses em todos os céus, por que eu *disse* isso?

Eu ia vomitar.

Fisher pressionou as palmas das mãos contra os olhos, gemendo. Ele olhou para cima, olhou para *mim* , e meu estômago embrulhou. "Fisher..."

Ele atravessou a barraca tão rápido. Segurando meu rosto entre as mãos, ele me beijou novamente. Forte. Rápido. Seus lábios estavam nos meus novamente, embora não se separassem. Durou apenas um segundo, mas causou um caos completo e absoluto dentro da minha cabeça. "Fisher—"

Ele balançou a cabeça enfaticamente, com os olhos *implorando para* que eu não falasse. Rapidamente, pegou minha mão e a colocou sobre o peito, bem no centro.

Thum, Thum, Thum, Thum, Thum, Thum....

Seu coração disparava, o intervalo entre as batidas era quase imperceptível. Nada comparado à batida lenta e constante que ele me mostrara na forja do palácio. Tentei puxar a mão, assustado com o ritmo estrondoso, mas Fisher me segurou firme.

Ele não disse uma palavra. Sustentou meu olhar, sem piscar, e, pela primeira vez, o brilho intenso em seus olhos se manteve imóvel. Não havia arrogância em suas feições. Nenhuma bravata. Nenhum sorriso presunçoso. O olhar que ele me lançava era mortalmente sério. Como se significasse alguma coisa. Ele engoliu em seco, seu peito subindo e descendo rápido demais, e então assentiu.

"Não posso confiar em *nada* ", sussurrou ele, sem fôlego. E foi *então* que ele me soltou. Quando eu precisava que ele não me soltasse. Bem quando eu precisava que ele ficasse e explicasse o que os últimos cento e vinte segundos significavam. Ele pegou sua capa, colocou-a sobre os ombros e saiu para a luz que se esvaía.

Fisher não me pediu para ficar em sua barraca. Ele também não me obrigou a esperar lá, então fiz o que qualquer mulher sã faria: fugi.

A luz se apagava rapidamente enquanto eu corria pelo acampamento de guerra. Para onde quer que eu olhasse, guerreiros feéricos, vestidos com armaduras, corriam em direção ao centro do acampamento. Todos estavam armados. Apenas metade se deu ao trabalho de olhar duas vezes para mim. Uma energia frenética e agitada enchia o ar. O cheiro de fumaça e carne assando agredia meus sentidos, mas nada podia substituir o aroma de menta e floresta da meia-noite em meu nariz.

Ele me beijou.

Na verdade, ele já tinha feito muito mais do que isso. Eu ainda sentia suas mãos na minha cintura. Meu mamilo ainda latejava com a dor que ele havia causado. Meu pulso se tornou uma batida frenética enquanto eu me esgueirava pela multidão, tentando encontrar...

Deuses, para onde eu estava indo? Eu não tinha ideia. Eu só precisava me afastar da tenda de Fisher. Inadvertidamente, me deixei levar pela maré de guerreiros. Tinha parado de nevar em algum momento, e agora o céu era um roxo roxo, as nuvens furiosas e agourentas enquanto eu corria. Por fim, não consegui mais correr. As montanhas se erguiam à frente, cortando o céu, e ao sul, o rio Darn envolvia o acampamento, prendendo-me dentro de seus limites. Fui forçado a seguir os guerreiros até a grande tenda na clareira à frente, onde uma enorme fogueira rugia e se elevava ao encontro do crepúsculo.

Foi sorte eu ter encontrado Ren. A multidão de guerreiros se abriu para ele enquanto ele abria caminho entre eles, em direção à tenda, e por algum milagre, eu fiquei no caminho do general. Seus olhos escuros estavam tempestuosos, mas se suavizaram quando pousaram em mim. "Saeris? Cadê o Fisher?", perguntou ele, colocando a mão no meu ombro e me incentivando a acompanhá-lo enquanto caminhava.

“Não tenho certeza.” Era a verdade.

Um olhar tenso e cúmplice se formou em seu rosto enquanto ele me observava, suas narinas dilatadas, e ele sentiu um cheiro... Ah, *merda*. "Você está bem?", perguntou ele, cauteloso.

"Sim! Sim, claro. Ele não..." Minhas bochechas ficaram vermelhas. "Ele não fez nada de errado."

"Claro que não. Eu o conheço. Fisher jamais..." Ele se esquivou do que queria dizer, me conduzindo para dentro da tenda. Delicadamente, disse: "Sinto *seu cheiro* tão bem quanto o dele, Saeris. Não estava preocupado que ele fosse te machucar. Estava perguntando se você estava bem. Há uma diferença."

Reprimi uma segunda onda de constrangimento, recusando-me a dar-lhe força. Era isso que eu tinha que esperar? Todos os membros das Fadas me lançando olhares de soslaio sempre que eu estava minimamente excitada? Argh! "Estou bem", eu disse, falando com mais confiança dessa vez. "Eu prometo, estou totalmente bem. Eu só não fazia ideia de onde as pessoas estavam, só isso."

Um calor sufocante nos recebeu dentro da tenda de guerra. Ou melhor, na *sala de guerra* . A magia não havia ampliado o espaço ali dentro. Ela o transformara em uma sala de verdade, com paredes de pedra adornadas com tapeçarias e pinturas de batalhas, uma lareira de verdade e piso de pedra. O teto tinha seis metros de altura. Estantes, mesinhas laterais e todas as outras superfícies disponíveis estavam cobertas de velas, e a luz emitida por suas chamas dançava pelas paredes. Pelo menos vinte guerreiros estavam reunidos ali, esperando por Ren. Todos se viraram e abaixaram a cabeça em deferência a ele quando o viram chegar.

Carrion também estava lá, esparramado numa cadeira, sentado perto da lareira. Um pratinho repousava sobre sua barriga; o desgraçado comia uma fatia generosa de bolo, sem se abalar com a tensão que pairava no ar.

"Vá sentar com Swift", Ren murmurou para mim. "O mais perto do fogo que você aguentar. O calor vai queimar o, ah..." Ele fez uma careta. "Bem, você entendeu."

Ah, eu acertei. O calor queimaria todos os feromônios que me cobriam, porque eu tinha chegado *tão* perto do Kingfisher. Pelos deuses.

Chutei as botas de Carniça, grunhindo para que ele se afastasse, quando cheguei perto do fogo. O jeito sugestivo com que ele sorriu para mim me fez pensar que ele também podia sentir o cheiro do que eu andava fazendo, mas isso não era possível. Nossos narizes humanos não eram tão sensíveis.

"Não acredito que você está comendo bolo", reclamei, arrastando um banquinho perigosamente para perto do fogo.

"Não é bolo. É quiche", disse Carniça com a boca cheia.

“O que é quiche?”

"Sei lá. É feito de ovos e outras coisas. É uma delícia. Aqui." Ele estendeu o pedaço de comida. "Quer um pouco?"

Eu não estava com fome. Na verdade, me senti meio enjoado, mas precisava de algo para fazer com as mãos. Peguei a quiche, dei uma mordida, sem sentir o gosto, e depois a devolvi.

"Alguma coisa séria vai acontecer aqui", comentou Carrion, dando outra mordida.

Então ele não estava completamente alheio à energia estranha ali. "Não diga."

"Aquela ali está ganindo por sangue." Ele gesticulou de forma não muito sutil para uma guerreira parada perto da grande mesa no centro da sala, que conversava animadamente com três homens. Seu cabelo era de um loiro austero, quase branco, e seus olhos, de um tom vívido de lilás. Ela era linda de um jeito que doía só de olhar. "Não sei dizer sobre o que estão cochichando, mas um por um, todos vieram falar com ela. Alguns deles têm discutido com ela. Ela deu um *soco* naquela", disse Carniça, acenando para um homem com longas tranças negras de guerra e um símbolo de cabeça de lobo rosnando gravado em seu protetor de peito de couro.

"Mas tenho a impressão de que tudo isso é por causa do Fisher. É, Saeris?"

O homem com as tranças escuras de guerra percebeu que eu o observava. Em vez de me encarar com raiva, inclinou a cabeça e me deu um sorriso pequeno e amigável.

Carrion deu um peteleco no topo da minha orelha.

"Ai! Que porra é essa? O que *houve* com você? Isso dói!" Pressionei os dedos na concha da orelha.

"Por que seu pescoço está sangrando?" ele disse lentamente, pronunciando cada palavra lentamente.

"O que?"

Estendendo a mão, ele passou-a pela minha pele. Eu me esquivei, mas era tarde demais; quando ele me mostrou as pontas dos dedos, elas estavam manchadas de vermelho.

"Só um arranhão." Carniça deu de ombros. "Você deve ter se pegado em alguma coisa. Aqui." Ele devolveu a quiche.

Aceitei e dei uma mordida, com a mente em uma espiral descontrolada. Por que diabos meu pescoço estava sangrando?

Como se evocado pelos meus pensamentos acelerados, uma figura com uma capa preta entrou na tenda, o capuz erguido para esconder suas feições. Sua presença, no entanto, fez meu coração disparar. Os olhos de Fisher me encontraram imediatamente. Ele me observou passar a quiche de volta para Carniça, em silêncio, com uma expressão indecifrável. Uma série de suspiros

se elevou do outro lado da sala de guerra, quando, um por um, todos os feéricos viram quem havia chegado.

"Então é verdade", anunciou o guerreiro loiro. "Você *está* vivo."

"Claro que ele está vivo, Danya", disse Ren num tom cansado. "Nunca pensamos que ele estivesse *morto* . Vamos lá. Vamos começar com o pé direito. Fisher, tire logo a capa. Você não está enganando ninguém."

Fisher pendia a cabeça enquanto tirava a capa. Seu cabelo estava molhado. Pingando. Suas roupas também. Fios de água escorriam por suas bochechas. Uma pequena poça começava a se formar a seus pés. Ele se encostou na parede, com o queixo erguido, e cruzou os braços sobre o peito.

"E aí, Peixe? Saiu para um mergulho no início da noite?" Havia um tom brincalhão na voz de Danya, mas eu não fui o único a detectar o veneno ali também. Carniça ergueu as sobrancelhas para mim como um daqueles velhos fofoqueiros que gostam de passar as tardes em frente à Casa de Kala. Ele pegou um pedaço da quiche e me passou.

Do outro lado da sala, Kingfisher o observou fazer isso, os músculos do maxilar se contraindo. Ele deixou a cabeça pender novamente, bufando. "Algo assim", disse ele baixinho.

"Então, vamos lá." Danya abriu os braços. "Estamos todos aqui, Fisher. Vamos ouvir. Vamos ouvir o incrível motivo pelo qual você nos deixou na mão durante os últimos cem anos. E por que decidiu voltar sorrateiramente para nós agora, com o rabo entre as pernas, hmm?"

"Não vou a lugar nenhum." Fisher parecia entediado.

"Besteira", Danya disparou. "Você ficou aqui no acampamento a semana passada! Na semana retrasada também!"

“Danya—”

Não! *Não* , Fisher. Você estava aqui e não contou a mínima para nenhum de nós. Quantas vezes cada um de nós nesta sala ficou ao seu lado e sangrou com você? Deveríamos ser uma família, e você simplesmente nos abandonou.

Fisher não disse nada. Foi Ren quem interveio para defendê-lo. "Não foi isso que aconteceu, e você sabe disso."

"Hah! Por favor! Tudo *o que* sei é que fiquei nas ameias de Gillethrye, observando uma cidade inteira cheia de famílias yvelianas queimar até a morte enquanto a horda de Malcolm saqueava a cidade, e *ele* de repente desapareceu no ar!"

"Você não tem ideia do que está falando." O rosto de Ren era uma máscara de fúria. Eu não imaginaria que ele fosse capaz de tamanha raiva.

"Você tem razão! Eu não! Alguém deveria me esclarecer antes que eu enfie minha espada na garganta desse desgraçado traiçoeiro!"

"Cuidado, Danya." Desta vez, não o Ren. O homem com as tranças negras de guerra que havia sorrido para mim antes contornou a mesa e ficou ao lado de Fisher. "Eu posso deixar você me acertar por diversão, mas você está louco se acha que vou deixar você abrir a garganta do comandante." "Está tudo bem, Lorreth", disse Fisher suavemente.

"Ele *não é* nosso comandante!", gritou Danya, apontando furiosamente para Fisher. "Ele sacrificou esse título quando nos abandonou!"

"Fique quieta, Danya", rosnou Ren, mostrando os dentes. Pelos deuses, isso ia acabar em derramamento de sangue. Quebrei um pedaço da crosta da quiche e coloquei na boca. Em qualquer outro momento, a comida provavelmente teria derretido na minha boca, mas naquele momento, tinha gosto de cinzas.

Os olhos do Kingfisher se voltaram para mim. Ele se encolheu.

“Pelo amor de Deus, conte a eles o que aconteceu”, disse Ren, virando-se para Fisher. "Eles vão entender assim que..."

"Não." A palavra ecoou pela sala de guerra. Kingfisher se afastou da parede, erguendo-se em toda a sua altura. Seus olhos estavam cheios de arrependimento enquanto observava os rostos dos feéricos que estavam à sua frente. "Sinto muito, de verdade. Eu não queria deixar nenhum de vocês em Gillethrye. Gostaria de poder dizer por que tive que ir, mas não posso. Tudo o que posso dizer é que não tive outra escolha."

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Danya. Sua voz falhou quando ela deu um passo à frente e disse: "Foi Belikon, não foi? Ele te forçou a ir. Eu entendo por que tivemos que incendiar a cidade, mas..."

"Não posso te dizer", disse Fisher. Sua máscara se estilhaçou. A angústia brilhava em seus olhos. "Gostaria de poder, mas não posso. Voltei assim que pude. *Acredite* ."

Ela o encarou, seus belos olhos violetas transbordando de lágrimas não derramadas. Ela queria acreditar nele, pensei. Queria que suas palavras fossem suficientes. Mas não foram. Ela arrancou a espada da bainha na cintura e mostrou os dentes. "Traidor!", gritou. Ela se moveu em um raio de ouro brilhante, seu corpo se desfocando enquanto ela voava em sua direção.

Observei tudo acontecer: a dor no rosto dela, a ponta da espada apontada para a garganta de Fisher e a forma como os ombros dele cederam, como se ele tivesse se conformado com o que viria a seguir e estivesse pronto para

isso. Eu não tinha intenção de me levantar. Minha mão se ergueu por vontade própria. O grito de pânico escapou da minha boca sem que eu fizesse nada. *"PARE!"*

O corpo de Danya balançou para o lado. Ela se chocou contra a mesa, seu quadril colidindo com a madeira. Mas não foi isso que atraiu vinte pares de olhares atônitos para mim. Foi sua espada, estilhaçando-se em mil cacos, as agulhas de aço trêmulas disparando pelo ar e atingindo a parede acima da cabeça de Ren com tanta força que se cravaram a poucos centímetros da alvenaria esburacada.

Carrion tombou de lado, apoiando-se na lateral da lareira, com a boca aberta. " *Puta merda* ", exclamou ele, ofegante.

Todos os outros refletiram sua surpresa. Apenas Fisher permaneceu calmo. Ele me observou com muita seriedade, com uma leve carranca unindo suas sobrancelhas escuras.

Danya se endireitou, virando-se lentamente em minha direção — a primeira vez que ela realmente me prestou atenção desde que entrei com Renfis. Parecia que sua cabeça ia explodir. "Temos uma porra de uma *Alquimista?"* "Ela é *minha* ", disse Fisher.

Antes que alguém pudesse reagir, um estrondoso *BOOM!* sacudiu o chão sob nossos pés.

"QUEBRA-GELO! QUEBRA-GELO! QUEBRA-GELO!" O grito veio de fora.

"O que está acontecendo?" sussurrei.

O caos se instalou. A sala de guerra explodiu em uma onda de atividade enquanto os guerreiros feéricos, incluindo Ren, corriam para a saída, com as armas subitamente em punho. Fisher permaneceu imóvel por uma fração de segundo a mais que os demais, seus olhos ainda fixos em mim, aquela estranha carranca marcando sua testa, mas então ele também se moveu. Ele desapareceu em um calafrio de areia negra e brilhante.

O homem de cabelos pretos chamado Lorreth foi o último a sair da tenda. "Fique aqui", ordenou ele. "Não saia deste lugar. Estou falando

sério." "Mas que porra está acontecendo?", exigiu Carniça.

"Sanasroth. O inimigo está na margem do rio. O gelo precisa ser quebrado para que os mortos não possam atravessar."

QUEBRA-GELO

N enquanto estávamos lá dentro. O céu estava negro como breu, e um vento forte soprava, lançando um turbilhão de brasas das fogueiras que rodopiavam por todo o lugar. Uma delas pousou na minha capa, chamuscando-a, mas essa era a menor das minhas preocupações. Todos os guerreiros no acampamento corriam em direção à margem do Darn, carregando marretas monstruosas e machados implacáveis nas mãos.

"Devemos ficar fora do caminho", repeti pela décima quinta milionésima vez. Carniça não tinha me dado atenção na primeira vez que eu disse isso, e agora também não estava me ouvindo.

“Não vou me esconder em uma barraca quando parece que estamos todos em grave perigo”, disse ele.

“Você se esqueceu de quantas vezes Ren te rebaixou esta manhã? Estamos muito fora do nosso alcance aqui.”

Um olhar de determinação tomou conta de Carniça, no entanto. "Posso não ser capaz de enfrentar esses desgraçados numa luta, mas com certeza consigo quebrar o gelo. E, de qualquer forma, descobri que meu ex consegue fazer estilhaços de espadas, então acho que vamos ficar bem."

"Eu não sou seu ex. E eu *não* sabia que podia fazer isso! Acho que não consigo fazer de novo!"

"Espero que não precisemos descobrir." Carniça disparou a toda velocidade. Por um segundo, pensei em voltar para a sala de guerra, mas ele estava certo. Eu não podia simplesmente me esconder ali enquanto o mundo parecia estar acabando ali. Precisei de vinte segundos para alcançá-lo. Mais um minuto para encontrarmos o caminho até a margem do rio.

Nós dois ficamos ali, atordoados em silêncio, absorvendo o caos.

Guerreiros enormes, duas vezes mais altos e duas vezes mais largos que Fisher, estavam parados à beira do rio. Ao som de um tambor que soava rio

abaixo, eles brandiram marretas gigantes sobre suas cabeças e as derrubaram com uma força terrível sobre o gelo espesso.

BOOM!

BOOM!

BOOM!

O gelo congelado se quebrou e se estilhaçou, produzindo sons metálicos e ondulantes, mas a superfície resistiu. Do outro lado da margem, uma massa escura e fervilhante se reunia e *rugia.*

"O que... é isso?" Carniça sussurrou.

Um guerreiro passou correndo por nós, respirando de forma irregular. Não era feérico. Era Holgoth, o espírito da terra que nos recebera quando chegamos ao acampamento. "Aquela...", ofegou ele. "É a maior parte da horda sanasrothiana. Cinquenta mil homens. Não tivemos... nenhum aviso. Se eles conseguirem a travessia, vão... nos dominar!"

"O que você quer dizer com horda?" Carniça berrou atrás dele enquanto corria em direção ao rio.

Holgoth gritou uma palavra em resposta. " *Vampiros!"*

Bum! Bum! Bum!

As marretas choviam sobre o gelo.

Examinei a escuridão, procurando por qualquer sinal de Fisher, mas ele não estava em lugar nenhum. Ren também não. Por toda parte, rostos desconhecidos, tensos de nervosismo, corriam para bater seus martelos no gelo. Uma faísca azul iluminou temporariamente a cena, iluminando o outro lado da margem, e o que vi lá fez minhas pernas tremerem.

Eram milhares.

Contorcendo-se. Fervendo. Rosnando. Estalando.

Cinquenta mil alimentadores sedentos de sangue, latindo na margem do rio. Assim que a fonte da luz azul apareceu — um orbe incandescente que se arqueou no ar e caiu no meio do rio —, o primeiro dos vampiros já estava na metade do gelo. O orbe explodiu, abrindo um pequeno buraco na superfície ao fazer contato. A água jorrou quinze metros no ar, mas os vampiros não pareceram notar. Em bandos, eles começaram a se aproximar. "Me fode", murmurou Carniça. "Me fode, porra." Eu não conseguia expressar minha concordância. Mas eu sentia.

Outra esfera branco-azulada foi lançada no ar, lançando sombras selvagens sobre a massa que se aproximava e os guerreiros do nosso lado da margem. Outra, e outra, e outra, ascenderam ao ar. Estalos altos rasgaram a noite enquanto explodiam, criando buracos maiores no gelo.

Agora que esta parte do rio estava instável, os martelos que batiam na superfície à beira do rio eram mais eficazes. Aos poucos, o gelo começou a formar teias de aranha e a rachar.

"Será que vai funcionar?" sussurrou Carniça.

"Não sei. Vamos lá. Precisamos ajudar."

Uma coisa ridícula de se dizer. Apenas um daqueles lutadores enormes com os martelos poderia ter derrubado metade dos prédios do Terceiro Mundo sozinho, e ainda assim o gelo era tão espesso que eles estavam avançando lentamente. Éramos tão fracos em comparação. Tão humanos. Mesmo assim, nós dois pegamos os pesados martelos que encontramos à espera na margem e os derrubamos no Darn com toda a nossa força.

Jatos de fogo atravessaram o rio assim que a primeira onda de vampiros se aproximou. Eles queimaram como isca, mas as chamas não os detiveram. Eles se aproximaram. Mais perto ainda.

Meus braços gritavam, minhas costas doíam de dor, mas eu bati no gelo, a pele das minhas palmas rasgando enquanto eu golpeava o martelo.

O gelo estremeceu e soltou um gemido profano, e de repente tudo se estilhaçou.

Assim que isso aconteceu, um tapete de fumaça negra rolou sobre o rio, avançando rapidamente. Os vampiros que haviam cambaleado para o gelo mergulharam na água congelante e, sem hesitar, a fumaça pareceu se solidificar e empurrá-los para baixo da superfície. Ela os agarrou, empurrando-os para baixo, envolvendo-os e arrastando-os para suas sepulturas aquáticas.

"O que está acontecendo?" Carrion examinou a margem de cima a baixo, com os olhos arregalados.

"Fisher", respondi, sério. "Isso é *tudo* Fisher."

Os vampiros pararam de avançar. Os enormes Fae Quebra-Gelo ainda golpeavam e quebravam o gelo à esquerda e à direita, mas a horda raivosa do lado sanasrothiano do rio não se deu ao trabalho de voltar. Rosnaram e gemeram, mas mantiveram a posição.

"Boa noite, Martim-pescador!", gritou uma voz da escuridão. "Que bom que você decidiu vir brincar! Não quer me cumprimentar?"

Uma guerreira que se juntara a nós no mesmo trecho da ribanceira, uma mulher de cabelos ruivos brilhantes, empalideceu ao som daquela voz. Assim como vários outros guerreiros. "É o *Malcolm?* ", ela falou como se não acreditasse no que ouvia. "Não pode ser..."

"É ele mesmo", disse um homem com uma cicatriz irregular no maxilar, encarando a escuridão. "Ele saiu da fortaleza para provocar o comandante."

"Mas..."

"Vamos, Martim-pescador! Você não quer se mostrar? Eu vou, se é isso que você está esperando!" A multidão de monstros na outra margem se abriu, e lá estava ele. Um homem alto, esguio e de aparência modesta, vestido de preto. Seu cabelo era liso como uma flecha e branco como a neve, caindo abaixo dos ombros. Suas feições eram bonitas. Bonito, quase. Olhos vermelho-sangue vasculhavam o nosso lado da margem, como se ele não tivesse dificuldade em enxergar através das nuvens de fumaça preta que ainda rolavam pela superfície do rio. "Vamos, Martim-pescador", chamou o demônio com uma voz cantante. "Eu sei que você está aí. Faz apenas algumas semanas desde a última vez que nos falamos, mas o que posso dizer? Sinto sua falta."

Um burburinho se ergueu entre os Fae com isso. Malcolm *sentia falta de* Fisher? Fazia apenas algumas semanas desde que se falaram? A implicação era clara. Este Malcolm, rei dos vampiros, queria que todos entre os Fae soubessem que seu precioso líder, finalmente devolvido a eles, estava de alguma forma ligado a ele. Guerrilha em sua melhor forma. A maneira mais fácil de vencer qualquer guerra era criar dissidência entre as fileiras inimigas para que eles desperdiçassem tempo e energia lutando entre si em vez de contra você. Foi uma jogada inteligente, mas óbvia. Ainda assim, pela expressão nos rostos dos guerreiros ao nosso redor, Fisher teria algumas explicações a dar.

"Ótimo! Faça do seu jeito, querida!", gritou Malcolm. Um sorriso cruel se abriu em seu rosto, expondo uma fileira de dentes afiados. "Esconda-se atrás dos seus amiguinhos. Vejo vocês muito em breve!"

22

A COCEIRA

H eu meia hora depois.

I Estava sentado em frente a uma fogueira do lado de fora da sala de guerra, bebendo a cidra quente que Ren me entregara. Seus olhos estavam arregalados, e o cabelo ainda mais arregalado. Ele veio direto para mim, mas latiu uma pergunta para Ren. "Você pegou o chato?"

“Sim”, respondeu Ren, cansado.

"Espero que você não esteja falando de mim", disse Carrion, mas Fisher não o honrou com uma resposta.

Ele estendeu a mão para mim e disse: "Pegue, ou eu carrego você". Eu dei a minha mão a ele.

"Voltaremos pela manhã", disse ele a Ren. E então recuou para o vórtice negro e rodopiante que surgiu atrás dele e me puxou para dentro do portão das sombras.

Onyx rosnou, com os dentes à mostra, quando entrei no quarto de Fisher. Era exatamente como durante minha prisão forçada ali, após o ataque do alimentador. Sombrio. Cheio de sombras e cantos escuros. Em outras palavras, perfeitamente *Fisher*. Fiquei tensa ao inalar, minha cabeça inundada pelo cheiro de hortelã selvagem e agulhas de pinheiro, mas não era o quarto desta vez. Era o próprio homem, parado tão perto de mim que o calor de seu corpo aquecia minhas costas. As mãos tatuadas de Fisher me envolveram e trabalharam habilmente no nó da capa, desfazendo-o para que deslizasse dos meus ombros.

"Você nunca usou os vestidos que eu separei para você", ele murmurou em meu cabelo.

“Não quero falar sobre vestidos”, sussurrei.

"Tudo bem. Vamos falar de comida, então."

"Comida?"

Ele assentiu. "Não compartilhe comida com aquele idiota de novo, Oshazinha."

"O que?"

"Swift. Mais cedo. Lá na sala de guerra. Você ficou trocando aquele bolo com ele por séculos."

“Não era bolo.”

"Não me importa o que foi. Pare de dividir comida com ele." Havia um tom perigoso em sua voz. Um tom que me desafiava a questionar aquela ordem.

Se ele ainda não tinha aprendido que eu não era alguém para quem se mandava, talvez precisasse ser lembrado. "Por que não?"

"Porque eu disse isso, porra."

"É algum costume estranho das Fadas que eu não conheço?"

"Não", respondeu ele, teimoso. "Não significa nada. Divida todas as tigelas de ensopado que quiser com Lorreth ou Ren. Só não compartilhe comida com aquele babaca. Já é ruim o suficiente você insistir em dividir o ar com ele. Prefiro que vocês não comam do mesmo prato, porra." "O que você tem contra Carniça?"

“Não quero falar sobre Carniça”, ele rosnou.

Quase ri. *Quase*. "Tudo bem. Ótimo." Senti um arrepio na nuca. Algo dentro de mim estava se esvaindo. Eu sentia isso acontecendo em etapas, e era assustador. O muro entre nós — a barreira que existia para me manter segura — estava se abaixando, se desfazendo tijolo por tijolo. Eu poderia interromper a desconstrução do muro. Trazê-lo de volta se quisesse. Mas... eu não conseguia respirar perto dele, e eu sabia como eram as mãos dele no meu corpo agora. De verdade. Eu ansiava por mais dele, mesmo que ele pudesse ser egoísta e cruel, e mesmo sabendo que desejá-lo provavelmente seria minha ruína.

"Então *eu* escolho o que vamos conversar. Vamos conversar sobre o que acabou de acontecer..."

"Na tenda?" Ele não disse nada. Não havia necessidade de magia. Ele estava tão perto que sua boca roçaria a ponta da minha orelha se eu me inclinasse *um* centímetro para trás.

“Na margem do rio.”

“Eu te trouxe aqui para que pudéssemos esquecer a margem do rio.”

Esquecer? Como ele imaginou que eu esqueceria isso? "Se aqueles alimentadores tivessem chegado ao nosso lado do rio..."

"Eu os teria abatido e feito uma pilha de ossos." Ele estava tão confiante. Não havia a mínima dúvida sobre suas habilidades.

“As pessoas teriam se machucado .”

A risada seca de Fisher arrepiou meus cabelos. "Estamos em guerra. É o que acontece numa guerra. Pessoas se machucam. Pessoas morrem. Às vezes, elas ressurgem e se alimentam dos vivos. É um ciclo."

Meu coração batia em todos os lugares. Pulsava nas minhas mãos, nas têmporas e na cavidade da minha garganta. Virei-me para encará-lo, precisando olhar em seus olhos. Seu maxilar forte estava a poucos centímetros de distância, marcado pelo início da barba por fazer. A gorjeta brilhou em seu pescoço, o lobo em sua garganta, na altura dos meus olhos. Sua camisa estava imunda, aberta apenas uma fração — o suficiente para

revelar uma faixa de tinta preta se contorcendo. Ele estava inexpressivo enquanto me olhava, esperando que eu falasse. "Isso não é uma piada! Eu... eu estava..." Eu sabia o que queria dizer. Não conseguia me obrigar a fazê-lo. Havia um ponto sem volta ali, e eu não estava pronta para ir além dele.

“Você estava preocupado comigo”, disse Fisher asperamente.

“Não! Eu...”

"Eu vi a sua cara. Na sala de mapas, quando Danya quis me decapitar. Você estava com medo. Por mim."

"Eu estava com medo de que você morresse e eu não conseguisse voltar para casa. Você jurou me mandar de volta quando eu terminasse com os anéis. Os outros poderiam não me dar o mesmo acordo, e..."

O sorriso irônico e infeliz de Fisher não me deixou com a menor ilusão de que ele acreditava no que eu dizia. Mas ele não discutiu.

"Eles vão te despedaçar quando você voltar amanhã de manhã", sussurrei.

“Eu vou ficar bem”, ele respondeu.

“Você não está nem um pouco preocupado que—que seus supostos *amigos* vão pensar que você está ajudando aquele—aquele tal Malcolm—e—”

Fisher mordeu o lábio inferior, com os olhos mais suaves que eu já tinha visto. Gentilmente, ele juntou os cabelos rebeldes que haviam escapado da minha trança e os colocou cuidadosamente atrás da minha orelha. " *Respira,* pequena Osha."

"Você não pode simplesmente me dizer para respirar quando eles quase conseguiram atravessar o rio, ok?"

"Eles nem chegaram perto de atravessar o rio. Chegaram até a metade. Foi só até aí que eles conseguiram chegar. Malcolm envia seu exército de vez em quando, só para nos lembrar que ele está lá. Quebramos o gelo. Ele perde uma leva de soldados de infantaria. Tudo volta ao normal por um tempo.

“Você acabou de afogar centenas de vampiros!”

“Você não pode afogar algo que já está morto.”

Por que ele não estava nem um pouco preocupado com nada disso? Parecia-me que ele estava numa enrascada e não fazia muito para se safar. "Danya—"

Danya vai superar isso. Todos vão. Isso vai passar e ser esquecido há muito tempo pela manhã. Os Fae vivem vidas longas. Aprendemos há muito tempo que guardar rancor era uma ótima maneira de arruinar uma ou duas décadas. Resolvemos isso rapidamente e então encerramos o dia.

Ele estava delirando. "Eu estava naquela sala de mapas. Você não resolveu nada com aqueles capitães, Fisher."

“Por que você não se preocupa menos com meus amigos e mais com—”

"Quero respostas!", gritei. "Por que o Malcolm era diferente? Ele não era nada parecido com os alimentadores. Ele parecia..."

"Normal?"

"Sim!"

Malcolm é um vampiro feérico superior. O primeiro. Fomos amaldiçoados há milhares de anos, e os feéricos se transformaram em algo muito parecido com Malcolm. Quando uma cura foi encontrada, meu bisavô e a maioria dos outros feéricos yvelianos a tomaram. Ficaram horrorizados com os monstros em que haviam se transformado e queriam retornar às suas antigas vidas. Mas havia aqueles que gostavam da magia negra que a maldição lhes proporcionava. Eles gostavam do poder e da promessa da imortalidade.

“Os Fae já não são imortais?”

Fisher riu baixinho. "Não, Pequena Osha. Não somos. Nossa expectativa de vida é objeto de muitas pesquisas e conjecturas. Vivemos muito, muito mais que a sua espécie. Mas envelhecemos. Eventualmente, morremos. Havia aqueles como Malcolm que não queriam envelhecer. Eles não se contentavam em aproveitar ao máximo os milhares de anos que já lhes haviam sido concedidos. Então, aceitaram o que deveria ser um castigo e o abraçaram de braços abertos. Malcolm é o mais forte deles. O rei deles. De todos os Fae que escolheram permanecer vampiros, só ele é forte o suficiente para transformar alguém completamente e garantir que continuem sendo eles mesmos. O que os torna quem são. Sua personalidade e seus traços de caráter. Quando seus príncipes mordem e transformam alguém, suas vítimas morrem e retornam sem suas almas, nada mais do que cascas famintas e irracionais. Elas obedecem a seus mestres e se alimentam."

Havia um poço sem fundo de horror nas palavras de Fisher. Eu não conseguia nem começar a imaginar o terror de ser completamente drenado por um dos príncipes de Malcolm e saber que estava condenado a voltar como uma daquelas *coisas.* "Isso também acontece com humanos?", perguntei, já com medo da resposta.

Para onde você acha que foi a maioria da sua espécie? A vasta maioria da horda de Malcolm já foi humana. Os feéricos que escolheram se curar de sua maldição tentaram proteger os feéricos inferiores e os humanos que residiam

neste reino, mas eram mais fáceis de atingir. Mais vulneráveis. Não tinham magia para se proteger, então...

"Então..." Eu ia vomitar. Eu queria saber, mas não aguentava mais pensar nisso agora que sabia. "Você estava com ele, não estava? Durante todos esses anos que esteve desaparecida."

Uma tensão se formou no rosto de Fisher. "Não posso te dizer isso", disse ele.

Não posso te dizer isso.

Ao ver a tensão ao redor dos seus olhos piorar, uma parte de mim reconheceu e soube como era. Como se ele estivesse tentando resistir ou superar algo. Como se ele não estivesse no controle...

E lá estava.

Ele não estava no controle. "Você está *preso* , não é?", eu disse, consternado. "Você literalmente *não pode* me dizer..."

"Pare", ele ordenou. Eu esperava alívio da parte dele. Pelo menos algum tipo de reconhecimento de que finalmente alguém entendia por que ele não contava onde estivera ou o que estava fazendo. Mas a reação de Fisher foi de preocupação. Irritação, até. "Você já pensou que eu talvez não queira te contar porque não é da sua conta?", ele perguntou rispidamente.

"É da minha conta." Adotei uma postura firme, plantando meus pés em seu tapete.

“Não, não é.”

“O que quer que aconteça com você me afeta. E eu não sou idiota. Você tem sido menos babaca nesses últimos quinze minutos do que tem sido desde que me arrancou do chão no Salão dos Espelhos e me salvou. Você só voltou a surtar quando quis me empurrar. As farpas frias e a merda horrível que sai da sua boca são uma maneira de manter as pessoas à distância, não são?”

"Você não tem a *mínima ideia* de quem eu sou", ele resmungou.

E talvez ele estivesse certo sobre isso. Mas eu estava começando a entender. Começando a entendê-lo. E quantas vezes Ren já tinha dito isso? *Eu o conheço. Ele não é assim. Ele não é ele mesmo agora.* Era tudo fachada. Como um véu sendo lentamente aberto, eu estava começando a enxergar através dele. "Você não me odeia tanto quanto finge", eu disse.

Ele deu um passo em minha direção, leonino, predador, perigoso. "Não é?"

"Não, você não."

“Essa é uma teoria interessante.”

“Não acho que você me odeie nem um pouco.”

Ele riu, mas deu mais um passo à frente. "Então você se considera muito bem, não é?"

"Eu sei que você me quer." Não dei um passo para trás, mesmo que meu corpo gritasse para eu fazer isso.

“Eu posso querer te foder e ainda te odiar, Pequena Osha.”

Balancei a cabeça, tentando ignorar o calor em seus olhos. "Não. Não é isso."

Mais um passo e ele estaria peito a peito comigo novamente.

“O que é então?”

"Há algo... *entre* nós. Você sabe que há."

" Tem certeza de que não está imaginando coisas? Muitas mulheres se deixam levar pelas próprias fantasias desesperadas, no que me diz respeito."

"Só... pare, tá bom? Chega! No momento em que você me foder, as coisas vão mudar entre nós."

"Claro. Vou ter coçado uma coisinha perversa. Vou poder seguir em frente com a minha vida." Seus lábios se abriram, e a visão de seus caninos afiados enviou uma onda de calor diretamente entre as minhas pernas.

"Você quer me morder", sussurrei.

"Hah!" Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. "Ah, você não tem *ideia* da corda bamba em que está se equilibrando agora, tem?"

"Você quase fez isso. Lá na sua barraca. Você me arranhou com os dentes. Você tirou sangue, porra!!"

O pequeno espaço entre nós desapareceu num instante. A mão de Fisher fechou-se em volta do meu pescoço, a fúria estampada nas linhas do seu rosto bonito. " *Cuidado",* rosnou ele. "É perigoso falar tão levianamente sobre coisas que você não *entende* ."

" Então me explique. Me mostre", ofeguei.

Sua raiva vacilou. "O quê?"

"Mostre-me. *Faça* -me entender. Prove-me que estou errado."

“Humano estúpido e idiota...”

Eu não tinha o direito de dizer mais nada. Era perigoso provocar um homem como Fisher. Isso poderia dar errado facilmente. Mas tudo isso acabaria em lágrimas de qualquer jeito, e depois do que eu tinha visto esta noite, esperando por todos nós do outro lado do rio, eu não planejava morrer sem ao menos testar essa teoria. "Estou te dizendo para me *foder* , Fisher. Estou te pedindo para..."

Seus lábios se chocaram contra os meus. Ele roubou minhas palavras, reivindicando minha boca com um rosnado áspero. O beijo foi incendiário.

No momento em que o provei e senti sua língua passar pelos meus dentes, gemi, agarrando a barra de sua camisa.

Chega de atirar uns nos outros.

Chega de insinuações veladas.

Não mais ameaças.

Isso estava acontecendo porque eu queria que acontecesse.

Rasguei a camisa do Fisher e tive que levantar os braços acima da cabeça para conseguir tirar a maldita coisa dele pela metade. Ele interrompeu o beijo por uma fração de segundo, rasgando o material esfumaçado pela cabeça. No segundo em que deixou sua mão, ele caiu sobre mim novamente, sua boca reivindicando a minha tão completamente que eu não sabia qual direção era para cima. Seus movimentos não eram desajeitados como os meus. Suas mãos eram seguras e firmes quando ele agarrou a gola da minha camisa e a arrancou do meu corpo. Sem os espartilhos e espartilhos dos vestidos que Everlayne me fez usar no Palácio de Inverno, eu comecei a amarrar meus seios com tecido como fazia em casa. Fisher fez um barulho de desgosto quando viu o material enrolado em minhas costelas. Levantei meus braços, esperando que ele o desenrolasse o mais rápido que pudesse, mas não. Ele passou o dedo indicador pela frente do material, entre meus seios, e o tecido se partiu, desintegrando-se sob seu toque.

Meus seios se soltaram, meus mamilos se ergueram, e Fisher gemeu, segurando o peso deles nas palmas das mãos. Ele massageou a carne, xingando, os olhos se deleitando com meu peito. Será que ele tinha pensado em mim assim? Nua e à sua mercê? Será que ele tinha imaginado como seria me tocar, me provar e me ter disposta a obedecer aos seus comandos?

Eu era culpada de deixar a imaginação correr solta. Fingi que não eram as mãos dele que eu queria no meu corpo quando me tocava. Me enganei, acreditando que não era o sorriso malicioso dele que assombrava meus sonhos. Mas era. E agora ele estava parado na minha frente, sem camisa, os músculos firmes do peito brilhando de suor, tatuagens por toda parte, espiralando pelo torso, e eu não conseguia acreditar que finalmente tínhamos chegado ali.

As cartas já estavam na mesa há algum tempo. Ou nos mataríamos ou nos foderíamos, e eu estava feliz por ambos termos optado pela segunda opção.

Os olhos de Fisher brilharam quando ele agarrou a frente da minha calça pelo cós e me puxou bruscamente para si. "Você pediu por isso. Quando estiver dolorida de tanto gozar e não conseguir se lembrar do seu próprio nome, lembre-se *disso* , Pequena Osha."

Ele sustentou meu olhar enquanto abria minhas calças e as enfiava pelas minhas coxas. Seu olhar era pesado como o fio de uma espada, pousado na minha garganta, afiado o suficiente para cortar. Ele enfiou a mão direita entre as minhas pernas e com a outra me agarrou pelo pescoço, me assustando pra caramba.

Eu teria ofegante quando ele rasgou minha calcinha para o lado e mergulhou os dedos no calor úmido e derretido do meu âmago, mas sua mão se fechou em volta da minha traqueia, roubando minha capacidade de respirar. Como um anjo caído de cabelos escuros e agourento, Kingfisher ronronou enquanto mergulhava os dedos dentro de mim.

“Nossa, nossa. Já está tão excitada? Você é muito escorregadia. Qual é o seu gosto, hmm? Vai gritar por mim como uma boa menina quando eu te colocar para cavalgar na minha cara?”

"S-S-" Não adiantou. Eu não conseguia falar. Minha cabeça girava, tanto pela falta de sangue quanto pela necessidade poderosa que me abalava até o âmago. Eu o queria. Mas também queria entender esse sentimento dentro de mim. A cada momento, Fisher se mostrava um babaca insuportável. Eu podia contar nos dedos de uma mão quantas palavras educadas o desgraçado me dissera. Mas havia algo mais me prendendo a ele. Me puxando como se eu estivesse presa. Uma parte de mim sabia que o próprio Fisher era a armadilha, e eu estava completamente presa...

O mundo escureceu até que só restamos eu e ele. Eu e aqueles olhos verdes e prateados brilhantes. Fisher abaixou a cabeça, inclinando-se para mim, sua boca tão perto da minha. "Quando você me tomar por inteiro, lembre-se de respirar." Ele soltou minha garganta, e minha cabeça girou enquanto eu inspirava fundo.

Não havia tempo para me preparar. Teria sido inteligente me livrar das botas e depois tirar as calças, mas isso não era possível quando se estava lidando com o homem mais impaciente de toda Yvelia. A princípio, a fumaça parecia vir das mãos de Fisher. Depois, parecia vir de trás dele. Quem sabia de onde diabos vinha. Tudo o que eu sabia era que vinha dele — a mesma fumaça que empurrara uma horda de vampiros para baixo de um mar de gelo — e agora girava sobre meu corpo, como...

Evaporou-se no momento em que eu começava a ficar tensa. E com isso, cada pedaço da minha roupa desapareceu também. Fisher recuou um segundo, inspecionando sua obra, seus olhos cheios de luxúria percorrendo meu corpo três vezes, como se uma vez não fosse o suficiente.

"Mal posso esperar para ouvir os sons que você faz quando eu te penetrar pela primeira vez", ronronou ele. "Vou fazer você ofegar por mim, Pequena Osha. E quando terminarmos, vou fechar os olhos e repetir o som dos seus gemidos na minha cabeça toda vez que eu me masturbar até o clímax." Deuses. Só de pensar nele se *tocando* ...

A imagem pecaminosa que começava a tomar forma em minha mente se dissipou quando Fisher se moveu. Ele me agarrou, as mãos encontrando a parte de trás das minhas coxas nuas, e assim, meus pés saíram do chão. Uma sensação de leveza e queda revirou meu estômago enquanto eu voava de volta pelo ar. O colchão macio me pegou um segundo depois, lençóis de seda frescos e escorregadios contra minha pele. Uma bola de pânico subiu à base da minha garganta quando meus olhos encontraram Fisher novamente. Vi um guerreiro feérico de cabelos escuros coberto de cinzas e fuligem parado na ponta da cama, desabotoando lentamente as calças com uma expressão faminta e carnal no rosto, e meus instintos de autopreservação me disseram para fugir para salvar minha vida.

Não se mova. Não *se mova, Saeris. Pelo amor de todos os deuses...*

Em Zilvaren, os predadores não tinham a escuridão para se esconder. Usavam camuflagem e furtividade para se aproximar furtivamente de suas presas, o que, por sua vez, nos ensinou a reagir rápido quando nos deparávamos com a criatura que nos caçava. Cada parte de mim queria pular da cama e correr para a porta, mas eu sabia que seria loucura. Como um gato do inferno, Fisher me perseguiria. Agarrei os lençóis, forçando-me a ficar imóvel, observando cada movimento que ele fazia.

"Coloque as solas dos pés na cama." Não foi uma ordem emitida pelo juramento. Apenas uma ordem simples. Poderia muito bem ter sido uma compulsão, considerando que eu estava impotente diante da sua ordem. Dobrei os joelhos, colocando os pés na cama... e uma força bruta pareceu distorcer o ar ao redor dos ombros poderosos de Fisher. Com movimentos medidos e provocantes, ele abaixou as calças sujas de lama da batalha e...

Deuses sem graça e mártires sagrados. Ele não estava de cueca. Isso não me surpreendeu. Mas o *tamanho* do seu pau ereto, ao se soltar das calças, fez meus olhos se arregalarem.

Será que todos os homens feéricos eram tão bem-dotados? Seria uma coisa de Yvelian? Ou seria uma coisa de Fisher? Sem roupas, Fisher ficou parado, deixando-me observá-lo, com um sorrisinho divertido implorando para ser liberado nos cantos da boca. Ele era absolutamente incrível, todo linhas duras, músculos tensos e tatuagens em movimento. Seu pau era

perfeito — ferro rígido envolto em seda e veludo. Uma veia grossa descia pela parte inferior de seu membro, projetando-se orgulhosamente da haste. Minhas palmas formigavam só de *pensar* em tocá-lo.

Fisher se recompôs como se soubesse o que eu estava pensando, movendo lentamente a mão para cima e para baixo no próprio pau. "Abra os joelhos", exigiu.

"EU-"

"Sem argumentos, Osha. Fiquei meio louco só de pensar na sua aparência. Preciso ver, porra. Me tira do meu sofrimento."

Eu nunca tinha sido tímido num quarto antes. Mas dessa vez eu estava muito, muito além da minha capacidade. Lutei contra uma onda de nervosismo enquanto deixava meus joelhos se abrirem, e Fisher soltou um rosnado tenso. "Perfeito. Você é absolutamente perfeito. Se a Danya arrancar minha cabeça amanhã, pelo menos agora eu vou morrer feliz."

O olhar atordoado em seu rosto era perigoso. Uma garota poderia facilmente se viciar na expressão de Fisher, e daí? Eu estaria perdido para sempre. Condenado para caralho. Deixei-me absorver por sua atenção, ciente de que estava pisando em terreno perigoso. Mas se Fisher estivesse certo sobre isso, e daí? Seria uma noite. Uma vez, e então ele terminaria comigo. Eu não ia passar por isso de novo, então era melhor aproveitar...

"Que flor linda, florescendo só para mim", ele resmungou, subindo na beira da cama. Suas mãos se fecharam em volta dos meus tornozelos e eu parei de respirar. Ele ia...

Gritei quando ele me puxou da cama em sua direção. Outro pequeno grito escapou de mim quando ele caiu entre as minhas pernas. Sua boca encontrou primeiro a dobra da minha coxa. Estremeci, quase abandonando meu corpo completamente quando olhei para baixo e encontrei seus olhos. Ele passou a ponta do nariz para cima, para cima, para cima, inalando profundamente enquanto fazia isso. Quando levantou um pouco a cabeça para falar, seus caninos não estavam apenas à mostra. Estavam mais longos do que eu jamais os vira. Mais afiados. Seu canino esquerdo havia perfurado seu lábio inferior e sangrado.

"Você cheira tão, tão bem", disse ele, com a voz rouca. "Na forja do palácio, senti um toque disso. Eu soube então que precisava te provar. Esse cheiro tem assombrado meus sonhos. Não consegui pensar direito por me lembrar do cheiro da sua carência."

“Eu provavelmente poderia usar um sh—”

"Não ouse *terminar* essa frase, porra", ele rosnou. "Eu não quero um bocado de sabonete e perfume. Eu quero *te provar*. " Com isso, ele colocou a boca bem no centro de mim, como se estivesse mordendo um pedaço de fruta madura e deliciosa, e meu mundo inteiro se inflamou.

A língua dele. Puta merda, a língua dele era incrível. O jeito como ele lambia, lambia e chupava meu clitóris me dava espasmos, o calor da boca dele se combinando com o meu de um jeito que prometia me deixar louca.

"Fisher! Oh, fffff — porra! Fisher! Deuses!" Achei que o senti rindo contra a minha pele, mas não tinha certeza. Meus ouvidos zumbiam. Meu... corpo... inteiro... reagia de forma tão... estranha. O céu da minha boca formigava loucamente. Eu não conseguia sentir meus pés. "Isso — ai meus deuses — porra — eu — eu —"

"Ainda não", ele murmurou contra mim. "Você não pode gozar até que eu diga."

"Por favor! Eu... meu Deus, estou tão perto!"

Desta vez, ele riu sem dúvida. Abaixei-me para ele, desesperada pela libertação que jazia na ponta da sua língua. Enroscando os dedos em seus cabelos, abaixei sua cabeça para me encontrar, implorando por mais, mais, mais. Senti seu rosnado vibrar através de mim, mas ele não se afastou. Acelerou o movimento circular e alternado da língua, aplicando mais pressão, e então mergulhou os dedos dentro de mim, provocando minha entrada apenas com as pontas dos dedos indicador e médio, e minhas costas se curvaram para longe da cama.

Mais.

Eu queria *mais.*

Não apenas os dedos. Eu o queria dentro de mim mais do que meu orgulho me permitia admitir. "Fisher, por favor", ofeguei. "Eu quero... eu quero..."

"Não se preocupe. Eu sei do que você precisa." Ele enfiou os dedos profundamente, e eu me perdi da realidade. Quando abri os olhos, tudo o que vi foi um vento negro e cintilante. As velas no quarto de Fisher haviam sumido, toda a luz apagada, mas o poder impressionante que emanava de Fisher parecia carregar sua própria iluminação interna. Era difícil entender — definitivamente ainda estávamos no quarto de Fisher. Eu podia sentir sua cama embaixo de nós. Mas também estávamos nos contorcendo em um mar de escuridão, flutuando em um vazio de nada. Afundando, caindo, subindo e nos afogando, tudo ao mesmo tempo.

Nuvens de fumaça iridescente percorreram meus braços, circulando meus pulsos, acariciando minha pele, tão macias e sedutoras que eu tremia sob o

contato. Era ele. Uma extensão dele, e estava em toda parte. Sua boca me penetrava, seus dedos me induzindo a uma queda íngreme que me tomaria de corpo e alma.

Desta vez, ele não ia me impedir. Ele me levou ao clímax com determinação, e um grunhido de vitória, satisfeito, escapou de sua garganta quando me empurrou ao limite.

Não foi apenas um orgasmo. Foi um despertar. Envolta no poder de Fisher, senti suas mãos apertarem minhas coxas enquanto eu me contorcia e me contorcia, mas também senti suas sombras se apegarem a mim. Elas deslizaram sobre mim, acumulando-se na cavidade da minha garganta e se derramando sobre minha barriga, sussurrando sobre meus seios pesados — um nível de êxtase que eu nunca havia experimentado antes. Era como se eu o estivesse inalando, absorvendo um pedaço dele para dentro de mim...

"PORRA!" Meus olhos se abriram de repente. Fisher estava de joelhos entre as minhas pernas, a cabeça do seu pau encostando na minha entrada. Sua mão direita encontrou meu quadril. Quando sua mão esquerda encontrou minha *garganta* novamente, um véu de sombras deslizou por seu braço e subiu pelo meu pescoço em uma carícia quente e inebriante.

Meus olhos começaram a revirarem. Mas então...

"Ah, não, Pequena Osha. Você vai ficar olhando *direto* para mim por isso", disse Fisher. *"Olha."* Ele esperou até que eu o olhasse novamente, então sua mão subiu até meu queixo. Ele me segurou quase com ternura enquanto dizia: "Você ainda quer?". Seu peito, seus braços, seu abdômen definido; o sulco profundo que descia sobre seus quadris, descendo entre suas pernas: seu corpo inteiro era uma obra de arte. Ele me tirou o fôlego. A tinta que cobria sua pele oscilava enquanto ele esperava pela resposta que ele já sabia que eu lhe daria.

"Sim. Eu quero. Eu quero *você.* "

Seu sorriso era puro, uma poderosa satisfação masculina. "Segure firme então. Espero que não tenha medo do escuro." Ele empurrou para frente, se chocando contra mim, e eu *gritei.* Não de dor. Não havia nenhuma. Apenas um estiramento, uma plenitude e uma onda incrível de energia que percorreu minha espinha em uma série de rajadas que pareciam pequenas explosões. Foi tanta, de uma só vez, que eu *tive* que gritar.

Como se estivesse vivenciando algo muito semelhante, Fisher jogou a cabeça para trás, os músculos do pescoço tensos, a mandíbula cerrada, rugindo por entre os dentes. *"Porraaa!"*

Só uma estocada. Ele me penetrou *uma vez* e eu estava perdida.

Eu era uma bola de sensações, zumbindo de energia. Na escuridão, Fisher abaixou a cabeça lentamente, com os lábios entreabertos, o cabelo despenteado, e a expressão atordoada de surpresa em seu rosto enviou uma descarga de adrenalina por mim.

Deuses e Mártires. Eu jamais me esqueceria de vê-lo assim. Se eu conseguisse voltar para casa, a imagem dele assim, sentado dentro de mim, a pele escorregadia de suor, o peito arfando, me sustentaria até o dia da minha morte.

Pescador.

Martim-pescador.

Senhor de Cahlish.

Eu o odiava, de verdade. Mas não se pode odiar algo sem se importar um pouquinho com ele também.

" *Bruxa",* ele acusou. "Você *tem* magia." Ele era tão *grande* ; seu comprimento duro se contraiu dentro de mim, e meu corpo respondeu da mesma forma, apertando em volta dele. Seus dedos cravaram em minha pele, cavando mais fundo em meus quadris. Com um manto de fumaça preta girando em torno dele como um vento escuro, ele se moveu. Lentamente, a princípio. Os tendões em seu pescoço se ergueram orgulhosos quando ele se afastou e saiu de mim apenas alguns centímetros. O menor dos movimentos o atraiu para dentro. Novamente, ele se mexeu, rolando os quadris, trabalhando seu pau um pouco mais fundo a cada vez que ele empurrava de volta para dentro de mim. O ritmo que ele impôs foi torturante. Eu tinha me esticado bem e verdadeiramente para acomodá-lo agora, e o delicioso atrito crescendo entre nós estava rapidamente se transformando em uma dor desesperada.

"Por favor..." Estendi a mão para ele como se fosse meu direito. Seu peito era quente, sólido e perfeito. Sob minhas palmas, a tatuagem de lobo estampada em seu peitoral ganhou vida. A tinta fluiu sob sua pele, cruzando-a dele para... para... pecadores, fluiu pelas pontas dos meus dedos, espalhando-se pela minha pele, fluindo como sua fumaça sobre o dorso das minhas mãos. Um delicado passarinho tomou forma na parte interna do meu antebraço direito. Ele abriu as asas e alçou voo, seu corpinho esvoaçando sobre minha barriga enquanto suas asas batiam mil vezes por minuto.

"Merda", Fisher ofegou. Afastei as mãos, com medo de que mais tinta me atingisse, mas Fisher apenas balançou a cabeça, agarrou uma das minhas mãos e a colocou de volta em sua pele. Ele não disse mais nada. Não me avisou se mais tinta dele se aventuraria a transbordar para o meu corpo. Ele

apenas se afundou mais, me penetrando mais rápido, perdendo mais controle a cada estocada.

"Magnífico", Fisher disse com a voz rouca. Ele gemeu enquanto apalpava meus seios. Suas pupilas estavam tão dilatadas que o preto engolira o verde *e* o prateado. Fiquei paralisada, incapaz de desviar o olhar, enquanto suas mãos exploravam meu corpo.

Quando o vi pela primeira vez, chamei-o de Morte. A semelhança era ainda mais pronunciada agora. Este macho possuía o poder de exterminar civilizações inteiras se quisesse. Eu podia sentir isso — um poço profundo e silencioso dentro dele, sua superfície ondulando enquanto ele endurecia cada vez mais dentro de mim. Eu me afogaria naquele poço. Afundaria em suas profundezas escuras, para nunca mais emergir. E eu ficaria feliz.

Desintegrei-me em um milhão de pedaços, desconstruído e inconsciente enquanto gozava novamente. A única coisa que me ancorava ao casulo quente que Fisher havia criado ao nosso redor eram suas mãos fortes na minha cintura e a aspereza de sua voz tensa.

"Deuses e malditos mártires. Puta *merda.* Isso mesmo. Vamos."
Mostre-me o quão bonita você é quando desmoronar."

Fechei os olhos com força, gritando sem palavras. Assim que cheguei ao auge da onda do meu segundo orgasmo, as estrelas pintadas no teto do quarto de Fisher se acenderam, brilhando tão intensamente que sua luz queimou meus olhos até mesmo através das pálpebras.

Fisher gozou com força, me atingindo com força. Ele rugiu e gozou, e juntos nós dois nos despedaçamos.

Um zumbido encheu meus ouvidos.

Meu sangue fervia logo abaixo da superfície da minha pele.

Dum, dum, dum, dum, dum.

Fisher afundou no meu peito, seu peso estranhamente reconfortante, mesmo que estivesse me esmagando um pouco. Ele permaneceu dentro de mim, ainda duro como aço temperado, seus dedos percorrendo minha pele em pequenos círculos, e a realidade do que acabara de acontecer começou lentamente a revelar sua face feia.

Eu tinha acabado de fazer sexo com Fisher.

Eu simplesmente o deixei me foder com força, e agora estávamos nus, enroscados um no outro. Eventualmente, a faixa de sombras ao nosso redor desapareceu, e a luz das velas retornou, junto com o resto do quarto. Uma a uma, as estrelas pintadas no teto se apagaram lentamente.

Movendo-se lentamente, como se não tivesse pressa nenhuma, Fisher se apoiou e saiu de mim. Sua tinta havia parado novamente, suas pupilas agora se estreitavam em pontos. Ele ficou em silêncio enquanto se vestia.

Cobri-me com um lençol, de repente ciente de que não estava usando nenhum ponto, mas o observei, recusando-me a desviar o olhar. Não depois disso.

Assim que se vestiu novamente, Fisher calçou as botas e finalmente olhou para mim. "Quero que você fique aqui esta noite." Sem preâmbulos. Sem menção ao que acabara de acontecer.

"Por que?"

"Porque o acampamento ainda estará um caos. Terei muitas coisas para cuidar e quero saber exatamente onde você está." "Eu tenho alguma palavra a dizer sobre isso?", perguntei.

Ele olhou para as botas. Quando voltou a me olhar, seus olhos estavam distantes. "Na verdade, não. Volto para buscá-lo de manhã. Você passará o dia trabalhando nas relíquias na forja do acampamento. Enquanto isso, Archer estará à disposição caso precise de alguma coisa." Um estalo alto inundou o quarto, várias velas se apagando enquanto um portão de sombras rodopiante explodia atrás de Fisher. "Tente dormir um pouco", murmurou ele. E então recuou para a escuridão e desapareceu.

Tentar *dormir um pouco?* Que porra havia de errado com ele? Eu não ia conseguir *dormir*. Minha mente estava a mil. Afundei-me nos travesseiros, a frustração em conflito com a confusão, e... espera aí. Abri os olhos.

Ele não fez isso.

Ele não teria feito isso.

Dei um pulo, levando o lençol comigo, e corri para a porta. Ela se abriu quando girei a maçaneta, e quando tentei sair para o corredor...

Meus pés descalços encontraram a pedra fria sem qualquer problema. Não havia nenhuma barreira invisível me prendendo dentro do quarto de Fisher. Graças aos deuses por isso.

“Boa noite, senhorita,”

Agarrei-me à lateral do batente da porta para me apoiar. "Meu Deus, Archer, você me deu um *susto !"*

O pequeno espírito do fogo estava sozinho no corredor mal iluminado. Bem, sozinho, exceto por Onyx, que estava deitado de costas com os pés para cima. Parecia que Archer estava no meio de uma sessão de carinho na barriga quando eu saí do quarto, enrolada num lençol como uma louca.

"Desculpe-me, minha senhora. Vim porque ouvi uma perturbação nos aposentos do Mestre Fisher. Quando cheguei aqui, encontrei Onyx choramingando na porta e decidi esperar até... bem, até você terminar para ver se precisava de alguma coisa. Relações íntimas podem ser muito extenuantes."

"Meu Deus, Archer, não, tudo bem, nós não estávamos..." Corei intensamente. A situação só poderia ter sido pior se tivesse sido o Elroy quem me flagrou depois do coito. E como diabos o Onyx conseguiu se expulsar do quarto?

"Ah?" Archer pareceu confuso. "Nesse caso, você precisa consultar um curandeiro? Está machucado? Parecia que..."

"Não, não, estou bem. Sério, estou bem. Eu... nós..." Olhei por cima do ombro para o quarto e fechei a porta atrás de mim. "Estávamos só mudando alguns móveis de lugar, só isso. Mas aí o Fisher decidiu que preferia do jeito que estava, então... então mudamos tudo de lugar." Cocei a cabeça, encolhendo-me ao sentir o enorme emaranhado de cabelo que tinha se emaranhado enquanto estávamos "mudando os móveis".

Archer não pareceu convencido. Mas foi gentil o suficiente para não me acusar de mentir. "Entendo. Bem, de qualquer forma, trouxe uma jarra de suco de maçã e um bolo para você repor as energias. Aqui..." Ele se virou e pegou uma pequena bandeja de prata, oferecendo-a a mim.

Peguei-o com uma das mãos, sorrindo de leve. "Obrigada, Archer. Foi muita gentileza sua. Boa noite."

Onyx correu para dentro do quarto assim que abri a porta novamente. O pequeno espírito do fogo curvou-se profundamente. Ele ainda estava curvado quando voltei para dentro do quarto e fechei a porta novamente.

RELÓGIO PASSANDO

Eu, banhado, vestido e pronto para uma discussão, o portão de sombras apareceu no quarto na manhã seguinte. Só que Fisher não surgiu das sombras ondulantes. Esperei um minuto, depois outro minuto inteiro, percebendo com irritação que ele não viria me buscar e esperava que eu simplesmente passasse por ali sozinha.

Filho da puta.

Contra todas as probabilidades, consegui dormir na noite passada. Acordei com um humor timidamente feliz, mas isso mudou no instante em que avistei meu corpo nu no espelho de corpo inteiro ao lado da banheira de cobre. Agora, Fisher tinha algumas explicações a dar.

Eu não estava nem remotamente enjoado ao passar pelo portão e sair para a manhã fria e brilhante de inverno no acampamento de guerra. Guerreiros feéricos se movimentavam com seus afazeres, reunidos em frente ao mercado, apressados pela praça lamacenta. Fisher estava a três metros do portão sombreado, encostado em um poste de madeira, com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa. Assim que emergi, ele se afastou do poste e começou a se afastar a passos largos.

"Ei!", caminhei rapidamente, seguindo-o. "Ei, seu babaca! Que diabos? Volta *aqui* ."

Ele não parou. Nem diminuiu o ritmo. Comecei a correr, minha respiração formando uma nuvem de vapor quando comecei a andar ao lado dele. "Você se importaria de me explicar que porra é essa?", gritei, abaixando a gola da camisa.

Um lampejo de irritação brilhou nos olhos de Fisher, mas ele não olhou para mim. "Não se preocupe. Vai passar. Provavelmente *",* disse ele em tom neutro.

Ah, então ele sabia por que eu estava puto? Meu Deus, ele era um sujeito incrível. "Eu não pedi uma *tatuagem* , Fisher", sibilei. "Eu definitivamente não pedi para tatuar um pássaro permanentemente bem em cima do meu *peito.* Você precisa retirar o que disse."

Seu olhar permaneceu fixo à frente. "Não funciona assim."

"Besteira, não é. Veio da tinta no seu corpo. Você me tocou. Escorregou da sua pele para a minha. Então, porra, sei lá, aperta a minha mão ou algo assim e *retira o que disse!"*

"Não vou apertar sua *mão ", ele disse com desdém.*

"Então o que diabos eu vou fazer com isso?"

Fisher parecia estar se esforçando para não revirar os olhos. "É uma tatuagem, Osha. Não vai te matar. Esqueça que está aí."

"Não vou! Tenho planos para as minhas próprias tatuagens, sabe? Umas que eu faço por vontade própria. E essa é bem no meio do meu peito, porra!"

"Não sei o que te dizer", ele resmungou. "Sinta-se à vontade para pedir para alguém cobrir, se isso te incomoda tanto."

Parei na lama, observando-o se afastar. "Eu consigo fazer isso?"

"Não me incomodaria..." Ele pigarreou. "Claro que pode. Há muitos guerreiros entediados com uma agulha e um pouco de tinta no acampamento."

“Certo. Tudo bem, então. Eu *cubro* . Olha, pode... pode esperar um segundo, por favor? Aonde você está me levando?”

"Para o curandeiro do acampamento", ele disse entre dentes. "Você precisa levar alguma coisa."

“O que você quer dizer com ‘ *preciso levar alguma coisa’?* ”

"Por causa da noite passada. Porque filhos podem ser extraordinariamente raros entre feéricos e humanos, mas ainda podem acontecer, e..." Caí na gargalhada.

Fisher parou de repente, com os olhos arregalados. "Não pretendo te entender mesmo nos melhores momentos, mas por que *isso* te parece engraçado?", perguntou.

"Não posso ter filhos, Fisher. Fui purificado aos quatorze anos."

Eu esperava ver alívio em seu rosto. Mas, em vez disso, seu rosto perdeu a cor. "Que *porra* você acabou de me dizer?"

Parei de rir. "Eu fui purificada. Quando eu tinha quatorze anos. Fazem isso com cerca de setenta por cento das meninas da minha ala."

Ele se aproximou e ficou *bem* perto de mim, com a cabeça inclinada sobre a minha e as narinas dilatadas. "O que você quer dizer com... *purificado?* "

"Quer dizer... eles nos esterilizam", sussurrei. Imaginei que ele soubesse disso na noite passada. Eu esperaria que ele pelo menos mencionasse a contracepção, caso contrário. Mas, pela expressão de choque que ele exibia, ele não tinha a mínima ideia. "A Terceira Ala é a mais pobre", eu disse a ele. "Os conselheiros de saúde de Madra decidiram que não deveríamos ter permissão para procriar, caso contrário, não seríamos capazes de nos sustentar. Essa política está em vigor há mais de cem anos. Sete em cada dez bebês do sexo feminino são marcados quando são registrados com os funcionários da ala." Mostrei a ele a pequena cruz preta tatuada atrás da minha orelha esquerda. A marca que significava que eu não tinha permissão para procriar.

A expressão de Fisher se tornou inexpressiva. Seus olhos ficaram vazios.

"O quê? Imaginei que você acharia isso uma boa notícia."

Cerrando o maxilar, ele se virou, os olhos buscando no horizonte sabe-se lá o quê. Teria ouvido alguma coisa? Alguma promessa de perigo que minha audição humana inferior não havia detectado? "Fisher. Ei! O que houve?"

Quando ele me encarou novamente, seus olhos estavam quase completamente negros, as pupilas arregaladas. "Nada. Nada mesmo. Encontre a forja e mãos à obra. Tudo já está esperando por você lá. Espero um relatório na hora do almoço."

Ele saiu furioso, sem olhar para trás.

Encontre a forja. Hah. Mais fácil falar do que fazer. Levei trinta minutos para encontrar meu novo espaço de trabalho e, quando consegui, estava suando, sem fôlego e pronto para dar uns socos. A forja, Fisher havia esquecido de mencionar, ficava no meio da pequena encosta atrás do acampamento de guerra, e o caminho que levava até ela era tão íngreme que eu tinha que usar as mãos para escalar a parede rochosa em alguns lugares.

Já havia uma fogueira crepitando e crepitando na lareira quando cheguei, graças aos deuses, e todo o meu equipamento de Cahlish estava disposto em uma bancada de madeira. O espaço era pouco mais que um celeiro, mas eu estava grato por isso. Dali de cima, eu conseguia ver todo o acampamento de guerra. E estava silencioso. Eu estava sozinho. A paz e a solidão me dariam tempo para pensar. Pus mãos à obra.

Mais uma vez, Kingfisher havia escondido a pequena quantidade de mercúrio com que eu deveria trabalhar. Dei uma olhada na forja, vasculhando caixas de madeira apodrecidas cheias de moedas de cobre, armários e prateleiras, mas não o encontrei em lugar nenhum. Depois de examinar o local duas vezes, fiquei de pé junto à bancada, tentando acalmar meu temperamento explosivo, e escutei. A voz era apenas um sussurro. Silenciosa e distante. Quase a confundi com a brisa. Mas não. Ao inclinar a cabeça e fechar os olhos, concentrando-me nela, finalmente descobri em que direção estava: a leste. Fora da forja. Mais acima na montanha.

"Maldito seja", murmurei, subindo a ladeira íngreme. A cada passo que dava, eu escorregava três para trás. As solas das minhas botas tinham pouquíssimo piso, e tanta neve fresca havia caído durante a noite que o chão

estava traiçoeiro. Caí com força de joelhos e escorreguei morro abaixo duas vezes antes de chegar ao pequeno platô rochoso, trinta metros acima da forja.

Carniça estava lá, me esperando. Ele estava sentado na entrada de uma caverna, alegremente cuidando de uma fogueira enquanto lia um livro. "Você sabia que as Fadas Yvelianas são as mais jovens das casas feéricas? Por mil anos. Houve uma disputa entre esses dois irmãos, e eles se separaram para formar sua própria corte."

Cruzei os braços sobre o peito e fiquei do outro lado do fogo, na frente dele.

"Você se importa? Você está bloqueando a luz", resmungou ele.

"Como é que você consegue se conformar com tudo isso?", perguntei. "Desde que chegou aqui, você simplesmente *aceitou* tudo. Você não sabia que os Fae existiam. De repente, aparecem guerreiros enormes com orelhas pontudas e dentes afiados por toda parte, e você fica tipo, tá bom, sim, claro, claro que existem Fae. Claro que existem outros reinos. Claro que existe magia, vampiros e todo tipo de coisa horrível e terrível por aí que quer me matar. Tudo isso faz *todo o sentido* !"

Carniça abaixou o livro, bufando. "E quem disse que eu não sabia sobre os Fae?"

"O que?"

“ Eu sabia sobre as Fadas, Saeris. Minha avó me contou.”

"Ah, qual é. Fala sério. Ouvir histórias quando você é criança é uma coisa. Mas nenhum de nós jamais *acreditou* nessas histórias."

"Sim", disse Carniça, com naturalidade. Ele voltou a se concentrar no livro. "Você conheceu minha avó. Ela lhe parece o tipo de mulher que espalha histórias de fantasia e faz de conta nas horas vagas?"

Agora que pensei nisso, ele tinha razão. Gracia Swift era uma das pessoas mais objetivas e objetivas que já conheci. Ainda mais direta que Elroy. Ela era engenheira, encarregada de garantir que os novos prédios do Terceiro Mundo fossem construídos sobre fundações estáveis. Se ela tivesse lido livros para Carrion quando menino, eu apostaria que eram tomos matemáticos relacionados a cálculos para estabilidade de encostas, e não histórias fantasiosas sobre criaturas inventadas.

"Ela tem este livro", disse ele, erguendo o que estava em sua mão como se fosse o livro em questão. "Tem todo tipo de figuras. Ilustrações. O texto está desbotado em alguns lugares, mas ela conhece aquela maldita coisa de capa a capa, então nunca importou. Ouso dizer que eu também o sei de cor agora. 'Criaturas feéricas das Montanhas Gilarianas', é o nome. Há uma nota

escrita na primeira página. Diz: *'Nunca se esqueça. Monstros prosperam melhor no escuro. Grave tudo o que você ler aqui na memória. Prepare-se para a guerra!!'* Carniça ergueu o dedo médio e o indicador. " *Dois* pontos de exclamação. Os Andorinhões sempre foram pessoas muito sérias." Gracia interpretou a pontuação supérflua como se a situação, caso essas criaturas feéricas Gilarianas algum dia dessem as caras, seria realmente muito terrível. Não me era permitido comer sobremesa até que eu recitasse pelo menos sete características do espírito Grifo ou explicasse detalhadamente como matar um Guerreiro Feérico sangrento usando armadura e armadura completas.

Bem, isso foi inesperado. De onde diabos surgiu um livro sobre as Fadas? Madra já havia queimado qualquer literatura que sequer mencionasse as Fadas ou magia há muito tempo. Era curioso descobrir que Carniça, de certa forma, fora criado para acreditar que isso aconteceria com ele em algum momento. Mas eu não tinha tempo para refletir sobre isso agora.

“Fisher mandou você aqui para me esperar?” perguntei.

"É uma maneira de dizer", disse Carniça. "Eu estava dormindo profundamente na minha barraca. Aí, lá estava ele, uma nuvem negra com uma atitude de merda, rosnando para eu levantar. O sol nem tinha nascido ainda, e ele não parava de reclamar que eu era preguiçoso. Me chamou de desperdício de carbono. O que isso quer *dizer?"*

Ignorei-o, estendendo a mão. "Preciso disso. Seja lá o que for que ele te deu para cuidar."

Carniça fez uma careta, enfiando a mão no bolso. Tirou a mesma caixinha de madeira onde Kingfisher havia escondido o mercúrio da última vez e a jogou para mim. "Nosso sequestrador benevolente me aconselhou veementemente a não abrir aquilo. Eu o teria desobedecido por princípio no instante em que ele saiu, mas minha mão ficou toda formigando quando segurei a caixa, e pensei que talvez fosse melhor ouvi-lo só desta vez."

O que teria acontecido com Carniça se ele tivesse aberto a caixa? O mercúrio estava em seu estado inerte, sólido e adormecido, mas havia uma chance de Carniça tê-lo acionado acidentalmente. Por que não? Se eu fui capaz, então havia uma chance de que ele também fosse. Eu não fazia ideia de por que *havia* nascido com o dom de manipular o mercúrio. Talvez fosse um dom latente que ainda não havia se manifestado em Carniça. Sua mão *formigara* ao segurar a caixa.

Talvez isso significasse alguma coisa.

“O que você está fazendo agora?” perguntei a ele.

"Além de atiçar o fogo com um graveto e ler isto?", perguntou ele, erguendo o livro novamente. "Nada demais. Por que pergunta?"

"Quer vir aqui e botar fogo em coisas muito mais emocionantes?"

Ele fechou o livro com um floreio. "Claro que sim."

- Pó de magnésio, sal finamente moído, água destilada.
- Bismuto, cobre, antimônio.
- Pedra azulada, giz, chumbo.

Resultado: Nenhuma reação.

Mais três experimentos concluídos e mais três fracassos. Além disso, eu nunca tinha ouvido falar de antimônio, muito menos trabalhado com ele, e descobri que o pó branco e fino era extremamente irritante para a pele. Ele pegou fogo no instante em que tocou o mercúrio, e a fumaça que exalou nos deixou tão enjoados que tanto eu quanto Carniça corremos e vomitamos na neve.

No meio da tarde, porém, estávamos recuperados e corajosos o suficiente para arriscar um almoço tardio. Carrion caminhou até o acampamento enquanto eu começava o processo de refino, retornando assim que começou a nevar com uma braçada de salgadinhos e uma jarra cheia de água.

Sentamos lá fora e comemos. Frios. Pedaços de queijo. Um pequeno recipiente com nozes. Pão e um punhado de peixinhos salgados que estavam deliciosos.

“Trabalhando duro?”

Quase engasguei quando Kingfisher emergiu de dentro da forja, aproximando-se sorrateiramente por trás de nós. No momento em que o vi, minha mente traiçoeira me levou de volta à noite passada, às suas mãos e boca no meu corpo, e aos milhões de pecados que ele fizera com a língua. Ele me olhou de relance e então estreitou os olhos, voltando o olhar para o acampamento como se também estivesse se lembrando de mim em uma série de posições comprometedoras. Então vi seu lábio sangrando, a sombra de um hematoma em seu maxilar e o fato de sua camisa estar salpicada de sangue vermelho, não preto, e minha mente se desviou para outro lugar.

"O que aconteceu com você? Por que está sangrando?"

"Treinamento", disse ele, rigidamente. "Não mude de assunto. Por que você não está trabalhando?"

De repente, não me importei tanto com o fato de ele estar ferido. Na verdade, tive vontade de machucá-lo eu mesma. "Como não somos *escravos,* vamos dar uma pausa para comer. Olha, dois pratos e tudo", eu disse, mostrando a ele que eu estava, de fato, comendo minha própria comida e não dividindo a de Carniça. Não que isso parecesse deixá-lo mais feliz. "E, enfim", eu disse, "fiz tudo o que pude por hoje."

“E os testes que você fez?”

Arqueei uma sobrancelha para ele. "O que *você* acha?" Ele não respondeu nada.

" *Tenho* uma pergunta", eu disse a ele. "Lá em Cahlish, você escondeu o mercúrio de mim naquela caixinha na prateleira. Hoje, você o deu para Carniça e o fez esperar por mim no meio da montanha amaldiçoada. Por que insiste em escondê-lo de mim? Por que não pode simplesmente deixá-lo lá fora para mim? Sabe, para ser fácil de encontrar? Talvez se eu não perdesse tanto tempo procurando antes de poder fazer meus testes, eu teria tempo para fazer *mais* deles."

Havia olheiras sob os olhos de Fisher. Ele parecia cansado. "Desculpe-me por tornar o dia um pouco mais interessante para você. É bom para você melhorar sua habilidade de encontrar mercúrio. Nunca se sabe quando pode ser necessário detectar pequenas quantidades a grandes distâncias."

"É *irritante."*

"Bem, agora você tem seu mercúrio. Tem mais provas planejadas para a tarde?"

Irritado, eu disse: "Não. Preciso refinar a prata."

Fisher lançou um olhar duvidoso para Carniça. " *Você* sabe alguma coisa sobre refinar prata?"

"De jeito nenhum", respondeu ele. "Sou mais um cara de logística."

"O que isso significa?"

“Sou muito bom em mover coisas de um lugar para outro.”

"Temos outros idiotas de sobra para isso. Você devia ir procurar algo útil para fazer", disparou ele.

"Hã, ele está *me ajudando!* " Levantei-me, limpando uma das mãos na calça enquanto entregava a pequena tigela de nozes para Carniça, que pegou a tigela e jogou uma noz na boca, lançando um sorriso irônico para Fisher. Fisher não reagiu. Não pessoalmente, eu supunha. Uma onda de fumaça preta

varreu a fogueira que tínhamos começado a aquecer enquanto comíamos, atingindo Carniça em cheio no peito. Não foi um golpe forte. Foi apenas equivalente a uma brisa forte, mas fez a tigela de nozes cair das mãos de Carniça, espalhando seu conteúdo por todo o chão.

Que criança.

"Encontre o Ren. Peça um emprego a ele, ou eu arranjo um para você", disse Fisher. "Presumo que limpar as latrinas não lhe pareça interessante, já que você não tem magia e teria que fazer isso à mão?"

O sorriso de Carrion vacilou. "Você está extremamente infeliz hoje. Você deveria mesmo transar. Talvez ajude a melhorar seu humor. Diga a ele, Luz do Sol."

Engasguei. Alto. Carniça não teria feito uma sugestão mais infeliz se tivesse tentado. Bati no peito, tentando respirar, e o tempo todo, Fisher apenas me olhava. Ele não demonstrava nenhuma emoção. Nenhuma expressão. O mercúrio rodopiando em sua íris era a única coisa que sugeria que ele talvez não estivesse tão calmo por dentro quanto aparentava por fora. Seus olhos pareciam absorver a luz enquanto ele finalmente lançava um olhar desdenhoso para Carniça.

“Não a chame de Sunshine”, ele ordenou.

"Por que não?"

Se o plano de Carniça era provocar o urso, então ele com certeza sabia como fazer. Mas Kingfisher não respondeu ao tom provocativo da pergunta. Apenas inclinou a cabeça um pouco, com as narinas dilatadas, e falou em voz baixa: "Porque ela é o luar. A névoa que envolve as montanhas. O toque de eletricidade no ar antes de uma tempestade. A fumaça que se espalha pelo campo de batalha antes do início da matança. Você não tem ideia do que ela é. Do que ela poderia ser. *Você* deveria chamá-la de Sua *Majestade.* "

Um calor percorreu meu rosto. Queimou-me atrás do ponto central do peito, transformando minhas entranhas em cinzas. Eu esperava uma piada dele sobre a sugestão de Carrion de que ele transasse, não... isso. O que tinha *sido aquilo?* Carrion murchou sob o peso da raiva silenciosa que fervilhava nos olhos de Kingfisher, seu sorriso mal disfarçado desaparecendo de seu rosto.

Eu já tinha me encontrado em algumas situações constrangedoras antes, mas esta foi de longe a mais desconfortável que já senti. Pigarreei, lembrando aos dois que eu ainda *estava* presente. "Precisa de alguma coisa, Fisher? Ou podemos voltar ao trabalho?", perguntei a Fisher.

Sua expressão era tão inexpressiva quanto quando ele voltou sua atenção para mim.

"Você terminou por hoje. Vou mandar outra pessoa refinar a prata. Há muitos outros ferreiros que podem fazer esse tipo de trabalho no acampamento.

Infelizmente, há outra coisa que preciso de você, Osha."

24

LUPO PROELIA

T na pedra. Afiados como agulhas, eles brilhavam à luz do fogo. Olhei mais de perto, franzindo a testa. "São quinhentos e sessenta e três", disse Renfis. "Um dos nossos metalúrgicos tentou arrancá-los com uma pinça, mas são tão finos que ele não conseguiu segurá-los direito. Dois deles quebraram. As pontas ainda estão enterradas dentro da pedra, o que... bem, não é bom." Havia um hematoma acima da maçã do rosto de Ren; ele estava adquirindo um tom vívido e doentio de roxo enquanto ele falava.

"O que aconteceu no treino hoje?", perguntei baixinho.

Os olhos de Ren permaneceram fixos em mim, recusando-se a olhar para Fisher, que estava do outro lado da sala de guerra. "Nada. Por que pergunta?"

"Porque vocês dois estão sangrando e andando como se tivessem levado uma surra!"

"Fisher está de mau humor, foi o que aconteceu no treinamento", disse Lorreth, o guerreiro moreno com as tranças de guerra. Ele se sentou em um banquinho perto da fogueira, seus olhos azul-claros acompanhando lentamente os movimentos de todos dentro da sala de guerra. Ele observava Kingfisher, que estava envolvido em uma discussão acalorada com Danya, mas era evidente que era em Ren e em mim que ele estava realmente focado.

"Fisher está bem", disse Ren calmamente. "Nós dois estamos. Vamos ver Te Léna mais tarde. Enquanto isso, podemos nos concentrar na tarefa em questão por um momento? Algum de vocês tem alguma sugestão de como podemos tirar esses cacos desta pedra?"

Havia algo que ele não estava dizendo, mas claramente não queria falar sobre isso. Contei-lhe o segredo. "Por que não simplesmente cortar todos os pedaços e lixar as pontas até ficarem rente à pedra?", sugeri. "A Danya poderia simplesmente mandar fazer uma espada nova para ela."

Ren riu ofegante. "Não é tão simples assim. A espada de Danya era especial. Era como Nimerelle um dia, imbuída de uma magia antiga e potente. É..." Ele estremeceu ao ver os espinhos de metal eriçados que se projetavam da parede de pedra. " *Era* uma preciosa herança feérica. Um direito de nascença de Danya. Uma espada divina forjada pelos antigos mestres alquimerianos. Essas espadas são ícones religiosos para os feéricos. Representavam a posição de Danya e a marcavam como um membro original da
Lupo Proelia. Como a maioria...

“Desculpa, Lupo o quê?”

"Lupo Proelia. Lobos do Martim-pescador", disse ele, suspirando. "Normalmente somos oito. Embora nosso número *tenha* diminuído ultimamente. Lutamos em equipe, trabalhando juntos, assim como os lobos. Tenho certeza de que você já notou o lobo em algumas de nossas armaduras."

Eu já tinha notado, sim. O sigilo estava na placa que Fisher usava no pescoço. Estava gravado em seu protetor de peito também. E eu já tinha notado sua tatuagem mais de uma vez. Ontem à noite, por exemplo, quando o chefe da *Lupo Proelia* me arou como um campo amaldiçoado.

Como você já sabe, Nimerelle ainda carrega um resquício de magia em sua lâmina. Todas as outras espadas alquimerianas ficaram adormecidas há séculos, mas a lâmina de Danya ainda era muito importante para ela. Para o nosso povo como um todo. Não podemos simplesmente lixar os cacos e descartar o resto. Seria um sacrilégio.

"Incrível. Então você está dizendo que eu fiquei no acampamento por menos de cinco minutos e destruí uma arma ancestral de profunda importância cultural para todos os seres feéricos", eu disse, recapitulando.

"Viu! Ela nem se *importa!"* , gritou Danya, apontando para mim. "Ela entende o peso do que fez e não dá a mínima!"

"Ela se importa." Fisher suspirou enquanto atravessava a sala de mapas, aproximando-se do que restava da espada. "Ela só tem um péssimo senso de ironia."

Não gostei do olhar de ódio que Danya me lançou, nem me senti muito bem com a forma como ela continuava me apontando o dedo. "Desculpe, você está sempre à beira de um colapso nervoso ou eu apareci em um momento inconveniente para você?", retruquei.

Ela ficou de queixo caído. "Inacreditável. Você vai mesmo deixar ela falar com um Fae de Alta Origem desse jeito?", disse ela, olhando para Fisher.

"O que você quer que *eu* faça?", respondeu ele. "Ela tem opinião e opinião próprias. Eu não sou o guardião de nenhuma delas." Ele cutucou um dos filamentos finos que se projetavam da pedra, franzindo a testa atentamente.

“Você deixaria um dos homens falar com um superior com o mesmo nível de desrespeito?”

“Não, eu não faria isso”, ele admitiu.

“Então por que você não—”

"Mas ela não é membro deste exército, e você não é superior a ela", disse Fisher. "Agora. Quer dar um tempinho para ela ver se consegue consertar a espada com a qual *você* tentou me matar? Ou quer só andar de um lado para o outro e gritar mais um pouco?"

Danya não sabia o que responder. Ela olhou boquiaberta para Fisher, depois para Ren, depois para Lorreth, ignorando-me completamente.

"Lorreth", ela começou. O homem sentado perto do fogo ergueu as mãos, balançando a cabeça.

"Ah, não. De jeito nenhum. Ainda estou com um hematoma do lugar onde você me acertou ontem à noite. Você passou dos limites, do jeito que atacou o Fisher. A culpa é sua se sua espada está em pedaços. Numa *parede",* acrescentou. "Acho impressionante o que o humano fez. E nada mais do que você merecia."

"Idiota", ela cuspiu. "Eu devia ter te batido mais forte."

"Você não conseguiria se tivesse tentado", Lorreth respondeu, sorrindo.

Eu não estava prestando atenção à discussão deles. Danya *estava* errada; eu certamente me importava por ter destruído algo tão precioso. Olhei para a parede, ponderando os cacos, tentando bolar uma estratégia para retirá-los da pedra, quando senti uma leve batida na borda dos meus sentidos. O sussurro que eu havia sentido dentro do mercúrio lá na forja era um rugido alto em comparação a isso, mas... eu jurava que o ouvi.

Virei-me e encontrei Fisher. "Esta espada não era apenas aço temperado. Havia mercúrio na lâmina."

Ele assentiu, demonstrando um leve toque de satisfação. "Havia. Não muito. Traços. Mas sim, foi por isso que ele respondeu quando você ordenou que parasse."

"Então... lá em Zilvaren? Nunca foi o ferro, o cobre ou o ouro que reagiram a mim? Foi..."

Kingfisher assentiu. "Sempre foi mercúrio. Era ligado a muitas ligas e metais diferentes antes, na época em que havia muitos Alquimistas e os caminhos entre nossos mundos ainda estavam abertos. Tornava as armas mais

poderosas. Transformava-as em condutores que podiam canalizar vastas quantidades de magia."

Minha mente girava. "É por isso que era tão difícil encontrar metal, então. Madra levou tudo. Ela queria manter o mercúrio longe das pessoas. Ela sabia que poderia haver pessoas como eu na cidade, capazes de controlá-la."

Quando Kingfisher não disse mais nada, Ren respirou fundo e falou: "Nossos registros históricos mostram que a maioria dos Alquimistas só conseguia comandar objetos se o item em questão fosse composto de pelo menos cinco por cento de mercúrio. E mesmo assim, era típico que eles só pudessem transmutar o mercúrio do estado sólido para o líquido para que pudesse ser forjado. Não há registros de objetos sendo fragmentados dessa forma." Ele gesticulou para o que restava da espada de Danya.

"Certo. Então isso me torna... uma *anomalia?* " Olhei para Kingfisher. Eu queria a opinião dele sobre isso. Independentemente do jogo de gato e rato que estávamos jogando com os sentimentos um do outro, se Fisher realmente *tivesse* algum deles, eu ainda queria saber o que ele achava da revelação de Ren. Mas ele não me olhou nos olhos. Recostou-se na mesa de mapas, apoiando o peso na borda, o maxilar contraindo e relaxando enquanto olhava para o chão.

" *Isso* faz de você o Alquimista mais poderoso já registrado", completou Lorreth. "Capaz de mudar a forma como lutamos esta guerra de maneiras que nem *nós* podemos imaginar. A maioria de nós era criança quando os caminhos entre os reinos se fecharam e os Alquimistas foram extintos. Alguns de nós nem tinham nascido ainda. Não temos ideia de como eram os campos de batalha, com um Alquimista no acampamento, pronto para forjar novas armas que atraem magia..."

"Ei, ei, ei! Eu não sei forjar armas que possam *atrair magia!* Não consigo nem descobrir como fazer uma relíquia!" Eu estava suando frio. "Não fiz nenhum progresso com isso. Nem no Palácio de Inverno. Nem em Cahlish. Os testes que fiz aqui esta manhã também foram uma total perda de tempo. Se você tem alguma ilusão de que eu serei de alguma forma crucial para vencer esta guerra, então, *por favor,* repense essa estratégia."

"Exatamente. Se ela nem consegue descobrir como limpar a própria bunda—"

"Danya, eu juro pelos sete deuses que se você não ficar quieta, eu mesmo vou te expulsar daqui", Ren murmurou sombriamente.

Danya cambaleou para trás como se tivesse levado um tapa. Seus lábios tremeram, os olhos se encheram de lágrimas. "Você não pode estar falando

sério", sussurrou ela. " *Você?* Você vai simplesmente se deixar levar por tudo isso? Nós é que ficamos."
Que lutaram na lama e viram amigo após amigo morrer. Quando este humano nasceu, já *estávamos* comprometidos com esta luta há séculos!"

"Você tem razão", retrucou Ren. "Estamos presos aqui, no meio do nada, num canto esquecido da nossa terra, defendendo uma fronteira com a qual os babacas nobres do norte não dão a mínima. Há séculos. Se esta linha cair, o reino inteiro cai. Não lutaremos esta guerra daqui a cem anos."

“Faremos isso se for preciso—” Danya começou.

Não, não vamos. Porque a cada dia, nossos números diminuem, e a horda de Malcolm cresce. Não há mais caça para caçar aqui. Belikon não está mais enviando suprimentos para o front. Não temos lenha para nossas fogueiras. Não temos comida para abastecer as tropas. Não temos roupas para mantê-las aquecidas. Não temos armas para armá-las. Então, sim, apoiarei um plano em que uma humana apareça magicamente e nos ajude a virar o jogo, porque sem ela, em breve todos nós seremos afogados. E não estou falando de daqui a cem anos, nem cinquenta, nem dez. Temos um ano, Danya. Doze meses. Se não resolvermos isso, a essa altura, no ano que vem, Malcolm terá vencido.

"Coloque a cabeça entre as pernas. Talvez isso ajude." Lorreth cortou uma fatia da maçã que estava comendo e usou a ponta da adaga para colocá-la na boca. Atrás dele, o céu se inclinava, oscilando, os limites do acampamento de guerra um borrão. Apoiei as mãos nas coxas e me curvei, esforçando-me para respirar. Meu peito estava tão apertado.

As palavras de Ren ecoavam em meus ouvidos. Eu queria não ouvi-las, mas elas se repetiam sem parar, provocando uma nova onda de pânico que me atingia a cada repetição. Um ano. Apenas um. Eles fizeram tudo o que podiam para pender a balança a seu favor, e nada funcionou. Agora, era apenas um jogo de espera. O tempo acabaria, eles não conseguiriam manter a linha de frente ali, e cem mil vampiros vorazes varreriam Yvelia em uma onda vermelho-sangue de morte.

A menos que *eu* conseguisse descobrir como mexer em algum metal.

Deuses, pecadores, mártires e fantasmas.

Estávamos todos *ridiculamente* ferrados.

“ Você se acostuma, sabe”, disse Lorreth em tom de conversa. “Aquela sensação avassaladora de desgraça iminente. Eventualmente, torna-se ruído de fundo. Você nem percebe.”

"Onde está... Fisher?", ofeguei. Eu havia saído cambaleando da sala de guerra depois que Ren saiu para conversar com alguns batedores que retornavam. Danya havia saído da tenda e se dirigido para o rio, rosnando baixinho. Lorreth emergiu dez minutos depois e se sentou em um toco de árvore a três metros de distância, tão imperturbável como sempre. Mas Fisher *não havia* saído da tenda.

“Ele voltou para Cahlish.” Lorreth cravou os dentes em outra fatia de maçã.

"O que?"

“Disse que ia ver Te Léna.”

Te Léna? A doce curandeira cuidou tão bem de mim depois do ataque do vampiro, mas eu não pensei muito nela desde então. Só que esta era a segunda vez que Fisher ia vê-la recentemente, e em nenhuma das vezes ele se feriu.

Deuses, o que diabos havia de errado comigo? Este reino estava paralisado à beira da destruição total, e eu estava com raiva e com muito medo do que isso poderia significar para mim e para todos os outros em Yvelia... mas também estava *com ciúmes* . E isso? Isso me fez sentir patético. Engoli as perguntas que queria fazer a Lorreth — *Eles estão juntos, Te Léna e Fisher? Ele gosta dela? Eles têm um passado?* — envergonhado de sequer pensar nelas. Em vez disso, fiz uma pergunta muito mais apropriada.

“Onde diabos... posso pegar... uma *bebida?* ”

O prédio de madeira no centro do acampamento era uma taverna, e tinha as *melhores* bebidas. Até então, eu já tinha tomado cinco doses generosas de um uísque bem forte e estava começando a me sentir meio tonto. Minha ansiedade já tinha passado há muito tempo, e agora eu começava a enxergar o ridículo daquilo tudo.

“No final das contas, é simples”, eu disse.

Lorreth olhou para o copo, como se ainda houvesse um pouco de uísque no fundo, mas ele estava tendo dificuldade para encontrá-lo.

“Como assim?” ele perguntou.

"Ele é um mentiroso de merda. Ele mentiu para mim esse tempo todo."

Lorreth franziu a testa. "Quem, *Fisher?"*

"Sim, Fisher. Quem mais?"

O homem balançou a cabeça. "Impossível. Ele é um Fae Jurado."

"E?"

“E *não podemos* mentir.”

Com um olho fechado e o outro meio rachado, eu o observei, desconfiada. "Isso é uma besteira com cheiro de conveniente, se quer saber."

Abrindo as mãos, Lorreth deu de ombros. "Quando fizermos vinte e um anos, nos ajoelharemos diante da Pedra Firinn e tomaremos nossa decisão. Cada um de nós. Temos uma escolha. Sangrar na pedra e fazer nosso voto. De sempre sermos verdadeiros."

Estar sempre comprometido com a nossa palavra, não importa o que isso nos custe.”

"Ou?"

Ou escolhemos o caminho Sem Lei. Uma Fada Sem Lei pode mentir. Pode trapacear. Pode roubar. Ferramentas úteis em muitas situações, admito. Mas elas têm um preço que Kingfisher — e o resto de nós, devo acrescentar — não estava disposto a pagar.

Arqueei uma sobrancelha para ele. "E isso foi?"

Ele deu de ombros com indiferença, como se a resposta fosse óbvia. "Nossa honra." Respondi com um grunhido.

“Então, veja bem, não importa o quanto queiramos, às vezes somos fisicamente incapazes de quebrar nossa palavra ou mentir.”

"Hmm. É, bom", admiti. "Martim-pescador *disse* isso lá na forja do Palácio de Inverno. Mas eu o ignorei."

“Com base em quê?”

"Com base no fato de que um mentiroso que não quisesse ser pego mentindo mentiria cem por cento sobre ser incapaz de mentir. Deuses, isso... era confuso."

"Sobre o que você achou que ele mentiu?"

Voltei à mente imediatamente. Minha pergunta mal disfarçada: "Qual o tamanho do seu pau?". E o sorriso lento e arrogante de Fisher.

'Grande o suficiente para fazer você *gritar e muito mais...'*

Acontece que ele estava falando a verdade, percebi com uma boa dose de irritação. Merda. "Isso não importa", eu disse. "O importante é que ele sabia que vocês precisam que eu faça armas para vocês, senão vão perder para o Malcolm. Mas ele me jurou que eu só precisava transformar aqueles anéis em relíquias para todos vocês, e então ele me deixaria ir para casa." Apesar de

estar uns dez por cento mais bêbado do que eu, as pálpebras de Lorreth se fecharam ao ouvir isso. "Ele fez aquele acordo com vocês?" Assenti e depois esvaziei meu copo.

"Bem, se ele fez esse juramento, então você não precisa duvidar. Mesmo que ele não estivesse obrigado por sua própria magia a honrar um juramento, o que ele é, então Fisher o honraria por princípio. É apenas quem ele é." Havia um tom tenso na voz do guerreiro quando ele disse isso. Os detalhes do meu acordo com Fisher pareciam tê-lo pego de surpresa, embora ele os escondesse muito bem.

Eu queria mudar de assunto de qualquer maneira. "Me diz..." Inclinei-me sobre a mesa, apontando para a boca de Lorreth. "Esses *dentes.* Fisher disse que eram resquícios da maldição do sangue. Mas... eles ainda funcionam, certo? Você ainda pode usá-los para beber sangue?"

Lorreth ficou sério instantaneamente. Suas pupilas se estreitaram até virarem pontos pretos. Olhando ao redor, ele avaliou as mesas de cada lado, como se estivesse se certificando de que ninguém mais tivesse ouvido o que eu acabara de dizer. "Hã, esse não é o tipo de coisa que falamos em tavernas, na verdade", respondeu ele em voz baixa.

"Por que não?"

"Porra. Preciso de *muito* mais álcool para essa conversa. Calma." Ele gesticulou para o barman pedir mais, e a criatura de rosto enrugado que Lorreth tinha me dito ser um troll da montanha veio e nos serviu mais uma rodada. Quando ele saiu, Lorreth suspirou. Ele ergueu sua bebida para mim.

“Sarrush.”

— Brinquei com meu copo no dele. — Sarrush.

Lorreth respirou fundo. "Tudo bem. Certo. Então. Ninguém mais te contou nada? Sobre... nada *disso?",* perguntou ele, esperançoso.

"Não."

"Bem..." Lorreth não vacilou durante o conflito na sala de guerra, quando Danya tentou cortar a garganta de Fisher, nem quando Ren deu a notícia alarmante de que estavam prestes a perder a guerra. Mas agora ele parecia extremamente desconfortável. "Sim, nossos caninos funcionam perfeitamente. Igualzinhos aos de um vampiro. Mas beber sangue é um tabu. Não, é pior que um tabu. É escandaloso."

"Mas as Fadas ainda fazem isso às vezes?"

Um tom rosado começou a se formar em suas bochechas. "Sim."

“Mas você não *precisa de* sangue para sobreviver?”

“Não, não temos.”

“Então por que eles fariam isso?”

"Porque..." Ele lançou outro olhar cauteloso ao redor, remexendo-se desajeitadamente na cadeira. "É uma questão de sexo. Se um homem bebe de alguém, o pau dele fica mais duro do que nunca. Deixa vocês dois eufóricos. Enquanto você está transando.”

"Oh."

"É. *Ah* ", disse ele. "Mas é uma ladeira escorregadia. Se mordermos alguém, ainda podemos nos perder. É preciso uma força de vontade imensurável para não continuar bebendo. É... algo que não se fala em público educado."

Meu cérebro estava tão embaçado pelo uísque que eu não sabia o que pensar. Supus que isso explicasse a reação do Fisher quando eu disse para ele me morder. Mas, além disso... eu não sabia o que pensar.

"Se você tiver mais perguntas sobre isso, talvez elas possam ser discutidas em outra ocasião. Em particular. De preferência, entre você e quem quer que tenha sugerido que talvez queira, ahh, *beber* de você", murmurou Lorreth, enterrando o rosto no copo.

Corei intensamente. "Sim, claro." Eu não tinha contado nada a ninguém sobre o que tinha acontecido entre Fisher e eu. Eu tinha me esfregado até ficar com o corpo todo dolorido no chuveiro na esperança de conseguir disfarçar o cheiro dele, mas os Fae conseguiam detectar coisas assim por baixo do cheiro de sabonete, aparentemente. Isso significava que Lorreth sabia que eu tinha transado na noite passada? E especificamente com Fisher? Não importava se ele soubesse. Me preocupar com isso não mudaria nada. E eu nem sabia nada sobre Lorreth, então quem se importava com o que ele pensava? Ele era um estranho. Mas eu gostava dele. Eu não queria que ele continuasse sendo *um* estranho.

“Afinal, como você veio parar aqui?”, perguntei.

"Em Yvelia? Eu nasci aqui", disse ele.

“Não. No meio desta guerra.”

"Ah." Ele acenou com a mão, sem se comprometer. "Hum, bem, vamos ver. Eu já fui um cantor itinerante, se você consegue acreditar."

Ele tinha uma voz bastante agradável quando falava, mas eu não conseguia imaginar aquele guerreiro enorme, de aparência perigosa e letal como cantor, imagine só. "Uma boa?", perguntei.

" *Medíocre* . Acontece que eu era mais adequado para matar do que para atuar. Enfim, encontrei o Fisher uma noite na estrada. Ele estava a caminho

para ajudar uns amigos. Eu estava caído numa vala quando ele me encontrou." Disfarcei um sorriso irônico. "Bêbado?"

"Não. Morto, na verdade. Ou quase, pelo menos." Ele piscou, embora de repente parecesse um pouco abatido sob a iluminação fraca da taverna. "Eu tinha sido atacado por dois vampiros. Vadios. Eles não faziam parte da horda. Mas *estavam* com fome. Eles me olharam — um garoto magricelo com um alaúde preso às costas. Sozinho — e decidiram que eu seria uma refeição decente. Eles quase me deixaram sem nada."

"Merda. Isso parece horrível."

“Bem, não foi nada divertido, isso é certo. Mas foi há muito tempo. Já sofri pior desde então. De qualquer forma, estávamos a quilômetros de distância de qualquer lugar. Eu não teria sobrevivido até que eles conseguissem me ajudar. Se eu tivesse morrido e voltado transformado enquanto estava com eles, havia uma chance de eu ter matado vários do grupo, e alguns deles não queriam arriscar. Disseram a Fisher que seria melhor me matar e acabar logo com aquilo, mas ele se recusou. Ele os fez montar acampamento para a noite e me transportou para Cahlish. Ele me carregou nos braços, pelo amor de Deus. Eu era muito *menor* naquela época”, enfatizou Lorreth. Ele me colocou numa cama, mandou curandeiros cuidarem de mim e esperou para ver o que diriam. Eles não estavam otimistas quanto às minhas chances. Eu tinha mais veneno do que sangue nas veias, e há limites para o que até mesmo o curandeiro mais habilidoso consegue realizar nessas circunstâncias. Disseram a ele para voltar para os lobos e, quando eu morresse, eles me enterrariam debaixo de um teixo em um dos campos que cercavam a propriedade. Mas Fisher não fez isso.

“O que...ele fez?”

Lorreth jogou a cabeça para trás e riu. "Algo que tenho certeza de que lhe dei inúmeros motivos para se arrepender desde então. Ele me fez seu irmão. De sangue. Ele me deu um pedaço da sua alma."

"Uma parte dele...?" Eu não tinha ouvido direito. O álcool estava fazendo meus ouvidos me pregarem peças. Se almas existissem, e eu não estava totalmente convencida disso, então você não poderia simplesmente sair por aí doando pedaços das suas.

"É um rito antigo", disse Lorreth. "Um que pouquíssimos sabem realizar hoje em dia. Mas o pai de Fisher quase morreu uma vez, e seu amigo o usou para salvá-lo. Então, ele se certificou de que Fisher também o conhecesse, caso, um dia, pudesse usá-lo para salvar a vida de alguém importante para ele."

“Mas você era um estranho...”

Os penetrantes olhos azuis de Lorreth brilharam como diamantes. Ele tomou um gole de uísque e pousou o copo, observando-o. "Sim. Um estranho. E

Fisher fez isso mesmo assim. Ele uniu uma pequena parte de si ao fragmento de vida que se agarrava dentro de mim, e pronto. Eu ainda estava doente como um cachorro, mas a morte afrouxou o controle sobre mim. Eu sabia que ia viver, e Kingfisher também. Ele me disse que estava partindo para encontrar os outros lobos e que voltaria em três meses. Disse que eu poderia ir assim que me sentisse melhor, se fosse isso que eu quisesse fazer, mas que havia um lugar aqui para mim também, se eu preferisse essa ideia.

"E você escolheu ficar aqui. E lutar."

Lentamente, Lorreth assentiu. "Eu não tinha família. Ninguém que precisasse de mim em outro lugar. Então pensei: foda-se. Só tenho uma vida por causa dele, de qualquer forma. Melhor me esforçar bastante e fazer o bem o suficiente com o tempo que me resta para ser digno do presente que ele me deu." Fiquei em Cahlish. No momento em que me recuperei, comecei a treinar. Antes disso, eu nunca tinha segurado uma espada, mas dei tudo de mim. E eu *comi* ... Comi tanta comida, Cook gritava no momento em que me via entrando na cozinha. Quando Fisher voltou, três meses depois, não me encontrou em Cahlish. Eu estava esperando por ele no acampamento de guerra, quinze centímetros mais alto e com o dobro do peso que eu tinha quando ele partiu. Mais importante, eu estava pronto para matar vampiros."

"Espere. Você cruzou Omnamerrin? A *pé?"*, perguntei, incrédula. Fisher dissera que apenas feéricos com tendências suicidas tentavam cruzar as montanhas que vigiavam entre Irrín e Cahlish.

"Consegui. Levei nove dias e quase fui soterrado por uma avalanche, mas consegui chegar aqui no final."

"Você teve sorte de não ter morrido. Espera aí, o que teria acontecido? Se você tivesse morrido? O que teria acontecido com o pedaço da alma dele que o Fisher te deu?"

Boa pergunta. Se eu morrer primeiro, o pedaço da alma de Fisher retorna para ele. Ele se torna inteiro novamente. Todos fazem uma grande festa. Fim. Mas se *ele* morrer primeiro, está condenado a esperar aqui até que eu morra antes de poder seguir em frente. Ele ficaria preso aqui, em um estado incorpóreo, incapaz de tocar em nada nem em ninguém. Incapaz de ser ouvido. *Esse é* o sacrifício que ele fez quando decidiu me dar o presente da vida. Já aconteceu antes. O feérico, homem ou mulher, que arrancou um

pedaço de sua alma morre primeiro, de causas naturais ou não naturais, e então o recipiente vive com ótima saúde por mais dois mil anos.

Tomemos como exemplo Saoirse, Rainha das Fadas Lissianas. Sua mãe, que já era rainha antes dela, salvou sua vida quando ela era criança. Cento e oitenta anos depois, sua mãe é assassinada por entidades desconhecidas, e Saoirse ascende ao poder. Ela é jovem e bela. Gosta de ser rainha. Cerca-se de homens apaixonados, dispostos a morrer para mantê-la segura, e por isso anuncia que planeja viver para sempre. Ela toma tônicos e elixires, e há rumores de que bebe sangue de vampiro para prolongar sua vida. Quase três mil anos se passaram desde a morte de sua mãe, e Saoirse não aparenta ter mais de trinta anos. Enquanto isso, o espírito de sua mãe foi acorrentado a ela, forçada a testemunhar o mundo dos vivos sem poder interagir com ele. Sem poder partir para o seu descanso eterno...

Lorreth parecia enjoado. Eu tinha que admitir que também me sentia um pouco enjoado. A ideia de que alguém pudesse condenar a própria mãe a uma existência tão solitária e terrível, além da loucura inevitável que certamente se instalaria, era incompreensível para mim.

"Fisher diz que não está preocupado com o que acontece com ele se morrer primeiro", disse Lorreth. "E eu também não estou. A verdade é que pretendo morrer primeiro, de qualquer forma. Mas se o destino guiar as estrelas em uma direção diferente e nossos anjos o reivindicarem primeiro, não permitirei que um único sopro entre em meu corpo além do último que Kingfisher dá. Por minhas próprias mãos, garantirei que o pedaço de alma que ele me emprestou encontre o caminho de volta para ele. E se o destino considerar justo, e eu tiver feito o suficiente para merecer um lugar ao seu lado, irei tranquila e feliz com meu irmão para o que quer que esteja além."

BALLARD

K disse uma palavra para mim quando me levou de volta à propriedade naquela noite. Eu cambaleei um pouco e quase certamente gaguejei bastante quando lhe disse que queria ficar no acampamento, mas ele se recusou a ouvir. Suas feições formavam uma máscara inexpressiva quando me encontrou na taverna, bebendo com Lorreth. Elas ainda estavam inexpressivas quando ele se certificou de que eu fosse transportada em segurança para seu quarto, e ainda mais inexpressivas quando me deu um breve boa noite e foi embora.

Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça terrível e uma raposinha lambendo meu rosto. O sol estava alto no céu, e Fisher não tinha vindo me buscar. Ele não veio naquele dia. Depois de tomar um café da manhã gorduroso que me fez sentir muito melhor, passei a tarde explorando Cahlish, vagando pelos cômodos, sentindo-me deslocado e inútil. Eu não pertencia ali. E embora a propriedade fosse linda, aconchegante e parecesse ter sido amada em algum momento, eu também não conseguia entender como Kingfisher se encaixava ali. O lugar fora construído para uma família. Era para haver crianças correndo pelos corredores e o som de risadas no ar, mas a casa grande ecoava com um silêncio doloroso que me enchia de tristeza.

Imaginei a mãe de Kingfisher recebendo a carta do rei, informando-o de que deveria se apresentar ao Palácio de Inverno com todos os seus bens, onde se casaria com ele e começaria uma vida totalmente nova. Imaginei-a olhando para o filho de cabelos escuros e se perguntando que tipo de vida ele levaria em uma corte cheia de víboras além dos muros daquele santuário.

Jantei no quarto de Fisher, sentada à sua mesa, e então, quando a escuridão caiu, me aninhei em sua cama e aninhei-me com Onyx até cair em um sono agitado.

Fiquei incomodado quando Fisher não veio me buscar na manhã seguinte. Eu tinha perdido a oportunidade de fazer três provas ontem e não queria perder outras três. No meio da manhã, eu estava andando de um lado para o outro, tão agitado que os espíritos do fogo pararam de vir ver se eu precisava de alguma coisa, e até Onyx resmungou comigo e saiu furtivamente para perseguir esquilos na neve.

Às três da tarde, ele finalmente deu as caras. Não houve o estalo repentino de um portão de sombra surgindo no quarto, no entanto. Houve uma batida superficial na porta. Sendo o quarto dele, ele não esperou um convite para entrar. Abriu a porta e ficou ali parado, me olhando. "Você está usando a minha camisa", disse ele finalmente.

"É, bem, não havia mais nada para vestir", respondi, irritada. "Todas as roupas do quarto que eu tinha com Carniça sumiram. Archer me mostrou outro quarto no final do corredor, mas aquele estava cheio de vestidos, e eu... Acho que nós dois sabemos o que penso sobre isso."

Fisher resmungou: "É grande demais para você", observou.

"Eu tinha notado."

Ele Não estava de preto hoje. Pelo menos não todo preto. Sua capa era do verde mais escuro, assim como sua camisa. As olheiras eram da cor de hematomas lívidos, e ele parecia mais pálido do que o normal. Claramente não tinha dormido bem. E havia um corte em sua bochecha. Parecia recente, mas não *tão* recente assim. De ontem, provavelmente...

"O que aconteceu?" perguntei, levantando-me da cama.

Nada. Um bando de alimentadores se movia ao longo da fronteira cerca de uma hora ao norte. Ren achou que deveríamos dar uma olhada antes que nos pegassem de surpresa ou tentassem atravessar o rio, mas não foi nada. Tivemos um breve confronto. Os alimentadores se viraram e fugiram.

Eu não sabia o que fazer com aquilo. Ele tinha saído para lutar, e eu estava perambulando pela sua antiga casa, comendo bolo e tomando xícaras de chá. E havia um corte no rosto dele. Eu não sabia que tipo de emoção aquilo me provocava, mas não gostei muito.

"Vou ver Te Léna", disse ele, e o anúncio mexeu profundamente em mim. Eu era uma garota em chamas, afogada, e não sabia nem o que fazer para me salvar.

Sorri levemente. "Ah. Diga oi para ela por mim." Te Léna morava em algum lugar ali, disso eu sabia. Mas eu não tinha tentado encontrá-la desde que Fisher me deixou lá na outra noite. Eu não queria a companhia dela. Ou então, muito injustamente, eu não queria a companhia *dela* , o que era ridículo, eu sabia.

"Ficarei com ela por algumas horas. Quando terminar, volto para buscá-la", disse ele.

"Vou ficar no acampamento esta noite?"

Ele balançou a cabeça. "Não. Vamos ficar em outro lugar esta noite. Tem uma coisa que eu quero te mostrar."

"Algo que eu quero te mostrar" soava ameaçador pra caramba. E ficar em outro lugar? Isso também era um pouco enervante. Fiz um caminho no tapete ao pé da cama de Fisher e então fui até a janela, com vista para o gramado que escurecia, roendo as unhas. Eu estava apreensivo quando Fisher voltou. Gritei, assustado, quando ele entrou silenciosamente no quarto.

O arranhão em sua bochecha havia sumido. Os hematomas roxos sob seus olhos também não estavam tão vívidos quanto quando ele chegara. Ele parecia revigorado. Seu humor também parecia mais leve, o que não me fez sentir muito melhor. Qualquer pessoa sã ficaria feliz que o Senhor de Cahlish não estivesse tão rabugento como sempre, mas, por algum motivo, isso me irritava infinitamente.

“Acho que você encontrará tudo o que precisa aqui”, disse ele, me oferecendo uma pequena bolsa de lona.

"Para onde estamos indo?"

“É melhor eu só te mostrar, eu acho.”

"Eu voltarei *?"* Não fazia muito sentido que essa pergunta saísse como um guincho estrangulado, mas ele estava sendo tão enigmático, e eu não tinha ideia do que estava acontecendo, e tive tempo de sobra para entrar em frenesi.

"Sim, claro que você vai voltar. Traga a raposa se isso te fizer se sentir melhor." Desde quando Fisher se importava com o que eu estava sentindo? E ele estava me deixando trazer Onyx? "Pare de me olhar assim", disse ele.

“Por quê?” perguntei desconfiado.

"Deuses e pecadores de merda, não se preocupem. Vamos embora."

Saí do portão de sombra e entrei em uma clareira escura cercada por árvores altas. Do outro lado da clareira, pequenas tendas estavam erguidas sob uma árvore gigantesca, tão grande, com galhos tão imensos, que ofuscava as outras e as fazia parecer minúsculas em comparação. Luzes brilhantes cintilavam por onde eu olhava, um milhão delas brilhando e cintilando nas árvores e na grama alta que se estendia à nossa frente como um tapete. O ar do início da noite vibrava com música suave e animada, o cheiro de carne assando, açúcar e o som de muitas vozes.

Onyx se contorcia em meus braços, latindo animadamente, exigindo ser colocado no chão. Dei a ele o que queria e observei, estupefata, enquanto ele saltava, um borrão branco em meio à grama alta, em direção às tendas. Estava frio o suficiente ali para que houvesse fogueiras acesas perto das barracas. Eu quase conseguia distinguir Onyx pulando em volta de uma delas, implorando por comida ao macho feérico que cozinhava em cima dela.

“Ele está seguro?” perguntei.

Fisher fez beicinho. "Provavelmente. Raposas de inverno são boas em pressentir perigo. Se ele achasse que alguma dessas pessoas queria lhe fazer mal, já estaria se escondendo em algum lugar."

Bem, pelo menos isso era reconfortante. Mas eu ainda estava confuso com o que via. "Que lugar é esse? O que está acontecendo aqui?"

"Este", disse ele, esfregando a nuca, "é Ballard. É... eu vim aqui uma ou duas vezes quando era pequeno. É só uma vilazinha. Hoje é um dos dias festivos deles. Eles estão celebrando a noite mais longa do ano."

"E por que estamos *aqui* ?" Oh, deuses. Teria ele vindo para destruir esta adorável vila e me trazido para testemunhar as coisas difíceis que às vezes lhe aconteciam? Fisher leu tudo isso na minha cara, pensei, porque balançou a cabeça, parecendo um pouco perturbado.

“Eles têm algo que precisamos, só isso. Assim que o tivermos, vamos deixá-los em paz. Ninguém corre perigo. Pelo menos não de mim. *Você está* planejando atacar alguém?”

"Não!"

"Que bom ouvir isso. Vamos lá. Sinto cheiro de biscoitos Bettell. Não como um desses há pelo menos cento e vinte anos."

Os moradores de Ballard eram uma mistura de criaturas feéricas superiores e feéricas inferiores — um retrato do povo feérico que eu ainda não conhecia; duendes minúsculos e velozes como um raio, que cobriam nossos cabelos com pétalas de flores enquanto disparavam pelos galhos mais baixos das árvores com asas iridescentes. Dríades tímidas e de membros longos, com cabelos prateados até a cintura e vestes verdes esvoaçantes, que se aventuravam das sombras da floresta por minutos a fio e depois desapareciam novamente. Brownies. Sátiros. Havia até três ninfas, rindo e espirrando água no rio que cortava o lado sul da colina. Nenhuma delas pareceu surpresa em nos ver, embora fôssemos observados por olhares curiosos enquanto nos dirigíamos ao centro da multidão.

Havia barracas de comida, barracas repletas de um milhão de variedades de flores coloridas e barracas com jogos. No centro das festividades, músicos se reuniam em círculo ao redor de uma fogueira crepitante, entoando uma melodia animada enquanto uma sátira cantava uma canção obscena sobre um velho carpinteiro que não conseguia manter sua madeira dura.

Fisher tentou comprar bebidas para nós de uma mulher que carregava uma bandeja de cerveja durante as festividades, mas ela balançou seus cachos loiros e saltitantes, sorrindo, e disse a ele que não haveria troca de dinheiro naquela noite.

As casas, esporadicamente dispostas entre as árvores, eram simples e rústicas, mas tinham um charme inegável e aconchegante. Havia hortas por toda parte, o que, sinceramente, me deixou perplexo. Eu sabia como os alimentos eram cultivados. Conversei com os fazendeiros que vieram negociar conosco em Zilvaren antes de Madra colocar o Terceiro em quarentena. Prestei muita atenção enquanto eles explicavam como cuidavam de suas plantações e as colhiam, mas ver cenouras, repolhos, ervilhas e feijões crescendo diretamente da terra era fascinante.

Ballard era cheio de vida. Ela transbordava do chão, pairava nas árvores e pairava no ar como uma doce música. Os jovens corriam por aí, rindo e brincando, enquanto seus pais comiam e bebiam juntos, em companhia, e os mais velhos sentavam-se perto do fogo e fofocavam. Uma dor desconhecida latejava no centro do meu peito quando Fisher me guiou até uma pequena encosta gramada perto do fogo e indicou que eu deveria sentar. Este lugar era um *lar.* Os moradores de Ballard não eram oprimidos. Ninguém os ameaçava de morte se não obedecessem. A comida e a água de que precisavam para sobreviver não eram racionadas a ponto de não saberem se sobreviveriam de um dia para o outro. E não havia guerra ali. Nenhum vampiro. Nenhum Malcolm. Nenhum Belikon.

"Era isso que eu sempre quis para o Hayden quando ele era pequeno", confessei sem pensar. "Um lugar tranquilo e seguro, onde ele pudesse ter prosperado."

Fisher apoiou a parte interna dos cotovelos nos joelhos dobrados, olhando para a cerveja enquanto pensava nisso. "Ele ainda pode prosperar", disse suavemente. "Parece que Swift conseguiu um bom emprego e um lugar para morar para ele."

"Ah, se isso bastasse para domar Hayden", eu disse, pesarosa. "Meu irmão era selvagem quando criança. Ele é basicamente selvagem. Ele também tem um vício debilitante em jogos de azar que já lhe rendeu quatro ossos quebrados. Se eu algum dia conseguir voltar para casa, será um milagre encontrá-lo vivo."

Fisher não olhou para mim, mas disse: "Você vai. Voltar para casa, quero dizer. Não posso garantir que seu irmão estará vivo, mas..."

"Obrigada pela garantia, mas você terá que me perdoar se eu não cair de alívio. Você deve se lembrar que eu ainda preciso decifrar o processo de transmutação e transformar milhares de anéis em relíquias. E isso", eu disse, cansada, "está começando a parecer o trabalho de uma vida inteira."

Fisher suspirou, cravando o salto da bota na grama. "Vou te ajudar com isso", disse ele.

“Desculpe, você acabou de dizer que vai me ajudar com o meu trabalho? Ouvi corretamente?

Ele fez uma careta. "Se eu estiver te ajudando na forja, podemos ter uma chance de conseguir isso. Isso também significa que não terei que aturar as constantes ameaças de morte de Danya."

"Você não acha que ela virá te ameaçar na forja?" "Ela não pode me ameaçar se não me encontrar", disse ele.

Eu não era uma vencedora elegante. " *Eu avisei"* era uma das minhas coisas favoritas de dizer, mas me contive para não repetir demais. "É engraçado. É quase como se você estivesse completamente *errada* quando disse que toda aquela confusão com seus amigos acabaria amanhã", refleti. "Acho que a Danya nunca vai te perdoar por ter sumido da frente deles."

Eu esperava uma resposta sarcástica, mas Fisher apenas sorriu tristemente. Ele tomou um gole, o brilho alaranjado e quente da lareira bronzeando suas feições e transformando seus cachos negros como a meia-noite em um castanho escuro e quente. "Não sei o que você quer dizer. Danya já voltou ao seu jeito encantador e alegre."

Ele estava brincando. Só podia ser. Ninguém a teria mantido por tanto tempo se ela fosse tão agressiva.

Ficamos em silêncio por um tempo. Bebemos nossa cerveja e assistimos aos músicos tocarem, e ao nosso redor, Ballard se deleitava. Não demorou muito para que um grupo de adolescentes Grão-Feéricas começasse a dar voltas ao redor da fogueira, rindo por trás das mãos e lançando olhares furtivos para Fisher. Elas pareciam ter uns doze ou treze anos em idade humana — aquela idade estranha entre a infância e o caos da puberdade —, embora eu não tivesse ideia de quantos anos elas tinham em termos feéricos.

Fisher ainda não tinha me dado nenhuma provocação, então decidi arriscar uma pergunta. "Como vocês envelhecem aqui? Seus filhos? Vocês todos vivem tanto, mas... vocês nascem e depois continuam crianças por cem anos, ou...?"

Ele balançou a cabeça. "Uma criança é vulnerável. Mais fraca que um adulto. Muito suscetível a ser atacada por predadores. Nossos descendentes, na verdade, envelhecem duas vezes mais rápido que as crianças humanas. Estamos totalmente crescidos aos 21 ou 22 anos. É quando o processo de envelhecimento desacelera drasticamente."

"Predadores?"

"Muitas coisas sombrias e famintas espreitam nos cantos esquecidos deste reino, Pequena Osha. Pelo menos quatro tipos diferentes de Banshee se alimentam das almas dos mais jovens. Sua energia vibrante é potente demais para que consigam resistir. E também há espectros, sereias com dentes de serra e uma infinidade de criaturas que vivem em tocas e gostam de irromper do chão e engolir tudo o que couber em suas mandíbulas. Você precisa mesmo tomar cuidado onde pisa por aqui."

Deuses vivos. Eu sabia que Yvelia era um lugar cheio de perigos, mas não tinha percebido o quão precária era a segurança de uma pessoa ali.

"Há também a vida vegetal. Espinhos venenosos e botões de flores carnívoros. Se não te matarem, com certeza deixarão uma marca. E então, é claro", observou Fisher, com os olhos escurecendo. "Há Malcolm." Ele não disse *'os vampiros'*. Disse *'Malcolm* ', como se a figura pálida de cabelos prateados que eu vira do outro lado da margem fosse a única responsável pela morte e destruição que sua horda deixou em seu rastro. "Só o ódio dele limparia o mundo de toda a vida se lhe fosse dada rédea solta."

Um vento gelado soprou, deslizando dedos gelados pelas costas da minha camisa e me fazendo tremer. Pensei que tivesse sido uma rajada de vento, de qualquer forma, mas o ar pareceu estranhamente parado de repente, como se o mundo estivesse prendendo a respiração.

Muda de assunto, Saeris. Pelo amor dos deuses, muda de assunto. "Você está causando um rebuliço", eu disse para o meu copo de cerveja enquanto bebia.

"Hum?"

Observei o grupo de jovens garotas enquanto completavam a quarta volta ao redor da fogueira, ainda lançando olhares esperançosos para Fisher. "Acho que este grupinho pode estar se perguntando se o Senhor de Cahlish está procurando uma *Senhora* de Cahlish", disse eu, provocando.

Não achei que Fisher fosse *gostar* do comentário, por si só, mas imaginei que ele pelo menos entenderia que eu estava brincando. Sua mão apertou a caneca, seus ombros se contraindo desconfortavelmente em volta das orelhas. "Você não deveria me chamar assim. Eu não sou Lorde de Cahlish", ele disse rispidamente.

"Mas... esse é o seu título. Você não era o único filho do seu pai?"

"Isso não importa. Eu não..." Ele mudou de assunto. "Um lorde é encarregado de zelar pelo seu povo. Ele os protege. Os defende. Cria um lugar seguro para eles viverem. Você sabe onde eles estão agora? As pessoas que costumavam viver em minhas terras?"

Uma raiva terrível queimava em seus olhos enquanto ele me olhava. Eu não ia gostar do que ele ia me dizer, mas respondi mesmo assim: "Não gosto."

"Do lado errado do Darn, clamando pelo sangue dos próprios filhos", disse ele amargamente. "Ou então abandonaram suas casas e se mudaram, para onde não terão toda a horda sanasrothiana arrombando suas portas no meio da noite. Cento e dez anos. Eu os deixei por *cento e dez anos.* Ren e os outros fizeram tudo o que podiam para conter a maré. Não é culpa deles. *Eu* deveria estar aqui para protegê-los. *Eu* falhei com eles. Então não mereço ser chamado de Senhor de Cahlish. Não sou senhor de nada."

A arrogância que ele ostentava como uma armadura de placas se fora. Todo o artifício. As paredes que o separavam do mundo exterior. Se fora. A prata em seus olhos pulsava, refletindo a luz do fogo, implacável como sempre, sem lhe dar paz. Doía vê-lo assim, dilacerado por uma dor que eu podia ver agora residindo logo abaixo da superfície da fachada pétrea e indiferente que ele apresentava ao mundo.

Minha garganta doía. Eu queria estender a mão e segurar a dele, mas os limites estavam tão tênues agora. Ele aceitaria aquele pequeno conforto ou riria e cuspiria na minha cara? Eu tinha minhas próprias defesas em jogo. Minhas paredes eram tão altas quanto as dele e tão grossas quanto. Eu não sabia se sobreviveria a esse tipo de rejeição se ele se virasse e zombasse de mim por achar que eu poderia ser de alguma forma um apoio para ele.

Coragem, pensei comigo mesmo. E também, *foda-se ele* . Se ele demonstrasse crueldade diante da bondade, então merecia ser miserável e solitário. Respirei fundo e estava prestes a alcançá-lo, quando...

"Por que você não disse nada?", ele perguntou, virando-se para me encarar.

"Eu ia fazer isso! Eu só... *Eu estava pensando bem!"*

"Não sobre isso." Ele expirou bruscamente pelo nariz. "Sobre a outra noite. O que aconteceu. Com a gente."

preciso de mais esclarecimentos . Examinei seu rosto, meu coração disparado. "Você deixou bem claro que, para você, seria algo único", eu disse lentamente. "Você deixou bem claro que poderia me odiar e ainda querer me comer. E eu não sou o tipo de pessoa que fica se jogando nas coisas que a machucam. Então, não. Eu não toquei no assunto. Qual teria sido o sentido? Você teria me feito uma xícara de chá e ficado sentado ouvindo enquanto eu tentava te convencer de como poderíamos ser bons juntos?" Ele bufou, desdenhoso.

"Exatamente."

"Eu não..." Observar Fisher buscando as palavras certas era alucinante. "Eu *não* te odeio", ele se apressou. Exalou como se a admissão lhe tivesse custado caro. "Mas há coisas que você não entende. Coisas que tornam isso *impossível* para mim..."

“Abençoadas sejam as estrelas, eu estava certo!” declarou uma voz rouca.

Nenhum de nós havia notado a figura se aproximando do outro lado da fogueira. Uma mulher estava diante de nós, com o rosto enrugado e marcado pela idade. Era difícil dizer onde uma ruga começava e outra terminava. Ela era baixa para um membro das Fadas e alta para uma humana, embora eu não conseguisse dizer qual era. Ela parecia um pouco humana, mas então abriu um largo sorriso, exibindo um par de caninos desgastados, mas ainda alongados, e a questão de sua ascendência foi resolvida. "Eu adoro ficar de olho no céu", ela grasnou. "Avistamentos de martim-pescadores são muito raros por aqui, mas eu sabia que teria sorte um dia desses se continuasse procurando."

Fisher forçou um sorriso — convincente, mas não chegou aos seus olhos. Não completamente. Ele gemeu, levantando-se com dificuldade, como se não fosse talvez o guerreiro mais infame de Yvelia, no auge de seu poder, e que seus ossos velhos estivessem doendo. Para minha surpresa, ele envolveu a velha com os braços e a abraçou com força.

“Boa noite, Wendy”, disse ele.

Ela o apertou com força e, em seguida, fez um show teatral de empurrá-lo para longe. "Boa noite, Wendy? Não me venha *com 'Boa noite, Wendy* '. Eu faço aqueles biscoitos malditos para você todo ano, e você nem se deu ao trabalho de aparecer para comê-los. Ninguém mais gosta deles, seu atrevido de merda."

Que desperdício de ingredientes!”

Fisher a encarou com muita seriedade, mas a sinceridade que faltava em seu sorriso segundos antes finalmente emergiu, e seus olhos brilharam de alegria. "Desculpe, Wen. Fui terrivelmente rude. Devo um pedido de desculpas a você."

Ela deu um tapinha na parte superior do braço dele — o ponto mais alto do corpo que ela conseguia alcançar. "Você me deve *dinheiro!* ", gritou ela. "Você sabe como o açúcar está caro hoje em dia?"

Fisher riu. Riu mesmo. O som era rico e profundo, e fez algo dentro de mim se endireitar. Quando peguei uma jarra no Palácio de Inverno e enchi um copo para mim pela primeira vez, pensei que o som daquela água corrente e *gratuita* seria meu som favorito até o dia da minha morte. Eu estava

enganado. O som da risada genuína de Fisher era mais raro do que a água jamais fora em Zilvaren; quase me fez chorar ao ouvi-lo.

“Verei o que posso fazer para abrir algumas dessas linhas de comércio”, prometeu Fisher.

Wendy resmungou e fez uma cara tão mal-humorada que quase me fez rir. "Não se incomode. Os comerciantes trazem muitas notícias ruins com suas mercadorias hoje em dia. Preferimos ficar sem." Ela agarrou Fisher pela cintura, apertando-o como se estivesse inspecionando uma fruta no mercado. "Onde quer que você tenha estado, eles não têm te alimentado direito, de qualquer forma. Vamos lá. Tenho dois lugares guardados na minha mesa e duas tigelas grandes de ensopado de carne esperando também."

“Obrigada, Wendy.”

Ela o encarou com um olhar cruel. "Sei que você não vai se esquecer das boas maneiras e me obrigar a me apresentar à sua linda companheira, o Martim-pescador do Portão de Ajun."

Fisher empalideceu, os lábios entreabertos. Parecia estar perplexo. Mas eu já estava me levantando e estendendo a mão para Wendy. "Sou Saeris Fane. Eu sou..."

"Ah, uma garota Zilvaren! Deuses vivos!" Wendy me agarrou pelos ombros e se agarrou a mim, me olhando de cima a baixo. "Eu senti! Eu soube no momento em que os portões se abriram novamente. Eu senti você passar. Havia um *zumbido* no ar naquele dia."

“É um prazer conhecê-lo”, respondi.

Ela tinha me sentido passando pelo portão? Seria possível? Yvelia era uma terra de magia inesperada e seres únicos. Ela me olhou e soube que eu era de Zilvaren. Isso já era impressionante por si só. Wendy semicerrou os olhos, me observando através das fendas das pálpebras semicerradas. Sua boca se abriu lentamente enquanto ela me observava. "Hmm." Ela me *cheirou*
.

"Mais do que apenas uma companhia, então?" Wendy olhou feio para Fisher pelo canto do olho turvo.

"Ela é uma amiga", disse Fisher, sem um pingo de sentimento na voz. "Uma amiga temporária. Ela voltará para Zilvaren em breve, onde retomará sua vida e esquecerá tudo o que aconteceu aqui."

Wendy assentiu, a boca ainda aberta. Ela *não* parecia acreditar nele. "É mesmo?"

"Você não disse nada sobre ensopado?" Ele não estava tão irritado com Wendy quanto comigo na maioria das vezes — algo me dizia que ele não

teria se safado —, mas estava ficando mais tenso a cada momento. Wendy teve pena dele e deixou o assunto de lado.

"Sim, ensopado! E bolinhos de milho, e batatas, e cenouras glaceadas com mel! Vocês dois não vão sair de Ballard até estarem arrebentados e não conseguirem mais comer. Venham."

Wendy não estava brincando. Ela encheu nossos pratos repetidamente, alternando entre pratos salgados e doces, enquanto se lembrava de que havia uma carne defumada ou uma sobremesa que ela queria que experimentássemos.

Bebi mais do que deveria, considerando a quantidade de uísque que tomei com Lorreth duas noites antes, mas a cerveja não estava nada forte e só me deu uma sensação doce e quente no peito. Fisher também não se importou quando sua cerveja foi reposta várias vezes, o que me surpreendeu. Ele ergueu uma sobrancelha, inquisitivo, quando me pegou observando-o enquanto ele esvaziava seu sexto copo. "O que foi?", perguntou.

"Ah, nada. Só imaginei que você se desligaria depois das duas ou algo assim. Estava esperando você dizer algo como..." Pigarreei, falando baixo. "' *Um bom guerreiro nunca entorpece os sentidos com bebida. Devo estar sempre pronto para lutar.'* "

Fisher recostou-se na cadeira. " *Era* para ser eu?"

“ *É* você”, eu disse.

" Besteira. Não pareço tão pretensioso."

"Você parece pior. *Ei!* " Uma pequena duende com asas rosa transparentes estava se equilibrando na beira do meu prato, tentando rolar para fora um dos meus biscoitos Bettell. O biscoito era quase tão grande quanto ela. A achataria se caísse em cima dela. Ela gritou, estridente e irritada, quando peguei o biscoito. "Você vai se machucar", repreendi. "Como você achou que ia voar e carregar isso ao mesmo tempo?"

Foi difícil entender o que ela disse, mas eu tinha quase certeza de ter ouvido as palavras "nada de", "seu" e "da conta", com algumas outras palavras interessantes para completar. Fingi estar profundamente ofendido, mas mesmo assim, quebrei o biscoito em pedacinhos e os coloquei em um prato para ela. "Pronto. Deve ser mais fácil para você agora. De nada."

Ela fez um gesto grosseiro com a mão, mas pegou um pedaço de biscoito e se lançou no ar da noite. Quando me virei para Fisher, ele estava recostado na cadeira, me observando atentamente. Percebi a pequena curva nos cantos de sua boca e agarrei a oportunidade de atormentá-lo. "Você está prestes a sorrir, Martim-pescador do Portão de Ajun?" "E se eu estiver?", perguntou ele em um tom muito calmo e comedido.

"Posso contar nos dedos de uma mão quantas vezes vi você fazer isso. Ninguém vai acreditar em mim quando voltarmos para o acampamento.

Ele então sorriu, lento e pesaroso, a cabeça virada enquanto brincava com o garfo. "Eles vão acreditar em você, Pequena Osha. Todos já me viram sorrir bastante."

"Só que não recentemente?", sussurrei.

"Não. Não ultimamente. Sorrir tem sido bem difícil ultimamente." Seu pomo-de-adão balançou. "Mas está ficando mais fácil."

Ele parecia relaxado, mas havia uma tensão em seus ombros que eu conseguia ver, mesmo que ninguém mais conseguisse. O brilho prateado em seus olhos estava ficando selvagem. Pressionei a ponta da língua contra a parte interna dos dentes para me impedir de estragar o momento com perguntas inapropriadas, mas eu sabia que ele estava sofrendo. Ele estava sempre sofrendo.

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

As vozes vieram do nada, altas e cheias de terror.

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

Mais alto. Mais rápido. Mais alto. Mais rápido ainda.

Agarrei a borda da mesa, incapaz de recuperar o fôlego devido ao rugido...

"Saeris? Querida, você consegue me ouvir? Você está bem?"

Ballard recuperou a nitidez. Meu prato estava no chão, aos meus pés, e a grama estava coberta de biscoitos Bettell. Kingfisher me encarou com os olhos arregalados e chocados. Era Wendy quem havia falado, a voz cheia de preocupação. Fiquei sentado, rígido como uma tábua, enquanto ela pressionava as costas da mão na minha testa.

"Sem febre, por sinal. Você está bem, Saeris? Você teve uma recaída estranha."

"Sim. Estou bem. Eu..." Engoli em seco. "Só estava um pouco tonta, só isso." Ah, não. Não foram só Fisher e Wendy que notaram. Um grupo perto da fogueira havia parado de falar e estava nos observando. Duas mulheres feéricas, encostadas no tronco do enorme carvalho a seis metros de distância, também conversavam baixinho, com os olhos cheios de preocupação enquanto olhavam para mim. Engoli meu alarme, sorrindo o mais convincentemente que pude. "Sério, estou bem, prometo."

Ele sabe. Ele sabe que você acabou de ouvir alguma coisa.

A vozinha no fundo da minha cabeça estava certa. Fisher estava branco como papel e parecia inquieto enquanto empurrava a cadeira para trás para poder pegar meu prato. "Foi um longo dia", disse ele, colocando meu prato de volta na mesa. "Acho que comemos e bebemos demais. A exaustão está chegando."

Wendy assentiu. "Claro. Claro. Bem, você sabe para onde está indo, não é? Embora, suponho, já tenha passado muito tempo. Você se lembra do caminho?"

Fisher riu de bom humor, abraçando a idosa com um braço só. "O resto de mim pode não ser perfeito, mas minha memória é", disse ele. "Boa noite, Wendy."

Também abracei a fêmea, meus olhos ardendo diante da surpreendente demonstração de calor maternal. Ela ainda nos chamava, desejando boa noite, enquanto Ônix disparava à nossa frente pela trilha, carregando um biscoito Bettell na boca.

Estávamos voltando para Cahlish. Não havia a mínima chance de Fisher escolher ficar ali depois do meu pequeno episódio estranho. Mas ele não abriu um portão de sombra e me arrastou de volta por ele, como eu esperava. Ele ficou em silêncio enquanto me guiava até a fileira de árvores e passava pelas casas pitorescas que ladeavam a passarela. Ele estendeu as mãos ao lado do corpo algumas vezes antes de guardá-las nos bolsos — parecia não saber o que fazer com elas.

As trilhas que levavam à floresta eram largas o suficiente para acomodar uma pequena carroça, talvez. Mas estavam desertas, com todos ainda na clareira, aproveitando as comemorações.

Fisher parou no meio do caminho, tão abruptamente que quase bati em suas costas. "Aquelas palavras que você disse lá atrás. Por que você as disse?", ele perguntou.

Eu tinha dito isso em voz alta? Droga. "Eu não sei. Sério que não. Surgiu do nada. Eu estava sentado ali, ouvindo você dizer algo sobre sorrir, e então, bum. Era tudo o que eu conseguia ouvir. Annorath mor. Annorath mor. Annorath M—"

"Pare." Fisher ergueu a mão como se fosse um escudo. "Não... diga isso. Só, por favor, não diga isso." Ele já tinha se sentido irritado, irritado, irritado, excitado e um milhão de outras coisas na minha frente, mas nunca tinha sentido medo antes.

"O mercúrio empurrou essas palavras para dentro da minha mente quando você me forçou a contê-las no Palácio de Inverno. O que elas *significam?"* , perguntei, dando um passo em sua direção.

Ele deu um passo para trás ao mesmo tempo, balançando a cabeça. "É melhor você não perguntar. Eu não posso te contar mesmo, então... não pergunte."

“Pescador—”

Ele se lançou sobre mim, agarrando minha mão. "Venha. Vamos."

A vila florestal de Ballard passou rapidamente como um borrão enquanto Fisher me puxava atrás dele. As árvores estavam cheias de luzes cintilantes. Belos lagos e áreas gramadas com bancos ladeavam os caminhos. A música ainda pairava no ar, embora distante agora, enquanto ele me levava mais para dentro da floresta. Por fim, chegamos a uma praça de paralelepípedos com uma fonte circular no centro. A estátua na fonte — uma mulher com cabelos lindos e esvoaçantes e um rosto em formato de coração, sorrindo gentilmente — segurava uma urna de pedra, da qual um fluxo constante de água jorrava para a piscina a seus pés. O som da água escorrendo teria sido reconfortante se Fisher não estivesse tão agitado. Ele atravessou a praça correndo, inclinando a cabeça para longe da estátua, em linha reta para uma porta vermelha inofensiva entre duas pequenas lojas — uma padaria e uma alfaiataria, pelo visto.

"Fisher, devagar..." Quase tropecei nos meus próprios pés ao passar pela fonte, meus olhos percorrendo a pequena placa de latão na base dos pés da mulher, e algo doloroso se encaixou. Percebi por que a estátua parecia tão familiar agora. Ela se parecia muito com Everlayne. E tinha as maçãs do rosto salientes de Kingfisher. Ou melhor, ele tinha as maçãs do rosto salientes *dela* .

"Edina das Sete Torres. Senhora de Cahlish." Mãe do Martim-pescador.

Ele disse que ela o trouxera para cá quando criança. Ela era importante para o povo de Ballard. Fisher também. Eu já tinha percebido isso antes mesmo de Wendy vir repreendê-lo por negligenciá-la por tanto tempo. Todos tinham sido muito discretos, mas os aldeões estavam bem cientes da presença dele. Ele não era um estranho ali, nunca fora um, pelos meus cálculos, e agora estava abrindo a porta de um prédio na praça porque tinha uma porra de uma *chave?*

"Vamos." Ele gesticulou para a porta aberta. "Vamos entrar. Está ficando frio."

A temperatura era uma péssima desculpa. Cahlish estava com muito mais frio que Ballard e andava por ali só de camisa e calça sem pestanejar. Eu entendia por que ele queria entrar, e não tinha intenção de impedi-lo.

A porta se abriu para uma escada estreita. Apenas um lance. Velas em arandelas de parede se acenderam quando Kingfisher fez um gesto para que eu fosse na frente. Comecei a subir. Onyx escorregou por entre meus pés, sempre curioso, querendo ir primeiro. Suas garras faziam um som metálico contra o piso de madeira enquanto ele subia cada degrau. O ar cheirava a poeira e abandono. Quando cheguei ao topo da escada, me vi cercado por fantasmas, mas antes que eu pudesse entrar em pânico, chamas brotaram nos pavios de mais velas do outro lado da sala, e vi que as estranhas formas brancas não eram fantasmas, afinal. Apenas grandes móveis cobertos com lençóis de proteção.

Até os quadros pendurados nas paredes estavam cobertos. Três grandes janelas davam para o pátio e a fonte, mas Fisher já estava nelas, atravessando a modesta sala de estar e fechando as grossas cortinas de veludo bordô em cada uma delas, bloqueando qualquer visão da mulher de aparência gentil despejando água de sua urna lá embaixo.

Este não era apenas um apartamento que Fisher havia alugado para a noite. Este lugar pertencia a Fisher. Talvez tivesse pertencido à sua mãe um dia, e agora era dele.

Andei de um lado para o outro pelo quarto, passando a mão pelos lençóis. O focinho de Onyx estava colado ao chão enquanto ele trotava, fungando intensamente. Ele espirrou explosivamente e voltou a inalar toda a poeira. Eu estava prestes a puxar o lençol do grande quadro acima da lareira, mas a mão de Fisher segurou meu pulso. "Não", disse ele. Mas então, um pouco mais suavemente, acrescentou: "Hoje não".

Por que estávamos ali? Parecia que estávamos cutucando uma ferida aberta, mas foi ele quem me levou até Ballard. "O banheiro é por ali", disse ele, apontando para uma porta à nossa esquerda. "Tem dois quartos lá embaixo. Vou ficar com o menor. Pelo menos, aquele costumava ser meu."

Dois quartos. Ele dormia no próprio quarto. Eu dormiria no outro. Não fiquei surpresa com isso. Fisher podia se dignar a me comer, mas eu não tinha ilusões de que ele iria querer dormir no mesmo quarto que eu.

"Obrigada. Puta *merda.* " Fiz uma careta. "Deixei minha bolsa lá na clareira. Não estava pensando. Vou ter que voltar e pegar."

Mas Kingfisher estendeu a mão, e sua palma se transformou numa espiral de fumaça preta, que se transformou num pedaço de lona, que se transformou na bolsa esquecida. "Aqui", disse ele suavemente. "Boa noite, Pequena Osha."

26

CINZAS E ESCÓRIAS

Eu . O som estava cheio de terror cru - o tipo de
som que uma pessoa fez pouco antes de ser assassinada. Pulei da cama e bati em um móvel, quebrando meu dedão do pé.

"Porra! Porra, porra, porra! " Eu não conhecia aquele quarto. Estava escuro como breu quando entrei. Só consegui encontrar a cama tateando no escuro. Só os deuses sabiam que tipo de obstrução havia entre mim e a porta. Só os deuses sabiam onde *ficava a porta* . Os gritos se intensificaram. Finalmente encontrei a maçaneta e quase tropecei em um Ônix ofegante quando ele passou por mim e saiu correndo. Segui a mancha branca do seu corpo pelo corredor.

"Pare! Não. Eu disse não! *PARE!",* gritou Fisher.

Sem pensar duas vezes, escancarei a porta e entrei correndo. As cortinas não estavam fechadas ali, e o luar inundava as janelas, pintando tudo de um prateado luminoso. Vestindo apenas as calças, Fisher estava deitado no

centro de uma cama pequena demais para o seu corpo, em cima dos lençóis, tremendo, com a pele escorrendo suor. A princípio, pensei que ele estivesse tendo um pesadelo, mas então vi que seus olhos estavam abertos e fixos no teto. Ele piscou, e uma lágrima rolou do canto do olho, escorrendo pela têmpora e escorrendo pelos cabelos.

“Pescador?”

Ele tremeu em reação à minha voz. Ao lado do corpo, suas mãos se fecharam, agarrando os lençóis. "Vai", disse Fisher com a voz embargada. Ele me observou com o canto do olho, embora sua cabeça não se movesse no travesseiro.

"O que houve? Você está—"

"Ir!"

"Não posso simplesmente ir. Tem algo errado com você."

"Eu vou ficar bem. Eu..." Uma onda de dor percorreu seu rosto, seus olhos reviraram. Suas costas arquearam-se para fora da cama enquanto ele cerrava os dentes, gritando uma maldição cruel em Velho Fae. "Porra! Pare! Pare, pare, pare", ele cantava. "Por favor. Pare..." O episódio, a convulsão, inferno, o que quer que estivesse lhe causando tanto sofrimento, diminuiu, e eu observei, com o coração pulsando na base da garganta, enquanto seu corpo se acomodava no colchão. Assim que suas costas estavam rentes à cama, o tremor recomeçou.

Decidido, eu disse: "Vou encontrar alguém. Isso não está certo."

"Não! Não." Fisher tentou engolir, mas parecia doloroso demais, então pigarreou. "Vai acabar logo", disse ele apressadamente.

" *Quão* breve?"

" Uma...uma hora. Talvez duas. Eu...ficarei bem."

"Fisher, não! Você precisa de ajuda. Deve ter um curandeiro aqui."

"Só... por favor. Me traga um pouco de água. Vai ajudar. Depois... volte para a cama. Durma um pouco."

Sim. Certo. Dormir. Com ele sofrendo no quarto ao lado, gritando a plenos pulmões. Isso não ia acontecer. Ele era teimoso pra caramba. "Volto já", eu disse. Todas as velas já tinham se apagado há muito tempo, e eu não tinha a sorte de ter magia para simplesmente conjurar chamas quando eu precisava, então fui catar coisas. Na sala de estar, abri uma das cortinas, agradecendo aos deuses quando o luar iluminou os móveis e todos os outros obstáculos que me separavam da cozinha.

Encontrei um copo empoeirado em um dos armários, enchi-o com uma jarra no aparador e voltei para Fisher o mais rápido que pude. Na minha

ausência, Onyx pulou na cama e se aconchegou ao lado do homem, apoiando a cabeça na barriga dele. Ele gemeu quando entrei no quarto, seus olhos se movendo de mim para Fisher, como se estivesse tentando me dizer algo.

“Você consegue levantar a cabeça?” perguntei.

"Não. Não consigo me mover... nada." Fisher fechou os olhos, apertando-os.

"Tudo bem. Então eu vou te ajudar."

"Só... coloque no criado-mudo. Eu... bebo depois." Cada palavra era difícil. Seu corpo estava tão tenso que parecia que os tendões do pescoço e dos braços estavam prestes a estalar.

"Não vou te deixar aqui assim, seu idiota." Subi na cama e levantei a cabeça dele. Precisei de um esforço considerável para colocar minhas mãos sob seus ombros e levantar seu tronco o suficiente para que eu pudesse me acomodar atrás dele, mas consegui. Apoiando as costas na cabeceira da cama, deixei que ele se recostasse em mim, de modo que sua cabeça ficasse apoiada na minha barriga, com uma perna de cada lado do corpo. Ele não protestou quando levei o copo aos seus lábios e cuidadosamente despejei um pouco de água em sua boca. Demorou um bom tempo para ele beber, mas, como esperado, esvaziou o copo inteiro.

"Pode ir agora. Acho que está... passando."

Ele estava tão cheio de merda. A julgar pelo tremor dele, este episódio estava só começando. "Não vou a lugar nenhum."

Seu cabelo estava grudado na lateral do rosto em ondas escuras e molhadas. Seus olhos encontraram os meus, e meu coração parou por dois segundos quando vi o mercúrio em seu olho direito; pulsava, cobrindo quase toda a sua íris, deixando apenas um pequeno crescente verde brilhar. "Eu te obrigo a ir se... eu tiver que ir", ele disse com a voz rouca.

obrigar ? Ah, ele me *obrigaria* , não é? Esse babaca de merda. Eu estava tentando ajudá-lo, e ele estava decidido a me afastar. Como ele podia ser tão irritante, mesmo incapacitado e incoerente de dor? Falei claramente para que ninguém me entendesse mal. "Se você usar o juramento que me enganou para me forçar a sair desta sala agora mesmo, eu nunca vou te perdoar. Vou dar um jeito de tornar sua vida absolutamente miserável. Aliás, enquanto estivermos aqui tendo uma conversa tão adorável sobre isso, você nunca mais vai me obrigar contra a minha vontade. Você está me ouvindo? Você entendeu?"

“Eu não preciso—”

"Não estou brincando, Fisher. Se você tem algum respeito por mim, se você se importa comigo, mesmo que seja o mínimo, o mais minúsculo, você nunca mais vai *me* obrigar. Entendeu?"

Ele lambeu os lábios, os olhos me fitando com fúria. Mesmo estando de cabeça para baixo em seu campo de visão, ele deve ter conseguido distinguir a fúria em meu rosto, pois suas pálpebras se fecharam e ele assentiu levemente. "Eu... entendo."

"Ótimo. Agora pare de me mandar embora. Eu vou ficar."

Mais uma vez, outro aceno de cabeça. "Ok."

As quatro horas seguintes — não uma. Não duas. *Quatro* — foram difíceis. Onyx escondia o rosto nos lençóis sempre que outra onda de delírio tomava conta de Fisher. Agarrei-me a ele o melhor que pude quando ele se curvou para fora da cama, mas isso não pareceu ajudar, então deixei seu corpo se contorcer e tremer. A corrente em volta do pescoço de Fisher grudava em sua pele, o pingente com as adagas cruzadas envoltas em videiras repousava na cavidade de sua garganta, úmido de suor, e eu encarei a coisa amaldiçoada, me perguntando por que diabos ela não estava fazendo seu trabalho. Isso era por causa do mercúrio. Não havia dúvida em minha mente sobre isso. Mesmo se eu não tivesse visto o quanto a mancha havia se espalhado em seu olho, eu saberia pelo cântico que eu podia ouvir no fundo da minha mente o tempo todo.

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

Trovão em meus ouvidos.

Um presságio sombrio.

Durante as horas mais escuras da noite, quando as nuvens deviam ter encoberto a lua e o quarto estava tomado por sombras, Fisher parou por um instante. "Me diga uma coisa. Me distraia. Às vezes, fica mais fácil se... minha mente se distrair."

Passei as mãos pelos seus ombros, massageando seus músculos tensos com os polegares, como fizera na última hora. Não me surpreendi quando a tinta sob sua pele se aproximou dos pontos onde nossas peles se encontravam. Observei-a subir pelos meus dedos, formando formas, runas e desenhos delicados à medida que subiam. Havia todas as chances de ainda estarem lá pela manhã, mas eu não conseguia me importar naquele momento. "O que devo te dizer?", perguntei.

"Qualquer coisa. Conte-me sobre sua vida... antes."

Fiquei sentado por um momento, debatendo-me com aquilo. Não sabia por onde começar. Havia muitas coisas sobre as quais eu não queria falar. Muitas coisas que eu não queria lembrar. Cantos perigosos da minha mente para os quais eu não tinha vontade de retornar.

A cabeça de Fisher se moveu contra minha barriga. "Por que você está franzindo a testa desse jeito?", perguntou ele. Olhei para baixo e vi que era *ele* quem estava franzindo a testa para *mim* . Sua testa não estava mais rolando de suor. O tremor também parecia ter diminuído um pouco. Um alívio.

"Não sei. Tenho pouquíssimas lembranças brilhantes e felizes de Zilvaren para compartilhar." Eu havia tocado bastante a pele de Fisher nas últimas horas, então nem pensei nisso — passei o dedo pela testa dele, descendo pela têmpora, afastando o cabelo molhado do rosto. Ele fechou os olhos, os cílios finos e delicados como traços de tinta preta contra a pele pálida.

"Não quero algo brilhante e feliz", sussurrou ele asperamente. "Quero *algo real."*

Aquelas palavras pesaram muito. Isso, vindo do homem que se recusou a me dar as respostas reais às perguntas que eu tinha sobre ele, foi o suficiente para fazer uma garota querer gritar. Mas minhas suspeitas sobre isso — de que Fisher estava preso de alguma forma e *não conseguia* responder —, em algum momento, se solidificaram como fatos em minha mente. E veja onde estávamos. Ele estava deitado em meus braços, imóvel e vulnerável em todos os sentidos da palavra. Exposto. Eu também podia estar um pouco vulnerável.

"Meu pai morreu quando eu tinha dois anos. Nem me lembro dele. Minha mãe estava grávida de quatro meses de Hayden quando aconteceu. Uma duna de areia desabou sobre o posto avançado de um comerciante nas planícies de vidro. Ele foi esmagado ou sufocado até a morte, uma das duas coisas. E quando perdemos a renda dele, minha mãe se prostituiu", eu disse sem rodeios. Isso não era segredo em Zilvaren. Todo mundo conhecia Iris Fane, seja por trocar vales por seu tempo, seja porque as outras mães da nossa ala reclamavam e reclamavam o dia inteiro sobre o fato de uma mulher de moral duvidosa viver entre elas. Ela vendia o corpo principalmente por comida e água, mas também ganhava dinheiro. Sua clientela era composta principalmente por guardiões. Os homens de Madra. Cinco dias por semana, ela trabalhava neste lugar perto do mercado. A Casa de Kala. Kala contratava seguranças, então as mulheres que trabalhavam lá estavam seguras na maior parte do tempo. Um grito de um quarto e cinco desgraçados enormes arrombavam a porta e espancavam quem estivesse causando problemas. Mas ela também trabalhava da nossa casa às vezes. Para sobreviver. Eu costumava

observar por uma fresta na porta do quarto dela quando os guardiões chegavam, resplandecentes e orgulhosos, pingando em suas armaduras douradas.

"O homem para quem eu era aprendiz. Elroy? Ele a amava. Ela era linda e cheia desse... desse fogo. Ele vinha aqui em casa e consertava as coisas de vez em quando. Mas nunca tentou nada com ela. Ele não era assim. A quantidade de vezes que ele cuidou dela quando um dos guardas do palácio a espancou até deixá-la roxa lá em casa..." Balancei a cabeça, distraidamente enrolando uma mecha do cabelo úmido de Fisher no meu dedo.

Ela não queria que eu seguisse os passos dela, então o fez prometer que me levaria para a forja assim que eu tivesse idade suficiente. Eu tinha dez anos quando pisei na oficina dele pela primeira vez. E minha mãe? Ela já tinha começado a contrabandear armas para a enfermaria naquela época. Começava com pedaços de sucata. Coisas que podiam ser transformadas *em* armas. Elroy ficou feliz em fazê-las no início. Apenas punhais. Facas pequenas. Minha mãe as distribuía para as amigas da Kala primeiro, para se protegerem quando levassem o trabalho para casa. Mas depois ela começou a trazer espadas e escudos para casa. O tipo de coisa que a mataria se fosse pega negociando com elas.

Eu odiava lembrar das batidas na nossa porta no meio da noite enquanto minha mãe trabalhava na casa da Kala. Os homens mascarados que me enfiavam pesados sacos de juta nas mãos e depois corriam para a escuridão. Mas eu me forcei a fazer isso. "Ela me fez levar itens da nossa casa para a forja todos os dias logo depois disso. Os guardiões não prestavam muita atenção a isso."

"Uma garota magricela a caminho do trabalho. Os anos se passaram e ela começou a me apresentar a todos os tipos de homens..."

A respiração de Fisher se acelerou. Ele vinha se soltando aos poucos, mas agora estava tenso novamente, com as narinas dilatadas. Ele não disse uma palavra, mas eu sabia o que ele estava pensando.

Não esse tipo de homem. Eles nunca me tocaram. Mostraram-me onde ficavam as entradas para vários túneis. Os que levavam às reservas subterrâneas onde Madra mantinha reservatórios de água. Bastante para abastecer a cidade inteira e mais um pouco. Mostraram-me como abrir os tanques e extrair um pouco aqui e um pouco ali. Mostraram-me como arrombar fechaduras e como escalar. Aprendi a lutar com adagas e a arremessá-las. Um rebelde ficava na casa, escondido no sótão, por uma semana ou um mês. Às vezes, talvez dois. Depois, trocavam de lugar e

alguém novo aparecia. Hayden não sabia nada sobre isso. Era muito jovem para entender a maior parte do que estava acontecendo e não sabia como ficar de boca fechada. Então, aprendi a lutar, a roubar e a cuidar dele também, já que nossa mãe nunca mais estava em casa. E foi assim por muito tempo. Passei meus dias na forja. Depois, cuidei de Hayden. Cozinhei para ele. Cuidei da casa. limpo. E então, assim que ele dormia, eu saía para roubar tudo o que precisávamos para viver."

"Quando você dormiu?" Fisher não lutava mais contra a dor. Parecia que ele estava lutando para se manter acordado.

"Na verdade, não. Eu tirava sonecas sempre que podia e... sei lá. Eu simplesmente continuei."

"Parece uma merda."

“Era. E piorou. Minha mãe começou a ficar brava. Estava cansada de ser tratada como lixo e degradada pelos homens que se achavam muito melhores do que ela. Recusava-se a aceitar guardiões como clientes. Alguns dos seus clientes habituais, os que costumavam vir à casa, não gostavam disso. Certa manhã, seis anos atrás, ela saiu de casa e foi à casa da Kala, mas esqueceu a sua ração de água. Tinha-a deixado ali, na mesa da cozinha, com a garrafa cheia. Nem tinha tomado um gole. Eu sabia que, se ela não a tivesse consigo, não conseguiria água o dia todo, por isso agarrei-a e corri atrás dela. Encontrei-a na praça, já de joelhos. O guardião que ela tinha mandado embora de casa na noite anterior estava ali, presunçoso como o diabo, enquanto os seus subordinados revistavam as suas malas. Encontraram duas facas com ela. Coisas minúsculas e inúteis. As lâminas mal tinham sete centímetros de comprimento, mas isso não importava.”

"Porque a punição por portar uma arma no Terceiro é a morte", sussurrou Fisher.

"Eu os vi cortarem a garganta dela", eu disse. "Sem prisão. Sem julgamento. Eles adoram executar a sentença na hora. Economiza tempo e energia, eu acho. Ela morreu de bruços na areia, no calor escaldante, com cinco homens mijando no cabelo e nas costas dela. E então a deixaram lá. Corri até ela assim que eles saíram. Virei-a. Sacudi-a." Dei de ombros. "Mas ela já tinha ido embora. Eu não conseguia carregá-la sozinha, então tive que correr e buscar o Elroy. Quando voltamos para a praça, nossos vizinhos estavam lá fora, de pé sobre ela, cuspindo na cara dela. O Elroy nocauteou um homem que tentava arrancar as roupas dela."

Qual é o problema? Ela era uma prostituta suja e cheia de doenças . Ela não se importava que o mundo visse os peitos dela. "Aqui, que tal eu pagar

a porra dela?" Ele jogou uma moeda velha na barriga da minha mãe e a chutou nas costelas. Foi quando Elroy quebrou a cara. Mas eu não contei essa parte para Fisher. Havia memórias que podiam ser colocadas em palavras, mesmo que fosse como morrer para dar-lhes luz e ar. E havia aquelas que não podiam. Eu nunca repetiria as palavras que aquele homem disse sobre a minha mãe.

"Nós a queimamos na manhã seguinte nas dunas, a um quilômetro e meio das planícies de vidro. O ar estava tão quente que queimou o interior das minhas narinas. Hayden desmaiou e Elroy teve que carregá-lo para casa, mas eu fiquei e vigiei a pira da minha mãe até ela se transformar em cinzas e brasas na brisa. Quando finalmente voltei para casa, cambaleando, encontrei nossa casa toda fechada com tábuas, a porta e as janelas bloqueadas com pedaços de madeira. Havia um grande e preto "ex" pintado na alvenaria. A nossa foi a primeira casa que eles colocaram em quarentena. Mas outras se seguiram. Uma semana depois, Madra colocou toda a enfermaria em isolamento. Sem entrada ou saída. Disseram que a enfermaria estava infestada de peste."

Aqueles dias eram pesadelos distantes e nebulosos que assombravam tanto minhas horas de vigília quanto as de sono. A dor de Hayden se transformara em raiva muito rapidamente. Ele culpara nossa mãe pela perda de nossa casa. Seus amigos finalmente lhe contaram que ela não fora *garçonete* do Kala's. Alguns deles lhe disseram que seus próprios pais haviam transado com Iris Fane pelo preço de uma jarra de cerveja barata. Ele se rebelara de quase todas as maneiras que conseguia imaginar e, quando terminou com isso, começou a apostar.

"Você ficou com o Elroy?", perguntou Fisher. Ele esfregou a testa, massageando o ponto entre as sobrancelhas, e percebi que ele já conseguia se mexer. Mas ele não havia se movido da posição em que estava, encostado em mim. Quando deixou a mão cair novamente, pousou-a na minha perna. Confortável. Familiar.

Não. Se ele tivesse nos acolhido, os guardiões teriam somado dois mais dois e percebido que ele tinha feito as adagas que minha mãe carregava naquele dia. Eu não queria colocá-lo em perigo, então, para todos os efeitos, Hayden e eu desaparecemos. Encontramos nossos próprios sótãos para dormir. Principalmente em cima de tavernas, onde um pouco de barulho à noite não seria perceptível. Eu entrava e saía furtivamente da forja, para que ninguém soubesse que eu estava trabalhando lá. As habilidades que os amigos

rebeldes da minha mãe me ensinaram acabaram nos mantendo vivos. Nós nos viramos.

Tanta coisa deixada de fora. Noites dolorosas cheias de discussões. Noites passadas dormindo no chão duro, sob o calor escaldante, sem nada para bloquear os gêmeos nas janelas. Fome sem fim e uma sede que nunca era saciada. "Administrada" era um termo generoso para descrever como era a vida depois que aquele desgraçado cortou a garganta da minha mãe.

Fisher finalmente se virou e recostou a cabeça no travesseiro. "Venha aqui", disse ele.

"O que?"

"Não me faça arrastar você até aqui." Havia um tom cansado, mas brincalhão, em sua voz.

Ele queria que eu me deitasse ao lado dele. Droga. Eu ia ter que desfazer a mala pela manhã, sinceramente, porque uma onda de exaustão sem igual me invadiu enquanto eu me arrastava para baixo da cama e esticava minhas pernas dormentes pela primeira vez em horas. Fiz questão de me posicionar de forma que nenhuma parte do meu corpo tocasse o de Fisher, mas ele emitiu um som irritado e passou o braço em volta do meu corpo. Colocando a mão na minha barriga, ele me puxou para perto, de modo que minhas costas ficassem rentes ao seu peito. O calor do seu corpo era divino. Eu podia sentir seu coração batendo contra as minhas costas — lento e uniforme, em sincronia com o suave empurrar e puxar da sua respiração. Em algum lugar perto dos pés da pequena cama, Onyx gemeu confortavelmente e se aninhou mais fundo nos cobertores.

Isso era...novo.

Diferente.

Fisher enganchou os dedos sob a barra da minha camisa e pousou a mão na minha pele. O movimento não foi sexual. Foi um simples contato entre duas pessoas. Aterramento. Íntimo. Uma conexão.

"Minha mãe também foi morta", sussurrou ele, com a voz rouca. "Temos isso em comum, Pequena Osha."

Eu queria perguntar o que ele queria dizer com isso, mas ele já tinha adormecido.

27

MARCADO

Eu quando recobrei a consciência. Levei um momento para me lembrar de onde estava e de quem estava tão perto de mim. Então fiquei ali, imóvel, sem respirar, hiperconsciente do fato de que o pau duro do Fisher estava cravado na minha bunda e que ele quase certamente estava acordado. Eu já havia compartilhado camas suficientes com pessoas suficientes para saber pela respiração de alguém se estava consciente ou não, e a respiração do Fisher não era a respiração superficial de alguém ainda perdido no sono. Era profunda e comedida demais, e ele parecia tenso atrás de mim.

Ele vai se levantar e sair do quarto.

Ele vai se virar e dizer que não quer você aqui.

Ele vai dizer alguma merda para você *ir embora.*

Imaginei uma eventualidade terrível atrás da outra, com os nervos à flor da pele... mas nenhuma delas aconteceu. A mão de Fisher ainda estava sob minha camisa, mas estava meio fechada, relaxando durante o sono. O tecido que eu usara para prender meu peito se soltou e se ergueu durante a noite, e seus nós dos dedos roçavam a parte inferior do meu seio esquerdo. Muito lentamente, mas com intenção óbvia, Fisher abriu a mão contra minha pele novamente, pressionando a palma contra minhas costelas. Mordi o lábio, subitamente em pânico, meu coração disparando enquanto ele passava as pontas dos dedos pela parte inferior do meu seio, quase sem fazer contato...

Era uma pergunta.

É isso que você quer?

Eu podia escolher como responder. Se eu encolhia os ombros e me afastasse dele, sabia que ele tiraria a mão e me soltaria. Nós dois nos levantaríamos e seguiríamos com o nosso dia, e pronto. Uma porta entre nós se fecharia.

Ou...

Ou.

Foda-se.

Eu não queria que a porta fechasse.

Soltando um suspiro trêmulo, arqueei as costas, esfregando a bunda contra o pau do Fisher. Deuses e pecadores, ele estava *tão* duro. Ele soltou um gemido áspero, sua respiração percorrendo meu pescoço, fazendo minha pele se arrepiar. Seus dedos pressionaram minhas costelas com força, e eu fechei os olhos, saboreando a onda de antecipação sobre o que estava prestes a acontecer.

Como se houvesse um contrato tácito entre nós, nenhum de nós quebrou o silêncio. Ele se moveu lentamente, como se me desse tempo para mudar de ideia. Balançando os quadris para a frente, ele me mostrou *o* quão duro seu pau estava e o que pretendia fazer com ele.

Eu já sabia como era tê-lo deslizando para dentro de mim, mas isso não era nada comparado a quando transamos no outro dia. Isso prometia mais. A tensão crescente entre nós era infundida com um tipo diferente de energia. Eu a sentia percorrer um milímetro sobre a superfície da minha pele, por todos os lugares ao mesmo tempo, queimando onde suas mãos se moviam sobre meu abdômen.

Minha espinha flexionou enquanto eu me arqueava contra ele, e uma onda de calor me atingiu profundamente quando Fisher apoiou a testa na minha nuca e gemeu.

Eu o queria. Mais do que queria ir para casa. Deuses e mártires, que tipo de irmã isso me tornava? Hayden precisava de mim. Elroy também. Mas naquele momento, com o cheiro dele abafando o mundo inteiro e me roubando todo o bom senso, eu não era capaz de me sentir mal por isso. Haveria tempo de sobra para culpa mais tarde, mas por enquanto...

O nariz de Fisher roçou minha orelha, e um suspiro escapou de mim. Como explicar a sensação de um macho como Kingfisher respirando pesadamente em seu ouvido? Não era fácil. Primeiro, houve o arrepio. Começou no meu pescoço e se espalhou para fora, formigando a parte de trás da minha cabeça, trilhando um caminho quente-frio pela minha espinha, atingindo cada vértebra enquanto se movia como uma pedra quicando. Transformou-se em outra coisa quando atingiu meu sacro. Tornou-se pesado. Uma bola de dor, formando-se no meu estômago, aumentando, afundando, tamborilando no ápice das minhas coxas, de modo que eu tive que pressionar as pernas para contê-la.

O arrepio.

A dor.

Então, o querer.

Ficou tão intenso que criou um vórtice de energia, luxúria e necessidade que girou dentro de mim tão rápido que senti como se tivesse que pular da cama e gritar ou bater *em* alguma coisa.

Agora, agora, agora...

O desejo pulsava em meu sangue. Como se Fisher pudesse ouvi-lo acenando para ele, ele agarrou meu seio, movendo-se rapidamente por fim, desistindo de fingir que aquilo poderia não estar acontecendo. Revirando meu mamilo, ele empurrou os quadris para cima com tanta força que senti a cabeça inchada de sua ereção na parte inferior das minhas costas. Uma pontada aguda de dor percorreu meus dois seios, disparando para baixo entre minhas pernas, e parecia, por toda a maldita palavra, que ele estava provocando meu clitóris ao mesmo tempo que o botão sensível do meu mamilo.

"Ahh!" Eu queria implorar para que ele se afundasse dentro de mim, mas não queria falar. Havia outras palavras que precisariam ser ditas primeiro se quebrássemos o silêncio agora. O que aconteceu ontem à noite tinha sido horrível, para ele e para mim. Tinha alterado irrevogavelmente a dinâmica entre nós, e eu não achava que nenhum de nós estivesse pronto para encarar isso ainda. Então, fechei meus lábios e me inclinei para trás, enquanto ele enfiava o outro braço por baixo de mim e me prendia completamente com os dois braços. Amassando a carne do meu seio com uma das mãos, ele abriu bruscamente o botão da minha cintura, deslizando a outra mão para dentro da frente da minha calça.

Quando ele me persuadiu a abrir e mergulhou os dedos entre minhas dobras escorregadias, percebeu o quanto eu estava molhada e rosnou profundamente. O som era tão másculo e predatório que quase perdi a cabeça.

Foda-me. Por favor, foda-me.

Leve-me.

Ter meu.

Os dentes de Kingfisher mordiscaram o lóbulo da minha orelha enquanto ele começava a esfregar o feixe de nervos inchado entre as minhas pernas, e minha mente se fragmentou em um instante. Sua boca. Suas mãos. Seu pau. Eram as únicas coisas que importavam. Ele sabia como me tocar. Como me deixar em frenesi. A maneira como ele acariciava meu clitóris, encontrando a pressão e o movimento perfeitos, revelava muitas horas gastas se familiarizando com o corpo feminino. Tempo bem gasto, na minha opinião. Eu estava colhendo os benefícios daquela experiência de vez em quando.

Descaradamente, eu me agarrei a ele, tirando o que eu queria do contato, montando em sua mão enquanto ele me esfregava.

Foda-me com seus dedos.

Me sufoque.

Segure-me e monte em mim até eu gritar.

Fisher emitiu um ruído animalesco e desesperado na curva do meu pescoço, como se pudesse ler minha mente e soubesse todas as coisas imundas que eu queria que ele fizesse comigo. Como se quisesse fazer as mesmas coisas comigo também. Ele rosnou enquanto puxava o braço de debaixo da minha camisa e fechava a mão em volta do meu pescoço.

Vou fazer você implorar, Pequena Osha.

Vou preencher cada um desses lindos buraquinhos.

Vou te foder com tanta força que você nunca mais vai querer outro homem.

Eu tinha imaginado as palavras. Fabricado-as do nada e, de alguma forma, reproduzido-as em voz alta na minha cabeça, com a voz dele. O corpo de Fisher me prometia abertamente essas coisas, e eu não queria esperar mais.

Ele me puxou ainda mais para perto, apertando meu pescoço com mais força, o polegar cravando-se em meu maxilar, e eu deixei minha cabeça balançar para trás. Ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço, gemendo, e o pensamento surgiu em minha mente sem ser convidado. Perigoso.

Morda-me.

Fisher enfiou os dedos dentro de mim, soltando um suspiro tenso. Apertando a mão em volta do meu pescoço, ele me deu uma sacudida que quase pareceu uma reprimenda. Fiquei tão abalada com a sensação dos dedos dele se enfiando dentro de mim, sondando meu calor úmido, que por um segundo ofuscante, não consegui pensar em nada além da onda de prazer.

Deuses, ainda estávamos vestidos pra caralho. O Fisher estava sem camisa, mas ainda estava de calça, e eu estava de tudo. De repente, eu precisava que ficássemos nus. Eu queria sentir o corpo dele no meu. Eu queria senti-lo transando em todos os lugares. Agarrei minha camisa, pronta para tentar tirá-la de alguma forma sem que o Kingfisher tivesse que parar o que estava fazendo, mas então senti uma onda percorrer todo o meu corpo, e de repente, minhas roupas estavam em farrapos, caindo do meu tronco, dos meus braços e das minhas pernas. As calças do Fisher simplesmente sumiram .

Eu tinha conseguido o que tanto desejava. Nossos corpos se encontravam em todos os lugares. Nossas pernas se entrelaçavam, nossa pele úmida de calor. Fisher renovou suas atenções, pulsando os dedos dentro e fora da minha

fenda, esfregando meu clitóris ao mesmo tempo com a palma da mão, me deixando em frenesi.

Eu mal conseguia respirar. Minha cabeça girava enquanto ele enterrava o rosto no meu cabelo novamente, soltando outro gemido tenso.

Foda-me.

Por favor! Deuses, por favor, me fodam.

Eu quero...

Eu preciso de...

O som do grito agitado de Fisher ecoou alto pelo pequeno quarto. Ele se moveu rápido, tirando os dedos de mim bem a tempo de abrir espaço para seu pau rígido. Ao contrário da última vez que estivemos juntos, ele não se penetrou dentro de mim imediatamente. Desta vez, senti a protuberância de sua cabeça pressionando contra mim, e então o momento avassalador e avassalador quando ele deslizou pela minha entrada e começou a empurrar para cima.

Oh.

Meu.

Porra.

Deuses.

Ele...

Deuses, ele era tão fundo. Eu...

Cada guerreiro em Innìr sentirá meu cheiro em você, a voz de Fisher ecoou em minha mente. *Vou te deixar rouco de tanto gritar meu nome. Vou te marcar de todas as maneiras imagináveis, para que todos saibam que você é meu.*

Puta merda!

Ele...

Foi isso...

Eu não consegui...

Ele impôs um ritmo implacável, enfiando-se dentro de mim, penetrando-me até o fundo. Sua mão ainda estava entre minhas pernas, seus dedos trabalhando em meu clitóris enquanto ele me fodia. Ele me envolveu por inteiro, completamente, de verdade. Eu estava presa em seu abraço, completamente envolta nele, tremendo cada vez que ele me empalava em seu pau... mas ainda assim, havia mais uma coisa...

Morda-me, Fisher.

O pensamento me tirou o fôlego. *Eu não consigo...*

Morda-me. Faça isso. Eu quero!

Não posso!

MORDA-ME!

A picada forte e afiada de seus caninos cravando-se em minha pele me fez sibilar alto. Meus olhos se abriram de repente, o choque fez meu coração acelerar momentaneamente, mas então...

Uma felicidade sem igual inundou meus sentidos — um raio percorreu minhas veias. Fisher ficou imóvel, congelado como uma estátua, a respiração ofegante e rápida pelo nariz. Ele havia mordido a curva do meu pescoço, logo acima da clavícula, mas ainda não havia tirado meu sangue. Estava esperando, embora eu não soubesse por quê.

Sem interromper mais meu suprimento de ar, ele moveu a mão livre de volta para o meu seio e começou a acariciar lentamente meus mamilos, circulando minha aréola de leve e timidamente. Minhas terminações nervosas se agitaram, a euforia tomou conta do meu organismo até que comecei a me sentir completamente chapada. Foi só quando minha mente começou a ficar pegajosa e de cabeça para baixo que ele, tão lentamente, puxou os quadris para trás e enfiou o pau dentro de mim até o fundo. Ao mesmo tempo, senti o primeiro formigamento no pescoço — sua primeira pequena tragada do meu sangue.

"PORRA!", gritei alto, revirando os olhos. O crescendo de prazer desabou sobre mim como um deslizamento de terra. Fui esmagado por ele. Me quebrou e fez minha alma cantar pra caralho. Foi melhor do que qualquer droga que eu já tivesse experimentado.

Calma. Silêncio. Não... se mexa, porra.

As palavras eram ásperas. Desesperadas. Elas estavam dentro da minha cabeça, e eu... eu não tinha a mínima esperança de obedecê-las. No momento em que Fisher deslizou para dentro de mim novamente, bebendo um pouco mais fundo, perdi qualquer senso de orgulho que ainda possuía e estendi a mão para trás, agarrando sua cabeça e empurrando-o contra o meu pescoço com toda a força que pude.

Arruine-me.

O comando era tudo o que ele precisava. Os braços de Fisher se apertaram em volta do meu corpo como um torno, e ele me fodeu com a força de todas aquelas marretas batendo na superfície congelada do Darn. Eu me quebrei com muito mais facilidade do que o rio. Tornei-me pedaços de mim mesma, e Fisher era a única coisa que me mantinha unida. A cada tragada inebriante de sua boca, eu me sentia preenchida de luz até brilhar intensamente como o sol.

Não pare. Não pare...

Senti a necessidade dele borbulhando dentro dele. Ele também estava se afogando nisso. Ele me fodeu com ainda mais força, sugando cada vez mais fundo, os braços apertados como tiras de aço ao meu redor.

E então o mundo acabou.

A existência desapareceu num vazio absoluto.

As estrelas caíram dos céus, e o inferno se ergueu para encontrá-las.

Tudo e nada, aqui e ali.

Era cada momento de êxtase que eu já havia vivenciado, condensado e multiplicado por um milhão. Meu corpo se tornou uma tocha de fogo, e lá estava Fisher, queimando bem ao meu lado.

Ele se jogou contra mim sem pensar, grunhindo, e então afastou a boca da minha pele e rugiu como se estivesse morrendo.

Não. Não como se ele estivesse morrendo.

Como se ele estivesse *renascendo* .

O mundo voltou à existência aos poucos, como flocos de neve caindo do teto. Demorou um bom tempo para meu corpo parar de tremer. Assim como quando acordei, Fisher jazia atrás de mim, imóvel como um morto, sem respirar. Só que, desta vez, ele estava me segurando com unhas e dentes. Ele não me soltou.

Pão fresco e quente. Manteigado. Delicioso.

Meu estômago roncou, minhas pálpebras se abriram. Me vi aconchegado a uma raposa roncando. Ônix piscou preguiçosamente, abrindo os olhos, e juro pelos deuses, parecia que ele estava sorrindo para mim.

"Você fede", eu disse, acariciando sua cabeça. "Você precisa de um banho. Chega de dormir na cama."

Ele arreganhou os dentes, inclinou as orelhas para trás e pulou da cama, desaparecendo pela porta aberta do quarto. Acho que ele não gostou do barulho do banho.

Suspirando e deliciosamente dolorido, recostei-me nos lençóis amarrotados e olhei para o teto, observando as partículas de poeira espiralarem pelo ar dourado da manhã. Onde diabos estava Fisher? Perguntei com uma dose de resignação. Se eu o conhecesse, ele já estaria de volta a Innìr, assustado e furioso. Eu seria descartado ali por três dias como resultado

da sua incapacidade de controlar seus malditos sentimentos. Virei a cabeça e meu coração desacelerou ao ver a minúscula gota de sangue seco manchando os lençóis ao meu lado.

Meu sangue.

Fisher tinha me mordido.

Minha mente ficou em branco. Deixei aquela informação flutuar na minha mente. Não tentei processá-la. Eu tinha oficialmente chegado ao meu ponto de exaustão quando se tratava de tentar analisar tudo o que acontecera desde o Salão dos Espelhos. Era apenas mais uma coisa se equilibrando precariamente no topo de uma lista muito longa e desconcertante que eu teria que resolver em algum momento. Por enquanto, tudo o que eu sabia era que eu a queria. Eu a havia pedido e, a propósito, Fisher e eu agora éramos capazes de falar aleatoriamente na mente um do outro.

Lá estava de novo: o cheiro de massa folhada fresca e manteiga cremosa, mas desta vez misturado a um toque sutil de açúcar. E *café*. Foi a ideia do café que me fez pular da cama no final. Tórrida e um pouco tonta, enrolei-me num lençol e fui procurar a fonte do cheiro.

A luz inundou a sala de estar do apartamento. Os panos de chão haviam sido removidos dos móveis e dos quadros, revelando um espaço confortável, repleto de pequenos tesouros, livros e bugigangas que davam ao lugar uma agradável sensação de lar. Sobre a lareira, dezenas de potes de vidro estavam cheios de tocos de carvão e pincéis.

Fisher estava sentado a uma mesa redonda perto das janelas, com as pernas compridas esticadas à sua frente, a luz refletindo em seus cabelos e aquecendo-os, transformando-os em um castanho escuro. Dourava um lado do seu rosto, suavizando a linha dura do seu maxilar e a linha altiva do seu nariz. Ele olhava pela janela, observando os galhos da árvore do outro lado do vidro balançarem suavemente ao vento. Parecia perdido em pensamentos. À vontade, até. Uma parte de mim não queria me fazer notar. Depois de quão perturbado ele estivera ultimamente, eu queria que ele saboreasse o momento de paz. E eu era um covarde de merda, descobri. Ainda havia coisas que precisavam ser ditas, e eu estava com medo daquela conversa. Só poderia acabar mal, e—

Fisher fechou os olhos e deixou a luz do sol salpicar seu rosto. "Eu não sabia como você tomava seu café", disse ele suavemente.

Merda. "Há quanto tempo você sabe que eu estou aqui?"

Ele sorriu tristemente. "Eu *sempre* sei onde você está, Pequena Osha." Abrindo os olhos, ele se virou e olhou para mim. O sorriso adquiriu um tom perigoso quando ele me observou.

"Eu teria me vestido", expliquei, "mas não havia nenhuma roupa naquela mala que você preparou para mim. Agradeço o carinho, mas quatro facas de arremesso diferentes, um kit de curativos e uma garrafa de uísque talvez fossem demais. Uma calcinha limpa e uma escova de dentes teriam sido legais."

Isso o arrancou uma risada. "Ponto justo. E anotado. Só duas facas e um cantil da próxima vez. Além de cueca e uma escova de dentes."

Ri baixinho. "Eu *estava* disposta a vestir as roupas de ontem, mas aí as encontrei na cama, em farrapos, e essa ideia também foi por água abaixo."

"Não se preocupe. Corrigirei com prazer meu lapso de boas maneiras." Com um movimento rápido do pulso, Fisher conjurou uma onda de fumaça cintilante. Espalhando-se pelo tapete em minha direção, ela circulou meus tornozelos como um gato amigável procurando um carinho. Subiu pelas minhas pernas, fazendo minha pele formigar de calor, deixando um rastro de seda preta luxuosa. A calça era larga e solta. A blusa era bonita, longa o suficiente para cobrir minha barriga — embora por pouco — e adornada com renda fina ao longo do decote. A magia de Fisher não me agraciou com nenhuma calcinha, ao que parecia; meus mamilos pontudos estavam bem visíveis através do tecido transparente.

Arqueei uma sobrancelha para ele e então olhei para o meu peito. "É esse o tipo de coisa que você imagina que eu uso com frequência?"

“Quando imagino você, Pequena Osha, você *raramente* está usando roupas.”

Ah. Uau. Certo. Minhas bochechas coraram, um calor agradável aqueceu meu rosto. Abaixei a cabeça, olhando para os meus pés descalços, me dando um tempo para me acostumar com a ideia de que Fisher não seria um merda insuportável esta manhã. Já era uma surpresa o suficiente que ele ainda estivesse ali, mas isso foi um choque para o sistema para o qual eu não estava preparada.

"Venham sentar-se. Comam", disse ele.

Eu definitivamente conseguiria fazer *isso.* Eu estava faminto. Juntei-me a ele à mesa, sentando-me ao seu lado, à sua direita, para poder olhar pela janela e ver Ballard acordar enquanto eu comia. Fisher deu um sorrisinho irônico quando me inclinei sobre a mesa e me deparei com os docinhos, as minitortinhas recheadas com creme e as frutas em cubos.

"O que?"

"Nada. Nada mesmo", disse Fisher, com a voz cheia de riso.

"Devo ir lá e... oh, Deuses! *Fisher!* O que...?" Senti o sangue sumir do meu rosto. Que *diabos* estava nas minhas mãos? Deixei cair o pequeno pastel que segurava, e Onyx mergulhou, pegando-o no ar antes mesmo que pudesse tocar o chão. Estendi as mãos, horrorizada. As tatuagens com as quais eu não me importava tanto na noite passada ainda estavam por todos os meus dedos e costas das mãos. Só que agora havia mais delas. Muitas mais. Pilhas de pequenas runas subiam por cada um dos meus dedos. Letras delicadas envolviam meus pulsos e subiam pelos meus antebraços. Eu não tinha a mínima ideia do que diabos aquilo dizia. E as costas das minhas mãos? Comecei a me sentir muito tonta. O desenho nas costas da minha mão esquerda era simples. Mais ou menos. As linhas eram finas e se entrelaçavam lindamente, formando um formato que quase lembrava uma flor se você apertasse os olhos por tempo suficiente. A da minha direita, no entanto...

Era maior e cobria toda a extensão da minha mão. As linhas eram mais grossas. Elas se entrelaçavam, formando uma variedade de nós que eu tinha dificuldade até de desfazer com os olhos. Não era apenas uma runa. Eram muitas, entrelaçadas, entrelaçadas umas sobre as outras, uma sobre a outra. Uma das runas nem era preta, mas sim de um azul-esverdeado escuro e iridescente que brilhava metálico ao ser iluminada.

Até Fisher engoliu em seco ao absorver toda aquela tinta nova que eu havia ganhado naquela noite. Estendi as mãos em sua direção, acusadoramente. "Minha mãe *não* teria aprovado isso!"

Para seu crédito, ele não riu de mim. Pegou o café, mantendo a cara séria, e tomou um gole. Assim que pousou a xícara, estendeu a mão e segurou minha mão esquerda. Sua expressão era inexpressiva enquanto estudava as runas em meus dedos. Suas sobrancelhas se contraíram enquanto ele virava meu braço para um lado e para o outro, lendo a inscrição que prendia meu pulso. Quando ele passou o dedo sobre a runa maior, em forma de flor, nas costas da minha mão, suas feições ficaram completamente ilegíveis.

Ele passou muito mais tempo avaliando a tinta na minha mão direita. Fiquei sentado, impaciente, com os pensamentos fervilhando por todo lado, sem conseguir me acalmar.

Diga alguma coisa. Não fique aí parado, com essa cara feia. Fale!

Fisher bufou baixinho. "Estou pensando", disse ele. "Me dá um momento."

“Ah, merda. Então isso foi real? Você pode “ler meus pensamentos?” Um tom de histeria surgiu em minha voz.

"Não, eu não consigo ler seus pensamentos", disse ele, olhando para mim por uma fração de segundo. "Mas eu consigo te ouvir quando você fala comigo diretamente. Só isso."

"Só isso? Só isso *!"*

" *Respire*, Pequena Osha", Fisher repreendeu. "Seu coração está disparado."

“Estou bem”, menti.

Fisher adotou uma expressão muito intensa. Parecia confuso com alguma coisa. Virando minha mão em sua direção, ele até inclinou a cabeça para ter uma perspectiva diferente da runa em camadas e entrelaçada.

“O que... o que tudo isso significa?” perguntei nervosamente.

Fisher respirou fundo, erguendo os olhos da minha mão. "Nada demais, na verdade." Ele pegou uma das tortas recheadas com creme, virou minha mão, colocou-a na palma da minha mão e me soltou. "Aqui. Coma. Seu nível de açúcar no sangue está baixo."

"Meu nível de açúcar no sangue está baixo? O qu—Fisher, *o que significam as tatuagens?* "

Ele suspirou, recostando-se na cadeira. Agora que estava reclinado novamente, a luz cálida que entrava pela janela o banhava de dourado novamente. Ele era de tirar o fôlego. "O da esquerda significa abençoado", disse ele, em tom leve. "Os dedos..." Ele deu de ombros, olhando para o teto com muita naturalidade. "Significam todo tipo de coisa."

"Você poderia ser mais vago?"

“Quero dizer, provavelmente...”

“Pescador!”

"Certo. Tudo bem. Muitos deles estão conectados. Luz. Escuridão. Prata. Aço. Terra. Ar. Fogo. Água. Esse tipo de coisa. Coisas de alquimista."

de alquimista ? O jeito como ele disse aquilo fez parecer que já era explicação suficiente e eu deveria estar satisfeito, mas eu tinha mais perguntas. Muitas outras perguntas, uma mais urgente que as demais. Levantei a mão direita e apontei para a mãe de todas as runas brilhando na minha pele. "Que diabos significa *esta* ?"

Fisher me encarou. "Essa é difícil. Não posso te dar uma resposta definitiva. Ainda não."

“Há magia nisso, não é?”

"Há magia em todos eles", disse ele, despreocupadamente, dando uma mordida máscula em seu próprio café da manhã. "Se você não quiser ficar com eles..."

“Como vou saber se quero mantê-los se não sei o que eles *significam?”*

" Desculpe. Você tem razão. Aqui." Ele gesticulou para que eu estendesse as mãos, o que eu fiz. Um instante depois, um frio insidioso percorreu minha pele. Uma a uma, as runas desapareceram da minha pele até que até mesmo a runa complexa e multifacetada desapareceu.

Olhei para ele, atordoada. "Mas..."

"Eles não se foram para sempre", disse ele, tenso. "Eu... você pode mudar de ideia sobre eles mais tarde, se quiser. Você tem um mês ou mais. Se decidir nas próximas semanas que os quer de volta, eu os devolvo."

"Mas e se eu decidir que quero tatuagens legais nas mãos depois de um mês? Posso escolher entre designs diferentes toda vez que dormirmos juntos ou algo assim?"

Fisher riu secamente, balançando a cabeça. "Não. As Marcas foram escolhidas para você. Elas não estarão mais lá depois de um mês. Se você decidir não aceitá-las, elas desaparecerão para sempre."

Deixei isso ficar entre nós por um tempo, sabendo que havia algo que ele não estava me contando. Muitas coisas. Mas eu não tinha coragem de insistir mais. Dei uma mordida na minha comida, absorvendo toda a tinta que ainda marcava sua pele. Depois de um tempo, perguntei: "O que significa a sua?"

"Meu?"

"Suas tatuagens. *As suas* não sumiram."

"Ah." Ele olhou para si mesmo. "Bem. Nossas runas são complicadas. Mas sim, elas têm significados. Esta", disse ele, erguendo a mão esquerda, "significa vingança." Ele ergueu a outra mão. "Esta significa justiça."

"E aquele ali?", perguntei, apontando para a grande mancha de tinta em seu antebraço.

“Sacrifício”, disse ele, com a voz embargada.

“Por que é tão maior que o resto?”

Fisher absorveu a runa e, lentamente, abaixou a manga da camisa, cobrindo-a. "Acho que você já deve ter adivinhado o porquê", disse ele suavemente.

Eu poderia. Eu me arrependi da pergunta mesmo depois de tê-la feito. A maior tatuagem no braço de Fisher significava sacrifício, porque *ele* tinha, ou teria que, sacrificar tanto...

Eram profecias de um tipo. Contavam a história dele. E não era necessariamente uma história sobre a qual ele se sentisse confortável em falar. Com o tempo, talvez. Mas por enquanto...

Apontei para a pequena tatuagem de pássaro abaixo da minha clavícula, mudando de assunto. "Você me disse que não podia voltar *atrás* ."

Todo o humor abandonou o rosto de Fisher. A luz do sol se apagou do nada, e o quarto escureceu com sombras que se espalhavam pelas paredes, vindas dos quatro cantos. Eu soube imediatamente que algo havia mudado. Nosso tempo juntos no café da manhã havia acabado. Fisher se levantou da mesa, colocando cuidadosamente a cadeira de volta embaixo dela. "Não, não posso voltar *atrás* ", disse ele, rigidamente. "E peço desculpas por isso."

"Não precisa se desculpar. Já estou bem apegado a ele. Só pensei que, já que você tirou essas..." Deuses, eu estava divagando.

"Não removido. Apenas escondido. Por enquanto, pelo menos." Ele me deu um sorriso forçado. "Precisamos ir logo. Você encontrará roupas limpas na sua cama. Já tem um banho pronto para você lá também. Vou me despedir da Wendy. Quando eu voltar, nós vamos."

Soltei Fisher, sabendo que não poderia dizer nada para fazer o clima voltar ao normal. No quarto — aquele em que eu deveria *ter* dormido —, molhei meu corpo dolorido e me deixei remoer tudo o que havia dito. Foi quando fiquei nua, pingando no tapete em frente ao espelho de corpo inteiro ornamentado na parede, que percebi o que havia causado a mudança no clima na cozinha. Bem ali, a poucos centímetros da tatuagem do pássaro, havia dois pequenos vergões vermelhos. Eles já estavam quase fechados.
Nem doeram.

Não, não posso voltar atrás . *E peço desculpas por isso.*

Ele não estava falando sobre a tatuagem do pássaro.

Ele estava falando sobre a marca de mordida na minha garganta.

É SÓ PERGUNTAR

• Bismuto. Cádmia. Cinábrio.
• Plumbagina. Cal. Calcita.
• Sal de estanho. Resina de cobre. Marcasita.

Resultado: Nenhuma reação.

Ao entrar na forja mais tarde naquela tarde, eu estava nos fundos, perto dos banhos-maria, jogando copos de vidro contra a encosta da montanha. Fiz uma cara nada caridosa, tentando expressar meu descontentamento com a presença dele com uma careta em vez de palavras. Se eu conhecesse Carrion, ele entenderia perfeitamente o que eu queria dizer e não se importaria nem um pouco com o fato de eu não estar feliz em vê-lo. Ele tirou uma lata do bolso de um casaco que parecia muito quente e acendeu uma cigarrilha para si mesmo. Ofereceu-me uma, mas balancei a cabeça e atirei outro copo na rocha.

Um cheiro forte e herbáceo impregnava o ar gélido. "O que estamos fazendo?", perguntou ele.

"Como é?" O copo que atirei dessa vez não subiu muito na face da rocha, mas mesmo assim explodiu em uma impressionante chuva de cacos de vidro.

"Posso
participar?"

Revirei os olhos.

"Ótimo." Agarrando a cigarrilha entre os dentes, Carniça escolheu um frasco grosso e de fundo redondo da caixa que eu havia arrastado para cá. Ele arremessou a coisa com toda a força, e ela fez um arco bem forte antes de voar para baixo e explodir contra as rochas. O estrondo resultante foi um dos melhores até agora. "Bem, foi muito bom", disse ele, soprando uma espessa nuvem de fumaça. "Quer me dizer *por que* estamos fazendo isso?" "Destruição", respondi.

Carniça assentiu, balançando a cabeça de um lado para o outro. "Um bom motivo. Eu gosto."

Peguei os dois bulbos de vidro menores de um velho alambique e enfiei um no peito de Carniça. "Cala a boca e joga."

Ele riu, mas me atendeu, lançando o copo pelo ar. Joguei o meu ao mesmo tempo, e as duas lâmpadas detonaram contra a rocha com um estrondo estrondoso.

"Presumo que você não teve sorte com seus testes hoje?" disse Carniça.

Deuses, ele não entendeu a indireta? Eu não estava a fim de discutir meus fracassos. Eu também tinha queimado o braço mais cedo, o que não estava ajudando em nada.

"Evidentemente que não. E aquele *maldito* mercúrio..."

“ Está com problemas para fazer essa coisa líquida e rolante?”

Não. Consigo alterar o estado dele sem problemas agora. Mal preciso pensar nisso. Só digo para virar líquido, e ele vira líquido. O problema é que ele está me zoando, porra.

Carniça bufou. " *Zombando* de você?"

"Sim! Ele ri toda vez que tento combinar algo novo com ele. Ele pega a prata pura, mas no momento em que coloco qualquer outra coisa ali, ele queima antes mesmo de tocar os metais. E ele *ri pra caramba!* " *"* Ele não pode ser senciente", disse ele, em dúvida.

"Ah, ho, ho, é mesmo. Você não diria isso se pudesse ouvir o que eu ouço."

Carniça assentiu, puxando a cigarrilha, com a cerejeira brilhante brilhando na ponta. "Já considerou a possibilidade de estar louco?"

"Sim, *na* verdade", respondi secamente. "Mas os livros de Fisher, lá em Cahlish, diziam que era comum os Alquimistas relatarem que conseguiam ouvir o mercúrio."

"Então talvez *todos* os Alquimistas sejam loucos. Talvez ter um parafuso solto seja apenas um pré-requisito para trabalhar com essa coisa."

Peguei outro frasco da caixa e o joguei, resmungando baixinho. "Olha, se você não vai ajudar, então estou meio ocupado aqui." "Ah, claro, com certeza. Dá para ver .*"*

Girei rapidamente, com um frasco novo sobre a cabeça, pronto para jogá-lo nele, mas ele ergueu as mãos em sinal de rendição. "Tudo bem, tudo bem. Desculpe. Admito que não vim aqui com o propósito de tentar ajudar, mas... você diz que não tem mais problemas em mudar o mercúrio de um estado para o outro? Porque você pede para ele mudar. Certo?"

"Certo."

“Então, você já pensou em simplesmente *pedir* para ele se fundir com a prata pura?”

"Psshhh! Não... não seja ridícula. Claro que não!"

"Por que não?"

"Isso seria simplista demais, Carniça. Não posso simplesmente *pedir* que se torne uma relíquia."

“Parece-me que se você pode pedir para ser um líquido ou um sólido, você pode pedir para ser todo tipo de coisa”, disse ele, abrindo a gola do casaco.

Olhei para ele, com a irritação aumentando rapidamente. Não era Carrion Swift. Ele *não* seria o motivo pelo qual eu descobriria como realizar aquela tarefa. Ele nunca me deixaria esquecer. Mas era irritante que eu não tivesse considerado isso para mim mesma.

"Você vai experimentar?", perguntou ele, endireitando-se um pouco. "Posso assistir?"

Deuses, isso ia ser horrível. "Não posso tentar fazer uma relíquia de novo. Ainda não refinei a prata. Estava tirando um tempinho para fazer isso." Para *ficar de mau humor.* "Mas... tem um jeito de testar a teoria pela metade", eu disse. "E sim, você pode vir assistir. Mas só se prometer ficar de boca fechada e não atrapalhar."

Era fisicamente impossível para Carniça manter a boca fechada e não atrapalhar. Eu já sabia disso quando concordei em deixá-lo me seguir até a tenda dos mapas, então não fiquei muito surpreso quando ele falou durante toda a descida da montanha e também durante todo o acampamento. Ele estava tagarelando sobre um contrabandista de Zilvaren chamado Davey, que lhe devia dezessete notas quando chegamos à sala dos mapas.

Felizmente, o lugar estava deserto. Me ocorreu que eu poderia encontrar Danya ali, já que este era o único lugar onde eu a encontrara no acampamento até então, mas aparentemente o destino estava sorrindo para mim hoje, porque nem Ren estava à vista. Eu não queria plateia para isso. Carniça não contava, e ele já sabia o que eu ia fazer de qualquer maneira, tendo sido o responsável pela sugestão em primeiro lugar. Eu pareceria bem idiota se tentasse isso e falhasse, e preferia que nenhum dos feéricos testemunhasse isso em primeira mão.

"Escuro pra caralho aqui dentro", resmungou Carniça. Havia uma fogueira queimando na lareira sem ventilação, mas nenhuma das tochas nas paredes estava acesa. Ele pegou a primeira que encontrou e enfiou a ponta no fogo, depois deu a volta pela sala vazia, acendendo as outras. Não prestei atenção à sua tagarelice enquanto ele realizava a tarefa. Meu olhar estava fixo nos cacos de metal eriçados que se projetavam da parede de pedra.

Isso não vai funcionar. Por que funcionaria? Certamente alguém já tentou...

Dúvida após dúvida me atingiu, mas eu as deixei de lado. Eu não tinha nada a perder. E não me custava nada perguntar. Se nada acontecesse, ou se o mercúrio apenas risse de mim, então tudo bem. Eu voltaria à forja e refinaria a prata, e amanhã de manhã recomeçaria meus testes. Mas se desse certo...

Ela vem.

Ela vem.

Ela se aproxima.

O mercúrio não tinha falado da última vez que estive ali. Não assim. Fiquei parado ao lado dos cacos incrustados por um longo tempo, concentrando-me intensamente neles antes de detectar ao menos um leve sussurro vindo do metal. Agora, as vozes eram uma conversa apressada, baixa, sim, mas alta o suficiente para eu captar ao me aproximar da parede.

Ela vem.

Ela vê.

Ela ouve.

Estendi a mão, pressionando a ponta do indicador contra uma das lascas da espada. *Sim, eu vim. Eu te vejo. Eu ouço* , pensei.

Vozes explodiram na minha cabeça. Dezenas delas, falando, gritando, implorando, implorando, rindo, berrando. Engoli em seco, puxando a mão.

"Pareceu doloroso", disse Carniça, em tom de conversa. Ele ficou bem ao meu lado, segurando a tocha, com os cabelos ruivos tingidos de dourado-acobreado pelas chamas.

"Você pode se afastar um pouco?", perguntei. "Isso pode ser um pouco mais fácil sem você respirando direto no meu pescoço."

“Parece-me que você gostava que eu respirasse em seu ne—”

"Se você ousar terminar essa frase, pode ir esperar lá fora", eu respondi bruscamente.

"Isso é justo." Carniça deu um passo para trás, curvando-se graciosamente. "Mas, se parecer que sua mente está sendo sugada para fora do seu corpo, ou se você estiver com uma dor excruciante e não conseguir se livrar dos espinhos assassinos da espada de mercúrio, faça isso

"Tenho sua permissão para te derrubar no chão?" Isso

realmente parecia um plano prudente. "Tem sim."

"Excelente."

Preparei-me para o rugido das vozes, tocando cuidadosamente um dos cacos novamente, mas desta vez só havia silêncio. Teria eu imaginado os

gritos e os pedidos? Não parecia plausível. Voltei ao caco original que havia tocado, preparado para o ataque de barulho novamente, por precaução, mas só havia o silêncio ecoante.

Olá? Pensei. *Você está aqui?*

A resposta foi instantânea.

Onde é aqui...

Aqui...

Aqui...

Aqui... Aqui...

As vozes vinham da esquerda e da direita, de trás e da frente. *Podemos estar em qualquer lugar*, ronronavam em uníssono.

Eles responderam à minha pergunta. *Responderam* mesmo? Eu não conseguia entender se as vozes dentro do mercúrio pertenciam a uma coisa ou a muitas, mas eu não tinha vindo para decifrar isso. *Você consegue sair da pedra?*, perguntei.

Fora?

Fora?

Fora?

Por quêeeeeee?

As vozes zumbiam como moscas zumbindo.

Porque o guerreiro que te dominou está bravo comigo. E eu quero te reconstruir.

Isso era bizarro. Eu nunca tinha tido uma conversa bidirecional com o mercúrio antes. Nem tinha pensado em tentar, o que talvez fosse tolice, já que ele frequentemente não se calava.

Controlado?

Controlado?

Nós não somos possuídos.

Claro como o dia, ouvi a raiva nas vozes em camadas. Eu deveria ter percebido que a linguagem possessiva talvez não tivesse caído bem, mas eu a disse naquele momento. A única saída era controlar os danos.

"Você está fazendo uma cara estranha", sussurrou Carniça em voz alta. "Você está falando com ele?"

"Sim, estou falando com ele. O que você acha que estou fazendo?"

"Não sei. Você parece constipado."

"Shh!" Fechei os olhos para poder bloqueá-lo. *A guerreira que te carregou, não a sua dona* , pensei. *Ela deseja te carregar novamente.*

A menos que você possa ser reconstruído, ela não pode fazer isso.

Os desejos humanos e das fadas não nos

dizem respeito... A nós... A nós...

Droga. Para ser sincero, a ideia de ser carregado por Danya também não me atraía muito, mas não imaginei que precisaria recorrer a táticas de barganha. Se o mercúrio fosse senciente, certamente desejaria alguma coisa. Qualquer pessoa capaz de sentir e pensar sempre desejava alguma coisa.

O que *te preocupa?*, perguntei.

O mercúrio não respondeu de imediato. Parecia estar pensando na pergunta. Após uma longa pausa, disse: *Música. Dêem-nos música, e obedeceremos.*

Música? Deuses e pecadores, para que diabos ele queria música?

Que tal isso? Deixe-me reforjar você, e eu mandarei alguém cantar uma música só para você.

Não tinha a mínima chance de isso dar certo. De jeito nenhum.

Uma música? Do começo ao fim? Para guardarmos?

Manter?

Manter?

Se houvesse uma maneira de guardar uma música, eu não sabia qual era, mas estava disposto a concordar com quase qualquer coisa naquele momento. *Sim, eu prometo. Uma música inteira para você guardar.*

E você nos forjará em uma lâmina poderosa, diferente de qualquer outra?

Sim. Se você permitir.

Nós aceitaremos...

Aceitar...

Aceitar...

Eu não queria forçar a sorte aqui, mas tinha mais uma coisa que eu queria saber. *E você concederá à lâmina que eu forjo magias que o portador possa usar?*

Um presente revogado! gritou o mercúrio. *Você pede o que não pode ser dado...*

“Saeris...”

"Quieto, Carniça", sibilei. "Eu te conto o que está acontecendo quando terminar." Eu deveria tê-lo deixado na forja. Ignorando-o, tentei um ângulo diferente com o mercúrio.

Não está em seu poder dá-lo?

Tudo está dentro. Parecia ofendido pela insinuação de que não era capaz de algo. *Mas não é merecido. Decidimos há muito tempo.*

Como você sabe? Como saber se um guerreiro não merece o presente? Você já avaliou o valor de cada guerreiro que deseja empunhar uma espada?

Eu estava andando numa corda bamba. Se eu não tomasse cuidado, o mercúrio iria se desligar completamente e se recusar a sequer se desprender da pedra. Mesmo agora, eu conseguia sentir que ele estava irritado com a minha insistência. Mas também conseguia sentir que ele estava intrigado.

Todos os guerreiros são iguais, concluiu após um longo momento. *Eles só querem matar.*

Isso não é verdade. A maioria dos guerreiros luta porque precisa. Para proteger e defender.

Improvável.

Como podemos mostrar o contrário?

Seguiu-se o mais longo silêncio até então. Trinta segundos se passaram, e depois um minuto. Outros três se passaram quando o mercúrio finalmente falou novamente. *Testemunharemos o sangue.*

O que... isso *significa?*

Seremos forjados de novo. Quando você cumprir sua parte do acordo, provaremos o sangue daquele que nos carregou. Se forem honrados, consideraremos permitir que as antigas magias fluam através de nós novamente.

Obrigado! Obrigado!

Não nos agradeça tão cedo. A tinta ainda não está lançada, Saeris Fane. Primeiro, você precisa nos restaurar e nos trazer uma canção digna de glória.

Ah, eu faço as duas coisas. Não se preocupe com isso. Levei um susto quando o pedaço de metal que eu tocava tremeu sob a ponta do meu dedo. Meus olhos se abriram de repente e observei, espantado, a fina e afiada lasca de metal emergir lentamente da pedra. Ela pairou no ar, tremendo, e então caiu no centro da minha palma.

“Puta *merda* ”, eu suspirei.

Um de cada vez, os outros pedaços da espada de Danya começaram a vibrar, soltando-se da parede. Finalmente olhei para Carniça, que estava encostado na mesa de mapas, jogando uma pequena pedra preta para o alto e a pegando. "Você está vendo isso, Veloz?", perguntei.

"Hmm? Ah, você descobriu. Legal. Você deu uma bronca nele?" Ele se afastou da mesa e foi observar enquanto mais de quinhentos pedaços de espada desconstruída começavam a cair no chão.

“Não, eu prometi algo que ele queria.”

"Ahh, suborno. Eu devia ter pensado nisso."

Ele se abaixou e ajudou a recolher os pedaços de metal. Tínhamos juntado uma pequena quantidade deles quando outra voz falou atrás de nós, e eu quase caí de bunda com o choque. "Se você deixar, acho que posso acelerar esse processo."

"Deuses vivos!" Virei-me, com o pulso pulsando em todos os lugares, e encontrei o guerreiro sentado em uma poltrona perto da lareira. "Podia ter me avisado que não estávamos mais sozinhos", sibilei para Carniça.

"Não me venha com essa de maldade. Eu tentei te dizer, e você me mandou ficar quieto. Você foi muito grosseiro."

— Eu não queria te assustar — disse Lorreth, levantando-se. — Desculpe. Atenção."

Carniça e eu nos recostamos enquanto centenas de pedaços brilhantes de metal subiam no ar novamente, desta vez cortesia de Lorreth, que usou sua magia para reunir todos os pedaços em um único feixe flutuante antes de gesticular para que caíssem em um pote de cerâmica sobre a lareira acima do fogo. Ele pegou o pote e o trouxe, entregando-o a mim com um sorriso satisfeito.

"Lá vamos nós. Calma."

Muitas coisas eram mais fáceis quando se tinha magia. Apertei o pote contra o peito, com o início da excitação correndo em minhas veias. Se eu conseguisse convencer o mercúrio a entrar nesse tipo de barganha, então os anéis seriam fáceis. E eu teria que fazer uma espada. Não uma adaga minúscula, mal capaz de causar um corte de papel. Uma espada de verdade.

Com um sorriso feroz, olhei para o guerreiro moreno. "Lorreth. Que coincidência. Eu estava prestes a te procurar."

29

BALADA DO PORTÃO DE AJUN

T mais quente que o quinto poço ardente do inferno. O suor escorria pelas minhas costas, encharcando minha camisa. Minhas calças grudavam nas pernas, mas roupas molhadas eram um pequeno preço a pagar pelo progresso, e, Deuses, como eu estava progredindo.

A espada de Danya fundia perfeitamente. O mercúrio não riu de mim enquanto eu trabalhava. Não se separou do aço e se recusou a se recompor. Pela primeira vez, permaneceu silencioso *e* cooperativo. Mas sua atenção era uma mão pousada no meu ombro. Estava curioso. Queria ver que tipo de arma eu criaria com ele e se eu seria capaz de cumprir minha parte do acordo.

Eu sonhava em criar algo assim há anos. Eu tinha tantos cadernos de esboços em Zilvaren cheios de desenhos que nunca consegui forjar por falta de materiais. Se o mercúrio quisesse ser transformado em uma arma que chamasse a atenção das pessoas, eu não iria decepcioná-lo. Havia áreas da fundição em que eu precisaria de ajuda, no entanto. Áreas com as quais eu não tinha muita experiência.

O sol estava se pondo quando saí da forja para a neve, procurando por Lorreth. Ele estava sentado em uma pedra perto da fogueira, arremessando uma adaga de arremesso em um tronco de árvore morto, já lascado até o esquecimento, cheio de marcas de lâmina. Carniça cozinhava algo em uma panela sobre o fogo, com a boca contraída em uma linha reta. Ele me viu e apontou para Lorreth, franzindo a testa. "Esses filhos da puta são todos trapaceiros."

Lorreth riu com vontade, estendendo a mão. A adaga que ele acabara de cravar no tronco da árvore se desprendeu e foi lançada para trás, atingindo sua palma com o cabo. "E *você* é um péssimo perdedor", disse ele.

"Ele me cobrou onze notas. É metade do meu dinheiro." "Você nem pode gastá-las aqui, Carniça", lembrei-o.

"Não é sobre isso. É sobre ser muito esperto. Fizemos uma aposta de cavalheiros. Deveríamos tentar acertar o alvo o máximo de vezes possível em sequência. A pessoa que tivesse a maior sequência ganhava." "E? Como ele te enganou?" Tentei não sorrir.

“E eu fiz a coisa certa e o deixei ir primeiro.”

"E?"

"E ele não errou nenhuma vez! Perguntei se ele já tinha jogado esse jogo antes, *e ele disse que não",* rosnou Carniça em tom acusatório.

"Eu nunca joguei antes." Lorreth girou o pulso, e a adaga disparou de sua palma, lançada no ar a uma velocidade feroz. O cabo da adaga tremeu quando a lâmina cravou no tronco da árvore. "Quando eu jogo essa coisa, não é uma brincadeira. Geralmente jogo na cabeça de um vampiro. Vale a pena não errar nessas *condições* ."

As bochechas de Carniça estavam manchadas de vermelho de irritação. "Como diabos eu ia vencê-lo se ele é uma espécie de máquina de matar?"

Bufei. "Quantas vezes ele bateu na árvore?" Era cruel perguntar, mas era raro ver Carniça tão irritado, e, droga, eu ia aproveitar ao máximo.

"Não sei", ele retrucou. "Mais de cinquenta."

"Duzentos e dezessete", disse Lorreth. A faca se soltou do tronco, voltou para a mão de Lorreth, e ele a jogou novamente, tudo em um movimento fluido. "Duzentos e dezoito." Novamente, ele repetiu o processo, sem nem mesmo olhar para a árvore desta vez. "Duzentos e dezenove."

"Tudo bem, tudo bem, pode parar agora. De qualquer forma, eu já estou fazendo a maldita comida."

"Foi isso que você apostou com ele?", perguntei a Lorreth. "Que ele teria que cozinhar?"

O guerreiro deu de ombros. As pontas dos seus caninos mal estavam visíveis na penumbra quando ele sorriu. "Eu estava com fome."

"Trapaceiro", Carrion murmurou novamente, mexendo o conteúdo da panela que borbulhava no fogo.

"Ele não te enganou", eu disse. "Ele te fez provar do seu próprio veneno. Em quantas dessas apostas injustamente ponderadas e impossíveis de ganhar você permitiu que Hayden se envolvesse, hein?"

“Não é minha culpa se seu irmão é confiante demais quando se trata de jogos de cartas, Saeris.”

"E como você avaliaria seus níveis de confiança ao avaliar um guerreiro feérico puro-sangue de dois metros de altura, com centenas de anos de

experiência em matar coisas, e você pensou que seria melhor que ele no jogo de facas?"

"Ahhhh, danem-se vocês dois", resmungou Carniça, fazendo uma careta. "Se eu tivesse ido primeiro, não estaríamos tendo essa conversa. Eu ainda estaria batendo na porra da árvore."

Desta vez, quando o cabo da adaga pousou na mão de Lorreth, ele virou a arma e a segurou pela lâmina, oferecendo-a a Carniça com um brilho perverso nos olhos. "Com certeza, humano. Vai em frente."

Carniça ficou ainda mais vermelha. "Bem, agora é tarde demais. Eu já perdi, não é mesmo? Não adianta."

Lorreth balançou a cabeça. "Mau perdedor." "O pior", concordei.

" *Urgh!* Que tal a gente comer a comida que eu fiz e vocês dois ficarem quietos?"

" Não tenho tempo para comer. Só vim aqui para te perguntar uma coisa, Lorreth."

O guerreiro se virou na rocha, dando-me toda a atenção. "Pergunte à vontade."

"Você tem experiência em entalhar? Sabe, esculpir coisas em madeira?"

“Acontece que sim.”

"Seja mais específica nas suas perguntas, Sunshine. Ele provavelmente esculpe cada momento livre da vida. Ele provavelmente vence *competições de esculpir* ."

Revirei os olhos. "Não estou tentando vencê-lo numa aposta, Carniça. Quero que ele seja bom nisso."

A gargalhada estrondosa de Lorreth ecoou pela noite que se aproximava. "Nesse caso, sim. Sou mais do que bom. Sou excelente pra caralho."

Horas se passaram. Depois de polir o pedaço de metal recém-derramado que eu havia feito com os pedaços da espada de Danya, eu o aqueci, modelei e achatei. Então, quando a nova espada estava tomando forma, peguei um martelo e comecei a bater. Apliquei mais calor. Assim que o aço ficou branco e incandescente, eu o dobrei. Martelei. Modelei. Repetidamente. Não apenas uma vez. Mil vezes. Mais.

A tarde se transformou em noite. As nuvens se dissiparam e as estrelas apareceram, e eu não descansei. Meus braços estavam pesados como chumbo, os músculos das minhas costas gritavam cada vez que eu levantava o martelo, mas de alguma forma eu sabia que ainda não estava pronto. Justo quando pensei que tinha terminado e o aço suficientemente temperado, algo lá no fundo me disse: "Mais uma vez, Saeris Fane."

Lorreth trouxe a cabeça de lobo que esculpira em um pedaço de teixo por volta da uma da manhã. Era uma peça impressionante, extremamente detalhada e com proporções perfeitas. Exatamente como eu esperava, a fera rosnante tinha uma semelhança impressionante com a tatuagem de Fisher, assim como com o animal gravado na armadura usada pelos membros da Lupo Proelia.

Acompanhei o guerreiro pelas etapas da fabricação de um molde de fundição, e ele as seguiu sem reclamar, mesmo que exigissem que cavasse um buraco no chão congelado até encontrar argila e, em seguida, combinasse essa argila com uma pilha de esterco de cavalo com as próprias mãos. Ele se deliciou pressionando a cabeça de lobo que havia esculpido na argila e sentou-se impacientemente perto dos fornos de queima enquanto a pequena fogueira que acendeu lá dentro secava lentamente o molde para que não rachasse.

Por volta das quatro horas, quando eu já estava delirando de calor e exaustão, Carniça anunciou que ia dormir. Em vez de descer ao acampamento em busca de sua barraca, ele se esticou no chão do outro lado da forja, perto da porta, onde era um pouco mais fresco, enrolou o casaco, enfiou-o debaixo da cabeça e desmaiou imediatamente.

É hora de você descansar também, Osha.

Aquela voz. Deuses vivos. Me deu um pulo quando a ouvi em minha mente, embora eu *já estivesse* esperando por ela.

Só quando eu terminar, respondi. *Estou quase lá.*

Fisher estava perto. Eu podia inexplicavelmente senti-lo, sua presença próxima. Lançando um olhar rápido para a porta da forja, pensei conseguir distinguir sua forma, fundindo-se com as sombras que dançavam e saltavam ao redor do fogo.

Há quanto tempo você está aí?, perguntei.

Apenas algumas horas, veio sua resposta.

Por que você não entrou?

Houve uma longa pausa. E então ele disse: *Eu não sabia se você ia querer.*

Venha do frio, Martim-pescador.

Sim. Em breve. Acho que vou ficar aqui mais um pouco.

Não reagi quando ele entrou furtivamente mais tarde. Ele estava sentado em uma cadeira perto da janela, o luar se infiltrando em seus cabelos, sombras brincando em suas mãos e rosto enquanto me observava trabalhar. Ele e Lorreth conversavam baixinho, e eu martelava. Os dois estavam lá, ajudando quando eu despejava o aço para o cabo em forma de cabeça de lobo. Fisher assobiou quando quebramos o molde e ele viu o que Lorreth havia esculpido. Poucas palavras foram trocadas entre nós. Enquanto eu prendia a lâmina larga e chanfrada ao cabo e à guarda transversal, e envolvia o cabo com uma corda preta e dourada brilhante, uma tensão ofegante pairava no ar.

Então, finalmente, estava feito.

Quase desmaiei ali mesmo.

A espada era uma beleza. Inegável. Além do impressionante punho em forma de cabeça de lobo, o punho também era decorado com videiras rasteiras que se enrolavam ao redor do punho e da guarda, que eu mesmo conseguira disparar sem a ajuda de Lorreth. A lâmina em si ostentava uma onda ondulada que se estendia de ponta a ponta graças às inúmeras vezes em que fora dobrada. Eu havia passado a última hora gravando meticulosamente palavras bem no centro da lâmina. Palavras que, com sorte, seriam um bom presságio tanto para a arma quanto para o guerreiro que a empunhava, e um mau presságio para aqueles que se encontrassem em sua ponta afiada.

Pelas mãos dos justos, libertação dos mortos injustos.

"Incrível", disse Fisher, sem fôlego. Seus olhos encontraram os meus, e brilharam de espanto.

"Posso segurá-lo?", perguntou Lorreth esperançoso.

"Vá em frente."

Ele a ergueu, os olhos brilhando de reverência. Inexplicavelmente, minha garganta se fechou ao vê-lo segurando a arma. Ele passou o dedo pela lâmina, mal tocando o aço com a ponta dos dedos antes de sibilar, puxando a mão de volta. "Deuses, basta olhar para essa maldita coisa e ela corta." Ele enfiou o indicador na boca e o chupou.

Pela primeira vez desde que saímos da sala de mapas, o mercúrio falou, e sua voz não era mais fragmentada. Era *uma só* voz, forte e clara.

Chegou a hora. Dê-nos a nossa canção.

Lá fora, o céu estava iluminado com uma explosão de luz verde e rosa.

Fiquei sem fôlego ao vê-lo. "O que é isso?"

"A aurora", respondeu Fisher suavemente. "Uma bênção."

"Puta merda." Lorreth caiu de joelhos na neve, olhando para o céu, boquiaberto. "É... lindo. A aurora não é vista há... há..."

"Bem mais de mil anos", disse Fisher. "Está aí a noite toda. Eu ia dizer para vocês dois virem dar uma olhada, mas tive a sensação de que ainda estaria aqui quando terminassem."

Os olhos de Lorreth brilhavam intensamente enquanto ele observava as luzes verdes dançantes se transformarem em vermelhos e rosas, ondulando em ondas numa ampla faixa no horizonte. O guerreiro estava à beira das lágrimas, e eu tinha que admitir, eu também estava bem perto disso. Eu estava esgotado. Exausto, até. Mas eu ainda tinha energia para ficar de pé enquanto observava o céu, sabendo que estava testemunhando algo raro e notável.

A espada jazia no colo de Lorreth. Ele pousou a mão no cabo e, ainda completamente maravilhado com a beleza que iluminava os céus, começou a cantar.

> Para todos aqueles que ouvirão
> ou que não foram informados,
> sobre o dia em que o último
> dragão acordou e se ergueu do
> frio. Sobre o jovem guerreiro
> que veio velado em sombras e
> sangue para derrotar a criatura
> vil e salvar aqueles que podia.
>
> Do Rei Pescador e dos lobos
> em suas costas, que vinham
> uivando na noite, juntos, uma
> matilha.
> A geada abençoou a manhã.
> Os guerreiros enfrentaram seu
> destino. E assim começa nossa
> história,
> A Balada do Portão de Ajun.

Ao meu lado, Fisher ficou tenso. Os músculos do seu maxilar estalaram. Ele deixou a cabeça pender, seus olhos abandonando a aurora e encontrando o chão nevado e compactado sob seus pés, enquanto a voz poderosa de Lorreth fluía de verso em verso.

De volta à taverna, Lorreth alegou ter sido um cantor de talento mediano. Esta apresentação não era mediana. Sua voz estava cheia de fumaça e dor. O próprio ar parecia chorar enquanto ele fluía em seu lamento. A canção subia e descia, contando uma história trágica de probabilidades impossíveis e sacrifício heroico, quase todos os versos prestando homenagem a Kingfisher. O homem ao meu lado não moveu um músculo, mas estava odiando isso. Suas narinas se dilataram, as mãos tremiam ao lado do corpo, e a canção continuou, independentemente disso.

O dragão se mexeu,
O velho Omnamshacry
observava o mundo com
olhos negros e
enlouquecidos. Os bebedores
da noite lhe prometiam
morte e decadência. Que ele
se banquetearia com seus
inimigos e com a carne que
esfolasse.

Enquanto ele se levantava e
se juntava a eles na guerra,
contra as Fadas que
protegiam o minério sagrado
e abençoado. Com escamas
afiadas e brilhantes de ouro e
vermelho, o dragão
consentiu, e ordenou, que se
alimentasse.

As fadas em suas torres
permaneciam poderosas.
Ficou orgulhoso.
Mas logo eles se dispersaram e seu
medo foi gritado alto.
Asas escuras sombreavam a
montanha e bloqueavam o sol.

E o velho e louco 'Shacry', ele os viu correr.

Os lobos escalaram o cume com lâminas nas mãos. O dragão os viu chegando e sabia onde eles estariam. Então lá ele os encontrou, e lá eles se chocaram. E o Velho Louco 'Shacry cobriu a montanha de cinzas.

Seu fogo corria em rios. Derretia a neve. Não havia como escapar do fluxo ardente e incandescente. Com os dentes à mostra e pingando, o dragão aprisionou a Fada, rindo com crueldade sobre os guerreiros que mataria.

Mas os lobos mantiveram-se firmes, todos destemidos e corajosos, Determinado a mandar o Velho 'Shacry para o túmulo. O cântico soou rápido, então, para que todos os que estavam por perto pudessem ouvir. Um antigo grito de guerra que fortalecia os que estavam por perto.

Os lobos avançaram e, à frente da onda, vinha o orgulhoso Rei Pescador, carregando Nimerelle. O dragão viu sua coragem e foi tomado por uma fúria

jamais vista em mais de
uma era.
Mas o rei manteve a calma e ergueu
a espada, e os lobos mostraram sua
coragem diante do dragão e da
horda. Seus ouvidos ecoavam com o
grito do Martim-pescador, de que
aqueles que estavam com ele
poderiam cair, mas não morrer.

Pois o sacrifício deles foi
grande, assim como o custo.
Mas aqueles que salvaram
jamais se lembrariam dos
perdidos. Então escalaram o
grande dragão, o último de
seu nome. Fizeram isso por
Ajun, não por glória, nem por
fama.

E o dragão conhecia seu poder.
Começou a se gabar, mas o Rei
viu sua chance e enfiou aço em
sua garganta. O dragão tremeu
e começou a engasgar, sua
mandíbula maligna e fétida se
enchendo de fumaça negra.

Ele se debateu e berrou como o
velho Omnamshacry, mas o
ceifador o reivindicou e
ordenou que ele morresse. Os
Ajun estavam seguros.
A horda abandonou o portão.
E assim termina a balada do
rei e seus oito.

Quando a música finalmente chegou a um final doloroso e agridoce, Lorreth ofegou, seus olhos cheios de estrelas enquanto observava a aurora dançar no céu.

"É um *absurdo* que ele também saiba cantar." Carniça tinha acordado e estava parado à minha direita, braços cruzados sobre o peito, olhando para Lorreth com um olhar sinistro. " Mas *foi* legal. Uma bagunça, mas legal."

Fisher mudou de posição, ficando um pouco mais ereto e erguendo a cabeça. "Você acha que vai ser o suficiente?"

"Não sei. Acho que é melhor irmos buscar a Danya." Eu sabia que ela teria que ser chamada à forja em algum momento. Depois de tudo o que havíamos conquistado e feito, eu não estava animado com a perspectiva dela. vindo aqui e estragando esse momento especial, mas...

Nós tomamos uma decisão.

A coluna de Fisher se endireitou. A de Lorreth também. Será que *ambos* tinham acabado de ouvir o mercúrio falar? Fisher devia ter ouvido graças ao mercúrio dentro de seu próprio corpo, mas Lorreth não deveria ter conseguido.

"Por que vocês parecem que se borraram de medo juntos?", perguntou Carniça.

Aceitamos a canção como tributo. O acordo foi cumprido. Um acordo foi firmado.

"Mas... você disse que consideraria o sangue daquele que a empunharia!" Meu coração afundou no peito. "Danya—"

Nós consideramos , entoou o mercúrio, *o primeiro a sangrar em nossa lâmina.*

"Mas..."

Lorreth saltou. Estendeu a espada como se fosse uma cobra, recuando para atacá-lo. "Merda. Sou um idiota! Desculpa!", gritou. "Aqui! Pega!", estendeu a espada para Fisher, mas havia uma centelha de alegria nos olhos do outro homem.

"De jeito nenhum. Não vou tocar nessa coisa. Tem o seu nome escrito nela."

"Alguém se importaria de me dizer o que está acontecendo?" O tom ultraeducado de Carrion prometia violência se alguém não explicasse, e rápido.

" Basta olhar para essa coisa maldita e ela corta " , sussurrei. As palavras que Lorreth dissera, logo depois de passar os dedos pela espada e se cortar. *Ele* fora o primeiro a sangrar na arma recém-forjada. A espada julgara *seu* sangue.

O rosto de Lorreth ficou branco como cinza. "Eu não queria", disse ele. "Estou feliz com minhas adagas, juro. Eu *não* queria reivindicar a espada de Danya."

Não é a espada de Danya , sibilou o mercúrio. *Fomos reforjados. Somos novos neste lugar.* Você *não nos reivindica, Lorreth das Espirais Quebradas.* Nós *reivindicamos* você .

"Isso vai ser hilário", disse Fisher. Mas ele não estava rindo.

Lorreth também não. "Danya vai enlouquecer."

"Ela vai ter que superar isso. Ela não tem escolha. Você é membro da Lupo Proelia sem uma espada divina há quatrocentos anos. Vai ser a vez dela por um tempo."

A dúvida transparecia em cada linha do rosto de Lorreth, mas mesmo assim sua mão se fechou possessivamente em volta do punho da espada. Parecia *perfeita* em sua mão. Para mim, *era* a espada dele. "Você merece, Lorreth. Você esculpiu o lobo para o punho. Você ajudou a fundi-lo. E foi a sua canção que selou o acordo com o mercúrio."

Um lampejo de confusão percorreu o rosto de Lorreth. Kingfisher e Carniça pareciam igualmente perplexos com o que eu disse. "Minha *canção?* ", disse Lorreth. "Como assim, minha canção?"

"A música que você acabou de cantar. Sobre o Portão de Ajun? Sobre o dragão, Omnamshacry? Como Fisher esfaqueou o dragão pela garganta? Não... me lembra de nada?"

Fisher, Lorreth e Carrion me olharam como se eu estivesse bravo. "Sempre quis escrever uma música sobre o Portão de Ajun, mas nunca tive tempo", disse Lorreth.

"Não ouse", rosnou Fisher. "Está no passado. Deixe-o lá, onde ele pertence."

Nossa agora, sussurrou o mercúrio. *Nossa canção. Uma canção para guardarmos.*

Os outros não ouviram o mercúrio desta vez, eu percebi. *Era isso que você queria dizer? Que você o pegaria e ele desapareceria? Que ninguém se lembraria dele?*

Agora é nosso, repetiu o mercúrio.

Nosso.

Nosso.

Nosso.

Era uma pena que a canção de Lorreth tivesse sido arrancada do mundo, toda a memória dela apagada. Ela me comoveu de certa forma. Ela explicou tanta coisa. *Por que ainda consigo me lembrar dela?,* perguntei .

Nós nos lembramos, então o Alquimista se lembra.

Hum. Eu não sabia como me sentir em relação a isso. Ser a única pessoa viva a se lembrar da balada que Lorreth havia escrito sobre Fisher era um sacrilégio. Quantas outras coisas eu precisaria lembrar, que todos os outros teriam que esquecer, para criar todas aquelas relíquias? Havia mais pechinchas no horizonte, eu sabia. Milhares delas. Pequenos acordos a serem fechados. Como diabos eu conseguiria lidar com todas elas sem me meter em encrenca? Só de pensar nisso, comecei a suar frio. Deixei essas preocupações de lado, para me preocupar com elas depois.

E então? Você permitirá que esta espada canalize magia?, perguntei.

Esperei pela resposta do mercúrio. Tecnicamente, não importava se a espada não fosse capaz de canalizar magia. Eu havia criado aquela maldita coisa, o que era impressionante o suficiente, até para mim, e as chances eram altas de que eu conseguiria convencer o mercúrio a se unir aos anéis e se tornar relíquias. Se eu conseguisse, teria feito tudo o que havia concordado em fazer por Fisher. Mas havia também a questão do meu orgulho. Eu queria saber o que eu era capaz de realizar ali, trabalhando com um material tão fascinante e teimoso. Eu não conseguiria viver sem saber...

Segure-me com as duas mãos e me dê o nome de Lorreth das Agulhas Quebradas , disse o mercúrio.

Lorreth pareceu um pouco perplexo. *"Eu?",* disse em voz alta.

É um privilégio seu.

O guerreiro olhou para mim, em conflito. Aparentemente, era direito do ferreiro que forjara a lâmina batizá-la em Yyvelia, assim como em Zilvaren. Lorreth parecia tomado pela culpa. Eu, no entanto, não tive escrúpulos. A lâmina não estaria inteira ou completa sem Lorreth. "Continue", eu disse a ele. "Você ouviu. Dê-lhe o nome."

A determinação tomou conta das feições do guerreiro. Sua hesitação ainda transparecia, mas ele colocou as duas mãos no cabo e ergueu a lâmina, falando em voz alta e clara: "Eu te chamo Avisiéth. A Canção Não Cantada. Aurora da Redenção." Assim que ele terminou de falar, uma chama azul ondulou pela lâmina da espada, queimando runas no metal em seu rastro, junto com a inscrição que eu havia gravado ali. E então uma luz branca e brilhante irrompeu de Avisiéth. Ofuscante e poderosa, ela disparou direto

para o ar — um pilar de energia que transformou a noite em dia. O próprio chão sob nossos pés tremeu.

Fisher soltou um grito surpreendente, a alegria brilhando em seu rosto enquanto seguia a coluna de energia em direção aos céus. "Bafo de anjo, irmão!", gritou ele. " *Bafo de anjo, porra* !"

30

JURE ISSO

T em caos quando Fisher me acompanhou de volta à sua tenda. Quase todos tinham visto a coluna de hálito de anjo iluminando o céu antes do amanhecer. Aqueles que não tinham, disparavam perguntas para aqueles que tinham, e todos estavam tomados por um ar de excitação. Fisher aconselhou Lorreth a ir dormir até que ele viesse buscá-lo mais tarde naquela noite. Ele ainda parecia estupefato enquanto se dirigia para sua tenda, embalando Avisiéth como um bebê em seus braços. Carniça decidiu que não se daria ao trabalho de descer a colina e anunciou que iria dormir na forja.

Enquanto isso, eu não fazia ideia do que era o hálito de anjo ou como ele seria útil num campo de batalha. Eu estava tão dolorido que não conseguia pensar direito e, francamente, nem conseguia me lembrar do meu próprio nome. Desabei em uma cadeira assim que Fisher me colocou na barraca, mas ele balançou a cabeça, me puxando para fora dela novamente pelos pulsos. "Acho que não, Pequena Osha. Vamos. Aqui. Você vai dormir na cama."

"Com você?" Era um desafio. Eu já tinha parado de andar na ponta dos pés.

Fisher franziu a testa por um segundo. Ele pareceu frustrado, mas assentiu. "Preciso falar com o Ren primeiro. Mas sim. Vou dormir aqui. Com você."

"Tudo bem, então."

"Mas primeiro", ele fez uma careta, "você precisa de um banho." Eu não podia ficar ofendido.

Eu havia passado quinze horas trabalhando arduamente em uma forja escaldante e tinha o suor e metade da terra de Innìr sob as unhas como prova. Meu cabelo estava eriçado de suor — meus dedos ficaram presos nele quando tentei passar a mão. Eu só queria estar limpo, mas quando tentei me convencer a atravessar a tenda em direção à bela banheira de cobre com pés

de garra que Fisher conjurou com sua fumaça, percebi que minhas pernas não cooperavam. Eu nem tinha energia para falar.

Fisher me olhou de relance e me pegou nos braços. Ele poderia ter feito um comentário cortante para mim uma vez. *Viu, pequena Osha. Igualzinha à borboleta que te dei o nome. Tão fraca. Tão vulnerável* . Mas ele não disse nada enquanto me carregava até a banheira e me colocava cuidadosamente. Seus olhos percorreram minha pele com fogo enquanto ele me ajudava a tirar as roupas. Sibilei, sem conseguir levantar os braços acima da cabeça, e ele dispensou o processo completamente, minúsculas partículas de areia da meia-noite correndo pelo meu corpo e, prestativamente, despachando minhas roupas.

Mesmo depois de um longo dia de trabalho na forja de Elroy, eu nunca me senti tão nojento. Kingfisher olhou para mim como se eu fosse a coisa mais impressionante que ele já tivesse visto. Como se não visse a sujeira e o cansaço grudando em mim como uma segunda pele. Cabelos cor de meia-noite. Olhos verde-jade. Aquele maxilar forte. A boca carnuda que suavizava as linhas poderosamente masculinas de suas outras feições. As runas em seu pescoço pulsavam como um batimento cardíaco enquanto ele me levantava novamente e me abaixava delicadamente na banheira.

Suspirei de alívio instantâneo. A água estava na temperatura perfeita; o calor penetrava no meu corpo, aliviando a tensão nas articulações e desfazendo os nós nos músculos. Era simplesmente divino.

Fisher ajoelhou-se no chão, apoiando os antebraços na lateral da banheira de cobre. Ele me observava, com um olhar tão feroz que me despiu ainda mais do que eu já estava.

Exigiu um esforço absurdo, mas levantei a mão da água o suficiente para tocar a *dele* . Ele não se afastou. Levantando os dedos alguns centímetros, reposicionou-se, ajustando-se. Foi um micromovimento, na verdade. Sutil, mas com resultados significativos: as pontas dos dedos dele ficaram apoiadas sobre as minhas.

Nós nos beijamos, lambemos e transamos com força. Ele se esvaziou dentro de mim, rugindo enquanto gozava, mas esse pequeno contato intencional entre nós foi o mais íntimo que já tivemos. Eu me maravilhava com a visão dos nossos dedos se tocando, uma série de emoções competindo pela minha atenção.

Fisher apoiou o queixo nos antebraços e suspirou.

"O quê?", sussurrei.

Ele pensou por um momento, parecendo decidir se responderia à pergunta. Então disse: "Eu estava errado, sabe? Você *é* um bom ladrão."

“O que eu roubei?”

Mas ele deu um sorriso pequeno e triste, balançando a cabeça lentamente. "Durma um pouco. A água vai ficar quentinha. Volto assim que falar com Ren."

Acordei com mãos feitas para a violência ensaboando delicadamente meu couro cabeludo. Ninguém nunca tinha lavado meu cabelo antes. Era uma experiência que eu queria repetir várias vezes. Mas só com ele. Só com o Fisher.

Na segunda vez que acordei, ele estava me tirando da banheira. Sua magia zumbia sobre meu corpo nu, deixando-me seca em seus braços. Eu não queria roupas. Queria ficar nua, e queria que ele também estivesse nu, mas o short e a camisola azul-ardósia que ele magicamente criou do nada para mim eram macios como manteiga e muito bonitos, deixando minha pele *quase* nua. Os sons do acampamento de guerra lá fora desapareceram, deixando a barraca em um silêncio abençoado enquanto Fisher me colocava em sua cama e deitava logo atrás de mim.

Na terceira vez que acordei, estava escuro e meu estômago roncava alto o suficiente para acordar os mortos. O braço de Fisher estava jogado ao meu lado, uma de suas pernas entrelaçada na minha, o peso e o calor de seu corpo curvando-se ao meu redor me reconfortavam profundamente. Fiquei o mais imóvel que pude, pelo máximo de tempo possível, apreciando a escuridão silenciosa e o som suave da respiração de Kingfisher. Meia hora se passou. Eu precisaria me levantar e usar o banheiro logo, mas, por enquanto, eu queria ficar ali e absorver aquilo.

A guerra estava à porta. O amanhã era incerto. Que diabos, *hoje* era incerto, mas este pequeno momento era real. *Era* , caramba, e eu não queria deixá-lo passar. Tentei relaxar e saboreá-lo, mas um pensamento surgiu enquanto eu estava ali deitado. Um pensamento que não poderia ser ignorado.

Eu tinha feito uma espada alquimera. Eu. Um batedor de carteiras de Zilvaren. Eu tinha aprendido a argumentar com o mercúrio e feito um acordo com ele, e agora Lorreth tinha uma arma que canalizava vastas quantidades de energia. Alguns meses atrás, eu jamais teria imaginado que isso fosse

possível. Mas agora, muitas coisas pareciam possíveis. Tinha que valer a pena tentar, não é?

Cuidadosamente, estendi a mente, buscando o zumbido do mercúrio. Encontrei-o facilmente, e, deuses, era alto. Tão alto. Alto demais para pensar. Era com isso que Fisher lidava? A cada hora em que estava acordado?

Ano novo!

Ano novo!

Respirei fundo e fiz uma prece silenciosa aos deuses. *Alô?*

O canto parou.

Kingfisher se mexeu em seu sono, soltando um suspiro de angústia, mas não acordou. Mordi o lábio inferior, me preparando. Se eu fosse rápido, tudo isso poderia acabar em questão de instantes. Hesitante, estendi a mão novamente, expandindo os limites da minha mente até sentir o peso inquieto do mercúrio. Eu deveria ter me preparado para isso. Pensado no que eu queria dizer. Eu não tinha planejado isso, no entanto, e quantas oportunidades eu teria no futuro?

"Eu sou Saeris. Sou uma Alquimista. Eu—"

Sabemos quem ela é, sibilou o mercúrio. *Ela é o amanhecer. Ela é a lua. Ela é o céu. Ela é o oxigênio em nossos pulmões.*

"Eu..." Não sabia como responder. Por que diria isso? Eu era o amanhecer? O céu? *Oxigênio?* Balancei a cabeça — não havia tempo a perder com enigmas. "Quero que você saia da Fisher", respondi apressadamente.

"Deixá-lo?", perguntou o mercúrio com uma voz interrogativa.

"Sim. Deixe-o. Deixe o corpo dele. Quero que você saia de dentro dele. Faço um acordo com você..."

"Não podemos deixá-lo. Nós somos ele." Uma multidão de vozes se sobrepunha — um coro ecoante de vozes, trazendo notícias que eu não queria ouvir.

"Ele é Fae. Você é... você é..." Eu não fazia ideia do que era. Não mesmo. Que diabos eu deveria dizer? Eu precisava manter as coisas simples.

"Você é mercúrio. Não deveria se ligar a criaturas vivas."

“Nós nos ligamos com todos os tipos de armas.”

"Fisher não é uma arma! Ele é... Ele é um ser vivo, respirando..."

" *Arma",* disse o mercúrio. " *O melhor. Nós somos ele. Ele somos nós. Não podemos partir. Nós morreremos."*

"Você vai morrer? Ou o Martim-pescador?"

"Todos *nós",* enfatizou o mercúrio. *"Somos uma coisa só. Uma arma."*

Era ser ridículo ou teimoso, uma das duas coisas. E eu não estava no clima. " *Eu poderia te guiar para fora. Consigo sentir você dentro dele. Posso te colocar de volta com o outro mercúrio em Cahlish? Ou te forjar na lâmina mais impressionante que já existiu..."*

“Fomos forjados há centenas de anos. Não podemos ser desfeitos.”

"Você está machucando *ele."* Mesmo na minha cabeça, minha voz parecia embargada de emoção. *"Ele está sofrendo por sua causa."*

O mercúrio estava quieto. Eu podia sentir isso, pensando nisso. Mas não por muito tempo. " *Nós somos ele. Ele é nós. Todos nós sofremos, Alquimista. Não há nada a ser feito."*

"Então você vai continuar pressionando ele até ele ceder? Até ele morrer? Se você matá-lo, o que acontece?"

Então fazemos como todas as coisas moribundas fazem. Retornamos à terra, ao mar e ao céu. Dormimos. Evoluímos. Mudamos. Transcendemos.

"Você está roubando a vida dele", cuspi. *"Você não tem o direito de..."*

Demos *a ele a vida. Um menino. Apenas um menino. Ele era jovem quando entrou em nossa piscina. Não deveria ter sobrevivido. Mas ele era forte, e os grandes salões do universo ressoavam com seu propósito. Permitimos que ele vivesse para que pudesse cumprir esse propósito. Nos unimos a ele para que pudesse sobreviver.*

"E... não tem outro jeito? Para ele viver sem..."

"Esta tinta foi lançada há séculos. Aceitamos nosso destino, Alquimista. Todos *nós aceitamos."*

Percebi a implicação nas palavras do mercúrio. Ele queria que eu entendesse que Fisher havia concordado com isso de alguma forma. Que ele havia permitido que o mercúrio se ligasse a ele e sabia o que isso significaria. Mas eu não conseguia me conformar com isso. Por que ele teria feito um acordo que acabaria lhe custando a mente?

Meus olhos ardiam atrás das pálpebras. Eu não conseguia aceitar. Não aceitaria. Tinha que haver um jeito de convencer o mercúrio a deixar o corpo de Fisher por vontade própria. Se eu conseguisse convencer o mercúrio da espada de Danya a ser reforjado e a canalizar magia novamente, então certamente conseguiria encontrar algum acordo ou barganha que atraísse o mercúrio para fora do homem dormindo ao meu lado.

Sobressaltei-me quando algo roçou na minha bochecha. Meus olhos se abriram de repente e... ah. Afinal, Fisher *não estava* dormindo. Ótimo. Exatamente o que eu precisava. Se eu ia tentar negociar com o seu ardiloso coração, não queria que ele soubesse. Uma profunda tristeza irradiava dele

enquanto enxugava a lágrima que havia rolado pela ponta do meu nariz. "Imagino que não tenha sido como você esperava", sussurrou.

Funguei. "Você ouviu tudo?"

Ele balançou a cabeça levemente. "Só pedaços do que ele disse a você." Mas foi bem fácil entender o que você estava falando, com base nas respostas dele."

Droga. Eu devia ter guardado meus pensamentos para mim. Agora ele sabia que eu tinha ido bisbilhotar. Não foi a melhor sensação. Eu devia ter cuidado da minha vida.

Como se soubesse o que eu estava pensando, ele disse: "Eu estava esperando para ver se você tentaria arrancar isso de mim".

"Você não está bravo?"

Sua boca se curvou num sorriso ínfimo e triste. Fechando os olhos, ele suspirou. "Claro que não. Como posso ficar com raiva? Você queria ajudar. Mas agora você sabe. Não está só dentro de mim. É parte de mim. Sem isso, eu vou morrer de qualquer jeito. Então, é..."

Renfis irrompeu na tenda, vestido com armadura completa. Sua expressão era selvagem, o rosto sujo de terra. Sentei-me, agarrando os lençóis e apertando-os contra o peito, alerta e pronto. Conversa esquecida. Mercúrio esquecido. O fato de eu não estar usando muita coisa por baixo dos lençóis também foi esquecido. Ren praguejou entre dentes em feérico, desviando o olhar ao me ver. "Deuses. Desculpe. Pensei que você estivesse em Cahlish, Saeris. Sinto muito, de verdade, mas preciso dele."

Fisher se levantou e saiu da cama um segundo depois, um borrão sombrio percorrendo a tenda. Quando parou perto da estante, já estava vestido com sua armadura de couro preto, com a placa na garganta e a intenção assassina no olhar. "O que foi?", perguntou.

"A horda. Eles estão nas margens de novo", Ren interrompeu. "O inferno está se alastrando por aí."

"Porra." Do nada, o muro de silêncio que havia caído sobre a barraca quando Fisher me colocou na cama se estilhaçou, e o som do caos se abalou sobre nós. Gritos e berros. O estrondo de centenas de botas correndo pela lama que sugava. Comandos sendo berrados de um lado a outro do acampamento. E, sustentando tudo isso, o ritmo constante de martelos batendo no gelo espesso.

BOOM!

BOOM!

BOOM!

"Porra!", repetiu Fisher. Uma longa sombra negra e ondulante se estendeu em sua mão, transformando-se em Nimerelle. "Me desculp—"

"Não. Não precisa se desculpar. Ninguém se machucou. É uma demonstração simbólica. Quase mil deles. Mesmo assim, você deveria vir", Ren se apressou. "Te vejo no rio. Saeris, seria melhor se você ficasse aqui..."

"Não. Estou indo." Era isso. Final. Eu estava farto de me mandarem esperar, me mandarem ficar, me esconder onde fosse seguro. Eu não ia ficar ali, andando de um lado para o outro em uma barraca enquanto Fisher, meus amigos e o resto do acampamento de guerra inteiro enfrentavam os monstros de Malcolm. Simplesmente não ia acontecer. Saí da cama, sem me importar de ainda estar só de short e camisola. Fisher cuidou disso, pelo menos. Quando meus pés descalços tocaram o tapete, eu estava vestido com uma roupa de couro preta de combate e uma camisa preta de mangas compridas combinando.

Ren esperou uma resposta do amigo. "Fisher?"

Fisher me encarou . A arrogância severa que ele teria demonstrado uma ou duas semanas antes havia desaparecido, substituída pela cautela.

"A única maneira de eu ficar nesta tenda é se você me obrigar", eu disse com a voz trêmula. E lá estava. O momento em que ele oficialmente me conquistava ou me perdia. Se ele me ordenasse para ficar e tirasse minha vontade, não importava o quanto as coisas tivessem mudado entre nós. Nem importaria o quanto eu precisasse dele. Eu nunca mais falaria com ele. Nunca mais olharia para ele. Tudo isso acabaria antes mesmo de começar. Isso doeria, mas não tanto quanto a traição dele. Esperei, rezando aos deuses cujos nomes eu só recentemente aprendera, para que ele estivesse prestes a tomar a decisão certa.

Fisher engoliu em seco. "Você não vai para Cahlish?", perguntou baixinho.

"Não vou .″ Ser banido para Cahlish seria ainda pior. Tão distante que uma cadeia de montanhas inteira se interpusesse entre mim e a luta? Eu jamais o perdoaria. Não conseguiria, mesmo que tentasse.

Não faça isso, Fisher. Por favor. Não me mande embora, porra.

Ele cerrou os dentes. Tinha tomado uma decisão. Eu me preparei, esperando que um portal de sombra se unisse, mas... "Se você vier, ficará bem perto de mim?", perguntou ele.

Meus joelhos queriam ceder. Respondi rapidamente, antes que ele pudesse repensar. "Sim. Com certeza."

“E se eu disser para você ficar em algum lugar até o perigo passar?”

"Eu vou ficar."

“E se eu disser para você correr?”

"Eu vou correr."

Ele estreitou seus lindos olhos para mim. *"Jure."*

“ Uma promessa não me vincula da mesma forma que vincula você.”

Eu sei. Mas os humanos ainda fazem promessas uns aos outros, mesmo que possam ser quebradas, não é? Porque confiam que o outro honrará a sua palavra.

"Sim."

“Então jure, Pequena Osha, e eu confiarei em você.”

Uma onda de emoção ardente me atingiu no peito. Era *esse* o tipo de homem com quem eu queria estar. *"* Eu juro."

Kingfisher assentiu, aceitando minha promessa. "Então está bem. Que assim seja." Rapidamente, ele foi até o baú aos pés da cama e abriu a tampa, tirando um longo rolo de tecido. Eu o reconheci imediatamente. Era o embrulho que Fisher havia amarrado na sela de Aida quando fugimos do Palácio de Inverno. Os olhos de Ren se arregalaram quando Fisher o colocou na cama e desfiou as tiras de tecido, revelando a espada dentro.

Não uma espada qualquer. A espada que dera início a tudo aquilo. A que eu havia retirado da poça de mercúrio congelado no palácio de Madra. O punho de Solace cintilava à luz do fogo, agora prateado e brilhante, sem que a mancha da idade que embaçara seu fio fosse vista. Era uma arma de tirar o fôlego. Aquelas canções gentis sobre as quais se escreve. Seu punho era adornado com uma lua crescente, os chifres da lua crescente tão próximos que quase se tocavam, formando um círculo completo. A escrita em manuscrito fluía ao redor do punho, descia sobre a guarda transversal e se espalhava pelo fio da lâmina, escrita em Antigo Fae.

Fisher se virou e estendeu a espada para mim. "Os ossos do meu pai repousam em algum lugar em Zilvaren. A espada dele passou os últimos milênios lá, o que..." Ele fez uma pausa, examinando a espada. "O que a torna mais Zilvaren do que Yveliana agora, eu acho."

O ar estava em chamas, quente demais para respirar. Fisher desenganchou uma bainha de couro da parede da tenda e a tirou, deslizando Solace para dentro dela. Sem palavras, levantei os braços enquanto ele enrolava o cinto da bainha em volta da minha cintura. Suas mãos trabalhavam habilmente, ajustando o cinto para caber na minha cintura muito mais estreita, e tive que me conter para não cair no choro.

A espada do pai dele?

Ren ficou parado, braços cruzados sobre o peito, observando. Nossos olhares se encontraram, e a preocupação cresceu em minhas costelas. Será que eu encontraria julgamento em seu rosto? Raiva por uma valiosa herança feérica ter passado para as mãos de um humano? Claro que não. A expressão de Ren era de profunda satisfação. Parecia dizer:

— *Ótimo. Finalmente. É assim que sempre foi destinado, Saeris Fane.*

— Fisher se endireitou e me encarou. — Certo. Você está pronta?

— Sim. — Meu coração batia como uma mula contra as costelas, e ainda assim eu me sentia firme com o peso da espada no quadril.

“Seja implacável e impiedoso diante dos mortos perversos”, disse Fisher.

Ren pôs a mão firme em meu ombro. "E se você encontrar alma separada da carne, peça uma bebida para nós na primeira taverna que encontrar na vida após a morte. Pagaremos a conta quando chegarmos lá."

31

O DROGA

L com suas garras cortando o céu noturno. A chuva nos castigava, torrencial e congelante, enquanto corríamos ao longo da linha oeste do acampamento de guerra. Ren e Fisher eram fantasmas sombrios, borrando o caos, disparando direto através de fogueiras já apagadas e contornando grupos de guerreiros que tentavam rolar pedras enormes em direção à margem congelada do rio. Fisher ficou para trás, esperando por mim, mas eu estava logo atrás deles, seguindo-os em disparada.

Do outro lado do Darn, uma fila de vampiros vorazes estalava e rosnava na beira do gelo. Eu conseguia distinguir seus dentes quebrados e línguas destruídas mesmo através da cortina de chuva forte. A noite estava um pouco mais quente do que desde que chegara a Irrìn, e o cheiro que flutuava sobre o rio — carne podre e o odor fétido de sangue metálico — me fez engasgar. Passei a respirar pela boca, mal conseguindo conter o estômago.

Fisher e Ren pararam abruptamente em uma curva fechada do rio, onde as margens nevadas eram mais próximas e formavam um estreito gargalo. Apenas quinze metros separavam Irrìn de Sanasroth ali. Não seria preciso muito para que os alimentadores fizessem a travessia.

O pânico vivia e respirava em minhas veias, multiplicando-se a cada segundo, mas eu o contive com força, recusando-me a sucumbir a ele. "Por que não há tantos deles aqui?", ofeguei. Havia vampiros nas margens opostas, sim, mas nem de longe tantos quanto mais abaixo, onde o rio era mais largo.

"A água ainda corre sob o gelo. A correnteza é mais forte aqui, à medida que passa por este canal. Isso significa que o gelo está mais fino", disse Fisher.

“Mais perigoso de atravessar.”

“E eles sabem disso?” perguntei incrédula.

"Não de forma inteligente", respondeu Ren. "Vampiros não conseguem atravessar água corrente. Eles sentem a correnteza aqui e ficam com medo. Mas, inevitavelmente, um deles ousa pisar no gelo. Então os outros o seguem."

"Quando chegarem, estaremos aqui para garantir que não consigam atravessar." Fisher lançou um olhar furioso para o bando de vampiros, que se empurravam na margem oposta. Seus olhos estavam distantes, sua expressão, preocupada. "Ele não veio desta vez", murmurou.

Não precisava perguntar a quem ele se referia. Ren e eu já sabíamos que ele se referia a Malcolm. O rei dos vampiros, de cabelos prateados, não estava à vista. Naquela noite, ele enviara seus servos para fazer o trabalho sujo e não se dignara a sair. Eu não me arrependi. A visão de Malcolm, parado do outro lado do rio, me atingiu com um medo que ainda me fazia tremer os ossos. Ele não era mais alto do que um homem feérico comum. Na verdade, era mais magro do que a maioria dos guerreiros ali no acampamento. Mas a sensação de poder que ele emanava era impressionante; eu a sentia me empurrando e puxando, procurando meus pontos fracos, como se quisesse me forçar a me ajoelhar em súplica. Se eu vivesse mais mil anos e nunca mais visse aquele homem de rosto morto, ainda seria cedo demais.

BUM! BUM!

BUM! BUM!

Como uma batida de coração em duas partes, o som dos martelos batendo no gelo espesso ecoava em meus ouvidos.

"Preparem-se", disse Fisher. A fumaça escapou de suas mãos, formando uma poça escura a seus pés. Ela se arrastou até a beira do rio, mas permaneceu ali, sem ir além.

Gritos se ergueram a leste — um rugido furioso de gritos de guerra. Examinei a massa de corpos se contorcendo em ambos os lados do Darn, terror e alívio se unindo em meu peito ao ver a primeira onda de vampiros correndo para o gelo ali, mas também os enormes quebra-gelos que haviam conseguido romper a superfície do rio congelado.

"Eles terminaram", observou Ren. "Acabou agora. Mais alguns golpes sólidos __"

Como se a multidão de vampiros mais próxima soubesse que aquela era sua última chance, um velho esfarrapado, com metade do maxilar caído, pisou ousadamente no gelo. Sua camisa estava em farrapos, grudada em seu corpo emaciado. Suas calças estavam puídas e imundas, penduradas em seus

quadris salientes. De um lado para o outro, seu maxilar se movia, seus lábios rachados e vazando um ichor negro.

Ele atravessou o rio arrastando os pés apodrecidos. A trinta metros de distância, de volta ao acampamento, o Darn se estilhaçou, o gelo rangendo ao ceder lugar ao martelo e ao machado. Vampiros mergulharam pelas fissuras cada vez maiores, afundando nas águas caudalosas abaixo.

Os mortos não nadavam. Nem flutuavam. Alguns dos alimentadores ávidos por sangue agarraram-se a pedaços de gelo, usando-os para se manterem acima da superfície da água, mas não adiantou. Os mais determinados entre eles seguraram por talvez dez segundos antes que suas mãos sem vida perdessem a tração e eles afundassem na superfície agitada da água.

O velho ancião que cruzava em nossa direção devia ter ossos ocos como os de um pássaro. O gelo se mantinha sob seus pés à medida que se aproximava, o que dava coragem aos seus companheiros. Uma mulher veio em seguida. Seu rosto era uma ruína, seus olhos sumiam, as bochechas estavam rasgadas em pedaços. Os ferimentos pareciam recentes, ainda rosados em alguns lugares. Um ou dois dias antes, ela estava viva. Usava um avental marrom desbotado com sangue velho na frente. Parecia os aventais que os cozinheiros usavam no Palácio de Inverno. Teria ela trabalhado em alguma bela propriedade em algum lugar? Teria saído por um momento para escapar do calor da cozinha, para vislumbrar uma ou duas estrelas no céu noturno? Teria algum pesadelo terrível surgido das sombras e rasgado seu rosto em pedaços enquanto se alimentava?

Um menino, ao lado, nu e magro.

Uma mulher com mãos enegrecidas e cachos escuros e encaracolados, arrastando uma boneca sem vida atrás de si. Meu estômago embrulhou quando percebi que não era uma boneca. Que era um bebê, perfurado com centenas de marcas de dentes, como se fosse uma almofada de alfinetes.

"Deuses e Pecadores", sussurrei. "O que *é* isso?"

"Um inferno ambulante", respondeu Renfis, sombriamente. "Sempre chega."

Logo, havia pelo menos vinte vampiros no gelo. Os outros mantiveram suas posições na margem, recusando-se a se aproximar, ou muito sobrecarregados pela sensação da água correndo por perto ou contidos por algum outro comando silencioso. Mas os vinte no gelo eram motivo de preocupação.

“Eles estão quase na metade”, Ren murmurou.

"No momento em que eles atravessarem, eu vou cortar a porra das cabeças deles", rosnou Fisher.

A chuva caía com mais força, açoitando as barracas e apagando as fogueiras abandonadas no acampamento. Atingia nossa pele, encharcando nossas roupas e colando nossos cabelos ao couro cabeludo. Observei a aproximação lenta, mas determinada, dos vampiros e tive que perguntar: "Por que esperar? Por que não fazer isso agora?"

"Estamos sujeitos às regras da guerra", disse Fisher. "Não podemos usar magia para atacar ou afetar um inimigo até que ele tenha rompido nossa fronteira. E, de qualquer forma, nossa magia não funciona em solo sanasrothiano. A magia feérica precisa de luz e vida para sobreviver. E não há nada do lado deles do rio além de morte, escuridão e decadência. Nossas terras são divididas diretamente na linha central do Darn. Mas no segundo em que esses desgraçados cruzarem..."

Aconteceu exatamente como ele disse. O velho com o maxilar quebrado cambaleou além do ponto médio. Ren e Fisher agiram em uníssono, atraindo seu poder para si. O ar crepitava com energia. Meus dentes zumbiam com ela. Ambos os guerreiros se moviam com precisão letal. Ren puxou a mão para trás e lançou uma bola de luz branco-azulada no céu cinza-aço. Ao mesmo tempo, um vento forte e negro como tinta irrompeu das mãos estendidas de Fisher. O vento atingiu o vampiro no peito, uivando ao seu redor e queimando através dos restos de suas roupas, através de sua pele flácida, através dos ossos nus e amarelados de sua caixa torácica. O vampiro estalou, enfurecido pelo ataque, mas continuou avançando.

Mais um passo.

Dois.

O vento arrancou o que restava de seu maxilar...

...e então o orbe brilhante de Ren desabou sobre o rio. Explodiu em uma esfera de luz e calor que esmagou o gelo frágil de uma margem à outra. Os outros vampiros, que ainda estavam parados do lado Sanasroth do rio, gritaram e uivaram enquanto mergulhavam nas profundezas velozes abaixo e desapareciam de vista.

Em todo o rio, o gelo estava quebrado, o caminho intransitável. Em outras palavras, tudo estava seguro.

Uma aclamação se elevou entre as Fadas Yvelianas, obscenas e cheias de desprezo. Quantas vezes elas haviam ficado naquela margem e enviado as feras de Malcolm de volta para Ammontraíeth com suas caudas podres entre as pernas?

Innìr era um ouroboros — uma cobra que se alimentava do próprio rabo. Seu propósito jamais seria cumprido. Sempre haveria outra noite, e o gelo sempre congelaria, e sempre seria necessário um batalhão de guerreiros ali para manter a horda sob controle e estar pronto caso um dia conseguissem fazer a travessia. Pensar nisso era exaustivo. Alguns desses guerreiros estavam ali há décadas, realizando a mesma tarefa a cada maldita noite dos deuses. Tanto tempo que deram *nome* ao lugar. Construíram casas aqui. Tiveram famílias, pelo amor de Deus. Porque, sem entes queridos por perto e algum senso de normalidade imaginária, que tipo de vida era aquela? Sem a ajuda de Belikon...

"A costa! Olhem para a costa!" O grito era cheio de terror. Ele interrompeu meus pensamentos imediatamente. Kingfisher se virou, encarando o acampamento, o rosto pálido como a neve, o mercúrio em seus olhos formando padrões mutáveis enquanto ele desviava o olhar da margem do rio, procurando a causa do alarme.

Ele encontrou antes de mim. Renfis também. Ambos ficaram tensos, e um suspiro de consternação escapou dos lábios de Ren. "O quê? Não... *não pode* ser. Isso não é... possível."

Mas eu conseguia ver agora. Entre as pedras geladas e a lama revolvida, havia algo rastejando para fora do rio. E tinha dentes afiados como lâminas de barbear.

"Violação! Violação! Violação!" O aviso se espalhou como fogo em palha.

"Vá. Eu fico com ela", disse Ren a Fisher.

"É aqui que você cumpre sua promessa e fica aqui, Osha", disse Fisher. Num piscar de olhos, ele se tornou algo selvagem. Sua pele emitia um brilho pálido e sinistro, suas ondas escuras balançando em um vento invisível. Ele nunca me pareceu muito humano, mas agora, equilibrando-se à beira do perigo, ele era indescritivelmente feérico.

"Eu fico. Eu prometo." Um estrondo de trovão abafou minhas palavras, mas Fisher assentiu, seus olhos se demorando nos meus por meio segundo, e então ele se foi.

"Há mais! Mais cruzamentos!", gritou uma guerreira.

De fato, os vampiros que haviam permanecido na margem agora escorregavam pela neve suja e caíam no rio. Observei-os sendo arrastados pela correnteza em grupos de dois ou três, agarrando-se cegamente uns aos outros, tentando alcançar a outra margem. Mas havia aqueles que desapareciam sob a superfície da água e não ressurgiam. Observei,

horrorizado, enquanto mais e mais vampiros começavam a rastejar para fora da água. "Preparem-se", disse Ren, tenso. "Vamos cumprimentar os filhos da puta com aço." *E nós...* sussurrou uma voz animada. *Nós também! E nós!*

Consolo. A lâmina com o punho em forma de lua crescente era uma espada divina, afinal. É claro que continha mercúrio. E estava acordada. Viva. Ouvindo. Falando. Falando *comigo* ...

Não havia tempo para se maravilhar com isso. Havia três vampiros saindo da água, e eles não tinham sido retardados pelo nado gelado. O primeiro se sacudiu como um cachorro, arreganhou os dentes, nos avistou e *se moveu* . Com movimentos anormais e bruscos, o jovem nu galopou ribanceira acima de quatro, suas garras irregulares abrindo buracos na neve. Ren respondeu ao ataque com um lampejo de sua espada, mal se movendo enquanto girava sua lâmina e separava a cabeça da criatura de seus ombros.

O velho veio em seguida, embora não tão rapidamente. Ele estava em péssimo estado após a magia de Fisher e mal conseguiu correr enquanto vinha em nossa direção. Ren girou, cortando para cima, e decepou a mão com garras que o velho tentou atingi-lo. Enquanto ele estava desequilibrado, Ren brandiu sua lâmina pelo ar, cantando, e também arrancou sua cabeça.

Mais corpos emergiram do Darn. Muito mais do que os vinte que haviam entrado quando o gelo quebrou. Não fazia sentido. Ren os abateu tão rapidamente quanto emergiram da água, mas logo havia muitos para ele enfrentar sozinho. Ele lançou orbes para o ar, que desceram com uma força assustadora, detonando no segundo em que entraram em contato com a carne. Os alimentadores irromperam em chamas azul-claras, tropeçando uns nos outros, gritando, mas ainda assim vinham.

"Saeris! Encontrem Lorreth! Voltem para a forja!", berrou Renfis.

"Não!" Saquei Solace, e uma onda de calor subiu pelo meu braço. A sensação me pegou de surpresa. Dois segundos depois, eu estava ombro a ombro com Ren diante de sessenta vampiros rosnando.

Ren olhou para mim como se eu fosse a personificação da loucura. "Você *prometeu* a ele!", gritou.

Assentindo, levantei a espada. "Prometi que ficaria aqui. Se eu fugir para a escuridão sozinha, com certeza vou morrer. Ele sabia que eu teria mais chances se estivesse com você."

Não havia nada que ele pudesse fazer. Rangendo os dentes, Ren se contorceu, enfiando a espada no crânio de um vampiro tão desfigurado que eu nem conseguia dizer se era homem ou mulher. "Garota teimosa", rosnou ele. "Não ouse morrer sob minha supervisão, Saeris Fane! Fisher jamais me

perdoará se a única razão de sua vida for despedaçada no primeiro campo de batalha dela."

Espere um minuto. O que... oh, *porra!* Eu levantei Solace bem na hora. O vampiro que estava prestes a atacar minha garganta acertou a lâmina da arma bem na boca. Eu empurrei, seguindo o movimento, e arranquei o topo da cabeça da coisa amaldiçoada.

Caiu no chão, mas não terminou comigo. Um monte de carne destroçada e um fragmento de sua mandíbula inferior eram tudo o que restava de sua cabeça, mas aparentemente era o suficiente. Agarrou minhas pernas, as garras raspando meu couro, seus pés descalços chutando a neve. Grosso como piche, um ichor negro jorrou por todas as minhas botas.

"Tudo! Você precisa tirar a cabeça toda!", gritou Ren.

Tudo. Certo. Eu conseguiria. Respirei fundo e acalmei a mente. Meu treinamento assumiu o controle. Todas as horas intermináveis trancada no sótão com as amigas rebeldes da minha mãe, aprendendo a usar algo afiado. Como movimentar meu corpo. Como usar o próprio impulso do meu oponente contra ele. Como atacar e recuar, atacar e recuar, atacar e recuar. Como me desligar e me concentrar na tarefa em questão.

O maxilar inferior do vampiro e o que restava de seu tronco cerebral voaram para a lama, cortados em pedaços. O monstro caiu molemente no chão, desta vez. E eu comecei a trabalhar, porra.

Houve uma fração de segundo em que os vampiros ficaram lentos ao emergirem da água. Ren os abateu em bandos conforme subiam a margem, mas eu fui até a beira da água e comecei a esquartejá-los antes que pudessem se orientar.

Consolo zumbia em minhas mãos, enviando ondas de energia para os meus ombros a cada golpe. Afundei, apoiando meu peso nas pontas dos pés e nos quadris, e mergulhei fundo no fluxo da matança.

"Para trás, Saeris! Volta!" Ren tinha razão. Havia muitos deles chegando à costa ao mesmo tempo. Dancei para trás, com passos leves, e me posicionei ao lado dele. "Eu vou feri-los. Você acaba com eles", rosnou ele.

Uma camada de fumaça preta varreu o rio, empurrando para trás muitos dos vampiros que tentavam subir nas margens. Se havia fumaça preta, isso significava que Fisher estava vivo em algum lugar por perto. O alívio percorreu meu sangue como um raio. Golpeei a bochecha de um vampiro com a ponta da minha espada, cravando-a no chão, depois arranquei a espada e decepei a cabeça da criatura vil bem a tempo de repetir o processo quando Ren enviou outro alimentador babando em minha direção.

O tempo passou mais devagar, e a coisa mais estranha aconteceu. Meu coração acelerou. Uma sensação de paz me invadiu. Aceitação e compreensão. O vampiro à esquerda contornou Ren e veio direto para mim. Ele estava se movendo rápido, eu sabia que sim, e ainda assim parecia que estava correndo em areia fofa. Ele se abaixaria e tentaria me derrubar no chão; eu já podia ver o plano de ataque irracional e animalesco fazendo seus joelhos se dobrarem e seus ombros se curvarem. As garras nas pontas dos dedos, afiadas como cacos de vidro, curvavam-se, tentando me alcançar, implorando para encontrar carne.

A resposta para isso era simples. Caí de joelhos e girei a lâmina em volta do meu rosto, sobre a minha cabeça, inclinei a lâmina *para cima* ... e pronto.

A cabeça do vampiro rolou para trás na margem e quicou ao atingir a pilha de corpos que começava a se formar ali, caindo no rio com um respingo. Ren parou, surpreso, com os olhos arregalados enquanto me observava. "O que foi *isso?",* sussurrou.

"Eu não sei. Eu só..." O resto da frase foi interrompido quando uma nuvem de fumaça preta me levantou do chão, e de repente eu estava nos braços de Fisher.

Seu rosto estava coberto de icor, e seus olhos estavam cheios de pânico.

"Você está bem?"

O que aconteceu? Você se machucou?

"Estou bem. Estou bem, juro."

A dúvida em seu rosto dizia que ele não acreditava em mim, mas desapareceu quando Ren o chamou: "Ela está arrasando , irmão. Ela usa Solace quase tão bem quanto seu pai."

Bem, talvez isso tenha sido um pouco exagerado. Mas era melhor do que o general dizer que eu era um fardo, e eu com certeza aceitaria *isso.* Fisher me olhou com algo que parecia muito com orgulho. "É mesmo?"

"Nos encontramos depois!", gritou Ren. "Estamos meio ocupados agora!"

Fisher voltou a ser profissional. Ele me colocou no chão e foi até Ren, sua magia fervendo em uma cortina de escuridão. No segundo em que sacou Nimerelle, eu soube que a luta havia acabado. Ren se movia com fluidez, contendo os vampiros restantes com facilidade, mas observar Fisher era outra coisa. Ele não brandiu a espada. Não a empunhou. A lâmina negra e manchada e o guerreiro eram um só. Ele *fluía.* Onde Nimerelle cortava o ar, deixando um rastro de fumaça, vampiros caíam como talos de trigo ceifado no rastro da espada.

Foi lindo e assustador de assistir. Kingfisher transformou a matança em uma forma de arte.

Eu ainda admirava a maneira como ele se movia, quando uma luz branca e brilhante açoitou o ar como um chicote na parte mais baixa da margem. Por uma fração de segundo, a noite se tornou dia. Fios crus e não filtrados de poder sondaram a borda do Cerco, buscando múltiplos alvos ao mesmo tempo, e gritos de surpresa ecoaram por toda a margem enquanto guerreiros em combate observavam seus oponentes explodirem em chamas como tochas.

Era Lorreth — Lorreth e o sopro angelical que Avisiéth lhe concedera — e vê-lo incendiou minha alma .

Fisher balançou Nimerelle uma última vez, cortando o pescoço de sua presa tão rápido que a cabeça da criatura levou um instante para tombar para trás, de cima dos ombros. Nosso trecho do rio estava finalmente livre de vampiros. Ele sorriu como um louco, os olhos brilhando, refletindo filamentos de luz branca enquanto se virava para observar a teia de aranha de poder saltando de um ponto a outro em meio à confusão, destruindo tudo o que tocava e transformando o exército de Malcolm em pilares de cinzas.

Fisher jogou a cabeça para trás e uivou. Ren se juntou a ele e, lentamente, por todo o acampamento encharcado de chuva, mais vozes se juntaram a eles. Todos lobos, cantando sua vitória.

Os gritos uivantes ainda ecoavam quando Fisher cravou Nimerelle de ponta a ponta na neve suja, colocou as mãos em concha em volta da boca e berrou tão alto que seu grito pareceu estremecer os céus. *"Lorreth das Agulhas Quebradas! Lorreth do Represo!"*

“Lorreth!”

“Lorreth!”

“Lorreth do Maldito!”

O nome foi repetido várias vezes; o som de cada guerreiro feérico no acampamento entoando o nome de Lorreth era tão poderoso que me fez doer o peito. Pela primeira vez em mil anos, uma espada divina encontrara um yveliano digno e lhe concedera magia para defender seu povo. Eu não era yveliano, e até *eu* estava atônito com a emoção crua que enchia o ar. Não havia palavras...

"MARTINHO-PESCADORRRR!" O grito estridente elevou-se acima dos gritos e gritos. Nem mesmo o estrondo furioso do trovão o abafou. *Era feminino.*

Nós três nos afastamos da celebração, procurando a voz. Não demorou muito para encontrá-la. Lá, do outro lado do rio, estava uma mulher com um vestido vermelho-rubi, seus cabelos loiros brilhantes esvoaçando atrás dela como uma bandeira dourada ao vento uivante.

Era Everlayne.

E ela estava ladeada por pelo menos cem vampiros.

32

TALADÁIO

RF xingou ao vê-la. Everlayne estava boquiaberta, um pânico silencioso estampado em seu belo rosto. Daquele ponto de observação, onde Yvelia e Sanasroth estavam mais próximos, o rio mais estreito, era fácil distinguir suas feições delicadas. Era fácil ver que ela estava apavorada. Um buraco negro se abriu atrás de Fisher. Ele estava a uma fração de segundo de se lançar através dele, mas Ren o agarrou pela alça da armadura. "Não seja idiota! O portão não abre daquele lado do rio. Só os deuses sabem para onde ele vai te cuspir!"

"Tudo bem, tudo bem." Fisher afastou a mão com um gesto. "Vou atravessar nadando."

Desta vez, Ren o agarrou com as duas mãos, sacudindo-o. "É isso que eles querem. No segundo em que você estiver do outro lado deste rio, você está ferrado."

Você não terá nenhuma magia, e depois o que?”

"Então eu vou arrancar a garganta deles e fazer uma pilha de seus corpos em decomposição", rosnou Fisher.

"Ela vai morrer antes que você consiga comer dez deles. Você consegue viver com isso?"

“Claro que não!”

"Então *pense*. Por que diabos eles têm a Layne lá? Por que ela *já não* está morta?"

Boa pergunta. Meu estômago revirou quando um dos vampiros ao lado de Everlayne passou a língua deformada por seu ombro nu, gemendo enquanto babava sobre sua pele. Queria morder. Demais. Mas se conteve. Tantos deles poderiam tê-la despedaçado em um segundo, mas algo os mantinha afastados. Outro vampiro achatou o focinho contra o braço de

Everlayne, estremecendo enquanto lutava contra sua natureza de se alimentar.

Ren gritou, o som estrangulado, e parecia que ele ignoraria as próprias palavras e se lançaria às cegas no rio. Foi a palma estendida de Layne que o deteve.

"Não! Fique onde está!", ela gritou.

“Você está ferido?”, gritou Fisher.

Sua meia-irmã sorriu tristemente. "Só um pouquinho. Vou ficar bem, Fisher. Não se preocupe." Ela parecia tão estranha. Sua pele pálida estava iluminada por dentro, emitindo um brilho etéreo. Seus cabelos esvoaçavam ao redor dela como se ela estivesse debaixo d'água, e ainda assim ela não estava molhada. Seus cabelos, sua pele, suas roupas — tudo seco. A chuva caía mais forte do que nunca, mas nem uma gota tocou Everlayne.

"Corra para o rio!", gritou Ren. "Nade! Assim que estiver na metade do caminho, podemos te pegar!"

Ela respondeu balançando a cabeça com pesar. “Eu nunca conseguiria, Renfis. E de qualquer forma... não posso.”

"Como assim, você não pode?" A pergunta era cheia de pânico.

Doce Everlayne. Ela tinha sido tão gentil comigo no Palácio de Inverno. Eu estava tão sobrecarregado com o meu novo ambiente que não conseguia apreciá-lo de verdade, mas ela tinha sido uma amiga para mim. Tinha cuidado de mim. E agora ela estava em perigo mortal, e não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la. Nada que qualquer um de nós pudesse fazer.

Fisher cerrou os dentes, com uma expressão de devastação no rosto. Ele sabia por que ela não podia vir. "O pescoço dela", sussurrou. "Olha o pescoço dela."

Na base do pescoço esguio de Layne brilhava uma fina faixa de ouro. Era uma coisa linda. Bonita. Parecia ter algum tipo de padrão gravado, embora eu não conseguisse distinguir os detalhes do desenho dali. Presa à faixa de metal, havia uma fina corrente de ouro. Quando a notei pendurada à sua frente, ela se esticou, e Everlayne se jogou para a esquerda, quase perdendo o equilíbrio.

Fisher sibilou quando a multidão de vampiros se abriu, e um homem alto e bonito, de pele luminosa e cabelo loiro curto, aproximou-se para ficar ao lado dela. Vestido com calças pretas e uma camisa branca sob medida, ele não estava equipado para a guerra; seu traje sugeria que aquela pequena excursão na chuva havia interrompido algum tipo de jantar. Mais jovem que Malcolm, ele era um pouco mais alto, um pouco mais largo e igualmente

perigoso. Eu podia sentir seu poder — um frio profundo e penetrante, que se espalhava pelo rio, penetrando em meus ossos.

"Muito bem, Fisher!", gritou o vampiro do outro lado do rio. "Vejo que você conseguiu restaurar uma de suas preciosas espadas. Parabéns. Tenho certeza de que isso é um grande feito."

Como se Lorreth tivesse levado o sarcasmo em sua voz para o lado pessoal, um lampejo de hálito angelical estalou no ar. Mais brilhante que o relâmpago que riscava as nuvens, queimou meus olhos ao atingir uma barreira invisível no meio do rio e ser instantaneamente desviado, disparando inofensivamente para o alto.

O vampiro nem piscou. Pelo jeito como sorriu, achou a cena muito divertida. "Por que você não vem aqui e cumprimenta um velho amigo, Fisher? Sua irmã e eu temos uma garrafa daquele tinto que você gosta de cheirar lá na sala de jantar. Por que não se junta a nós para uma taça?"

"Vai se foder, Taladaius", disparou Fisher. "Se você a machucou..."

"Ah, por favor. Você me conhece. Não tenho estômago para machucar as coisas com as quais *você* se importa. Meu pai, por outro lado..." Ele parou de falar, olhando pensativo para a corrente em sua mão. "Ele gosta de aumentar sua coleção. E como ele perdeu recentemente seu prêmio mais cobiçado, faz sentido que ele queira substituí-lo. Qual é, você devia esperar algo assim dele."

O ódio fervia nos olhos de Fisher. Mas também havia dor ali. Desta vez, ele falou baixinho, dirigindo-se a Everlayne. Eu conseguia ouvi-lo, mas por pouco. "Malcolm te mordeu?", perguntou, mantendo a voz calma.

Vi a boca de Everlayne se mexer, mas eu não tinha a bênção dos dons de Fisher. Eu não conseguia emitir a voz, e minha audição humana também não era nem de longe tão aguçada quanto a dele. Ela proferiu quatro ou cinco palavras, e o pequeno lampejo de esperança se apagou nos olhos de Fisher. Ren viu sua reação e se jogou no banco de neve, aterrissando pesadamente de joelhos, com as pernas se recusando a sustentá-lo.

"Então ele a mordeu. Ela não está morta!" Aproximei-me de Fisher e coloquei a mão em seu ombro. "Certamente ela vai ficar bem? Se houver veneno nas veias dela,
Te Léna pode curá-la como ela me curou."

Ren balançou a cabeça. Ele encarou Layne, e ela o encarou de volta. Seus ombros tremiam, seu peito subia e descia descompassadamente. Considerei uma pequena bênção não poder ouvi-la chorando por causa do rugido da

chuva batendo no rio. "Ela não pode voltar para casa agora", Ren sussurrou com a voz embargada. "Ela é dele."

Olhei de um lado para o outro, com o coração disparado. "Como assim, ela é *dele?"*

“Isso significa que ela está encantada por ele”, disse Fisher.

Meus olhos arderam ferozmente. "Encantar? O que... o que isso significa?"

"Depois, Oshazinha. Explico tudo depois." Fisher mal conseguia pronunciar as palavras em meio à sua dor.

Ren se forçou a se levantar. Gritando do outro lado do rio, suas mãos tremiam ao lado do corpo. "O que você quer, Taladaius? Por que a trouxe aqui?"

O vampiro loiro zombou de Ren. “Cuidado, Renfis. Eu sou o Senhor de Meia-noite para você. Não quero ser tratado com tanta familiaridade por alguém tão inferior... — Ele é um milhão de vezes mais macho do que você jamais será — sibilou Fisher. — Agora responda à porra da pergunta e nos diga por que ela está aqui!

"Por que você *acha?* ", respondeu Taladaius secamente. "Ele me pediu para trazê-la. Ela é uma armadilha. Ele quer te submeter à vontade dele, então ele tirou algo precioso de você e o quebrou. Você está chocado?" Ele não esperou pela resposta de Fisher. "Você virá e tentará salvá-la, mesmo que isso seja inútil, ou então virá por vingança. De qualquer forma, ele sabe que você virá. Ele não se importa com o porquê. Só que você se importa."

Vingança? Eu não gostava da ideia. Como diabos Everlayne tinha ido parar nas mãos de Malcolm, afinal? Eu tinha tantas outras perguntas, mas agora não era hora de fazê-las. Esperei para ver como Fisher responderia, mas seu queixo caiu, o mercúrio em seus olhos girando tão rápido que formou um anel sólido e brilhante ao redor de sua íris, e ele não disse nada. Parecia que estava esperando. Um momento depois, descobri o porquê. Sem fôlego, Lorreth deslizou encosta abaixo, juntando-se a nós. Assim como todos nós, ele estava coberto de icor e terra. Sua expressão carregava uma fúria que prometia acabar com mundos. Quando viu Taladaius parado do outro lado do rio, segurando a corrente de Everlayne como se ela fosse algum tipo de animal, seu rosto escureceu. "Filho da *puta!* "

“Boa noite, Lorreth.” Taladaius sorriu ameaçadoramente para o guerreiro.

"Porra. É..." Seu rosto empalideceu. "É a Everlayne?"

Fisher ficou paralisado, olhando para a irmã do outro lado do rio. Foi Ren quem respondeu: "Sim. É ela. Malcolm já a marcou."

"Mas..." Ele olhou ao redor, desvairado. "Mas isso é... aquilo..."

"Onde ele *está* ?", Fisher rosnou finalmente. Suas palavras eram baixas, dirigidas a Taladaius. O vampiro decidiu gritar a resposta com uma risada, para que todos pudessem ouvir.

“Ele está esperando por você , meu amigo!”

"Onde?"

"No lugar onde vocês dois negociaram o último negócio. Sinceramente, acho que ele espera repetir o feito."

"Não haverá mais acordos", rosnou Fisher.

— Acho que veremos isso, não é? — Taladaius considerou as unhas. — Sua querida Everlayne foi mordida há doze horas. Faça as contas. Neste momento, meu pai cavalga para o norte com a maior parte de sua horda. Se você não estiver lá para encontrá-lo quando ele chegar ao seu destino, ele cuidará para que ela sobreviva à transformação e passe o resto da eternidade de costas, sendo fodida até a morte pelos moradores mais depravados de Ammontraíeth, um... após o outro... após o outro. Ou você dá a ele o que ele quer. É simples assim.

"E o que diabos ele *quer?* ", perguntou Lorreth.

Fisher estremeceu, como se desejasse que o guerreiro nem tivesse perguntado. ″ Ele me quer", sussurrou.

O latido divertido de Taladaius foi tão áspero quanto gelo quebrando. "Sim, é verdade que você está na lista de desejos dele. Sempre, meu amigo. Mas ele não te quer só desta vez. Você pode ter sido um jogador valioso neste jogo antes, mas muita coisa mudou ultimamente. Há peças muito mais interessantes no tabuleiro."

“Ele não consegue mais ninguém.”

“Você, mais do que ninguém, sabe que Malcolm consegue o que quer”, Taladaius repreendeu: "Ele terá seu prêmio, e você sabe disso."

"BEM, ELE NÃO PODE TER ELA!" A declaração de Fisher ecoou pelo Darn; provavelmente podia ser ouvida nas entranhas de Ammontraíeth. O terror que emanava dele me atingiu como um tapa na cara. Senti-o profundamente. E... senti algo mais também. Taladaius. Sua atenção se voltou para mim, embora seus olhos escuros, transbordando de alegria, permanecessem fixos em Fisher.

"Você pode espernear e gritar o quanto quiser", disse ele. "Mas ele quer a Alquimista, Fisher. Se ele tiver que queimar Yvelia inteira para reivindicá-la, você sabe perfeitamente que ele fará isso."

33

SANGUE EM AGRADECIMENTOS

"Eu... nós deixamos ele simplesmente arrastá-la daquele jeito." Lorreth andava de um lado para o outro em frente à mesa de mapas, cerrando os punhos. Cada vez que se virava, batia em algo com a bainha de Avisiéth, claramente desacostumado a carregar a arma. "Devíamos ter *feito* alguma coisa, porra!"

"Como o quê?" Eu nunca tinha ouvido Ren soar tão derrotado. Ele estava sentado à cabeceira da mesa, roendo a unha do polegar. Desde que havíamos voltado para cá, entorpecidos e encharcados até os ossos, o general havia arquitetado uma série de planos, falando em voz alta para si mesmo, apenas para encontrar um obstáculo e começar tudo de novo. Agora, parecia que ele havia oficialmente desistido.

Fisher não dissera uma palavra desde que entrara e se sentara no assento à minha frente. Ele apenas me encarou, um mar de verde e prata grudado no meu rosto, os músculos da sua garganta se contraindo. Ser alvo de tanta atenção foi desconcertante no início, mas eu me acostumei com a situação na última hora e passei a encará-lo de volta, cutucando-o mentalmente, tentando convencê-lo a dizer alguma coisa.

Vamos lá. Fale comigo. Diga-me alguma coisa. Qualquer coisa, eu disse em silêncio. *Você não pode simplesmente se desligar.* Mas ainda assim, nem uma palavra. Claramente, ele achava que entrar em estado catatônico era um mecanismo de enfrentamento perfeitamente aceitável diante da situação.

"Tem que haver um jeito." Lorreth chutou com raiva a pilha de lenha cortada perto da fogueira. Um dos pedaços se estilhaçou e se desfez. Ele nem percebeu a bagunça que havia feito enquanto se virava, acertando a canela de

Ren com Avisiéth, e disparava em direção à saída. Logo antes de sair da tenda, ele se virou e marchou de volta. "Fisher, há milhares de textos na biblioteca em Cahlish. Deve haver algo em algum deles sobre isso. Seu pai estudou a maldição do sangue por décadas. Aposto que ele fez uma anotação sobre isso. Como purificar o sangue de um escravo. Como... como queimar o encantamento entre mestre e escravo antes que a conversão comece."

Fisher franziu a testa. Ele me encarou com mais intensidade.

"Fisher?", Lorreth cutucou.

"Ele não consegue te ouvir", disse Ren, cansado. Ele beliscou a ponta do nariz e se recostou na cadeira. "Dê um tempo a ele. Ele está pensando."

Será que havia alguma informação sobre isso em Cahlish? Perguntei a ele. Mas Fisher não deu sinal de ter me ouvido. Que merda. Se ele não ia me dar respostas, os outros dois homens teriam que me contar, porque meu cérebro estava prestes a implodir.

"Por que a mordida do Malcolm é tão diferente da dos outros vampiros?", perguntei, encarando Ren, desafiando-o a tentar ignorar a pergunta. Felizmente, ele respondeu.

Malcolm foi o primeiro a ser afetado pela maldição do sangue. O primeiro mesmo. Quando Rurik Daianthus, o último rei yveliano, descobriu a cura, Malcolm foi um dos poucos que escolheu permanecer vampiro. Ao longo dos séculos, os outros que aceitaram a maldição foram sistematicamente exterminados até que apenas Malcolm sobrevivesse. Correram boatos de que Malcolm ingeriu o poder deles de alguma forma. Ele tem milênios de idade, é imortal, nunca envelhece. A cada ano que sobrevive, cresce em força e capacidade. Seu veneno é potente além da imaginação. Quando um de seus senhores morde uma vítima, eles podem beber e saciar a sede sem matar. Se morderem o mesmo humano várias vezes, eventualmente ficam encantados—

"Ali. Essa palavra. O que significa?"

"A vítima se liga ao vampiro que a mordeu", disse Lorreth, intervindo. "Dedicando-se irrefletidamente às suas necessidades. Ela alimenta e transa com seu mestre sem pensar em si mesma. Inevitavelmente, seus mestres se entediam e a drenam, e então a vítima morre. Três dias depois, ela ressurge de onde quer que tenha sido descartada e se torna os alimentadores que você viu no rio."

"Mas Everlayne..." Não consegui dizer mais nada. A ideia daquele desgraçado cravando os dentes no pescoço dela me deu vontade de vomitar.

Malcolm só precisa morder uma vez para se tornar um escravo. Everlayne agora está completamente sob seu controle. Mesmo se invadíssemos Ammontraíeth e conseguíssemos libertá-la, ela não viria. Ela lutaria para poder ficar e agradar seu mestre. E em pouco menos de cinquenta e seis horas, ela vai morrer.

"Não diga isso! Não temos como ter certeza. Ele pode decidir não drená-la. Pode usá-la como moeda de troca para..."

O veneno de Malcolm é letal, Saeris. Basta uma gota. Ele não precisa drená-la para matá-la agora. O trabalho está feito. Só dois caminhos possíveis se abrem para Everlayne. Se Malcolm permitir que ela beba dele, e ela realmente o fizer, então ela retornará e se tornará algo como os Lordes de Malcolm. Se ela se recusar a beber de Malcolm, ou se ele recusar seu sangue a ela, então ela morrerá e retornará como uma alimentadora.

Uma parte de Fisher ouviu isso. Lá no fundo, ele registrou a informação, e ela destruiu a parede atrás da qual tentava se esconder. Ele se levantou da mesa, inalando profundamente, passando as mãos pelos cabelos.

"Bem-vindo de volta", Ren sussurrou.

Fisher estava prestes a dizer algo, mas a aba da tenda se abriu e Danya entrou, ainda vestida com a armadura da batalha. Seus olhos brilhavam de raiva. Ela rosnou, com os lábios entreabertos, mostrando os dentes, enquanto avançava pela tenda, direto para Lorreth.

"Danya...", Ren alertou. Mas era tarde demais. A guerreira havia recolhido o punho e o lançado contra o rosto de Lorreth. Ele a vira chegando. Ajustara a postura e cruzara os braços sobre o peito, mas não fizera nada para impedi-la de atingi-lo. Seu nariz explodiu em sangue quando o golpe acertou.

"Idiota! Me dá isso. Me dá a minha espada, porra." "Essa

espada não é mais sua, Danya", disse Fisher.

"Claro que não. Eu carrego essa arma há trezentos e treze anos! Eu a *conquistei* !"

"Seu pai a passou para você", corrigiu Fisher secamente. "A espada que você carregava foi desfeita e reforjada. Esta lâmina é nova. Ela *escolheu* Lorreth."

" É minha", Danya fervia. Todos nós a vimos se lançar sobre Avisiéth. Eu não poderia tê-la impedido de tomar uma atitude tão imprudente, mas Fisher, Ren e Lorreth poderiam. Nenhum deles conseguiu. Algumas lições tinham que ser aprendidas da maneira mais difícil. A espada que ela carregava já estava silenciosa quando lhe foi dada. Nem mesmo um eco de magia permanecera dentro dela. Ela provavelmente já ouvira histórias sobre

o que aconteceria a alguém se tocasse em uma espada divina que não lhe pertencesse, mas seu orgulho era tanto que ela realmente *acreditava* que a arma pendurada no quadril de Lorreth era dela. Ele a deixou pegá-la. No segundo em que sua mão se fechou em torno do punho, ela soltou um grito de gelar o sangue, e sua mão detonou em uma nuvem de névoa rosa. Uma onda de choque de luz branca ofuscante irrompeu do punho de Avisiéth, e Danya foi arremessada através da sala de mapas. Ela caiu sobre uma cadeira, reduzindo-a a gravetos em um instante.

"Meu Deus do céu", Ren proferiu. "Pegou *a mão dela."*

"Talvez ela pare de socar a cara das pessoas agora." Não havia um pingo de compaixão na voz de Fisher. Ele se aproximou e ficou de pé sobre Danya, com os olhos brilhando e frios como gelo. Enquanto isso, Danya acordou de um aparente desmaio e percebeu o que havia acontecido com sua mão. Sua mão *da espada* . Preparei-me para outro grito, mas ela conteve um soluço.

"Oh, deuses! Não. Não, não, não!"

" Há uma chance de crescer de novo. Se eu te levar de volta para Cahlish e te levar para um curandeiro, você para com essa besteira e se acalma?", perguntou Fisher.

Danya não merecia que sua mão voltasse a crescer. Seu teatro havia chegado a um ponto em que ela merecia viver com as consequências do seu temperamento horrível. Não foi um pensamento generoso da minha parte, mas eu já estava completamente farto da atitude dela. Ela tinha sido uma vadia desde que Kingfisher tinha aparecido no acampamento. Tínhamos coisas mais importantes com que nos preocupar do que uma guerreira petulante que tinha um ataque de raiva toda vez que aparecia naquela barraca de merda. Para a sorte dela, Fisher era mais complacente do que eu.

"Sim", gemeu Danya. Ela agarrou o cotoco sangrento que restava em seu pulso, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Eu vou. Eu... juro."

"Então é isso? Você está voltando para Cahlish?", perguntou Ren.

“Todos nós estamos. Três de nós cinco precisamos ver Te Léna. E aí vamos destruir aquela biblioteca até encontrarmos um jeito de ajudar Everlayne. Temos tempo. Não muito, mas algum. Precisamos usá-lo com sabedoria.”

Renfis estava branco como papel. Se não me engano, suas mãos tremiam de alívio em vez de ansiedade. Fisher havia assumido o controle da situação, o que significava que não era responsável por encontrar uma solução para aquela situação desastrosa. Ele abriu a boca, pronto para falar, mas Fisher chegou primeiro.

"Antes de podermos sair desta tenda, porém, há algo que precisamos fazer." Ele olhou para mim, decidido. "Nossa Alquimista enfrentou o inimigo esta noite e se manteve firme bravamente. Temos entre nós uma guerreira recém-formada." Oh, não.

Deuses.

Não.

Eu *não* queria que nenhum deles me olhasse daquele jeito. O orgulho silencioso de Fisher. A aprovação calorosa de Ren. O sorriso lupino de Lorreth. Em circunstâncias normais, talvez fosse bom ser reconhecido pelos alimentadores que eu havia derrubado, mas com a perspectiva de Everlayne tão sombria, eu não aguentava. "Não quero confusão", eu disse.

"Você não quer confusão?", Lorreth riu. "Não se trata de *você* , Saeris. Trata-se de reconhecermos um dos nossos e prestarmos o devido respeito. Você não tem nada a dizer sobre isso."

Olhei para Ren em busca de ajuda, mas ele deu de ombros, desculpando-se. "Desculpe. Ele tem razão."

"Olha, seja lá o *que* for, pode esperar. Estamos no meio de uma crise. Haverá tempo depois para... nem sei o que você está planejando fazer, mas pode esperar!"

Fisher não se convenceu do meu argumento. Nem um pouco. Ele se recostou na mesa, cruzando os braços. "Não deixamos coisas assim para depois. Estamos em guerra. Não há garantia de que algum de nós acorde amanhã. Celebramos nossas vitórias conforme elas vêm. E garantimos que nossos guerreiros reconheçam seu valor."

Lorreth foi o primeiro a se aproximar. Ele sacou Avisiéth e caiu de joelhos, passando a palma da mão pela lâmina. Um fio de sangue carmesim correu em seu rastro. Ele pressionou a mão contra meu peito, bem entre meus seios. O contato não foi sexual, mas Kingfisher ainda bufou um pouco. "Meu sangue em agradecimento, irmã", disse Lorreth suavemente.

Ele se levantou, ainda sorrindo para mim como um idiota, e saiu do caminho para que Renfis pudesse tomar seu lugar. O general caiu de joelhos, assentiu e cortou a própria mão com uma adaga, colocando-a sobre a marca sangrenta que Lorreth havia feito. "Foi uma honra lutar ao seu lado", disse ele. "Meu sangue em agradecimento, irmã."

Minhas bochechas ardiam, mil graus e subindo, quando Fisher silenciosamente se aproximou e se ajoelhou aos meus pés. Sua auréola de pelos escuros estava por toda parte, sua pele pálida à luz bruxuleante da tocha. Seus olhos, porém, estavam firmes. Eles me percorreram enquanto ele

retirava Nimerelle e fechava o punho em volta da borda dela. Quando colocou a mão no meu peito, bateu com o indicador e o dedo médio no meu esterno, no mesmo ritmo do meu coração acelerado. Com um sorriso muito cansado e triste, ele disse: "Eu te dou meu sangue em agradecimento, Saeris Fane."

34

UM SEGREDO

"H" veio primeiro. Depois "Oshellith", ou "Osha", disse com grande desdém. Depois " *Pequena* Osha", que a princípio fora uma zombaria, mas depois se transformou em um carinho.

Mas Fisher disse meu nome. *Finalmente.* E foi... estranho.

Lorreth esfregou os nós dos dedos para cima e para baixo no esterno, franzindo a testa. Ren riu baixinho, abaixando a cabeça. Danya disse algo em Velho Fae e cuspiu no chão, ainda segurando o toco fumegante na ponta do braço direito. Mas que se dane Danya. Danya era a pior. E eu? Fiquei ali parado como um idiota, sem saber o que fazer ou dizer, enquanto o choque afundava em meus ossos.

Fisher imediatamente se apressou, abrindo um portão de sombra. Passei primeiro e me vi transportado para a sala de jantar, onde havia encontrado os alimentadores pela primeira vez. Sentei-me à mesa, batendo as unhas impacientemente na madeira enquanto esperava pelos outros. Danya veio em seguida. Ela fez uma careta ao me ver. Sua grossa trança loira de guerra estava salpicada de sangue. "Bem, olhe para você. A pequena Alquimista esperta, sentada em um lugar de destaque à mesa da família. É melhor você se mexer antes que os outros cheguem, ou vai ficar *muito* envergonhada."

Eu estava sentado onde sempre me sentava, à direita da cadeira do Fisher. Mas o jeito como Danya zombou de mim me fez pensar que eu tinha cometido um erro social gravíssimo. Não era a primeira vez que alguém reagia ao me ver sentado ali. Primeiro, foram os espíritos do fogo. Archer explodiu em chamas ao me ver sentado naquele assento. Depois, lá estava Ren, engasgando com a comida. Olhei para o teto, recostando-me no assento.

"Qual é o problema? É só uma cadeira." Eu disse isso com um ar tão leviano. Se ela soubesse que eu estava realmente interessado na resposta, provavelmente não me contaria só para dificultar a situação.

Danya chutou as pernas da cadeira à minha frente, empurrando-a para trás para poder se sentar. "Esse assento é reservado para a dona da casa, sua idiota. A etiqueta determina que apenas a esposa do Fisher tem permissão para sentar lá. É uma posição de grande honra destinada a uma feérica nascida em uma das casas antigas, e você fica esparramada ali como se fosse dona do maldito assento. É ofensivo que ele deixe um humano sentar à mesma *mesa* que ele. Mas isso..." Ela acenou para mim com a mão restante. "Isso é demais. Como eu disse. Você deveria *se mudar*. "

Enquanto ela falava, Ren atravessou o portão giratório, carregando uma pilha de livros, bolsas de couro e seis ou sete pergaminhos longos e enrolados debaixo do braço. Danya deu um sorriso irônico, como se eu estivesse prestes a me dar mal e ela mal pudesse esperar para me ver me repreendendo. Mas Ren avaliou a cena, piscou para mim e disse: "Não se preocupe, Saeris. Você está perfeita onde está."

Danya ficou boquiaberta. "Que porra é essa? Vocês a tratam como uma emissária estrangeira importante. Ela é só uma humana. Que outras regras ela poderá quebrar?"

Eu não tinha ouvido Fisher passar pelo portão. Senti a presença dele, no entanto — um calor agradável no fundo da minha mente. O aroma da floresta me envolveu enquanto mãos fortes e tatuadas pousavam sobre meus ombros. "Nenhuma regra foi quebrada, Danya. E mesmo que tivessem, isso não seria da sua conta."

Horrorizada, a fêmea o observou, parada atrás de mim, com as mãos no meu corpo. "Você *não pode* estar falando sério, Fisher. Todos nós sabemos que você transou com ela. O acampamento inteiro sente o cheiro em vocês dois. Mas ela é *humana* ..."

"E?" Ren jogou tudo o que carregava no chão com um rosnado. "Ela é honrada e corajosa, sem mencionar a Alquimista mais poderosa já documentada. Ela te desarmou em meio segundo, se você se lembra. Quem diabos é você para dizer que ela e Fisher não combinam?"

Uau. *Pertencer* um ao outro? Atrás de mim, senti Fisher enrijecer. A qualquer momento, ele soltaria algum comentário mordaz, dizendo para não serem tão idiotas. Eu riria da dor do desprezo dele pela sugestão de Ren, e todos nós voltaríamos a nos preocupar com o assunto realmente importante em questão: Everlayne.

Mas Fisher disse, em um tom *muito* calmo: “Minha vida pessoal não está aberta para discussão pública”.

"Puta merda. Por que está tão *frio* aqui?" Carniça carregava uma espada e um vaso de planta debaixo do braço, ainda vestindo seu casaco grosso com a pele áspera sobre a gola larga.

"Encontrei-o na forja", disse Lorreth, passando pelo portão atrás dele. " *Ele ainda estava dormindo* ."

"Ei, não fala assim!" Swift lançou-lhe um olhar magoado. "Tivemos uma noite muito longa, sabe."

“Você dormiu durante uma batalha,”
Lorreth disse. "E eu tenho o sono muito
pesado!" "O que houve com a planta?",
perguntou Ren.

Carniça deu de ombros. "Não sei, gostei da aparência. Era a única coisa verde num raio de um quilômetro e meio em meio a todo aquele branco. Imaginei que merecia uma vida fácil, já que tinha chegado tão longe crescendo em um banco de neve. Além disso, minha barraca estava tão vazia. Precisava de um pouco de alegria."

"Puta merda. Isso é ridículo." Danya se levantou da cadeira. "Não posso passar mais um minuto aqui com humanos desmiolados. Só porque eles são... bonitos..." Ela cambaleou, com os olhos vidrados. Encolhendo o queixo, ela estendeu a mão para a beirada da mesa, mas seus dedos não encontraram nada além de ar.

“Lorreth?” Fisher disse calmamente.

"Porra, eu tenho que fazer isso?"

"Por favor?"

Lorreth resmungou enquanto atravessava a sala de jantar em quatro passadas largas e alcançou Danya bem na hora em que ela desmaiava. Ele não parecia satisfeito em segurar a mulher nos braços, e eu não podia culpá-lo.

"Ela perdeu muito sangue", suspirou Fisher. "Vamos. Vamos levá-la ao curandeiro."

"E nós?", perguntei. "Não podemos ficar aqui parados. Preciso fazer alguma coisa."

Fisher estendeu a mão para mim. Levantei a mão, apenas o suficiente para que ele pudesse prender a ponta do dedo indicador no meu por um segundo. "Vá para a forja. Comece a trabalhar nas relíquias. Faça o máximo que puder, Saeris. Tenho a sensação de que vamos precisar delas."

Ren saiu com os outros, dizendo que precisava verificar o terreno e avisar os guardas que estávamos ali. Assim que ficamos sozinhos, Carniça tirou o

casaco e apontou enfaticamente para a porta, atrás do feérico que acabara de sair por ela. "Você ouviu isso?", perguntou ele.

"O que?"

"Aquela loira gostosa disse que eu era bonita."

"Pelos deuses, Carniça. *Não* me diga que você tem uma queda pela Danya. Ela é horrível pra caramba."

"É." Ele me lançou um sorriso travesso. "Eu adoro garotas com língua afiada e atitude ruim. Meio que deixa meu pau duro."

A chuva parou, graças aos deuses.

Onyx fungou até a forja, com o focinho colado ao chão, seguindo um rastro; ele gritou quando me viu, todo o seu corpo se contorcendo de excitação. Passei meia hora dando-lhe carinho e petiscos do prato de comida que um tímido espírito do fogo nos entregou, e então ele alegremente saiu para o pátio para se sentar no escuro, sua cabecinha peluda inclinada em direção às estrelas. Já passava bem da meia-noite. Se fosse um dia normal, deveríamos estar pensando em ir para a cama, mas dormimos do amanhecer ao anoitecer, quando Ren veio nos contar que a horda estava no rio. E depois de lutar e acabar com tantos alimentadores, e depois da terrível notícia da captura de Everlayne, eu estava oficialmente acordado.

Ainda bem que eu tinha uma montanha de trabalho para me manter ocupado.

O pequeno orbe de mercúrio rolava no fundo do cadinho em um lânguido sentido anti-horário. Negociar com esse mercúrio se mostrara mais complicado do que quando eu forjei Avisiéth. Ele insistia que não queria nada — que não tinha interesse em ser uma relíquia. Estava entediado de eu cutucá-lo e provocá-lo, e não queria mais ser incomodado.

"Estamos perdendo tempo. E eu estou confuso. Você tem a capacidade de comandar a coisa para fazer o que você quer. Por que você simplesmente não a *força* a obedecer?", perguntou Carrion.

"Não estou forçando-o a fazer nada. Ele é senciente, Carniça. Ele tem mente própria. Ele pensa. Ele fala —" Eu realmente queria que não falasse, "—e não vou *obrigá* -lo a fazer algo que ele não quer fazer."

Carniça sabia do acordo que Fisher me fizera. Sabia como eu me sentia por ter sido despojado do meu livre-arbítrio. Era surpreendente que ele sequer

sugerisse isso. Ele arrancou um dos anéis feéricos do baú de madeira perto da lareira e o jogou no ar. Um clarão prateado brilhou em um arco enquanto girava. Distraidamente, disse: "Presumo que você perdoou nosso sequestrador benevolente por seus crimes, então? Vocês dois parecem muito próximos."

" Não estou falando do Fisher com *você."* Coloquei o cadinho no chão para atiçar as brasas na lareira.

"Por que não? Como você me lembrou com tanta veemência recentemente, nós não somos ex. Só dormimos juntos uma vez. Garanto que você não vai me magoar." Ele se encostou no banco, esperando.

"Não quero falar com você sobre ele, porque você vai usar tudo o que eu disser para me provocar. Vem aqui e aperta esses foles."

Ele pareceu ofendido. "O quê? Sou seu escravo agora?"

"Se você insiste em ficar aqui e me irritar, vai se tornar útil ao mesmo tempo. Essas são as regras."

Ele fez uma careta, mas mesmo assim veio, segurou as alças do fole e começou a bombeá-las. "Vamos. Vamos ficar presos aqui por horas. Pode me dizer. Não vou te provocar, prometo."

Bufei. As promessas de Carniça não valiam o papel em que estavam escritas. Ele era famoso por jurar coisas a torto e a direito e depois não honrar a palavra. Seria muita estupidez da minha parte esperar que ele cumprisse essa promessa... mas me vi começando a falar. "Eu o perdoei, suponho. Sim. Ele não me obrigou a fazer nada que me machucasse ou machucasse qualquer outra pessoa. Ele me obrigou porque achou que isso me manteria segura. E ele sabe o que vai acontecer se fizer isso de novo."

Isso certamente renderia um comentário sarcástico de Carniça. Mas não. Os cinco infernos deviam ter congelado. Ele apenas assentiu. "Sabe, eu achei estranho quando ele me subornou para tomar banho com aquelas botas. Pedi a um dos espíritos que veio me dar banho. Sabe, um dos espíritos da água com o gigante..." Ele imitou segurar um par de seios volumosos contra o próprio peito. "Perguntei a ela por que estavam tentando arrancar três camadas da minha pele com aquele musgo estranho, e disseram que era especial. Disseram que as fadas que gostavam de pular na cama gostavam porque erradicava os cheiros dos outros parceiros. Não conseguia imaginar por que Fisher se importaria se eu cheirasse como aquelas trigêmeas que acabaram de começar a trabalhar na Kala's—"

"Deuses, você é incorrigível."

Ele arqueou as sobrancelhas. "Mas aí eu percebi que era você. Ele não queria que eu cheirasse como *você.* "

Eu me abstive de comentar. Eu suspeitava que era por isso que Fisher tinha feito Carrion tomar aquele banho, mas eu nunca tinha dito isso em voz alta. Nem mesmo para encher o saco dele. Eu não sabia como isso me fazia sentir naquela época. E eu era covarde demais para admitir como isso me fazia sentir agora.

Fui e peguei o cadinho com uma pinça. A caminho da lareira, Carniça jogou o anel com o qual estava brincando no ar novamente, e eu o agarrei no meio do giro antes que ele pudesse, jogando-o na panela de ferro com o mercúrio.

"O quê? Você não tem nada a dizer sobre isso?", perguntou ele.

"Na verdade, não. Quem sabe por que ele fez isso. Talvez ele só tenha achado que você fedia."

"Ei!"

"Olha, o Fisher tem os seus segredos. Eu não meto o nariz onde..." *Um segredo...*

Parei de falar, inclinando a cabeça para o lado. Eu já tinha ouvido aquilo, né? O mercúrio *tinha* acabado de falar? "O quê?", perguntei em voz alta.

" Eu disse", começou Carniça, mas levei o dedo aos lábios, encarando-o, e apontei para o cadinho. Ele entendeu imediatamente e ficou quieto.

Um segredo, sussurrou o mercúrio. *Nós* gostamos de *segredos. Mudamos por você se nos contar um.*

Hum. Então era isso que esse mercúrio queria. Um segredo? Esse eu conseguiria. Eu tinha aprendido a lição depois de dar aquela canção para o mercúrio em Avisiéth, e ele tinha deixado de existir. Eu ia ser mais esperto dessa vez. "Se eu te contar um segredo, ainda vou me lembrar dele depois?", perguntei em voz alta.

"Claro", respondeu a voz.

"E ainda será um segredo?"

"Você saberá, e eu também. Mas eu não vou contar, eu juro."

Tudo bem. Então, não apagaria nenhuma informação da minha mente, nem a espalharia para que todos soubessem. Então não havia nada com que me preocupar, eu supunha. Não disse isso em voz alta desta vez. Falei apenas pelo mercúrio.

"Não quero mais voltar para Zilvaren. Pelo menos não para sempre. Quero ir para casa, buscar Hayden e Elroy e depois trazê-los de volta para Yyvelia."

Não era a fofoca mais brilhante e avassaladora que se possa imaginar. Mas admiti-la foi algo enorme para mim. Eu havia passado cada momento acordado naquele lugar lutando para voltar para casa e salvar meu irmão e meu amigo. Mas então descobri que eles não precisavam ser salvos. Não do jeito que eu imaginava. E fiz amigos ali. Amigos com quem eu me importava, que eu tinha a capacidade de ajudar a vencer uma guerra que havia tomado conta de suas vidas por centenas de anos.

E lá estava Fisher.

As coisas estavam incertas nesse aspecto. Talvez eu estivesse me enganando, e ele me descartaria depois de se divertir. Mas de qualquer forma... eu não queria deixá-lo.

O mercúrio ondulou no cadinho, padrões geométricos se formando e se reformando em sua superfície. Era lindo de se ver, mas estranho — eu nunca o tinha visto se comportar assim antes.

“Sim, um bom segredo. Muito bom. Você quer ficar. Você quer salvá-lo. Você precisa. Você precisa.”

Franzi a testa, observando atentamente o mercúrio vibrar ao lado do anel na tigela do cadinho. " *Salvá-lo?* ", pensei. " *Hayden? Sim, eu quero trazê-lo aqui."*

"Não o irmão. O Kinggfisshhherrrr", zumbiu o mercúrio. *"Salve-o. Salve os portões. Salve Yyvelia."*

"Eu simplesmente *adoro* quando você se perde em conversas tensas com um portal metálico assustador", brincou Carniça, erguendo-se para sentar no banco. "É fascinante ver você fazendo toda essa ginástica facial."

"Só um momento, Carniça", sussurrei. Então, para o mercúrio, disse: " *Como assim, salvar o Martim-pescador? Ele está aqui. Ele está bem."*

Observei o mercúrio rolar sobre o anel, envolvendo sua superfície, revestindo-o e afundando-se dentro dele. Ele dizia: " *Somos um símbolo. Chave. Relíquia. Escudo."* As palavras se sobrepunham como camadas de tecido, uma sobre a outra, mas eu ainda ouvia cada uma perfeitamente. " *Selenos com sangue, Alquimista* ", exigia a relíquia.

Sangue. No final, sempre acabava em sangue. Suspirando, peguei a adaga que Fisher me dera no Palácio de Inverno e a usei para furar a ponta do meu dedo indicador. Uma pequena gota de sangue vermelho e brilhante jorrou ali.

"Urgh, acho que vou vomitar", gemeu Carniça, olhando para o teto. " *Não sou* bom com sangue."

Revirei os olhos, apertando o dedo e segurando-o sobre o cadinho. A pequena conta formou uma lágrima, oscilando, e então caiu, atingindo o anel.

Uma loucura. Meu sangue não escorreu do anel. Foi absorvido *por* ele, assim como o mercúrio.

Completos. Estamos completos.

Peguei o anel, segurei-o contra a luz e senti que estava de fato completo. Tanto a chave quanto a fechadura. Inteiros. Eu não conseguia explicar como sabia que o processo tinha funcionado, mas tinha certeza. A aliança de prata era linda, ainda marcada com suas gravuras originais; quem quer que pertencesse a este anel ficaria feliz por ainda ter o brasão de sua família. *"Mas o que você quis dizer com salvar Fisher?",* insisti. " *Ele está seguro aqui. Por que ele precisa ser salvo?"*

O anel não disse nada.

Nada mesmo.

A frustração tomou conta de mim, e eu não sabia por que fiz aquilo, mas me senti compelido a agir. Eu nem tinha consciência do que estava fazendo quando coloquei a relíquia recém-feita no meu dedo médio.

A forja ficou escura.

Um vento gelado me atravessou, chicoteando minha alma. E o som. Deuses, o *som.* Um milhão de vozes diferentes cantando com uma força ensurdecedora.

ANOTA MOR! ANOTA MOR! ANOTA MOR!
ANOTA MOR! ANOTA MOR! ANOTA MOR!

"Saeris?"

O rugido cessou abruptamente. As velas na forja se intensificaram, as chamas saltaram para o fundo da lareira, lambendo a alvenaria enegrecida. E então, como se tivesse acontecido apenas alguns momentos antes, tudo voltou ao normal.

Arranquei o anel do dedo, ofegante. Meu coração batia forte, uma terrível sensação de desesperança se solidificando em minhas entranhas. Eu não faria *isso* de novo.

Te Léna estava na porta aberta, tecnicamente dentro de Cahlish. A magia de Ren ainda cobria a entrada de um dos quartos de hóspedes na mansão, com a entrada para a forja do lado de fora, localizada perto do estábulo, garantindo a segurança da casa caso eu me explodisse acidentalmente. A curandeira torcia as mãos, olhando para a porta com uma desconfiança surpreendente. Como sempre, seus cabelos negros estavam presos em longas tranças que iam até a base das costas. As pontas de suas orelhas pontudas apareciam entre elas. Complementando sua pele impecável, um tom bronze-escuro, ela usava

um vestido feito de tecido azul iridescente que a envolvia enquanto ela trocava de um pé para o outro.

"Eu só queria vir ver como você estava. Ouvi dizer que você lutou mais cedo", disse ela. "Você tem algum corte ou arranhão que precise de atenção?"

Não tive a chance de responder. Carrion, como um cachorro, pulou antes que eu pudesse dizer uma palavra. Ele pulou do banco, atravessou a forja e se encostou na parede perto da porta, com aquele seu jeito descuidado e experiente. "Você está deslumbrante esta noite, Te Léna. Você é literalmente a única coisa boa de estar aqui."

Ela riu. "Além da água quente corrente, você quer dizer? E dos colchões de penas macios? E do suprimento infinito de comida quente e deliciosa?"

"Não. Eu odeio cada uma dessas coisas", disse ele teatralmente. "Você continua sendo a única estrela brilhante neste mar de escuridão. Diga que mudou de ideia sobre jantar comigo."

Ela o encarou com um olhar repreensivo, erguendo as duas mãos e mostrando-lhe as costas. "Lamento informar que ainda estou felizmente casada e acasalada, Carrion Swift. E meu marido não é do tipo que compartilha."

"Ele é bonito?" Carniça arqueou a sobrancelha sugestivamente. "Eu adoro um casal. Talvez ele me deixe ir com vocês dois se..."

Um zumbido agudo preencheu meus ouvidos. Ele bloqueou as tentativas de sedução de Carrion e a resposta muito educada de Te Léna. A curandeira feérica havia abaixado as mãos novamente, mas eu as encarava, com os olhos fixos. Estavam marcadas com runas. Alguns de seus dedos tinham uma ou duas runas. Outros não tinham nenhuma. Havia um desenho elegante nas costas de sua mão direita, mas a outra estava nua. Mais alto, o zumbido em meus ouvidos se intensificou. Eu nem tinha percebido que estava atravessando a forja até estar em pé diante de Te Léna e gesticular para suas mãos.

"Você... desculpe, eu, uh, nunca vi tatuagens tão bonitas antes. Você se importaria em mostrá-las para mim?"

"Você parece esquisita", disse Carniça. "E eu estou tentando ajudá-la a esquecer as tatuagens, não fazer um escândalo por causa delas. Meu Deus, você sabe mesmo como arruinar as chances de um cara transar."

Te Léna riu novamente. "Carniça, deixe-me explicar isso da forma mais clara possível. Enquanto o sol continuar nascendo e se pondo todas as noites, eu nunca vou dormir com você." Para mim, ela disse: "Claro. Obrigada,

Saeris. Eu também acho que são lindos. Meu marido e eu os desenhamos juntos."

Ela tinha mãos lindas. Graciosas e esbeltas, com dedos longos. Três dos cinco dedos da mão esquerda tinham runas. Duas no indicador, duas no médio e apenas uma no mindinho. Na mão direita, havia uma única runa no indicador e outra no anelar, e era só isso.

Ela passou os dedos sobre a tinta nas costas da mão direita, sorrindo enquanto a estendia para que eu a visse direito. "É um costume Fae marcar nossa pele em nossos cinco aniversários de casamento. Tatuamos as bênçãos pelas quais oramos em nossas mãos na esperança de que elas se manifestem. Yaz e eu decidimos por uma marca de harmonia, uma marca de longevidade e duas marcas de filhos. É ganancioso, eu sei, desejar dois filhos. Um já seria uma bênção suficiente, mas..." Ela deu de ombros. "Não adianta se conter quando se trata dessas coisas, certo?"

" Desculpa, eu..." Porra, por que estava tão difícil *respirar?* "Não sei se entendi. Então vocês mesmos desenham essas tatuagens? E alguém as tatua na sua pele?"

Te Léna assentiu. "Sim. Esperamos até o quinto aniversário para fazer isso, porque alguns casamentos fracassam nos primeiros anos. *Pode* acontecer. Somos aconselhados a ser cautelosos e esperar até termos certeza um do outro antes de amarrar nossa pele. Yaz e eu queríamos receber nossas marcas depois de apenas dois anos, mas os anciãos disseram que deveríamos esperar."

Minha mente estava a mil por hora. "Então, elas não aparecem do nada? As marcas? Tipo... do nada? Da noite para o dia? Ou... enquanto... sabe... você está transando com alguém?"

Te Léna riu alegremente. "Claro que não. Não seja boba." A ponta de pânico que crescia dentro de mim se acalmou um pouco. Mas então Te Léna falou novamente. "Era uma vez, assim. Na época em que existiam *verdadeiros* laços de acasalamento. Uniões entre verdadeiros parceiros eram abençoadas com marcas das Parcas. Foi daí que surgiu a tradição de tatuar as mãos. Mas não existem mais verdadeiros parceiros. Quando os deuses deixaram Yvelia, certos elementos da nossa magia morreram ou se extinguiram com o tempo. As Espadas Divinas, por exemplo. Elas foram lentamente cortadas da fonte da magia que canalizavam. Nossa capacidade de formar laços de acasalamento também se extinguiu ao longo de milhares de anos, até desaparecer completamente."

"Certo..." Ai, meu Deus, eu precisava me sentar. "Então agora é só uma tradição.

As pessoas cobrem as mãos com runas… para dar sorte.”

“Eu não diria que nos *cobrimos* com eles”, Te Lèna respondeu: "Conheci um casal que decidiu usar sete runas uma vez. Sete é um número auspicioso, afinal. Mas há quem considere isso um pouco ganancioso." Pelo tom de sua voz, a própria Te Lèna estava entre esse número.

Sete?

Sete runas.

Minha mente se esforçava para tentar lembrar quantas runas haviam marcado meus dedos. Quantas runas haviam se entrelaçado nas costas da minha mão direita. Eu não tinha ideia, mas eram muitas. Tantas, *tantas* . "E a escrita? Sabe como é. Escrever?" Eu só conseguia dizer algumas palavras de cada vez. "As pessoas... têm isso às vezes? Girando... os pulsos?"

"Ah, não. Definitivamente não. Só se vê esse tipo de coisa em livros de histórias", zombou Te Léna. "Chamavam de Ligação Divina. Uma bênção dos próprios deuses. Não eram reais, claro. Dizia-se que os casais mais importantes da história de Yvelian os tinham, mas era tudo bobagem romântica. Apenas algo que os contadores de histórias embelezavam para tornar suas histórias mais trágicas."

Além disso, eles pareciam impressionantes nos livros iluminados.

— Encontrei seus olhos, mas eu estava olhando através dela.

— Trágico?

"Os amantes nessas histórias sempre sofriam terrivelmente. Um deles *sempre* morria. Eram contos lindos, mas terminavam em desgosto." "Parece... horrível." Tentei rir, mas não consegui respirar.

A preocupação finalmente tomou conta do rosto de Te Léna. "Você está bem? Está um pouco pálida."

"Sim. Sim, estou bem. Eu... você por acaso sabe onde o Fisher está?"

“Ele me pediu para te avisar que estaria te esperando no quarto dele.”

"Ah, ótimo. Obrigada. Acho que vou procurá-lo, na verdade. Tem uma coisa que eu quero conversar com ele."

ORÁCULO

O me tirou da forja e trotou ao meu lado enquanto eu corria pelos corredores de Cahlish. Ele entrou correndo no quarto assim que abri a porta, pulando na cama, onde Fisher estava sentado contra os travesseiros, sem camisa, folheando as páginas de um livro.

Ele sorriu quando a raposinha pulou em seu colo e começou a lamber seu queixo. *Sorriu de verdade.* O sorriso desapareceu quando ele voltou a atenção para mim e viu o estado em que eu estava. "Me fode, Oshazinha. Você foi atacada no caminho para cá? Você está suando."

Bati a porta atrás de mim. "Por que você não disse meu nome? Antes?", ofeguei.

"O que?"

"Semanas e semanas estou aqui, e até hoje você se recusou a dizer meu nome. Por quê?"

Ele colocou o livro na cama, tirando Onyx delicadamente do colo também. "Eu-eu só-"

"Acabei de ter uma conversa muito interessante com a Te Léna. Eu estava doente demais para notar antes, quando ela vinha me curar depois daquele encontro que tive com aquele alimentador, mas ela tem umas tatuagens malucas nas mãos." Levantei as minhas para dar efeito. "Ela estava me contando tudo sobre de onde elas vieram e por quê. E então! *Então!* Haha! Imagine minha surpresa quando ela me contou sobre *as Ligações Divinas* , Fisher!" ″ Porra ″ , ele sussurrou.

"Que engraçado! Foi exatamente o que *eu* disse!"

"Olhar-"

"Me diz por que você não disse meu nome", rosnei. Meu coração batia forte como um pistão no peito. Se eu não me sentasse logo, ia cair, mas queria ouvi-lo dizer primeiro. Eu queria a porra da confissão dele. "Eu sei que você não consegue mentir para mim, então, vamos lá. Me diz por quê."

Ele sentou lá, seu peito nu e tatuado não se movia, suas ondas negras caindo em seu rosto, tão perfeito, tão bonito, e aquela coisa maldita no fundo do porão da minha alma doía e dizia " *minha".*

"Você sabe por quê", ele disse em minha mente.

"Não, Fisher. Em voz alta."

"Tudo bem, tudo bem. Faça do seu jeito. No começo, eu não disse isso porque eu te odiava pra caramba", disse ele. "Odiava o que você representava."

Meu sangue estava gelado nas veias, mas eu precisava ouvir. "E o que foi isso?"

"Fraqueza. Vulnerabilidade."

"Eu *não sou* fraca, Fisher! Não sou como aquelas borboletas, patéticas, nascendo e morrendo no frio..."

"Você não! *Eu!"* Ele bateu no peito, subitamente furioso. " *Minha* fraqueza! *Minha* vulnerabilidade! Eu sabia há séculos que você viria. Que você simplesmente apareceria um dia e mudaria tudo. Você é a brecha na minha armadura, Saeris. O ponto fraco por onde a faca desliza. Você é a coisa que Malcolm vai machucar para me machucar, e eu não... não aguentaria *!* "

Mordi a ponta da língua até sentir gosto de sangue.

"E, sim. Eu te contei uma vez sobre os Oshellith. Sim, eu te disse que eles eclodem e morrem em um dia. Mas eu estava sendo cruel, Saeris. Eu não te contei sobre eles direito."

Nada mudou dentro do quarto. Nada se moveu, mas o ar pareceu parar. As figuras nas pinturas nas paredes, com os rostos cortados em tiras, pareciam prender a respiração. "Como assim?", sussurrei.

Os Oshellith eclodem uma vez na maioria das vidas feéricas. Lá no norte, nas terras devastadas, muito além do Céu de Ajun, onde os dragões costumavam viver. O ar é tão frio lá que congela nos pulmões se você o respirar sem máscara. Nenhuma vida existe lá por muito tempo. Mas uma vez a cada mil anos, os ventos uivantes diminuem, sinalizando a chegada dos Oshellith. A notícia desse evento viaja rápido. É quando os mais bravos da nossa espécie partem. Eles vão a pé onde nenhum cavalo pode ir. Quando chegam ao vale onde os Oshellith eclodem, encontram os casulos das borboletas e as protegem com seus corpos. Eles lhes dão todo o calor que podem, pelo tempo que podem. Pode levar até doze horas para elas se libertarem desses casulos. Mas quando o fazem... Kingfisher engoliu em seco, balançando a cabeça. É a coisa mais linda que uma pessoa pode experimentar nesta vida. Eles brilham em azul, rosa e prata, com uma luz

etérea. Eles têm música, embora ninguém saiba como. Uma canção doce e suave, capaz de curar. Os Oshellith acasalam e põem seus ovos, mas, uma vez feito isso, eles preenchem o ar e dançam. Protegê-los enquanto vivem é considerado um rito sagrado pelo qual muitos morrem para realizar. É isso que Oshellith significa em Antigas Fadas, Saeris . *Mais Sagrado.*

Ele fechou os olhos por um momento, com uma expressão de dor. Sua respiração ficou irregular e irregular. “Todos os nomes têm poder neste lugar . *Cada* nome significa alguma coisa. Temos nomes verdadeiros que não compartilhamos com ninguém. Nem com nossos amigos. Nem com nossas famílias. Nossas mães costumam ser as únicas pessoas que realmente os conhecem. E até mesmo uma mãe pode usar o nome do filho em benefício próprio na busca por poder. Este lugar... é uma merda, ok? E você aparece, e tem um nome, e todo mundo sabe. E eu *não conseguia* dizer porque estava com medo. Do que isso faria comigo quando eu dissesse. Seria como reconhecer que você estava aqui depois de todo esse tempo. Então, eu te chamei de Osha. Mas significou mais, Saeris. Para mim, *significou mais.”*

Ele não estava falando sério. Não tinha jeito. "Todo esse tempo...", sussurrei. "Mas... você me chamou assim desde o começo."

Kingfisher assentiu lentamente, com os olhos brilhando intensamente. *"Sagrado demais"*, repetiu, sussurrando as palavras.

Cobri o rosto e me entreguei. Solucei. O nome que ele me deu, o nome que eu *odiava*, era uma declaração do que eu significava para ele, mesmo naquela época. Por muito, muito tempo, tudo o que eu conseguia fazer era chorar diante daquela revelação monumental. Por fim, uma espécie de silêncio se instalou dentro de mim. "Como você sabia? Que eu estava chegando? Você disse que sabia."

Fisher cerrou os dentes. "Me contaram. Há muito tempo. Minha mãe. Ela era um oráculo. Eu não acreditei nela, mas aí, quando me levaram..." Ele engoliu em seco, os olhos lacrimejando. Rapidamente, ele se esgueirou até a beira da cama, plantando os pés descalços no chão. Não conseguia respirar.

Ele não conseguia respirar!

Dei um passo à frente, mas sua mão disparou, gesticulando para que eu ficasse onde estava.

Eu estava. Fechando os olhos com força, ele se inclinou para a frente, agarrando-se à beira da cama até os nós dos dedos tatuados ficarem brancos. Depois de muito tempo, ele respirou fundo.

Ele estava bem. Ele estava respirando.

Cambaleei para trás, soltando um soluço ao bater na cômoda atrás de mim e lentamente afundar no chão.

"Eu... tenho que ter cuidado", ele ofegou. "Eu não posso..." Com a voz sumindo, ele me lançou um olhar de soslaio que me implorava para entender o que ele estava me dizendo. Que havia coisas que ele não podia dizer sem sofrer consequências terríveis. Que eu tinha que preencher as lacunas por mim mesmo. "Ela escreveu sobre você", ele sussurrou. "Minha mãe. Páginas e páginas. Ela sabia que morreria em breve, então me escreveu um livro. 'Uma mãe está sempre lá para o filho', ela me disse. 'Não importa que ele cresça e assuma seu poder. Até o coração do guerreiro mais forte pode se partir. Sua alma ainda pode ser esmagada. Já que não serei capaz de confortá-lo quando os desafios à sua frente parecerem grandes demais, pegue este livro e mantenha-o como um guia. Acima de tudo, saiba disso. Haverá momentos em que o mundo buscará destruí-lo, Kingfisher. Mas você é mais forte do que jamais poderia imaginar. Você não vai vacilar. E você não vai "enfrente tudo sozinho."

Minha raiva era poderosa, mas diante dessa revelação, ela vacilou. Eu não sabia como me sentir. Era muita coisa para assimilar.

Fisher baixou a cabeça, com um sorriso amargo nos lábios. "Ela disse que, quando eu mais precisei de você, você entraria na minha vida como um meteorito, cavalgando uma onda de caos que viraria meu mundo de cabeça para baixo. Que você brilharia tanto que iluminaria o próprio inferno e me guiaria para fora da escuridão. Ela não fazia ideia de qual seria o seu nome. Só que você teria cabelos escuros e um sorriso lindo. E que eu te amaria com uma ferocidade incontrolável."

Meu coração se apertou, minha garganta ardendo de emoção. Séculos atrás, uma mãe olhou para o futuro do filho, buscando conforto, para se assegurar de que ele viveria uma vida boa. E ela viu a dor e o sofrimento que o destino reservava para o seu filho, e então ela *me viu* e soube que ele ficaria bem. O peso disso... Porra, eu não conseguia respirar.

"Ela disse que sentia como se te conhecesse. Que vocês eram amigas, mesmo com mil anos de diferença. Ela... ela te *desenhou* ." A voz de Fisher ficou mais tensa enquanto ele lutava para falar. Equilibrando-se à beira das lágrimas, ele se forçou a rir em vez de chorar. "E ela te capturou quase perfeitamente também."

Eu não era tão forte quanto Fisher. Deixei minhas lágrimas caírem.

"Quase?", sussurrei.

Fisher engoliu em seco, olhando para as mãos. Parecia meio destroçado quando encontrou meu olhar novamente. "Ela se enganava, às vezes. Sobre pequenas coisas. Pequenos detalhes com grandes consequências." Ele apontou para a orelha. "Em todos os desenhos que ela fez de você, suas orelhas eram como as minhas. Você era feérica. E quando eu vi..." Ele respirou fundo. Sentou-se um pouco mais ereto. "Quando senti Solace me chamando e entrei naquela piscina, vi que você era humano e soube na mesma hora como este lugar te destruiria facilmente. Então tomei a decisão de te deixar lá. Mas eu não podia te deixar, podia?", continuou ele. "Seu estômago estava todo rasgado. Você estava morrendo. Eu não tinha escolha a não ser te trazer de volta. Então decidi ser horrível com você, para que você me odiasse pra caramba e não quisesse mais nada comigo."

"Plano estelar", sussurrei. "Deu *super certo* ."

Seu sorriso torto quase partiu meu coração. "Seja sincera. Acho que funcionou um pouquinho."

Com pesar, balancei a cabeça. "Será que essas marcas teriam aparecido nas minhas mãos se tivesse acontecido?"

"Não", admitiu ele. "Acho que não." "O que
significam , Fisher? Para nós?" ″ Te Léna não
te contou?", perguntou ele.

“Quero que *você* me diga.”

O quarto estava imerso em silêncio. Fisher olhou para o tapete, cutucando a unha do polegar. "Minha mãe nunca disse nada sobre um vínculo de acasalamento. Eles não existem há tanto tempo. Esse pensamento nunca me passou pela cabeça. Mas quando te encontrei caído naquela poça de sangue, eu senti, como uma pulseira se encaixando. Eu senti o cheiro em você também. E eu... eu estava com uma raiva danada." Ele cerrou o maxilar. "Com raiva de que o destino *nos selou* daquele jeito, quando ninguém mais na memória viva havia sido afetado por um vínculo. Com raiva de que isso tivesse acontecido antes mesmo de qualquer um de nós ter tido a chance de nos conhecermos. Eu não fazia ideia de que as marcas apareceriam daquele jeito. Sem nenhum aviso. Sem que estivéssemos casados, ou mesmo... mesmo... decidido por nós mesmos que queríamos ficar juntos."

"Eu os vi aparecer enquanto você dormia na outra noite. Vi-os escurecendo, um após o outro, mais marcas do que eu jamais ouvira falar, e isso me assustou pra caramba, Saeris." Ele assentiu tristemente para si mesmo. "Historicamente, Marcas como essas têm um custo. São o tipo de

Marcas sobre as quais as pessoas vão querer escrever histórias. E não Marcas felizes."

Então, era verdade. Te Léna estava certa. Trágico, ela disse. A palavra ecoou pelos corredores vazios da minha mente, ficando mais alta a cada repetição.

"Não estou bem", sussurrou Fisher. "Não consigo dormir. Sou assombrado, constantemente. Vejo coisas. Ouço coisas. E está piorando . " Ele enganchou o pingente no dedo, fechando a mão em volta dele. "Isso não vai ajudar por muito mais tempo..."

"Posso fazer outra relíquia para você. Acabei de fazer uma..."

Isto não é apenas uma relíquia, Saeris. Também está protegido por feitiços. Minha mãe foi até as bruxas e mandou fazer isso, junto com vários outros itens, para mim antes de morrer. Coisas que ela sabia que eu precisaria. Mas essa coisa dentro de mim está ficando mais forte. Não existe um feitiço forte o suficiente para mantê-la sob controle para sempre. Em breve, o pingente não funcionará mais, e eu estarei perdida. Mas você não precisa se preocupar. Eu me recuso a te ligar a mim com isso no horizonte. Eu não vou aceitar. Não vou deixar você acorrentada a mim quando as coisas ficarem realmente ruins.

"Você... rejeitou o nosso vínculo?" Minha garganta latejava quando falei. As palavras cortavam como lâminas. Eu caminhava numa corda bamba emocional, dilacerada pelo que estava aprendendo.

Fisher suspirou. "Não sei bem como funciona exatamente. Vasculhei a biblioteca em Cahlish. Durante duas semanas, li tudo o que pude encontrar que se referisse ao vínculo de acasalamento. Eu queria encontrar uma maneira de impedir que ele se formasse, mesmo sabendo que já era tarde demais para isso." Ele deu de ombros. "Eu li que, se marcas aparecessem, um período de espera poderia ser iniciado. Onde qualquer uma das partes poderia escolher aceitar ou rejeitar um vínculo. Eu iniciei o período de espera para nós em Ballard."

As peças começavam a se encaixar. "Então era para isso que serviam todos aqueles livros? Na sua barraca em Innìr?" Pensar nisso me deu vontade de me enrolar e parar de respirar. "Era isso que você estava fazendo todo esse tempo em que esteve fora? Depois que eu fui mordido pelo alimentador? Você estava procurando uma maneira de se libertar."

Os olhos de Fisher estavam vazios. Lentamente, ele balançou a cabeça. "Eu estava procurando uma maneira de *te salvar."*

"Então você evocou o período de espera. Para mim. Para o meu próprio bem. Porque era a coisa certa a fazer", retruquei.

Fisher riu, com um som amargo. "Rejeitar o vínculo por completo teria sido a coisa certa a fazer."

"Então por que você não fez isso?"

“Já me fiz essa pergunta muitas vezes. Decidi que era isso que eu ia fazer quando os vi escurecendo na sua pele. Principalmente quando vi as amarras divinas aparecerem. Mas aí, quando chegou a hora, eu não consegui. Não sei por quê. Eu... eu simplesmente não consegui. Mas não se preocupe. O mês vai passar e nada vai mudar. Primeiro, vamos trazer Everlayne de volta. Depois, você vai terminar de fazer as relíquias. Depois disso, você vai voltar para Zilvaren e seu irmão.”

Eu estava me afogando a cada segundo, arrastada para um sofrimento cada vez mais profundo, para mais longe da esperança e da felicidade. "Ah, ótimo. Então você já entendeu tudo. Parabéns. Estou muito feliz por você."

Fisher pareceu magoado com o meu tom. Ótimo. Ele devia estar mesmo.

"Saeris __”

Não. Não, sério. Estou emocionada por você ter tido tanto tempo para pensar em tudo isso. Por saber há centenas de anos que eu iria aparecer na sua vida. Por saber o que aquelas tatuagens significavam e por ter decidido que me rejeitaria para o meu próprio bem e me mandaria de volta para Zilvaren. Estou em êxtase por você ter tomado todas essas decisões horríveis e difíceis por mim, Kingfisher.

"Ah, qual é! Seja *realista!"* Fisher se levantou, passando as mãos pelos cabelos. Ele se elevava sobre mim, uma parede de músculos, tatuagens e desespero. "Isso muda alguma coisa? Agora que você sabe de tudo isso? De repente temos mais opções disponíveis? Opções que não sejam completamente ruins?"

"Não sei se isso muda alguma coisa! Você é quem tem todas as respostas. O que o livro da sua mãe diz que acontece a seguir?"

Fisher apertou o maxilar. "Não diz nada. Você estava bem no final do livro. Ela escreveu apenas que eu te encontraria, e o destino guiaria nosso caminho a partir daí."

Bom, não foi simplesmente maravilhoso? Deixei a cabeça cair na cômoda e fechei os olhos. "Foda-se o destino. Ele não decide nada por mim. *Eu* decido como será o meu futuro."

"Você precisa ir para casa, Saeris. Pode voltar e trabalhar para libertar seu povo. Ainda pode ser feliz. Eu vou morrer, e..."

Meus olhos se abriram de repente. "Como assim, você vai *morrer* ? Você não *vai morrer*. Você só está... você está..."

Ele soltou o suspiro mais pesado que eu já ouvira. Veio, parou na minha frente e se agachou. Quando estendeu a mão para pegar a minha, eu a puxei, batendo o cotovelo contra a cômoda no processo. Ele estalou a língua, estendendo a mão para pegar a minha pela segunda vez. Desta vez, eu o deixei. Ele entrelaçou os dedos nos meus e olhou para as nossas mãos unidas por um longo tempo. "Você tem razão", disse ele finalmente, olhando para mim. "Ser levado à loucura pela dor e alucinações horríveis não vai me matar, não. Mas não é vida. Pelo menos não uma que eu queira viver. E não estarei seguro. Acabarei machucando as pessoas com quem me importo. No mínimo, serei um fardo, e não sobrecarregarei você ou qualquer outra pessoa com o fardo de cuidar de mim. Isso simplesmente não vai acontecer."

"Então você vai se *matar* ?"

Ele estava tenso, a corda do arco prestes a arrebentar. "Renfis vai ajud—
"

Empurrei-o com toda a força que pude, empurrando-o para longe. Ele caiu para trás, caindo de bunda, e o movimento o pegou de surpresa. Pulei e passei por cima dele, abrindo espaço entre nós. "Não ouse *terminar* essa frase", fervi. "Você é tão... tão *egoísta!"*

O prateado em seu olho direito engoliu o verde. Endireitando-se, sentou-se, apoiando os cotovelos nos joelhos. E, deuses, a expressão em seu rosto. Ele estava arruinado.

" Eu *sei",* ele engasgou. "Eu não quero isso. Eu quero..." Mas o que quer que ele dissesse depois daquelas palavras era doloroso demais. Ele balançou as pernas, soltando um suspiro trêmulo.

De repente, me dei conta. "Você não pode simplesmente desistir. Se você morrer, Lorreth também morre." "O quê?"

"Você o salvou. Você deu a ele parte da sua alma. Se você morrer, ficará preso, esperando que sua alma se recupere antes de poder seguir em frente."

Fisher arqueou uma sobrancelha, descontente. "Isso foi particular. Imagino que ele esteja contando isso para todo mundo agora. Olha, eu já me conformei com o que quer que aconteça comigo depois. Se eu ficar preso, flutuando no éter por mil anos, que assim seja. Isso será infinitamente melhor do que a alternativa."

"Lorreth disse que preferiria morrer a deixar isso acontecer. Você vai mesmo abreviar a vida dele também?"

"Lorreth nem vai saber que eu fui embora", ele rosnou.

"Claro que sim! Você acha mesmo que ele nem vai notar que você se foi? Vai contar a ele que vai se mudar para outro reino para viver uma vida melhor ou algo assim?"

“Algo assim”, ele murmurou.

"Você é um idiota, Fisher. Essas pessoas são suas amigas. Elas te amam. Você vai mesmo pedir para o Ren te ajudar a te matar? E depois manter isso em segredo de todos que se importam com você? Você realmente jogaria isso nele? E o Lorreth é inteligente. Ele não vai aceitar que você esteja te abandonando."

Yvelia e você não vão voltar.”

“Ele vai ter que fazer isso, não é?”

"Ora, ele não vai." Fui em direção à porta.

“Aonde você vai, Saeris?” ele gritou para mim.

"Para dormir. E de manhã, vou à biblioteca e vou pesquisar como salvar Everlayne *e* você. Porque eu não desisto e aceito a derrota quando as coisas ficam difíceis. Estou sinceramente chocada em saber que *você* aceita."

36

ISEABAIL

Eu queria dormir no quarto em que dormíamos quando chegamos em Cahlish, mas o ronco de Carrion era tão ruim que arrastei um edredom para uma das salas de estar formais e desmaiei em um dos sofás estofados.

Acordei de um sono agitado algum tempo depois do amanhecer e encontrei Fisher na poltrona de espaldar alto ao meu lado, olhando para o pico irregular de Omnamerrin pela janela. O belo aroma de hortelã selvagem me deu vontade de chorar, mas consegui manter a calma enquanto dobrava o edredom e afofava a marca do meu corpo para fora das almofadas do sofá. Eu não queria nada mais do que ir embora sem interagir com Fisher, mas ele pegou minha mão quando passei por ele, e eu não tive energia ou vontade de me afastar. Ele descansou a testa no meu braço, fechando os olhos, e um pedacinho de mim rachou e quebrou. Passei minha mão livre suavemente pelos cabelos dele, gritando por dentro, com tanta raiva dele, de mim mesma, dos deuses e de todo o universo por fazer isso conosco.

Isso não era justo. Nada disso era.

Ele não se opôs quando soltei sua mão e fui embora. Parei na porta, olhando para ele por cima do ombro, e imediatamente me arrependi de não ter feito isso. Ele voltou a olhar pela janela, mas cobriu a boca com uma das mãos, os dedos cravados na bochecha. As olheiras pronunciadas revelavam incontáveis noites sem dormir. Até a postura derrotada de seus ombros demonstrava o quanto ele estava exausto. Eu não conseguia me afastar dele com aquela cara. Simplesmente não conseguia.

Deixei o edredom ali, na porta. Fisher fechou os olhos ao perceber que eu estava voltando para ele. Todo o nervosismo e a apreensão que eu costumava sentir ao tocá-lo haviam desaparecido. Ele se inclinou para mim, apoiando a cabeça na minha barriga, envolvendo minhas pernas com os braços, colocando as mãos levemente na parte de trás das minhas coxas, e eu o

segurei. Segundos se passaram. Longos minutos. Esfreguei a mão entre suas escápulas em círculos, dolorida, dolorida e desejosa.

Por fim, ele se sentou ereto e afundou na cadeira, com as bochechas coradas. Recusou-se a olhar para mim, mas assentiu, como se dissesse: "Está tudo bem. Estou bem." E então fui embora.

"A última das bruxas abandonou Yvelia há cem anos", disse Lorreth. "Ninguém viu um membro do Clã Balquhidder em dobro. Nem sabemos para onde eles foram! Temos menos de trinta e seis horas antes de precisarmos chegar a Gillethrye, e não podemos passar essas horas procurando embaixo de pedras e gritando em buracos no chão, procurando por um
bando de velhas flatulentas que não querem ser encontradas."

Danya bufou.

Ninguém mais na biblioteca riu.

Nem mesmo Carniça. Mas isso provavelmente era porque ele não sabia que flatulento significava gasoso.

Atrás da enorme montanha de livros empilhados sobre a mesa à minha frente, observei Ren massagear as têmporas, com o rosto contraído. "Sem uma bruxa, estamos ferrados", disse ele. "Elas são as únicas com magia de sangue poderosa o suficiente para quebrar um encantamento. Também são as únicas poderosas o suficiente para manter o veneno de Malcolm sob controle enquanto Te Léna o extrai de...
Sistema de Layne."

"Levará semanas para expelir isso dela, e isso se tivermos sorte", disse Te Léna, parada perto da janela. Ela se abraçou enquanto se virava e nos encarava. "É mais provável que leve meses. Posso chamar outros curandeiros para ajudar, mas o veneno de Malcolm é como ácido. Corrói tudo o que toca. O ferimento no corpo de Everlayne será catastrófico quando chegarmos lá. É uma bruxa formidável, de fato, que consegue manter um corpo em estase por tempo suficiente para que possamos curá-lo desse tipo de dano."

"Fantástico. Então não precisamos só de uma bruxa. Precisamos da bruxa mais poderosa de todos os tempos", disse Ren com uma voz distante. Ele não parecia nem um pouco consigo mesmo desde que Everlayne aparecera perto do rio. Normalmente, ele estava pronto para pensar em uma saída de um canto, por mais apertado que fosse, mas aquela situação o havia deixado

perplexo. Na última hora, eu o vi encarando a mesa quatro vezes, sem piscar, como se estivesse em choque.

Fisher apareceu logo depois do café da manhã. Ele havia comido, mas em algum momento se recompôs e começou a tirar livros das prateleiras da biblioteca como um louco. Com as mãos salpicadas de tinta, ele girou a pena com a qual vinha anotando furiosamente, depois a pousou, batendo no ponto da mesa onde Ren estava olhando para chamar a atenção do amigo. "Ainda há algumas meio-bruxas em Faulton's Gap. É o máximo que consigo viajar pelo portão das sombras sem que Belikon sinta a magia e apareça na festa. Você e eu iremos lá e veremos se alguma delas é forte o suficiente e está disposta a nos ajudar esta tarde."

Ren se animou um pouco com isso. Vi a esperança brilhar em seus olhos e tive que desviar o olhar. "Um plano sólido", disse ele. "Vou me preparar."

"Imagino que você não me deixaria ir?", perguntou Carniça. "Sempre quis ver uma bruxa de verdade."

"Não", disse Fisher, sem graça. "Eu não faria isso. Você só vai tentar transar com um deles, e estamos tentando pedir ajuda a eles, não começar uma guerra com eles porque você não consegue manter o pau dentro das calças."

Lorreth fingiu engolir vômito. "Urgh. Ele *não* tentaria transar com uma bruxa.

"Não, ele tem razão", disse Carniça com um suspiro. "Eu faria. Sabe. Só para dizer que eu fiz."

" *Eu* vou com você", declarou Danya. Ela não tinha falado muito desde que chegara à biblioteca. Na maior parte do tempo, ela se sentara e flexionara a nova mão, inspecionando-a atentamente como se estivesse procurando por imperfeições. Te Léna fizera um trabalho notável aplicando uma magia bastante poderosa para substituí-la — mais do que Danya merecia — e, no entanto, eu não ouvira a guerreira agradecer à curandeira nenhuma vez. "Não vou ficar aqui folheando livros tediosos com esses idiotas quando eu poderia estar fazendo algo útil."

Vasculhar os livros em busca de maneiras de ajudar Layne *foi* útil. Poderia haver algo ali que resolvesse nossos problemas num piscar de olhos, mas Danya não se importaria. Ela achava que os problemas só poderiam ser resolvidos batendo em algo muito forte ou esfaqueando alguém repetidamente até a morte, e não tinha interesse em ser provada errada.

"Nós votamos para que ela vá com você também", disse Carniça, erguendo a mão. "Também não queremos uma nuvem negra pairando sobre a biblioteca enquanto tentamos trabalhar."

Danya arreganhou os dentes, alongando os caninos, o que lhe rendeu um sorriso intrigado de Carniça, mas Fisher interveio antes que Danya pudesse dizer algo realmente vil. "Tudo bem, vocês podem vir conosco. O resto de vocês vai continuar lendo as mensagens caso algo aconteça, certo?"

Lorreth, Carrion, Te Léna e eu concordamos. O curandeiro colocou a mão no braço de Fisher enquanto começava a fechar os livros que estivera vasculhando. "Não deixe de vir me ver antes de partir. *E* quando voltar."

Eu não queria assumir, mas tinha ciúmes da Te Léna. Tinha tanta certeza de que havia algo acontecendo entre ela e Fisher, mas agora eu sabia que não. Depois de ouvi-la falar sobre o marido e ver como ela ficava feliz quando me mostrava suas notas, não tive dúvidas de que ela não estava interessada nele. Isso me deixava com apenas uma opção: ela estava ajudando-o de alguma forma com o mercúrio em sua cabeça. E se ele tinha que ir vê-la antes de partir *e* quando voltasse, então a situação devia estar realmente ruim.

Horas depois, o mundo além das janelas da biblioteca havia adquirido um tom peculiar de azul-acinzentado, e nevava forte. A temperatura dentro de Cahlish estava quente como sempre, mas a cena invernal lá fora me fazia tremer incontrolavelmente. Ainda não tínhamos encontrado nada que ajudasse Layne ou Kingfisher, e eu estava começando a ficar frustrado. Em uma terra cheia de ameaças mágicas ou sobrenaturais, como era possível que não houvesse livros sobre como lidar com elas quando os problemas inevitavelmente surgiam? Não fazia sentido. Eu conhecia todos os livros que Fisher tinha sobre mercúrio e já sabia que eles não continham informações sobre o que fazer se ele entrasse *em* alguém.

Não tínhamos feito absolutamente nenhum progresso quando as portas da biblioteca se abriram e Ren entrou furioso, xingando baixinho.

Seus cabelos cor de areia estavam desgrenhados pelo vento, sua armadura de couro havia desaparecido. Ele estava coberto de lama e parecia que ia dar uma murro em alguma coisa.

"O que diabos aconteceu com você?", perguntou Lorreth.

"Dane-se *a Danya",* ele cuspiu. "Nós os encontramos. Explicamos o que aconteceu com Everlayne e por que viemos. Eles não ficaram felizes com isso, mas iam ajudar. E então Danya fez um comentário de merda sobre como era o mínimo que podiam fazer desde que as bruxas deixaram os feéricos para limpar a bagunça deles, e como elas tinham virado as costas para Yvelia, e foi isso. O inferno se instalou."

"Aquela fêmea é selvagem", rosnou Lorreth. "Da próxima vez que ela tentar me bater, vou colocá-la no meu colo e dar umas palmadas. E *não* de um jeito divertido. Fisher não vai trazê-la de volta para cá, vai?"

"Não." Ren se jogou numa cadeira e se levantou imediatamente, mordendo o lábio. "Ele vai levá-la de volta para Irrìn e depois voltar para Faulton's Gap sozinho para tentar apaziguar as coisas com as bruxas."

“Havia alguém lá que era forte o suficiente para ajudar Everlayne?” perguntei.

"Uma bruxa, sim." Ren soltou um suspiro de frustração. "E ela era possivelmente a criatura mais irritante e desbocada que eu já conheci. Ela mal tem idade para xingar, mas tinha algumas coisas muito boas a dizer sobre nós. Disse que éramos hereges belicosos. Ela usou um feitiço de energia para me derrubar, e eu acabei me debatendo em um poço de lama como um porco."

Lorreth estava prestes a dar um sorriso irônico. Balancei a cabeça freneticamente, com os olhos arregalados, e ele se conteve. Pigarreando, disse: "Mas Fisher acha que consegue convencê-la?"

"Sim. Mas será um milagre se ele fizer isso, considerando o clima no acampamento deles quando partimos."

Fisher voltou três horas depois com uma mulher a tiracolo. Ela parecia ter mais ou menos a minha idade, mas isso não significava nada em Yvelia. Ela devia ter novecentos anos. Seu cabelo era de um ruivo intenso e ondulado, seus olhos de um azul vivo e brilhante. Sardas dominavam seu rosto, espalhadas até mesmo pela testa. Suas roupas eram práticas — uma camisa creme folgada com mangas bufantes, um colete de veludo verde-escuro com botões dourados na frente e calças pretas justas.

"Pessoal, esta é Iseabail." Fisher pronunciou Iseabail como Ee-sha-bhal, o nome fluindo suavemente de sua língua, como se ele conhecesse outras vinte mulheres com o mesmo nome. "Ela é neta da Alta Bruxa Balquhidder, Malina. Ela gentilmente concordou em nos ajudar a quebrar o encanto de Layne quando a trouxermos de volta aqui amanhã à noite."

A herdeira do Clã Balquhidder nos observou, todos reunidos ao redor da mesa, debruçados sobre nossos livros, e torceu o nariz delicadamente

arrebitado. "É isso?", disse ela com um sotaque cadenciado. "Vocês estão planejando enfrentar Malcolm e sequestrar seu mais novo escravo com apenas três feéricos e dois humanos?"

Fisher contornou-a e foi até a lareira, estendendo as mãos para aquecê-las contra as chamas. "Não, claro que não. Os humanos vão ficar aqui", disse ele.

Será que ele tinha virado as costas para mim de propósito para não ter que ver minha reação? Eu tinha certeza. Ele provavelmente pensou que eu não discutiria com ele na frente de todos se não fizesse contato visual, mas estava se iludindo. "Claro que vamos", eu disse. "Everlayne é nossa amiga."

"Na verdade, nunca conheci Everlayne", interrompeu Carrion. "Mas vou mesmo assim. Solidariedade e tudo mais."

Fisher encostou as costas no fogo, a resignação já estampada em cada linha do rosto. "Tem certeza de que está pronto?"

“Lutei muito bem no rio, não é?”

Sim. Mas aqueles eram alimentadores. Idiotas e estúpidos. Não enfrentaremos alimentadores em Gillethrye, Saeris. Enfrentaremos Malcolm e seus lordes. Monstros, todos eles. Nenhum deles conhece o significado de misericórdia. Eles vão te encher de veneno e te ver gritar até a morte por diversão. Se você vier, está pronto para encarar essa possibilidade?

Ele estava tentando me assustar com a verdade. Um arrepio de medo percorreu minha espinha, mas ele me conhecia melhor agora do que para pensar que eu deixaria o medo me impedir de resgatar meu amigo. "Sim, estou pronta", eu disse a ele.

O rosto de Fisher estava indecifrável. "E você?", perguntou ele a Carniça. "Está pronto para isso?"

"Claro. Por que não? Sou bonita demais para morrer velha, de qualquer forma."

Fisher abaixou a cabeça, cruzando os braços sobre o peito, de modo que a camisa ficou esticada, realçando quase todos os músculos do corpo. Quando ergueu os olhos novamente, deu de ombros e disse: "Certo. Ótimo. Quem sou eu para impedi-lo?"

MUITO MAIS NÍTIDO

Que inferno quando arrumei minha cama no sofá novamente naquela noite. Os galhos nus das árvores do lado de fora da janela batiam e raspavam o vidro, a neve caindo com mais força do que nunca. Parecia que queria enterrar Cahlish sob seu manto, sepultando aqueles de nós dentro das paredes da casa para que nada pudesse nos fazer mal. Infelizmente para nós, não podíamos ficar em nosso santuário quentinho e confortável, protegidos das coisas terríveis que espreitavam na escuridão por muito mais tempo. Amanhã à noite, nos aventuraríamos pelo mundo e as enfrentaríamos.

Eu ainda estava me preparando para tentar dormir quando Fisher veio me buscar. Ele entrou descalço e sem camisa na sala, a tatuagem rodopiando pela pele enquanto atravessava o cômodo. "Você acha mesmo que eu vou deixar você dormir aqui fora de novo?", perguntou.

“Eu não sabia se você me queria na sua cama”, eu disse a ele.

"Se dependesse de mim, não passaríamos mais uma noite um sem o outro." Gentilmente, ele pegou a ponta da minha trança e a puxou por cima do meu ombro, em sua direção. Ele a desfez lentamente, soltando meu cabelo com os dedos. Seus olhos eram cautelosos quando procuraram os meus. "Isso te assusta?", murmurou.

"Não. Eu..." Deuses. As mãos dele eram incríveis. Era tão íntimo tê-lo passando os dedos pelos meus cabelos daquele jeito. "Não me assusta", sussurrei.

“Eu quero isso também.”

Teria sido fácil deixar meus pensamentos me levarem. Havia tantas palavras de raiva, mágoa e medo que eu poderia atirar nele, mas eu já tinha feito isso o suficiente na noite passada, e realmente não queria fazer de novo.

Como se estivesse pensando algo parecido, ele segurou meu rosto entre as mãos e disse suavemente: "Vamos aproveitar a noite. Você e eu. Amanhã

à noite, traremos Everlayne para casa. E quando Iseabail e Te Léna a tiverem consertado e deixado como nova, podemos nos preocupar comigo. Ok?"

Meu alívio foi forte. Ele não estava mais falando sobre como era inútil tentar encontrar uma saída para tudo aquilo. Ele estava dizendo: vamos lidar com o que está bem na nossa frente e ver como fica a situação depois disso. Era uma abordagem muito mais positiva do que a linha dura que ele havia adotado na noite anterior.

Olhei para ele, com as costelas tensas. "Sim. Vamos fazer isso, por favor."

Ele sorriu, sua expressão se tornando maliciosa quando um portão de sombra se abriu atrás dele. Ele me pegou no colo, rápido como o diabo, e recuou para dentro da fumaça espiralada antes que eu pudesse sequer pensar em chamá-lo de preguiçoso por não ter voltado para o quarto.

Mas quando saímos pelo portão, não estávamos no quarto dele. Estávamos de volta ao apartamento em Ballard, parados na sala de estar acima da padaria, cercados por velas. Elas repousavam sobre a lareira e as estantes. Cobriam a pequena mesa de jantar onde tínhamos tomado café da manhã e enchiam os parapeitos das enormes janelas salientes com uma luz bruxuleante. Para onde quer que eu olhasse, havia velas. Fisher sorriu, a boca puxada para um lado, uma covinha marcando sua bochecha enquanto me observava absorvendo tudo aquilo.

Virei-me, tapando a boca com as mãos. "É lindo", suspirei.

Ele veio e ficou bem atrás de mim, me envolvendo em seus braços. "Ainda não acabou." Sua respiração agitou meus cabelos e algo mais também, bem no fundo de mim. Senti seu poder percorrer meu estômago enquanto uma fumaça negra saía de suas mãos, preenchendo o quarto. Logo, estava em todos os lugares, ocultando tudo da vista. Tudo, exceto as chamas bruxuleantes das velas. Elas iluminavam a escuridão, mil pontos de luz ardentes tão brilhantes quanto as estrelas. Era como se estivéssemos lá em cima com eles, suspensos no vazio, onde nada poderia nos tocar, ninguém poderia nos machucar, e tínhamos todo o tempo de que precisávamos.

"Você fez isso por mim?" Parecia errado falar em voz alta. Eu não queria que minha voz estragasse a ilusão que ele havia criado para nós, então perguntei mentalmente.

"Sim", ele respondeu simplesmente. " *E para mim também. Sou* egoísta , *Saeris. Eu queria algo tranquilo, pequeno e especial para nós dois. Algo que pudéssemos guardar."* Ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço e me beijou ali, onde meu ombro se tornava meu pescoço. O calor da sua boca queimou minha pele, e eu não pude deixar de tremer. Fechando os olhos,

recostei-me nele, deixando meu peso descansar contra sua massa sólida, sentindo-me segura e tão desesperadamente, dolorosamente triste. Mas meu coração partido não poderia me ter esta noite. Fisher estava certo. Foi estúpido passar a noite anterior a todos nós entrarmos em nossos piores pesadelos discutindo ou chorando. Engoli a queimação na minha garganta e me virei, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço.

"Faça-me esquecer que já sofri", ordenei. *"Faça-me esquecer que sofrerei novamente."*

Ele caiu sobre mim como um maremoto. Sua boca encontrou a minha no escuro, e o beijo apagou o mundo. Quentes e exigentes, seus lábios deslizaram sobre os meus, incitando-os a se abrirem, e então ele estava me saboreando, explorando minha boca, sua língua me reivindicando. Gemi quando as pontas de seus caninos perfuraram meu lábio inferior. O cheiro forte e acobreado de sangue inundou minha boca, e Fisher soltou um suspiro pesado, deixando escapar um gemido. Ele cobriu nossas línguas enquanto ele me beijava mais profundamente, suas mãos abrindo caminho em meus cabelos, sua respiração acelerando. Eu o senti, duro contra meu quadril, seu pau já duro como pedra. Meu estômago se contraiu.

Deuses, eu o queria.

Eu queria tudo dele.

Minha alma estava em chamas, e eu não me importava em queimar por toda a eternidade. Contanto que eu estivesse queimando com ele, que assim fosse.

Seus dentes cravaram-se no meu lábio novamente. Na ponta da minha língua. O gosto do meu sangue se intensificou, mas eu não me afastei. As mãos de Fisher deslizaram pelo meu corpo, segurando meu traseiro, seus dedos cravando-se nas minhas nádegas. Sua respiração ficou ainda mais rápida, cada expiração pontuada por um gemido irregular. Me puxando para mais perto, ele me beijou com ainda mais força, esfregando o pau contra minha barriga para que eu pudesse sentir sua necessidade desesperada.

"Quando eu te tirar essas roupas, você vai estar encrencada ", ele rosnou na minha cabeça. *"Vou te foder com tanta força que você não vai conseguir ficar sentada por uma semana."*

"Fisher!" Agarrei-me a ele, ofegante, já antecipando a onda de calor que sentiria no momento em que ele se enfiasse dentro de mim. Desejando. Desejando tanto que eu poderia ter gritado.

Ligado a Deus.

Estávamos ligados a Deus.

Companheiros.

Eu podia sentir agora — um fio brilhante de energia nos unindo enquanto ele se envolvia em mim. Se eu quisesse, tudo o que precisava fazer era estender a mão e reivindicá-lo.

Fisher rosnou quando outra nova onda de sangue inundou nossas bocas, e ele perdeu toda a paciência. Com um movimento brusco das mãos, ele rasgou minha calça e enfiou a mão na frente dela, seus dedos habilmente abrindo caminho entre minhas dobras.

"Puta merda. Tão. Molhada. Porra." Seu rosnado satisfeito e faminto me fez sentir um arrepio percorrer meu corpo; transformou-se num tremor por todo o corpo quando ele não perdeu tempo, enfiando os dedos dentro de mim. Eu me enrijeci em seus braços, soltando um grito estrangulado que fez as chamas das velas tremerem e arderem em resposta.

"Oh, deuses. Oh... meus deuses."

O ar tremia de energia. As sombras de Fisher ondulavam sobre minha pele como água. Eu as inspirava, as acolhia dentro de mim, sentindo-as se tornar parte de mim. *Ele* era parte de mim. Eu sentia isso nos meus ossos. *Se* eu quisesse que ele fosse, ele seria o eixo em torno do qual eu giraria. Eu seria dele. Duas contrapartes, independentes uma da outra. Já inteiras, mas juntas mais fortes do que jamais poderíamos ser separadas. Foi minha escolha. As costas das minhas mãos formigavam enquanto eu passava as palmas sobre as planícies suaves e fortes de seu peito, e eu sabia que a tinta estava de volta. Cada dedo formigava com o poder das runas que emergiam sobre eles. As costas da minha mão esquerda zumbiam de calor, mas a direita pulsava de energia enquanto eu sentia runa após runa se acumulando sobre minha pele ali. As Ligações Divinas foram as últimas a chegar. Finos fios de fogo chicoteavam meu pulso, subindo pelos meus braços. Mais tinta se seguiu. Ela deslizou sobre minha barriga e acariciou minhas coxas. Colunas dela subiam pelas minhas costas, envolvendo minha espinha. Eu sentia isso em todos os lugares.

Foi por isso que ele nos jogou na escuridão? Estaria escondendo a evidência da nossa conexão para que eu não me intimidasse com a força que ela manifestava em meu corpo? A resposta para essa pergunta provavelmente era sim. Ele não queria lidar com isso até que Everlayne estivesse segura e bem, de volta a Cahlish, e eu entendia isso. Deixei as Marcas se moverem sobre mim, concentrando-me no calor das mãos e da boca de Fisher por enquanto. Ainda tínhamos tempo.

Seu cheiro me deixa louco, Fisher resmungou . *Você é como uma droga. Você me excita.*

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Estava lá, mesmo no Palácio de Inverno. Sempre que sentia o cheiro dele no ar, meu coração disparava. Cômodos vazios eram lugares perigosos. Em Cahlish, eu entrava na sala de estar ou na forja, me via caminhando por um corredor, e era como se o fantasma dele também estivesse lá, caminhando ao meu lado. O cheiro de pinheiros invernais e o ar frio da montanha faziam meu coração disparar.

Seus dedos se moveram dentro de mim, a pressão de sua mão em concha em meu sexo acendendo o princípio da loucura em mim. Ele seria o meu fim, esse macho. Ele tomaria conta dos meus melhores dias e me carregaria nos meus piores. Ele me mostraria o significado do êxtase e me afogaria nele até eu morrer.

Por favor, Fisher. Deuses, eu quero você.

Sua risada baixa e estrondosa percorrendo a superfície da minha mente era puro pecado.

Você me conquistou, Pequena Osha. E eu *conquistei* você.

Seus dedos se retiraram de dentro de mim e voltaram para encontrar meu clitóris. Dedicando toda a sua atenção ao feixe de nervos inchados no ápice das minhas coxas, ele esfregou as pontas dos dedos em mim em pequenos círculos apertados, projetados para me levar ao orgasmo rapidamente.

Suspirei enquanto sua boca se afastava da minha, percorria meu maxilar e pairava sobre a concha da minha orelha. Arrepios percorreram a parte de trás dos meus braços e pernas, e os pelos da minha nuca se arrepiaram enquanto seu hálito quente percorria minha pele.

"Ninguém *jamais* te foderá do jeito que eu vou te foder, Saeris Fane. Vou te apresentar todos os sete deuses. Quando você os encontrar, não se esqueça de dizer que *sou eu* quem você adora de joelhos." *Saiu.*

Porra.

Alto.

Estava um calor infernal quando ele me disse o que ia fazer comigo mentalmente. Mas ouvir a voz dele, cheia de cascalho e desejo cru? Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Perdi a cabeça. Minha camisa saiu primeiro. Nem dei a Fisher a oportunidade de tirá-la com um passe de mágica. O tecido que prendia meus seios foi o próximo. Botas. Calças. Fisher ajudou a descê-las pelas minhas pernas, fazendo um som impaciente enquanto as arrancava de cada perna. Eu estava frenética enquanto agarrava o cós da calça dele,

abrindo-a rapidamente, mas ele assumiu, acelerando o processo ao chutá-la para fora.

Quer que eu te adore? Eu vou te adorar, pensei. Fisher podia ter grandes planos para mim, mas eu tinha os meus. Caindo de joelhos, agarrei-o, envolvendo sua ereção sólida e dura com a mão. Ele não tinha me dado a chance de fazer isso nas últimas vezes que fizemos sexo. Tudo girava em torno de mim. Fisher tinha passado um tempo inimaginável entre as minhas coxas, me levando ao clímax com a boca, mas agora era a minha vez.

O nervosismo perseguiu a adrenalina enquanto eu estendia a língua e lambia lenta e provocativamente a cabeça inchada do pau do Fisher. Puta merda . Ele estava coberto de pré-gozo; o gosto levemente salgado dele cobria minha língua, enquanto eu a deslizava em torno de sua carne rígida.

Uma energia me invadiu, e as sombras de Fisher se dissiparam. A escuridão se dissipou. O quarto ainda estava apenas fracamente iluminado, mas eu conseguia vê-lo agora: os músculos poderosos das coxas; aquele V glorioso que cortava a linha da virilha; seu abdômen impressionante e definido, e a parede sólida do peito, coberta de tinta movediça. E seu rosto. Seu rosto de tirar o fôlego. Seus lábios estavam entreabertos, seus olhos arregalados e vivos de fome. Minha pulsação acelerou, acelerada, quando vi o fino fio de sangue escorrendo pelo seu queixo.

Meu sangue.

Agora que eu podia vê-lo, também conseguia ver *minhas* mãos. Era como eu suspeitava — as marcas estavam de volta, mais fortes e brilhantes do que antes, preenchendo meus dedos, o dorso das mãos e os antebraços. Arqueei uma sobrancelha para Fisher, passando a ponta da língua *lentamente* pela cabeça tensa de sua ereção. "Achei que você estivesse escondendo isso de mim", eu disse.

"Talvez eu estivesse. Mas eu vou para o inferno e volto se você usar essa boca doce comigo e eu não puder assistir." Ele olhou para a tinta manchando minha pele, absorvendo tudo. Quando seus olhos encontraram os meus novamente, estavam cheios de fogo. "E, enfim. *Eu* não tenho medo deles, Pequena Osha. E *você?"*

E lá estava. Uma pergunta que eu me fazia repetidamente. Eu ainda não entendia as implicações daquelas marcas. Eu estava muito preocupada com o que elas significariam para qualquer futuro que Fisher e eu tivéssemos se escolhêssemos isso. Mas elas eram lindas. Uma representação do que ele estava começando a significar para mim. Chupei a cabeça do seu pau na minha boca, profundamente satisfeita quando Fisher tremeu em resposta.

Minha boca fez um estalo úmido quando o deixei escapar dos meus lábios novamente.

"Ainda não me decidi", disse eu, cautelosamente. "Não tenho medo deles esta noite. E é só isso que importa agora." Afundei-me novamente sobre ele, cansada da provocação, fechando minha boca em volta dele, e os olhos de Fisher reviraram-se para dentro do crânio.

"Puta... porra ... *merda* ...", ele gemeu. Quando se recuperou o suficiente para me olhar novamente, uma pequena onda de pânico se formou no fundo da minha garganta. Ele ia me comer viva. Eu ia deixar. Mas isso não impediu que o arrepio de nervos subisse pela minha espinha enquanto eu considerava tudo o que isso implicaria. Eu me movia para cima e para baixo em seu pau, passando a língua ao redor dele, saboreando a textura aveludada de sua pele enquanto meus lábios a moviam. Ele se contraiu, tenso, e eu o levei mais fundo.

"Deuses vivos, você é tão linda com a boca em volta de mim desse jeito." Fisher traçou a linha da minha bochecha, meu maxilar, depois esfregou a ponta do polegar sobre meus lábios, esticados ao redor dele. Ele sugou o próprio lábio inferior, mordendo-o enquanto rosnava possessivamente. "Meus lábios para beijar. Minha boca para *foder* ." Seus caninos perfuraram seu lábio, gotas gêmeas e brilhantes de seu próprio sangue manchando sua boca, e como se jogasse a cautela ao vento, ele se balançou para frente, se enfiando mais fundo na minha boca.

Eu gemi, a ponta do pau dele encostando no fundo da minha garganta, e Fisher imediatamente se afastou, saindo da minha boca com um chiado selvagem. *"Porra!"*

Ele caiu sobre mim numa onda de sombras negras e fumaça. Não tive tempo de ir para a cama. O sofá estava tão perto, mas ele me levou para onde eu estava, bem ali no chão. Gritei quando ele se afundou em mim. Fiz tudo o que pude para me impedir de gozar ali mesmo. Ele me preencheu tão deliciosamente, o peso dele em cima de mim tão perfeitamente satisfatório.

Ele ficou imóvel. Nós dois ofegantes, nos encarando. "Manda eu te foder, Saeris", ele rosnou. "Me diz que você quer isso."

Agarrei suas costas, desesperada para que ele se movesse, para me preencher de novo e de novo e de novo. "Eu... Por favor! Deuses, por favor, me foda. Eu quero você. Eu quero..."

“Era tudo o que eu precisava ouvir.”

Fisher se penetrou em mim com força, o maxilar cerrado. Energia cintilava entre nós como pequenos filamentos de relâmpago, dançando por toda a nossa pele, conectando-nos enquanto ele se dirigia para casa.

Respirei ofegante, ofegante, lutando para manter a calma enquanto uma tempestade começava a se formar no meu peito. Ela me destruiria quando explodisse, e eu não estava pronta. Estava levando Fisher embora também. Ele me segurava com tanta força enquanto se balançava contra mim, como se tivesse medo de que eu desaparecesse se ele afrouxasse o aperto.

Gozei primeiro, meu orgasmo obliterando minha capacidade de pensar. Como uma das avalanches que eu vira descendo pela face de Omnamerrin, ele me atingiu e me arrastou para longe. Minhas costas se arquearam para cima do tapete, meu corpo se contorcendo enquanto o prazer puro e puro me sacudia até o âmago.

Fisher me seguiu. Quando chegou, o som de seu grito ofegante e furioso fez os vidros das janelas tremerem. Observei, incapaz de desviar o olhar, e uma série de novas tatuagens floresceram como flores negras em sua pele. Elas subiram pela lateral do pescoço. Runas recentes acorrentavam sua clavícula, entrelaçadas e ousadas. O desenho em seu pescoço parecia penas a princípio, e — sim, eram penas. As asas estendidas de um pássaro majestoso, brilhando em azul e verde metálicos, se abriam em leque ao redor de cada lado de seu pescoço, únicas e deslumbrantes.

Ele rugiu, enterrando-se profundamente uma última vez e afundou em cima de mim, cobrindo-me com seu corpo.

Por um tempo, tudo o que podíamos fazer era sobreviver às consequências.

"Deuses. Isso..." Engoli em seco, tentando recuperar o fôlego. "Isso foi..."

Fisher se apoiou no cotovelo, e meu coração deu um pulo ao vê-lo. Seu cabelo estava bagunçado, suas ondas prestes a se enrolar de verdade, pela primeira vez. Suas bochechas estavam coradas, as olheiras sumiram. Pela primeira vez, ele parecia à vontade. Satisfeito. E... perverso? Um sorriso lento se espalhou por seu rosto.

"Isso foi só o começo, Saeris." Ele bateu no meu nariz com a ponta do seu. "Não achou que eu ia acabar com você tão fácil, achou?"

Nas três horas seguintes, Fisher continuou me fodendo em todos os cômodos do apartamento. Quando parecia finalmente atingir o limite, ele estava duro de novo e rosnando no meu pescoço, pronto para o terceiro round. E depois o quarto. E depois o quinto. Ele me preparou comida quando

finalmente estávamos exaustos, e nos sentamos no chão, no meio da sala, enrolados em lençóis, enquanto comíamos.

Fisher esfregou os dedos na coluna da garganta, franzindo a testa de brincadeira quando terminamos de comer. "Será que imaginei ou senti algo novo se encaixando aqui antes?", perguntou.

Coloquei uma uva na boca, arqueando as sobrancelhas para ele. "Com certeza."

Seu sorriso se tornou um pouco triste. Ele tirou a mão do pescoço e perguntou: "O que foi?"

"Asas. Asas realmente lindas. Elas têm o mesmo brilho metálico que esta", eu disse, segurando a runa complexa e em camadas na minha mão direita.

Fisher assentiu lentamente, inclinando a cabeça para baixo, de modo que a linha dos tendões do pescoço, sob a nova tatuagem, se destacasse. Ele era tão hipnotizante quanto uma pintura como esta, com o cabelo obscurecendo o rosto, as mãos fortes e hábeis apoiadas no colo. Gostaria de poder desenhá-lo, para poder guardar a visão dele assim para sempre. Ao contrário da mãe dele, eu não era artista. E, às vezes, é assim que as coisas deveriam ser. Havia momentos que eram presentes, feitos para serem apreciados apenas enquanto você pudesse se lembrar deles.

Felizmente para mim, eu tinha uma excelente memória.

"O que significa?", perguntei baixinho, apontando para o pescoço dele. "Por que *você* fez tatuagens novas dessa vez?" Passamos um bom tempo entre a terceira e a quarta rodadas, examinando meu corpo minuciosamente, e confirmamos que *eu* não havia desenvolvido nenhuma arte nova.

Fisher deu de ombros, evasivo, deitando-se no tapete. Estendeu a mão para mim, gesticulando para que eu fosse até ele. Deixei nossos pratos de lado e fiz o que ele pediu, aconchegando-me ao seu lado e apoiando a cabeça em seu peito. Mas não o deixei escapar tão facilmente. "Você não pode simplesmente ignorar uma pergunta quando não quer responder", eu disse, cutucando-o de leve nas costelas. "Me diga por que eles apareceram esta noite e não nas outras."

Virei a cabeça e fechei um olho, semicerrando os olhos para ele. Sua garganta preenchia meu campo de visão, e metade de sua nova tatuagem de asa era tudo o que eu conseguia ver. "Quando nós, feéricos, somos pequenos", disse ele suavemente, "nossos pais nos ensinam a arte da distração para que possamos proteger as coisas que não queremos confessar. Você vai esquecer

que fez essa pergunta se eu encontrar energia para fazer você gritar meu nome de novo?"

"De jeito nenhum!" Belisquei seu mamilo entre os dentes em repreensão, e Fisher gritou, xingando em Velho Fae.

"Cuidado, Osha", ele repreendeu. "Meus dentes são *muito* mais afiados que os seus."

Ele não tinha me mordido nada esta noite. Tirando os pequenos cortes nos meus lábios e na ponta da minha língua quando nos beijamos tão violentamente, não me passou despercebido que seus caninos ficaram bem longe de mim durante o sexo. Não tinha importado. A noite tinha sido incrível. Mais do que incrível. Eu não teria mudado nada.

"Eu já sei como seus dentes são afiados. O que não sei é por que você fez uma tatuagem nova", insisti.

Puxando-me para mais perto, ele apoiou o queixo no topo da minha cabeça e suspirou profundamente. "Tudo bem, tudo bem. Vou te contar. No passado, uma das partes sempre recebia as marcas de acasalamento primeiro. Quando a outra parte aceitava o vínculo, às vezes as Marcas apareciam em seus corpos também. Não acontecia o tempo todo. Mas às vezes...", ele disse em voz baixa.

Eu me afastei dele, sentando-me rápido demais. Minha cabeça girava como um pião, mas ignorei a sala de arremessos, estreitando os olhos para ele. "Você fez... *o quê?"*

"Eu aceitei o vínculo. Mais cedo. Quando eu estava dentro de você. Quando minha alma estava envolta da sua." Ele estava *tão* calmo. Nem um pingo de incerteza ou nervosismo.

Enquanto isso, senti que ia desmaiar. "Você *aceitou* ", eu disse. "Eu aceitei."

"Como?"

É fácil. Você toma a decisão. Você reivindica o título. O título reivindica você.

"Não! Como você pôde *aceitar* ? Eu sou..." Balancei a cabeça, tentando organizar meus pensamentos. "Eu sou *humana* . Além de todas as coisas que temos que resolver quando Everlayne estiver segura, você é quase imortal, e minha expectativa de vida é...

-é-"

"Inconveniente", disse Fisher. "Você tem razão. Essa parte é horrível. Mas..." Ele franziu a testa, passando o braço em volta da minha cintura e me puxou de volta para deitar em seu peito. Assim que me acomodei, ele passou

os dedos lentamente pelos meus cabelos e falou novamente: "Serei grata por cada segundo que puder dizer que pertenço a você, Saeris Fane. Oitenta anos ou dezoito horas. Não importa para mim. Ainda será a maior honra da minha vida. Mas não... você está prestes a ter um ataque cardíaco? Seu pulso está *disparado.* " O desgraçado riu, e eu quase comecei a chorar. "Não surte. Aqui. Olha."

Ele pegou minha mão e a levantou, mostrando-a para mim. Observei as runas tatuadas desaparecerem gradualmente até que minhas mãos e antebraços estivessem sem marcas novamente. "Só porque eu aceitei, não significa que você precise aceitar. Você ainda tem semanas para decidir. E se rejeitar o vínculo, não importa. Minhas novas asas desaparecerão, e pronto." Ele me aceitou como sua companheira.

Apesar de todos os bloqueios que estavam em nosso caminho e de todos os *bons* motivos pelos quais não deveríamos acasalar... ele conseguiu.

"Estou apaixonado por você, Saeris Fane", ele sussurrou baixinho no meu cabelo. "E já estou meio louco, de qualquer forma. O que há de tão complicado nisso?"

"EU-"

" *Por favor,* pelo amor dos deuses, não diga nada. Só me deixe ter a minha fantasia. Só por esta noite."

Eu *ia* ter um ataque cardíaco. Ou meu coração ia se partir em dois. De qualquer forma, meu coração estava em apuros, e não havia como protegê-lo agora. A mão de Fisher percorreu meu corpo de cima a baixo, e lentamente o quarto escureceu até que, mais uma vez, parecia que estávamos flutuando em um mar de estrelas.

Ele não queria que eu respondesse à sua declaração. Eu entendia isso e podia lhe dar paz por esta noite. O sol nasceria novamente em breve, porém, e não conseguiríamos evitar a conversa. Enquanto isso, o sono deixava meus ossos pesados, pesando sobre minhas pálpebras. Amanhã, iríamos salvar Everlayne.

Enquanto o cansaço prometia varrer minha consciência, algo me ocorreu do nada. "Quando estivemos aqui da última vez, você disse que o povo de Ballard tinha algo de que você precisava. Mas você nunca conseguiu", sussurrei.

Fisher beijou minha testa delicadamente, e ao nosso redor, as chamas bruxuleantes das velas começaram a se apagar. "Sim, eu vim", disse ele. Mal ouvi suas próximas palavras enquanto me afastava. "Vim buscar um pouco de esperança."

38

MÁRTIRES POR AMIGOS

Eu, o cheiro de açúcar e a luz do sol quente como mel entrando no quarto. Lá fora, passarinhos pulavam de galho em galho na árvore além da janela do quarto. Sorri enquanto esticava os braços sobre a cabeça, deliciando-me com a forma como meu corpo doía das aventuras da noite anterior. E então meu sorriso se esvaiu lentamente...

Em algum momento, Fisher me carregou para a cama. Não de volta para o pequeno quarto onde dormira quando criança. Ele me colocou na cama da mãe. E não estava deitado ao meu lado, debaixo do edredom. A porta do quarto estava aberta e, através dela, eu podia ver a forma negra e sinistra de um portão de sombras em espiral.

"Não. Não, não, não, não, não, *não!"* Saltei da cama, sibilando ao me levantar sobre as botas. Meu coração apertou ao ver a pilha de roupas limpas dispostas para mim na cadeira perto da janela. Ignorando-as, corri para a sala, indo de cômodo em cômodo, nua, tentando conter o pânico crescente.

"Pescador? Pescador!"

Ele não estava na cozinha. Nem no outro quarto. O apartamento estava vazio. Rios de cera de vela cobriam os móveis e escorriam pelas prateleiras. Os restos do nosso jantar ainda estavam no balcão perto da pia da cozinha. E no centro da sala de estar, onde passamos a maior parte da noite enroscados um no outro, estava o portão de sombra amaldiçoado pelos deuses. Olhei para ele, meus olhos se enchendo de lágrimas. Ele flutuava na minha visão, mas lá permaneceu, pairando alguns centímetros acima do tapete, fazendo um som abafado e apressado. Tapei a boca com as mãos, mas elas não impediram que o soluço alto que soltei ecoasse pelo apartamento.

O que você fez, Fisher? O que você fez?

Encontrei o bilhete debaixo das roupas que ele havia deixado para mim.

Isso pode parecer dramático agora, mas fará sentido no tempo, Saeris.

Passe pelo portão. Ele o levará de volta a Cahlish.

Espere lá com os outros. Vou mandar o Layne Volto o mais rápido possível. Diga à Iseabail para sedá-la assim que ela passar pelo portão. Ela estará perto da transição. Não haverá muito tempo. Ela vai querer voltar pelo portão antes que eu o feche, então você precisa estar preparado para isso. Você precisa impedi-la. Tudo isso será em vão se ela pular de volta.

Diga a Lorreth para viver a sua vida. Diga a ele para não

Não se preocupe comigo. Tenho paciência infinita e não tenho interesse em ter mártires como amigos.

Diga a Renfis que sinto muito. Que ele era o padrão que sempre mantive, e Yvelia estaria em um lugar melhor se eu fosse metade tão bom quanto ele.

E você, Osha. Eu te liberto do seu Juramento. Você sabe como fazer as relíquias agora. Uma parte egoísta de mim quer implorar para que você faça o máximo que puder para que meus amigos e

t t

Suas famílias podem escapar de Yvelia antes que este reino caia. Mas eu entendo se você precisar ir. Encontre Hayden e Elroy. Ajude seus amigos. Depois, vá explorar. Existem inúmeros reinos lá fora, esperando para serem encontrados. Torne um deles seu.

Nunca fui de confiar nos deuses, mas escolho acreditar que todas as coisas vêm do mesmo lugar quando a vida começa. Tenho esperança de que elas retornem ao mesmo lugar quando ela termina.

Estarei esperando por você lá, Saeris Fane. F

Caí de joelhos e solucei. Da última vez que chorei assim, minha mãe estava sendo levada pelo vento da verdade. Eu havia jurado que nunca mais me importaria com ninguém a ponto de sentir aquele tipo de dor. Mas lá estava eu, destroçada.

Fiquei realmente desolado quando vi o que estava sobre a lareira.

Nimerelle.

A espada negra e manchada jazia em meio a poças de cera derretida e potes cheios de pincéis, com a luz do sol brilhando em sua ponta como uma estrela. Ele não a levara consigo.

Eu sabia o porquê. Se Malcolm matasse Fisher e colocasse a mão em uma espada divina, havia uma chance de ele encontrar um jeito de convencê-la a canalizar. Se isso acontecesse, não havia limites para a destruição que ele poderia causar. *E* ele ainda podia usar o mercúrio. Não haveria escapatória para mim ou para qualquer um dos amigos de Fisher.

Então Kingfisher foi até Gillethrye para salvar Everlayne e todos os outros com quem ele se importava.

E ele foi para lá sozinho e desarmado.

Carrion gritou, remexendo o livro nas mãos. Ele quase caiu da cadeira quando eu invadi o portão das sombras e entrei no quarto de Fisher.

"Viva a porra dos deuses *!* ", ele ofegou, apertando o peito. "Um pequeno *aviso?"*

"Onde estão todos?" perguntei.

"Não sei. Na biblioteca? Todo mundo está vesgo, tentando encontrar um jeito de quebrar essa coisa de encantamento. O que você está fazendo com a espada do Fisher?"

Joguei Nimerelle na cama, junto com a camisa velha que eu tinha encontrado para envolver o cabo e poder pegá-la. "Esqueça a espada. Por que você não está com todo mundo?", gritei.

O ladrão de beco deu de ombros descaradamente. "Vim procurar o Onyx. Não o encontrei em lugar nenhum, então imaginei que ele estivesse dormindo aqui. Quarto maluco. Você viu as obras de arte?" Ele gesticulou para as pinturas rasgadas que ainda estavam penduradas nas paredes, com as telas rasgadas em tiras. Continuou, sem me dar espaço para falar. "Eu ia embora, mas *pensei* que talvez o Fisher tivesse um diário. E adivinha? Ele não tem. Mas ele *tem* algo ainda melhor."

Atravessei a sala. "Que horas são?"

"Espere. Você não quer saber o que estou lendo?"

"Deixa eu adivinhar. É um livro de profecias, e tem um monte de desenhos meus com orelhas pontudas."

A decepção de Carniça roubou-lhe o sorriso. "Como você sabia?"

"Carniça, não posso fazer isso agora. Que *horas* são?"

"Quase duas, eu acho. Almoçamos há um tempo. Eu não esperava que ninguém passasse por ali até *muito* mais tarde. Ren disse que Fisher deixou um bilhete para ele, dizendo que você voltaria antes do anoitecer."

"Ah, sim", eu disse, irritada. "O Fisher *adora* deixar bilhetes."

Ao lado da cama, o portão de sombra que Fisher havia deixado aberto para mim se fechou bruscamente, de alguma forma ciente de que havia cumprido seu propósito. Observei-o desaparecer, minhas entranhas ardendo em brasa de raiva.

"Estou sentindo um pouco de tensão no ar", brincou Carniça. "Vocês dois já brigaram?"

"Se por cair você quer dizer que vou matá-lo, então a resposta é sim."

Lorreth, Ren, Te Léna e Iseabail estavam na biblioteca. Das quatro, apenas Iseabail não estava com a cabeça enfiada em um livro. Ela estava

parada perto da janela, observando a neve cair, com uma expressão entediada. A surpresa tomou conta do rosto de Ren quando ele me viu entrar.

"Saeris. Está tudo..." Ele se corrigiu no meio da pergunta. "O que houve? O que aconteceu?"

Eu estava prestes a gritar. Joguei a carta que Fisher havia escrito para mim na mesa em frente ao general, agarrei o encosto da cadeira em que o desgraçado havia se sentado ontem, acompanhando todos os nossos planos enquanto ele secretamente fazia os seus próprios, e esperei que Ren examinasse a letra inclinada no papel.

Ele ficou boquiaberto ao deixar a carta cair. Lorreth nem pediu para ler; inclinou-se sobre a mesa e a pegou, a expressão se tornando sombria enquanto seus olhos percorriam o texto. "Idiota", sibilou. Olhando para mim, perguntou em tom incrédulo: "Que porra *ele* pensa que está fazendo?"

Como se eu tivesse uma resposta para aquela pergunta. Mil maldições pairavam na ponta da minha língua, mas eu as prendi atrás dos dentes. Só uma pergunta importava naquele momento, e tudo dependia da sua resposta. "Existe uma poça de mercúrio em Gillethrye?"

Ren não disse uma palavra. Ele ainda estava visivelmente em choque com o conteúdo da carta. Piscou ao perceber que todos o olhavam. "Não. Não que eu saiba", disse com a voz embargada. "Houve uma há muito tempo, mas Belikon a tomou quando assumiu o poder. Ele a fundiu com a piscina do Palácio de Inverno para que fosse grande o suficiente para transportar um exército."

E lá estava ela.

Eu tive minha resposta.

Não havia piscina em Gillethrye.

Cada resquício de esperança ao qual eu estava me agarrando se desmaterializou em uma nuvem de fumaça.

Houve uma chance. A menor chance, mas ainda assim uma chance. Fisher dissera que havia mais mercúrio aqui em Cahlish. Uma poça, provavelmente. Ele disse que eu teria acesso a ele assim que descobrisse como criar as relíquias, o que significava que provavelmente estaria por perto. Se eu o tivesse encontrado, poderia ter criado mais relíquias e, então, poderíamos ter ido chutar a bunda do Fisher por ser tão estúpido. Mas sem uma piscina do outro lado, em Gillethrye...

Não havia esperança.

Estávamos ferrados.

Deixei minha cabeça cair, a dormência se espalhando por mim como gelo.

"Desgraçado."

Eu meio que esperava que ele me respondesse, mas minha mente permaneceu teimosamente silenciosa.

Como ele pôde fazer isso? Com os amigos? Comigo? Ele não estava sozinho, mas decidiu assumir esse fardo sozinho. Não foi heroico nem corajoso. Foi estúpido pra caramba.

Lorreth passou a mão pela boca, a barba áspera raspando a palma. "Acho que vou vomitar", disse ele, com naturalidade.

Ren empurrou a cadeira para longe da mesa, mas continuou sentado, com as mãos nos joelhos. Achei que ele não tinha forças para ficar de pé. "Você e eu, irmão. Você e eu", murmurou.

Foi Carniça quem quebrou o silêncio em seguida. "Saeris?" Olhei para cima e vi que *ele* agora tinha a carta de Fisher. Ele ergueu o pedaço de pergaminho, com uma expressão interrogativa no rosto. "Há quanto tempo aquele portão das sombras estava aberto? Aquele do quarto de Fisher?"

"Não sei. Horas, provavelmente. Não faço ideia de quando ele abriu. Estava lá quando acordei."

"Não, não." Carniça balançou a cabeça, impaciente. "Por quanto tempo ficou aberta *depois que* você entrou? Eu não estava prestando atenção, mas conversamos antes de fechar, certo?"

"Sim. Imagino que... levou uns dez segundos? Doze?"

“Demora sempre tanto assim?”

"Uhh..." Eu não tinha prestado muita atenção nas outras vezes em que atravessei um portal com Fisher. Sempre havia algo mais em minha mente.

Lorreth interveio e respondeu: "Sim. Não sei se demora tanto assim, mas sempre tem um atraso. Fisher já comentou sobre isso antes."

"Ótimo. E aqui, ele diz na carta que quer que você esteja pronto para Everlayne quando ele a enviar por um portal de volta para Cahlish. Que ela tentará usá-lo para voltar para Malcolm. O que significa que o portal não é de mão única. Se Everlayne puder usá-lo para vir aqui..."

"Então também podemos usá-lo para ir lá!" Quase caí no chão. O alívio... nossa, eu nunca tinha sentido nada parecido. Meu corpo começou a tremer.

Ren se levantou e soltou um longo suspiro. "Eu poderia te beijar, Carrion Swift."

Carniça pareceu surpresa com isso. E depois um tanto interessada. Depois de pensar por um segundo, disse: "Eu não me oporia. Mas talvez mais tarde. Primeiro, Saeris tem trabalho a fazer, e pretendo ajudá-la."

"Que trabalho?" Foi um milagre eu ter conseguido fazer a pergunta. Eu estava tão cheio de adrenalina que a biblioteca estava girando. Eu definitivamente ia vomitar.

Carniça sorriu, todo dentes e travessura. "Vou com você por aquele portal. Vou te ajudar a salvar o babaca do seu namorado. Mas primeiro, quero uma daquelas espadas chiques."

"Você ouviu falar do incêndio no circo?" Fiz uma pausa para dar um efeito dramático.

"Foi em tendas. Entendeu? *Em tendas."*

Carniça estremeceu. "Foi terrível."

"Cala a boca. Pedia uma piada. Não especificava que tinha que ser uma boa. Eu era metalúrgico e ladrão em Zilvaren, não comediante."

“Eu era um contrabandista e ainda tenho piadas muito melhores do que essa.”

" Então *conte* uma piada!" Estendi o cadinho contendo o mercúrio, e Carniça bufou, olhando para o metal líquido em ebulição.

Tudo bem. Ótimo. Um dia, um marido se vira para a esposa e diz: 'Sabe, aposto que você não consegue pensar em nada para me dizer que me deixe feliz e triste ao mesmo tempo'. A esposa nem precisa pensar nisso. Ela se vira para o marido e diz: 'Seu pau é muito maior que o do seu irmão'.

O mercúrio, que não tinha dado a mínima importância à minha piada, começou a rir.

"O que ele está fazendo?", perguntou Carniça. "Está rindo, não é?"

Revirei os olhos e passei o mercúrio pela lâmina aquecida que eu havia fixado sobre o fogo na forja. Não houvera tempo para fazer uma espada nova do zero, mas Ren encontrara uma espada de duas mãos muito bonita no modesto arsenal de Cahlish, que Carniça concordara que serviria. O mercúrio, que Ren também trouxera do arsenal — aparentemente, estava lá o tempo todo —, também achou a lâmina razoável o suficiente para ser usada como arma e consentiu em ser forjada na espada, desde que eu contasse uma piada.

Se não tivesse aprovado o meu, claramente teria aceitado o de Carrion como pagamento, porque o mercúrio foi absorvido pela lâmina assim que fez contato, lançando um brilho iridescente ao longo do fio da arma.

O céu escureceu enquanto eu afiava aquela lâmina contra uma roda, e Carrion contou uma série de piadas adicionais que ficaram mais obscenas à medida que ele avançava.

“Deuses e mártires, por favor, parem”, implorei.

"Só estou tentando descontrair. Você parece que alguém mijou na sua ração de água."

"Mais piadas. Contem-nos mais piadas..."

Encarei a espada com raiva, incapaz de compreender seu gosto ruim. Se alguma vez houve uma arma tão perfeitamente adequada ao seu dono, era esta. Carniça se deliciava em contar as piadas mais obscenas imagináveis. E quando terminei, e Carniça pressionou a ponta do dedo contra a lâmina, dando-lhe o mínimo gosto de seu sangue, a lâmina reagiu imediatamente.

"Sim, sim. Nosso amigo. Nosso. Ele nos dará um nome."

Os olhos de Carniça se arregalaram. "Eu ouvi isso!"

"Ótimo." Virei a espada e a entreguei a ele. "Então dê um nome a ela e vamos embora." A noite estava quase chegando, e os outros nos esperavam.

Carniça segurou a espada, virando-a de um lado para o outro. Depois de muita reflexão, disse: "Parece um Simão."

“Simão?”

"É. Simon. Não me culpe. É o que parece..." Ele parou de falar e escutou. *"Viu?* Ele gosta do nome. *Quer* ser Simon."

"Justo." A espada aparentemente havia parado de falar comigo, então perguntei: "Ela já decidiu se quer lhe presentear com magia, apesar do seu frágil sangue humano?"

Carrion deu um sorriso irônico. "Diz aqui que isso cabe a mim saber e a você descobrir." "Espero que isso signifique sim", resmunguei.

De volta à biblioteca, Ren andava de um lado para o outro, nervoso, mordendo a parte interna da bochecha. Lorreth olhava fixamente para o fogo. "Onde estão Te Léna e Iseabail?", perguntei.

"Eles estão preparando um espaço para tratar Layne", disse Ren. "Iseabail trouxe tudo o que acha que vai precisar para que seu feitiço de sedação funcione. Te Léna está confiante de que pode suprimir o veneno no sangue de Layne por tempo suficiente para começar a curar seu corpo, mas..."

"Mas?"

Isso nunca foi feito antes. Que saibamos, pelo menos. A cura para a maldição do sangue foi perdida há mais de mil anos, e isso só ajudou os feéricos que foram amaldiçoados, não transformados. Vampiros transformados precisam morrer antes da transição, e a magia das bruxas não pode afetar os mortos. Há uma chance de o veneno de Malcolm matar Layne antes que ela possa ser curada, mesmo que ela seja congelada pela magia de Iseabail.

Lorreth se remexeu na cadeira. "Eu não confio nela. A bruxa", esclareceu ele antes que eu pudesse perguntar a quem se referia. "Amantes de dragões. Eles são a razão de estarmos nessa enrascada, para começo de conversa. Se não fosse por eles, nem existiriam *vampiros* ."

"Vamos lá. Não me diga que você ainda acredita nisso", perguntou uma voz suave e cadenciada da porta. Era Iseabail, claro. Seus cabelos ruivos e espessos caíam pelas costas, a parte de cima presa com um grampo. Seus olhos azul-marinho cravavam-se em Lorreth, afiados como punhais. "Meu povo foi perseguido a vida toda por causa desses rumores cruéis. Provamos séculos atrás que não tínhamos nada a ver com a maldição que afligia sua espécie. O Clã Balquhidder era uma das cinco famílias encarregadas pelo seu falecido Rei Daianthus de encontrar a cura para a maldição feérica. Fomos fundamentais para quebrá-la. Vim aqui por livre e espontânea vontade para ajudá-lo a curar a filha de um tirano que tem uma recompensa pela cabeça da minha família. Qualquer um pensaria que você ficaria grato, Guerreiro." Ela o encarou com os olhos semicerrados.

“Qual era mesmo o seu nome?”

"Você sabe muito bem qual é o meu nome", Lorreth rugiu. "Já nos conhecemos, Bruxa."

"Ah?" Iseabail lançou um sorriso felino para Lorreth. "Sério? Devo ter esquecido."

Ren deu um soco na mesa, assustando a todos nós. "Chega. Já estamos nervosos e estressados. Não precisamos ficar brigando entre nós também. Lorreth, Iseabail tem razão. Ela veio aqui para nos ajudar, e não precisava."

Os olhos de Lorreth ardiam com um ódio surpreendente, mas ele abaixou a cabeça e fez a coisa certa; soou apenas um pouco insincero ao se desculpar. "Sinto muito. Somos todos muito gratos por terem vindo."

A ruiva parecia gostar de ver o guerreiro se contorcer. A tensão crescente na sala poderia ter sido cortada com uma faca. Mas eu não tinha coragem de repetir nenhuma das piadas terríveis que Carniça contara na forja, então teria

que dissipar a energia espinhosa de outra forma. Dei um passo em direção à mesa, olhando para Carniça por cima do ombro.

"Vamos lá. Por que você não conta para todo mundo o nome que você deu ao seu novo sw—" Um buraco se abriu no ar, negro e raivoso.

Um raio azul escuro saiu voando e caiu sobre a mesa.

Livros voavam por toda parte.

A madeira quebrou.

"MERDA!" Era Ren. Ele estava à frente de todos na biblioteca, correndo para ajudar Everlayne. *Ela havia caído do teto.* O portão das sombras não era uma porta vertical desta vez. Era horizontal e a três metros de altura... e Everlayne tinha acabado de destruir nosso único meio de alcançá-lo com o corpo.

"Porra!" gritou Carniça.

"Rápido!" Lorreth correu ao redor da mesa destruída e agarrou meu braço com força. Não havia tempo para gentilezas. Eu vi o que ele ia fazer estampado em seu rosto, e não me importei. Mas...

"Espere! Minha espada!" Idiota. Eu fui um idiota! Solace não estava preso à minha cintura. Ainda estava claro lá fora. Taladaius tinha dito que Malcolm encontraria Fisher ao anoitecer, mas ainda estava muito claro lá fora. Eu não estava pronto! "Carniça primeiro!", gritei.

A espada estava no suporte de leitura perto da janela do fundo. Corri até ela. Agarrei-a. Virei-me.

Lorreth e Ren estavam carregando Carniça através do portão. Seu torso já havia desaparecido. Como se ele tivesse se levantado repentinamente do outro lado, a perna de Carniça se ergueu rapidamente e ele desapareceu.

"Saeris!", grasnou Everlayne. Ela não estava morta. Mesmo enquanto eu voava pela biblioteca em direção aos braços estendidos de Lorreth, tive tempo suficiente para agradecer aos deuses por ela estar viva. Mas não consegui parar para confortá-la.

“Voltarei em breve, Layne!”

As mãos de Lorreth se fecharam em volta da minha cintura. Renfis agarrou minhas pernas.

O grito frenético de Everlayne me atravessou enquanto os guerreiros lá embaixo me empurravam para o portão das sombras. "Saeris! Espere! *A água!"*

Mas era tarde demais para entrar em pânico. Não havia tempo para perguntar o que ela queria dizer. O portão me agarrou, um vento congelado rasgando minhas roupas, me rasgando do avesso. Procurei cegamente

qualquer apoio que Carniça tivesse usado para se levantar, mas não havia apoio. Houve uma mudança rápida e desorientadora na gravidade, e de repente eu estava de cabeça para baixo. De repente, eu estava...

f
um
ll
i
ng
.
.
.

39

ANNORATH MOR!

Lágrimas brotaram dos meus olhos. Lutei para abri-los e depois me arrependi de não tê-los feito. Oito metros de ar livre se estendiam à minha frente. Abaixo:
uma piscina cintilante e vasta de seda preta.

Não.
Não é seda.
Água.
Um lago.
Abri a boca para gritar:
—e atingiu a superfície como um meteoro atingindo o solo.
Dor.
Em todo
lugar. Eu não
conseguia—
DOR.
Oh deuses.

Eu não conseguia *respirar*.

Minhas costelas gritavam. A agonia percorreu minha espinha. Minha cabeça latejava.

Gelada, a água enchia meus ouvidos e ardia meus olhos. Era tão escura que eu não conseguia distinguir qual era o caminho para cima.

Meu corpo reagiu, minhas pernas chutando e se debatendo, pânico imediato. Absoluto.

Minhas mãos se apertaram, desesperadas por algo para segurar, mas não havia nada. Só água. Por toda parte, água, porra.

Meus pulmões queimavam, desesperados por oxigênio. Eu precisava respirar. Eu precisava. Eu precisava chegar à superfície. Eu precisava respirar. Eu precisava...

Meu corpo foi sacudido pelo movimento na água. Fui empurrado para o lado. De repente, ouvi mãos me tocando. Alguém me encontrou no escuro. Eu ainda não conseguia enxergar, mas me contorci, chutando, esticando os braços, com os dedos dormentes de frio. Agarrei-me a algo — tecido — e segurei firme. Meu coração trovejava em meus ouvidos enquanto eu era arrastado para cima, através da água.

Minha cabeça emergiu da superfície e eu respirei fundo, aterrorizada, com o choque percorrendo meu sistema nervoso. Eu não estava segura. Não havia chão sob meus pés. Eu ia morrer.

"Shh, Saeris. Está tudo bem. Está tudo bem. Só respira. Dois segundos e estaremos na praia."

Lorreth. Lorreth me pegou. De costas para ele, eu tremia violentamente em seus braços, meus dentes batendo enquanto ele chutava como se uma matilha de felinos estivesse em seu encalço. Demorou mais de dois segundos para chegar ao chão firme, mas não muito mais.

Solucei enquanto tentava me sentar nas ondas suaves que batiam na margem do lago; meu corpo parecia quebrado. Algumas das minhas costelas estavam, com certeza, estilhaçadas. Quando tentei expandir meus pulmões, foi como se eu estivesse sendo perfurado na lateral com uma adaga. "Onde está... Carniça?", ofeguei.

Felizmente, Lorreth não parecia ferido. Encharcado até os ossos, com o cabelo grudado nas costas, o lutador estava à beira da água, com os olhos vasculhando a escuridão. Eu não conseguia ver nada, mas provavelmente era porque minha cabeça estava se estilhaçando.

"Ali. Eu o vejo", Lorreth ofegou. "Espere aqui. Vou voltar para buscá-lo."

Hah! Onde *diabos* ele pensava que eu ia? Caí de costas contra a praia, com pedrinhas pontiagudas cravando-se na minha pele. O céu estava coberto de nuvens tão espessas que lançavam o mundo na escuridão. No começo, eu mal conseguia distinguir. E então, quando a dor no peito diminuiu um pouco e meus olhos se adaptaram ao novo ambiente, avistei a face do penhasco que se erguia em direção ao céu atrás de mim.

A rocha era de obsidiana negra, lisa como vidro. E tinha pelo menos 30 metros de altura.

"Porra", ofeguei. " *Porra, porra, porra.* " Muita coisa tinha acontecido nos últimos três minutos. Eu estava na biblioteca e, do nada, meu amigo bateu em uma mesa. Então, fui lançado para cima, em direção a um portão de sombra, caí 24 metros em uma massa de água gelada e quase me afoguei. Nada disso tinha sido divertido.

Eu estava me sentando lentamente quando Lorreth ressurgiu do lago, arrastando Carniça atrás de si. O ladrão não estava de pé, o que não era um bom sinal. Minha preocupação se intensificou quando Lorreth o jogou nas pedras, e percebi que seus olhos estavam fechados e seus lábios, azuis.

Esquecida a dor, levantei-me de joelhos. "Por que ele não acorda?"

"Ele engoliu muita água", disse Lorreth, tenso. O guerreiro se abaixou e se ajoelhou ao lado de Carniça também. Estremeci quando ele atingiu Carniça no meio do peito. O golpe teria tirado o fôlego até do maior lutador, mas não provocou uma reação de Carniça.

"Vamos lá", murmurou Lorreth. E bateu nele de novo.

Ainda nada.

Eu estava com medo demais para piscar. "Carrion Swift, se você não acordar agora mesmo, vou contar para todos os seus amigos babacas do Terceiro Mundo que você era uma péssima transa."

Lorreth desferiu outro golpe em seu plexo solar.

"Estou falando sério!" gritei.

Carniça se sobressaltou como se tivesse sido atingido por um raio. Rolou na direção de Lorreth e vomitou uma golfada de água do lago, tossindo e cuspindo. Ah, graças aos deuses. Caí para trás, aterrissando pesadamente de bunda, trocando um olhar aliviado com Lorreth. Quando ele terminou de vomitar, Carniça se jogou de costas e me encarou com os olhos semicerrados. "Você não... ousaria... *porra."*

Éramos só nós três.

Renfis não conseguiu.

O general empurrou Lorreth para cima, em direção ao portão das sombras, e gritou para ele ir embora.

"Senti que ele me puxava para dentro enquanto se aproximava", disse ele, enquanto nos recompusíamos. "Se eu tivesse pulado um segundo depois, acho que aquela coisa maldita teria me cortado ao meio."

Ele teve uma fração de segundo a mais do que eu para processar o aviso de Layne sobre a água. Quando começou a cair, percebeu rapidamente o que estava acontecendo e se encolheu para se preparar para o impacto. Carrion não teve nenhum aviso. Ele disse que achou que tinha batido no baú de água primeiro, e eu meio que achei que eu também. Isso explicaria por que nenhum de nós conseguia respirar sem chiar.

Lorreth vasculhou os bolsos encharcados e tirou uma pequena bolsa de couro, fechada com um cordão. Enquanto Carniça e eu nos levávamos com dificuldade, ele vasculhou o interior da bolsa e tirou um maço de folhas, que sacudiu o melhor que pôde para secar e então ofereceu duas para cada um de nós. "Mastiguem um pouco e depois coloquem debaixo da língua", aconselhou. "Façam o que fizerem, mas não engula. Vocês vão se cagar em cinco minutos."

“O que foi?” perguntou Carniça.

"Maldição da Viúva. Ela vai amortecer sua dor por algumas horas. Amortecer completamente, veja bem. Nós a carregamos conosco o tempo todo, caso precisemos dela em batalha."

"Por que esse nome tão alegre?", fiz uma careta ao morder as folhas. Elas eram amargas pra caramba.

Porque elas são altamente viciantes e fazem você se sentir como se pudesse enfrentar um exército de alimentadores. Muitos guerreiros as tomam uma vez para aliviar a dor de um ferimento. Mas depois continuam tomando. E então morrem.

"Ahh. Bom saber." Tomei muito cuidado para não engolir depois de mastigar as folhas. Colocando o purê que fiz com elas debaixo da língua, já conseguia sentir as propriedades entorpecentes da planta fazendo efeito.

Minha mente começou a clarear um pouco. E então começou a ficar mais nítida.

Onde diabos *estávamos* ?

Olhei em volta e não gostei do que vi. Estávamos em uma espécie de praia, dentro de uma pequena enseada. Às nossas costas, penhascos se

erguiam como uma fileira de dentes irregulares. Eles escoravam a praia, cercando-a de tal forma que não havia como contorná-los de nenhum dos lados. Havia duas saídas da praia. A primeira — entrar novamente no lago e nadar ao redor dos penhascos — era obviamente impossível, já que *nem Carniça nem eu sabíamos nadar*. O que nos deixava com apenas uma opção: subir. Nós três olhamos para a parede de obsidiana e cada um de nós empalideceu.

Cair de um portão de sombra e bater na água já tinha sido ruim o suficiente. Mas cair de um penhasco e ser empalado em um monte de pedras afiadas? Parecia uma ótima maneira de conseguir uma passagem só de ida para a vida após a morte, e eu ainda não estava pronto para isso.

Por sorte, Carniça e eu tínhamos uma coisa em comum: éramos ambos muito bons em escalada. Tínhamos passado a maior parte da vida escalando as paredes do Terceiro. Paredes que eram, inacreditavelmente, ainda mais altas do que esta face do penhasco e, além disso, muito mais perigosas. *E* a Ruína da Viúva coiceava como uma mula.

"Então vamos fazer isso?", perguntou Carniça, esticando o pescoço para espiar o topo dos penhascos.

Fisher estava lá em cima.

Eu sabia que sim. Eu conseguia *senti* -lo.

Também pisquei para os penhascos e fiquei surpreso ao ver que tinha começado a nevar. O ar estava cheio de flocos de neve grossos, flutuando e rodopiando do céu em círculos preguiçosos. Um deles pousou na minha bochecha. Só quando o afastei e meus dedos saíram marcados com um pó fino e cinza é que percebi que não era neve.

O céu sobre Gillethrye estava chovendo cinzas.

Assim que coloquei meu primeiro apoio na face do penhasco, uma explosão sonora ecoou na noite. Foi tão alta, tantas vozes enlouquecidas berrando e gritando ao mesmo tempo, que fez as pedras sob nossos pés chacoalharem e tremerem.

“Annorath mor!”

“Annorath mor!”

“Annorath mor!”

"Suba", gritei. *"Suba!"*

Chegamos lá em minutos.

De alguma forma, pela graça dos deuses, inteiro também.

Nossas mãos estavam cheias de cortes profundos e ensanguentadas, mas isso não importava. Quando nos içamos para a beira do penhasco, a cena que se descortinava diante de nós parecia saída de um pesadelo.

Um enorme anfiteatro, aberto para o lago, erguia-se ao nosso redor. Camadas e mais fileiras de assentos se estendiam infinitamente, a estrutura tão avassaladoramente massiva que minha mente não conseguia compreender seu tamanho. O prédio, se é que se pode chamar assim, era uma espécie de megaestrutura. Centenas de milhares de pessoas estavam sentadas nas arquibancadas, gritando a plenos pulmões.

"Annorath mor! Annorath mor! Annorath mor!"

O canto terrível me abalou até os ossos. Essas foram as primeiras palavras que o mercúrio sibilou para mim lá na forja do Palácio de Inverno. As palavras que afetaram Fisher de uma forma que eu não esperava. Ele parecia assustado. E agora eu sabia o porquê. Aquilo não era apenas um anfiteatro. Era um matadouro. E estávamos no chão da matança.

"O que eles estão gritando?", Carniça sussurrou.

Lorreth respondeu em tom horrorizado. "Soltem-

nos." *Soltem-nos! Soltem-nos! Soltem-nos!*

Eu ouvia agora, como se as palavras tivessem sido traduzidas em minha mente. Centenas de milhares de pessoas implorando para serem libertadas. Eu não suportava olhar para elas.

Em vez disso, concentrei-me no poço profundo que havia sido cavado no chão à nossa frente. No labirinto extenso dentro dele. Do outro lado do labirinto , eu conseguia distinguir um estrado elevado, mas mal. Havia pessoas sentadas nele. E ao pé do estrado, no topo de uma escadaria de pedra que descia para o labirinto, estava Fisher. Ele era apenas uma mancha preta, minúsculo em comparação com a estrutura colossal que nos cercava, mas eu sabia que era ele. Ah, sim, era ele, sem dúvida.

"O que diabos estou vendo?", sussurrou Lorreth.

A voz que veio de trás de nós fez meu sangue gelar. Da última vez que a ouvira, ela clamava por misericórdia no Salão dos Espelhos, no palácio de Madra. Agora dizia: "Na verdade, este é apenas o primeiro círculo do inferno, Lorreth das Agulhas Quebradas. Mas eu ficaria muito feliz em apresentar todos os cinco a você."

O capitão da guarda de Madra, Harron, estava a centímetros das costas de Lorreth. Seus olhos eram orbes de metal desgastado, puro mercúrio,

brilhando dentro das órbitas de seu crânio magro. Seus lábios eram finos e descascados, sua pele enrugada e translúcida. Ele abriu um largo sorriso, exibindo dentes quebrados, quando notei a adaga que pressionava contra a garganta de Lorreth.

"Eu cortaria sua garganta aqui e agora só para chegar à garota", ele sussurrou no ouvido de Lorreth, aqueles globos oculares bizarros girando em sua cabeça. Eu só conseguia perceber que ele estava me olhando pelo ângulo em que seu rosto estava virado para mim. Seu sorriso assumiu um tom sinistro. "Você causou todo tipo de problema ultimamente, Saeris. Era para você morrer por mim como um bom bichinho de estimação.
Mas não se preocupe, não se preocupe. Talvez assim seja melhor.

Harron.

Como poderia ser *Harron?* Aqui, em Yvelia? Vê-lo simplesmente... não fazia sentido.

Lorreth poderia tê-lo derrotado facilmente. Ele era um guerreiro feérico puro-sangue, e o capitão era humano. Um humano muito doente, pelo visto, mas ainda assim. Não teria sido nada para o guerreiro se virar e desarmá-lo. Eu tinha certeza de que era exatamente isso que ele teria feito também... se não fossem as centenas de alimentadores subindo a face do penhasco atrás dele.

Eles correram pelo chão em nossa direção, de quatro, com grossos fios de saliva contaminada com veneno pendurados em suas bocas. Esses alimentadores pareciam frescos, o que os tornava ainda mais aterrorizantes. Suas roupas estavam um pouco sujas, mas estavam praticamente intactos. O rubor da vida ainda grudava em sua pele. Logo desapareceria, mas, por enquanto, eles ainda pareciam feéricos. E queriam nos *devorar* . Avançaram em uma maré invasora, mas um movimento brusco da mão de Harron os manteve afastados. Que poder *Harron poderia* ter sobre esses monstros?

O capitão estendeu a mão livre; ela tremia com o esforço enquanto o ar ao lado de Carniça parecia endurecer e então se quebrar como vidro. As fraturas se transformaram em fissuras, e então o ar se estilhaçou e caiu sobre si mesmo, criando um vórtice giratório. Um som saiu dele, como camadas de gritos agonizantes.

"A caminhada levaria muito tempo", disse Harron. "E não queremos que você perca o início dos jogos agora, não é?" Ele apontou com a cabeça para o vórtice. "Entre. Agora. Se você se apressar, talvez ainda dê tempo de se despedir do seu amigo."

Aquilo não se parecia em nada com o portal das sombras de Fisher. O vórtice de Harron não estava certo. Parecia uma perversão da natureza, e meu instinto me dizia com firmeza e sem rodeios que eu não deveria entrar nele. Mas que escolha eu tinha? Pelo menos trezentos alimentadores estavam amontoados na beira do penhasco agora. Seus olhos eram vazios vazios, sem mostrar nenhum sinal dos feéricos que costumavam ser. Apenas fome. Apenas morte. Eu preferiria ter pulado de volta para o meio daquele lago do que entrar na distorção cintilante no ar... mas encontrei o olhar de Lorreth, e meu amigo assentiu.

"Está tudo bem, Saeris. Vai. Estaremos logo atrás de você."

Espero pelos deuses que isso não dê terrivelmente errado. Olhei por cima do ombro para o estrado e aquela pequena mancha preta no topo da escada, e meu estômago revirou de nervosismo. *Chegamos, Fisher. Se vale de alguma coisa, estamos chegando.*

Eu não esperava uma resposta, mas quando entrei no portão de Harron, recebi uma.

Saeris? A voz de Fisher estava cheia de pânico em minha mente. *Saeris,* não *venha aqui!*

Mas já era tarde demais. O vórtice de Harron estava me despedaçando.

40

APRESENTAÇÕES

H a primeira coisa que vi.

Sempre.

Meu coração e minha alma sabiam exatamente onde encontrá-lo.

De joelhos, coberto de sangue, Fisher ajoelhou-se ao pé de uma pequena escadaria que levava ao estrado. Estava coberto de cortes e arranhões, o cabelo úmido de suor. A gorjeta em forma de cabeça de lobo ainda brilhava em sua garganta, mas estava salpicada de sangue, vermelho e preto, e sua armadura de couro estava destruída. Enormes cortes atravessavam seu protetor de peito. As braçadeiras em seus pulsos estavam cobertas de sangue. Ele parecia exausto, respirando com dificuldade pela boca. Não virou a cabeça, mas olhou para mim com o canto do olho, e eu vi o medo e a devastação ali.

Você não deveria estar aqui, Pequena Osha, ele disse em minha mente. Suas palavras soaram com derrota. Seus ombros caíram, seus olhos se fecharam quando Lorreth e Carrion emergiram do portão ao meu lado, Harron logo atrás de nós. *Eu queria te salvar disso. Eu não queria que você sofresse comigo.*

Como se um raio de energia o tivesse atingido de repente, Fisher jogou a cabeça para trás, os dentes à mostra, os músculos do pescoço tensos.

"NÃO!" Tentei correr até ele, mas meus pés não se moviam. Fiquei paralisada no lugar.

"Saudações, amigos. Bem-vindos! Ainda não fomos apresentados formalmente." Fria como gelo, a voz cortou o ar como uma foice.

"Deuses vivos", sibilou Lorreth. Eu não queria desviar o olhar de Fisher, mas precisava. Eu precisava saber quem...

Sagrado…

Porra...

Inferno…

The Widow's Bane estava me fazendo ter alucinações.

Não havia outra explicação para o que eu estava vendo.

Lá, sentado no centro do estrado, estava Malcolm. Seus traços finos e longos cabelos prateados o tornavam instantaneamente reconhecível. Fora ele quem falara. Só podia ter sido ele, porque eu *havia* conhecido as outras figuras sentadas de cada lado dele. *Elas* sabiam perfeitamente quem eu era.

À direita do estrado estava Belikon.

À esquerda...Madra.

Ambos estavam vestidos com trajes reais: o rei Yvelian, com veludo verde-caçador, e a rainha Zilvaren, com um vestido dourado brilhante e de gola alta.

Tentei afastá-los com um piscar de olhos, mas eles permaneceram ali, impossivelmente, sentados ao lado do rei vampiro.

Carniça empalideceu, sua arrogância habitual desapareceu. Ele avaliou as três figuras no estrado com ódio evidente nos olhos.

"Presumo", disse Malcolm, "já que ninguém parece disposto a fazer as apresentações, que você seja Saeris. E pela sua estatura e pelo lobo estampado no seu peito, que *seja* um dos Lupo Proelia de Kingfisher. Mas não o general que me causou tantos problemas. Não, eu conheci Renfis. Então isso deve fazer de você Lorreth. Lorreth, que destruiu as torres de Barillieth e assassinou milhares dos meus filhos." Seus frios olhos cinzentos brilharam de raiva. Sua raiva estagnou quando seu olhar pousou em Carniça. "Você, eu não sei."

Carniça curvou-se profundamente, mas o gesto não era de deferência. Era para zombar. "Carniça Sw—"

Malcolm acenou para Harron, e o guarda desferiu o cabo da adaga contra a nuca de Carniça. O golpe decepou Carniça e o fez cair de joelhos.

Fisher rosnou, ainda lutando contra a dor que claramente ainda atormentava seu corpo. Lorreth e eu pegamos nossas espadas, mas Belikon soltou uma risada estrondosa, erguendo a mão. "Alerto a todos vocês para não fazerem besteira. Suas espadas não vão lhes servir de nada aqui. Não conseguem senti-la no ar?" Ele sorriu, gesticulando para o céu e para os flocos de cinza que ainda flutuavam no ar. "Este lugar é um cemitério. O próprio ar está cheio de morte. O chão abaixo de nós é feito de ossos e cinzas. Sua magia não pode alcançá-los aqui."

Madra, com seus cabelos loiros presos em uma bela trança sob a coroa brilhante, emitiu um som descontente. "Você deveria pelo menos tê-los deixado tentar, irmão. Eu estava ansioso para ver a expressão em seus rostos." quando perceberam o tamanho do problema em que estavam."

Irmão?

Mas…como Belikon poderia ser *irmão dela?*

Humano. Feérico. Vampiro. Os três regentes adotaram expressões semelhantes de satisfação ao perceberem nossa confusão.

Não consegui me conter. "Você acha mesmo que ela é sua aliada? Está enganado. Foi ela quem acalmou o mercúrio e fechou os portões entre todos os reinos."

Belikon bufou. "Claro que sim. Sempre soubemos que era Madra. E sim, ficamos bravos no começo. Mas é incrível como essas pequenas brigas parecem sem importância depois de séculos."

minha parte, também havia muito a perdoar ."

Belikon inclinou a cabeça, aceitando a acusação disfarçada de veludo. "É verdade. Você tem toda a razão, Irmã. Erros foram cometidos por todos os lados. Para nossa sorte, temos a oportunidade de consertar os erros do passado. E agora que nosso Triunvirato está reunido, nós três somos mais poderosos do que nunca."

Belikon sabia? Durante todos esses anos, ele soubera que Madra fora quem fechara os portões e culpara o pai de Fisher. Enviara Finway a Zilvaren, para a morte, e depois o culpara pelo fechamento dos portais entre os reinos. Ele o chamara de traidor e envergonhara a Casa de Cahlish por isso. Edina pagara. Fisher pagara, repetidas vezes.

Uma fúria sem igual percorreu meu estômago enquanto eu olhava para o rei.

Parecia que Lorreth compartilhava da minha raiva. "Você é uma desgraça", ele fervia. "Como consegue se sentar aí em cima ao lado *dele?* Nosso povo está em guerra com Malcolm há... há..."

"Guerra?" Belikon zombou. "Nós não estivemos em *guerra* , seu tolo. Eu só estava alimentando o exército do meu irmão."

Lá estava aquela palavra de novo. Irmão. Eu ainda não entendia completamente, mas algumas peças daquele quebra-cabeça estavam se encaixando. Belikon se recusara a enviar suprimentos e comida para Irrín. Ele havia embargado a prata — a única coisa capaz de matar permanentemente a espécie de Malcolm — e se recusara a enviar qualquer quantidade para o sul. E por que ele *desperdiçaria* suprimentos com

guerreiros aos quais não pretendia sobreviver? Por que ele *equiparia* guerreiros com armas mortais se não quisesse que eles matassem seus inimigos?

"Não seria melhor você dar um tempo para o seu brinquedinho, Malcolm?", ronronou Madra. Ela olhou para Fisher com grande interesse. "Seria uma pena se ele morresse antes de poder jogar o seu joguinho. Eu adoraria ver se ele te vence de novo. Eu perdi da primeira vez."

Malcolm se assustou, rindo baixinho. "Ah! Claro! Eu te prometi um pouco de diversão, não prometi? Minhas desculpas, irmã." Ele não fez nenhum gesto para libertar Fisher de qualquer tortura invisível que estivesse lhe impondo. Fisher simplesmente caiu de quatro, ofegante, subitamente livre. Malcolm levou um cálice de vidro lapidado à boca, e o líquido espesso e viscoso dentro dele manchou seus lábios pálidos de vermelho. Seu sorriso sangrento era cheio de alegria quando ele disse: "Sabe, me *traz* tanta alegria estarmos reunidos, nós três. Você perdeu muita coisa, Madra. Temos nos divertido muito. Principalmente ultimamente. A queda de Gillethrye foi um espetáculo para ser visto, não foi, irmão?"

"Espetacular", concordou Belikon. "Você estava lá, não é, Dog? Você testemunhou tudo do começo ao fim. Você teve um lugar na primeira fila!"

"Foda-se... *você* ..." Fisher sussurrou. "Eu vou... te *destruir, porra* ."

Meu coração batia forte no peito, o sangue disparava. O pai de Everlayne se levantou. Seu rosto se contorceu de ódio enquanto descia os degraus em direção a Fisher. "Igual ao Finran. Desbocado e arrogante. Tão superior. Tão hipócrita. Mas você é menos que a terra sob meus pés, *Kingfisher* ." Ele cuspiu seu nome como se fosse uma maldição. "Por que você não conta aos seus preciosos amigos o que fez aqui, hmm?" Ele agarrou um punhado do cabelo de Fisher e puxou sua cabeça para trás. "Qual é o problema, garoto? O gato comeu sua língua? Ah, espere. É isso mesmo. Você *não pode* contar a eles o que fez aqui, pode?"

Belikon se moveu mais rápido do que deveria. Seu joelho foi lançado para a frente, atingindo o queixo de Fisher. O golpe acertou em cheio, jogando Fisher de volta na pedra. Nas arquibancadas, a multidão rugiu em aprovação.

"Não!" Dei um passo à frente, mas mãos se fecharam em meus braços. Guardas. Do Palácio de Inverno. Havia feéricos *normais* aqui? Minha mente vacilou. Encontrei os olhos do homem que segurava meu braço direito com força e vi sua vergonha. Ele sabia que aquilo era errado, e ainda assim estava ali, obedecendo às ordens de um psicopata. "Me solta!"

Belikon abriu os braços, girando, sempre exibicionista. Ele riu, sua voz ecoando pelo estrado. "O que você acha, Malcolm? Devo contar a eles o que ele fez? Ou devo libertá-lo do juramento e obrigá- *lo* a contar?"

Malcolm tomou outro gole do sangue em sua taça de vidro e deu de ombros, considerando as milhares de pessoas sentadas nas arquibancadas do anfiteatro. "Acho que deveríamos perguntar a eles", disse ele em tom descontraído. "Afinal, *foram eles* que ele matou."

"Mentiroso." Lorreth parecia prestes a se lançar no estrado e arrancar a cabeça de Malcolm dos ombros. "Não foi culpa dele!"

Aqueles que ele *matou?* Do que Malcolm estava falando? Olhei para as arquibancadas, finalmente me forçando a olhar para as pessoas ali. Fileira após fileira — os assentos estavam lotados de feéricos, suas roupas pretas, suas peles...

Espere.

A pele deles... estava *queimada.* Suas roupas não eram apenas pretas. Eles estavam em chamas. Suas bocas estavam presas em gritos terríveis. E seus olhos. Deuses, seus olhos. Eles estavam desaparecidos ou derretidos como gelatina e escorrendo pelas órbitas. Fêmeas. Crianças. Machos. Todos mortos. Todos queimados vivos, e ainda assim, de alguma forma, ainda animados, presos em sua miséria.

Carrion se contorceu contra os guardas feéricos que o seguravam, absorvendo o pesadelo que nos cercava. " *Me fode",* sussurrou.

Belikon bateu palmas, deleitando-se com o nosso horror. "Você tem razão. Devíamos *perguntar* a eles", disse ele. Quando gritou a pergunta, sua voz ecoou por todos os cantos do anfiteatro, sobrenaturalmente alta. "O que você diz, Fada de Gillethrye? Devo remover a mordaça do cachorro? Ele deve finalmente confessar seus crimes?"

O crescendo de gritos que se seguiu foi feroz. Não consegui entender se eram a favor ou contra Belikon libertar Fisher do juramento que o impedira de falar sobre isso por tanto tempo. Era tudo apenas barulho. Belikon pareceu encantado com a resposta. "Maravilhoso."

Maravilha. As Fadas de Gillethrye falaram. — Ele se virou para Fisher.

Batendo as mãos nos ombros, o rei sacudiu Fisher bruscamente. "Eu o libero do seu juramento a nós, Martim-pescador, Ruína de Gillethrye. Agora, vá. Conte aos seus amigos *tudo* sobre o acordo que você fez conosco tantos anos atrás."

41

GILLETHRYE

Sangue escorreu de sua boca, lutando para se levantar. Parecia que o esforço lhe custara as últimas forças, mas aos poucos ele conseguiu. Meu coração quase se partiu quando ele cambaleou em nossa direção e eu registrei a verdadeira extensão de seus ferimentos.

"Você mal consegue andar."

Havia tanta dor em seus olhos. Não era causada pelas lacerações que atravessavam seu corpo. Era por causa daquele lugar.

"Eu vou ficar bem, Osha." Dentro da minha cabeça, sua voz era um sussurro.

Lorreth estendeu a mão para Fisher para ajudá-lo a se levantar, mas Harron rosnou, empurrando-o para trás. "O que fizeram com você?", perguntou o guerreiro.

Fisher sorriu, com os dentes manchados de sangue. "Acho que você disse... vingança? Certo, Harron?"

"Menos do que você merece pelo que fez comigo", disparou o guarda. "Eu mesmo teria te matado se..."

"Cala a boca, humano", Belikon retrucou. "Kingfisher tem uma história para contar. Conta a eles como você achou que ia *me enganar,* cachorro."

Cansado, Fisher finalmente falou: "A horda se reuniu nos portões de Gillethrye. Dezenas de milhares de vampiros. Nossos exércitos no sul foram atraídos para uma batalha com uma força muito menor, mas isso foi uma distração. Descobrimos que a maior parte dos alimentadores de Malcolm havia marchado sobre Gillethrye tarde demais. Eu não conseguia mover guerreiros suficientes pelo meu portão das sombras, então trouxe Ren e alguns dos outros lobos para tentar salvar o máximo possível."

"Que *arrogância",* sibilou Belikon. "Sete guerreiros contra vinte mil. Ele realmente achou que conseguiria detê-los!"

Fisher continuou, ignorando o rei. "Não chegamos a tempo. A horda já estava dentro da cidade quando chegamos. Os feéricos estavam todos nas ruas, celebrando o Festival da Primeira Canção, o que só facilitou o trabalho das hordas. Eles foram varridos pela cidade como gafanhotos, alimentando-se de tudo o que encontravam, drenando suas vítimas ou condenando-as a uma morte agonizante."

Lorreth baixou a cabeça, assentindo como se soubesse de tudo isso e a repetição lhe doesse a alma. Mas seus olhos se ergueram quando Fisher disse: "Deixei Ren e os outros e fui procurar Malcolm. Decidi que tentaria matá-lo sozinho. Mas não foi Malcolm que encontrei. Pelo menos não no começo. Foi o bastardo que assassinou minha mãe."

Belikon passou a língua pelos dentes. "Você acha que pode me envergonhar expondo meus pecados? Pense de novo. A vadia da sua mãe deveria ser o maior oráculo do nosso tempo, mas ela foi inútil." Ele gargalhou. "Eu admito. Assim que ela terminou de empurrar a pirralha que eu a forcei a fazer, eu cortei a garganta da vadia. Eu estava farto das mentiras dela."

"Ela nunca mentiu para você", disse Fisher, categoricamente. "A vida dela poderia ter dependido disso, e ela só teria conseguido te dizer a verdade."

Belikon ignorou as palavras de Fisher. "Vá em frente. Conte a eles sobre o acordo que fizemos."

Malcolm chegou à frente de sua tropa, e foi então que descobri que ele e Belikon não eram adversários. Eram aliados e trabalhavam juntos desde antes da maldição do sangue. Eu só soube que Madra estava em conluio com eles hoje. Eu queria negociar pelos poucos cidadãos de Gillethrye que ainda estavam vivos, e Belikon propôs um acordo. Ele encontrou uma moeda. Uma usada apenas em Gillethrye. A menor denominação de moeda que as Fadas tinham aqui. Ele disse que se a moeda caísse no chão e caísse com a folha para cima, Malcolm expulsaria sua horda e deixaria a cidade sem ferir nenhum outro ser vivo. Mas se a moeda caísse no chão e caísse com a folha para cima, ele tomaria a cidade como sua e a destruiria, e eu teria que deixar aqueles que ainda estivessem vivos para a morte e encontrá-lo no campo de batalha mais tarde.

"Você está deixando de fora todas as melhores partes", interrompeu Belikon. "Ele também não tinha permissão para tocar na moeda ou influenciar a forma como ela caía. Enquanto o cara ou coroa estava sendo decidido, ele não tinha permissão para machucar a mim ou ao meu irmão. Nem um fio de cabelo em nenhuma das nossas lindas cabeças. E, até que o

resultado do cara ou coroa fosse decidido, ele não tinha permissão para falar sobre o acordo ou sobre o fato de que Malcolm e eu éramos irmãos. E ele concordou. Ele estava tão desesperado para salvar um punhado de camponeses que fez o juramento de sangue comigo."

Malcolm gritou do estrado: "Prestem atenção, agora! Esta é a minha parte favorita!"

Belikon parou diante de Fisher. Ele estava com o bulbo do nariz a alguns centímetros da bochecha, sua presença pretendia intimidar, pensei, mas Fisher me encarou. Ele não reconheceu o sujeito malvado. "Eu joguei a moeda...", disse ele.

"E *eu* peguei!" Malcolm ergueu o copo, brindando a si mesmo.

"A moeda nunca caiu no chão", sussurrei.

"A moeda nunca caiu no chão!" Belikon zombou.

Uma tristeza sem fundo cintilou nos belos olhos de Fisher. O mercúrio era fino como renda, entrelaçado em sua íris direita, completamente imóvel.

"Os filhos de Malcolm festejaram, não é, Cão?", Belikon zombou, aproximando o rosto do de Fisher, de modo que sua testa encostou na lateral do crânio dele. Mesmo assim, não obteve nenhuma reação dele. Era incrível como ele se mantinha controlado. Meus olhos se encheram de lágrimas não derramadas enquanto eu me concentrava nas asas que se abriam sob a placa de prata em seu pescoço.

" Então, eu incendiei a cidade", disse Fisher. Ele não a adoçou. Não a embelezou. "Eu a barricou e aprisionei todos lá dentro. A horda de Malcolm tinha mordido ou matado todo mundo. Eles estavam em transição bem diante dos nossos olhos. Gillethrye era o lar de quase duzentos mil Grão-Feéricos e Feéricos Inferiores. Se eles tivessem permissão para se juntar à horda de Malcolm, teriam engolido o reino inteiro. Então eu dei a ordem. Eu fiz o que tinha que ser feito."

"Que jogada idiota", disse Malcolm, fazendo beicinho, coquete. Ele havia descido do estrado e estava ajudando Madra a descer os degraus de pedra. Os pelos finos dos meus braços se arrepiaram quando os dois se aproximaram. "Adoro dobrar as regras a meu favor. Não gosto tanto quando elas se voltam contra mim. Então, decidi atormentar o pobre Kingfisher um pouco mais. Tenho que admitir, foi um pouco cruel, mas..."

"Você sempre teve uma afinidade enorme por transformar a crueldade em arte, irmão", disse Madra com um sorriso afetado. Ela soltou a mão de Malcolm e caminhou lentamente em círculo ao redor de Fisher, com os olhos brilhando de curiosidade. "Ele é *insuportavelmente* bonito, não é? Entendo

por que você quis mantê-lo como animal de estimação. Mal posso esperar para saber o que aconteceu em seguida."

"Bem, eu criei o labirinto mais diabolicamente letal que pude conjurar em minha mente, querida irmã", disse Malcolm, como se isso fosse óbvio. "Escondi a moeda de Belikon no centro, e então criei este coliseu ao redor dela e enchi as arquibancadas com os corpos em chamas perpétuas de todas as criaturas que nosso pobre coraçãozinho aqui queria salvar. Tudo o que ele precisava fazer para acabar com o sofrimento delas era encontrar a moeda e fazê-la cair no chão. Obviamente, seria tarde demais para salvar os Fae da morte, mas pelo menos acabaria com o sofrimento deles. E *então* ", acrescentou com um floreio dramático, "ele estaria livre para buscar sua vingança me chamando para o campo de batalha."

Madra passou os dedos pelo queixo de Fisher, molhando o lábio inferior.

"Não *toque* nele, porra!", eu me debati, tentando me libertar dos guardas, mas o aperto que eles tinham sobre mim aumentou. A rainha sorriu, aproximando-se ainda mais de Fisher, de modo que seus mamilos pontudos, aparecendo através do tecido transparente do vestido, roçaram o braço dele enquanto ela o circulava.

Fisher rosnou, baixo e ameaçador. Voltou os olhos cheios de ódio para a rainha de Zilvaren. "Afaste-se de mim, ou não vai gostar do que vai acontecer."

"Ah, por favor." Madra dispensou a ameaça com um gesto. "Detesto dizer isso, mas posso fazer o que eu quiser com você. Malcolm sempre me deixou brincar com os brinquedos dele."

"Eu toco de novo", disparou Fisher. "Pode não ser hoje, mas, ah, eu vou *te encontrar* , Madra. Tema as sombras, vadia. Eu sou feito delas. Uma noite, em breve, vou sair de uma delas e cortar sua garganta."

"Que garota de sorte eu sou." Madra fingiu indiferença, mas eu podia ver, mesmo dali, claro como o dia. O veneno de Fisher a abalou um pouco. "E o que, por favor, me diga, *eu* fiz para merecer tanta atenção especial de alguém como você?"

"Você castrou minha companheira quando ela era uma *criança",* ele fervia. "Só por isso, farei da sua existência imortal uma agonia sem fim. Uma eternidade de sofrimento que nem mesmo sua mente maligna consegue compreender. Você não conhecerá paz em minhas mãos. Destruirei seu império e apagarei seu nome dos anais do tempo. Quando eu terminar com seu legado, Madra, a Imortal, jamais terá existido. E você viverá a meu

comando, sofrendo por toda a eternidade. E ninguém saberá. E ninguém se importará."

Suas palavras me abalaram. O ódio puro e puro nelas. Eu... eu não fazia ideia de que aquilo o afetara tanto. Quando contei a ele o que tinham feito comigo, ele reagiu de forma estranha, sim, mas... provocar uma reação dele daquelas ?

O Martim-pescador do Portão de Ajun estava de joelhos na terra. Estava quebrado e sangrando, mas sua promessa de retribuição ainda era aterrorizante o suficiente para fazer uma rainha tremer. Madra cambaleou para trás, o sorriso desaparecendo do rosto.

"Entendo o que você quer dizer, irmão", ela disse trêmula, olhando para Belikon.

“Ele é bem mal-humorado, não é?”

"Você se importa? Você está estragando a minha história", bufou Malcolm.

Madra tentou se recompor, mas não conseguia olhar para Fisher. "Você tem razão, querida. Peço desculpas. E o que nosso herói rebelde fez então?"

"Ele entrou no meu labirinto e nos entreteve por um tempo tão longo." Malcolm deu um tapinha nas costas de Fisher. "Às vezes, eu mandava alguns dos meus outros amigos brincarem com ele. De vez em quando, eu mesmo o visitava. Sempre tínhamos conversas tão *brilhantes* . E então, um dia, ele chegou ao centro do labirinto. Devo dizer que fiquei chocado. Pensei que levaria muito mais tempo do que realmente levou. Quanto tempo foi, Fisher? Cinquenta anos?"

"Cinquenta e cinco." Seus olhos estavam novamente fixos em mim, fixos, como se eu fosse uma âncora em uma tempestade, a única coisa capaz de mantê-lo firme.

"Isso mesmo. Cinquenta e cinco. Ele passou os oito anos seguintes tentando encontrar a moeda quando chegou ao centro, não é, meu amor?"

Pela primeira vez desde que os três regentes começaram a brincar com ele, Fisher estremeceu.

Eu também.

Meu amor . De todas as maneiras que Malcolm poderia chamá-lo...

Fisher...

Ele balançou a cabeça levemente. *Não. Não dê nada a eles. Só vai piorar a situação.*

Malcolm riu baixinho. "Então, um dia, Taladaius estava dando uma olhada no nosso Martim-pescador e disse que o chão tremeu tão

violentamente que a pedra rachou sob seus pés, e um buraco apareceu. E vejam só: um segredo." "Deixe-me adivinhar", disse Madra. "Havia uma poça de mercúrio abaixo do seu adorável labirinto. E ela tinha sido despertada."

"Exatamente! Muito astuto."

Belikon estreitou os olhos lacrimejantes, acusadoramente. "As mesmas vibrações abalaram meu palácio."

Malcolm resmungou. "Que caos. Que caos! Nosso Martim-pescador deu uma olhada na poça de mercúrio, e Taladaius disse que ele pulou no buraco e entrou sem pensar duas vezes. Desapareceu e não voltou. Fiquei surpreso, Pescador. Eu te dei a oportunidade de sair do meu labirinto tantas vezes, mas você nunca aceitou. E então você simplesmente se levantou e foi embora do nada? Com todas essas pobres criaturas esperando que você acabasse com o sofrimento delas? Parecia *totalmente* fora do seu caráter. Me diga", disse Malcolm, girando na ponta dos pés. "Eu estava morrendo de curiosidade para saber. Depois de cento e dez anos naquele labirinto, o que fez você finalmente ir embora?"

"Você o entediou até a morte e ele não aguentou mais", disparou Carniça. Até então, ele se mantivera calado, mas era um milagre ter durado tanto tempo. Carniça não era do tipo que deixava passar a oportunidade de ofender alguém, por mais grave que fosse a situação. Malcolm avançou e fechou a mão em volta do pescoço de Carniça. O rei vampiro mostrou as presas enquanto se inclinava para perto do pescoço de Carniça.

"Eu não gosto de você, humana. Tem algo em você que me cheira... *estranho."*

"Provavelmente é o musgo... estranho... que esses espíritos aquáticos esfregaram... em mim...", grasnou Carniça. "Tinha um cheiro... estranho... nele." Pelos deuses, ele não sabia quando parar.

"Boca esperta", zombou Malcolm. "Vou adorar drenar você quando tudo isso acabar."

"Quer saber por que eu entrei naquele mercúrio?", perguntou Fisher. Era uma distração. Algo para desviar a atenção de Carniça. Se algum dia saíssemos vivos dessa, eu ia torcer o pescoço do contrabandista por sua estupidez, e achei que Fisher também poderia. Mas a estratégia de Fisher funcionou. Malcolm soltou Carniça, com o desgosto estampado em suas feições enquanto se virava para Fisher.

"Ele partiu porque a loucura em suas veias finalmente o destruiu", arriscou Belikon. "Todos sabíamos que isso acabaria acontecendo. Ele já estava acometido por ela muito antes de aparecer aos portões de Gillethrye."

"É verdade, meu amor?", perguntou Malcolm. "Esse mercúrio na sua cabeça finalmente te empurrou para além dos limites da sanidade?"

Fisher esfregou a testa. "Já me senti melhor. Mas não. Não foi por isso que fui embora." Ele inclinou um pouco os ombros, transferindo o peso para a ponta dos pés. Eu o observava com tanta atenção que vi acontecer. Eu já o tinha visto lutar vezes suficientes para saber que Fisher não transferia o peso do corpo sem motivo.

Fiquei tensa, arregalando os olhos. *O que você está fazendo, Fisher?*

Suas sobrancelhas se contraíram. Quase imperceptíveis. *"Só não se mexa."* Para Malcolm, ele disse: "Entrei naquele mercúrio porque senti a espada do meu pai me chamando. E eu sabia que precisaria dela para isso."

Ele se transformou em fumaça. Estava ferido e cansado, mas eu nunca o vira se mover tão rápido. Ele veio até *mim.* Uma mão agarrou meu quadril. A outra estendeu-se para o outro quadril — em busca da espada ali, na bainha. Ele sacou Solace, a lâmina se transformando em um clarão de luz brilhante no ar carregado de cinzas, e então Fisher girou. Ele se moveu como líquido. Como um raio. Como *vingança.*

Abaixando-se, ele girou, invertendo a arma de modo que a ponta da lâmina apontasse para baixo. Ajoelhando-se, agarrou o cabo com as duas mãos e lançou a espada em um arco, para trás e para cima...

...no estômago de Belikon.

Aconteceu rápido. Muito rápido. Mal consegui acompanhar o movimento.

Belikon não esperava por isso, isso era certo. Um gorgolejo úmido escapou da boca do Rei Yveliano quando Fisher arrancou a espada de seu pai, girou novamente e cravou a ponta direto na garganta de Belikon. Ele cerrou os dentes enquanto apoiava seu peso na arma, e a lâmina brilhante penetrou por toda a nuca de Belikon.

"Não preciso de mágica para te ferrar, seu *filho da mãe* ", rosnou ele. "Isso é por mim. Mas, principalmente, é pelos meus pais."

Madra, Rainha Imortal da brilhante Cidade Prateada, a Bandeira do Norte, soltou um grito de gelar o sangue. E o inferno se instalou.

ISSO VAI CUSTAR CUSTO

Uma gota de sangue escorreu pelo queixo de Belikon. Escorreu também do buraco aberto em seu estômago, espesso e fumegante no ar frio da noite. Os olhos de Malcolm se estreitaram em fendas verticais, veias negras escorrendo por suas bochechas.

"Isso foi imprudente." O vampiro investiu, lançando-se contra Fisher, mas um golpe prateado cortante cortou o ar, detendo-o. Avisiéth cortou seu pescoço, a ponta da espada de Lorreth mal tocando a pele do vampiro, mas foi o suficiente para fazê-lo gritar. Fumaça negra sibilou do pequeno ferimento.

“CORRA!” Fisher berrou.

O caos explodiu no chão do anfiteatro.

Harron disparou em minha direção. Os guardas que me prendiam, idiotas como eram, me soltaram enquanto o monstro de olhos prateados voava em nossa direção. Com as mãos livres, agarrei as adagas presas às minhas coxas e *me movi.*

O encontro de Harron com o mercúrio definitivamente havia cobrado seu preço. O capitão ainda se movia com uma determinação letal, mas não estava nem perto da velocidade de antes. E minhas mãos não estavam amarradas nas costas desta vez. Adotando uma postura ofensiva, pulei para a guarda dele, surpreendendo-o. Ele deve ter pensado que eu não faria nada além de me defender, mas a adaga que cravei em sua barriga, sem muita educação, o avisou do contrário.

"Puta!", rugiu ele. Recuando, olhou para a adaga que se projetava de seu corpo e a arrancou. O metal caiu ruidosamente na pedra.

A um metro e meio de distância, Carniça empunhava Simon como se tivesse treinado com a arma durante anos. Ele cortou três alimentadores, cortando suas cabeças dos ombros rapidamente.

"ANDEM-SE!", bradou Fisher. " *PARA O LABIRINTO!"*

"Tão ansioso para correr de volta para a sua jaula, querido?", gritou Malcolm. Com a cabeça baixa e os ombros tensos em volta das orelhas, ele parecia uma víbora das dunas, enroscando-se, preparando-se para atacar. Ele derrubou os guardas de Madra em suas armaduras douradas e brilhantes enquanto rondava não por Fisher, mas por Lorreth.

O guerreiro se abaixou, Avisiéth se ergueu novamente, pronto para enfrentar o vampiro, mas a voz de Fisher cortou a confusão. "Lorreth, não! Não entre em combate! É sério! Entre no labirinto!"

"Isso vai te custar caro", disse Harron. E ele cravou o cabo da adaga no meu nariz. Eu tinha me deixado perder o foco, e isso me *custou* caro. Sangue jorrou do meu nariz, espirrando no rosto magro de Harron, mas... a dor que eu esperava não veio.

A Maldição da Viúva. Graças a Deus pela Maldição da Viúva.

Belikon estava de joelhos, cambaleando como se estivesse prestes a cair, mas não estava morto. Ouvi o som de raspagem que Solace fez quando Fisher o puxou para fora — metal contra osso —, mas não cometi o mesmo erro duas vezes. Desviei o olhar de Fisher e concentrei toda a minha atenção em Harron. "Você está se metendo em encrenca, Rato", sibilou o capitão. "As peças deste jogo estão em jogo há milênios. Você não consegue nem começar a compreender..."

Avancei, segurando frouxamente a adaga restante. Novamente dentro da guarda de Harron, cortei seu ombro e o fiz sangrar. Ele estava errado. Sim, os jogadores daquele jogo vinham fazendo jogadas há séculos. Mas isso não mudava a natureza do jogo. Era matar ou morrer, e eu sabia o que precisava fazer para vencer.

"Pelo amor de Deus, *acabem com ela!* ", ordenou Madra. A rainha não havia entrado na luta. Ela observava da lateral, enlouquecida de raiva, com a frente de seu lindo vestido salpicada de icor.

"Há quantos séculos ela vem te usando para fazer o trabalho sujo, Harron?", ofeguei. Recuando rapidamente, para longe da adaga dele, me afastei do seu alcance. "Você não deveria estar enterrado há muito tempo?"

“Madra me presenteou com a eternidade—”

"Para que você pudesse servi-la. Para que você pudesse ser o escravo dela. A maioria das sentenças de prisioneiros termina. Eles são soltos, ou eles" — desviei de um golpe cortante de sua adaga para cima — "atravessam aquela porta preta de que você falou. Mas você continua sofrendo, não é?"

"A morte se esqueceu de mim, sua vadia. Meu nome não consta em nenhum lugar do registro dele."

Senti o sorriso frio se abrir no meu rosto. Eu estava assombrada pela ideia daquele momento. Harron me possuía da última vez que nos enfrentamos. Eu deveria ter morrido em suas mãos, e essa percepção me fez temer encará-lo novamente. Mas agora que o momento havia chegado... percebi que eu era melhor do que ele.

Fiz uma pausa, fazendo com que minha demora parecesse hesitação, e o capitão caiu na isca. Ele investiu, a adaga balançando direto para minha garganta, mas eu me joguei no chão e arranquei suas pernas de baixo dele. Foi fácil a partir daí. Girei e caí em cima dele. Envolvi minhas pernas em volta de sua garganta e apertei.

"Levanta! Para de brincar com ela!"

O grito petulante de Madra soou ao longe. Meus ouvidos estavam cheios do chiado ofegante de Harron. Ele tentou me dar um golpe para trás e cravar a adaga na minha coxa, mas eu afastei seu braço e torci seu pulso em um ângulo anormal. Harron largou a adaga.

Fingindo choque, eu disse: "Espere um minuto. Acho que a Morte acabou de lembrar do seu nome, Harron." E então quebrei o pescoço dele.

"SAERIS! AGORA!", gritou Lorreth. Malcolm estava de costas no topo da escada que levava ao labirinto. Eu não tinha visto como ele tinha chegado lá, mas parecia que estava se recuperando e a segundos de se levantar.

À minha esquerda, Fisher empurrou Carrion com uma das mãos, segurando seis alimentadores com a outra. Carrion tropeçou e caiu escada abaixo. Fisher perfurou um dos alimentadores no estômago e, em seguida, desferiu um golpe em seu pescoço com a parte plana da lâmina de Solace tão forte que arrancou a cabeça do monstro em vez de decepá-la. Com os olhos arregalados, ele desviou o olhar pela plataforma até me encontrar.

Vai! Agora! ele ordenou. *Estou logo atrás de você.*

"Harron!" Madra tremeu de dor. Ela começou a correr, vindo direto para mim. Não esperei para ver o que ela faria quando chegasse até mim. Peguei a adaga que Harron havia tirado da barriga e corri em direção à escada. Meus pés mal tocaram o chão enquanto eu descia correndo e alcançava Lorreth e Carrion. Ambos estavam com as espadas em punho, prontos.

O alívio me atingiu em cheio no plexo solar quando senti a mão de Fisher nas minhas costas. Ele não perdeu tempo em me alcançar. "Anda, anda, anda!", gritou.

Juntos, nós quatro corremos.

A entrada do labirinto se espreitava à minha frente, sinistra e sombria. Enquanto eu corria para dentro de sua boca escancarada, percebi que suas paredes lisas eram feitas de obsidiana. E eram afiadas como navalhas.

"Corram o quanto quiserem!", gritou Malcolm atrás de nós. "O labirinto é meu domínio. Ele vai comer vocês vivos!"

Fisher agarrou minha mão enquanto corríamos. Ele não soltou.

"Para onde diabos estamos indo?", Lorreth ofegou.

Fisher me puxou para a esquerda, por um corredor de obsidiana que parecia um beco sem saída. Mas não era. Uma abertura estreita, mal larga o suficiente para acomodar um corpo, abriu-se à direita, e ele nos conduziu por ela. "Os primeiros dez movimentos para o labirinto são sempre os mesmos. É aí que você enfrenta o primeiro obstáculo. Depois, a rota para o centro muda."

"O que você quer dizer com 'a rota muda'?", perguntou Carniça.

"Quer dizer, muda pra caralho. As paredes se movem. Vai!"

Carrion empalideceu, mas correu. Eu não estava tão preocupado com a parte das paredes se moverem. Estava mais preocupado com a palavra "obstáculo". E com o fato de Fisher estar preso ali há mais de cem anos. Mas ele não teria nos mandado entrar se não achasse que era a opção mais segura.

Ele nos guiou para a direita novamente. Lorreth derrapou ao passar correndo pela esquina, seus pés tropeçando sob ele. Ele bateu na parede à frente, mas se levantou e continuou correndo. Incrível. Não eram apenas as paredes que eram de obsidiana escorregadia; o chão também.

"Esquerda! Vá para a esquerda!", gritou Fisher.

Diga-me que você tem um plano . Era muito mais fácil falar na mente de alguém quando você estava correndo para salvar a própria vida.

Fisher respondeu: *“Sim, eu tenho um.”*

“ *Ótimo. O que é?”*

Ele respondeu imediatamente: *"Você".*

"Como assim, eu?" Ele estava brincando. Se estivesse, então seu senso de humor era quase tão ruim quanto o de Carniça.

“ *Em um minuto”,* ele disse.

Eu estava prestes a dizer, não, agora, Mas então emergimos em uma abertura, e meu estômago embrulhou. Lá, no centro da abertura, estava o tipo

de monstro que eu pensava que só existia em pesadelos. Zilvaren tinha muitas aranhas. Aranhas-armadilha-de-areia do tamanho de pratos de jantar que anestesiariam sua pele com sua saliva enquanto você dormia e comeriam seus dedos. Mas isso... isso era...

"Puta *merda!"* Carrion derrapou e escorregou de bunda, quase colidindo com a coisa. Era três vezes a altura de um homem adulto, com mais pernas do que eu conseguia contar. Seu abdômen traseiro era um bulbo carnudo, manchado de vermelho e preto e coberto de pelos longos e ásperos. Mas então... minhas entranhas se contorceram ao ver o resto. Sua metade frontal era parte feérica. Um torso masculino com uma barriga distendida e inchada. Braços magros e emaciados. Mechas de cabelo preto e oleoso grudavam em sua cabeça, que de outra forma seria calva. Não tinha orelhas. Nem olhos nem nariz. Seu rosto não continha nada além de uma enorme boca circular, com fileiras concêntricas de dentes irregulares.

Ele soltou um gemido agudo, sua cabeça chicoteando em direção a Carniça, e

Fisher soltou um palavrão. "Não se mexa, Swift."

"Do que diabos você está falando!", gritou Carniça. "Vou me mexer cem por cento."

"Fique onde está, porra", rosnou Fisher. "Ele não pode te ver nem ouvir. Ele rastreia o movimento."

"Mas-"

"Se você se mexer, você morre", gritou Fisher.

"Okaaaaaaaaa."

Lorreth pressionou as costas contra a parede, apertando Avisiéth contra o peito. "Eu odeio aranhas", disse ele.

"Isso não é uma aranha. É Morthil. É um demônio. E ele vai te atordoar com o ferrão e te comer vivo se te pegar. Lentamente. Ao longo de alguns dias."

__"

"Por favor, pare de falar e me diga como *não vou* ser comido", choramingou Carniça.

Fisher entrelaçou o dedo mindinho no meu e soltou um suspiro trêmulo. "Temos uma chance", disse ele. "Há três saídas para este cercado. Duas delas levam a outros cercados, e não *queremos* ir para esses. Confie em mim."

Lorreth não piscou desde que vira o demônio. "Mas você disse que as paredes se movem. Como diabos vamos escolher a certa?"

Fisher moveu a cabeça um pouco, bem devagar, e olhou para mim com o canto do olho. "Há uma poça de mercúrio no centro deste labirinto, Saeris. Você precisa encontrá-la."

"O que?"

O demônio-aranha virou a cabeça na minha direção, inclinando-se para a frente. Deu um passo, suas pernas longas e finas trabalhando em conjunto, e Carniça gemeu. Sua perna dianteira direita estava erguida, pairando no ar, bem acima dele. Se a abaixasse, ela cairia bem em sua cabeça.

"Sem pressa nem nada, Fane, mas se você pudesse farejar esse mercúrio bem rápido, eu agradeceria muito", disse ele, com a voz três oitavas mais alta que o normal.

Minha surpresa inicial sobre o que Fisher queria que eu fizesse se dissipou. Agora, eu tinha uma tarefa a cumprir. Uma tarefa que eu tinha bastante confiança de que conseguiria realizar. "Uma piscina inteira?", perguntei.

Fisher apertou minha mão. "Um dos grandes." Fechei os olhos e me concentrei.

Não demorou muito para sentir o mercúrio. Ele estava lá, cantando junto com as almas torturadas de Gillethrye.

Ano novo!

Ano novo!

Abri os olhos e olhei na direção que deveríamos seguir. "Ali", eu disse. "Por ali."

"Para onde?", chamou Carniça, nervoso.

“O caminho na extrema esquerda”, chamou Fisher.

“Aquele logo atrás do demônio de merda?”

“ Fique parado e espere até que eu diga para você se mexer”, disse Fisher.

Lorreth ajustou o aperto em Avisiéth, examinando os quatro cantos do recinto. "Como estamos fazendo isso?"

"Alimente-se. Eu me alimento." O demônio não moveu a boca eriçada. As palavras roucas saíram de sua garganta de algum jeito. Ele estendeu as patas dianteiras, cutucando o ar, em busca de sua presa.

Lorreth fez uma careta de horror. "Urgh! Não, não, você não vai!"

Se conseguíssemos sair dessa, eu ficaria traumatizado pelo resto da vida. Fisher já havia encontrado essa coisa mais de uma vez. Ele a enfrentara sem saber que caminho seguir. Será que ela o *havia pego* ? Será que...

Não. Não pense nisso. Agora não.

Exalei, recompondo-me.

"Jogue uma pedra e distraia-o ou algo assim", disse Carniça.

"Isso não vai funcionar. É mais inteligente do que parece. Consegue medir o tamanho de objetos em movimento. Mas não consegue diferenciar entre objetos grandes que estão próximos uns dos outros. Se nos encostarmos na parede e nos movermos lentamente, podemos contornar o perímetro do recinto e então fugir." "E onde isso me deixa?", perguntou Carniça.

"Isso faz com que você deslize pelo chão bem devagar", disse Fisher. "Tente não levantar muito os braços ou as pernas do chão. Mexa-se."

Lorreth foi o primeiro, rastejando ao longo da parede, com a garganta balançando a cada segundo. O demônio inclinou a cabeça em movimentos nervosos, procurando de um lado para o outro, tentando nos detectar, mas Fisher estava certo — ele não parecia conseguir nos diferenciar das paredes do labirinto. Carniça estendeu os braços, pressionando as palmas das mãos no chão, e conseguiu se lançar para a frente. Ele não progredia muito a cada empurrão, mas era melhor do que nada.

Lorreth chegou primeiro à saída atrás do demônio. Da minha posição, encostado na parede, observei-o se encolher atrás dela, os ombros caídos de alívio. "Vamos." Ele fez um gesto com as mãos. "Vamos dar o fora daqui."

Fui eu quem o alcançou em seguida.

Fisher estava a apenas meio metro de nós quando a parede em que Lorreth e eu estávamos encostados gemeu, estremeceu e começou a se mover. *"Merda."* Fisher me olhou nos olhos e então se virou para olhar para Morthil. O demônio-aranha virou lentamente a cabeça em nossa direção, e um estalo sinistro saiu de sua boca hedionda. E Fisher sussurrou: *"Mexa-se!"*

O demônio entrou em ação. Suas pernas se abriram, deslizando sobre a obsidiana enquanto avançava pelo cercado. Fisher investiu contra Carniça e o agarrou pelo pulso, arrastando-o em direção à saída. Lorreth chegou lá em um instante. Ele agarrou a frente da camisa de Carniça e o puxou para se levantar. Mas Morthil já estava em cima de nós.

Fisher posicionou Solace em ângulo e afastou uma das pernas do demônio. A lâmina cortou-a em cheio e a lançou pelo ar. Morthil gritou — dor e fúria se misturaram em um grito ensurdecedor.

Carrion levantou Simon e avançou, apunhalando o demônio em sua barriga inchada, o que só o enfureceu ainda mais. Ele recuou e escalou a parede ao nosso lado, estocando freneticamente com seu ferrão curvo, em busca de carne. Em vez disso, encontrou obsidiana polida. Seu ferrão se

chocou contra a parede com força, abrindo buracos gigantescos na rocha. "Vão!", gritou Fisher. *"Vão!"*, corremos.

Nós quatro conseguimos sair do recinto, mas Morthil nos seguiu, escalando as paredes, correndo atrás de nós até nos alcançar.

"Ele não pode sair do cercado!", gritou Fisher. O demônio subiu, usando as duas paredes de cada lado, e saltou para a frente, de modo que seu corpo ficou bem acima de nós.

"EU ME ALIMENTO!" rugiu. Seu abdômen flexionou e se lançou para dentro do caminho entre as paredes, com o ferrão atravessando a abertura. Reagi por instinto, primeiro me lançando contra a parede e depois girando minha adaga e cravando-a no abdômen do demônio. Eu estava mirando no ferrão, mas o golpe que acertei foi decente. Fisher aproveitou o uivo de choque do demônio e arremessou outra de suas pernas.

Perdendo a tração na parede direita, Morthil caiu de volta na passagem estreita e atingiu o chão com um baque, quase esmagando Lorreth. O guerreiro saltou para trás, ergueu Avisiéth e cravou a espada na boca grotesca da fera. Ele grunhiu, apoiando seu peso no cabo da arma, e a ponta da lâmina foi empurrada para fora da parte de trás do crânio do demônio.

"Sim!" gritou Carniça. "Está morto?"

"Temporariamente. Ele vai reaparecer em breve. Vai voltar menor, mas também mais rápido", disse Fisher.

"Então vamos dar o fora daqui antes que isso aconteça."

A mão de Fisher na minha me tranquilizava, mas ele não estava mais na liderança. Eu estava. Eu sentia o mercúrio se aproximando enquanto corríamos, mas tínhamos um problema.

"Por que paramos?", gritou Carniça.

"As paredes continuam mudando", respondi bruscamente. "O que significa que o caminho continua mudando. Preciso ter certeza de que estamos indo na direção certa, mas se *você* quiser assumir a liderança, fique à vontade."

O ladrão ergueu as mãos. "Você tem razão. Peço desculpas. Estou um pouco nervoso agora. Não estou no meu melhor."

Eu o ignorei, tentando tomar uma decisão. Era uma escolha simples: esquerda, direita ou reto. As passagens pareciam se estender infinitamente, e meus nervos me dominaram.

O que acontece se tropeçarmos em um desses outros recintos?, perguntei a Fisher em particular.

Coisas muito ruins, ele respondeu. *Mas não pense demais, Saeris. Você consegue. Concentre-se apenas em nos levar ao centro do labirinto. Se encontrarmos outros problemas no caminho, nós cuidaremos disso.*

"Coisas muito ruins" não era o que eu queria ouvir, mas respirei fundo e mergulhei para a frente. "É por aqui." Fomos pela direita. Quatro segundos depois, as paredes começaram a se mover, a obsidiana raspando enquanto cortava a passagem à nossa frente.

"Droga." Virei à esquerda, seguindo a pontada no estômago, e assim que fizemos isso, as paredes mudaram de novo, mais rápido dessa vez, deslizando pelo caminho à nossa frente como uma porta sendo fechada.

"Isso nunca aconteceu antes", disse Fisher. "Malcolm está tentando bloquear nossa passagem, o que significa que estamos no caminho certo. Continue, Saeris."

E à medida que ganhávamos velocidade, as paredes móveis também aumentavam. Elas começaram a se chocar à nossa frente, bloqueando nosso caminho, mas era como se houvesse um fio me conectando ao mercúrio, me atraindo em sua direção, e cada vez que o fio era cortado, um novo se formava, me mostrando um caminho diferente. Meu coração era um martelo, martelando contra minhas costelas. Parou de bater quando Fisher me agarrou pela gola da camisa, me puxando para trás bem a tempo de evitar que eu fosse esmagado por uma enorme placa de obsidiana, mas não havia tempo para parar e deixar a adrenalina passar.

"Estamos chegando perto", disse Fisher, respirando fundo. "Dá para ver pela... arquibancada desabada ali." Ele apontou para as paredes do anfiteatro, que ainda eram visíveis por cima das paredes do labirinto. Para onde apontou, uma das seções da arquibancada havia, de fato, desabado. "Não falta muito... mais."

O mercúrio também soava mais alto na minha cabeça. Cada vez que nos precipitávamos em uma curva e corríamos para a próxima, eu sentia o fio que me ligava a ela se fortalecer. Não faltaria muito agora. Só mais algumas curvas.

"Esquerda! Não, *direita!"*

Nós quatro nos esforçamos mais. O mercúrio não estava mais cantando junto com a multidão. Estava sussurrando, seu interesse despertado. *Ela vem. Ela vem. Por aqui, Alquimista. Venha nos encontrar.*

"Certo!"

Uma obsidiana negra brilhante bloqueava nosso caminho.

“Certo de novo!”

Viramos outra esquina em alta velocidade, meus pés escorregando no chão escorregadio, e então...

"Au!" Bati com força no chão. Um chão que não era mais vidro preto, mas algo prateado e frio. Gritei pela segunda vez quando um peso enorme caiu sobre mim, e então Carniça pousou ao meu lado.

“Desculpe”, ele gemeu.

Minhas costelas já estavam quebradas, eu tinha certeza disso. Eu tinha batido na água com tanta força que foi um milagre o impacto não ter liquidificado minhas entranhas. Eu deveria estar gritando de agonia, mas a Maldição da Viúva ainda estava em vigor e circulando pelo meu organismo, graças aos deuses.

A runa da justiça de Fisher preencheu minha visão. Peguei a mão que ele me ofereceu e o deixei me ajudar a levantar. Não notei sua expressão sombria de imediato. Fiquei chocado demais com a montanha de moedas que se estendia à nossa frente. Porque era ali que havíamos caído. *Moedas.*

Eram minúsculos, do tamanho da minha unha do polegar. Prateados e brilhantes, brilhavam como escamas de peixe. Em colinas íngremes que lembravam dunas de areia, preenchiam o centro do labirinto. Deviam haver milhões deles.

Este era o inferno que Fisher enfrentara quando finalmente chegara ao centro do labirinto. Durante oito anos, ele existira ali, tentando encontrar a moeda específica que Belikon havia lançado na aposta. Não era de se admirar que não a tivesse encontrado. Seus cabelos escuros balançavam com o vento frio enquanto ele examinava o local, com uma expressão complexa.

"Tantos anos preso aqui, irmão. Onde você dormiu?", sussurrou Lorreth. "O que você comeu? Como sobreviveu *?"*

Fisher abaixou a cabeça. Agora que conseguia falar sobre aquele lugar e tudo o que acontecera ali, parecia não saber como. Abriu a boca e respirou fundo, acalmando-se. "Eu..."

"Ele não fez isso, fez, meu amor?" A voz ecoou pelas paredes, vinda de todas as direções. Um trecho de uma das dunas mais próximas começou a deslizar, moedas chacoalhando e se espatifando ao caírem no chão. A cabeça de Malcolm apareceu primeiro no topo da pilha, depois seus ombros e, por fim, o resto do corpo ao chegar ao topo. Ele sorriu benevolentemente para nós, como um pai orgulhoso das conquistas dos filhos.

“Posso ser um vampiro, mas um dia fui feérico. A magia com a qual nasci ainda ressoa em minhas veias. Usei-a para criar este lugar especialmente para o nosso Martim-pescador, para que ele não fosse atormentado por

necessidades tão cansativas como descanso e sustento. Enquanto permanecesse dentro dos limites do meu playground, não precisaria de nenhum dos dois. Que consideração da minha parte, não é?”

"Mais de um século, suportando essa merda sem nem mesmo a chance de dormir como alívio? É, muito atencioso", disparou Lorreth.

Malcolm riu baixinho, sem graça. "Ah, mas eu poderia ter piorado muito. Você não tem ideia, Lorreth da Espiral Quebrada. Mesmo agora, eu poderia ter tornado sua jornada até aqui infinitamente mais horrível. Eu realmente pensei que Morthil tivesse capturado seu grupinho por um segundo. Eu estou..."

Ainda bem que você veio. Estávamos ficando meio entediados. — Filho da puta — sibilou Carniça baixinho.

Atrás de Malcolm, cabelos dourados surgiram à vista, e então Madra apareceu, vestida com a versão feminina da armadura dourada que a guarda da cidade de Zilvaren usava. Fisher enrijeceu-se, sua mão apertando Solace com força enquanto Belikon a seguia. O rei yveliano não tinha mais um buraco no estômago. Na verdade, ele parecia saudável e robusto, vestido com uma túnica verde-inverno e calças pretas. Os lábios do rei se curvaram em desgosto. Apontando um dedo furioso para Fisher, ele rosnou: "Você realmente acha que pode me matar com uma espada impotente? Você não pode matar nenhum de nós com uma mera lâmina. Nós somos o Triunvirato, Cão. Três coroas compartilhando uma fonte. Para matar um de nós, você deve matar todos nós, e isso não é uma tarefa fácil."

"Estou disposto a tentar", respondeu Fisher.

"Você nunca soube a hora de admitir que está derrotado, garoto. Esse sempre foi o seu problema."

“Não serei espancado até morrer”,

“Ah, esse momento não pode chegar cedo o suficiente para mim. Eu queria te enterrar desde o momento em que sua mãe te deu à luz. Mas você vai morrer em breve, e eu terei a espada do seu pai para pendurar na minha parede bem ao lado do seu crânio. Também terei o Alquimista para forjar todas as relíquias de que preciso. Entre nós três, colocaremos os deuses antigos de joelhos e reivindicaremos todos os reinos que desejarmos enquanto estivermos lá. Agora, você vai morrer de joelhos ou de bruços na terra? A escolha é sua.”

Eu não fazia ideia do que Fisher planejava em seguida, mas Belikon, Madra e Malcolm estavam entre nós e o mercúrio. Eu não conseguia ver, mas sentia a poça pulsando do outro lado da montanha de moedas onde eles

estavam. Não tínhamos magia naquele lugar. Nosso inimigo tinha bastante magia da morte para extrair, *e* eles estavam em terreno elevado. Se recuássemos, enfrentaríamos os outros horrores que viviam no labirinto, e não havia saída. Nenhum mercúrio para me chamar além dos muros do anfiteatro. A única maneira de alcançar a segurança era através daquela poça, o que significava que tínhamos que passar pelo Triunvirato, como Belikon os chamava.

Surpreendentemente, foi Carniça quem deu o primeiro passo, Simon erguido no ar. "Podemos achar Fisher um babaca arrogante, mas não vamos deixar você matá-lo." Seu tom era confiante e despreocupado, mas eu vi como sua mão tremia enquanto apontava a ponta da espada para a cabeça de Belikon. "Nós, principalmente, não vamos deixar que ele seja morto por um bastardo que entregaria a própria filha para ser torturada e enfeitiçada por um maldito vampiro."

O que ele está fazendo?, Fisher disse em minha mente. *Ele vai acabar se matando.*

Não tenho a mínima ideia. Mas ele definitivamente deveria parar.

Belikon cerrou os dentes, os olhos turvos cheios de desprezo. "Toda armadilha precisa de uma isca", disse ele. "E, de qualquer forma, Everlayne nasceu para servir à minha coroa. Se eu julgar apropriado que ela morra para ajudar a minha causa, então ela morrerá, porra."

Ela não vai morrer. O veneno de Malcolm está sendo drenado dela neste exato momento. Em breve, a mácula vampírica será removida do sangue dela, e *ele* não terá mais controle sobre ela.

"Carniça, pare!", sibilei. Aquele golpe que Harron desferiu na nuca deve ter causado um estrago sério. De onde eu estava, parecia provável que ele tivesse enlouquecido.

"Sim, Carniça. Pare", disse Malcolm. "Você não sabe quem insulta." O brilho brincalhão em seus olhos havia se apagado. Ele desceu do monte de moedas e flutuou para baixo, como se levado por algum tipo de vento invisível. Eu nunca tinha visto nada parecido. Estávamos todos *ferrados* .

"Saeris? Escute. Essas moedas são falsas", disse Fisher. *"Têm que ser. A moeda original com a qual Belikon fez o acordo era feita de prata. Queimou a mão de Malcolm quando ele a pegou. Ele não conseguiria nem ficar em pé sobre tantas moedas de prata sem que elas o afetassem."*

Observei as botas de Malcolm tocarem o tapete de moedas. Ele caminhou em direção a Carniça com um sorriso satisfeito; definitivamente não sentia

dor. Na verdade, ele só pareceu se encolher um pouco ao se aproximar da espada de Carniça. *"Certo. Então, o que isso significa?"*

A *moeda original também continha traços de mercúrio. Os habitantes desta cidade acreditavam que isso dava sorte. Achavam que isso lhes traria boa sorte e os conectaria aos deuses. Alguma dessas moedas contém mercúrio?*

Enrijeci-me, e a compreensão foi se aprofundando aos poucos. Eu estava começando a entender o que ele estava me dizendo. *"Não. Não são",* respondi. " *Eu nem acho que são feitos de metal. São... uma ilusão, talvez? Mágica?"*

Certo. Então você entendeu o que precisa fazer?

Malcolm sibilou, como uma cobra, enquanto empurrava a espada de Carniça. Ele se inclinou na direção do ladrão, mostrando as presas. "O que *você* vai fazer para *nos impedir?* Somos imortais. Somos deuses. Você é apenas um humano com mãos trêmulas e um adesivo de porco. O que me impediria de rasgar sua garganta aqui mesmo, onde estamos?"

"Saeris!" Havia um tom de urgência na voz de Fisher.

"Sim", respondi. " *Eu sei o que tenho que fazer."*

Os olhos de Carrion se voltaram para os meus por um segundo. Eles continham todo tipo de palavras não ditas. Então, ele abaixou Simon, deu total atenção a Malcolm e disse: "Nada te impede. Vai em frente, Sanguessuga. Me morda e veja aonde isso te leva."

"Carniça, *não!"* Meu choque foi registrado como um tapa na cara.

Malcolm se moveu em torno de Carniça, o rosto horrível de fome. Seus lábios se abriram, revelando presas estreitas e alongadas. Não apenas seus caninos. Todos os seus dentes eram afiados em pontas cruéis. Carniça nem sequer levantou a mão para detê-lo. Com a cabeça inclinada para trás, ele encarou o vampiro desafiadoramente enquanto Malcolm lançava a cabeça para a frente e cravava os dentes em sua garganta.

"Deuses! Temos... temos que *fazer* alguma coisa!", gritei.

As mãos de Fisher se fecharam em volta dos meus braços. As de Lorreth também. Os machos me seguraram com força, com expressões severas. E, durante todo o tempo, o rei dos vampiros bebia.

Isso não estava acontecendo. Carrion estava sendo drenado diante dos nossos olhos e não estávamos fazendo nada. Nada!

" *Não há nada que* possamos *fazer."* A voz de Fisher era tão baixa comparada ao zumbido na minha cabeça. " *Vamos todos morrer se tentarmos tirá-lo de cima dele."*

" *Me solta! Preciso tentar!"*

Malcolm rosnou, cravando os dentes ainda mais fundo no pescoço de Carniça. Estava perdendo o controle. Perdendo-se na própria sede de sangue. Sua garganta se contraiu enquanto ele engolia o sangue de Carniça em grandes goles. Frenético, recolheu as presas — ia procurar um ponto de apoio melhor ou uma veia melhor? —, mas então uma expressão de surpresa tomou conta de seu rosto. Malcolm cambaleou para trás, os lábios manchados de vermelho, o queixo franzindo-se de forma estranha enquanto franzia a testa para Carniça.

“Você...” ele disse.

Carniça estava mortalmente pálido, mas sorriu para Malcolm como um lunático. "Você realmente deveria ter me deixado terminar de me apresentar antes. É falta de educação interromper as pessoas."

Malcolm o soltou, empurrando-o para longe. Milagrosamente, Carniça conseguiu se manter de pé. "Meu nome é Carniça Veloz. Mas houve um tempo em que eu era conhecido como Carniça Daianthus. Filho primogênito de Rurik e Amélia Daianthus."

Malcolm começou a tremer. Uma convulsão violenta o percorreu, e um espesso jato de sangue jorrou de sua boca. Salpicou as moedas a seus pés. "Você me enganou?", engasgou, vomitando outro jorro de sangue. *"Você me enganou para beber sangue de Daianthus?"*

"Santos... deuses... do caralho." Fisher e Lorreth murmuraram a maldição em uníssono.

"Que diabos está acontecendo?" Cravo? Eu já tinha ouvido esse nome, mas não conseguia me lembrar de quando.

Como se tivesse sido tomado por uma súbita sensação de urgência, Fisher girou e me agarrou pelos ombros. "Você consegue sentir?", perguntou. "Você consegue sentir onde está?"

"Eu-eu não sei! Eu-" Mas sim. Lá estava. Um sussurro de voz. Fraco. Minúsculo. Mas lá estava. "Eu entendi."

Uma fumaça cinza e suja começou a sair da boca de Malcolm. Sua pele de porcelana perfeita ficou subitamente crivada de veias negras pulsantes.

"O que você fez?", rugiu Belikon. Tanto ele quanto Madra flutuaram pela encosta das moedas, erguendo as mãos...

Fisher me sacudiu. "Saeris. Está aqui?"

“Não, não aqui.”

"Mas dentro do labirinto?"

Eu assenti.

Fisher pressionou Solace na palma da minha mão e fechou minha mão em volta do cabo.

"Então vá. Encontre. Acabe com isso."

A Maldição da Viúva estava passando. Minhas costelas doíam enquanto eu me lançava pelo labirinto. Agitei os braços, Solace cortando o ar enquanto eu corria. As paredes não se moviam mais. Claramente, precisavam de instruções de Malcolm para fazer isso, e o vampiro estava ocupado demais sufocando — morrendo? — para mexer naquele tipo de coisa.

As passagens de obsidiana já eram aterrorizantes o suficiente quando eu corria por elas com meus amigos, mas agora elas eram completamente aterrorizantes.

Estava muito quieto.

Demorei um momento para entender o porquê.

E então me ocorreu: os corpos em chamas nas arquibancadas estavam em silêncio.

O que isso significava? Fisher estava morto? Lorreth e Carrion também tinham sumido? Eu queria gritar. Medo e pânico me dominavam aos poucos. Eu ia enlouquecer. Mal conseguia ouvir o pequeno sussurro agora. Parecia estar ficando mais silencioso, embora meu instinto me dissesse que eu estava chegando mais perto. *Saeris...*

Saeris...

Ele me chamou pelo nome.

De repente, não tive mais tanta certeza. Eu achava que estava indo no caminho certo, mas o sussurro parecia vir de todas as direções. " *Onde você está? Por favor",* implorei. " *Preciso de você."*

" *Não preciso",* disse o sussurro. " *Quero."*

Não! Preciso de você. Preciso salvar meus amigos. Preciso que me ajude. Por favor, mostre-me onde você está!"

Corri de volta pelo mesmo caminho que vim, com o coração na boca. Estava tão escuro. Tão silencioso. Senti um leve aperto no estômago ao passar correndo por uma curva e voltar, correndo naquela direção.

O sussurro não disse nada.

"Por favor me ajude!"

" *Uma pechincha, então",* ronronou o sussurro.

"Não! Nada de pechinchas. Nada de truques. Nada de acordos."

“ *Então por que ajudaríamos?”*

Parei de correr. Dominado pela exaustão e pela dor, tudo o que eu queria era me enrolar e fingir que nada daquilo estava acontecendo. Em vez disso, eu disse *: "Porque isso é errado. O que eles fizeram aqui. É maligno, e você pode acabar com isso."*

“ *O mal e o bem são dois lados da mesma moeda.”* O sussurro riu baixinho.

" Se isso era para ser engraçado, então... então..." Joguei minhas mãos para o ar, meus olhos ardendo de lágrimas.

" *Sempre há o mal. Sempre há o bem",* disse o sussurro.

"Sim! Mas veja quanta maldade existe aqui. Tanta dor, morte e sofrimento. Não está na hora de algo bom? De equilíbrio? Eu...", minha voz se perdeu, sem saber como vencer a discussão. "Eu o amo", disse eu. "Não suporto que ele morra."

“ *O Martim-pescadorrrrr,”* zumbiu o sussurro.

" Sim."

" *Seu companheiro."*

Olhei para a escuridão, sem esperança. "Sim", respondi. "Meu companheiro." O silêncio ecoava em meus ouvidos, ensurdecedoramente alto.

O sussurro se foi. O fio que me guiava até ele se foi.

Estava acabado. Eu estava presa naquele labirinto horrível, sozinha. Eu morreria ali. Eu nem conseguiria voltar para ele, para que pudéssemos morrer juntos.

"Um pequeno favor, então", disse o sussurro. " *Faremos isso por um favor. E pela restauração do equilíbrio. E por amor."*

Comecei a chorar. "Que tipo de favor?", perguntei, engasgada.

" *Como dissemos. Um pequeno."*

Um pequeno favor. Era vago o suficiente para soar todos os tipos de alarme, mas era o melhor que eu conseguiria. Eu lidaria com as consequências de qualquer tolice que fosse depois. "Tudo bem, então. Sim. Vou te ficar devendo um pequeno favor."

" *Por aqui, então. Por aqui."*

O fio voltou à vida, puxando-me para a frente. Eu o segui. Corri. Disparei o mais rápido que minhas pernas conseguiam...

—e gritei quando virei uma esquina e dei de cara com Morthil.

O demônio ainda estava morto, mas isso não era um grande consolo. Segundo Fisher, ele "renasceria", seja lá o que isso significasse, e eu não tinha a mínima vontade de estar perto dele quando isso acontecesse.

"Onde você está?", sibilei.

O sussurro respondeu, encantado: " *Dentro! Estamos dentro. Dentro."*

" O que você quer dizer?" Eu estava à beira da histeria. Aquilo era demais. Como eu já sabia o que significava "dentro", eu podia senti-lo, tão perto, zumbindo, e não queria admitir para mim mesma o que teria que fazer.

" *Lá dentro",* insistiu o sussurro.

Avancei lentamente, aproximando-me do cadáver fumegante do demônio-aranha. Ele jazia amontoado, com o abdômen totalmente aberto onde eu o havia esfaqueado com minha adaga. Uma de suas pernas jazia no chão a um metro de distância. A enorme boca no centro de seu rosto estava destroçada pelo golpe que Lorreth lhe dera com Avisiéth, o que só o tornava ainda mais hediondo. Prendi a respiração enquanto me inclinava e espiava a boca aberta do demônio.

Porra. Qualquer esperança de que eu pudesse estar errado foi por água abaixo quando vi o brilho prateado no fundo da garganta da fera.

Um grito rouco e sem palavras cortou o silêncio denso que pairava sobre o labirinto. Em algum lugar, Fisher, Lorreth e Carrion lutavam por suas vidas, e eu estava perdendo tempo.

Eu tive que me mudar.

Vamos lá, Saeris. Você consegue. Eu teria preferido o incentivo do Fisher, mas tinha certeza de que ele estava ocupado agora, então me dei um sermãozinho. Levantei a mão e... *Ah* ...

Minha pele estava manchada de preto com tinta. Runas sobre runas sobre runas. As Ligações Divinas brilhavam em um azul metálico ao redor dos meus pulsos, como se estivessem se consolidando e se tornando mais reais, de alguma forma.

Meu corpo inteiro ficou quente.

Eu disse isso em voz alta, não disse? Eu reconheci que Fisher era meu companheiro.

Isso era grande e selvagem demais para compreender agora.

Cautelosamente, coloquei minha mão tatuada na boca do demônio.

Seus dentes brilhavam, fileiras circulares empilhadas umas sobre as outras, ficando cada vez menores à medida que desciam pela garganta. De tão perto, eu conseguia ver as serrilhas de cada dente. Elas eram feitas para rasgar e triturar carne.

Avançar.

Eu precisava ir mais além.

Meu coração parou entre as batidas.

O ar congelou em meus pulmões.

Avançar.

Um pouco mais adiante...

A garganta do demônio ainda estava quente, para não mencionar viscosa. Fiz uma careta ao arrancar a moeda do fundo de sua garganta e fechei a mão em volta dela.

O demônio se contraiu e eu entrei em pânico. Arrancando meu braço da boca dele, gritei, cambaleando para trás. E uma mão se fechou em volta do meu pulso.

“É melhor você me dar essa moeda, garota”, disse uma voz áspera.

Era Malcolm.

43

OUTRO CAMINHO

Quase nada. Apertei o punho em volta dele e lutei para soltar a mão. Malcolm era forte, no entanto. Seus dedos cravaram-se no meu pulso, suas unhas afiadas rasgando a pele.

O hálito de Malcolm exalava um cheiro de morte. "Interferir nos planos dos imortais nunca é aconselhável, Saeris Fane. Principalmente quando eles dedicam tanto tempo e esforço a esses planos. Abra a mão."

Não! Já chega. Fisher já sofreu o suficiente. Essas pessoas já sofreram o suficiente. Este acordo que você fez acabou!

"Ainda não, não é." O rei vampiro me girou, e minha respiração ficou presa. Sua pele estava derretendo dos ossos, descamando em placas úmidas e fibrosas de suas bochechas e pescoço. O cheiro que emanava dele era pútrido — o fedor de carne podre deixada ao sol por muito tempo. Até seus globos oculares estavam encolhidos e ressecados nas órbitas. O que quer que Carniça fosse, o que quer que Carniça tivesse feito, ele desferira um golpe tremendo em Malcolm. O rei ainda era mais forte do que eu, e a dor nas minhas costelas se tornara avassaladora. Respirei em goles curtos, cada um mais excruciante que o anterior.

"Estou muito intrigado com você." O sorriso arruinado de Malcolm me assombraria desta vida para a próxima. "Um Alquimista, depois de tantos anos. Não fiquei surpreso ao saber que Madra tentou matar todos vocês séculos atrás. Ela sempre teve tanto medo da sua espécie. Imagino que teria sido impossível rastrear todos vocês, no entanto. É notoriamente difícil detectar magia em feéricos mestiços. Ela provavelmente deixou um ou dois deles escaparem por entre os dedos. Eles devem ter se escondido na cidade dela, formado famílias e se reproduzido."

Nosso sangue feérico deve ter sido diluído ao longo dos séculos, reduzido a menos que um sussurro em uma linhagem. Mas aí você aparece. Devo dizer

que estou impressionado. Uma herança genética com o seu tipo de poder é inconcebível. Sabe, houve *uma* época em que trabalhei muito próximo da sua espécie. Ele me observou. "Foi uma Alquimista muito talentosa que descobriu a chave para o meu dom de sangue. Ela era notável em muitos aspectos. Profundamente decepcionante em outros. Talvez eu deva mantê-la viva depois que tudo isso acabar. Parece que preciso de outro milagre, graças àquele desgraçado do Daianthus."

"Não vou te ajudar", cuspi. "Não posso. Só consigo trabalhar com o mercúrio."

Malcolm estalou a língua — um som úmido e repugnante. "Menininha, sua ignorância é chocante." Ele me jogou. Foi tão fácil para ele. Apenas um movimento casual do pulso, e ele me jogou contra a parede. Bati com força na obsidiana, a respiração me escapando. Uma explosão de luz branca brilhou atrás das minhas pálpebras enquanto eu afundava no chão.

Não perca *a consciência, Saeris. Se desmaiar agora, você morre.*

Não parecia a minha voz. Parecia a do Fisher. Tão clara. Tão alta. Tão próxima...

Malcolm enganchou a ponta da bota sob o punho de Solace e chutou a espada da minha mão. Ele se abaixou ao meu lado e, com dedos frios, abriu meu punho e pegou a moeda que eu tanto lutara para encontrar. Queimou sua pele, mas só por um segundo. Ele a colocou em uma bolsinha de couro e a prendeu no cinto em sua cintura, depois virou minha mão, passando um dedo gelado sobre minhas marcas. Apontando para as runas em meus dedos indicador e médio, ele as nomeou uma de cada vez. "Terra. Ar. Fogo. Água. Sal. Enxofre. Mercúrio. Toda a gama. Mais poder do que qualquer Alquimista que já encontrei. Você é capaz de restaurar meu poder e muito mais."

"Me mate logo e acabe logo com isso. Não vou te ajudar", gemi.

"Sério?" O vampiro inclinou a cabeça para o lado. Ele bateu na runa intrincada e entrelaçada nas costas da minha mão direita. Tentei puxar minha mão, mas ele balançou a cabeça, estalando a língua em desaprovação. "Falando em marcas impressionantes, eu também nunca vi nada parecido com *isso* antes. Que arte linda. Parece que você conseguiu uma companheira. Quem será que pode ser?"

"Foda-se", cuspi.

"Passei muito tempo com Fisher ao longo dos anos. Ele é algo incrível de se ver, então você vai acreditar em mim quando eu disser que notei *suas* novas marcas imediatamente. Mas eu não precisava ver tinta na pele para

saber que você era dele, precisava? Eu senti seu cheiro nele no segundo em que ele apareceu aqui, exigindo que eu soltasse a irmã dele. Eu senti seu corpo nele." Ele forçou as palavras a saírem como se elas deixassem um gosto ruim em sua boca. "Mas o cheiro do seu sangue era muito mais forte. Eu não conseguia acreditar. Que ele tinha se *alimentado* de você", zombou. Ele usava aquela placa de prata no pescoço todos os dias em que ficou preso aqui neste labirinto. Um presente da mãe dele, eu acho. Prata pura imbuída de uma magia particularmente maligna. Eu não conseguiria arrancá-la dele nem se tentasse. Edina sempre foi *um* espinho no meu pé. Prometi deixar Fisher ir se ele me desse uma chance. Prometi apagar Gillethrye da memória dele, para que ele esquecesse tudo sobre este lugar e o que aconteceu aqui... se ele se alimentasse de *mim* ao menos uma vez. Eu queria conhecer a felicidade que viria na ponta dos seus dentes. Mas ele me negou. Ele escolheu ficar e sofrer. E então *você* ... Uma humana patética e fraca? A companheira dele? É ofensivo.

"Desculpe." Era assustador como meus pulmões pareciam trêmulos quando eu falava. "Ele simplesmente não curte mortos-vivos."

"Você não tem ideia de como o resto da sua curta existência será miserável, garota", sibilou o vampiro. "Fisher será meu, de uma forma ou de outra. Você *vai* me ajudar a me curar. Você vai me ajudar a construir um exército imparável que varrerá toda Yvelia. E ele se *entregará* a..."

Eu me lancei. A lâmina presa à minha coxa não era tão impressionante quanto a de Solace, mas era afiada e, no fim das contas, era só isso que importava. Cravei a adaga na garganta de Malcolm, gritando em meio à dor no peito. Os olhos do vampiro se arregalaram, suas pupilas se contraindo em fendas verticais.

“Seu...estúpido...”

Girei a adaga enquanto a puxava, rosnando com o esforço. Um pedaço da carne de Malcolm se soltou com a lâmina, e fumaça e sangue jorraram como um gêiser do ferimento. O sangue do rei vampiro não era icor negro como o de seus alimentadores. Era arterial — carmesim escuro, mas ainda vermelho. Incandescente de raiva, Malcolm levou a mão ao pescoço e rugiu. Ele não precisava de uma arma para me matar. Suas mãos bastavam. Com um rosnado raivoso, ele me deu um soco na barriga e o empurrou para cima.

Calma, Saeris. Estou indo!

Era a voz de Fisher. Cristalina e perfeita.

Ele estava vindo atrás de mim.

Ele chegaria tarde demais.

Uma onda de choque frio percorreu meu corpo. Não senti dor. Não imediatamente. Ela se insinuou nas bordas da minha consciência como uma geada matinal cobrindo uma vidraça.

E então isso me destruiu.

Eu estava morrendo. Malcolm se certificou disso. Sua alegria era nauseante enquanto tirava a mão encharcada de sangue da minha barriga. "Dizem que ferimentos no abdômen são a pior maneira de morrer." Sua voz era rouca e úmida. Eu tinha causado um dano sério com aquele golpe no pescoço dele, mas sua cabeça ainda estava presa, o que era ainda mais lamentável. "Acho que vou te deixar assim. Você vai durar o suficiente para que ele te encontre assim. Eu amo o nosso Martim-pescador mais quando seu coração está partido."

Nosso Martim-pescador? *Nosso* Martim-pescador? Esse sujeito doente não podia reivindicar nada da minha companheira. O Pescador era *meu*. "Vou te matar", gemi. "Será a última coisa que farei, mas valerá a pena."

Malcolm riu. "Por favor, garota. Morra com alguma dignidade. Você não pode me matar. Eu sou eterno." Quando ele tirou a mão do pescoço, pude ver que sua garganta já estava se curando. Era um progresso lento, as fibras de seus músculos se reconectando uma a uma. Mas ele *se* curaria. Isso não importava mais. Eu não tinha me iludido pensando que acabaria com ele com a adaga. Eu só queria distraí-lo um pouco.

O sorriso de Malcolm sumiu quando levantei a bolsinha de couro onde ele havia guardado a moeda. A mesma que eu havia tirado do cinto dele enquanto ele abria um buraco na minha barriga. Ele estendeu a mão, arregalando os olhos levemente. "Me dá isso", exigiu. "Me dá, e eu ainda posso te salvar. Ainda dá tempo."

Agora era a minha vez de rir. Minha boca se encheu de sangue, meu corpo se contorceu com a agonia que me dilacerava, mas valeu a pena. "Será que isso realmente importa tanto para você? Que ele tenha que ficar aqui e sofrer? Que você consiga manter todas essas pessoas aqui, queimando e sofrendo pelo resto dos tempos? Sua alma é realmente *tão* negra e distorcida?"

Malcolm deu de ombros, desculpando-se. "Eu não tenho alma, garota." E ele se lançou contra mim. Não consegui impedi-lo de arrancar a bolsa da minha mão e sair correndo, é claro. Nem tentei. A pouca energia que me restava, eu estava guardando.

Os olhos do vampiro brilhavam de vitória. Esse brilho diminuiu quando ele abriu a bolsa e não encontrou nada dentro. Seu olhar se voltou para mim, e seu queixo caiu.

A pequena moeda zumbia alegremente na minha mão enquanto eu a erguia para ele ver. "Qual era mesmo a intenção do Belikon? Folhas ou peixes?"

"Não!", gritou Malcolm. *"NÃO!"*

Joguei a moeda. Não muito alto. Eu não lhe daria a chance de pegá-la no ar como fizera quando Belikon a jogou. A pequena moeda brilhou intensamente enquanto girava. Não importava mais de que lado caísse. Só que caísse. O chão tremeu quando a prata brilhante atingiu a obsidiana.

Houve um momento de silêncio, e as ruínas de Gillethrye prenderam a respiração.

"Sua putinha idiota. O que você fez?", sussurrou Malcolm.

E então a coisa bateu. Um vento terrível atingiu o labirinto. Veio do nada, uivando pelas passagens que haviam prendido Fisher por décadas. Ergueu-se e saiu do labirinto, varrendo as arquibancadas do anfiteatro.

Ano novo!

Ano novo!

Ano novo!

Ele incitou os gritos das almas torturadas e, à medida que o vento passava por elas, elas se transformaram em colunas de cinzas e foram arrastadas por seu rastro uivante. Centenas de milhares de Fadas Superiores e Inferiores finalmente tiveram permissão para passar, com sua dor chegando ao fim.

Malcolm olhou para as arquibancadas, consternado. "Não. Estes não são... meus filhos. Eles seriam meu exército. Você... você os *tirou* de mim!" Ele se virou para mim, mas eu não estava onde ele me deixara. Eu estava de pé, curvado e perdendo sangue, bem ao lado dele. E eu tinha Solace nas mãos.

"Só os *deuses* são eternos", eu disse a ele. E cortei a cabeça de Malcolm.

Fui arremessado para trás.

Eu não ia me levantar mais.

A cabeça de Malcolm explodiu em chamas azuis antes mesmo de atingir o chão. Seu corpo foi engolido logo em seguida. Uma explosão de luz irrompeu de Solace e rasgou as nuvens, iluminando-as. Ela ricocheteou segundos depois, caindo de volta ao chão em bifurcações de energia azulada que fraturaram a obsidiana e incendiaram o anfiteatro. Mais filamentos de poder se romperam da ponta da espada, mas eu estava fraco demais para

erguer Solace novamente. Não precisava mais. Malcolm estava morto. Não havia mais volta para ele. A energia que emanava da espada que o pai de Fisher possuía — energia que não se elevava há mais de mil anos — estalou e finalmente se apagou.

Saeris! Saeris!

Fisher gritava em minha mente. Com os olhos turvos, fechei os olhos e soltei um suspiro trêmulo. *Está tudo bem. Eu vou ficar bem. Madra...*

“O covarde desapareceu no mercúrio assim que o vento o atingiu.”

“E...Belikon?”

" *Lorreth está lidando com ele. E com Carniça. As espadas deles estão canalizando de novo. Onde você está?"*

Essa foi uma ótima pergunta. Eu não tinha ideia de como direcioná-lo. " *Estou... perto do demônio. Morthil."* Essa informação não foi muito útil para ele, no entanto. As paredes tinham se movido muito depois que deixamos o cadáver do demônio-aranha. Não havia chance de Fisher me encontrar apenas com essa informação.

Será que ele sentia o quão fraca eu estava agora? Eu percebia que seu ombro estava machucado. Eu sentia sua exaustão. Eu não entendia essa conexão entre nós, mas ela se fortalecera desde que aceitei minhas marcas e o reconheci como meu companheiro. Eu sabia que ele estava correndo. Eu também sabia que ele estava com medo.

" *Não se preocupe",* disse ele. *"Estou indo."*

Devo ter desmaiado. Quando recobrei a consciência, havia uma figura em pé sobre mim, e não era Fisher. Fiquei tenso, estendendo a mão para Solace, mas meus braços estavam dormentes. Minhas pernas... meu corpo inteiro estava dormente. Eu não conseguia me mexer. Vi cabelos prateados e uma onda de desespero surgiu dentro de mim. Ele havia sobrevivido? Como? Não havia como. Mas o cabelo era curto demais para ser de Malcolm. Era Taladaius, o vampiro que havia mantido Everlayne presa na margem do Darn.

"Está tudo bem, Saeris. Você vai ficar bem." Fisher se jogou ao lado dele, com o rosto coberto de fuligem, cinzas e sangue. Seus cabelos escuros, úmidos de suor, se enrolavam em volta das orelhas.

Abri a boca, mas não consegui falar. Felizmente, eu tinha outros meios de me comunicar com ele. *Quando Te Léna disse que um dos companheiros marcados com um vínculo divino sempre morria, não imaginei que aconteceria* tão *rápido.*

"Você não vai morrer." Fisher tirou meu cabelo do rosto, com as mãos tremendo.

"Receio que sim", disse Taladaius solenemente. "Vai acontecer em breve, não importa o que aconteça. Os danos ao estômago e à cavidade torácica dela são muito grandes."

A boca de Fisher se estreitou numa linha. Ele passou a mão pelo cabelo imundo, fechando os olhos com força.

"Se não agirmos, ela falecerá nos próximos minutos", disse Taladaius com um cuidado surpreendente.

“Darei a ela parte da minha alma”, disse Fisher.

"Você não pode. Você já deu demais para Lorreth. Vai recusar imediatamente se tentar..."

"Eu não dou a mínima! Eu já vivi bastante, Tal. Ela mal viveu. Eu vou dar tudo para ela." Fungando, ele se inclinou para a frente, apoiando-se nos joelhos, e apoiou as palmas das mãos na minha barriga destroçada.

“ *Não, Fisher.”*

A devastação distorceu suas feições. Olhos de jade, cheios de pânico, encontraram os meus. " *Eu preciso",* disse ele. " *Não vou deixar você morrer."*

"Você não está quebrando a sua promessa", retruquei. *"Você jurou que nunca mais tiraria o meu livre-arbítrio. É isso que você vai fazer se me curar e morrer no processo. Eu não quero tirar a sua alma."*

“Eu posso lidar com as consequências de quebrar uma promessa se isso significar que você viverá”, ele disse em voz alta.

"Você disse na sua carta que teríamos tempo depois desta vida. Que havia mais para nós."

" Haverá." Ele assentiu, como se achasse que estava me confortando. Que estaria me esperando aconteça o que acontecer. Mas ele tinha entendido errado.

Não vai. Eu disse que nunca te perdoaria se você me obrigasse a fazer algo que eu não quisesse fazer de novo. Nunca é muito tempo, Fisher. Se você se sacrificar por mim, rejeitarei nosso vínculo nesta vida e na próxima.

Eu odiava a tristeza que ele demonstrava. Mas eu falava sério. Fisher passara a vida adulta inteira se sacrificando por aqueles ao seu redor. Eu preferiria morrer a vê-lo se sacrificar por mim.

"Estamos ficando sem tempo", disse Taladaius. "Há outro jeito, e você sabe disso."

“Não”, Fisher retrucou.

O ajudante de cabelos prateados de Malcolm bufou de frustração. "Quando você vai aprender que ser teimoso nunca te serve? Deixe-me ajudar!"

Fisher olhou para mim, o mercúrio em seus olhos girando freneticamente. "EU-"

" *Do que ele está falando?"*

"Fisher, se você quer que eu atue, tem que ser agora."

"Fisher! O que ele quer dizer?"

Minha linda companheira de cabelos escuros engoliu em seco. *Tal só perdia em poder para Malcolm. Ele escondeu isso do rei para que este não o matasse. Ele pode te transformar.*

Minha mente estava tão confusa. Eu não conseguia processar o que ele estava dizendo. Taladaius queria me *transformar* ? *Eu não... Eu não posso ser um alimentador, Fisher. Por favor.* Fisher balançou a cabeça. "Você não seria. Você seria como ele." *Eu não morreria?*

"Não."

Eu teria que me alimentar?

" Não sabemos."

"Fisher, ela está sumindo. Tenho segundos..." Ouvi Taladaius falar, mas ele soava como se estivesse debaixo d'água.

Um cobertor grosso e escuro me cobria. Era tão quente e confortável. Fez a dor no meu estômago desaparecer.

"Diga-me que ela consente, porra!" gritou Taladaius.

O mundo desapareceu.

A voz de Fisher foi a última coisa que ouvi. "Ela consente."

EIXO

"MOVER!"

Eu ia vomitar. A dor me atravessou como uma faca...

"Ai, deuses. Ela está viva?" O rosto de Carniça acima de mim, pálido e marcado pela preocupação.

BOOM!

O céu estava caindo.

Não o céu. O anfiteatro.

Uma enorme seção de pedra, se soltando do suporte, caindo em câmera lenta.

BOOM!

"Juro pelos deuses, se ela não sobreviver a isso..." Lorreth agarrou a camisa de Carrion e o puxou de volta.

Fogo por toda parte. Chamas rugindo em direção ao céu em pedaços.

Chamas surgindo em minhas veias. No meu pescoço.

Deuses, meu pescoço…

“Forme um portão de sombra!”

A voz de Fisher, cheia de pânico. "Estou tentando, porra!" O mundo, de lado, desmoronando. Só caos. Só dor. Só dúvida. Só medo. Tudo... Tudo parou.

Eu estava deitado nos braços de Fisher. O mundo ficou em silêncio, mas eu conseguia ver o rosto do meu companheiro acima de mim, e a dor terrível ali, os tendões do seu pescoço erguidos, orgulhosos, enquanto ele gritava algo para Lorreth. Ele tinha vindo atrás de mim. Mesmo com o mundo acabando ao nosso redor, ele me *tinha* .

"A montanha que resiste a todas as tempestades", disse uma voz muito clara em minha mente. Eu não tinha controle sobre meu corpo. Não tinha mais energia ou cuidado para reagir à voz. Eu estava consciente o suficiente para perceber que agora era diferente. Calmo. Focado. Direto. Observei meu companheiro, minha visão oscilando entre a escuridão e a escuridão enquanto ele falava.

"Ele é a tempestade. Você é a paz que deve vir depois dela. Diga-me, você acredita em destinos, Alquimista?"

Fechei os olhos, com lágrimas escorrendo pelos cantos. Fisher estava abrindo um portão. Ele estava me levando para casa. Eu morreria em Cahlish, talvez no conforto da cama dele. Eu...

"Não se afaste muito da costa, Saeris Fane. Volte agora. Volte."

Abri os olhos, e meu pulso subitamente disparou. A adrenalina inundou meu sangue, uma corrente elétrica percorreu meu peito, acelerando meu coração. "Porra!", ofeguei. "Ai, deuses. *Porra!"*

"Está começando." O anúncio sombrio de Taladaius veio de algum lugar atrás de mim.

Fisher olhou para mim, com os olhos marejados. "Vai ficar tudo bem. Aguenta firme, Saeris."

A voz soou novamente, clara e concisa. “ *Você está diante de uma porta. Sua mão está pronta para bater. Está pronto para atravessá-la? Você deixará este lugar e verá o que há além, no próximo?”*

O próximo? *Ir embora?* Pisquei lentamente. *"Não. Eu não quero ir. Ainda não."*

A voz soou rouca, mas também curiosa. *"Uma sombra cai sobre Yvelia. Ela alterará tudo o que tocar. Você prefere ficar aqui, sabendo que sofrimento e dificuldades se avizinham no horizonte? Que sacrifícios precisarão ser feitos?"*

Olhei para Fisher. Para as asas largas e belas que se estendiam pela lateral do seu pescoço. Senti seu coração, disparado no peito, pulsando em sincronia com o meu, enquanto ele estendia a mão, buscando um portal de sombra. Não precisei pensar na minha resposta. Qualquer que fosse o custo de ficar com ele, eu pagaria. *"Sim",* eu disse.

"Como desejar. Então clamamos por nosso favor, Saeris Fane. Honrará sua palavra e nos concederá nosso favor?"

Claro que era o mercúrio. E claro que estava cobrando minha dívida agora, quando eu estava a um fio da morte. " *O que você quer de mim?"*

A resposta veio imediatamente. *“Precisamos de uma audiência com você,*

Saeris Fane.”

Fisher olhou para mim, franzindo a testa. "Saeris?"

“Você nos concederá o nosso favor?”

Uma plateia? Eles queriam *falar* comigo? Isso foi mesmo Um pequeno favor. Um que eu dificilmente poderia recusar. *"Sim. Eu concedo. Assim que..."* Assim que eu estiver bem o suficiente para ter uma conversa com você. Era o que eu estava prestes a dizer, mas a corda que me ajudara a encontrar a poça de mercúrio no centro do labirinto se esticou do nada. Meu corpo se contraiu, e Fisher quase me deixou cair.

"Que porra é essa? Saeris?"

Fisher me agarrou com força. Seu portão de sombra estava aberto, a menos de um metro de distância. Tudo o que ele precisava fazer era se virar e nos guiar por ele. Agarrei a alça do seu protetor de tórax, e o alarme disparou na minha cabeça. "Desculpe",

Eu ofeguei. "Eu—"

Fui arrancada dos seus braços.

“SAERIS!”

Uma corda invisível me puxou pelo ar, me puxando através do labirinto. Meus braços e pernas se moveram para trás enquanto eu era puxado para trás. O ar passou rapidamente pelos meus ouvidos. Lorreth e Carrion gritaram também. Em uma fração de segundo, meus amigos se foram, meu companheiro se foi, e eu estava correndo pelo labirinto a uma velocidade vertiginosa.

"Por favor!", gritei. " *Não!"* O que quer que o mercúrio estivesse fazendo, tinha que parar.

Meu estômago se contraiu, uma sensação de leveza e queda me puxou pela barriga. E então tudo o que eu conseguia ver eram moedas. Milhares delas. Um tapete inteiro delas, passando zunindo sob meus pés.

O verdadeiro pânico tomou conta de mim quando entendi para onde estava sendo levado.

Mal vi a poça de mercúrio embaixo de mim quando uma onda de metal líquido se ergueu e me envolveu pela cintura. Mal tive tempo de gritar quando ela se apertou em volta das minhas costelas e me arrastou para baixo da superfície.

"Está morto."

"Não seja ridículo. É claro que não está morto."

“Como você pode ter tanta certeza?”

"Porque O pai o deixou aqui, idiota. Ele não quer que ele morra. Portanto, não está.

Essas vozes eram femininas. Jovens e brincalhonas. A primeira a falar emitiu um som de desdém e disse: "Bem, *parece* morto". Abri os olhos e vi um céu azul brilhante.

Um pássaro cruzou meu campo de visão, voando e mergulhando, cantando a plenos pulmões; sem pensar, levantei a mão para proteger os olhos do sol, querendo vê-lo melhor.

Tarde demais, me preparei para a dor... mas nenhuma veio.

“Você acha que ele nos entende?”

Apertei os olhos, virando a cabeça, e folhas de grama roçaram meu rosto. Eu estava deitado em um vasto campo ao pé de uma colina ondulada. No topo da colina, erguia-se um carvalho solitário tão magnífico que me tirou o fôlego. Seus galhos grossos balançavam na brisa suave, suas folhas brilhavam, brilhando de luz quando o sol as atingia.

Arrastei-me até sentar e imediatamente avistei as duas jovens à minha direita. Pareciam ter dezoito anos, talvez. Dezenove. E eram idênticas em todos os sentidos. Vestidas com vestidos soltos, cinza-escuro, não usavam nada nos pés. Seus cabelos negros caíam em ondas até a cintura. Dois pares de olhos azuis-reais, penetrantes por fios prateados, me observavam com grande interesse enquanto eu me levantava.

A menina da direita agarrou a mão da irmã, e as duas se aproximaram. "Conte-nos como é", disse ela com uma voz clara e agradável.

"Eu..." Pigarreei. "Desculpe. Quer saber como é?"

"Sexo", disse a outra garota, erguendo o queixo. "Com aquele macho. O campeão do nosso pai."

“Com… *Fisher?”*

Em uníssono, as meninas assentiram ansiosamente.

“Uhhh…”

"Queríamos experimentá-lo nós mesmos, mas o Pai proibiu", disse o gêmeo à direita. "Ele não considera nenhuma criatura viva de nenhum reino digna do nosso toque. Esperamos uma eternidade para que ele nos presenteasse com nosso próprio companheiro de brincadeiras, mas até agora, nenhum outro da nossa espécie encarou a jornada para visitar o nosso Corcoran." Corcoran?

Puta merda.

Os Corcoran eram…

"Qual de nós você venera com mais fervor?", perguntou a gêmea da direita. "Bal?", gesticulou para si mesma. "Ou Mithin?", gesticulou para sua contraparte. "Temos uma competição dessas para ver quem é mais popular." Uma tempestade de raios rugia em seus olhos agora. Assim que percebi, senti uma forte fisgada de estática no ar. Os pelos finos de todo o meu corpo se arrepiaram.

Isso... estava mesmo acontecendo? Eles eram *deuses?* Engoli em seco, inclinei a cabeça respeitosamente e olhei para os meus pés. "Como alguém poderia amar Bal mais do que Mithin? Ou valorizar Mithin mais do que Bal? Vocês são igualmente veneradas por todos aqueles que conhecem seus nomes, minhas senhoras."

"Minhas *senhoras!",* gritaram as deusas do sol ao mesmo tempo. Sorriram alegremente uma para a outra, ainda de mãos dadas. "Ela fala com modos tão amáveis." Aquela que me deu seus nomes estendeu a mão para mim. "Vamos. Precisamos nos apressar. Papai está esperando por vocês, e ele não tem muita paciência para esperar ultimamente. Ele vai ficar irritado se demorarmos muito mais."

Não estendi a mão para ela. Num segundo, ela estava pendurada ao meu lado. No outro, já estava em seu aperto frio. Dei um passo, e o campo ao nosso redor se esticou, tornando-se um borrão verde. Quando meu calcanhar tocou o chão, a colina inclinada não estava mais à nossa frente. Estávamos em pé no topo dela, sob os galhos do imponente carvalho.

Minha mente se esforçou para acompanhar a mudança de local, meus pensamentos estavam confusos.

Em meio às raízes do carvalho gigante, uma larga faixa prateada de quase dois metros e meio de largura formava um fosso. *Tanto* mercúrio. Assustei-me ao notar gotas do metal brilhante escorrendo pelo tronco largo da árvore como seiva e rolando para dentro do fosso.

Em uma rocha lisa, a três metros de distância, um homem estava sentado sozinho, de costas para nós. Seu manto era do mesmo cinza-escuro das deusas do sol, e seus longos cabelos castanhos estavam presos em tranças de guerra. Rindo, Bal e Mithin acenaram para que eu me aproximasse, indicando que eu deveria ir até ele.

Uma bola de ansiedade se apertou no centro das minhas costelas. Se aquelas duas garotas eufóricas fossem mesmo deusas, eu poderia arriscar um palpite sobre quem era o pai delas só de olhar para a parte de trás da cabeça dele.

Everlayne mal conseguia pronunciar o nome dele sem tremer. Ela havia avisado, em termos inequívocos, que ninguém deveria deixar *esse* Deus olhar para ela. Nem mesmo uma estátua dele. E lá estava ele — a personificação física dele, pelo menos — sentado em uma pedra, esperando para conversar comigo.

Porra.

"Aproxime-se, Alquimista", ordenou ele. Era a voz dele que me perguntara se eu queria passar pela porta ou ficar em Yvelia com Fisher; tive a sensação de que era com a voz dele que eu vinha falando há muito tempo. Dei um passo à frente, prendendo a respiração, e contornei a rocha. De frente para o Deus, inclinei o maxilar e encontrei seus olhos azuis e frios. Eu esperava um rosto terrível. Um rosto hediondo e distorcido com loucura no

olhar, mas não. Se ele fosse humano, eu o teria julgado na meia-idade. Seu rosto era levemente enrugado e possuía uma gentileza e sabedoria que me pegaram de surpresa.

Ele olhou para mim, com as mãos apoiadas nos joelhos, e disse: "Você sabe quem eu sou?"

Abaixei um pouco a cabeça, olhando novamente para as minhas botas. "Zareth. Deus do Caos."

Zareth resmungou. "E você é Saeris. Irmã de Hayden. Filha de ninguém." Ele acenou com a cabeça para as marcas de tinta em minhas mãos. "Além disso, companheira do meu campeão."

Olhei para as marcas, ainda um pouco surpresa ao vê-las ali, manchando minha pele. "Sim", eu disse. "Sou eu."

Zareth se levantou de seu assento na rocha, e minhas pernas tremeram. Ele não era mais alto que Fisher. Não era mais largo nem tinha aparência mais divina, mas a pura fonte de poder que emanava dele enquanto me acolhia me fez querer me ajoelhar e me jogar a seus pés. Ele poderia piscar e me erradicar da existência. Eu tinha certeza disso. Se ele quisesse, eu desapareceria, sem nunca ter nascido.

"Precisamos fazer isso rápido, ou você morrerá antes de me ser útil. Serei o mais conciso possível, dadas as circunstâncias. Passei muito tempo observando os fios do universo, esperando por alguém como você", disse ele. "Um Alquimista, finalmente, para restabelecer o equilíbrio e abrir caminho para o que está por vir." Virando-se, ele foi até a beira da poça de mercúrio que cercava a grande árvore, e eu o segui, atraído por sua força.

Ele se aproximou da beirada do mercúrio e olhou para mim. "Aqui, estamos na beirada do universo. As raízes que você vê, crescendo na terra, no mercúrio, são as âncoras do destino." Ele inclinou a cabeça para trás, seu olhar viajando para cima, em direção aos galhos da árvore. "As folhas prateadas acima marcam todos os reinos do nosso domínio. Minha família é a guardiã de tudo o que você vê aqui. Nós regamos as raízes do destino. Nós aparamos os galhos e podamos as folhas para evitar o apodrecimento e a deterioração. Você vê o galho ali? O enegrecido?"

Olhei para onde ele apontava e notei um galho específico da árvore. Sua casca era mais escura que as demais, enrugada, com menos folhas prateadas brotando. "Sim, eu vejo."

Zareth assentiu. Levantando a mão, ele varreu o ar com os dedos e, enquanto eu observava, três folhas do galho se soltaram e caíram. Elas flutuaram, esvoaçando e girando, até pousar na superfície do mercúrio. "Há

uma podridão se espalhando por todo o meu domínio, Saeris", disse ele. "Reinos infectados com essa podridão precisam ser sumariamente destruídos para proteger o resto da árvore e impedir que ela se espalhe. Você entendeu?"

Aquelas folhas eram reinos. Mundos inteiros. Zareth tinha acabado de... acenar com a mão e... apagá-las. Eu as encarei enquanto afundavam e desapareciam sob a superfície do mercúrio. Seria possível? Ele poderia mesmo ter feito aquilo? "Quantas pessoas..." Não consegui dizer o resto da pergunta, mas o Deus ao meu lado sabia exatamente o que eu estava perguntando.

"Bilhões." Ele respondeu sem o menor sinal de emoção. Sim, então. Eu tinha acabado de testemunhar um genocídio em uma escala que eu não conseguia compreender, e Zareth apenas sorriu. "Você não é o único Alquimista no universo, é claro", disse ele. "Existem milhões de vocês por aí. Mesmo em seu reino, mesmo na cidade que você um dia chamou de lar, existem centenas de portadores de magia elemental que podem comandar o mercúrio. Mas quando consultei os destinos há muito tempo, fiquei muito intrigado quando *te vi*, Saeris Fane. Não apenas você. Kingfisher também. Eu vi um eixo no fluxo das coisas. Um nó ardente na tapeçaria de tudo o que viria a ser. Quando me concentrei e vi a força do vínculo que conectava vocês dois, admito que tentei influenciar os destinos."

"O que você quer dizer com "manipular o destino"?", sussurrei.

Zareth olhou para a encosta suavemente ondulada, para o campo onde suas filhas haviam retornado e riam ruidosamente, de mãos dadas, girando uma à outra na grama alta. "Você deveria ter nascido feérica, no mesmo reino que seu Martim-pescador. Então eu os separei. Centenas de anos antes de você nascer, eu alterei os eventos em torno do seu nascimento. Movi as peças no tabuleiro e os coloquei bem longe, em um reino que jamais deveria ter entrado em contato com o dele. Mas eu observei os galhos do universo crescerem contra sua natureza e se alinharem de tal forma que vocês ainda se encontrariam. Eu previ então que, não importa como os galhos e ramos desta árvore fossem manipulados, você e ele sempre colidiriam. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir."

Fisher dissera que sua mãe às vezes se enganava, sobre pequenas coisas que tinham grandes consequências. Quando ela previu que eu invadiria a vida de seu filho, me viu com orelhas caídas e caninos como os do filho. Acontece que ela não estava errada, afinal. Eu *deveria* ter nascido feérica. O Deus do Caos simplesmente interferiu.

"Por quê?", perguntei. "Por que você quer nos separar? O que importa para você se nos amamos e vivemos nossas vidas juntos?"

Zareth me observou por um instante. Inspirando fundo, passou correndo por mim, contornou a árvore e chegou a um ponto na margem do fosso onde a grama estava pressionada contra a terra... e os galhos da árvore estavam retorcidos em nós nus e enegrecidos. Eu não tinha notado do nosso ponto de vista agora, mas dali, era fácil ver que um pedaço enorme da árvore estava morrendo.

“Na natureza, há um contrapeso para tudo, criança. A luz tem escuridão. A vida tem morte. A alegria tem tristeza. E o bem tem mal. Essa lei se aplica, não importa em que reino você esteja”, disse ele com um amplo movimento de braço que envolveu as muitas, muitas folhas da árvore. “Fios como você e Kingfisher, que se unem e se cruzam em um eixo, criam uma fonte de poder. A energia que vocês dois atraem atrai um contrapeso igual e oposto. Todo futuro possível em que vocês dois estejam juntos termina com a grande maioria desta árvore morrendo. Nenhum de nós consegue prever outra maneira.”

“Então… você está dizendo que Fisher e eu somos responsáveis pelo fim de todo o universo?”

Zareth balançou a cabeça. "Não você pessoalmente. Mas o momento em que vocês se encontram, assim como o momento em que se tornam companheiros, é uma faísca. A chama na escuridão que atrai a mariposa. Era minha responsabilidade tentar impedir que essa faísca acontecesse, mas, como você já aprendeu, os destinos em si não seriam guiados por esse caminho."

Senti meu coração batendo forte. "O Fisher sabe de alguma coisa?"

Zareth bufou. "Não. Eu orquestrei os eventos para que ele fosse trazido para cá ainda jovem. A mãe dele tinha acabado de morrer, e seu temperamento não era muito educado." Zareth franziu a testa, como se a lembrança ainda o incomodasse. "Ele fez da minha família uma inimiga. Só lhe permitiram viver porque eu exigi. Passei muito tempo estudando os vários desfechos e caminhos deste universo desde que você e Kingfisher se conheceram, e embora eu nunca tenha encontrado um equilíbrio que fizesse o bem prevalecer, havia caminhos que levavam à... incerteza."

"Incerteza?"

"Caminhos que levam a estradas, onde tanto o caminho quanto o destino estão bloqueados até mesmo para a minha visão. E em todos esses futuros velados, onde ainda existe uma chance de vida, há um fator comum." Eu não

queria saber. Não conseguia ouvir. Era pressão demais. Zareth sabia disso, eu tinha certeza, mas seguiu em frente. "Você e Kingfisher lutaram um ao lado do outro, e vocês eram Divinos." Ele apontou para a escrita que envolvia meus pulsos. "Estes juramentos marcam você como meu protegido. Eles protegem você e Fisher das atenções indesejadas dos meus irmãos e da minha irmã."

"Proteção contra eles?"

"Eles preferem matar Fisher e arriscar tudo para decidir o que vem a seguir. Preferem enfrentar a tempestade no horizonte e replantar nossa árvore depois que a ficha cair. Não quero que isso aconteça. Partiria o coração das minhas filhas." Ele se interrompeu, observando as meninas dançarem no campo, imitando a grama balançando ao vento. O riso delas chegou até nós como uma doce música. "Por elas, estou disposto a arriscar. Se você realmente aceitar Fisher como seu companheiro, então deve concordar que o fio da sua vida seja cortado da tapeçaria do universo. Depois disso, nenhum de nós poderá afetar o seu futuro. Não poderemos vê-la, nem meus irmãos e minha irmã poderão interferir nas linhas do tempo ou nos eventos que a afetam. Você estará por conta própria."

Sozinho? Do que ele estava falando? "Esse fardo não deveria ser colocado nos ombros de uma pessoa. Definitivamente não deveria ser colocado nos meus."

Eu sou um ladrão! Só... uma mulher! Não posso ser responsabilizado por...

"Você não é responsável por nada. Tudo o que você precisa fazer é viver a sua vida."

"Mas-"

"Deixa eu colocar desta forma, criança", disse Zareth, interrompendo-me. "Você quer que sua companheira morra?"

"Não, claro que não!"

"Então é assim que você o salva."

"Eu..." O que eu deveria dizer? Se eu fizesse isso, Zareth e os outros deuses não seriam capazes de prever o futuro nem de fazer nada para afetar os eventos que estavam prestes a acontecer. Mas será que eles deveriam ter permissão para fazer isso, afinal? A intromissão deles significava que eu havia nascido em Zilvaren, não em Yvelia. Quantas vezes eles haviam influenciado as marés do destino e quantas pessoas sofreram por causa disso? O que *lhes dava* esse direito?

Zareth estreitou os olhos para mim. "Foda-se o destino. Eles não decidem nada por mim. *Eu* decido qual será o meu futuro. Você não disse isso há poucos dias?"

Eu tinha dito isso. E eu falava sério. "Sim, mas..."

“Se você realmente deseja ser o dono da sua própria vida, então é assim que você alcança esse objetivo.”

Tive a sensação de que Zareth estava desesperado — um Deus que diria qualquer coisa para me submeter à sua vontade. Mas não havia como negar. Ele *era* um Deus. Podia me obrigar a fazer qualquer coisa que desejasse, e ainda assim estava me dando essa escolha.

Perguntei cuidadosamente: "Quão doloroso estamos falando? Esse corte de linha?"

“Não é mais doloroso do que a transição que já está começando dentro do seu corpo enquanto falamos, Saeris Fane.”

Por que diabos isso não soou reconfortante? "Como você faria isso exatamente?"

"Transformando você em algo nunca visto antes", respondeu ele enigmaticamente. "O universo não consegue se concentrar naquilo que não reconhece."

“Mas *como?”*

"Não sou apenas o Deus do Caos, Alquimista. Sou também o Deus da Mudança. Eu quero, e está feito."

"EU-"

"O tempo está se esgotando, Saeris. Você precisa tomar sua decisão."

"Certo. Tudo bem. Sim. Eu faço isso." Deixei escapar antes que pudesse voltar atrás. Se era uma decisão entre me tornar algo novo e, com certeza, morrer junto com o resto do universo, então não era realmente uma decisão difícil de tomar.

As Amarras Divinas em meus pulsos surgiram do nada, cravando-se em minha pele como cordas em chamas. "Boa sorte para você, então, Saeris. Dê lembranças minhas ao Kingfisher." E então ele me empurrou para o mercúrio.

45

ESCOLHA COM SABEDORIA

Eu em um mar de escuridão. Eu estava surpreendentemente calmo em relação a isso, dado meu último encontro com uma grande massa de água, mas, aparentemente, não era preciso saber nadar na vida após a morte.

Acima, um manto de estrelas eriçava-se no firmamento, formigando com a promessa de outros reinos. Eu estava perfeitamente feliz flutuando no nada, tentando contá-las. Eu continuava perdendo a noção, mas ter que recomeçar não era problema. Eu não tinha com o que me preocupar ali. Flutuei por uma era e senti civilizações ascenderem e caírem. Na escuridão, observei o universo, e o universo me observou de volta.

Eu nasci e morri cem vezes.

E então eu vi algo que não deveria ter acontecido.

Um pássaro.

Ela esvoaçava ao meu redor no vazio, suas belas asas brilhando em um tom azul-esverdeado. Cantava uma canção tão doce que me lembrei de como era ter um coração, mesmo que fosse só para senti-lo doer. E, ah, doía.

Lembrei-me de mais.

Jade, a cor da grama nova.

Hortelã de inverno e a promessa de neve no ar frio da montanha.

Um sorriso torto e cabelos escuros e grossos.

Lembrei-me de pedaços dele, e de uma só vez, e lembrei-me de como me afogar.

Eu precisava dele como precisava de ar.

Estendi a mão para ele como se estivesse alcançando a superfície de um lago calmo e plano.

Martim-pescador. Meu Martim-pescador. Meu companheiro.

“PESCADOR!”

Sentei-me, ofegante, encharcado de suor. Minha cabeça girava muito. Meu Deus, eu... eu ia vomitar. Pulei da... da cama, eu estava em uma *cama*, e imediatamente tropecei em um balde que estava estrategicamente colocado perto do criado-mudo. Sentada no chão, com as pernas bem abertas, agarrei o balde e vomitei nele com toda a força. Assim que meu estômago esvaziou, afundei-me na lateral da cama, ofegante, enquanto observava o ambiente.

O quarto em que me encontrei tinha um pé-direito alto. Cortinas verde-escuras pendiam das janelas. Móveis pesados de carvalho escuro decoravam o espaço — um guarda-roupa perto da porta, uma cômoda, outro armário perto da janela e uma estante cheia de livros. O tapete sobre o qual eu estava estendida era de um cinza-pombo suave.

Pelúcia. Foi uma delícia quando enterrei meus dedos

em... Ah.

Peguei o balde e mergulhei nele novamente. Meus músculos abdominais latejavam desconfortavelmente quando o coloquei de lado.

"Chamam isso de grande expurgo", disse uma voz masculina. Taladaius havia aberto a porta enquanto eu vomitava e agora estava encostado no batente com os braços cruzados sobre o peito, me observando com um sorriso divertido no rosto.

Vampiro.

O segundo de Malcolm.

Olhei ao redor do quarto, procurando uma arma, e percebi pela primeira vez que estava usando um short de seda preta escandalosamente minúsculo e uma camisola transparente feita do mesmo material que não deixava muito espaço para a imaginação. Ofegante, desisti de procurar algo para me defender e procurei algo para me cobrir.

Taladaius riu baixinho enquanto atravessava o quarto e pegava um robe na tela de privacidade ornamentada perto da janela. Ele fez questão de desviar o olhar ao se aproximar da cama e o estendeu para mim. "Seu corpo passou por mudanças drásticas ultimamente", disse ele. "O consenso geral é que você poderá comer comida normal novamente em breve, mas pode levar um ou dois dias. Quando fiz a transição, levei seis meses para parar de vomitar tudo o que tentava comer como se fosse uma bola de pelo."

Arranquei o manto dele e o joguei sobre os ombros. Alarguei as narinas, odiando a queimação estranha e insuportável no fundo do meu nariz.

"O que você quer dizer com transição?", perguntei bruscamente.

Taladaius deixou a cabeça pender para o lado. Ele me olhou com pena. "Você sabe exatamente o que quero dizer com essa palavra. Não sabe?" Vampiro.

Vampiro.

Vampiro.

Olhei para ele com raiva, recusando-me a aceitar. "Não sou nada como você", sibilei.

Taladaius assentiu, arrastando a ponta do seu lindo sapato de couro na borda do tapete. Com as mãos nos bolsos, disse: "Ah, eu sei *disso* , Saeris."

"O que isso significa? Esse *tom"*, perguntei.

"Aqui." O vampiro de cabelos prateados impecavelmente penteados e olhos estranhamente suaves acenou com a cabeça em direção ao grande espelho na parede. "Venha ver você mesmo."

Eu estava cautelosa enquanto caminhava até o espelho. Abraçando-me, preparei-me para o desconhecido. Não fazia ideia se reconheceria a pessoa que me encarava no espelho. Mas reconheci. Tirando as leves olheiras, eu era completamente eu mesma. Saeris. O mesmo cabelo escuro. Os mesmos olhos azuis. O mesmo... Hesitei. Virei a cabeça.

Meus ouvidos.

As pontas das minhas orelhas eram pontudas. Elas se projetavam por entre os meus cabelos despenteados, como se sempre tivessem sido assim. Abri a boca para xingar, vi o estado dos meus dentes e meu coração disparou. Caninos. Eu tinha caninos muito longos. E eles pareciam afiados.

"Eu sou... *Fae?"* perguntei ao reflexo de Taladaius no espelho.

Ele sorriu educadamente, mas balançou a cabeça. "Pelo que sabemos, você é meio vampiro, meio feérico. Algo que nenhum de nós jamais viu antes. Até o momento, não temos certeza de quais características você adotou dos feéricos e quais adotou dos vampiros. Tudo o que nossos curandeiros têm certeza é que você não é mais humano."

Não é mais humano.

Não totalmente vampiro.

Não totalmente Fae.

Minha garganta fez o máximo para se fechar. Afastei-me do espelho, fechando os olhos com força. Não conseguia pensar nisso agora. Eu precisava do meu companheiro. "Cadê o Fisher?"

Taladaius deu de ombros e olhou para o gesso ornamental no teto, evasivamente. "Ah, não sei. Ele está por aqui em algum lugar, eu acho."

"Ele está ferido? Ele está—"

"Relaxa, Saeris. Ele está bem. Já vai chegar."

Eu não ia confiar na palavra de um vampiro. Olhando para baixo, vi que minhas marcas ainda estavam lá, declarando para todo o mundo que eu era a companheira de Fisher.

Estendi a mão, tateando-o com a mente. Momentos depois, fui recompensado com uma profunda sensação de concentração. Não minha. De Fisher. Ele estava ali. Perto. E estava concentrado em algo muito difícil. Não senti nenhuma dor ou alarme vindo dele, o que me permitiu respirar um pouco mais aliviado. Parecia que Taladaius estava dizendo a verdade.

"Onde estamos?", perguntei, contornando a cama, tentando garantir que havia espaço suficiente entre nós. Onde estava Solace? Eu queria a porra da minha espada.

“Fisher me pediu para deixá-lo dizer onde estamos”, respondeu Taladaius.

"O quê? Mas... *por quê?"* Estreitei os olhos, tentando entendê-lo. Taladaius parecia igualmente relaxado e entretido, o que não me dizia nada sobre o motivo de ele manter nossa localização em segredo. A irritação me atingiu. Atravessei o quarto, apertando o robe com força em volta do corpo, e abri as cortinas.

Uma dor explodiu atrás dos meus olhos. Mal havia luz lá fora, os últimos raios de sol já se esvaíam no horizonte, mas era como se eu tivesse levado uma marreta na cabeça. *"Ahh!"*

Tenha cuidado para ficar nas sombras, Taladaius gentilmente retirou minha mão da cortina e a fechou novamente. "Você também vai conseguir tolerar isso melhor do que a maioria em breve. Só vai levar um tempo para se acostumar. E quanto à sua memória? O que você lembra de Gillethrye, Saeris?"

O nome daquele lugar me deu um arrepio na espinha. "Eu... nós estávamos lutando contra eles. Malcolm, Belikon e Madra. Havia uma moeda. Eu a joguei..."

"E então?"

"Então..." Olhei para ele, um medo estranho me apertando a barriga. "Ele me feriu. Eu... eu o matei. Você e Fisher vieram. E então..."

"E então eu te mordi", disse Taladaius, assentindo. Ele desviou o olhar rapidamente, como se de repente se sentisse desconfortável. "Eu coloquei um bloqueio de memória em torno do que aconteceu em seguida. Transições são difíceis. E, bem, está no poder de um senhor suprimir essas memórias, se..."

"Remova isso", exigi. "Remova o bloco."

Taladaius pareceu querer recusar, mas disse: "Se você tem certeza de que quer, eu vou, mas pode ser muito traumático..." *"Remova. Isso* ", rosnei.

" Como quiser." Ele não precisava me tocar. Era mais simples do que isso. Num minuto, eu não me lembrava do momento em que os dentes de Taladaius cravaram no topo do meu ombro. Nenhuma lembrança do show de horrores que se seguiu. E então, no minuto seguinte, eu me lembrei.

A mordida de Taladaius.

Fisher, me carregando nos braços. Abrindo um portal de sombra. Eu voando pelo ar em direção à poça de mercúrio. A breve, porém tensa, conversa com Zareth que se seguiu.

Então, Fisher me tirou do mercúrio. Ele e Carniça, discutindo como se estivessem prestes a se matar.

Lorreth, sentado ao lado da minha cama, tocando algum tipo de alaúde e cantando suavemente para mim enquanto eu me debatia e gemia.

Três dias deitada nesta cama, neste quarto, implorando para Fisher me matar porque eu não conseguia encarar a dor por mais um segundo.

E eu... mordendo... alguém.

Meus olhos se voltaram para o pescoço de Taladaius.

Eu *o mordi.*

Ele percebeu minha compreensão e me deu um pequeno sorriso. Inclinando o pescoço, ele me mostrou — sua pele lisa e imaculada. "Sem danos", disse ele. "Você mal arranhou a pele."

"Por que eu *fiz* isso?" Levei a mão à boca, com muito medo de abrir os lábios e aceitar uma verdade que eu já sabia, mas tinha muito medo de encarar.

"Fisher realmente deveria estar aqui para isso", disse Taladaius. E foi em direção à porta.

"Não! Eu—" Eu não sabia o que dizer. "Uma parte de mim sente que eu deveria te agradecer por salvar a minha vida."

“E o resto de vocês?”

“Quer te matar pelo que você fez”, sussurrei.

O vampiro assentiu, observando as botas. "Eu me senti da mesma forma por muito tempo. Houve séculos inteiros em que odiei o que havia me tornado e queria destruir Malcolm. Eu não queria nada além de morrer e desaparecer deste mundo."

“O que fez você decidir ficar?”

Taladaius me deu um sorrisinho, muito triste. "Não fiz isso. Não me deram escolha. Malcolm não me deixou ir. Tentei me matar uma vez, e ele me proibiu de tentar de novo. A palavra dele era lei."

“Mas agora ele está morto...”

"E eu estou livre." Taladaius balançou nos calcanhares. "Ainda estou tentando decidir o que isso significa para mim. Mas as coisas têm ficado bem interessantes ultimamente." Ele me olhou de cima a baixo, franzindo a testa um pouco, como se estivesse ponderando o que queria dizer. Depois de um momento, ele disse: "Existem dois tipos de para sempre, Alquimista. Um é o céu. O outro é o inferno. Não importa o que eu faça. Certifique-se de escolher *sua* versão da imortalidade com sabedoria."

Pisquei, tentando forçar essa versão de Carrion Swift a fazer sentido na minha cabeça.

Ainda o mesmo cabelo castanho-acobreado artisticamente bagunçado. Ainda os mesmos olhos azuis e aquele sorriso maroto.

Mas também as orelhas caídas. E os caninos pontudos. E ele era tão *alto.* Dei um soco no peito dele.

"Ai! O que foi *isso* ?"

Enfiei o dedo na cara dele. "Porque você é um babaca. Eu te conheço desde os *quinze anos!"*

Ele balançou a cabeça, com as palmas das mãos para cima. *"E aí?* Eu te conheço desde os meus mil e oitenta e seis anos. Ganho algum prêmio? *"*

" Você não me disse que era herdeiro de um maldito trono Fae!"

"Bem, não é algo que se *diga* às pessoas, Fane. E, de qualquer forma, minha avó me fez prometer que não contaria."

"Só que ela não era sua avó, não é?"

Carniça fez uma careta. "Não, na verdade não. Ela era mais uma tutelada. Ou uma companheira de brincadeiras quando era pequena. E depois uma amiga. E depois *eu* era tutelado *dela* . Não sei, sempre ficava muito complicado com a idade."

Balancei a cabeça, ainda tentando corajosamente juntar todas as peças. "Então, o pai do Fisher te levou para Zilvaren quando você era pequena para te salvar de Belikon. Ele enfeitou suas orelhas e seus caninos para que você não se destacasse. Ele trouxe uma sacola de livros com você, para que você

pudesse aprender sobre sua herança e retornar quando chegasse a hora certa. E... uma mulher te salvou?"

"O nome dela era Orlena", disse Carniça. "Orlena Parry. Ela era escrava no palácio de Madra. Mas naquela noite, na noite em que me tirou do mercúrio, ela fugiu do palácio e escapou. Ela foi para o Terceiro, sabendo que poderia se perder na multidão de lá. E foi lá que ela ficou. Ela encontrou trabalho como costureira e garantiu um lugar para nós morarmos. Ela me criou como se eu fosse seu próprio filho."

Eu não conseguia acreditar. Olhei de soslaio para ele, para aquela versão feérica dele, para sua verdadeira forma, e quase caí na gargalhada. "E você ficou preso lá quando Madra fechou os portões. E então passou os próximos mil e poucos anos apenas... *vivendo* em Zilvaren?"

"É basicamente isso", disse Carniça. "Eu tinha os livros que Finran trouxe para mim, sobre os Fae e meu povo. Orlena se casou quando eu tinha nove anos e adotou o nome Swift. Ela teve uma filha pouco depois, Petra. Petra cresceu e teve uma filha também. Os livros foram passados pela linhagem feminina, e eu também. Elas me mantiveram longe de problemas o máximo que puderam e garantiram que eu ficasse atenta a sinais de que o mercúrio havia reaberto. Acharam cruel eu ficar presa na Cidade Prateada e que eu deveria voltar para casa e governar meu povo. As mulheres da linhagem Swift sempre foram muito mandonas e excessivamente preocupadas com a minha vida amorosa."

“Então você sabia o que esperar quando o mercúrio despertasse novamente?”

Ele riu. "Não. Nem um pouquinho. Mas eu senti, naquele dia em que você foi levada para o palácio. Algo se movendo no ar. Uma espécie de energia que me pareceu familiar de alguma forma. Eu a reconheci na segunda vez que aconteceu e, de alguma forma, eu simplesmente *sabia* que tinha algo a ver com você. Fui ao Mirage para ver se você tinha escapado, e foi lá que Fisher me encontrou. Eu realmente disse que era Hayden porque pensei que o estava protegendo, Saeris. Espero que você acredite nisso."

"Está tudo bem. Eu sei." Eu realmente acreditei nele.

Deuses, como tudo isso estava interligado. O pai de Fisher fora quem havia escondido o verdadeiro herdeiro do trono de Yvelia. Mil anos depois, seu filho fora quem o trouxera de volta. Significava alguma coisa. O quê, eu não sabia dizer, mas tinha certeza de que todos nós descobriríamos em breve.

E durante todo esse tempo, havia um membro da realeza feérica vivendo no Terceiro Mundo, contrabandeando mercadorias, provocando brigas e, de

modo geral, se tornando um incômodo. Eu estava prestes a perguntar a Carniça como ele preservava a sanidade enquanto as pessoas com quem se importava nasciam, cresciam, viviam suas vidas e morriam de velhice, mas eu já sabia a resposta para essa pergunta e não queria ouvi-lo dizer algo obsceno sobre uísque e mulheres.

Falando nisso, encarei-o ainda mais. "Você *dormiu* comigo."

Ele sorriu descaradamente. "De nada."

"Carniça!"

"O quê? Você anda transando com o Fisher pois só Deus sabe há quanto tempo!”

″ Sim, mas eu sabia o que ele era quando decidi dormir com ele. E ele era meu companheiro."

Carrion bufou. Cruzando os braços sobre o peito, revirou os olhos e suspirou. "Tudo bem. Me desculpe por não ter contado a você que eu era um solicitante de asilo político que usava magia e me fazia passar por humano quando dormi com você."

Isso faz você se sentir melhor?

"Não."

"Ahh, qual é, Fane!" Ele me cutucou com o cotovelo. "Eu sou feérico agora. Você é feérico agora. Mais ou menos. São águas passadas. Você só está de mau humor comigo porque estava preocupado comigo. Vai lá. Me pergunte como eu sobrevivi ao veneno todo-poderoso do Malcolm. Dá para ver que você está morrendo de curiosidade para saber."

"Lorreth já me contou, na verdade. Então é isso." Lorreth foi a segunda pessoa a me visitar depois que Taladaius saiu do meu quarto. Ele riu ao ver minhas orelhas feéricas. Riu com um pouco menos de entusiasmo ao ver como meus dentes eram afiados. A primeira coisa que me disse foi que Everlayne estava viva e Ren estava cuidando dela, embora ela tivesse caído em um sono profundo e não pudesse ser despertada. Te Léna e Iseabail estavam confiantes de que ela acordaria a qualquer momento. Ele então ficou por mais de uma hora e explicou muito do que aconteceu depois que eu voltei correndo para o labirinto. Eu estava doente de culpa quando ele me contou como os três quase morreram nas mãos de Belikon enquanto me davam tempo para encontrar a moeda. Ele me chamou de louca quando me desculpei por demorar tanto e disse que parecia um milagre quando o vento varreu toda a magia da morte e permitiu que suas espadas canalizassem novamente. Madra fugiu através do mercúrio imediatamente. Belikon lutou

prodigamente, mas no segundo em que o sopro angelical de Lorreth rasgou Avisiéth, ele também fugiu como um covarde.

"Sério?" Carniça arqueou uma sobrancelha, desconfiada. "E como Lorreth da Espiral Quebrada contou? Deixe-me adivinhar. Ele disse que meu sangue era rançoso demais para ser afetado por veneno de vampiro."

Não, ele disse que o sangue do seu pai foi usado para criar a maldição de sangue que permitiu que Malcolm se tornasse um vampiro, e que um vampiro não pode beber dos membros vivos da linhagem que o criou, nem pode escravizá-los. Ele disse que beber de você deveria ter matado Malcolm instantaneamente, mas, como ele viveu por tanto tempo, era poderoso demais.

"Hmm", resmungou Carniça. "Isso é bem preciso, na verdade."

Ele também disse que foi por isso que Malcolm mandou Belikon matar seus pais. Que eles eram a única coisa que representava uma ameaça para ele.

Mais uma vez, Carniça resmungou. Ele não estava mais sorrindo. "Mal me lembro deles."

"Eu faço."

Meu coração disparou no peito. Eu estava esperando por ele há um tempo, o que pareceu uma eternidade. Fisher estava parado na porta, com uma expressão pétrea no rosto enquanto acenava para Carniça. Sua expressão se suavizou para mim.

Ei, você, ele sussurrou em minha mente.

Olá de volta , respondi.

Era incrivelmente reconfortante saber que isso permanecia o mesmo entre nós. Ele ainda conseguia falar comigo mentalmente, e eu ainda conseguia falar com ele. De todas as coisas que haviam mudado tão drasticamente nos últimos dias, o vínculo entre nós parecia ser o mesmo de antes.

Os cantos da boca dele se contraíram um pouquinho — a mais tênue sugestão de um sorriso. Ele manteve o sorriso enquanto entrava na sala e depositava um beijo leve na minha testa.

"Você vai me contar sobre os meus pais ou vai começar a se despir? Porque eu posso ir embora. Não *preciso* , mas posso", disse Carniça.

"Por favor, vá embora, Carniça", disse Fisher, secamente. "Eu vou te contar tudo o que me lembro sobre eles mais tarde, mas, por enquanto, quero ficar sozinho com meu companheiro." Ele disse isso com tanto orgulho. Meu companheiro.

Carniça saiu, resmungando baixinho, e a sala de repente ficou muito menor. Estávamos sozinhos.

"Você está triste por não poder mais me chamar de Pequena Osha?", perguntei. Deuses, que sensação confusa. Eu estava emocionado por, graças a Zareth, uma parte de mim ser feérica agora. Eu estava menos emocionado por uma parte de mim ser vampira agora, cortesia de Taladaius. A trepidação crescia dentro de mim, ficando mais insuportável a cada segundo, mas Fisher abaixou a cabeça de um jeito muito infantil que me fez sentir um aperto no estômago.

Ele me olhou por baixo das sobrancelhas escuras e deu um sorriso irônico. "Humana, feérica ou vampira. Não importa quanto tempo você viva, Saeris, você *sempre* será a mais sagrada para mim." Seu sorriso irônico, porém, desapareceu. "Eu fiz a coisa certa?"

Eu não tinha conseguido responder por mim mesma lá no labirinto. Ele teve que tomar a decisão por mim. E que decisão monumental! Depois que me recusei a deixá-lo me curar com sua alma, não era de se admirar que ele estivesse me olhando como se estivesse preocupado que eu nunca mais fosse falar com ele.

Isso...foi *enorme.*

Eu não era mais eu mesmo.

Eu era protegido por um deus, e não por qualquer deus. Por outro lado, Fisher também era. Havia tanta coisa que eu ainda precisava contar a ele. Eu não fazia ideia de como ele reagiria à notícia quando eu lhe explicasse tudo o que lhe acontecera durante aqueles breves minutos que passei conversando com o Deus do Caos, mas tive a sensação de que Fisher teria perguntas. Um milhão delas.

Por enquanto, o mundo estava mais brilhante. Mais nítido. Havia fios de poder brilhante nos olhos de Fisher quando eu o olhava. E havia uma dor ardente no fundo da minha garganta que estava ficando mais difícil de ignorar.

Espere...

Havia magia nos olhos de Fisher.

Mas...menos mercúrio.

Arfei, saindo dos braços dele, e Fisher pigarreou, parecendo um pouco envergonhado. "Eu estava pensando se você notaria", disse ele.

"Será que eu ia notar! O qu— *como?* O que aconteceu?"

Te Léna encontrou uma maneira de atenuar os efeitos do mercúrio. Eu a consultava há meses, tentando controlar a situação, mas as sessões dela estavam ficando cada vez menos eficazes. E então Iseabail disse que poderia ajudar.

Essas duas formam uma ótima dupla. A Te Léna ajudou a acalmar o mercúrio, e a Iseabail está me provocando. Vou ter que ter uma milhões de sessões. Vai demorar um bom tempo, mas deve funcionar. — Isso é incrível! Isso significa... — Eu estava nervoso demais para dizer.

Ele não ia perder a cabeça.

Ainda tínhamos Belikon para lidar. E Madra. Eu ainda pretendia encontrar meu irmão e Elroy. Havia um milhão de outros problemas que precisávamos superar, mas...

Um pé na frente do outro, Fisher rugiu, só por mim. *Vamos passar por hoje. E depois amanhã. E depois depois.* Esse *será particularmente interessante.*

Por quê? O que vai acontecer depois de amanhã?

Ele pareceu levemente preocupado enquanto me pegava pela mão. "Bem. Tem isso." Ele me levou até a cortina e a abriu lentamente. A luz do sol que antes queimara meus olhos e minha pele havia desaparecido. Era como espiar um buraco negro, olhando pela janela. Mas então vi as luzes bruxuleantes de muitas, muitas fogueiras ao longe. E a faixa prateada pálida de um rio cortando a paisagem negra.

O danado.

Estávamos do lado errado do Darn.

Nós éramos dentro Ammontraíeth.

Nas cortes feéricas, a coroa é passada ao herdeiro de um regente. Mas se o regente for assassinado, a coroa é reivindicada por aquele que o matou. A corte vampírica sempre teve apenas um rei. Malcolm nunca nomeou um herdeiro. Ele planejava viver para sempre. Nunca imaginou a possibilidade de que alguém pudesse matá-lo...

Minha cabeça já balançava a cabeça negativamente. Afastei-me da janela. "De jeito nenhum. Fisher, eu nem sou um vampiro completo. Sou meio feérico!" Não posso! ″

"Diga isso *a eles* . Para a corte vampírica, você será coroada. Em dois dias, você se tornará oficialmente a nova rainha de Sanasroth."

GET INSIDE FISHER'S HEAD!

Não consigo explicar o que significa para mim que você tenha acompanhado a jornada de Saeris e Kingfisher até aqui.

Espero que você tenha gostado da aventura e do romance entre nossos personagens nas últimas 622 páginas e espero que esteja ansioso por mais.

O segundo livro da série Fae and Alchemy será lançado em outubro de 2024. A próxima edição estará disponível em pré-venda em breve. Enquanto isso, estou preparando algo muito especial para você!

Não deixe de visitar meu site em www.calliehart.com e dar uma passada na página do Quicksilver. Publicarei capítulos inéditos e exclusivos lá no final de junho, contados do ponto de vista do Kingfisher.

A melhor maneira de ser notificado quando os capítulos estiverem no ar é se inscrever na minha newsletter aqui mesmo. Assim, os capítulos serão entregues diretamente na sua caixa de entrada quando forem publicados!

INSCREVA-SE NA NEWSLETTER DA CALLIE AQUI

FOLLOW CALLIE ON INSTAGRAM

A melhor maneira de se manter atualizado com todos os meus próximos lançamentos e alguns outros projetos secretos MUITO empolgantes nos quais estou trabalhando atualmente é me seguir no Instagram! O Instagram está rapidamente se tornando meu meio favorito de comunicar com o mundo exterior e adoraria ouvir de você lá. Eu respondo minhas mensagens diretas (embora isso possa levar algum tempo), além de postar fotos do meu mini Dachshund, Cooper, com frequência, então é basicamente uma situação vantajosa para todos.

Você pode me encontrar aqui mesmo !

Alternativamente, você pode me encontrar pelo meu nome de usuário @calliehartauthor no aplicativo.

Estou ansioso para sair com você!

JOIN CALLIE'S READER GROUP

Se você quiser discutir meus livros (ou quaisquer livros, nesse caso!), compartilhar fotos e citações de seus personagens favoritos, jogar e participar de sorteios, adoraria recebê-lo em meu grupo privado no Facebook!

Somos chamadas de Deviant Divas e adoraríamos que você se juntasse à diversão!

LEVE-ME PARA O QUARTO ESCURO